
A
Vigilantes
Novel
BACKFIRE
KERI LAKE



Disponibilização: Eva

Tradução: Marikel, Sítrucci, Gesi, Cris Feitosa, Boni Bonfim

Revisão Inicial: Byahz, Paola, Sítrucci

Revisão Final: Byahz

Leitura Final: Eva e Thay

Formatação: Niquevenen

Novembro/2018

KERI LAKE
BACKFIRE

Não importa quão inquebrável ele possa parecer, todo homem tem uma fraqueza.

Um ano atrás minha casa se tornou a cena de um crime manchado de sangue. Aquela noite marcou o início do meu inferno — a mesma noite que fui torturado por meus inimigos e jogado em uma prisão subterrânea para morrer.

Eles falharam. Eu sobrevivi.

Agora que estou livre, apenas um motivo queima na minha alma: vingança.

Para minha sorte, eles acham que Jase Hawkins está morto. Talvez eu esteja. Não tenho nada, apenas uma raiva fria, impiedosa e Black Betty, a lâmina de aço afiada que nunca deixa o meu lado.

Então, ela flutua em minha vida.

Lucy quer respostas, tanto é assim, que está disposta a cair na escuridão onde meus inimigos espreitam para matá-la pelo o que ela sabe.

Ou para levá-la para as fantasias depravadas que o corpo dela pode despertar na mente de um homem.

Eu? Quero-a para o fogo em seu toque que alimenta o meu vício, me obriga a sentir o que se tornou dormente, mas meu apetite por derramamento de sangue é mais profundo do que a carne.

Para minha própria sanidade, eu jurei ficar longe dela. Porque ela é minha única fraqueza, uma obsessão que me deixa desejando mais — uma que poderia fazer até o mais firme plano sair pela culatra.

SWEET CLUB BOOK'S

Para minhas irmãs, que me inspiraram e incentivaram.

****

E para os meus leitores.

Sonhem sem limites.

Amem sem medo.

Nota da Autora

Querido leitor,

Por causa de você, do seu elogio e incentivo, eu decidi ficar neste mundo dos Vigilantes um pouco mais. Ricochet continuará a ser um independente, como prometido, mas eu queria ver onde os próximos dois livros me levariam.

Backfire e o próximo livro *Ballistic*, são spin-offs de *Ricochet* e não irão incluir nenhum spoiler, já que cada livro centra-se em casais diferentes. Este livro acabou um pouco mais longo do que eu tinha planejado, e considerei dividi-lo em uma série de duas partes (com um suspense), em vez disso optei por dar-lhe a história completa.

Você vai encontrar luz, e claro como todos os meus livros, vai passar rapidamente à escuridão. Não recomendado para os leitores com idade inferior a 18 anos. Aviso de advertência para a violência, o abuso de drogas, e cenas de tortura e estupro (não entre o casal principal).

A minha inspiração para a história não veio apenas das minhas musas musicais, mas também o meu apreço pela fotografia urbex que começou há alguns anos quando minha irmã louca (que passa a ser uma fotógrafa maravilhosa) mostrou-me algumas fotos que ela tinha tirado do abandonado Packard Plant. A escuridão, os

ângulos e a destruição das imagens intrigaram-me. Nessa visita solitária, ela explorou partes do edifício onde os pisos e tetos estavam literalmente caindo aos pedaços, tropeçou em alguns sem-teto, e voltou ao seu carro para descobrir que alguém o tinha arrombado. Mas, apesar de tudo isso, ela conseguiu sair ilesa, com algumas fotos surpreendentes que eu continuo a usar como referência para os meus livros. Eu cresci "vendo" esses marcos destruídos, mas nunca verdadeiramente os apreciei até que estudei os detalhes através de sua lente. Como os personagens deste livro, sou atraída para as imagens de edifícios abandonados — fábricas, igrejas e hospitais. Eu amei escrever sobre estes gigantes adormecidos espalhados pela cidade e visitar alguns deles eu mesma. As imagens de Detroit da minha irmã, juntamente com as tiradas por um número de exploradores urbanos que sigo no Instagram e Facebook, têm servido como uma fonte inesgotável de inspiração para os meus livros e dão uma borda corajosa para a configuração.

Muito obrigada pelo seu continuo interesse na minha escrita. Espero que gostem da história.

Muito amor,

Keri

Diz-se que tudo na vida segue, naturalmente, o caminho de menor resistência.

Se isso fosse verdade, eu deveria estar morto.

Os princípios pelos quais eu vivi estavam gravados nas marcas de ligadura do cordão em volta do meu pescoço, no dia em que fui trazido para o mundo, e escrito em minhas cicatrizes, quando uma bala falhou em me matar.

Minha única lei é a sobrevivência.

É louco como um homem vai contra seus próprios instintos pela mulher que ama, apesar de tudo.

Às vezes, desejo que eu nunca a tenha conhecido.

Se não tivesse, não estaria olhando para o cano de uma arma, segurando os testículos decepados do bastardo violador que está dobrado vendo a sua morte enquanto estou passando a minha lâmina na sua garganta.

Uma coisa de merda sobre a vida é, quando você joga um objeto imóvel no caminho de uma bala, ele não segue as leis ou princípios.

Ele sai pela culatra.

— Jase Hawkins

Prólogo

Vinte anos atrás...

Segurando a caixa de papelão firme, Maria esperou que seu neto empurrasse a sua cabeça de cabelos de esfregão através do orifício na parte inferior da caixa.

"Por que eu tenho de olhar dessa forma, Nonna?", perguntou.

Ela posicionou a caixa de modo que a luz atingisse o orifício atrás da cabeça do rapaz. "Eu já te contei sobre Soleluna?"

"O que é sol... sole... Loon... um?" Com a cabeça dentro da caixa, a sua voz abafada trouxe um sorriso ao seu rosto, e ela imaginou seus adoráveis olhos de seis anos de idade espiando com curiosidade. Sua natureza inquisitiva a lembrou muito do seu pai.

"Bem, tem sido um longo tempo desde que a minha nonna me contou a história, então eu poderia não me lembrar corretamente. Mas ela disse que há muitos séculos atrás, o sol e a lua estavam apaixonados."

“Como mamãe e papai?"

“Assim como mamãe e papai,” ela disse, com uma pontada de dor em seu coração. Amor para uma criança significava o amor sem condições. O amor mais puro do mundo. Não importava o que sua mãe ou seu pai fizeram, iria amá-los independentemente de qualquer coisa. Ele os ama, porque não sabia como não amá-los. "A lua amava seu belo Sol e deu-lhe o dom das estrelas, para mostrar sua devoção eterna a ela. Infelizmente, ela nunca a viu, já que o sol e a lua foram amaldiçoados a permanecerem separados um do outro. Para sempre.”

"Eles eram maus?"

"Não, eles certamente não eram maus. Às vezes, um amor tão puro e forte pode fazer os outros ciumentos e cruéis. Mas você nunca deve desistir do amor, porque o amor verdadeiro nunca vai embora. Ele nunca desaparece, só cresce mais forte. Mesmo que seu avô não esteja mais comigo eu ainda carrego o seu amor."

"Onde?"

"No meu coração." Ela bateu no peito. "É o lugar mais seguro para manter aqueles que você mais ama até que os veja novamente."

"Você vai ver papai de novo?"

Ela inclinou a cabeça e suspirou. "Sim. Um dia, vou estar com ele de novo."

"Será que a lua nunca viu o sol de novo?”

"Bem," ela continuou. "O dia vem e vai, a lua perseguindo seu belo Sol através dos céus na esperança de que ele um dia poderia pegá-la. E ele fez! Veja, quando duas pessoas se amam tão profundamente, o destino, eventualmente, orienta-os de volta um para o outro. Então, de vez em quando, o sol e a lua são autorizados a se reunirem para um único beijo."

"Ugh. Isso é nojento."

Maria riu e olhou para o céu, percebendo a proximidade da lua enquanto se encaminha para o sol. Ela voltou sua atenção para seu neto e posicionando a caixa um pouco mais alto, onde sua sombra na calçada era menor, mais estreita, em linha com o sol, de maneira que os raios atingissem o papel que ela tinha gravado dentro da caixa. "Um dia, você não vai pensar que os beijos são tão ruins."

"Sim, eu vou. Não gosto de meninas. São irritantes, mesmo que elas cheiram como morangos.”

Mais uma vez, ela riu. "Você quer ouvir o resto da minha história ou não?"

"Sim."

"Ok, então de vez em quando, o sol e a lua se encontram para um beijo, um eclipse total do outro, e você sabe o que se chama?”

"Soleluna?"

"Sim. Escuridão e luz. Dia e noite. Quando eles se juntam, é a mais poderosa união que existe.”

Seu pequeno suspiro ecoou dentro da caixa. "Eu vejo isso, Nonna!" Suas mãos agarraram os lados, cobrindo as dela, e ela imaginou-o estudando o reflexo do eclipse contra o rígido papel branco. "Posso olhar?"

"Só através do projetor. Você nunca deve olhar para Soleluna diretamente.”

“Por quê?" Sempre tão curioso. Suas perguntas eram o que Maria mais amava sobre seu neto.

"Porque o sol está feliz e apaixonado, ele dá uma bela La luce[1], tão poderosa e brilhante, que poderia cegá-lo."

"La loochay?"

"É a luz mais celestial que existe aqui na terra, meu doce menino." Ela cobriu as mãos do neto com a palma das suas mãos. "Algum dia, cuore mio, desejo para você um amor tão doce quanto Soleluna, e por uma alma tão brilhante como a luz para conhecer o seu verdadeiro coração."

[1] Luz em italiano.

Capítulo 1

Lucy

Dias atuais...

Existe certa beleza na destruição.

Eu posiciono a minha Nikon e tiro fotos da espessa coluna que tinha a pintura descascada e manchas irregulares de branco e castanho. Tudo em torno dela estava em ruínas, é o resto do matadouro abandonado Thorn Apple Valley, já foi o pilar de carne processada no corredor industrial do lado leste de Detroit, e uma das muitas ruínas da cidade. Anos mais tarde, o lugar ainda cheira a carne podre e morte.

Lendas urbanas, provavelmente propagadas pelos que querem afastar quaisquer vândalos, alegam que os sem-teto foram trazidos para o antigo matadouro e moídos em carne utilizada para fazer cachorros-quentes e hambúrgueres que foram vendidos baratos e espalhados pela cidade.

Nem mesmo essa história me impediu de escalar a parede para entrar.

Um flash da minha câmera bateu na escuridão envolvente, lembrando que eu estava sozinha no porão deste lugar, enquanto o feixe da minha lanterna refletia contra a metade superior da coluna dando-lhe um brilho majestoso que de outro modo seria escura e sombria. Além disso, um arco em frangalhos me separava da escada para o nível superior, onde malha de arame enferrujado, aparecia para fora do cimento e a tubulação criava um quadrado no teto, fazendo parecer que uma bomba tinha explodido no andar de cima, abrindo os portões do inferno onde eu estava.

Surpreende-me a forma como algumas coisas ainda poderiam manter-se em pé depois de tantos anos de abuso. Onde uma pessoa via deteriorado, castigado e destruído ao longo do tempo, eu via uma força, um mastro que ainda poderia suportar toda uma estrutura, enquanto lentamente, as suas fundações apodreciam.

Talvez houvesse otimismo em mim, depois de tudo.

Tinha me sido dada a tarefa de fotografar as entranhas do edifício carregado de grafite depois de se ouvirem rumores de que ele tinha sido comprado por Simon Renwick, fundador e dono da maior cadeia de franquias de alugueis de jogos e filmes em Michigan. Depois que os meus planos de carreira tinham ido água a baixo, fiz um curso em fotojornalismo num pequeno jornal de notícias independente, chamado *The Detroit Muckraker*. Meu melhor amigo Craig, que passou a ser um jornalista premiado e traficante de conspirações, pediu-me para tirar algumas fotos para uma peça que ele estava trabalhando sobre a aquisição.

Fazendo questão de nunca arrombar os lugares que fotografei, eu ganhei acesso através de uma janela aberta no nível principal. Alguns idiotas partiram a janela, ou arrancaram partes para entrar, procurando encrenca. Mesmo subindo pela janela cruzei uma linha fina, mas pelo menos apenas seria considerado um delito, se eu pudesse estabelecer um ponto fácil de entrada. Qualquer outra coisa vinha com risco de prisão, não era algo que estava disposta a arriscar.

Eu pisei sobre pilhas de gesso destruído e madeira podre, apontando a minha câmera em ângulos diferentes para capturar fotos instantâneas bem equilibradas da aniquilação ao meu redor. Eu tinha começado bem com a câmera, um presente de formatura da minha mãe pouco antes de seu acidente vascular cerebral. A inscrição dentro do cartão que acompanhava tinha escrito “Como você se concentra em seus objetivos, nunca perca de vista a beleza que te rodeia".

Minha mãe provavelmente esperava que eu tirasse fotos de flores e pôr do sol com este presente. Eu tinha certeza de que ela nunca teria me dado a maldita coisa, se ela soubesse que eu tinha esta curiosidade tão mórbida em exploração urbana. Se ela ainda estivesse viva, provavelmente odiaria as imagens que capto da cidade.

Quase que poderia ouvi-la dizer: *"Por que fotografar tal lixo, Lucia?"*

Eu tinha, o que os terapeutas podem chamar, uma obsessão doentia com a morte. Não necrofilia ou qualquer uma dessas coisas estranhas, apenas a própria morte. O desaparecimento lento e gradual da vida, bem como os edifícios que fotografei, muito parecido com a minha família, muito parecido com a minha carreira.

Abandonada e sozinha.

Na verdade, provavelmente eu era um pouco louca acima de tudo. Desde cedo, tinha usado o selo de exilada, aparecendo na escola com o chapéu de feltro do meu pai e seus grandes e desajeitados relógios antigos. Provavelmente era a única criança na sexta série que ouvia os Rolling Stones e os Beatles, porque estas eram as bandas favoritas do meu pai. Ele insistiu que a minha mãe me chamasse de Lucia, ou Lucy, em honra da música *Lucy in the Sky With Diamonds*. Isso foi o que ela me disse uma vez, de qualquer maneira. Nunca conheci o meu pai biológico. Ele deixou-nos quando eu tinha apenas dez anos.

Plantando o joelho contra o cascalho, virei a câmera para cima, capturando as últimas fotos do dia, de uma grande e arredondada caldeira. Isso me lembrou de algo saído de um filme de steampunk[2], com a sua superfície de aço e mostradores.

As sombras padronizadas das paredes e chão começaram a alongar-se, avisando-me que o anoitecer estava se aproximando e

[2] Steampunk é um subgênero da ficção científica, ou ficção especulativa, que ganhou fama no final dos anos 1980 e início dos anos 1990.

ameaçando consumir-me nas entranhas deste lugar. Eu nunca fico depois de escurecer, mas fiquei tão apanhada pelo metal retorcido, pendurado como esculturas, e as fissuras no concreto que criavam imagens pelo chão, os ângulos intermináveis que era o sonho molhado de qualquer fotógrafo.

Tinha perdido a noção do tempo, mas na verdade, eu gostava de estar no meio das ruínas. Como se me mantivesse com um pé no rescaldo dos sonhos despedaçados, lembrava-me de que algo ainda poderia permanecer apesar de toda a aniquilação. Alguns a chamavam de 'ruína pornô', e para mim, quanto mais danificado, mais atraída era pelo lugar. Capturar as imagens fazia-me sentir como se estivesse recolhendo a história por trás do edifício. Mas nunca acrescentando danos. Eu tinha um lema de vida que exploro — tirar fotos, deixar pegadas.

No início, tinha começado como um hobby, – um que o Craig gostava de me dar na cabeça, enchendo-a com histórias terríveis de mulheres mutiladas por psicóticos moradores do edifício, viciados que atacavam nas ruínas inesperadamente — mas quando ele percebeu que eu não tinha intenção de deixar de explorar, ofereceu-me um emprego. A partir desse ponto, exploração urbana, ou urbex como era chamado, tornou-se uma coisa normal para mim. O salário era absolutamente patético, mas as horas e flexibilidade permitia a liberdade que eu tinha desejado desde a morte da minha mãe.

Também me permitia seguir alguns projetos de design freelance que, como a fotografia não me mantinha à tona sozinha, mas pelo menos, mantinham as minhas contas pagas e os meus vícios sob controle.

Quase dois anos antes, eu me levei a dar entrada na reabilitação após acordar na banheira, quase me afogando depois de ter tomado comprimidos para dormir com álcool. Eu desejava poder dizer que foi uma coisa de uma só vez, mas estive tomando o medicamento durante meses para minha insônia, e cheguei ao

summa cum laude [3] da dependência, ou talvez o abismo. O momento em que todos os viciados finalmente admitem que tinham um problema.

Após a reabilitação, precisava de algo para alimentar o desejo de desaparecer do mundo por um tempo, então peguei na câmera e nunca mais voltei para as drogas novamente.

Os edifícios falaram comigo. Eles me permitiram entrar e sair das suas destruições e deu-me algum nível de paz, um momento quando eu era vulnerável, mas ainda corajosa, bem como assustada e cheia de medo.

Quando respirava o não típico ar quente de outubro, com cheiro de metal, deterioração, madeira podre e mofo, percebi que tinha demorado muito tempo. Logo o lugar estaria completamente escuro, com sem-tetos à espreita. Uma coisa era caminhar pelos sem-teto nas ruas, onde a maioria era cordial, mas pegá-los roubando sucata de metal dos edifícios poderia ser uma situação muito precária para uma jovem desacompanhada. Além disso, prometi chegar cedo ao clube e ajudar Viktor com alguns gráficos de marketing.

Enquanto os meus planos universitários de design gráfico tinham ido por água a baixo, contornei as minhas circunstâncias de merda, e aceitei um emprego no Sphinx, um dos clubes de strip de grande qualidade apenas a cerca de cinco minutos do centro. Não para me despir, mas para projetar alguns materiais de marketing para o clube e gerenciar a infraestrutura do site. Na realidade tinha feito alguns anos na escola em Design Gráfico, recebendo apenas um limitado bacharelado, pensando que ia fazer uma vida desenhando websites para grandes empresas, então imaginei que era apropriado. Só que Sphinx foi a mancha negra no meu currículo que levou os potenciais empregadores a pensarem que tinha ido ao fundo do barril na minha carreira.

---

[3] Com grande honra, neste exemplo ela tinha chegado ao topo do problema com a dependência.

Convenci-me de que qualquer trabalho de design, mesmo que para um desprezível Club de strip, onde metade das dançarinas estavam fazendo boquetes aos clientes no trabalho para obter dinheiro extra, me colocaria um passo mais perto dos meus grandes planos. Talvez fosse. Talvez todos os meus fracassos na vida seriam compensados num desses mantras *Deus trabalha de formas misteriosas* que a minha mãe costumava me dizer, quando ela não podia suportar admitir que estávamos realmente fodidas, às vezes.

Levantando-me, deslizo a alça da câmera sobre o pescoço e abro a minha garrafa de água, girando a tampa para a esquerda, depois para a direita, depois à esquerda, como sempre, e tomo um gole dos fluidos frescos enquanto eles cobriam a poeira espessa na minha garganta.

Um estalar distante atrás de algum lugar enrijeceu os meus músculos, virei-me, olhando para a escuridão. Fiquei quieta, escutei, mas depois de um minuto, nada se materializou, e bebi minha água novamente. Provavelmente um rato. Não que ratos me deixavam à vontade, mas, pelo menos, poderia ser pisoteado. O *tap tap tap* tinha me levado a olhar ao redor a tempo de pegar um lampejo de luz em torno do batente da porta da saída.

Merda. *Sem-tetos?* Recuei lentamente da luz, meus dedos enrolando em torno da alça da minha mochila, e escorregando o outro braço pela outra alça, preparando-me para correr.

Um *baque* puxou um suspiro da minha garganta, e por instinto, escondi-me atrás da caldeira de aço gigante, a tempo de escutar passos rápidos por baixo da caldeira. Um arco de luz cortou a escuridão. Abaixo da estrutura redonda e enferrujada da estrutura podia ver sapatos, quatro conjuntos, andando através do concreto arenoso, até que eles se reuniram em torno do que era um buraco de bom tamanho no chão, onde tinha quase escorregado mais cedo. Talvez tivesse sido um poço do depósito no auge do edifício.

Uma massa preta brilhante, um saco de lixo, bateu no chão, levantando uma nuvem de poeira. Ele deslizou em direção ao buraco, onde um deles tentou enfia-lo antes de perceber que o pacote era muito grande.

"Eu te disse, imbecil." A voz ríspida, tingida com irritação, seguida pelo farfalhar do saco, enquanto se movia através do cascalho em frente ao buraco. "Vou ter que despejar um de cada vez. É essa merda Rigga Motis."

"*Rigor mortis*, burro do caralho," dispara outra voz.

Um objeto caiu dentro do buraco, de cor acinzentada, dobrado em uma leve forma de L, que termina em uma estrela de dedos abertos, como um... Braço cortado? Outro se segue. Um pé ligado a uma panturrilha, cortado até o joelho. Bati a mão sobre a boca quando outro braço caiu no buraco, fazendo um som de carne molhada, uma vez que atingiu os outros membros.

Oh, meu... Merda. Calafrios de medo percorreram pela minha espinha.

Eu tinha ouvido histórias sobre o local ser assombrado, e parte de mim se perguntou se o que tinha acabado de ver era nada mais do que uma alucinação. Irreal. Irreal.

Um grito situou-se na parte de trás da minha garganta, e fechei os olhos, desejando que as imagens desaparecessem. Começando com o meu dedo mindinho, esfreguei os meus dedos através de cada ponta dos dedos num esforço para acalmar a batida frenética do meu coração, contando dois círculos em cada, até o meu dedo indicador, em seguida, voltando para o meu dedo mindinho.

Som abafado. Outra parte do corpo caiu no buraco.

Algo como instinto tinha me feito puxar a minha câmera, aponto para a cena e clico registrando a cena. "Jesus Cristo, esta merda fede." A voz profunda, rouca e calorosa, como a voz de um fumante falou acima do baque de carne. "Não é possível dizer se é ela, ou da maldita merda."

Suguei uma respiração instável e apertei o meu estômago para impedir o gemido de escapar. A parte inferior da câmera bateu contra o cascalho, não alto o suficiente para eles ouvirem sobre o riso e o despejar, mas o suficiente para me lembrar de como estava com medo. Meu corpo todo tremia no momento que uma massa de cabelos loiros me disse que eles tinham descartado todo o corpo.

Uma mulher humana. Em *pedaços*.

Não sabia o que estive gravando. Eu nunca gostaria de reproduzi-la novamente, mas parecia que estava oferecendo à vítima alguma justiça. Uma pequena medida de segurança, mesmo que apenas para sua memória, de que alguém tinha visto o que tinha acontecido com ela.

Do ângulo em que estava filmando, avistei a metade inferior do homem de frente para mim e ampliei um objeto colocado em seu cinto. A lente focou, permitindo clarear a palavra polícia acima do selo do estado, com Detroit gravada abaixo dela.

Oh Deus. Um policial? Bile subiu na minha garganta enquanto o emblema zombou da falsa sensação de segurança em que tinha colocado a polícia. Talvez fosse falso. Como aqueles rumores que circularam na faculdade, avisando as mulheres para não estarem sozinhas no campus durante a noite, e para evitar qualquer pessoa que dizia ser um policial. Talvez ele fosse um lobo vestido de ovelha.

Ou um policial corrupto – porque como inferno era possível qualquer pessoa decente fazer algo tão horrível? "Que pena." O que soou como a voz de um homem da área urbana, com o sotaque distinto de Detroit nas consoantes, cortou através dos meus pensamentos. "Eu nunca vi uma mulher agir assim na merda. A cadela estava louca."

"Louca o bastante para informar essa merda, por isso não vá ficando sentimental comigo." Outra voz, cujo tom parecia mais jovem do que os dois primeiros, carregado de impaciência e

irritação. O movimento de sua parte inferior e a colocação de suas mãos em seus quadris me disse que era o policial.

Um deles se agachou, esfregando as mãos em um lenço, eu ampliei uma tatuagem em seu pulso. Um sete, envolto por um círculo, simples na sua concepção, como se tivesse sido esboçada sobre ele.

Tripulação Seven Mile? Eu tinha ouvido falar da gangue que tinha aterrorizado a cidade durante anos.

Outro homem bateu no ombro do primeiro, deslizei a câmera na direção dele. Seu pulso também tinha a tatuagem do sete com o círculo.

Quando a sua lanterna desligou, soltei um suspiro instável – até que um *beep beep beep* da minha câmera me disse que eu ia ficar sem bateria.

A lanterna acendeu novamente.

"Você ouviu essa merda, cara?" Um dos homens virou na direção de onde estava escondida.

Ah Merda. Ah Merda.

"Este lugar é assombrado, porra. Foi provavelmente o espírito dos porcos que vieram atrás da sua bunda."

Gargalhadas fizeram-me sugar uma respiração através do meu nariz. *Muito perto*. Uma rápida varredura da lanterna e eles me encontrariam. Mexi-me para trás, e uma dura parede fria atingiu minha espinha. Um guincho bateu contra a parte de trás dos meus dentes, e fechei a minha boca em torno dele. Contornei a larga coluna, escondendo o meu pequeno corpo por trás dela, e vi como a lanterna cortava por cima, iluminando a escuridão que me mantinha camuflada.

"Estou dizendo a vocês, alguém está aqui, idiota."

Mantendo-me por trás da coluna, olho por cima do meu ombro. Do outro lado do porão estava outra escada. Se eu corresse, poderia atravessar desde que eles não tivessem armas. Eu teria

ficado parada, mas a lanterna aproximou-se, e com cada passo, a luz ameaçou chegar perto o suficiente para me ver, fazendo meus nervos saltarem sob minha pele.

Com apenas a estreita sombra da espessa coluna mantendo-me invisível, minha respiração chegou num arfar. Suor deslizou por minhas têmporas. Meu corpo ficou frio. Rígido.

A lanterna parou apenas a alguns centímetros de onde eu estava agachada. Com a boca aberta não me atrevi a emitir uma única respiração, enquanto a poeira levantada por suas botas entrou pela minha garganta provocando tosse.

"Você está ouvindo merda," a voz mais velha, rouca repreendeu. "Vamos dar o fora daqui."

Fique parada. Fique parada. Não se mexa.

A lanterna desligou novamente, e deixei sair uma respiração instável pela boca aberta, meus músculos flácidos de alívio. Uns bons trinta segundos se passaram antes que o som de passos sinalizou sua retirada. Avançando para trás em minhas mãos e joelhos, com cuidado para não sacudir o cascalho debaixo de mim, eu me afastei da coluna, para a escada atrás de mim e longe de onde eles foram, não me atrevendo a respirar.

A luz brilhante bateu no meu rosto, acertou em cheio.

Eu soltei um grito e fiquei de pé. Minhas botas escorregando pelo cascalho, e corri para a saída. "Eu sabia! Foda-se, cadela!" O baque de botas atrás de mim.

Eu me abaixei em torno de outra coluna e corri pelo espaço aberto.

Um tiro foi disparado, a bala foi contra um pilar de concreto à minha esquerda.

Minhas pernas queimam. Minha garganta arde, com o ar que suguei pela boca.

Cheguei à escada e saltei o primeiro degrau, aterrando no segundo. Um gemido escapou de mim quando o homem apareceu na porta abaixo, e outro tiro bateu na grade.

"Pegue-a pelo outro lado!" um deles comandou.

O pânico explodiu dentro do meu peito, e uma fria sensação de adrenalina correu em minhas veias. Eu não queria ser o próximo corpo jogado naquele buraco.

Finalmente cheguei ao andar principal e corri em toda a extensão aberta, onde fileiras de vigas estavam alinhadas no teto, os ganchos ainda pairavam fora das trilhas.

Oh, Jesus Cristo, por favor, não transforme isso no próximo *Texas Chainsaw Massacre*[4].

Eu juro que vou à igreja depois disto. Vou voluntariar-me nos abrigos. Vou dar gorjetas de vinte por cento, em vez de quinze por cento, e eu prometo que vou ficar bem longe de bacon pelo resto da minha vida.

Mais à frente, a porta que dava para a entrada lateral, onde eu tinha entrado através da janela, ficou como um farol de esperança.

Eu aumentei a velocidade das minhas pernas, minha mochila batia contra as minhas costas. *Quase lá.*

Outro tiro passou zunindo à direita de mim, e deslizei ao virar o corredor. A pequena janela ainda estava entreaberta, e joguei primeiro a minha mochila através dela, em seguida, empurrei a minha metade superior através da janela, e balancei para frente.

Uma mão enrolado em volta do meu tornozelo, e um grito rasgou pela minha garganta. Chutei uma vez, duas vezes, o meu salto fazendo contato cada vez. Assim que o aperto desapareceu, eu caí de cara na sujeira e, apanhando a minha mochila, levantei-me. Botas batendo através do campo aberto, corri o máximo que

[4] Filme de terror independente de 1974

pude, atravessando os trilhos do trem enferrujados, e escalando a parede de concreto, antes que me fizesse olhar para trás. Apenas quando caí do outro lado do muro, cerca de noventa metros à frente, espreitei do meu esconderijo, observando o homem sair do prédio.

O primeiro feixe de uma lanterna atravessa o campo que eu tinha acabado de atravessar, e tiros são disparados. Mais lanternas emergiram pelo lado do edifício, e quando se aproximaram de mim, eu me virei, encostando as costas contra a parede de concreto, e puxando os joelhos apertados contra o meu corpo. Eu não podia correr, ou eles iriam me ver.

O círculo de luz varreu o campo, enquanto os homens pareciam caminhar o comprimento da parede atrás de mim e, quando pairavam sobre de mim, iluminando o campo à minha frente, prendi a respiração.

A voz mais jovem que eu tinha ouvido antes falou por trás da parede. "Vou avisar os rapazes na delegacia. Manterão um olho sobre as chamadas."

"Encontre-a." A voz rouca deslizou pela minha espinha, parecendo mais perto do que a primeira. "Traga-a de volta ao clube. Nós vamos ter alguma diversão com ela primeiro."

Eu fechei os olhos, desejando que eles fossem embora numa oração silenciosa.

Um ressalto irregular de luz, seguido pelo som de suas botas no cascalho, sinalizou sua retirada.

Libertando uma respiração longa e trêmula, meus músculos relaxando, eu corri uma mão trêmula pela minha testa úmida.

Eu escapei.

Balançando minha mochila para frente, procurei a bolsa pequena que mantinha agarrada ao zíper e guardava a minha passagem de volta do ônibus.

Ela tinha desaparecido. Caído. Talvez quando tinha jogado a mochila para fora da janela. Talvez no interior do edifício. Tentáculos de medo rastejaram sob minha pele, quando me lembrei de que a minha identificação de estudante estava dentro dela.

Nunca senti um aperto gelado espremer o fôlego dos meus pulmões, até que virei e realmente pensei em voltar por ela.

Capítulo 2

Lucy

"Craig! Abra!" Graças a Deus Craig vivia sozinho, ou eu me sentiria como merda pelo barulho que fiz, enquanto estava na sua varanda da frente, batendo em sua porta, muito agitada para ir para casa. Com meu corpo tremendo, deslocar-me nos meus pés me impediu de quebrar em um ataque de pânico completo.

Se o homem que eu tinha visto com o crachá fosse realmente um policial, ou não, eu não podia arriscar fazer a coisa certa e relatar o corpo, não enquanto suas palavras passavam mais e mais na minha cabeça.

Vou avisar os rapazes na delegacia. Manterão um olho nas chamadas.

Com a porta se abrindo estreitamente, empurrei completamente, passando tempestivamente pelo Craig para a sua pequena sala de estar, com um único sofá, lençóis como cortinas e uma televisão apoiada no canto.

"Que diabos, Lucy? Está tudo bem?"

Eu conheci Craig no campus alguns anos atrás, nós dois havíamos tomado uma classe de estudos religiosos, de todas as coisas. Minha mãe teria chamado de um ato de Deus que ele tinha entrado na minha vida, e provavelmente teria me convencido a casar-me com ele, uma música que ela teria mudado realmente rápido, apesar de tudo, já tinha mencionado que ele era gay. Bissexual, na realidade, mas majoritariamente atraído por homens. Ele passou a ser o meu único amigo, a única pessoa no planeta, que eu poderia me sentar e confessar o que tinha visto.

O único que sabia que não iria entregar minha bunda à polícia.

Balançando a cabeça freneticamente, pus as mãos em meus quadris. "Não. Definitivamente não está. Não."

“O que aconteceu?” Ele pegou minha mão e guiou-me para o sofá. "Sente. Conte-me o que aconteceu.” A suavidade de sua mão descendo pelo meu rosto trouxe meus olhos para os dele. "Porra, você está pálida."

Caí sobre as almofadas desgastadas, eu esfreguei uma mão trêmula na minha testa. Como deveria começar? Como poderia dizer-lhe o que tinha visto, quando ainda não acreditava que nada daquilo fosse real. "Craig... quando você..." Jesus, eu não conseguia fazer as minhas mãos pararem de tremer. Náuseas borbulhavam dentro do meu estômago. "Oh Deus. Você tem...” batendo a mão sobre a minha boca, respirando com dificuldade pelo nariz, seus olhos arregalaram-se por um segundo antes dele pular do sofá e pegar o cesto de lixo do lado de sua mesa. Antes que eu pudesse parar, inclinei-me para frente e vomitei sobre pedaços amassados de papel e um invólucro Pop Tart.

A mão de Craig acariciou a parte de trás da minha nuca, e jurei, naquele momento, que iria compensá-lo e ser uma amiga melhor. Toda a porcaria de descarregar somente a minha merda que estava acontecendo, reclamando sobre a minha vida de merda, não retornando suas chamadas iria acabar. "Eu juro Craig. A partir de agora, estou aqui para você. Quer seja os seus namorados, ou anéis penianos, ou qualquer outra coisa que você precise falar, estou aqui."

“Você está bêbada?”

Eu respirei fundo e empurrei o cesto de lixo. "Eu vi algo."

"Durante a sessão fotográfica?"

Dei um aceno de cabeça, forçando a engolir em seco na minha garganta.

Como se não fosse nada, ele tirou o saco do cesto e atravessou a cozinha, onde ele o jogou no caixote do lixo maior. Adjacente à lata de lixo estava um pequeno frigorífico, de onde ele pegou uma garrafa de água, que entregou para mim quando voltou para o meu lado.

Abrindo a tampa, eu virei-a para a esquerda, direita, esquerda. Caprichos malditos não me deixavam em paz, mesmo quando todo o meu sistema havia sido jogado fora de ordem. Bebi a água para lavar o sabor desagradável de vômito da minha boca, então respirei fundo. "Um grupo de quatro ou cinco. Eu pensei que eles eram sem-tetos, em primeiro lugar, então me abaixei. Mas eles... eles despejaram um corpo." Eu vacilei enquanto a cena se repetia na minha cabeça, e uma rápida olhada para a sua mesa de café tinha um maço de cigarros lá me chamando. "Posso roubar um destes?" Eu não fumava regularmente. Somente quando os meus nervos estavam tão confusos e não sabia mais o que fazer com as mãos.

"Sim, claro, preciso de um, também." Ele levantou o Zippo e acendeu a ponta do cigarro que tremia com os dedos trêmulos, antes de acender um para si e cruzar as pernas. "Um corpo? Você está brincando comigo? Alguém que você conhece, ou tinha visto antes?"

"Não. Eu ia chamar a polícia, mas um dos homens tinha um distintivo. Vi em seu cinto. Ele disse que ia dizer aos rapazes para manter um olho nas chamadas." Apertando as mãos nas minhas têmporas, balancei para frente e para trás, os dedos de minha mão livre enroscados no meu cabelo. "Eu queria chamar a polícia. Queria fazer a coisa certa." Apertei o punhado de cabelo e fechei os olhos. "Eu acho que eles têm a minha identificação, Craig. Eles podem reconhecer meu rosto."

"Ei, ei. Escute-me. Você não pode chamar a polícia, ok? Este corpo... você tem certeza que estava morto?"

"Hum... certeza, sim. Estava... em partes." Soltei a última palavra com respirações ofegantes e fiz uma careta para a forma

fria e insensível que eles tinham a jogado pelo ralo. "Eles... cortaram-na." Olhando fixamente, fui transportada para o que eu imaginava terem sido os momentos finais da vida da mulher, com os quatro homens ameaçando corta-la, com o quê? Uma faca? Serra elétrica? Jesus, ela morreu primeiro? Talvez eles a tinham estrangulado. "Ela deve ter ficado tão assustada." Cavei os dedos nos meus cabelos, reprimindo as imagens. "Eles me viram." Bile subiu pela minha garganta outra vez, e engoli de volta. "Eles me viram tirando fotos, e sabem que eu os vi. Não sei o que fazer Craig."

"Olha, tenho um contato na Polícia de Detroit. Conheço um cara, que conhece um cara, tipo isso. Onde disse que isso aconteceu?"

"Por favor, não dê qualquer informação sobre mim. Já estou na lista de merda do departamento de polícia pela última ida ao Packard."

Seus lábios se curvaram. "Sim, mas essas foram algumas fotos muito boas."

Ignorando o seu comentário, dei outra tragada instável. "Eu tenho um vídeo disso." Eu levantei a minha mão, quando curiosidade iluminou seus olhos. "Não me peça para mostrar a você." De jeito nenhum iria ver novamente. Queria descartar isso da minha câmera, mas devia isso para a mulher no filme, guarda-lo.

"Posso entrega-lo, se você quiser."

"E se eles... detectarem que é meu? Os metadados[5]."

"Nós podemos mudar os metadados, se quiser." Fumo saiu da sua boca, e ele afastou-o com a mão. "Agora, onde você disse que isso aconteceu?"

"Foi no antigo matadouro. Sala da caldeira. No porão."

[5] Os metadados são marcos ou pontos de referência que permitem circunscrever a informação sob todas as formas, pode se dizer resumos de informações sobre a forma ou conteúdo de uma fonte. Podemos considerar que os metadados são instrumentos para a busca e recuperação da informação. Neste caso a polícia pode usar os dados associados ao vídeo para descobrir quem gravou.

"Puta merda, você é uma mulher corajosa." Ele balançou a cabeça. "Não posso acreditar que você foi ao matadouro sozinha."

"Eles jogaram o corpo no... ralo." Como se tivesse levado um soco no estômago, fiz uma careta, passando as mãos pelo meu estômago no caso de eu vomitar novamente.

"Nunca deveria ter lhe pedido para fazer isso. Eu sabia que não deveria ter perguntado." Ele esfregou as minhas costas ajudando a acalmar o meu estômago. "Vou cuidar disso. Não se preocupe."

Eu respirei fundo. "Obrigada." Fiz uma careta quando outra coisa me veio à mente. "Craig... Você alguma vez viu uma tatuagem com um sete em um círculo?"

O calor nos olhos dele se dissipou em algo duro e frio, quando a sua testa franziu e uma máscara de seriedade atravessou seu rosto. "Onde você viu isso?"

"Os homens... dois deles tinha a mesma tatuagem. Apenas algo que achei estranho. Eu pensei que talvez fosse o sinal do grupo de Seven Mile, ou algo assim." Eu teria mencionado que tinha visto a mesma tatuagem no policial, bem, mas a dilatação das pupilas de Craig e o frisar de seu lábio puseram os meus cabelos em pé.

"É um clube. Seventh Circle[6] é um clube clandestino para pessoas que gostam de algumas merdas muito escuras e torcidas." Ele colocou ambas as mãos em seu cabelo, dando-me um ataque momentâneo de tensão, enquanto observava o cigarro em seus dedos. "Jesus, Lucy. Você só viu um corpo jogado lá?"

No meu aceno, ele atirou-se para fora do sofá. "Você tem uma merda de sorte por estar viva!" Sua agitação fez o meu estômago agitar-se novamente. Craig nunca se agitava. Nunca parecia nervoso, mas, naquele momento, ele fez ambas as coisas. Ele pegou seu computador da mesa e se sentou ao meu lado mais uma vez.

[6] Sétimo círculo.

"Eu justamente fiz uma peça editorial sobre isso para o Muckraker no verão passado."

"Nunca vi isso."

"Nunca publiquei. Eu investiguei algumas merdas, como você sabe, mas nada como isto."

"Então, o que é?"

"Seventh Circle é um site na darknet", ele explicou enquanto digitava. "O proprietário é completamente anônimo. Ele atende pelo nome de Pasák, o que se traduz em cafetão."

Eu conhecia isso. Minha mãe era eslovaca, e tinha crescido falando, como segunda língua em minha casa.

"Os federais não podem apanha-lo porque os seus níveis de segurança são loucos." A intensidade de sua voz puxou os cabelos na parte de trás do meu pescoço. "Mas eles parecem ser torturadores pornográficos e estupradores entusiastas." Meu corpo ficou frio quando cristais de gelo ramificavam da minha espinha. "O quê?"

"Eles postam vídeos de homens invadindo casas de mulheres em seguida torturam e estupram por horas a fio."

"É real? Quero dizer, não é encenado?"

"Não parece ser." Ele virou o computador para mim.

A página inicial do site era bastante benigna — não tinha prévia dos vídeos, graças a Deus. Meu estômago já teve o suficiente disso. Na tela, porém, estava o símbolo, a tatuagem que vi nos homens, bem no centro da página.

Meus músculos afrouxaram, e engoli um trago.

"É uma merda horrível, Lucy. Fique longe disto. Compreendeu? Fique longe." Depois de esfregar a mão pelo rosto, ele sacudiu a cabeça. "Normalmente, eu ficaria emocionado com o tipo de evidência que você reuniu. Você sabe que não sou de recuar de uma história. Mas nós não estamos falando de alguns textos

sujos entre o prefeito e sua Chefe de Gabinete aqui. Isto é com certeza uma merda maluca."

“Todos eles?" A sensação de dormência continuou e, quase deixei cair o cigarro que ainda ardia. "Quero dizer, todos com as tatuagens, estão neste *clube*?"

"Possivelmente. É muito exclusivo. Não se sabe muito sobre como, exatamente, eles operam, ou quem está envolvido." Ele acenou ao meu redor, interrompendo o meu estudo intenso do símbolo na tela. "Mais uma vez, você tem sorte de estar viva. Deixe essa merda quieta. Fique longe das ruínas por um tempo, ok?"

Como eu poderia? Craig tinha apenas desbloqueado um novo nível de curiosidade. Eu tinha que saber mais sobre o site. Quem estava envolvido? Por que eles faziam isto?

Alguns anos atrás, minha melhor amiga tinha morrido de uma forma similar. Homens tinham invadido sua casa e a estuprado. Teria ela sido vítima do mesmo clube brutal?

Durante meses depois de sua morte eu me coloquei numa busca para encontrar respostas – conversando com o investigador, DeMarcus Corley, até que fecharam o caso sem nenhuma explicação ou resolução. O caso tinha esfriado e minhas esperanças de saber a verdade desintegraram. Essa investigação foi como acabei por ir trabalhar para o Muckraker.

"Você ainda parece um pouco abalada. Quer dormir aqui?”

“Você se importa? Talvez apenas esta noite. Não quero voltar para casa sozinha."

“Pode apostar. Enquanto você precisar." Sua testa enrugou. "Uma coisa... Quando foi que falei sobre anéis penianos?"

"Dois meses atrás. Você telefonou drogado. Ou bêbado. Desliguei na sua cara." Sorri com a lembrança, um pouco embaraçada, considerando que ele tinha acabado de ver o jantar de ontem à noite ser expelido pela minha boca. "Para ser justa, era

mais tarde do que é agora. E acho que você me disse que queria tentar um trio comigo."

"Ah. Bem, nesse caso vou tentar manter as minhas chamadas bêbadas ao mínimo."

Estendendo a mão, dei-lhe um abraço, recebendo o seu aroma picante com cheiro de fumaça de cigarro. "Obrigada."

Capítulo 3

Jase

Onze meses atrás...

Eu odiava a Devils Night.

Talvez fazer vinte e cinco tinha entorpecido o meu senso de travessura, mas os dias incendiando merdas só pareciam estúpidos. Mudei-me para maiores e melhores aventuras, por isso incomodava-me que ainda tinha que lidar com os pequenos bastardos que gostavam de causar estragos no bairro da minha avó. Reed estava sentado no banco do passageiro ao meu lado, enquanto eu dirigia pela rua lateral no meu surrado Grand Prix. Tinha cumprido pena por roubo, portanto me mantive quieto, dirigindo carros que não fazem muito para o meu jogo — não que planejei apanhar uma mulher essa noite.

Particularmente na Devils Night.

Durante anos, minha avó paterna Maria, tinha vivido em uma parte decadente de Upper East Side de Detroit. Não era o fato que ela era a única senhora de pele branca na vizinhança que me incomodava, porque a área tinha sido sempre em sua maioria de negros, composta de gente decente que tomava conta dela. Era que na última década, com a mudança de habitação governada por bandidos e gângsteres, repleta de traficantes e viciados em crack, as casas que uma vez tinham pertencido aos trabalhadores da fábrica, como o meu avô, as famílias de classe média decentes, ao longo do tempo, tinha ido para o inferno com seus gramados demasiadamente grandes e janelas com tábuas. Entre as casas estavam largos espaços abertos, repletos de restos queimados e ervas altas escondendo o lixo que foi despejado lá.

Meu avô mantinha o seu gramado intocado, e queixava-se das crianças da vizinhança – especialmente do meu amigo, Dejuan Harvey, que sempre atravessava o pátio para chegar à porta da frente quando vinha para jogar bola. Mais tarde, descobri que uma bala perdida matou Dejuan em um tiroteio cerca de seis anos atrás.

Ainda assim, apesar das passagens e rusgas da polícia, Maria recusava-se a sair, o que me obrigava e ao meu irmão mais novo Reed a ficar com ela na Devils Night, quando todos os ratos saem de seus buracos para levantar algum inferno.

Quando parei na calçada Reed jogou o cigarro pela janela, para o relvado adjacente. "Cuidado com essa merda, cara. Não precisamos que as ervas daninhas peguem fogo."

“Talvez Maria se mudasse daqui se essa merda queimasse na porta ao lado.” A voz profunda e sombria do Reed sempre carregava uma nuvem sinistra. Não ajudava que o garoto tinha um olhar sombrio e perturbado, com o seu piercing no lábio e tatuagens em seu rosto. Seu cabelo castanho claro veio da nossa mãe, cortado em um esfregão louco de ondas que sempre me lembravam de Heath Ledger.

Saí parecido com o nosso pai, com cabelos escuros e um corpo bem maior.

"Relaxe. É apenas uma noite." Olhei para o lado, pegando o movimento da cabeça de Reed e o movimento do seu pescoço quando ele tomou dois comprimidos. Oxycontin[7], sem dúvida. Sua droga de escolha. "É o mínimo que podemos fazer."

Reed e eu tínhamos vivido com a nossa avó cerca de nove anos atrás, quando minha mãe tinha perdido a nossa custódia, e se não fosse por ela, teríamos seguido os passos do nosso pai e morrido na prisão. Nós não tínhamos sido capazes de ajudá-lo.

[7] O Oxycontin é o nome comercial da droga hidrocloreto de oxicodona. O OxyContin é uma forma de liberação controlada da oxicodona receitada para tratar da dor crônica. Se usado corretamente, o OxyContin pode aliviar a dor por até 12 horas. Neste caso, o personagem usa como droga.

Todos tinham uma história, mas a nossa foi esculpida em ossos e escrita com sangue. Nascido de um assassino de policiais, nós nunca tivemos uma chance de nos tornar alguém na vida. A primeira vez que roubei e fui preso, deveria ter recebido um aviso, recebido uma multa, talvez pagar as reparações, ou algo assim, mas em vez disso o tribunal me enviou para a prisão por dias por um pequeno delito, por roubar uma porra de garrafa de água de colônia numa loja de departamento.

Em algum ponto, a merda ficou complicada e o banco começou a sua busca incessante dos pagamentos em atraso de Maria. Alguma coisa tinha que ser feita.

Maria fez o seu melhor para cuidar de nós, por isso, decidimos cuidar dela em troca, dando-lhe o dinheiro que tanto quanto ela sabia, tínhamos ganhado trabalhando em carros. Nós conseguimos obtê-lo, até que a polícia finalmente me alcançou na idade madura de vinte anos, e fui enviado para a prisão sob a acusação de crime de roubo.

"Eu não estou dizendo que não sou grato pelo que ela fez." Reed girou sua mão na maçaneta da porta. "Basta dizer que odeio voltar a este lugar."

"Por quê?" Eu jurei ao garoto que nunca iria ter que se estabelecer em qualquer lugar que vivesse. A única vez em nossas vidas que experimentamos um estado de 'normalidade' foi quando vivemos com a Maria.

"Nada" disse ele abrindo a porta.

Quando ele deslizou para fora do assento, eu agarrei o seu pulso. "Que porra é o seu problema, cara? Você tem agido estranho nas últimas semanas."

Torcendo seu pulso, ele saiu do meu aperto, e sem dizer uma palavra saiu do veículo.

Eu desliguei o motor e segui atrás dele, e antes que tivesse passado um segundo, bem na varanda da frente, a porta se abriu para Maria, de pé em jeans e um suéter preto. O seu cabelo preto

grosso cortado com um corte de rapaz logo abaixo das orelhas, e os severos olhos castanhos a fazia parecer muito forte, mas o sorriso suave, com dentes brancos e perfeitos, que se estendiam através do seu rosto, revelava o seu maior talento, — fazer-me sentir em casa. Embora ela tivesse sessenta e cinco anos, ela não parecia ter mais de cinquenta anos.

"Meus meninos," disse ela, cobrindo os nossos rostos com beijos. "Porque diabos demoraram tanto tempo? O jantar está pronto há meia hora."

"Você conhece Reed. Sempre tentando parecer extravagante, e merda." Segui atrás do meu irmão para dentro de casa, passando a pequena sala de estar à esquerda, rindo quando ele lançou um olhar por cima do ombro.

A casa sempre cheirava a comida, e meu estômago rosnou com o cheiro da carne e tempero que vinha da cozinha.

"Tudo bem, eu não sabia que tipo de cerveja você queria, então busquei coisas boas."

Maria passou por nós e puxou duas Sam Adams da geladeira.

Sentando-se na cadeira, as pálpebras de Reed baixaram quando as pílulas começaram a trabalhar. "Ela caprichou."

"Você não tinha que fazer o jantar para nós." Eu peguei o assento ao lado de Reed, e girei a garrafa de cerveja ao redor. "Octoberfest?"

Pondo uma mão em cada um dos nossos ombros, Maria ficou entre nós. "Bem, não posso exatamente fazer para vocês um chocolate quente e um pouco de pipocas nos dias de hoje, então eu fiz a próxima melhor coisa." Ela virou-se para o forno e, depois de balançar aberta a porta, colocou um par de luvas e colocou um prato fumegante de lasanha no fogão.

Saliva reuniu-se na minha boca, ao mesmo tempo em que meu estômago roncou. Eu fui pegar um prato da bancada ao lado, mas ela se virou, agitando as mãos. "Eu cuido disso. Sente-se."

Eu caí para trás em minha cadeira. "Você não tem que nos servir. Tenho vinte e cinco anos, pelo amor de Deus."

"E você não tem que sair com uma senhora de idade na Devils Night, mas é assim que fazemos as coisas." Sua piscadela trouxe um sorriso ao meu rosto, e não mais de um minuto depois, ela colocou um prato empilhado de lasanha e pão caseiro na nossa frente.

****

Uma hora se passou, e Reed já tinha adormecido no sofá, enquanto eu lavava os pratos com Maria.

"Quando você vai se estabelecer com uma menina, cuore mio?" Ela costumava me chamar disso tantas vezes quando eu era menino, era como um segundo nome para mim. "Quero bebês para segurar."

Bebês? Eu assobiei e balancei a cabeça, entregando-lhe o prato de vidro para secar. "Eu não sei nada sobre isso." Com o desapontamento nos seus olhos, acrescentei: "Não sou exatamente material de pai."

"Por quê?"

"Não é possível criar uma família trabalhando em uma oficina, o resto da minha vida." Eu já mentia há muito tempo, dizendo a ela que trabalhava como mecânico. Na época, eu roubava carros, por isso não era inteiramente mentira. Uma vez que saí do negócio de roubar carros e deixei de tratar dos delinquentes para Bojanskis, depois Reed, meu bom amigo Dax e eu fizemos uma boa vida vendendo drogas e merdas que tínhamos roubado num site de comércio no lado obscuro da internet.

Não é exatamente a direção que ela tinha imaginado para nós, mas, pelo menos, poderíamos ficar anônimos e procurar outras coisas. Ela ficaria assustada se descobrisse algumas das coisas que Reed e eu tínhamos entrado, especialmente coisas perigosas como exploração urbana extrema, ou *urbex*. Um grupo de entusiastas com câmaras, que se aventuram em alguns lugares escuros e perigosos. Viciados em adrenalina. Surfistas de ponta. Lunáticos. Nós subimos ao topo dos edifícios mais altos da cidade – Penobscot, Book Tower, Comerica Tower, RenCen — filmamos merda que faria as pessoas doentes, postamos todas as nossas fotografias em um site de rede social chamado Aperture. Localizado na darknet, era o sósia sinistro do Instagram, onde os usuários postavam imagens de perigosas explorações e invasões de propriedades.

"Você ficaria surpreso com aquilo que você pode criar numa família." Ela enxugou o prato e pousou-o. Quando eu drenava a água da pia, seus dedos guiaram o meu rosto em sua direção. "Jase, meu menino doce, não estou ficando mais jovem. Eu tenho que saber que você está feliz. Você está destinado a grandes coisas, sabe."

"Como o meu pai?" Lamentei as palavras no momento em que elas saíram da minha boca. "Sinto muito."

"Não. Você está certo. Tony era... perturbado." Ela olhou para o sofá. "Reed me lembra muito dele. Muitas vezes eu não sabia o que fazer, ou o que ele precisava." Balançando a cabeça, ela ergueu o olhar para o meu. "Às vezes, tudo o que você pode fazer é amar uma pessoa." Seus lábios se curvaram, aliviando o clima sombrio. "Você se lembra da história que eu te contei? De Soleluna?"

Sorri discretamente e assenti. Ela me contou a história há muito tempo, quando eu tinha seis anos, jovem o suficiente para ser enganado e pensar que era sobre a minha mãe e meu pai.

"Eu ainda continuo a ter esperança, cuore mio." Ela deu um leve tapa em meu rosto, seguido por um beijo.

Um som de batido chamou a minha atenção para a parte traseira da casa, eu peguei uma faca do bloco sobre o balcão, desejando que tivesse trazido uma arma. Eu nunca tive que usar uma arma enquanto estava com ela, já que a maioria dos vândalos ignorava a casa dela. Além disso, Maria provavelmente não teria gostado disso.

"E assim começa. Tem que amar a Devils Night," disse ela dando um passo em direção ao som.

Eu joguei meu braço e lancei o meu olhar para ela, e caminhei calmamente na direção de onde o barulho tinha vindo. Passando o armário e através da pequena lavanderia, até chegar a uma porta que ficava ao lado da garagem, olhei pela janela. Não vendo ninguém, liguei o holofote, vendo uma garrafa quebrada em pedaços de vidro espalhados.

Outro barulho veio de trás, e virei ao mesmo tempo em que o grito de Maria atingiu meus ouvidos.

Passando através da cozinha, virei a lâmina para uma posição de esfaqueamento, mas parei no local.

Quatro homens, todos em roupa preta, estavam na sala da minha avó. Um homem negro apontou uma arma para a cabeça de Maria, enquanto por trás deles Reed ficou parado com as palmas para cima em sinal de rendição.

"Qual de vocês chupadores de paus é Friendly Fire?" O cara branco, baixo e encorpado falou enquanto acendeu um cigarro.

Meus olhos dispararam em direção ao Reed, que manteve o olhar fixo sobre os homens. Friendly Fire era o seu screenname para o Aperture. A maioria dos usuários do site eram chamados por nomes anônimos – os espertos de qualquer maneira. Dax era Fugazi, o meu era Warhawk.

"Quem diabos são vocês?" Perguntei.

Em vez de responder, o homem sorriu, e o cara branco, bem maior, na parte de trás do grupo agarrou meu irmão. Reed

conseguiu lhe bater no nariz, mas o meu estômago revirou quando o idiota prendeu o meu irmão na parede pelo pescoço.

Atirei-me para frente, rangendo os dentes, mas parei com o clique de uma arma, cujo cano estava virado para a minha cara. "Que porra você quer?" Meu olhar oscilava entre o meu irmão e minha avó.

"O que eu quero?" O cara atarracado bateu a arma na cabeça. "Vamos ver... Oh, sim. Quem. É. Friendly Fire?"

O que eles queriam com Reed?

Tão rápido quanto a pergunta apareceu na minha cabeça, veio com outro pensamento. Duas semanas atrás, o nosso trio havia roubado um carregamento de armas do senhor do crime subterrâneo Jozef Tesarik. Dax tinha ouvido que as armas, que originalmente tinham sido roubadas de uma Reserva Central do Exército, seriam transferidas para um armazém ao longo do rio. Não que a gente tinha a intenção de devolver as armas. Reed montou uma loja de armas, drogas, e qualquer merda que conseguíssemos vender localmente. Nós operamos a partir de uma unidade de armazenamento degradado no lado leste, e até mesmo isso foi mantido anônimo, graças a Joe, que possuía a propriedade.

Estávamos praticamente intocáveis.

Todos nós tínhamos sido parte da cena, contudo, então por que eles estavam procurando Reed, especificamente? Mantendo meu olhar sobre a minha família, eu rapidamente vasculhei minhas memórias daquela noite.

Um homem se ajoelhou diante de mim, com as mãos unidas em oração enquanto eu apontava a pistola para a sua cabeça, enquanto Dax e Reed carregavam as armas no caminhão.

"Quem é cara durão?" Os lábios do homem corpulento se curvaram em um sorriso, sua pergunta dançando na minha cabeça. "Eu não tenho a noite toda."

Quem era? Quem nos dedurou naquela noite?

Um flash me chama a atenção, e olhei para a direita. Além da janela, estava uma figura escura, e em suas mãos tinha uma câmara. Apontado diretamente para nós.

Tinha que ser a figura escura. A pessoa que tinha tirado as fotos. A única que atendia pelo nome de usuário do Black Sparrow no Aperture, que tinha me seguido por meses.

A outra questão que girava na minha mente era como diabos eles teriam nos encontrado na nossa avó?

Na minha frente, o homem atarracado endireitou as costas e chutou sua cabeça para a esquerda e depois à direita, estalando o seu pescoço. "Eu estou perdendo a porra da minha paciência com vocês, chupadores de paus." Levantando a arma para o ar, ele colocou-se na minha frente. "Vou contar até três, e então apenas vou começar a matar, filhos da puta."

"Eu sou Friendly Fire," menti.

"Jase! Não." Reed deu uma cotovelada no estômago do seu atacante, mas o homem apenas o sacudiu como um gato e jogou meu irmão no chão.

"Filho da puta!" Corri em direção a ele, mas um duro golpe no meu estômago me parou.

Outro me dobrou mais, e um terceiro me fez cair no chão. O grito abafado de Maria dificilmente passou sobre o sangue pulsando através de minhas orelhas.

Um dos homens ficou em cima de mim, enquanto o homem atarracado se agachou na frente do meu rosto, os outros dois ainda segurando Maria e Reed. "Sabe o que eu acho? Acho que o irmão mais velho está cuidando do irmão mais novo." Ele olhou por cima do ombro. "Amarre-os a uma cadeira."

"Fui eu." Eu tossi, sugando uma respiração pelo nariz enquanto a dor vibrava ao longo do meu peito. "Roubei... as armas. Eu fiz isso. Por favor. Deixe-os ir."

Um sorriso perverso dançou no seu rosto. "E de quem você roubou?"

Eu hesitei. Por que ele perguntou?

"Eu lhe fiz uma pergunta, rapaz." O homem atarracado inclinou a cabeça. "Não tenho a intenção de perguntar novamente."

Minha avó deixou escapar um suspiro, enquanto o bastardo a prendendo agarrou sua garganta.

"Jozef. Tesarik," cerrei os dentes de trás. "Eu roubei as... a do Tesarik."

Sorrindo, ele olhou para trás em direção ao rapaz negro de pé atrás dele, antes de olhar de volta para mim. "Bem, parece que ganhamos um pequeno bônus. Pelo que ouvi, Tesarik está procurando por você, idiota."

Capítulo 4

Jase

Dias atuais...

O rico aroma de couro encheu o meu nariz e os raios de sol aqueceram a minha pele.

Luz solar. Eu deveria ter sido morto, porque não sentia o calor do sol no meu rosto em quase um ano, — um ano em que fui preso na eterna escuridão e o tipo de frio que não apenas congela a pele, mas penetra os músculos e ossos causando uma dor incessante. Trezentos e cinquenta metros abaixo da superfície, onde o ar era fino o suficiente para se sentir como se tivesse sido enterrado vivo, sentei-me no túmulo do qual havia sido tirado, um campo de concentração moderno, localizado nas minas de sal sob a cidade de Detroit.

A minha garganta arranhava quando engoli em seco, como algodão grosso numa lixa, e com o pouco de saliva que eu pude reunir, expulsei-a da minha boca em uma tosse seca. Sal ainda se agarrava ao interior do meu nariz, minha boca, meus pulmões. Eu podia sentir o gosto logo abaixo da sensação amarga de metal que cobria a minha língua.

Uma neblina de confusão agarrou-se à orla da minha consciência, marcada por breves imagens da fodida dor implacável. *Um marcador de gado. Correntes. O cheiro de fumaça de cigarro e carne queimada. A superfície lisa de cimento sob os meus pés enquanto era descido das correntes.*

Risos.

O meu castigo por atacar um dos guardas.

Abri os olhos.

Um homem em um terno sentou-se olhando para mim, com o rosto impassível e ilegível, enrugado, com uma borda afiada de crueldade em suas sobrancelhas rígidas e cicatrizes. Deveria estar nos meados dos sessenta anos, se eu tivesse que adivinhar, pela cor cinza em seu cabelo e barba.

Levantando a cabeça, olhei o escritório à minha volta. A mesa em madeira de cerejeira rica separava nós dois. Estantes altas ficavam nos lados de uma grande janela atrás do homem, através da qual a luz solar entrava na sala e chegava onde estava sentado, num sofá de couro encostado contra a parede.

Os meus braços foram puxados para trás, meus punhos amarrados por bandas rígidas de metal que raspavam contra as feridas já presentes na minha pele, causadas pelas correntes usadas para me amarrar durante a minha tortura nas minas. As correntes que me tinham preso contra a parede na prisão descansavam pesadas e frias contra a minha espinha. Sentei-me no banco e cambaleei, mas parei com a visão do cano da arma apontada ao meu rosto.

"Fique quieto," disse o velho. Seu forte sotaque era igual ao dos guardas prisionais nas minas.

"Quem diabos é você?" Minha voz chegou grossa, seca por falta de comida e água.

Os chupadores de pau tinham tentado me matar de fome. Enfraqueceram-me antes de me torturar.

Enrolando meus dedos sobre as pulseiras de metal, trabalhei no fecho atrás das minhas costas.

"Eu trabalho para Jozef Tesarik." O homem pôs a arma na mesa e apoiou os cotovelos em ambos os lados, juntando os dedos. "Parece que você fodeu com o homem errado."

Onze meses atrás, tornei-me prisioneiro de Jozef Tesarik, líder do que era essencialmente a máfia eslovaca, com sede em Detroit. O seu poder havia crescido substancialmente em apenas alguns anos — tornando-se uma força que rivalizava com as gangues mais cruéis na cidade, entrei na sua lista de merda quando roubei um carregamento de armas roubadas. Como o bastardo estúpido que era, eu tinha ido e chateado o senhor do crime mais venerado na cidade, que estava de alguma forma ligado aos membros da tripulação do Seven Mile – o mesmo grupo que tinha invadido minha casa, matado o meu irmão mais novo Reed e minha avó, e entregou a minha bunda para Tesarik.

Rosnei com as palavras dele, apertando meus pulsos com toda a força que tinha sobrado em mim para quebrar a porra das algemas. Uma voz interior me avisou para ser paciente, apesar de tudo. Manter a calma. *Não seja precipitado e perca a oportunidade*. Eu tive onze longos meses, sem um único fio de esperança de que me seria dada uma chance de vingança do que ele fez. Mesmo que o homem sentado diante de mim não tenha colocado uma mão sobre eles, eu ia começar com ele e não iria parar até Jozef Tesarik estar tão morto quanto a minha família.

"Calma". Ele colocou um sorriso e levou um charuto aos lábios, colocando-o entre os dentes. "Eu gostaria de oferecer-lhe uma oportunidade. De vida. De vingança. Retribuição absoluta por tudo o que sofreu." Ele falou em torno do charuto enquanto o acendia, e baforadas de fumaça branca saiam de sua boca.

Por onze meses eu aguentei a prisão. Torturas. Trabalho rigoroso. Cavernas de cristal branco, com celas tão escuras que a minha mente tinha... Naqueles momentos de confinamento solitário, deixado as lembranças do que aconteceu com a minha família repetirem-se em um loop contínuo dentro da minha cabeça. Eu fecho meus olhos, e a noite ainda me engolia, como um pesadelo sem fim, do qual não podia acordar.

A faca deslizava através da garganta da minha avó, derramando sangue para os santos católicos que estavam suspensos a partir dos delicados colares ao redor de seu pescoço.

Vingança queima quente no abismo escuro da minha alma, um brilho que me manteve aquecido, enquanto o resto de mim tinha ficado frio e insensível do sofrimento. Eu prometi a mim mesmo, que se sobrevivesse ao inferno ao qual tinha sido condenado iria fazê-los pagarem pelo que tinham roubado de mim. Eu mataria cada um dos bastardos que tinha posto as mãos na minha família.

Eu queria sangue. Sua punição. Minha vingança.

Estudei o homem por um momento. Em seu rosto apresentava duas longas e brancas cicatrizes, como se ele tivesse sido cortado, e uma cicatriz em seu pescoço parecia como se alguém tivesse tentado cortar a sua cabeça uma vez. "Quem é você?"

"Alguns me chamam de O Arquiteto. Você pode me chamar de Roman."

"O Arquiteto." Quase todos os criminosos na cidade conheciam o homem que tinha a reputação de criar os atos mais elaborados de retribuição, um assassino de aluguel. Nunca ninguém tinha visto o seu rosto, embora seus métodos fossem conhecidos como sendo brutalmente minuciosos e meticulosos. De acordo com os rumores, ele era um colaborador notório da máfia Eslovaca, e um confidente para Jozef Tesarik.

"Você ainda está fazendo assassinatos?"

"Não exatamente. Eu me aposentei, na maior parte. Sou mais um conselheiro, atualmente."

Olhei para fora da janela atrás dele, onde apenas copas das árvores podiam ser vistas além da vasta extensão do quintal. Tinha sido meses desde que eu realmente tinha olhado para uma árvore. "Quanto tempo estive apagado?"

"Dez minutos, depois que você foi apagado com uma arma pelo Imrich." Ele ergueu o queixo e virando-me, avistei um homem um pouco maior do que eu, com cabelo preto e olhos frios quase sem vida, montando guarda junto à porta. "Quando você chegou, sedei-o com um cocktail de produtos químicos. Eu diria que cerca de uma hora depois disso." Seu corpo quase não se moveu enquanto ele falava, não remexendo com desconforto, nem desviou o olhar do meu. Ele exalava uma sensação de poder calmo – como um homem que tinha enfrentado uma série de criminosos muito mais intimidadores do que eu.

Deslizando minha língua pela parte de trás dos meus dentes, olhei-o com cautela, considerando o meu papel em qualquer esquema que iria propor para me libertar da minha prisão. "O que você quer de mim?"

"Indo ao ponto. Aprecio isso." Tamborilou o dedo contra a mesa. "Eu quero que você rastreie e recupere um arquivo."

"Foda-se. Eu não passei onze meses no inferno para realizar favores para os meus inimigos."

Sua cicatriz se contraiu com a mudança de sua mandíbula. "Entendo a sua raiva contra o meu patrão, mas suas opções são limitadas neste momento, então vou lhe dar os detalhes. Uma semana atrás, oito ponto cinco milhões de dólares foram roubados de uma troca de moeda digital, conhecido como Digilab. O maior golpe foi numa conta conhecida como Seventh Circle Productions. Esta empresa de produção de pornografia aparentemente inofensiva possui o Wonderland[8] na darknet."

"Que merda é o Wonderland?"

"É algo de entretenimento escuro, onde os usuários fazem o upload dos vídeos mais vis e depravados que você pode encontrar na net. Snuff[9]. Tortura. Está tudo lá. O fato de que ele ainda está

[8] País das Maravilhas, nome do site possuído pela Seventh Circle Productions.

[9] Filmes snuff são filmes que mostram mortes ou assassinatos reais de uma ou mais pessoas, sem a ajuda de efeitos especiais, para o propósito de distribuição e entretenimento.

vivo e ativo significa que os federais ainda não descobriram que ele existe."

"O que esta merda tem a ver comigo?"

Ele se sentou quieto, mas apenas por um momento. "Talvez você não esteja ciente de como chegamos a este ponto, Sr. Hawkins. Permita-me dar-lhe mais detalhes. Os homens que invadiram sua casa eram..."

"Seven Mile Crew. Sem brincadeiras."

"Sim. Dois deles eram membros da Seven Mile Crew. E se você me interromper novamente, vou ter o seu rabo faminto despejado dentro de um buraco de merda para apodrecer. Você sabe por que eles invadiram sua casa?"

"Porque seu chefe pagou os filhos da puta. Você matou a minha família *inocente* por causa de um monte de armas roubadas."

"Meu *chefe* não têm nada a ver com o assassinato de sua família. Eu saberia. Arranjei todos os golpes de Tesarik, e não sabia nada sobre o assassinato de sua família até que li seus arquivos." Fumo nublou o seu rosto quando ele soprou seu charuto. "Você foi vendido para Tesarik. Dado pela recompensa que estava sobre a sua cabeça muito antes da sua lamentável tragédia."

Eu cerrei meus dentes, decidindo entre quebrar o pescoço do filho da puta, ou arrancar todos os dentes fora do seu crânio.

Eu tinha uma boa ideia de quem tinha me entregado por recompensa. Uma conta no Aperture que tinha perseguido os meus posts e atendia pelo nome de Black Sparrow. Particularmente porque ela nos pegou na noite em que roubamos as armas. Ela tinha tirado fotos e fugido antes que eu pudesse pegá-la. Qualquer um que tivesse a coragem de me ver e me ligar a uma investigação entrava na minha lista de observação.

"Seu irmão foi morto por uma razão completamente diferente." A voz de Roman me tirou dos meus pensamentos. "Na

sua existência de seis anos, Wonderland foi hackeado uma vez e apenas uma vez. Suas medidas de segurança foram consideradas impenetráveis, mas cerca de um mês antes do ataque à casa de sua avó, seu irmão conseguiu ter acesso ao site e colocar as mãos em algo que lhe custou a vida."

"Você está dizendo que outras pessoas são responsáveis pelo assassinato da minha família?" Não fazia sentido. Durante meses, acreditei que Tesarik tinha ordenado o golpe, por causa das armas que tínhamos roubado dele apenas algumas semanas antes do ataque.

"É isso que estou dizendo. Acreditamos que os outros dois homens que invadiram sua casa eram assassinos contratados, contratados pelo proprietário do Seventh Circle Productions."

Antes sequer de me preocupar em perguntar por que eles não tinham me matado naquela noite, a razão apareceu em minha mente como uma mistura de memórias ruins.

"Eles não estavam procurando as armas." As palavras de Roman me levam a passar pelas memórias na minha cabeça, de quando eu tinha confessado aos assassinos que os tinha roubado. "Imagino que deve ter sido mais do que estava à espera, uma espécie de jackpot que tinham recebido — um êxito e uma recompensa tudo em uma noite."

"Meu irmão foi assassinado por ter hackeado pornografia de tortura?" Frustração endureceu a minha mandíbula que deu um estalo com a informação.

"É um pouco mais complicado do que isso, mas sim."

"Quem é ele? Quem é o dono do Seventh Circle?" Perguntei uma faísca renovada de raiva queimando em minhas veias.

"Ninguém sabe. Ele responde pelo nome de Pasák. Na minha língua, significa cafetão."

"Ele é Eslovaco?"

"É o que parece."

Minha mente se esforçava para colar os pedaços juntos, especificamente como no inferno Tesarik estava ligado aos homens do grupo Seven Mile *e* Pasák. "Este arquivo que você mencionou. Onde ele está?"

"Acredito que está na posse de Pasák."

"E por que é que Tesarik quer que eu o recupere?"

"Tesarik acredita que você está morto. No momento, você tem o registro limpo com ele."

"Então, por que estou aqui?"

"Sua libertação foi arranjada pelo meu cliente, que deseja permanecer anônimo." Ele deu outro trago no charuto.

"Não Tesarik."

A cicatriz no rosto de Roman estica com uma sugestão de um sorriso. "Não Tesarik. Para acabar com a questão de confusão, porém, vamos chamá-lo de senhor X." Seus olhos estreitaram-se nos meus, e pela primeira vez nos últimos dez minutos, ele se mexeu na cadeira. "Eu fui um assassino e assessor de Tesarik por anos e eu nunca assumi um contrato de fora. No entanto, esta é uma questão pessoal para mim. Meu cliente é considerado ser o responsável por roubar oito-ponto-cinco milhões de Digilab."

"Foi ele?" Eu ainda não entendia qual era o meu papel nisso.

O Roman passou a língua pelos seus lábios quando colocou o charuto no cinzeiro ao lado dele. "Se ele fez, ou não, não é da minha conta. Os homens que mataram a sua família são os mesmos que procuram por ele. Os dois compartilham um inimigo comum, que é por isso que ele solicitou a sua libertação."

"Como você planeja esconder isto de Tesarik?" Eu olhei de volta para o guarda junto à porta. "Você não tem medo que o gigante lá vai contar?"

Roman ergueu o olhar para o homem, e ambos riram. "Eu matei o homem que Tesarik contratou para assassinar sua esposa

há alguns anos. Imrich preferiria engolir um copo de pregos enferrujados a juntar-se com Tesarik.”

Encostado contra a dura parede, o homem ergueu o queixo como se estivesse orgulhoso.

Voltando a minha atenção, olhei fixamente para Roman, tentando decidir o quanto da merda que ele falava era verdade. "Deixe-me ter certeza que entendi direito. Seu *cliente*, Senhor X, quer que eu roube um arquivo do líder de uma tortura pornográfica chamada Pasák."

“Está correto." Roman recuou em sua cadeira de couro. "Roubado do seu irmão, na noite em que sua família foi assassinada."

"Meu irmão?" O que parecia ser um conjunto de besteiras de repente ficou interessante. Como diabos tinha Reed sido apanhado em tal tempestade de merda? “O que te faz tão certo que há um arquivo? O que diabos está nele?"

"O arquivo contém informações muito sensíveis, incluindo o contato, que de outra forma é desconhecido, do meu cliente. Ele também contém a única cópia conhecida de um vídeo gravado há quase cinco anos. O vídeo apareceu no site Wonderland antes do seu irmão entrar no site. Isso, e uma série de arquivos, que tinham sido baixados por um hacker com o nome de usuário de Friendly Fire, que determinei que pertencesse a seu irmão. Este vídeo em particular contém algumas informações bastante incriminatórias sobre Senhor X, e Pasák ameaçou expô-las, se o dinheiro que foi roubado não for devolvido."

"Como você sabe que o vídeo existe? Como você tem certeza que este *Pasák* não está mentindo?”

"Porque ele descreveu alguns dos atos no vídeo, em detalhe. Considerando que a maioria dos homens que realizaram esses atos agora estão mortos, é um pouco suspeito."

“Você acabou de dizer que o vídeo tinha sido publicado no site. Talvez ele o viu lá. Quem o enviou?"

“Wonderland é um site que compartilha os arquivos. Acredita-se que tenham sido enviados por um membro do grupo Seven Mile que recentemente conheceu sua morte prematura. Curiosamente, o único endereço de IP listados nos downloads foi rastreado até o seu irmão.”

Jesus Cristo. Em que diabos tinha Reed se metido? "Quanto tempo até que Pasák exponha isso?"

"Ele não disse. É uma ameaça vazia no momento, já que eles não têm sequer certeza de que o meu cliente está vivo, embora eles estejam bastante convencidos de que ele roubou o dinheiro.”

"Por que eu? Você tem conexões. Assassinos profissionais.” Eu empurrei minha cabeça para Imrich já que ele era um deles. "Por que você não mata Pasák?"

"Eu mencionei, estou aposentado. Não sou exatamente um... qual é o termo americano... *jovem* atualmente. Confie em mim, você não foi a minha primeira escolha. Você foi escolhido pelo meu cliente. Escolhido a dedo.”

Escolhido a dedo? "Isso não faz sentido."

"Senhor X tem certo *apreço* por aqueles que sofreram grandes injustiças." Seu peito inchou, e ele soltou uma respiração afiada. "A partir de seus arquivos, fiquei sabendo, que você está um pouco imprudente — quer seja por ignorância ou doença, não consegui descobrir, mas você parece não ter medo de correr riscos. A maioria dos homens não iria assumir este trabalho. Não vou mentir Sr. Hawkins. Não há garantia de que você vai viver para recuperar esse arquivo."

“Então eu tenho que... o quê? Cadastrar-me para ser uma estrela da pornografia para a sua empresa de produção?"

Sua sobrancelha levantou. "Esperto. Mas não. Há um leilão chegando. A venda de uma mulher americana que se pensa ter sido sequestrada por homens de Pasák."

"Ele comanda algum site fodido e um anel de tráfico ao mesmo tempo?"

"Os leilões são transmitidos no site, e existem rumores dele estar presente neste leilão em particular. Como você tem um talento especial para entrar em lugares em que não devia, roubando coisas que não devia, você irá descobrir onde o leilão vai ocorrer e irá recuperar o arquivo de Pasák."

"Quando é o leilão?"

"Em cinco semanas a partir de hoje. Duas outras meninas estão sendo mantidas, também. Treinando."

"Treinadas para quê?"

"Escravidão. Tortura. Qualquer que seja o inferno que os homens que as compram queiram. Elas são colocadas através de exercícios de privação sensorial esgotantes. Drogadas, espancadas e quebradas. No momento, não está claro onde estão sendo mantidas, ou onde o leilão deverá ser realizado. Você terá de descobrir."

A corrente rangeu em meus pulsos quando enrolei as mãos em punhos. "E como diabos eu deveria encontrar este leilão, se você nem sequer sabe quem é Pasák?"

"Cada um dos membros do Seventh Circle têm uma tatuagem. Um círculo com um sete. Como aquele em seu antebraço."

Eu fiz uma careta, lembrando a tatuagem que tinha sido feita em mim, cerca de um mês atrás, enquanto ainda estava no interior das minas de sal. Na época, não me foi dada nenhuma explicação ou razão. Imaginei que fosse uma espécie de marca do Tesarik, uma marca para dizer que eu estava destinado à morte. Ou tortura. Eu não a tinha visto em qualquer um dos outros prisioneiros, então presumi que tinha sido sorteado para alguma coisa, e, por isso, tentei mantê-la escondida, tanto quanto possível. "Você tinha planejado isso há algum tempo."

Ele balançou a cabeça e levantou-se da cadeira, chegando a uma posição na frente de sua mesa. "Muitos dos vídeos colocados no Wonderland são filmados aqui em Detroit. A tatuagem é o seu cartão de chamadas. Um bilhete para ver o que quiser, quando quiser. Muitos dos membros de gangues, que também fazem parte do clube, usam a tatuagem. É o seu bilhete para o leilão. Atua como um meio silencioso de se comunicarem uns com os outros. Uma visualização da tatuagem, e qualquer um que esteja familiarizado com o Seventh Circle sabe o que significa. Desta forma, eles não são apanhados."

"E você colocou esta tatuagem de merda permanentemente no meu braço."

"Se você começar a fazer perguntas sem ela, vai estar morto dentro de dias."

“E este arquivo? Eu deveria... o quê? Procurar através das gavetas da cozinha do filho da puta e encontrá-lo? Ele pode ter um milhão de arquivos."

Sem um traço de diversão em seu rosto, ele disse: "Uma vez que você rastrear Pasák, irá recuperar o arquivo por qualquer meio necessário.”

Eu tinha a sensação de que havia mais neste trabalho do que uma simples retirada de um arquivo. "Nós não estamos apenas falando de roubo." Com um aceno de cabeça, minha mente rejeitou todos os pedaços da conversa até aquele ponto. "Não sou nenhum menino de recados, porra, para você e para os malditos fodidos da máfia. Eu não faço interrogatório, ou assassinatos.”

"Você fez algumas vezes. Trabalhando para os irmãos Bojanski. Departamento de *cobrança*?"

Droga. Que raio de história que o cara tem sobre mim para saber que eu tinha trabalhado para Bojanskis algumas vezes? Eram dois irmãos polacos conhecidos por seus métodos cruéis de dirigir os negócios, e com ligações que garantiram as suas merdas feitas, ninguém fodia com eles.

Eu comecei cedo, fazendo entregas para eles quando adolescente, até que Dax e eu arranjamos um trabalho, cobrando de alguns dos idiotas que tinha saltado um pagamento dos empréstimos que deviam aos irmãos. Dax tinha vivido nas ruas por um tempo, tinha se tornado muito hábil como lutador, e fiquei muito bom com uma arma. Frank Bojanski me apresentou para Wally, um de seus tios que tinha trabalhado como executor para os irmãos por anos, e ele me ensinou sobre evidências residuais, e a diferença entre o disparar para ferir e disparar para matar. Entre os punhos de Dax e minha lâmina de caça de aço preto, Black Betty, raramente tinha que puxar a minha peça, mas aconteceu de vez em quando.

"Eu não fiz essa merda por um longo tempo. Sou *aposentado*."

"Então, você não tem nenhum interesse em vingar o assassinato de sua família?"

Apertei os olhos.

"Eles estão associados com Pasák, e foi Pasák que ordenou o assassinato de sua família, o que faz de você o homem perfeito para este trabalho. É pessoal para você. Isso, e todo mundo acha que você está morto."

"Como você sabe tanto sobre o assassinato? Alguém realmente reportou o que aconteceu, ou foi tudo varrido para debaixo do tapete?" A raiva queimou dentro das minhas veias com o pensamento disso. Eu não tinha visto televisão em meses. Não tinha ideia do que aconteceu com a casa, ou com os restos da minha avó e irmão.

"A casa de sua avó foi queimada naquela noite. Receio que não havia mais nada além de cinzas e blocos de cimento. Quanto à forma como eu tomei conhecimento? Não há muito que eu não sei sobre você, Sr. Hawkins." Roman inclinou a cabeça. "O seu pai foi morto na prisão, depois de um assalto malsucedido que resultou na morte de um policial. Você esteve em explorações

urbanas extremas e ridículas façanhas que poderiam facilmente tê-lo matado." Ele bufou. "Você também é um ladrão, e segundo os registros do meu empregador, responsável por interceptar um grande carregamento de armas de fogo..."

"Que eram roubadas. Além disso, o pentelho que você contratou para o trabalho não poderia roubar um fodido saco de amendoins de um comissário de bordo. Estou surpreso de que ele chegou até onde chegou."

"Independentemente. Você também foi responsável por tráfico de drogas, desmontar carros, e demolir edifícios abandonados."

"Parabéns. Você sabe como usar o Google." Movi o queixo, ficando quieto quando ele relatou a minha vida criminosa que começou na tenra idade de doze anos, quando roubei um maço de cigarros para a minha mãe numa farmácia da esquina. Eu era um criminoso, tentando organizar minhas coisas e andar dentro da lei um dia. É difícil fazer isso com um cadastro como o meu, mas eu tinha um plano de negócios e algum dinheiro guardado, até a noite em que tudo desabou.

"Infelizmente, registros criminais, não fazem exatamente um impressionante curriculum vitae."

"O que você é, a porra de um padre querendo uma confissão? Sim, fiz algumas merdas."

"Para quem você estava trabalhando quando roubou as armas de Tesarik? Bojanskis?"

"Ninguém."

"Ninguém," ele repetiu. "Este crime foi cometido para a..."

"Puro entretenimento. Uma maneira de pacificar uma criança de rua bipolar que não tinha nada melhor para fazer." Eu zombei para o seu olhar impassível.

"Um moderno Robin Hood."

Eu era a coisa mais distante de Robin Hood. Pelo menos ele deu de volta para os pobres. Eu trocava a merda que roubava, por drogas ou dinheiro.

"Mais cedo, você disse que Tesarik pensa que eu estou morto. Por que ele acha isso? Porque os guardas me torturaram?"

"Porque eu estava encarregado de sua execução." Roman levantou uma sobrancelha e cruzou os braços sobre o peito. "Então, você pode apreciar o conflito de interesses. Eu disse que isso era pessoal."

"Eu aprecio isso, e você apenas vai me deixar ir depois. Só isso?"

"Só isso."

Balancei a cabeça. "Foda-se isso. Não vou jogar qualquer que seja esse jogo."

"Você gostaria que eu conseguisse as fotografias da carcaça queimada do seu irmão? Talvez você gostaria de ver o dano que um conjunto de soqueiras podem infligir na carne."

Raiva queimou nas minhas veias com a lembrança dos momentos finais do meu irmão. "O que você sabe disso?"

"Você ficaria surpreso com o que os homens tolos se gabam."

Ele ergueu uma chave e virou-se em direção a sua mesa, onde ele pegou em uma garrafa de água e outro objeto que provocou água na minha boca. Comida de verdade. Ele colocou os dois no chão, perto dos meus pés, antes de chegar às minhas costas e destrancar as algemas.

Ele finalmente me entregou a água e um sanduíche envolto em película aderente, e diabos se o meu estômago não rosnou no momento em que bateu nas palmas das minhas mãos coçando. O cheiro de carne salgada passava através da embalagem. Um sanduíche não iria me encher, mas era melhor do que o que me deram.

Roman voltou ao seu lugar e se inclinou para frente, observando enquanto avancei para a comida.

Um leão não poderia ter aberto aquela coisa mais rápido do que fiz, e mordi, perto de revirar os olhos como um homem possuído pelos sabores italianos de mortadela, provolone, e soppressata**.** Nem mesmo o sal avassalador que ainda revestia minha língua me impediu de saborear o gosto. Caramba, eu não tinha comido alimentos de verdade em quase um ano, apenas um guisado com uma substância que eu tive que desviar o olhar para empurra-lo para baixo.

"Então", disse Roman, invadindo o meu momento. "Você vai fazer o trabalho, ou Imrich aqui vai acompanhar o seu rabo de volta para as minas."

Mexi o meu queixo quando olhei para trás. Eu não confiava em ninguém. Ele manteve-me vivo quando deveria ter sido morto inúmeras de vezes. Terminei o sanduíche, empurrando a última mordida em minha boca, os olhos ainda fixos nele.

Como se sentisse o meu pensamento, perguntou: "Por que você deveria confiar em mim?" Ele deu de ombros e balançou a cabeça. "Você não pode. Mas não tem escolha."

"O que faz você pensar que pode confiar em mim?"

O sorriso no seu rosto enrugou suas cicatrizes. "Ah, Sr. Hawkins. Uma coisa que você e eu temos em comum é um fogo em nossa alma que queima de vingança. Você não pode escapar. É o que o manteve vivo durante os últimos onze meses."

"O que você ganha com isso?”

"O mesmo que você. Liberdade dos pesadelos que me mantêm acordado durante a noite." Seu olhar impassível me disse que ele não tinha planos de explicar mais do que isso. "Você vai receber um adiantamento significativo do seu pagamento e total preparação para o trabalho.”

"Pagamento?"

"Um milhão de dólares para recuperar o arquivo. Se você matar Pasák no processo, vai receber o dobro."

Dois milhões de dólares para matar o bastardo que supostamente foi responsável pelo assassinato da minha família?

Foda-se, sim, eu o farei.

"Como vai saber quando eu o matar?"

Seu rosto se contraiu, mas ele não sorriu. "Eu saberei."

Capítulo 5

Jase

Passei a mão sobre a jaqueta de couro preta, que tinha sido posta na cama para mim, ao lado do jeans escuro, um relógio, uma camiseta preta, um capuz preto sem mangas, semelhante ao que eu costumava usar, e novas botas pretas.

Ao lado da cama havia uma mala de rodinhas de médio porte.

Roman estava atrás de mim, fumando o seu charuto, ao lado de uma mulher pequena, com cabelo preto e olhos castanhos redondos, como algo de uma agência de modelos Europeia. "Meu cliente pediu que fosse completamente vestido antes de sua liberação para não haver perda de tempo," disse ele. "Eu acredito que os tamanhos estão corretos?"

"Sim," respondi. "Como você sabia?"

"Ania costumava ser uma costureira, antes de contratá-la como minha assistente." Com uma leve torção, ele olhou para a mulher ao seu lado que era cerca de 15 cm mais baixa do que ele. "Ela é muito hábil em estimar o tamanho de um homem."

Com isso, a mulher olhou de soslaio, seu olhar caindo para algum lugar no fecho da minha virilha.

"Você terá a oportunidade de tomar banho. Todos os produtos de higiene pessoal estão disponíveis no banheiro." Outro trago em seu charuto, e sua sobrancelha subiu. "Ania pode ajudar com isso, também, se você quiser."

Eu fiz uma careta, tentando descobrir se tinha acabado de ouvir bem. "Você quer eu foda com ela?"

Vermelho tingiu suas faces como um tom de humilhação.

"Quero que você afaste quaisquer distrações possíveis da sua mente agora."

Esfreguei minha mandíbula, olhando em seu corpo tenso, grandes seios e cintura fina. Aqueles longos cachos negros dela me fizeram lamber os lábios, enquanto imaginava agarra-los apertado.

Uma imagem do rosto rasgado do meu irmão, revestido em sangue, bateu no meu cérebro como um aviso para abortar a missão.

Para focar.

"Estou bem." Na verdade, eu gostava da perseguição. Nunca tive que devorar uma buceta entregue muito livremente. Preferia mulheres resolutas, as que me faziam trabalhar para a minha refeição.

Um pequeno movimento de suas sobrancelhas me disse que ela tinha tomado a rejeição como pessoal. Que pena. Eu não tinha tempo para ter o meu pau acariciado. Não quando o homem que assassinou a minha família ainda caminhava livre.

"Como quiser." A expressão imparcial de Roman me fez pensar se ele já fodeu com ela, caso contrário teria um caso ruim de bolas azuis, tendo ela seguindo o seu rabo, atrás de um homem como um cachorrinho perdido. "Nós vamos terminar os preparativos depois que tomar a ducha."

Os dois saíram do quarto, contudo Ania lançou um último olhar para trás para mim enquanto se arrastava atrás do Roman, sua bunda dentro da saia zombando de mim conforme ela se movia.

Após pegar a cueca preta que tinha sido deixada na cama, fui para o banheiro.

Como o resto da casa, o banheiro, era o mais luxuoso que já vi. Mármore castanho dourado compunha o chão e as escadas que levavam até onde a banheira jacuzzi foi colocada ao lado da janela

de imagem panorâmica. Um grande, chuveiro retangular, cercado por vidro transparente, ostentava equipamentos e jatos de bronze de todos os ângulos — muito diferente do concreto frio e água gelada que derramava de uma tubulação.

Calor aqueceu minhas costas, e olhei para cima, na direção de onde feixes de luz saiam como raios do sol, a partir de uma lâmpada do lado de fora do chuveiro. Deixando-os me envolverem, abri a porta do chuveiro, alcançando dentro e liguei a água.

Vapor instantaneamente revestiu o vidro, e não podia esperar para ser engolido pelo maldito calor e tê-lo penetrando até meus ossos que tinham ficado frios durante os últimos onze meses. Em questão de segundos, retirei as minhas roupas. Eu tinha acabado de entrar no cubículo, quando o clique da porta do banheiro me fez girar.

Ania parou à porta, segurando uma pilha de toalhas brancas macias, e seu olhar caiu para o meu pau exposto. "Sr. Hawkins, Roman me pediu para lhe trazer algumas toalhas."

Com os olhos estreitos, andei para o armário das toalhas ao lado da pia e abri as portas. Dentro estava completamente abastecido.

Um sorriso safado deslizou pelo seu rosto enquanto ela andou até mim e colocou as toalhas na pia. "Você me pegou espreitando. Meu erro." Seu forte sotaque, um pouco diferente do de Roman, fez a frase soar menos pervertida. "A verdade é que não aceito rejeição muito bem. Sei que você quer isso. Eu também."

Pequena briguenta. Pequena atrevida.

Ela desabotoou a blusa, revelando seios atrativos, sem sutiã, que devem ter sofrido alguma cirurgia plástica, por tão altos e duros que assentavam. Minhas mãos queimaram com a vontade de apertá-los. Uma vez que ela tirou o top, deslizou para fora da saia, colocando sua buceta nua em plena exibição para mim, e enfiou a mão no armário de toalhas. O objeto quadrado que ela

puxou de uma gaveta chutou meu sangue enquanto ela levava o preservativo entre os dentes como uma promessa.

Por mais que eu quisesse dizer não, meu pau falou por mim, então deixei-a tomar a minha mão e me levar para o chuveiro, onde ela entrou primeiro. Segui atrás dela e fechei a porta atrás de mim, com os olhos em seu corpo o tempo todo. Ela era um pouco mais magra do que eu normalmente gostava nas minhas mulheres, sem muitos músculos. Talvez já tenha sido modelo.

Borrifadas de água quente bateram nas minhas costas quando pisei debaixo da ducha, suavizando os meus músculos, enquanto a tensão se afastava. Antes que pudesse dizer, ou fazer alguma coisa, sua mão agarrou com pressão o meu pau, meu estômago apertou com o contato, e ela acariciou meu eixo, subindo e descendo, subindo e descendo. Eu não podia negar que era bom. Inferno, sentia-me fantástico por ter as mãos macias de uma mulher no meu corpo. Estive tanto tempo sem isso, perguntava-me se ainda era capaz de sentir alguma coisa.

Ela me acariciou para cima e para baixo, longamente, forçando-me a colocar as mãos contra a parede, com medo de que entrasse em colapso. Eu provavelmente não iria durar mais de dez minutos com a garota.

"Tão forte." Ela beijou meu ombro, enquanto a mão trabalhava abaixo. "Eu quero agradar você. O que você gostaria de fazer, bonito?”

Suas palavras me atingiram como um raio, e o mundo ao meu redor desvaneceu num apartamento escuro e sombrio com um colchão sujo no chão.

Minha mãe entra primeiro e acena para eu segui-la para dentro do quarto escuro. A mulher que atendeu a porta inclina-se contra a parede, olhando-me com um cigarro pendurado entre as pontas dos dedos. Ela deve estar na casa dos quarenta. Talvez cinquenta.

"Quinze minutos," diz minha mãe. "Onde está o dinheiro, porra?"

A estranha balança a cabeça. "Cadela que só pensa em crack." De dentro do seu sutiã, ela pegou uma nota de vinte dólares e deu outra tragada em seu fumo.

Sei que minha mãe tem um problema, e o intercâmbio entre elas me fez perguntar o que ela estava trocando pelo dinheiro para droga.

Com a cabeça inclinada para baixo, minha mãe deslizou por mim, como se para sair, e quando eu me virei para segui-la, ela virou, seu dedo pressionado no meu peito. "Você vai fazer tudo o que ela dizer, entendeu? Eu venho buscá-lo em quinze minutos."

Minha garganta ficou seca, no momento em que tudo se tornou claro. "Mãe?"

"Quinze minutos." Ela olha para o lado e sai pela porta.

"Mãe!" Eu atiro-me atrás dela, parando quando a porta bate em meu rosto. Meu coração bate no meu peito a um ritmo pouco natural de medo.

"Quantos anos você tem?"

A voz rouca da mulher vem de trás, mas não me incomodo em virar. Não posso olhar para ela. Não quero ver o seu rosto, então fecho os olhos. "Quatorze anos."

"Olhe para você." Sua respiração quente, cheirando a tabaco desliza nas minhas costas, e minha espinha se transforma em gelo. "Vai ser um conquistador, um dia, com todos esses músculos fortes." O aperto no meu bíceps se transformou em um longo carinho pelo meu braço, até que ela veio para a minha frente, e colocou a sua mão entre as minhas coxas. Meu estômago apertou, meu coração batendo mil vezes mais rápido. "Você vai ter que perder esse ato de garoto tímido, no entanto. Eu gosto disso áspero, querido."

Ácido brota na minha garganta, e levo o meu braço à minha boca para não vomitar por todo o seu chão.

Massageando a frente da minha calça jeans com uma mão, ela colocou um beijo na minha mandíbula que me fez afastar dela. "Então..." O som molhado de sua língua deslizando sobre os lábios revira o meu estômago. "O que você gostaria de fazer, bonito?"

Eu caio em minhas mãos e joelhos, e vômito sai da minha garganta, salpicando contra o meu rosto quando bate contra o seu piso de madeira.

Balancei a cabeça, saindo da memória, e dei um passo para trás de Ania. Durante anos, os pesadelos do meu passado tinham me atormentado, surgindo sem aviso e me puxando de volta para a merda. "Eu não posso. Sinto muito. Por favor, apenas vá."

Com as sobrancelhas curvadas, ela inclinou a cabeça. "Foi algo que eu disse?"

"Não acho que isso é uma boa ideia."

"Eu discordo."

"Eu sou... um pouco duro quando se trata de sexo." Era verdade. Ao longo dos anos, tinha desenvolvido uma afinidade para o sexo com uma borda – e por borda, eu quis dizer o jogo de ponta, especialmente com uma faca. Eu não cortava as mulheres, mas ocasionalmente deixava-as me cortar, e aconteceu de eu preferir sexo frio e duro sobre qualquer coisa suave. Meu peito subia e descia com respirações profundas, enquanto minha mente se esforçava para apagar a imagem da mulher mais velha ainda jogando atrás dos meus olhos. "Não um amante."

Seu sorriso astuto acelerou o meu pulso quando ela se virou. "Bom. Nem eu" ela se inclinou para frente, as pernas abertas, palmas das mãos contra a parede, e circulou sua bunda na minha frente, pronta e esperando. Para mim.

Passei a mão pelo meu rosto. "Por favor. Basta ir." Eu estive em um estado de sobrevivência por muito tempo. Não sabia como tocar uma mulher gentilmente. Minhas mãos tinham sido usadas para o trabalho duro e me defender, e temia que pudesse destruir algo tão delicado como a pele macia de uma mulher.

Afastei-me dela, deixando que a ducha da água batesse contra o meu peito. Com o clique da porta, mergulhei minha cabeça para as torrentes quentes pulsando através da torneira e agarrei meu pau duro. Raios. Entre os punhos quentes de água batendo contra meus músculos agredidos e cada puxada no meu pau, estava perto de cair de joelhos.

As feridas das minhas recentes torturas pareciam assobiar, acrescentando uma pitada de dor para o prazer de cada caricia. A tensão nos meus músculos diminuiu, e descansei minha cabeça contra o azulejo, deixando escapar um gemido tranquilo enquanto imagens de bundas de mulheres provocavam a minha mente.

Uma urgência puxou lá no fundo, enrolando baixo no meu estômago. Eu precisava gozar. Havia meses desde que tive tantos pensamentos de sexo. Eu estava tão consumido com vingança. Confinado ao silêncio e a resposta do meu corpo à dor e torturas que tinha sofrido nas mãos daqueles bastardos sádicos. Com a pressão construindo dentro de mim e o vapor da água quente aparecendo em torno de mim, enviando um brilho de suor escorrendo pelo meu rosto, eu bombardeava meu pau, desesperado pela libertação. Um formigamento subiu em minha coluna, e um flash de luz explodiu atrás dos meus olhos.

Tonturas tomaram conta do meu equilíbrio, enquanto esperma quente batia nos azulejos do chuveiro, e tropecei um passo para trás. Segurando-me com uma mão contra o vidro, balancei a cabeça.

Não é a libertação que eu desejava, mas era boa o suficiente.

****

Uma vez que tinha terminado de me limpar, vesti-me rapidamente, e encontrei Roman e Ania ao pé da escada, enquanto descia com a mala de rodas.

"Sentindo-se melhor?" Perguntou Roman, e meu olhar deslizou para Ania, que brincava com o punho de sua manga, olhos baixos como um cachorrinho abandonado.

Eu parei na frente deles e coloquei a mala no chão. "Muito melhor."

Ele entregou-me um pedaço de papel que continha uma série de números. "Eu configurei uma conta com um adiantamento do seu pagamento. São fundos mais que suficientes para suas despesas. Depois que o arquivo for recuperado, a conta vai refletir o pagamento integral."

Enfiei a nota no bolso da minha calça jeans e estendi a palma da mão, quando ele me entregou um conjunto de chaves.

"Sei que você é um fanático por carro. Espero que você considere o veículo dentro dos seus padrões."

Eu conduzia um pedaço de merda desgastado antes de ser enviado para as minas. Enquanto não fosse um Caddy cor de rosa, com dados de tecido pendurados no espelho retrovisor, ficarei feliz. "Com certeza."

"Sua mala inclui roupa extra, um computador, telefones descartáveis, algumas informações que você pode achar úteis, e uma identidade falsa, no caso de precisar dela." No painel atrás dele, pegou um envelope de papel pardo e entregou para mim. "É para você enviar este pacote na quarta-feira, em três semanas a partir de agora. Não mais tarde. Não mais cedo. Entendeu?" Com meu aceno de cabeça, ele continuou, "Quando você recuperar o arquivo, encontrará instruções dentro da sua mala para o que fazer com ele."

O envelope tinha sido endereçado a Matt Burke do departamento da polícia de Detroit, olhei no local onde foi escrito o endereço do remetente quando o enfiei debaixo do braço. "Entendi."

"Então, este é o lugar onde nos separamos. Não volte a este lugar, a menos que você tenha o arquivo, ou será morto quando for visto. Não tente me encontrar, porque não vai conseguir. Por outro

lado, estarei te observando. De perto. Você tem cinco semanas para cumprir a sua obrigação."

"E se eu não fizer?"

"Você passa a ser procurado." Colocando um charuto entre os dentes, ele estendeu a mão para mim, e apertei-a. "A mala contém detalhes sobre um dos homens que invadiram a casa de sua avó. Recomendo que você comece com ele."

Com a mala de viagem na mão, passo por Roman e Ania para a porta da frente, uma sensação estranha rastejando sobre mim quando a abro e dou o primeiro passo para fora – para a liberdade. Pela primeira vez em onze meses, estava livre de amarras, livre do frio penetrando meus ossos, livre da escuridão que tinha me sufocado na solitária.

Livre.

Descendo a escada de pedra, meu queixo caiu quando olhei o Camaro 1969 SS maleficent-black com spoiller traseiro, cowl hood e uma bela grade de rally cromada, estacionado na entrada.

Foda-me.

Subi no assento do condutor, todo o interior de couro preto, colocando a mala e envelope no chão do lado do passageiro. Depois passei a mão ao longo do painel de controle, fiz questão de tocar tudo – o câmbio de marcha, o couro do banco do passageiro. Ajustei o espelho retrovisor para cima, então pude ver pela janela de trás, em seguida, enrolei os dedos em torno do volante, inalando o cheiro no veículo de couro envelhecido.

Liguei a ignição e aumentou a minha emoção em conduzir, quando o motor rugiu para a vida e trovejou com poder.

Cinco semanas para localizar o arquivo.

Cinco semanas para caçar os homens que destruíram minha vida.

Cinco semanas para conseguir a minha vingança.

Eu pisei no acelerador e girei para fora da entrada.

****

Eu digitei o código para o armazém, e depois de esperar enquanto o portão se abria bem devagar, dirigi-me para a unidade registrada sob meu nome de usuário do Aperture, Warhawk.

Mantendo os faróis acesos, saí do veículo contornando-o para frente do armazém, e coloquei o código da fechadura. Como as unidades se mantinham sem serem arrombadas era um mistério. Qualquer ladrão semi-decente poderia ter descoberto o código das fechaduras das portas, mas, novamente, os arredores em ruínas, provavelmente, lhes diziam que não iriam encontrar nada nestas unidades.

A porta deslizou para cima, e nostalgia atingiu como um martelo o meu cérebro, quando coloquei o olhar sobre as armas roubadas, munições, peças de computador, fogos de artifício, imagens de bandas que eram do meu pai, uma mesa, alto-falantes e um sistema de som, prateleiras cheias de material de transporte, e as caixas empilhadas até a parte de trás. Passei por cima dos cabos que serpenteavam pelo chão, caminhando para as caixas, e coloquei a primeira para baixo. No interior, estavam as máscaras que Dax, Reed e eu costumávamos usar quando fazíamos exploração urbana — máscaras de meio crânio pretas com olhos de malha, que tínhamos usado quando jogávamos Airsoft[10]. As mesmas máscaras que usamos na noite em que roubamos as armas.

Ao lado das caixas, armas Airsoft foram empilhadas numa variedade de estilos, incluindo o AR15, que não parece muito diferente da verdadeira, além da extensão do tambor laranja. Eu inclinei minha cabeça para ler os rótulos da caixa, escrito em

[10] É um jogo onde os jogadores participam em simulações policiais, militares ou de mera recreação com armas de pressão que atiram projéteis plásticos não letais, utilizando-se frequentemente tácticas militares.

caneta preta, e quando levantei uma, uma luz branca me chamou a atenção. Com a caixa ainda apoiada, inclinei-me para frente e levantei um pacote que tinha sido empurrado contra a parede.

O envelope grosso, branco, com cerca de dez-por-dezesseis, tinha sido selado. Eu rasguei e enfiei a mão dentro e puxei um cartão SD de suas profundezas.

Tínhamos uma tonelada de cartões de merda espalhados ao redor para as imagens que tínhamos processado, por isso o que fazia este tão especial estava além de mim.

Sem nada para o ler, enfiei-o no bolso e busquei através de outra caixa, até que finalmente encontrei o que estava procurando. Revestida por um coldre cinza estava a minha faca de caça preta, de aço carbono, gancho de estripar. Anos atrás tinha a chamado de Black Betty, em honra a uma cadela irritada que morava na mesma rua que eu no parque de caravanas onde cresci. Maria me de presente há um tempo, depois de eu ter tropeçado no ecstasy e acabado na delegacia por ter ficado agressivo com um segurança do clube. A lâmina foi gravada com: *A fome não conhece melhor amigo do que aquele que a sacia*, uma citação de Aristófanes. No começo pensei que era um presente estranho para alguém recém-saído da reabilitação, mas mais tarde aprendi o que a citação significava e parei de usar a merda.

Coloquei o coldre na minha cintura, prendi-o de forma que coubesse duas facas dentro, e continuei vasculhando as caixas. Na terceira caixa, encontrei uma foto da minha avó, meu irmão e eu, apenas alguns meses antes da invasão.

Passei o polegar sobre o rosto de Maria, afastando uma pequena partícula de poeira que escondia o seu sorriso. No início, quando fui viver com ela, depois de nossa mãe perder a guarda de Reed e eu, lembro-me de sentar em sua pequena cozinha, o cheiro do seu molho de macarrão especial fervendo no fogão, e o sorriso brilhante dela, dizendo-me que nunca passaria fome novamente. Que ninguém jamais iria machucar Reed e eu novamente.

Não poderia dizer que Reed parecia feliz em qualquer das suas fotos. Não que eu parecia particularmente feliz da vida, ou qualquer coisa, mas a expressão de Reed sempre parecia carregar as sombras do nosso passado. De alguma forma, ele manteve-as mais do que eu, em seus olhos escuros e solenes.

Maria costumava dizer que ele tinha perdido sua fé em Deus. A única coisa que Reed acreditava era em tudo o que podia colocar em um cachimbo e fumar. Não que ele era viciado em drogas, tanto quanto na sua destruição gradual. Às vezes, eu me perguntava se Deus tinha perdido sua fé em mim e meu irmão.

Um padre da minha juventude uma vez me perguntou se eu acreditava em Deus. Às vezes, acho que acreditava, mas quando olhava para a cruz com tinta no meu antebraço, não sabia no que eu acreditava mais.

Após colocar a foto no meu bolso, tirei outra da caixa, uma apenas de Reed e eu. Eu só devia ter dez anos, que colocava Reed com seis. Ele ficou ao meu lado, ainda brilhante com inocência, ainda não tocado pela escuridão que iria segui-lo para a sepultura. Bastava olhar para ele que sentia a dor de uma facada no meu coração. Meu braço estava ao redor de seus ombros, e apenas as pontas de seus dedos pequenos podiam ser vistas enroladas em volta da minha cintura. O meu melhor amigo desde o dia em que ele nasceu. Lembro-me de implorar para minha mãe me deixar segurá-lo. Nas noites em que ele ficava chorando de fome, eu acordava e esgueirava-me para o lado do seu berço, acariciando seu rosto através das grades. Eu tinha jurado protegê-lo. Tinha prometido que, apesar das circunstâncias injustas em que ele nasceu nunca iria deixá-lo andar sozinho.

No final, falhei com ele.

Coloquei a foto para baixo. A partir da mesma pilha, outra imagem mostrou Reed, Dax e eu, sentados com as pernas balançando sobre a beirada na escada de incêndio de Broderick Tower, olhando para a escadaria torcida que parecia ir para o infinito. Um amigo de Reed, Sean, tinha nos acompanhado naquele

dia e tirou a foto num ângulo que parecia que estávamos em pé no parapeito, pairando sobre uma espiral descendente que nunca termina. Sempre achei que era uma foto legal.

A terceira imagem era uma foto da cabeça de Reed em preto e branco ao lado de uma janela, mão à boca, enquanto fumava um baseado. Na parte de trás do seu antebraço, uma tatuagem que eu nunca notei que ele tinha tatuado ao lado de três crânios meio idiotas, cada um com um lenço cobrindo os olhos, ouvidos ou boca.

Puxando para trás minha manga, olhei para a mesma tatuagem no meu pulso. A única que Roman tinha tatuado lá.

Por que diabos Reed a fez?

Meu irmão sempre foi um pouco fodido quando se tratava de mulheres. Parecia preferir as cadelas loucas, que aceitavam um pouco da merda de mutilação que ele gostava que lhe fizessem. Uma merda que ia bem além do meu desejo de ser cortado de vez em quando, por isso foi uma surpresa quando ele começou a namorar a irmã adotiva mais nova de Dax, Olivia, — ou Livvie, como nós a chamávamos. Reed tinha a conhecido no The Ladder, um programa de apoio à juventude que a nossa assistente social tinha recomendado para ele quando viemos morar com Maria. O lugar era dirigido por David Kelley, um cara muito descontraído com uma abordagem igualmente descontraída para lidar com crianças que tinham passados muito fodidos. O cara era bem razoável, nunca deu ao Reed muita merda, nem mesmo quando ele terminou na desintoxicação ou ignorou reuniões.

Foi por meio do programa, enquanto levava e buscava Reed de seus tratamentos, que conheci Dax, um ex-menino do The Ladder que levava frequentemente Livvie às suas sessões. Eventualmente, nós quatro começamos a ir juntos, o que por sua vez, levou Reed a ir com mais frequência. Ele rapidamente se tornou protetor de Livvie, uma vez bateu muito em um garoto que a chamou de cadela provocadora.

Então de repente, os dois se separaram. Poucos dias depois, seu corpo foi encontrado jogado em um buraco de merda abandonado. A polícia havia interrogado Reed, me interrogou, mas foi David Kelley que comprovou a sua inocência, e quando nenhuma evidência poderia ligar Reed ao crime, ele foi removido da fodida lista do departamento de polícia.

Reed tinha caído em uma espiral descendente depois disso. Ignorou seus tratamentos e passou a maior parte dos seus dias dopado com qualquer que fosse o inferno que ele poderia encontrar.

Enquanto estudava a tatuagem em seu braço, porém, pela primeira vez, eu me perguntava se ele *tinha* desempenhado um papel em sua morte.

Pelo que sabia do meu irmão, ele nunca torturaria ou estupraria uma menina. No entanto, ele carregava a marca de indivíduos que faziam exatamente isso.

Eu precisava saber mais sobre a tatuagem.

Na saída do armazém, peguei alguns rifles extras, revistas e balas soltas, e fui para o carro.

A primeira coisa que precisava fazer era encontrar um lugar para ficar.

Segunda coisa: encontrar um pouco de uísque.

Capítulo 6

Lucy

Quando tinha sete anos, minha mãe disse que havia demônios camuflados como anjos, e que devia aprender a ver além de suas máscaras. Quinze anos mais tarde, porém, e eu ainda poderia ser enganada.

A parte mais assustadora sobre trabalhar num clube subterrâneo como o Sphinx, é que se alguma coisa acontecesse ninguém jamais iria encontrar o corpo. Era um daqueles lugares que de alguma forma ficava fora do radar, atendendo a uma multidão específica que estava virada para o que nomeei de *pornografia obscura*, uma espécie de sensação obscura para os clubes de strip habituais. O fato de ser localizado nos arredores do centro da cidade, junto a um bairro decadente da cidade, apenas parecia adicionar obscuridade ao lugar.

Dois dias haviam se passado desde a sessão do Matadouro, e embora eu quisesse pular mais uma noite de trabalho e ficar na cama o dia todo, como fiz nos últimos dois dias, não podia passar mais tempo fora. Cheguei à conclusão de que os homens que tinham me perseguido não sabiam quem eles estavam procurando, e minha melhor opção era me manter quieta. O que era muito fácil para mim, desde que normalmente trabalho nos bastidores. Eu não teria me preocupado em vir para o clube, exceto que Viktor sempre me pagava em dinheiro no final de nossas reuniões, e ele me pediu para vir para lhe dar algumas ideias para o próximo vídeo promocional.

Esperançosamente, o contato de Craig ia ajudar a capturar os assassinos.

O policial também. Eu poderia muito bem encontrar um imbecil como esse no Sphinx.

Neste ano que trabalhei para o clube, aprendi com as strippers que apenas um punhado de policiais vinham aqui, e a maioria deles eram corruptos – roubavam com as strippers na parte de trás, ou apertavam a mão de traficantes conhecidos que frequentemente se juntavam. Bons e respeitáveis, era o que Viktor esperava que todos os seus clientes fossem, mas eu com certeza não queria encontrar com um dos bastardos num beco escuro. Ou numa fábrica abandonada.

O sinistro eco crepuscular de *High For This do* The Weekend zumbia no fundo. Era apropriado para um clube como o Sphinx, onde um fino véu de devassidão pairava no ar.

Após o acidente vascular cerebral da minha mãe, eu precisava de dinheiro. Muito. Trabalhar no Sphinx passou de um caso ocasional que fiz para ajudar o namorado de uma amiga, a necessidade, pelo menos uma vez por semana, ou mais, se o clube tivesse um grande evento chegando.

Sentei-me no bar bebendo uma Coca-Cola, enquanto esperava pelo Viktor, chefão do clube, para me acompanhar até o seu escritório. Atrás de mim, duas pequenas plataformas seguravam um monitor de tela fina, branca, de tecido, sobre a qual as silhuetas negras de mulheres nuas dançavam lentamente, com hipnotizantes movimentos e balanços. Ocasionalmente, elas tocavam a tela, e a sombra negra virava sangue vermelho, dando uma aura *psico* escura.

Falta um mês para o Dia das Bruxas, e as coisas já tinham começado a ficar assustadoras.

Um toque no meu ombro me fez girar para encontrar Viktor, num terno de três peças, com seu cabelo preto penteado para trás, apoiando-se contra o balcão ao meu lado. "Venha comigo."

Graças a Deus. Eu estava com pouco dinheiro, teria que arrumar uma desculpa para não pagar a conta de luz. Além disso,

eu precisava de algo criativo para distrair minha mente das imagens das partes do corpo da mulher sendo despejadas.

Segui atrás dele para dentro do elevador. Viktor tinha uma aparência toda profissional, mas no fundo havia um ar sombrio, um caráter asqueroso que eu não confiava. Já vi sua mão deslizar para baixo nas bundas de algumas das meninas como se fosse o dono delas.

Não eu. Ninguém é meu dono. Mesmo que ele me pagasse por debaixo da mesa, não sou propriedade de ninguém.

O elevador se abriu para um corredor de escritórios, onde Viktor se escondia nas raras ocasiões em que ele realmente trabalhava no clube. No final do corredor, parei atrás dele, endireitando a minha camiseta, recordando que em breve estaria sozinha com ele no seu escritório. Eu gostava de manter tudo profissional, sem flertar, por isso fazia questão de me vestir casualmente a cada vez que vinha ao clube.

Apenas duas outras meninas já tinham visto o interior do seu escritório, além de mim. Minha melhor amiga, Jolana, que trabalhava aqui como stripper por volta de dois anos e que passou a trepar com ele, e Talena, que era uma espécie de mestra para todas as dançarinas, e à mercê de sua autoridade.

Pelo menos eu tinha a opção de selecionar e escolher os trabalhos que tomaria, o que limitava o meu tempo sozinha com ele.

Ele abriu a porta, e meus olhos se lançaram à esquerda, em direção a um homem deitado no sofá no canto, ao lado da mesa de Viktor. Conall, um dos Viktors... Bem, realmente não sei o que diabos ele era para Viktor. Baixo, loiro, musculoso e coberto de tatuagens, ele me fazia lembrar um lutador de MMA, a forma como ele se portava, com uma cicatriz desprezível branca e longa que parecia como se alguém tivesse tentado esticar o seu sorriso, ou algo assim — se o homem sequer sorrisse. A visão daquilo me fazia perguntar se uma vítima havia a colocado ali. Ele não me parecia

um deles. Na verdade, o cara era completamente irritante, sempre olhando, em silêncio, como se traçando seu próximo assassinato. Tomei meu assento no lado oposto da cadeira de Viktor, onde o computador já tinha sido ligado, com o corpo ereto, as mãos no colo, tornozelos cruzados. Estar no mesmo espaço que os dois homens faziam os meus nervos tensionarem e meus polegares esfregarem contra cada um dos meus dedos e vice-versa. *Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete e oito*. A minha mente contava cada círculo.

Como se sentindo meu desconforto, Viktor estalou os dedos na direção de Conall. "Dê-nos um pouco de privacidade."

Os olhos do loiro se contraíram quando ele olhou para mim do seu canto, mas levantou-se do sofá e saiu do escritório sem uma palavra.

"Como você sabe, o Dia das Bruxas está a algumas semanas de distância, e isso tende a ser uma grande época do ano para o clube." As palavras de Viktor me deram um tapa em linha reta para voltar aos negócios. "Quero algo sombrio e sexy." Ele disse, e andou em volta da mesa até a sua cadeira, onde caiu para trás e chutou os pés para cima. "Pensei em sexo e sangue."

"Sexo e sangue", repeti, arregalando os olhos quando abri o Photoshop. *Estranho*. Jolana tinha lhe dito que eu era uma fotógrafa muito hábil em Photoshop, então ele me colocou no comando dos seus eventos de marketing. "Isso é... pervertido."

"O que exatamente vem à mente quando você pensa na Devils Night?"

"Não é Halloween?"

"Devils Night."

O que me veio à mente foi o brutal assassinato da minha melhor amiga, que foi atacada na Devils Night, quando membros da gangue invadiram a sua casa. "Hum. Coisas ruins. Eu acho."

"Coisas ruins." Ele parecia pensativo. "Sim. Coisas muito ruins." Seus lábios se curvaram num sorriso malicioso. "Que tal, *venha fazer coisas muito ruins na Devils Night?*"

Original. Limpei a garganta para evitar revirar os olhos. "Coisas ruins. Devils Night. Entendi."

"Ainda quero sangue e sexo." Ele parecia morder o interior do seu lábio. "Eles complementam-se bem, você não acha?"

Ugh. Viktor parecia ser um daqueles caras que mal caminhava sobre a linha do consentimento quando se tratava de sexo, e aquele comentário trouxe à minha mente as marcas que muitas vezes vi nas costas e coxas da Jolana. Ela disse que estava tudo em jogo, mas o cara sempre me deixou sentindo como se precisasse lavar o meu cérebro com lixívia depois de rever ideias e criatividade com ele. Não que eu era uma puritana, por qualquer meio, mas Viktor apenas me parecia um sádico muito entusiasmado.

"Eu posso fazer sangue e sexo."

"Adoraria ver isso." Quando ele se levantou da cadeira, os cabelos se arrepiaram na parte de trás do meu pescoço. Mantive o olhar colado ao monitor me impedindo de olhar fixamente para sua virilha, que ele posicionou logo à esquerda de mim. Eu odiava quando os homens usavam seus paus para intimidar e o instinto me pedia para lançar em resposta um punho e um soco. "Já pensou em ir para o palco cinquenta e dois?"

Para o clube, eu era cinquenta e dois. Um número. Uma ninguém. E preferia que fosse assim. Mesmo que Viktor soubesse meu nome verdadeiro, ele praticamente se referia a mim como o número. Talvez isso me fizesse menos humana aos seus olhos.

As pontas dos seus dedos caíram no meu ombro, endurecendo os meus músculos, e fazendo meus dedos se apertarem por conta própria enquanto me imaginava segurando suas bolas e olhando-o se dobrando de dor. "Aposto que você está escondendo um inferno de um corpo sob todas essas roupas."

"Eu não..." meu argumento foi interrompido pelo zumbido do seu telefone no seu cinto.

"Desculpe", disse ele, dando um passo para o corredor.

Soltei um suspiro e ajustei o tamanho da imagem do modelo para os folhetos. Já tive homens se atirando em mim antes, e Viktor parecia um cavalheiro em comparação com os idiotas que encontrei lá em baixo, mas algo sobre ele apenas me incomodava. Era como assistir a um filme e saber qual é o bandido desde o início. Toda a sua personalidade apenas gritava 'homem mau'.

Do lado de fora, seus resmungos tranquilos se transformaram numa voz mais firme e apesar de tentar ouvir, tudo que peguei era uma firme vibração da sua voz através da porta.

A porta clicou e limpei minha garganta, acrescentando o texto para o folheto. A coisa boa sobre fazer coisas secundárias — normalmente conseguia fofocas. Viktor aparentemente não me considerava uma grande ameaça, já que ele tão facilmente levava a cabo negócios enquanto eu trabalhava em sua frente. A chamada deve ter sido algo realmente suculento para ele ir para o corredor, no entanto.

"Como está o andamento do panfleto?" Sua voz precede o seu corpo se aproximando.

"Ficará bom. Devo terminar nos próximos trinta minutos."

"Eu poderia facilmente pagar alguém para fazer isto, cinquenta e dois. Você sabe por que escolhi você?"

Balancei a cabeça, baixando as mãos do teclado, preparando-me para partir em minha defesa.

"Eu gosto de ver você trabalhar." Ele caiu para trás em sua cadeira, as pernas completamente abertas, e tive que me lembrar de não vomitar. "Sua respiração, a lenta e constante subida e queda do seu peito quando você trabalha. A sua concentração. O que esse seu grande cérebro deve estar pensando enquanto você percorre essas imagens, *arrebatando* esses panfletos."

“Jolana... ela é a inteligente. Estudante de medicina?" Uma explosão de risos falsos voa do meu peito. "Tem o cérebro muito maior do que eu."

"Jolana é inteligente. Mas sou atraído pela criatividade. Nunca se colocou do outro lado da lente, Lucy?”

Ugh. O som do meu nome em seus lábios estava errado. Simplesmente errado.

"Não, se puder evitar, não." Era verdade. Eu sempre odiei ser fotografada, tinha uma timidez que me fazia postar fotos dos meus sapatos, ou do pescoço para baixo, nas minhas fotos do Aperture.

"Você devia, em algum momento. Na verdade, acho que você seria talentosa na frente da câmera."

“Obrigada, Viktor, mas...”

“Sempre tão educada. Tão adequada."

Outro zumbido do seu telefone quebrou a conversa estranha que parecia estar rolando morro abaixo como um vagão solto sem uma roda. "Sim," ele respondeu.

A voz de Talena podia ser ouvida do outro lado da mesa, quando dirigi minha atenção de volta para a tela.

"Chama a trinta e oito." Ele fez uma pausa. "Quarenta e seis?" Outra longa pausa. "Cinquenta?"

Eu não gostava da maneira como os números foram se aproximando rapidamente do meu e quando o olhar dele se fixou em mim, meu estômago lançou-se em queda.

"Vou te ligar." Ele desligou o telefone e sentou-se em silêncio por um momento, cruzando os dedos. "Cinquenta e dois"

"Eu não posso. Sinto muito. Eu só não...” *não faço strip.*

“Veremos. Estou em apuros. Uma das minhas meninas teve uma overdose e passou a noite na urgência. Uma está viajando pelo país, e outra não pode arrumar uma merda de babá para o pirralho dela." Ele lambeu os lábios. "O que pago por esses projetos?"

"Viktor..."

"Por favor, responda à pergunta."

"Cem. Você me paga cem dólares."

"Em questão de trinta minutos. Você poderia fazer quinhentos esta noite."

Quinhentos? De maneira nenhuma as meninas faziam tanto assim. No momento em que pagavam para o DJ, o segurança, todas as taxas da casa, elas saiam com cerca de duas centenas, no máximo.

"Você estaria me ajudando a sair de uma situação difícil. Vou igualar ao que você fizer em dinheiro. Nenhuma taxa da casa."

Puta merda. Eu poderia usar o dinheiro. Quinhentos dólares poderiam fazer um inferno de uma semana. De macarrão Ramen a gourmet chinês de viagem. As meninas me odiariam se soubessem que ele me pagou isso. Jolana provavelmente iria ficar uma cadela comigo, me acusando de foder o seu homem, ou algo insano. "É uma oferta agradável, mas..."

"Seria nosso segredo. Ninguém saberia. Eu prometo." Ele juntou os dedos. "Olha, sei que você é uma estudante. Jolana me disse isso."

A lembrança de que eu *não era* um estudante me fez encolher no meu lugar.

"Você tem a sua reputação. A sua identidade." Sua cabeça inclinada próxima a mim não puxou os meus olhos de onde intencionalmente os mantinha colados à tela do computador. "Ninguém irá sabe que é você por trás da máscara. Você ficaria completamente anônima."

Jolana já tentou que eu fizesse strip durante meses. Tinha certeza que ela adoraria saber que cedi ao pedido do seu namorado.

"Sinto muito, eu não posso."

"Que tal algumas lap dance. Não seria diferente do que moer com algum idiota no clube. O mesmo acordo se aplica. O que quer que você faça em gorjetas, vou dobrar."

Foda-se, precisava do dinheiro. Talvez eu descobrisse alguma coisa sobre esse grupo Seventh Circle. Um cara tinha uma tendência para falar quando uma menina balançava em sua virilha, — pelo menos foi o que Jolana muitas vezes me disse. Eu poderia ficar fora do radar, uma vez que o código de vestimenta incluía uma louca máscara de esfinge negra que todos os funcionários usavam, além da tonelada de merda de maquiagem, nome falso e grande cabelo que faria quase irreconhecível a imagem da estudante caseira, presumindo que os homens que tinham me perseguido tivessem me encontrado. A todas nós foram atribuídos números no contrato pelo departamento de tecnologia do clube, também, então uma busca não iria mostrar nada do meu histórico de trabalho aqui. Eu estava completamente anônima. "Só desta vez?"

"Só desta vez."

Não queria dançar. Não queria estar no clube, afinal. Eu queria dizer ao Viktor que tinha problemas de senhora então ele recuaria, e poderia sofrer o ciclo interminável de ter visto um corpo sendo jogado em um buraco, mas passei a maior parte da semana me preocupando com o aluguel. "Eu vou fazer isso." Meus ombros caíram decepcionados do que tinha desistido por dinheiro. Minha mãe teria me matado, sua única filha. Aquela que era para ir e fazer grandes coisas com um diploma universitário brilhante e um trabalho bem remunerado.

Essa era a coisa sobre a família, por vezes, no entanto. Quando merda acontecia, poderia enviar uma pessoa em espiral no abismo de sonhos perdidos.

"Fantástico. Talena irá ajudá-la." Os lábios de Viktor abriram em um sorriso torto, e ele estendeu a mão para apertar a minha mão como sempre fazia depois de nossas transações comerciais.

Olhei para um flash de tinta no seu pulso.

A tatuagem do sete com um círculo.

Merda.

Capítulo 7

Jase

Através da janela do Camaro coloquei minha atenção no bastardo encorpado andando para o clube como se não tivesse nenhuma merda de preocupação no mundo. Meu sangue endureceu com a tranquila arrogância e o aperto de mão sutil que ele deu ao segurança quando entrou.

Tive a sensação de me lembrar do imbecil.

Larry Peepshow McBryant.

De acordo com o arquivo que Roman me deu, ele realizou uma série de golpes e muitas vezes trabalhou ao lado de membros do grupo Seven Mile. Seu apelido derivava do seu status de cliente frequente nos clubes de strip e um peepshow[11] velho em Gratiot. A maioria dos peepshows fecharam exceto os que tiveram os direitos adquiridos antes das leis de zoneamento acabarem no início dos anos setenta. Fui ao de Gratiot uma vez quando tinha dezoito anos. Pensei que seria legal, até que um cara mais velho se sentou ao meu lado e colocou o seu pau para fora. Nunca fui novamente. Além disso, qualquer um poderia achar essa merda de graça na internet hoje em dia.

O sinal de néon acima da antiga empresa Wayne Foundry Stamping, uma fábrica que foi abandonada anos antes de ter sido reformada para um clube, brilhava 'Sphinx' ao lado de uma morena curvilínea com uma cauda e uma máscara de gato. Black Betty estava em meu quadril, juntamente com a minha Glock, escondida

[11] É uma exibição de fotografias, objetos ou pessoas visualizadas através de um pequeno furo ou lupa

debaixo da minha camiseta e jaqueta de couro. Eu mantive minhas roupas relativamente casuais, tentando evitar o aspeto de Exterminador do Futuro e chamar a atenção para mim, em vez disso optei por algo mais suburbano com um boné, camiseta preta e jeans escuros. Deslizando para fora do assento do passageiro, puxei o boné para baixo para esconder meus olhos, e fui para a entrada do clube.

Nem mesmo coloquei a mão na maçaneta da porta, e o dedo do porteiro pressionou no meu peito, pressionando meus músculos.

"Onde você acha que vai, idiota?" O cara tinha talvez 23 quilos a mais do que eu e se parecia com o motociclista do The Village People, com o seu grosso bigode e casaco de couro.

A tensão cresceu dentro de mim, e estava pronto para estourar, mas sua mão virou, com a palma para cima, e meu temperamento dissipou.

Dei-lhe cinquenta, tentado pela necessidade de colocar um buraco em seu sorriso maroto de merda, quando ele colocou o dinheiro no bolso de trás e abriu a porta para mim.

A escura entrada do prédio engoliu-me em escuridão, e segui o som da batida, até que um flash de luz acabou com a cegueira momentânea e mostrou um pouco da entrada do piso principal, que estava cheia de homens.

Mulheres dançavam lenta e eroticamente no palco atrás de telas brancas. O flash de vermelho parecia sangue e mexeu com os meus sentidos, enquanto suas silhuetas balançavam como sombras na parede. Entre a música e efeitos visuais, eu caí em sobrecarga sensorial e quase esqueci o que vim fazer aqui.

Meu olhar passou sobre a multidão e caiu sobre o bastardo com chapéu de feltro, sentado em uma mesa com duas meninas. Um olhar para a minha esquerda mostrou uma pequena e vazia mesa, e sentei nela, tirando o boné, enquanto mantive meu olhar travado.

Um torso nu que terminava em uma saia curta bloqueou minha visão. "Posso pegar alguma coisa para você, querido?"

Com a cabeça baixa, respondi, "Uísque."

"Entendi. Quer companhia, docinho?" Ela estalou o chiclete e acenou ao meu redor. "Posso chamar uma amiga, ou duas, aqui."

Queria que ela caísse fora do meu caminho. Isso é o que eu queria. "Não. Obrigado."

Quando o seu traseiro saiu da minha linha de visão, um acorde de guitarra atingiu os alto-falantes, e as luzes piscaram circulando o público antes de parar no palco.

A música acalmou. "Nós temos um deleite para você hoje à noite!" A voz do DJ bateu contra os meus tímpanos.

Uma guitarra saiu do alto-falante, para a melancólica *You've Seen The Butcher* dos Deftones, e mudei meu foco de volta para o Peepshow, cujo olhar estava fixo no palco enquanto o filho da puta estava prestes a divulgar o sabor do mês no Dairy Queen.

Dois minutos depois, Peepshow apontou para que a menina ao lado se movesse, como se ele de repente tivesse que mijar, ou algo assim, e deslizei para a beirada da mesa, preparando-me para segui-lo.

Puxando o capuz sobre o boné, levantei-me e caminhei através do clube, tendo cuidado para que nenhuma das luzes batesse no meu rosto.

"Um shot?" Uma das meninas chamou quando passei por ela. Ignorando-a, segui Peepshow e contornei a parede que dividia o andar principal para um corredor estreito e escuro. No fim do corredor, ele estava com uma stripper diferente encurralada contra a parede, enquanto outras duas garotas mantinham distância.

Eu fiquei para trás nas sombras e assisti.

Ele a soltou e rolou seus ombros, então desceu pelo corredor, passando o sinal VIP brilhante, ambas as meninas a seu reboque.

Recuei para o recanto da parede no final do corredor. Poderia tê-lo seguido para a escuridão e quebrado o seu pescoço, mas havia as garotas. As câmeras. Melhor esperar. Em vez de pintar as paredes com o seu sangue, voltei para o meu lugar.

Dez minutos se passaram e Peepshow ainda não voltou dos quartos. Deveria estar sobre as duas strippers, eu imaginei, ou qualquer merda que se passava nas salas VIP de um clube decadente como Sphinx.

Eu já tinha tomado três shots, sentindo-me muito bem, quando a garçonete me trouxe outro.

Olhando para o líquido âmbar, imaginei o rosto de Peepshow em um agradável vermelho de quase morte enquanto minhas mãos estrangulavam o seu pescoço.

"Dança?" A voz quebrou meus pensamentos, e olhei para cima para ver uma morena com cabelos longos, em uma pequena saia preta plissada, e blusinha que parecia feita para ela, uma vez que se agarrou a todas as curvas do seu corpo.

Deus. Droga. Já vi strippers antes – umas que se pareciam com estrelas pornôs, ou o tipo de estudantes brincalhonas, as meninas vulgares que provavelmente fodiam por toda parte. O rubor de suas bochechas, a inquietação constante de sua saia e a bagunça natural do seu longo cabelo me disse que ela era diferente. Inocente. E porra, se não fiquei duro com o pensamento de corromper a sua inocência.

Mas, uma máscara de gato cobria seu rosto, impedindo-me de ver seus olhos. Eu tinha uma atração por olhos. Meu corpo endureceu quando ela se inclinou para frente, com os cotovelos apoiados sobre a mesa, e inclinou a cabeça. "Gostaria de uma... uma lap dance?" A voz dela tinha um pouco de incerteza. Deve ser uma nova garota pelo jeito que se recusou a olhar para mim e não podia parar de se remexer.

Sentei-me na mesa, fodendo-a com os olhos por um minuto, meu olhar descendo para a curva suave de suas costas, sobre seu

traseiro arredondado, para suas longas pernas macias com tom de mel. Ela era a coisa mais sexy que já vi em um longo tempo e uma onda de calor correu direto para o meu pau enquanto estudei sua figura — todas as luxuosas curvas e grandes seios, naturais pelo que pude ver. Sua inocência me atraiu como um ímã, e imaginei esses seios transbordando entre meus dedos enquanto ela me chupava.

Concentre-se. Meus dentes chiaram. "Estou bem."

Seus ombros caíram, e ela levantou a mão para sua testa, sua máscara caiu um pouco, onde notei uma cicatriz no canto do olho. Balançando a cabeça, ela se virou para ir embora.

Dando uma rápida olhada de volta para a mesa, onde Larry ainda não havia voltado, agarrei seu pequeno pulso, sentindo seus músculos tensos contra minha palma. "Mudei de ideia." Soltei o braço e levantei a manga da minha camisa, revelando a tatuagem do sete com um círculo. Roman tinha dito que era como um passe de acesso para as cenas secretas, e estava curioso para saber se ela tinha algum conhecimento sobre isso.

Seus olhos foram para os meus, escondidos o suficiente para que eu pudesse apenas notar que eram grandes, bonitos, com íris cinzenta através dos buracos em sua máscara. Olhos cinzentos. Sem brincadeira. Certa vez conheci uma menina de olhos cinza em que eu havia me tornado tão obcecado, que tinha tatuado no meu peito. "Você..." Ela mordeu o lábio e olhou em volta, como se eu tivesse acabado de lhe pedir para roubar um banco comigo. "O que você quer comigo?"

"Sala VIP." Pelo menos estaria mais perto daquele cabeça de merda, e talvez, com alguma privacidade, ela derramaria o que sabia sobre o Seventh Circle.

Ainda mordiscando seu lábio, ela concordou. "Vamos."

Ela me levou por todo o piso principal, onde tive cuidado para não olhar para as câmeras, até que chegamos ao corredor onde Peepshow tinha levado as meninas quinze minutos mais

cedo. Ela não olhou para mim uma única vez, não me lançou um único olhar para ver se eu ainda a estava seguindo. Passando o segurança, nós desaparecemos em um labirinto de áreas seccionadas, divididas por cortinas. Eu levei um momento para deslizar minha Glock para a parte de trás da minha calça jeans por baixo da minha camiseta.

Cada compartimento da seção VIP continha apenas um pedestal com uma mesa pequena para bebidas. A menina entrou primeiro, e quando entrei, ela fechou a cortina atrás de nós.

Não se preocupando em olhar para mim, ela fez um gesto para a mesa. "Quer sentar?"

Sem uma palavra me sentei, braços estendidos em a volta da mesa, e olhei para ela.

"O que você gostaria?"

Eu a peguei pelo braço e puxei-a para o meu colo, onde caiu desajeitadamente, de costas para mim.

"Só para você saber, hah... não pode tocar na parte interna das coxas ou seios," disse ela por cima do ombro. Seu calor aquecendo minhas coxas enquanto ela sentou em mim.

"Qual é o seu nome?"

Ela se mexeu no meu colo, empurrando uma mecha de cabelo atrás da orelha. "Vixen."

"O seu nome verdadeiro."

"Eu não... não dou o meu nome verdadeiro."

"Ok, Vixen. O que essa tatuagem significa para você?"

Uma sombra passou pela cortina, empurrando-me para frente, espreitei pela cortina para fora e vi "Segurança" nas costas da camiseta de um grande cara, antes de me recostar na cadeira.

"Vamos parar com os jogos", disse ela. "O que você quer de mim?"

"O que eu quero?" Deixando cair o meu olhar para suas pernas longas e tonificadas por cima das minhas, desloquei-me na cadeira, o movimento deslizando a sua bunda mais perto. "Eu adoraria ter a minha língua enterrada em sua buceta, mas presumo que isso vai contra as regras de não tocar o interior das coxas."

Suas unhas enrolaram em minha coxa enquanto ela soltava um suspiro, e sorri interiormente. Ela torceu-se no meu colo até que me enfrentou e desabotoou os três botões da sua blusa. Seus seios saltaram de um belo sutiã de renda, provocando-me, e seus músculos das coxas rígidos me disseram que ela provavelmente treinava algumas vezes por semana.

Moendo-se contra o meu pau, ela inclinou olhos longe dos meus. Ela cheirava a um perfume floral familiar e baunilha, um bem vindo contraste com o cheiro de sexo e desgosto que me bateu no momento em que entrei no lugar.

Meu pau duro estava perto de estourar o zíper enquanto ela me fodia a seco, contorcendo-se contra o meu colo. Eu queria tocá-la, pôr as mãos por baixo da saia minúscula e sentir a pele quente e lisa envolver meus dedos enquanto bombardeava para dentro dela. Minhas mãos coçavam para segurar firmemente a sua bunda, arrancar a sua calcinha, e enfiar as bolas profundamente dentro dela. Eu queria ver seus olhos rolarem para trás, seus dentes moerem, enquanto prazer e dor lutavam dentro de sua cabeça.

Em vez disso, mantive minhas mãos plantadas no assento, permitindo-a se esfregar no meu pau, enquanto inclinava minha cabeça, tentando pegar seus olhos. "Você não é uma stripper."

Ela se acalmou, quase cobrindo o meu colo. Indo para trás, ela deslizou para fora quando se levantou, mas puxei-a contra mim. "Solte-me," ela rosnou, e não pude deixar de sorrir com a irritação em sua voz.

Seu exterior frio fez o meu sangue acelerar e endurecer o meu corpo em todos os lugares certos. Poderia ter sido a inocência

enterrada em algum lugar abaixo, chamando o bastardo dentro de mim. Amaria foder com ela, com seus assobios e cuspidelas, batendo e mordendo, até que, finalmente se submetesse. Algo sobre a menina atiçava o meu sangue. Eu não poderia imaginar exatamente o que me atraiu para ela, mas tanto quanto minha mente me disse para parar de jogar com ela, meu corpo se recusava a cumprir.

"Relaxe" ordenei. "Você reconhece a tatuagem, sim?"

"Sim."

"Você a viu em alguma outra pessoa?"

Um controle apertado pegou minhas bolas, enviando uma sacudida de desejo na parte de trás da minha cabeça, e soltando um grunhido, seu olhar se voltou para mim inexpressivo. "Se você não me soltar, vou gritar, ou torcer suas bolas tão forte que *você* vai gritar."

Coisinha corajosa da porra. Ela me pegou com tanta força, que não sabia se aceitava, ou a pegava de volta e rasgava sua calcinha com os dentes.

Soltei-a, permitindo que ela escorregasse do meu colo. De pé, ela fechou os botões do seu top e virou-se, antes de desaparecer atrás da cortina.

Em vez de voltar para o meu lugar, caminhei de volta para o clube e saí do edifício. Eu não precisava de mais distrações. Melhor esperar no carro.

De dentro do Camaro, eu olhava pela janela, esperando Peepshow vir para mim.

Pensando na garota.

****

Duas horas se passaram antes de Larry, juntamente com três outros caras que não reconheci saíssem do clube.

Olhei para o meu relógio, notando que passava da uma.

A partir de uma entrada lateral, duas das dançarinas saíram. Eu reconheci uma delas como a mulher que me deu a lap dance horas antes, ainda usando sua pequena saia e blusinha. Ambas as mulheres deslizaram para o mesmo carro branco Kia Spectra, saindo do estacionamento do clube.

Dirigindo um Lincoln preto, Larry e seus amigos seguiram na mesma direção, cerca de um minuto depois, fui atrás dele, mantendo a distância na Michigan Avenue.

Do outro lado da Martin Luther King Boulevard, o Spectra liderava o caminho, e quando nos viramos para o norte em Woodward, ocorreu-me que parecia que o Peepshow estava seguindo o Spectra. Quem ele estava seguindo, e por quê?

Fiquei atrás de três carros, observando quando o Spectra parou no apartamento de estudantes e imediatamente fez o meu estômago ficar em nós.

Eu reconheci o edifício.

Não. De jeito nenhum.

Meu olhar prendeu-se no exterior de tijolo lascado, para o terceiro andar, última janela do lado esquerdo, onde eu uma vez assisti Black Sparrow, a porra do meu incômodo no Aperture, despir-se pela janela após a ter seguido até sua casa.

Tesarik tinha me aprisionado muito tempo antes de ter tido a oportunidade de dar uma boa olhada em seu rosto, mas tinha as curvas da sua silhueta gravadas na porra da memória.

A menina que tinha me dado a lap dance saiu do Kia, andando para dentro do prédio enquanto o veículo se virou e saiu.

Estacionado do outro lado da rua, o carro do Larry manteve-se muito tempo depois do Spectra ter saído, e entendimento me bateu na cabeça. Eles estavam atrás da menina.

Meu olhar se voltou para o prédio enquanto tentava controlar mentalmente seus movimentos.

Não vá para o terceiro andar.

Cinco minutos mais tarde, a última janela no terceiro andar iluminou-se.

Você deve estar me zoando. Imaginei que a menina que apertou minhas bolas como uma estudante, não era uma stripper moendo-se sobre homens a noite toda.

Pela janela, ela levantou a blusa, jogando-a em algum lugar atrás dela, e puxou o seu cabelo todo para cima sobre a cabeça.

Do outro lado da rua, Larry e outro homem saíram do Lincoln e se aproximaram do edifício, deixando mais dois no carro.

Com o olhar fixo sobre a sua entrada descontraída no edifício, girei o silenciador na extremidade da minha pistola. Empurrando-a no meu casaco debaixo do meu braço, e passei a mão pelo meu coldre, onde a Black Betty estava com sede de sangue.

Eu só tive de matar dois homens em minha vida. Gostaria de saber quantos ia acabar matando antes do final da noite.

Quando os dois homens desapareceram no prédio, deslizei para fora do carro, com a máscara de caveira dobrada dentro da jaqueta, e mantive a cabeça baixa, entrei no prédio alguns minutos depois deles.

Capítulo 8

Lucy

Liguei o chuveiro, desesperada para remover o toque persistente dos homens que me pediram lap dance.

Nunca mais.

Nunca faria isso novamente. Sim, o dinheiro era bom, e Viktor manteve sua palavra, entregando-me um extra de quatrocentos dólares em cima dos duzentos que fiz em gorjetas. Interesse garantido ele chamou, avisando que esperava me ver trabalhando na multidão novamente. Eu me saí melhor em uma noite do que em três semanas arrebentando minha bunda entre a Muckraker e coisas secundárias. Ao mesmo tempo, nunca me senti tão repulsiva na minha vida.

Minha coluna curvou-se com a lembrança de um cara tentando me beijar, outro tentando agarrar minha bunda. Curiosamente, o único que não tentou algo foi o cara com a tatuagem do Seventh Circle.

Pelo que Craig me falou sobre o Seventh Circle, eu esperava que ele me drogasse, em seguida me arrastasse para o carro e me estuprasse. Na maior parte, ele manteve as mãos para si mesmo.

Coloquei a minha faca dobrada na bancada, um modelo de polícia que comprei um tempo atrás, com uma abertura auxiliar, o que significava que ia abrir à menor pressão no botão quando apertasse. Alguns anos atrás adquiri o hábito de dormir com ela debaixo do meu travesseiro, hábito que, eventualmente, se transformou em tê-la na mão a qualquer momento em que me sentisse vulnerável.

Como estar nua em um chuveiro.

Nos últimos dias, andei com a faca em todos os lugares, sem saber se esses homens arrombariam minha porta. Pisando no chuveiro, relaxei com a água quente que batia contra os meus músculos desgastados. Meus calcanhares doíam dos saltos, e mal conseguia me manter em pé. Nada como fazer agachamentos durante toda a noite, pairando sobre os peitos de homens, em estiletes de quinze centímetros. Precisava tanto ir para a cama, que corria o risco de desmaiar sob a ducha.

Pensamentos do cara tatuado flutuam pela minha mente, no entanto. Ele deve ter cerca de um metro e noventa e quatro, corpo musculoso, mais musculoso do que qualquer um dos caras na academia, onde treinava sempre que podia pagar. Eu senti o poder em seus músculos, em suas coxas — perfeitas para capturarem uma vítima indefesa. Tatuagens cobriam seus braços e saiam do seu colarinho. Um queixo quadrado e esculpido com uma barba curta que enfatizava os seus lábios deliciosamente cheios. Sua camiseta se colava nos bíceps, e aqueles olhos, uma sombra tortuosa de verde, situados por baixo dos seus cílios pretos grossos, tinham me dito que ele arruinaria qualquer mulher estúpida o suficiente para pousar em suas garras.

Eu adoraria ter a minha língua enterrada em sua buceta, mas presumo que vai contra as regras de não tocar o interior das coxas.

Sexy, mas claramente perigoso.

Seu rosto encapuzado me lembrou de outra pessoa. Um homem mascarado misterioso que uma vez me seguiu no Aperture, que tinha o nome de Warhawk.

Prendi meu lábio entre os dentes, imaginando um cenário diferente com o cara misterioso do clube, um em que ele não era um membro da seita pervertida. Flashes de dentes, roupa arrancada, pele escorregadia de suor, e mordidelas fizeram a minha mão descer pela minha barriga e entre as minhas coxas.

Eu provavelmente precisava ficar com alguém. De fato, transar regularmente provavelmente teria me impedido de me aventurar em prédios abandonados na esperança de encontrar um assassino mascarado.

Alguns meses atrás, cobri uma história em que Craig me colocou, sobre alguns fotógrafos encapuzados, um dos quais era o Warhawk. Eu nunca tinha ouvido falar dele antes disso, mas o seguir para a investigação me fez desenvolver uma forte atração pelo cara. Suas imagens melancólicas falavam comigo de uma forma que nada mais podia na época, e o que começou como uma simples curiosidade em descobrir quem era o homem mascarado foi se transformando em uma completa distração da vida. Eu amava rolar através de sua linha do tempo, onde ele capturou quase um olhar gótico de Detroit de quase todos os ângulos da cidade. Minhas favoritas eram aquelas com bombas de fumaça que lhes dava uma aparência quase ameaçadora. Seu perfil, imagens *deslumbrantes*, descrevia-o bem, já que a maioria de suas fotos foi tirada de alturas que nunca sonhei em subir — fotos chocantes que eram muitas vezes difíceis de olhar, para alguém que tinha medo das alturas. Ele e seus amigos representavam uma audaciosa rede secreta em Detroit, ligada a um site chamado The Infiltrator, onde encontros eram arranjados. Warhawk nunca publicava no site, mas muitas vezes, ele aparecia nos mesmos locais, e foi assim que fui para... Bem, persegui-lo, tão vergonhosamente quanto parecia.

Ninguém nunca o viu sem a sua máscara, contudo, cada explorador urbano reconhecia o seu nome. Eu estava determinada a descobrir quem ele era. Desmascará-lo. Eu queria que a publicação de Craig fosse a primeira a revelar a identidade do misterioso Warhawk, então o segui até um número de locais, e, inadvertidamente, a uma cena onde ele roubou de um criminoso conhecido.

Não muito tempo depois, ele desapareceu da mídia social e nunca se ouviu sobre ele novamente. Conhecido por seu capuz

preto e máscara de caveira, ele tinha uma vibração perigosa e sombria que me fazia lembrar o cara no clube mais cedo.

Eu esperava que ficar sozinha com ele na parte de trás poderia fazer com que ele dissesse alguma coisa. Para me dar algum tipo de aviso, ou indicação, que os homens que me viram na matança sabiam quem eu era.

Ele não parecia me reconhecer, afinal. Talvez eles não tivessem ideia. Talvez eu estivesse fora de perigo.

Enquanto ensaboava o meu cabelo, inclinei a cabeça para trás, permitindo que a água quente caísse por meu peito.

Um abafado ruído endureceu meus músculos, e lancei minha cabeça para frente. Rapidamente enxaguando o sabão do meu cabelo, fechei a torneira, e, arrastando-me para fora do chuveiro, agarrei uma toalha na pia. Com um movimento frenético da toalha, sequei-me enquanto escutava através da porta, e peguei sons de papel sendo enrugados e móveis se movendo pelo chão.

Ah, porra.

Era no meu apartamento? Ou eu estava ouvindo o apartamento acima de mim?

Depois de escorregar em shorts de dormir, um sutiã e uma camiseta, peguei a minha faca e pressionei o ouvido na porta do banheiro. Quando peguei o ranger de passos, uma descarga de adrenalina percorreu o meu sangue, e enquanto o meu corpo se preparava para a luta ou fuga, apenas um pensamento girava em minha cabeça — eles haviam me encontrado.

Como? Como poderiam ter me encontrado? Minha identificação não tem o meu endereço. Não estava na lista telefônica, por insistência da minha mãe. Eu passei três dias me confortando com esses fatos. No entanto, alguém me encontrou. Eu tinha escondido a câmera, apenas no caso, mas pelos sons de batidas, eles, sem dúvida, a tinham encontrado.

Talvez me deixem em paz, se a encontraram. Talvez eles só quisessem o vídeo.

Estúpida, Lucy. Como se eles apenas se afastassem de alguém que viu o que tinham feito e poderia denunciá-los.

Chame a polícia. Qualquer pessoa normal faria isso, mas em qualquer situação normal, um oficial de polícia não teria despejado um corpo, também. Com a minha sorte, chamar a polícia seria como enviar um sinal de fumaça para reforços.

Em uma rápida busca mental, vi duas escolhas. Manter-me no banheiro, onde não havia nenhuma janela, sem maneira de escapar, contudo muitos deles estavam lá fora para encurralar minha faca solitária e eu. Ou sair e confronta-los. Eu sabia como dar um soco e empunhar uma lâmina, mas também sabia que a adrenalina raramente funcionava a meu favor. Minha melhor aposta era sair do apartamento.

Através de uma fresta na porta, olhei para o corredor esperando por qualquer sinal de movimento. Vendo nenhum, saí do banheiro, com passos pequenos, deslizando ao longo da parede.

Um rangido atrás de mim endureceu os meus músculos, e quando me empurrei para o lado, braços vieram de trás, uma mão segurando apertado em volta da minha boca.

"Olá, baby. Aposto que sei onde você estava há duas noites," ele sussurrou.

Eu conhecia a voz. Reconheci do Sphinx. Larry Peepshow McBryant. Jolana me disse que o cara era nojento, a criatura mais vil para quem ela já tivera que dançar por dinheiro. Ele era conhecido por tocar, e frequentemente utilizava a sala VIP como uma espécie de local para trios.

Presa em seu aperto, braços agarrando os meus lados, alcancei entre suas coxas atrás de mim e agarrei-lhe as bolas, forte, torcendo até que ele caiu para frente nas minhas costas. "Deus, porra... puta de merda!"

A raiva queimou em meu sangue, e em um flash visual do corpo sendo jogado no buraco, meus instintos para *não* ser cortada em pequenas partes assumiram.

Virei-me e levei meu joelho ao seu peito, em seguida, dei um soco rápido em sua artéria carótida, que o deixou no chão ofegante.

Metade de mim nem sabia o que estava fazendo. A outra metade só rezava para que o que eu tinha feito tivesse resultado.

Tive algumas aulas de autodefesa para sair de situações complicadas. Eu nunca consegui fazer isso em um estranho, mas saber que era Peepshow, acabou por me irritar. Minha técnica era uma combinação do que me foi ensinado e o que achei que iria ser realmente eficaz em um ataque de verdade, polvilhados com um pouco de medo, fizeram-me dar socos aleatoriamente. Sorte a minha que foram certeiros, embora não por qualquer verdadeiro talento da minha parte.

Livre do seu aperto, virei-me para fugir para a porta, mas algo balançou na minha frente, logo antes de uma banda fina de corda apertar minha garganta e prender o ar em meu pescoço.

Eu cerrei os dentes para apertar meus músculos do pescoço e girei para ver o estranho, até que ele apareceu no meu lado esquerdo, em seguida cegamente enfiei minha lâmina em sua barriga. Toda a cena deve ter parecido ridícula, mas quando minha faca se conectou em sua pele, vi a arma na sua cintura, e minha cabeça me avisou para ficar longe dele.

"Filha da puta! Maldita vagabunda!”

A corda soltou em volta da minha garganta, e deslizei debaixo dele, mas a dor explodiu na parte de trás da minha cabeça, criando círculos que flutuavam na frente dos meus olhos e tive meu campo de visão diminuído.

A lâmina caiu das minhas mãos, batendo no chão de madeira.

Confusão me balançou para frente, as mãos estendidas para não cair de rosto. Minha cabeça vacilou, as pálpebras pesadas. Náuseas borbulhavam no meu estômago, ganhando balanço suficiente para ficar ereta por apenas dois segundos antes de tropeçar para trás.

Não. Não. Não desmaie. Não!

Larry riu. "Filha da puta estúpida. Você não fode com eles." Sua voz variava entre alta e suave, como um eco de túnel que perseguia cada palavra.

Um soco na minha cara explodiu em minhas bochechas e sacudiu meus dentes, enviando-me voando para trás.

Acima de mim, duas faces olhavam para baixo. Larry e um completo estranho.

"Boa noite, princesa", disse o estranho, e um flash na minha periferia apagou as luzes.

Capítulo 9

Jase

Arma na mão e máscara colocada entrei no apartamento, seguindo os sons de risos que me levaram a um corredor.

Ao virar o corredor, a menina do clube estava desmaiada no chão. De pé sobre ela, Peepshow desabotoou as calças, empurrando-as para baixo nas suas pernas, e caiu de joelhos entre as pernas abertas dela. "Vamos ganhar um fodido dinheiro e ter esta cadela primeiro," disse ele.

Um segundo cara ficou ao lado, olhando para uma Nikon. "Ela tira muitas imagens estúpidas. Olha isso." Ele virou a câmara para Peepshow, que fez uma pausa em tentar baixar o short dela.

Quando olhou para cima, apontei a Glock para ele e saí das sombras, olhando para ambos, Peepshow e o estranho. Lenta e deliberadamente, os dois homens pegaram suas armas, e balancei a cabeça. "Eu não faria isso."

Apenas Peepshow hesitou, antes de jogar suas mãos no ar. O outro cara chegou até a pôr a mão no punho de sua arma, antes de eu atirar uma bala em seu ombro.

Ele deixou cair a câmera, errando por pouco o rosto da menina, enquanto seus gritos perfuraram meus ouvidos, provocando-me a silenciá-lo com outra bala.

"Feche a boca," ordenei, mantendo a arma entre Peepshow e seu amigo ferido.

Peepshow se mexeu para puxar para cima sua calça, enquanto o outro cara segurava seu ombro que sangrava, recuando para o fim do corredor.

"Filho da puta! Quem diabos é você?" Uma faixa de vermelho atravessou a frente da camisa do estranho, como se seu estômago tivesse sido cortado, e apesar disso, e da bala no braço, o idiota pegou sua arma novamente.

Antes que ele pudesse sequer mirar, atirei-lhe no peito, fazendo-o cair no chão.

Peepshow atirou-se de volta contra a parede, e andei a passos largos e agachei-me na frente dele. Trocando balas por lâmina, coloquei Betty embaixo do seu queixo.

"Quem te mandou aqui?" Falei baixo, mantendo a faca alojada contra sua garganta.

"Foda-se."

Apertando minha mandíbula com frustração, torci a lâmina grande em frente a ele, garantindo que ele pudesse vê-la em toda a sua maldita glória. "Diga olá para a Black Betty. Quer saber por que a chamo assim?" Quando ele não respondeu, continuei, "Dei-lhe o nome da cadela velha que morava na mesma rua que eu quando era criança. Ela nos perseguia com uma grande frigideira preta se sequer andássemos pelo seu quintal." Levei a faca serrilhada para suas bolas, que ainda estavam para fora da calça meio descida. "Eu chamo minha lâmina de Betty, porque ela vai te foder se você cruzar com ela. Agora, quem diabos te mandou aqui?"

"Conall!"

"Quem é Conall?" Levantei a lâmina, empurrando em suas bolas, provocando um guincho patético de dor.

"Ele é um executor."

"Para quem?" No seu silêncio, deslizei Betty através de sua pele sensível, não o suficiente para cortar, mas o suficiente para o bastardo vomitar uma rápida oração. "Para quem?" Repeti.

"Viktor, talvez? Dono do Sphinx."

"Onde posso encontrar Conall?"

“Eu não sei! Eu não sei, cara. Ele fica pelo Sphinx, às vezes. Fode algumas das strippers. Pergunte a elas."

Levantei a máscara, revelando finalmente o meu rosto, e seus olhos esquadrinharam antes de estreitarem com suspeita.

"Eu conheço você." Seus lábios se curvaram com repulsa. "Nós... *te vendemos* aos fodidos eslovacos. Eles... tinham uma recompensa em você. Você confessou, cara. Tudo o que fizemos foi por dinheiro naquela noite.”

"Você fez muito mais do que isso.”

O rosto ensanguentado de Reed, atingido por um conjunto de soqueiras, se alastrou pelo meu cérebro.

"Vá para o inferno." A voz de Reed é calma e resoluta enquanto está amarrado na cadeira da cozinha da minha avó. A mesma cadeira que como um bebê, eu assisti ela o segurar enquanto ele dava seus primeiros passos. A mesma cadeira que tínhamos empurrado para a beira do balcão e subimos, para roubarmos os cookies do frasco. Uma vez uma ajuda para a liberdade, agora uma âncora, à qual ele está preso.

O homem de pé diante dele sorri, e meu estômago afunda, porque o brilho em seus olhos é pura maldade. Eu sei. Eu reconheço aquela elevação sádica do seu lábio, como se lhe fosse dada permissão para desencadear o inferno. Eu fiz o mesmo com inúmeros bastardos e talvez esta fosse a minha penitência. Talvez o inferno na terra existisse.

O homem deslizou um conjunto de soqueiras sobre seus dedos, esticando cada um na frente de Reed. Outro homem, sólido como um trem de carga, está atrás dele, estalando os dedos em ameaça.

Dois homens me seguravam seus punhos pressionando em meus ombros, enquanto eles mantinham as minhas mãos

amarradas atrás das costas. Meu coração batia forte dentro de mim, pulsando com a agonia que rasgava através do meu peito. "Não! Não!"

A cabeça de Reed chocou para o lado, e um spray de sangue voou para fora. Seus olhos rolaram para trás, e pude ver o pedaço de carne solta em sua bochecha, onde a pele tinha se aberto.

Outro soco o fez virar a cara para longe de mim, e sua cabeça finalmente caiu para frente, como se fosse demasiadamente pesada para o seu pescoço.

"Eu não sei... nada." A voz calma de antes ficou fraca e frágil em questão de segundos.

Os dois homens se revezavam, batendo a cabeça dele para trás e para frente como um tetherball[12].

"Deixem-no ir! Filhos da puta!" Mal notei as minhas lágrimas, quando escorreram pelo meu rosto enquanto chutava contra o chão. Dor atingiu a parte de trás do meu crânio, pressionando meu rosto contra o linóleo frio, e respirei duro com os dentes cerrados. Meus instintos animais pareciam prontos para atacar. Tudo que eu preciso é de uma pequena folga. "Vou mata-los!"

Não podia ver Reed, mas ainda ouvia os golpes contra o seu corpo, seus grunhidos tranquilos, e o som de salpicos que se seguia. Eles estão lhe batendo até morte. Meu único irmão. Aquele que passei a maior parte da vida protegendo. Aquele a quem jurei que nunca iria deixar ninguém ferir. O frágil — que sofreu desde o dia em que ele tinha três meses de idade, e minha mãe o sacudiu porquê ele não parava de chorar. Entrei em seu quarto à noite e estendi a mão através das barras do berço até que ele finalmente caiu no sono.

---

[12] É um jogo norte-americano para dois adversários. O equipamento consiste num poste de metal parado, a partir do qual é pendurado a partir de uma bola de voleibol numa corda ou tirante. Os dois jogadores estão em lados opostos do poste. Cada jogador tenta acertar a bola numa direção; um no sentido dos ponteiros do relógio, e um em sentido anti-horário. O jogo termina quando um jogador consegue enrolar a bola todo o caminho em torno do poste para que ele seja parado pela corda.

Contra a pressão na parte de trás da minha cabeça, olhei para cima, para vê-lo caído, nem mesmo se movendo enquanto o estranho continuava a bater em seu corpo, e sabia.

Porra, eu sabia, ele estava deslizando pelas minhas mãos.

E eu nem sabia o porquê.

Ainda segurando Peepshow encostado contra a parede, saí da memória e olhei para seus pequenos e redondos olhos quase pretos, sem vida. "Você matou meu irmão."

"Ele não quis falar. Não nos disse uma única coisa, porra!"

Apertei meus dentes, apertando sua garganta até que seu rosto ficou vermelho. "Você não lhe deu uma chance. Você não lhe deu qualquer chance."

"Fomos pagos para fazer um trabalho. Era negócio. Nada pessoal." Apesar da pressão em seu pescoço, ele zombou. "Ele não era nenhum santo. Já assistiu aos vídeos do bastardo?"

"Onde será o leilão?" Eu lancei enquanto pulsos aquecidos de fúria batiam nas minhas veias.

"Leilão?" Um lampejo de confusão dançou atrás de seus olhos e ele sacudiu a cabeça. "Eu não sei sobre qualquer leilão."

"Quem pagou você para o golpe na minha família?"

"Eu não sei."

"Quem. Porra. Pagou você?"

"Eu juro, não sei!" Seus olhos saltaram, quando dei o primeiro corte nas suas bolas. "Eu não sei, porra! Stafford... que falou sobre ele! Foi ele quem conseguiu o trabalho!"

Marlon Stafford, outro dos homens que tinham invadido a minha casa naquela noite, de acordo com o arquivo que Roman me forneceu. Aquele que matou a minha avó.

Eu não podia esperar para ter minhas mãos sobre o filho da puta.

"Onde posso encontrá-lo?"

"Ele gere as lutas de cães. O velho ferro-velho em Del Ray. Eu juro, isso é tudo que sei!”

"Ferro-velho em Del Ray," repeti. "Lutas de cães."

"Sim. Fica no terreno cercado, atrás da floresta. Não tem erro."

"Meu irmão, Reed, costumava dizer que qualquer homem que prejudicava um animal não tinha uma alma." Inclinei a cabeça, pegando uma elevação de suas sobrancelhas, talvez um sinal de esperança. "Isso é o que você é, Peepshow. Um animal. Você e seus meninos. Nada, mas apenas a porra de um porco imundo."

"Você... você está dizendo que vai me deixar ir?"

Quando um sorriso apareceu através de minha cara, seus lábios murcharam e tremeram. "Estou dizendo que não tenho uma alma." Empurrei a Betty em seu estômago, torcendo uma vez, antes de retirar a lâmina.

Sua boca ficou boquiaberta, os olhos tão grandes que os bastardos pareciam ter saltado do seu crânio. Um pedaço ensanguentado de carne ficou pendurado na lâmina, e atirei-o em seu colo.

Levantando as duas mãos tremulas para a mancha vermelha aumentando na sua camisa, ele engasgou, expelindo um chiado de ar. Uma palidez fantasmagórica rastejou em seu rosto, consumindo o sangue em seu rosto.

Levantei-me, colocando Betty de volta, dentro do coldre e puxei o telefone do bolso, discando um número que conheci quando trabalhei para Bojanskis. O único lugar que confiava para saberem que eu estava vivo.

"Fosters Aquarium," uma voz profunda e familiar respondeu na outra linha.

"Ei, é Jase. Preciso de uma limpeza. Apartamentos do campus. Woodward. Dois tanques. Apartamento três-quatro."

"Entendi. Estarei aí em dez minutos."

Olhei para Peepshow, onde ainda se contorcia no chão em uma poça de seu próprio sangue. "Eu diria vinte."

"Ok. Tome cuidado, irmão."

"O mesmo para você." Desliguei o telefone e, virando para onde a garota ainda estava desmaiada, levantei a câmera caída.

Que porra de sorte eu tinha? Não só eu estava um pouco mais perto do Pasák, mas tinha quase certeza de que ela tinha me dedurado para Tesarik da noite que Dax, Reed e eu tínhamos roubado as armas. Ela foi a razão pela qual a recompensa foi colocada na minha cabeça. A razão de Peepshow ter se dado ao trabalho de me manter vivo, em vez de me matar junto com a minha família. Mesmo que Tesarik não fosse o responsável pelo assassinato da minha família, ela foi responsável pela merda que passei depois.

Talvez ela trabalhasse para Pasák. Talvez tenham sido os homens de Pasák que tinham dado as imagens a Tesarik. Eu não dou à mínima.

De qualquer maneira, ela me devia, e só aconteceu, de ter conseguido sair com duas vitórias esta noite. Sua bunda era minha. No mínimo, ela me daria a informação que eu precisava sobre o Seventh Circle.

Além disso, dois dos seus homens ainda esperavam lá fora, e seria apenas uma questão de tempo antes que viessem à procura de Peepshow, se já não tinham vindo. Com tudo o que eles queriam com ela, poderia vir a ser uma valiosa troca mais tarde.

Ajoelhando-me ao lado dela, empurrei um fio de cabelo do seu rosto. "Olá, pássaro preto. Bem-vinda à sua nova gaiola."

Sua calcinha de renda preta ainda estava à vista, e puxei o seu short, para me impedir de dar uma espiada enquanto ela continuava desmaiada. Escorregando minhas mãos debaixo dela, coloquei-a sobre meu ombro e atravessei o quarto. A janela do sul

ficava de frente para o prédio do lado, separado por uma rua estreita e a escada de incêndio. Sons de tráfego de Woodward entraram quando abri a janela e sai para a escada.

Enquanto descia cada lance de escadas, as mãos da garota batiam contra a minha bunda, e apenas quando estava no meio da descida foi que ouvi batidas e barulhos vindo de cima. Cheguei ao final da escada, quando a primeira bala bateu no metal, e olhei para cima para ver um dos homens encarando-me através da janela.

Passando pelo corredor do edifício com a mulher, atravessei a Woodward Avenue. Abri a porta do passageiro do meu carro e deslizei-a sobre o assento, olhando-a, em seguida, andei para o lado do motorista e cai no assento ao lado dela, colocando a câmera no chão atrás de nós.

O motor rugiu, quando virei à chave e acelerei. Pelo espelho retrovisor, vi os dois homens voarem para fora do prédio em direção ao seu carro, e cortei pela Woodward Avenue até a Chicago Boulevard, com o Lincoln preto arrastando-se atrás de mim.

Fiz uma curva à esquerda e nos levei para uma rua lateral e de volta a Third Avenue. Em uma rua transversal, passei pelo sinal de parada. Apanhando um flash de faróis à esquerda de mim, meu coração deu uma guinada, acelerei e por pouco não bati contra a barreira de uma entrada de serviço.

Pelo retrovisor, um caminhão bateu no Lincoln, derrapando e arrastando faíscas de metal do outro lado da rua, o veículo pegou fogo e parou meio que virado de lado.

Deixando uma respiração presa sair, limpei a testa e desacelerei o carro para o limite de velocidade permitido, e silenciosamente dei um aleluia.

Capítulo 10

Jase

Olhei para o lado, onde a menina estava caída no banco do passageiro, segurada apenas pelo cinto de segurança. Eu tinha algemado a sua mão na porta do carro, e sua cabeça estava contra a janela. Uma onda de calor de outubro deu à sua pele oliva um impecável brilho de luz, quebrada por escuras manchas roxas ao longo de sua coxa. Contusões também marcavam seus braços, onde os homens a agarraram muito apertado.

A simples visão do seu estado me transporta para uma memória trancada, uma que tentei esquecer.

Abro a porta, onde Reed está enrolado no canto do quarto que partilhamos, tremendo no escuro. Ele tem doze anos de idade, mas sua estrutura esquelética faz com que não pareça ter mais de nove anos, ou dez. Contusões e cortes escurecem suas canelas, e a grande mancha roxa de um taco de beisebol ainda gira meu estômago sempre que a vejo. Sem dúvida, Robert quebrou um osso desta vez.

Vê-lo sofrer as agressões me mata a cada vez, mas não são nada em comparação com quando ele era pequeno e o trancavam em um armário, morrendo de fome, forçando-o a mijar e cagar-se por dias a fio. Foi quando sonhei em roubar a arma de Robert. Matando ele e minha mãe.

Reed trouxe um amigo mais cedo, que roubou estoque de erva de Robert. Claro, meu irmão pagou o preço por seu amigo idiota.

"Você está bem?" Descendo para chão ao lado dele, uma dor palpita no meu quadril, onde Robert me bateu com o bastão por intervir.

O lábio de Reed treme, e lágrimas enchem seus olhos quando ele balança a cabeça. "Eu não fiz nada de errado, Jase." Seus dedos passam através do seu cabelo, e ele enterra o rosto em seus joelhos. "Não aguento mais isso."

Não sou de chorar, mas ele trouxe lágrimas aos meus olhos. Sei como ele se sente, preso dentro de um inferno que não podemos escapar, e odeio que bater muito no meu irmão tornou-se o passatempo favorito do meu padrasto de merda. A raiva dentro de mim ameaça explodir, e tudo o que posso pensar é o quão bom seria acertar um taco de beisebol na cabeça do bastardo. Ver se ele gosta.

"Nós vamos sair daqui." Envolvendo o meu braço em volta do meu irmão, eu minto, porque é tudo o que posso pensar em fazer, e é melhor do que prometer que o bastardo nunca lhe fará mal novamente. "Prometo que vou tirar você daqui, Reed."

Olhei para fora do para-brisa, meu corpo tenso, assim como acontecia cada vez que me aventurava em memórias da minha infância.

Por anos, vi o meu irmão ser vítima do nosso padrasto abusivo, sempre o prendendo, deixando morrer de fome, batendo nele. Odiava que Reed fosse um alvo tão fácil para o filho da puta podre. Com cada castigo imposto, uma nova camada de fúria crescia dentro de mim, até que estava a um gatilho de explodir.

Robert entrou na vida da nossa mãe cerca de um mês depois do meu verdadeiro pai morrer na prisão. Como um cavaleiro brilhante de metanfetamina, ele apresentou-lhe uma nova espécie de catatonia que a mantinha fora por um par de dias a cada vez.

Foi quando percebi que ela nunca ficaria limpa. Ela nunca foi a mãe que prometeu nos breves e raros momentos de lucidez, quando ela nos pedia desculpas e jurava que nunca teve a intenção de nos ferir. Eram essas falsas esperanças, quando ela ficava na

banheira, em algum lugar entre a ressaca e seu próximo consumo, agarrando Reed e eu nos braços como se fossemos uma espécie de corda para a vida, que éramos seduzidos por suas mentiras.

Éramos desesperados para amá-la, mas amar um viciado em drogas era como tentar segurar uma chama, não importa quantas vezes nós a alcançávamos, quantas vezes nós ficávamos ao lado quando ela saia do seu estado drogado e tinha alguma lucidez, nós acabávamos com nada além de queimaduras para mostrar.

Um flash bateu no canto do meu olho, logo antes de dor explodir na minha mandíbula.

"Filha da puta!" Virei-me para ver que a mulher tinha não só acordado, mas tinha virado em seu assento.

Com o pé inclinado para trás para me dar outro pontapé no rosto, ela agarrou seu pulso algemado, puxando enquanto tentava trabalhar nas algemas.

Raiva agitou o meu estômago. Dor latejava na minha mandíbula. Agarrando seu tornozelo, uma mão mantendo o carro na estrada, impedi outro ataque fixando o seu pé descalço no console.

"Foda-se!" Ela bateu com o punho na minha orelha.

Encostei a cabeça no meu ombro quando um constante barulho soou dentro do meu crânio. "Ah, foda-se!"

O carro desviou-se, uns flashes de faróis tensionaram os meus músculos, até que desviei o carro para a direita. Deixando ir o seu tornozelo, abaixei-me até a minha bota e puxei para fora a Black Betty, apontando-a para a sua face.

Ela se acalmou, seu peito subindo e descendo.

Meus olhos saltavam entre o seu rosto e a estrada. "Bata-me novamente, e vou jogar sua bunda para fora. Estamos claros?"

Ela não respondeu.

"Eu lhe fiz uma pergunta." Meu polegar deslizou ao longo do cabo da faca.

"Foda-se." A raiva estava presente em seu tom, mas sua voz tinha acalmado.

Com um sorriso de escárnio, balancei a cabeça.

"Você é o idiota do clube."

O deslocamento de seus olhos me disse que ela ainda tinha um pouco de energia louca dentro dela, e assim, continuei com a faca apontada nela, apenas no caso dela tentar algo estúpido.

"Sou o idiota que salvou o seu rabo de dois psicopatas, que teriam, provavelmente, te cortado gravando com a câmera. Gostaria de voltar?"

Como se algo clicasse, suas sobrancelhas desceram, seu olhar caiu. "Para onde estamos indo?"

"Em algum lugar que possamos conversar."

"Conversar sobre o quê?"

Não respondi. Em vez disso, deixei-a sentar e pensar sobre isso por um tempo. Ela sabia mais sobre a tatuagem no meu braço que qualquer outra pessoa que encontrei, e eu planejava descobrir mais sobre ela. Talvez ela acabasse confessando sua conexão com Tesarik.

"Peepshow... você o matou?" Perguntou ela.

"Ele tentou estuprá-la enquanto você estava desmaiada."

Ela se encolheu, seu olhar baixando novamente. "Será que... fez...?"

"Não."

"Você... me salvou, então?"

Novamente, não respondi à pergunta. Nunca fui considerado a merda de um herói. Heróis eram bons. Altruístas. Ela não era nada mais do que uma distração que eu tinha que derrubar antes

que pudesse começar a jogar o jogo — uma tarefa que precisava marcar antes que pudesse realizar a minha vingança.

Ousei um olhar para ela, sabendo que haveria medo em seus olhos, e com certeza, as lágrimas revestiam seus olhos cinzentos. Passando as mãos pelos seus longos cabelos castanhos molhados, desarrumados e dolorosamente sexys. Meus dedos se contraíram com o desejo de apertar o cabelo no meu punho e adicionar um pouco de suor.

Foram meses desde que estive com uma mulher. Cheirei uma. Senti a pele macia sob meus dedos. Desejo como um instinto animal passou através do meu corpo, enquanto minha mente rapidamente imaginava luzes difusas, uma cama simples com lençóis úmidos, um brilho de suor cobrindo nossos corpos enquanto eu a fodia duro e rápido com belos sons de dor e prazer saindo de sua garganta.

Mentalmente sacudi o pensamento da minha cabeça. Cristo, ela tinha sido atacada, quase violada, e quem sabe o que mais ela tinha sido exposta antes que eu a salvasse.

"O que eles querem com você?" Perguntei.

Ela balançou a cabeça. "Eu não sei."

"Mentira. Eles estavam atrás de alguma coisa. O que era?" Eu alternava olhares entre ela e a estrada. "Por que eles invadiram?"

"Eu vi..." ela manteve a cabeça escondida atrás de suas mãos. "Eles acham que tenho algo que lhes pertence."

"O que é isso?"

Ela não confiava em mim, e o olhar de lado que estava enviando no meu caminho me disse isso. "O que importa agora? Eles estão mortos, não estão?"

"Quero saber." Alcancei o banco de trás e levantei a câmera. "Alguma coisa sobre isto?"

Depois de me estudar por um momento, ela encolheu os ombros. "Eu não tenho ideia do que é tão importante sobre essa coisa. Mas sim." Ela passou as mãos sobre as coxas, como se enxugando seu suor nas pernas. "Posso usar seu telefone?"

Olhei por cima, dando um grunhido irritado que fez seu olhar virar para longe novamente.

"O que... o que é que você quer falar? Seventh Circle? É por isso que me trouxe?"

Mais uma vez, fiquei quieto. Mesmo se ela me dissesse tudo o que eu precisava saber sobre Seventh Circle, o fato era que a cadela ainda devia por me entregar para Tesarik, e ainda não decidi qual devia ser o seu pagamento.

Seus lábios formaram uma linha dura, e ela balançou a cabeça, mas ainda não olhou para mim. "Eu poderia me chutar por ser tão idiota."

Baixei a lâmina, colocando-a de volta na minha bota. "Se tentar me bater de novo, não hesitarei em te bater, foda-se. Não estou interessado em bater em mulheres, mas isso não significa que não vou."

“Você é realmente encantador."

Não me preocupei em responder, virei o carro em Lone Pine Lodging. O lugar provavelmente já viu dias melhores, mas certamente não tinha a reputação de ser o pior bairro em Detroit. Estacionei ao lado do prédio, realizei uma rápida verificação das armas, batendo no coldre de perna em minha coxa, onde a arma estava presa no estojo fortemente, e deixando a alça em forma de T da minha arma passar debaixo da minha palma. Finalmente, é claro, Black Betty que coloquei dentro da minha bota.

"Fique aí. Se tentar fugir, vou atirar em você antes de chegar a Gratiot. Entendeu?" Quando ela não respondeu, levantei as sobrancelhas.

"Sim. Claro."

Com um olhar incerto para ela, deslizei do assento do motorista e contornei o carro. Entrei no quarto em que fiquei nos últimos dias, e fiz uma verificação rápida. Uma vez satisfeito, vendo tudo livre, voltei para o carro, o meu ritmo abrandou quando avistei a porta do passageiro aberta e as algemas balançando na alavanca zombando de mim.

"Filha da puta!"

Com seus ferimentos, ela não poderia ter ido longe. Virei-me e fui para além dos quartos, em direção ao campo na parte de trás do motel. O calor incomum de outubro deixou um suor agarrado ao meu rosto, quando entrei no meio das ervas daninhas.

Apenas alguns segundos se passaram antes que o barulho de água e um clamor de "Merda!" Vieram do outro lado do campo, revelando a sua localização.

Seguindo o som, andei através das ervas daninhas e água até que sua figura mancando apareceu à frente. Em poucos passos rápidos, agarrei-a no terreno pantanoso, com seus gritos ecoando dentro do meu crânio.

Deslizei minhas mãos debaixo de suas pernas e costas, preparando-me para levantá-la em meus braços, mas um soco no meu queixo jogou minha cabeça para o lado. Irritação me fez morder o interior da minha bochecha, impedindo-me de acertar sua bunda. Abandonando meu aperto em suas pernas, deslizei meus braços sobre os dela, prendendo-a em um abraço de urso, e levantei-a para fora da água. Sua cabeça se debateu em direção ao meu rosto, mas eu me esquivei, dando um aperto duro em advertência.

"Eu disse a você, se me bater de novo, isso não vai acabar bem."

"Deixe-me ir!"

"Sem chance." Levei-a de volta através das ervas daninhas em direção ao quarto, e uma vez fora do terreno escorregadio, agarrei suas pernas, aumentando meu ritmo.

Ela se inclinou para frente, tentando chamar minha atenção. "Espera. Por favor. Apenas ouça. Olhe para mim, por favor."

Como um tolo, eu fiz, notando sob as luzes artificiais do motel como o cinza das suas íris tinha um tom quase prateado, com raios finos de branco em torno de suas pupilas que me fizeram lembrar uma tempestade elétrica. Fascinante e bonita.

"Por favor," ela continuou, quando a coloquei no chão.

Vingança.

Um flash do rosto sem vida do meu irmão passou atrás dos meus olhos, e o interruptor foi acionado dentro do meu cérebro. Batendo a mão sobre sua boca, apoiei-a contra a porta do apartamento, pressionando meu corpo no dela.

Tremendo em meu aperto, ela endureceu, os olhos arregalados.

"Se disser outra palavra, a única coisa que sua família vai encontrar é a porra do seu cadáver."

A brutalidade dentro de mim explodiu para a superfície, e tão rapidamente quanto chegou, remorso veio depois dela.

Segurando-a contra a porta, abri e levei-a para dentro.

A pequena sala de estar acomodava um sofá e uma televisão apoiada diretamente em frente dele, em um carrinho marrom que parecia que veio dos anos setenta. Uma pequena cozinha se encontrava à esquerda, facilmente escondida por uma porta acordeão que deslizava como cortina, na maior parte abastecida com bebidas alcoólicas e algumas coisas que trouxe para comer à noite.

"Uau. Este lugar parece seguro." O sarcasmo ficou pesado em sua voz.

Pisando apenas no interior da porta, enfiei a chave no bolso e empurrei minha cabeça para o banheiro, na extremidade oposta do quarto, visível através da porta que separava a sala de estar e cozinha. "Limpe-se."

Seus ferimentos poderiam precisar de atenção, mas por enquanto, ela poderia, pelo menos, lavar o sangue do filho da puta do seu corpo. Com uma expressão esperta em seu rosto, e sem dizer uma palavra em protesto, ela mancou até o banheiro, como instruído, e fechou a porta atrás dela.

Ao som de água corrente, puxei o telefone descartável do meu bolso, e encontrei um texto do grupo de limpeza, avisando-me que eles terminaram, respirei um pouco melhor.

Ninguém jamais encontraria os corpos dos bastardos.

Capítulo 11

Lucy

Recusei-me a tomar banho com o homem no outro quarto.

Ele pode, ou não, ter salvado a minha vida, dependendo de como se olhava para a situação, mas ainda não confiava nele e sua tatuagem pornô de tortura.

Em vez disso, passei uma toalha molhada sobre meus braços e rosto, lavando o sangue, com o meu olhar fixo na porta. Abaixei do sutiã sem arames, limpei o suor lá, fazendo uma careta com o pensamento de manter a maldita coisa toda a noite. Recusei-me a tirá-lo, embora, e ter meus seios em plena exibição para ele.

A questão que ainda pairava no ar era: o que diabos ele queria de mim?

Um pulsar incessante latejava na parte de trás da minha cabeça onde fui atingida. Toquei o local e me encolhi, quando meus dedos flutuaram sobre um nó firme sob o meu cabelo. Pressão ainda martelava atrás dos meus olhos e nariz como uma ressaca.

Eu tremia, pensando em quando fui nocauteada, e olhei para a porta. Será que ele me tocou durante esse tempo?

Além das contusões óbvias de luta, e a dor em meu crânio, não notei qualquer outra dor. Meus braços doíam um pouco, onde um deles tinha me pressionado com a bota. Nada doía entre minhas coxas, ou onde eles poderiam ter tateado os meus seios, embora.

Não sabia por que ele tinha me trouxe, ou o que planejava fazer comigo, mas esperarei até que ele adormeça para correr. Teria

que encontrar uma carona, desde que não tinha dinheiro e, a julgar pelas estradas que passamos no caminho, nós estamos longe demais, na periferia da cidade, para ir a pé. Seu carro podia ser uma opção, se eu pudesse fazer ligação direta na maldita coisa. Um namorado na faculdade me mostrou uma vez, mas não tinha certeza de que poderia fazê-lo sob pressão.

Abri a porta do banheiro e fui confrontada com as suas costas, onde ele estava bloqueando a única saída do quarto. Ele tirou a camisa e ficou revirando os ombros, enquanto descartava suas armas sobre a mesa ao lado dele.

Uma cruz foi tatuada em suas costas, entre os ombros, e na fraca iluminação da sala, sombras enfatizavam seus músculos, lisos e esculpidos, como se tivessem sido feitos pelas ferramentas de um artista. Olhei as estrias leves que pareciam ser cicatrizes que estragavam suas costas, como rachaduras na pedra. Cerca de uma dúzia, marcas uniformemente espaçadas em seu lado esquerdo, apresentadas em uma fileira perfeita. Não poderia ter sido ferida de bala — nem mesmo um atirador poderia obter o espaçamento exato de cada cicatriz. Apoiando tudo isso, ombros largos afunilavam para uma cintura estreita, e com cada movimento lento, seus músculos rolavam e ondulavam, deixando-me momentaneamente pasma.

O cara era enorme. Maior do que ele parecia com a jaqueta, e, provavelmente, um obstáculo enorme para escapar. Ele tinha algumas armas grandes também, pelo que pude ver e não apenas as que ele colocou sobre a mesa.

Jesus. Eu nunca iria sobreviver se fosse agarrada por esses bastardos. Ele provavelmente poderia me esmagar com um braço, enquanto ganhava um jogo de xadrez com o outro.

Meu olhar continuou descendo, para a bunda que moldava seu jeans. Perfeita. Musculosa. Provavelmente a maldita coisa poderia fazer qualquer olho se arregalar.

Sua cabeça virou de lado, e meu coração ficou preso na garganta, constrangimento aquecendo meu rosto já que ele me pegou olhando para sua bunda. Dando uma olhadela rápida em sua tatuagem, o círculo com o sete, uma nuvem escura de raiva roubou minha humilhação quando perguntei, "O que você quer comigo?"

Sua língua deslizou em seus lábios, e ele fez uma volta completa, dando-me um visual de seu abdômen perfeitamente esculpido para combinar com a parte de trás e a bunda. "Vá para a cama."

Se ele não fosse um bastardo estuprador, isso poderia ter me excitado. Afinal, eu tinha uma raia selvagem que desfrutava de um pouco de *forte*. Fazia meses desde que estive com um homem, e ele certamente não era difícil para os olhos, mas um flash do cadáver da menina que foi despejado em um buraco rapidamente me colocou no lugar.

"Foda-se." Cruzei meus braços, minha mente lutando por um plano alternativo, caso o meu ato de rebelião fosse por água a baixo. Apesar de ser um pouco indigno, poderia mergulhar entre as suas pernas e passar pela porta, se houvesse uma chance de que ele não iria me arrastar de volta. "Sei o que você é. Sei o que vocês, bastardos, fazem e se pensa que irá fazer comigo algum tipo de pornografia atrativa para você e seus amiguinhos, terá outra coisa vindo."

"Não vou dizer mais uma vez. Vá para a cama, porra."

Se o ouvisse, estaria à sua mercê. Se não o fizesse, estaria à sua mercê. Estava ferrada de qualquer maneira. *Pense, Lucy.*

O cara tinha um arsenal de armas, incluindo a lâmina preta monstruosa que ele puxou no carro, e tudo que teria que fazer era me estourar com ela. Eu tinha certeza que ninguém nunca iria encontrar meu corpo.

Talvez pudesse fazê-lo pensar que estava dentro do clube. Fazê-lo pensar que era algum membro valorizado no maldito

círculo de tortura pornô. Era melhor do que qualquer outra coisa que pensei, incluindo implorar descaradamente por minha vida. Afinal de contas, conhecia pelo menos outra pessoa que usava a tatuagem — Viktor — e, sem dúvida, aquele bastardo era o mais assustador de todos.

Balancei a cabeça, caminhando em direção à cama, onde ajeitei corretamente o canto do lençol que não estava em linha reta. "Viktor vai ficar tão chateado com você por isso."

Suas sobrancelhas levantaram com isso. "Você conhece Viktor? Conall?"

Ugh. Duas das minhas pessoas menos favoritas do mundo, e ele conhecia os dois. "Não vou dizer uma palavra." Casualmente deslizei sobre a cama, cavando meus ombros no travesseiro como se me acomodando e ficando confortável.

Primeira lição de nunca ser uma vítima — estabelecer o valor de sua vida.

"Você vai falar, ou vou esfola-la viva. Como lhe parece?" Perguntou.

"Se me esfolar viva, ficará de pé em uma poça da sua própria urina, assim que os meninos do clube descobrirem."

"O que você sabe sobre o clube?"

"Tudo."

A lâmina fez a sua aparição sem cerimônia mais uma vez, quando ele a levantou do coldre e a colocou debaixo do meu queixo antes que pudesse dizer a minha próxima mentira. "Você vai me contar tudo, então."

"Na parte da manhã." Estaria muito longe até então. Talvez lhe deixaria uma nota sarcástica com algo cômico, como: *você é como um bando de cadelas ingênuas.*

"Tudo bem." Ele sacudiu a cabeça em direção à cabeceira da cama. "Braços para cima."

Por favor. Já escapei das algemas dele uma vez. Faria isso novamente. Estive treinando para esse tipo de merda por um longo tempo. Foto-jornalistas sempre corriam o risco de serem capturados, e de quanto mais situações eu pudesse escapar, melhores minhas chances de me manter viva. Sabia como entrar em lugares que não deveria entrar, e como sair. Graças ao meu padrasto, que tinha uma empresa de cofres quando eu estava crescendo, poderia abrir um bloqueio em menos de dois minutos e abrir algemas em menos de sessenta segundos.

Se ele tentasse me parar ou ficar no meu caminho, só corria risco com essas grandes armas. Obviamente, não era estúpida o suficiente para pensar que era invencível, ou qualquer coisa — Peepshow trouxe essa realidade assustadora à tona no início da noite — mas se for dada a chance, com certeza não pretendia me deitar e morrer.

Ergui os braços, rolando meus ombros. A tatuagem em seu antebraço praticamente sorriu para mim, enquanto um beliscão no meu pulso fez a minha atenção virar em direção à cabeceira da cama, e assobiei para os objetos negros que me amarravam à haste de metal.

"Muito apertado?" O canto de seus lábios se curvaram, e não queria nada mais do que bater minha cabeça contra seus dentes perfeitos. Braçadeiras pretas amarravam meus braços na cabeceira da cama, e puxei contra elas, derrota se espalhando pelas minhas veias em ondas. Elas eram tão grossas, eu provavelmente teria que trabalhar por toda a noite para quebrar as fitas. Assim que ele caísse no sono, porém, eu o faria. Faria isso até que meus braços estivessem em carne viva se tivesse que fazer. "Braçadeiras? Quem diabos usa Braçadeiras?"

"Alguém que não será queimado duas vezes." Ele balançou a cabeça. "Podia ter, pelo menos, esperado para mostrar suas pequenas habilidades artísticas de escape até depois que eu tivesse adormecido. Você poderia realmente ter fugido."

"Espero que façam você borrar a calça primeiro, antes de matá-lo."

"Continue falando, querida, e você vai borrar a sua sobre a cama." Seu sorriso maroto fez meus dedos enrolarem em punhos, desejando que pudesse estourar seu rosto. "Então, terei que remover suas roupas."

"Se me tocar hoje à noite, você será um homem morto."

Na esperança de que houvesse outros no motel de merda em que ele me trouxe, abri a boca e gritei tão alto, que o som da minha própria voz deixou um zumbido no meu ouvido.

Ele bateu um quadrado de fita adesiva sobre a minha boca, abafando meu grito, deixando-me a chupar uma grande respiração pelo nariz. "Já pensei nisso também."

Em um momento de frustração, enrolei meus dedos em punhos e chutei meus pés contra a cama, braços amarrados bem apertados contra as barras atrás de mim.

Ele permaneceu ao meu lado, a cabeça inclinada, como se estivesse admirando um animal enjaulado. "Você é uma mulher fascinante, Vixen. Ou deveria chamá-la Black Sparrow. Qual deles você prefere?"

Meu estômago afundou com suas palavras. Meus olhos provavelmente saíram da cabeça, com a forma como o seu sorriso deslizou em seu rosto.

"Sim, sei quem você é. Você gosta de seguir as pessoas por aí, e... bem. Curiosidade. Gato. Você sabe o final."

Warhawk. Eu sabia. Meu Deus, *eu sabia.* No clube, tinha uma aura sobre ele, e mesmo que nunca tivesse visto o seu rosto antes, Warhawk foi a primeira pessoa que me veio à mente.

Um nó torceu no meu estômago com o pensamento que eu tinha me tocado, fantasiando sobre o idiota. Nunca teria imaginado que ele estuprava mulheres com uma câmera em seu tempo livre.

Porco doente e repugnante.

Assim que ficasse livre, gostaria de matar sua bunda rapidamente. Os homens de Peepshow, sem dúvida, estariam procurando por ele. Possivelmente, ainda procurando por mim, também, então tinha que me manter de alguma forma anônima.

"Estarei no outro quarto," disse ele, virando-se. "Se precisar de alguma coisa, é só dar um grito."

Vá para o inferno.

****

Deve ter passado uma hora até que a luz no outro quarto, finalmente virou escuridão. Eu estava esfregando as braçadeiras contra o metal em um ritmo lento e agonizante, na esperança de que ele não me ouvisse.

Já saí de braçadeiras, uma vez na faculdade, quando um cara com quem estava me divertindo decidiu ficar pervertido e me amarrar antes de desmaiar bêbado. Tudo que tive que fazer foi empurrar minhas mãos contra o plástico e bater meus pulsos contra o meu osso pélvico para quebrá-las. Impossível do meu ângulo atual, mas cortar o plástico iria funcionar, também.

Eventualmente.

A dor latejava em meus dedos e nos pulsos. Esperei uns bons dez minutos, para me certificar de que ele estava dormindo, antes de realmente trabalhar o plástico contra as grades. A parte de trás do metal tinha uma superfície irregular que pegava na fita a cada vez, causando estragos na minha pele, mas esperava que compensasse e cortasse as braçadeiras. Eu aumentei o ritmo do corte, mantendo meus punhos apertados, puxando o tenso plástico.

Nunca seria capaz de adormecer, de qualquer maneira, não sem um lençol cobrindo meu rosto. Sempre tive dificuldade de ficar

em hotéis, mas era particularmente difícil, motéis, já que nunca sabia o que diabos ainda viviam nos lençóis.

Devia ser quase quatro da manhã, e meus membros estavam fracos, exaustos do trabalho cansativo. A escuridão do quarto caiu sobre mim, cobrindo meu campo de visão, até que não poderia dizer se meus olhos estavam abertos ou fechados. Eu estava sonhando?

Não adormeça.

Olho para cima, onde o céu azul espreita através de uma pequena abertura entre as árvores. Meus membros estão tremendo. Estou com frio. Medo aperta o meu peito, sufocando a minha respiração, enquanto ramos de terror espalham-se pelo meu corpo, me paralisando.

O mundo está abafado, como quando eu costumava tomar banhos e colocava meus ouvidos logo abaixo da superfície, e abafava o som da buzina do trem à distância. O pulsar constante do meu coração, ouvia-se no meu ouvido, me dizendo que eu ainda estava viva.

Uma afiada dor pulsa no meu olho, e o corpo é sacudido. Mãos me alcançam, unhas arranhando a minha pele. Eu lanço o meu olhar para os rostos desconhecidos que me cercam, rindo enquanto rasgam minhas roupas.

Abro a boca para gritar, mas não sai nada. Como se eu estivesse morta, e eles estão contaminando o meu cadáver.

Um punhado de arbustos estava contra minhas costas. Temo usar meus braços e pernas para chutar. Luta. Mas é tudo na minha cabeça. Meus membros são pesados e não se movem ao meu comando.

Escuridão faz desaparecer a cena e se abre para uma em que tenho uma arma em minhas mãos.

Um conjunto de olhos verdes, do tipo que cativa completamente em um relance, olham para mim. Os lábios mais

beijáveis que já vi em um menino. Ele segurava flores brancas, dizendo palavras que não posso ouvir.

Eu me inclino, lutando contra o impulso constante ainda pulsando em meu ouvido.

"Acorde."

Meus olhos abriram para a luz solar que fluía no quarto. O cheiro de bacon encheu meu nariz, e engoli com força contra a secura na garganta, a língua grossa e seca, como se minha boca tivesse sido recheada com algodão. Com o nariz enrugando, engoli de novo, apertando os olhos para o som saindo da minha garganta.

"Acorde," disse ele.

Virei minha cabeça para o lado, horrorizada ao ver meu captor ao lado da cama, olhando para mim, seus olhos verdes não muito diferentes do menino em meu sonho. A longa lâmina preta brilhou no canto do meu olho, e ainda meio adormecida, uma pontada de pânico me fez chutar para ficar longe dele. "Não! Não!" O puxão em minhas mãos me levou à conclusão de que ainda estavam presas. "Por favor! Deixe-me ir!"

Chamas passaram por minha pele, onde as braçadeiras tinham cavado em meus pulsos, e a lâmina de aço frio tocou meu dedo apenas um segundo, antes que a pressão desaparecesse juntamente com as braçadeiras. Baixei as mãos, encolhendo com as marcas profundas circulando meus pulsos. Eu não poderia mesmo esfregá-las sem a ameaça de uma queimadura. Entre a sensação dormente e a picada, minhas mãos eram inúteis.

"Deve ter trabalhado essas braçadeiras durante toda a noite. Mais uma hora, e você poderia tê-las arrebentado." Sua voz zombando estremeceu ao longo da minha espinha, e não podia deixar de fazer uma careta para ele, enquanto me lembrava de que adormeci na minha tentativa de fuga. "O que foi todos esses gemidos?"

Fiz uma careta para ele. "Vou lhe dizer o que *não* era." O sonho era um recorrente, que tinha durante anos. Os pesadelos

tinham finalmente ido embora, e só poderia presumir que a minha situação atual, e o que aconteceu com Peepshow na noite anterior, trouxe-o de volta do seu inferno dormente.

Enquanto o cheiro de antes se intensificava, virei minha cabeça para a fonte, onde um prato de bacon, ovos e torradas estava ao meu lado. Minha boca salivou por uma mordida. Eu não comi nada na maior parte do dia anterior, graças à minha preocupação de ter que trabalhar mais tarde nessa noite.

"Com fome?"

De onde estava, podia ver que ele preparou o bacon, bem do jeito que eu gostava — um pouco crocante, o suficiente para derreter a cada mordida deliciosa. Eu não precisava de muito, apenas o suficiente para acabar com a minha fome dolorosa, mas já sabia como o meu orgulho funcionava, e meu corpo murchou com a indignação rodando dentro da minha cabeça.

Apesar do protesto no meu estômago, olhei de volta para ele. "Vá para o inferno." A comida foi provavelmente misturada com alguma coisa, de qualquer maneira.

"Você é uma merda mal-humorada."

"E você está acostumado com o quê? Mulheres que têm medo dos seus músculos e suas tatuagens — que se deitam e fazem o que você lhes diz?"

“Essa é a minha preferência, sim."

“Você é um porco nojento.”

“Vindo da mulher que é associada com o Seventh Circle." Ele puxou uma cadeira, girou-a, e sentou-se ao meu lado. "Agora que tal você me dizer o que você sabe?"

Merda. Eu esperava estar muito longe. Não esperava ter que me explicar. "Preciso usar o banheiro."

A maneira como ele empurrou sua cabeça em direção à porta, de modo casual, quase me fez sentir como se ele não me

tivesse mantido em cativeiro. Como se pudesse de repente ir e vir como quisesse.

Ele pegou a lâmina na mesa de cabeceira, colocando-a no coldre, e aproveitei a oportunidade para medir a distância entre a porta da frente e o banheiro. Se andasse em direção ao banheiro, poderia mudar rapidamente a trajetória e correr para a porta? Seria complicado, mas valia a pena tentar.

Ainda segurando meus pulsos, saí da cama e andei cautelosamente, consciente do seu olhar em mim enquanto eu contornava a cama.

Ele se endireitou em sua cadeira, como um cão de guarda cuja atenção estava em alerta máxima, e ocorreu-me, não havia nada casual sobre o seu gesto. Ele permanecia em guarda, pronto para atacar.

Eu só tinha que ser rápida, apenas isso.

No meio do caminho para o banheiro, virei-me e fiz uma corrida para a porta. Pressão bateu contra a parte de trás do meu pescoço, e como se fosse nada mais que uma boneca de pano, meu corpo voou para trás, batendo contra o seu peito. Levantei meu calcanhar e bati em seu pé, depois lhe dei uma cotovelada, um ataque que me deu apenas a liberdade suficiente para sair de suas garras.

Perdi o equilíbrio, e antes que pudesse me endireitar, a porta colidiu com minhas costas.

Um grito foi arrancado do meu peito, arrancado pelos dedos cavando em meu pescoço. Meus pés pendiam, com o meu corpo preso em suas mãos, o meu coração pronto para sair através das minhas costelas. Círculos flutuavam na frente dos meus olhos enquanto o pânico tomava conta do meu corpo.

Luta. Luta com ele.

Seu corpo grande me esmagou, me pressionando contra a parede. Como estava presa entre o concreto e aço, eu o deixei. A

primeira lição que meu instrutor me ensinou – surpreender a porra do meu atacante. Não lute.

Depois de um minuto de olhar em silêncio, que esperava que o tivesse feito baixar a guarda um pouco, lancei meu joelho em direção à sua virilha, e quando ele saltou para trás, torci meus pulsos e saí do seu alcance.

Ele se esquivou do meu ataque para os seus ouvidos, como se antecipasse todos os meus movimentos.

Fugi do ataque, mas senti o aperto de suas mãos nos meus pulsos. *Porra. Porra.*

Ele reuniu ambos os pulsos em uma de suas mãos e segurou a minha barriga, arrancando de mim uma respiração quando me jogou contra a parede. Mais uma vez, encontrei-me imóvel e olhando para os seus olhos irritados.

Porra. Porra. Porra. Ele era maior. Mais forte. Poderia provavelmente arrancar meus braços fora do meu corpo. Tão forte quanto pressionei meus músculos para romper com o seu aperto, todas as vezes que bati para cima com meu joelho, ele bloqueou e me manteve presa contra a parede.

"Eu prometo... prometo que não vou dizer nada. Deixe-me ir! Deixe-me ir, e prometo que ninguém vai saber que você me amarrou aqui." Minha respiração saiu com os argumentos, mas sua expressão estoica me disse que não fizeram nenhuma fodida diferença. "Seguiremos nossos caminhos separados," tentei.

Um movimento do seu braço silenciou minhas palavras, quando engasguei com uma respiração. Por um momento, ele ficou parado, enquanto eu ofegava, esperando que não fosse hiperventilar e desmaiar. Minha garganta ficou seca e as lágrimas brotaram nos meus olhos, o borrão me irritando.

"Não brinque comigo." Ele soltou, e caí para frente, tossindo enquanto segurava minha garganta. "Você vai me dizer sobre Seventh Circle." Seus dedos enrolaram em torno do meu braço, e eu lhe permiti me guiar de volta para a cama. "Coma primeiro."

Olhei de volta para a porta, momentaneamente derrotada, mas isso não significa que não iria tentar fugir novamente.

Quando ele caiu em sua cadeira, mais uma vez, deslizei de volta na cama contra o travesseiro, puxando os joelhos para cima apertados no meu peito. Ele me entregou o prato de comida, e tanto quanto queria resistir, não fiz. Do chão, ele ergueu uma garrafa de água e quebrou o selo antes de me entregar. Droga. Olhei para a garrafa. Eu odiava que alguém a abrisse. Ainda assim, dei a tampa o habitual esquerda-direita-esquerda.

Sentindo seu olhar me virei para vê-lo olhando para mim.

"O que é aquilo?" Perguntou.

"O quê?"

"A torção da tampa."

Como se eu fosse lhe explicar. Ignorando a pergunta, abri e bebi tão rápido que a água escorreu pelos cantos da minha boca. O fluido fresco sibilou quando revestiu a secura na minha garganta e meus olhos reviraram com a sensação de reabastecer o meu corpo. Quase acabei com a água antes que coloquei a garrafa de volta ao meu lado e levantei o garfo. O bacon salgado encheu minha boca, acabando com as dores da fome quando comi rapidamente, cantarolando baixo entre garfadas. Outra coisa que me incomodava era o farfalhar da saliva molhada durante a mastigação. No ensino médio, eu tinha sentado e assistido a um documentário sobre o farfalhar da mastigação, que me levou à sala do diretor por me recusar a retirar as mãos dos ouvidos, enquanto um louva-deus comia um grilo.

As sobrancelhas do meu captor franziram, mas felizmente ele não fez nenhuma pergunta sobre o zumbido. Ou talvez estivesse enojado com a maneira que eu devorava a comida como se ela pudesse fugir do meu prato. *Tanto para não comer bacon novamente em minha vida.* Nunca fui uma gulosa, mas estava quase morrendo de fome, nem sequer me qualificava como uma

dama, com a maneira como devorei os ovos e torradas, lambendo a gema dos meus dedos.

"Deus. Quando, exatamente, foi a última vez que comeu?", Ele perguntou, com um traço de diversão em sua voz.

Sem me preocupar em responder, peguei o último pedaço de gema com o pedaço de pão e coloquei-o na minha boca.

"Por que você me seguia?" A pergunta dele me trouxe de volta para a noite anterior, quando ele disse o meu nome de usuário.

"Como você sabia que era eu?" Perguntei em resposta.

"Você não acha que eu deixaria você me seguir sem a tornar num negócio meu?" Ele pegou o prato do meu colo e colocou-o na mesa de cabeceira. "Agora que temos a comida fora do caminho, para quem você trabalha?"

Com a cabeça de volta no jogo olhei para sua tatuagem em seu antebraço e de volta para cima. "Viktor." Era verdade, embora não no mesmo nível que estava pintando dentro de sua cabeça.

"Quem é Viktor?"

"Você é novo no clube? Estou surpresa que você nunca ouviu falar dele."

Ele se moveu em seu assento e fungou. "Responda à pergunta."

"Ele é alguém com quem você não brinca. Alguém bem conectado. Alguém que não pensaria duas vezes antes de eliminar um homem que faz um monte de perguntas." *Boa Lucy.* Eu odiava colocar Viktor em algum tipo de pedestal, mas faria o que fosse preciso para colocar um pouco de medo no idiota.

"E o que, exatamente, você faz para o clube?"

Boa pergunta. Uma que eu não tinha pensado. Merda. "Sou sua... ele é meu... namorado." *Menti.*

Seus olhos se estreitaram. "Mentira."

"Desculpe?"

"Seventh Circle não é um clube de cavalheiros. É uma rede de tráfico da porra. E não estou comprando isso miss 'Você é um porco nojento' quando tentei te tocar, mas é a namorada de um dos chefões. Acho que você está mentindo. Mentirosos me irritam."

"Será que fere os seus sentimentos que é as suas mãos que não quero em mim?"

"Mas você deixa todos os outros paus agarrarem você no clube de strip a noite toda?"

Se meus olhos pudessem disparar balas, ele seria um homem morto. "Foi uma coisa de uma só vez. Eu precisava do dinheiro."

"O quê? O grande e poderoso Viktor não está deixando-a tocar os milhões de dólares que o Seventh Circle gera?"

Não respondi, por medo de que escorregasse e confessasse alguma coisa.

"Por que você me seguiu naqueles meses atrás? Foi você quem me dedurou para Tesarik. Você ganhou alguma coisa com isso?"

Que porra é essa? *De onde diabos veio isso?* "Eu não tenho ideia de quem seja."

"Você está cheia de merda. Você tirou fotos de nós roubando as armas. Você nos entregou a Tesarik. Não é?"

"Olha, não sei que porcaria Exorcista está voando para fora de sua boca agora, mas antes de começar a vomitar material verde e subir pelo teto, talvez você deva dar um passo atrás e lembrar o que nós estávamos falando um segundo atrás?"

Ele saltou da cadeira, me enjaulou contra a cabeceira, e a maneira como ele pairava sobre mim, como uma tempestade escura à espera de lançar o inferno, pela primeira vez desde que ele tinha me levado, meu corpo congelou com medo. "Você trabalha para Tesarik? Responda à pergunta!"

Pressionando-me na cabeceira da cama, eu chutei contra ele e seu olhar intenso me rasgou de onde estava. "Não conheço Tesarik. Nem sequer sei o que diabos é o Seventh Circle. Eu estava brincando com você para me manter viva, é tudo. Não tenho nada a ver com o clube."

“Por que você me seguia?”

"Você é um mistério da internet." *Um com o qual eu tinha sido completamente obcecada.* "Você faz merda, e ninguém sabe sua verdadeira identidade. Isso é tudo." Recusei-me a dizer-lhe sobre o Muckraker e fazê-lo ir bater à porta de Craig.

"O que você fez com as fotos?"

"Que fotos?"

"Daquela noite. Nós roubamos as armas."

"Não sabia que você estava roubando armas. Pensei que você fosse... pensei que você estava apenas batendo num criminoso. Pensei que fosse um *bom rapaz.*" Mais uma vez, meu olhar caiu para a tatuagem, e quando o olhei de novo peguei um brilho em seus olhos.

"Onde estão as fotos?"

"Descarreguei-as no meu computador e...”

"E?"

Mesmo sendo uma história suculenta para o Craig, recusei-me a entregá-las. Warhawk espancou um sacana desprezível – um incômodo no bairro conhecido por ser um idiota misógino. Então, o que, se eles levaram as armas dele? Era como tirar o soco dos valentões da escola. "Elas se foram. Você não tem nada para se preocupar. Prometo que não as entreguei.”

Seu lábio soltou um rosnado intimidante. "Não tenho nada com que me preocupar?" Ele se afastou de mim. "Toda a porra da minha família se foi, e você está me dizendo que não tenho nada com que me preocupar?"

Meu peito apertou enquanto minhas sobrancelhas se juntaram. "O que?" Sua família? Eu não tinha ideia de que ele tinha uma família. Como filhos e uma esposa?

Narinas abertas, ele respirou pesado, como se estivesse tentando se acalmar.

"Olha, prometo a você. Não entreguei nenhuma foto. Eu não disse nada a esse... *Tesarik.* E Viktor é ninguém. Ele tem a tatuagem, mas não tenho ideia de qual é o status que ele tem com eles. Ele não é meu namorado. Ele é apenas o proprietário idiota do Sphinx. Por favor, deixe-me ir. Ninguém vai saber que você esteve aqui. Não vou dizer uma palavra a ninguém sobre onde você está hospedado."

Sua testa enrugou, e meu estômago revirou quando percebi o que acabei de fazer.

Apontei a razão pela qual ele precisava me manter.

"Você está namorando Viktor. Você não está namorando Viktor. Você sabe sobre o clube. Você não sabe sobre o clube. Você está cheia de merda, e não tenho paciência para tretas. Braços para cima."

Capítulo 12

Jase

Deixei a mulher amarrada à cama e dirigi ao longo da Gratiot, andando nos arredores da cidade. A maioria das cidades do mundo tinha duas camadas. A superfície, que consistia em todas as pessoas normais — banqueiros, advogados, enfermeiros, médicos, políticos. Pessoas relativamente felizes, que viviam as suas vidas enquanto bebiam seus refrigerantes e assistiam reality shows para evitarem suas realidades.

E as cenas subterrâneas — gangues, máfia, prostitutas, traficantes de drogas. Os que normalmente assustavam as pessoas normais e mantinham seus egos em cheque. Quando uma gangue morria, outra tomava seu lugar, mantendo um fluxo constante de prós e contras. Um equilíbrio, por assim dizer, do bem e do mal, embora o aumento dos grupos ao longo dos últimos anos tinha começado a desequilibrar esta sintonia.

Detroit tinha três camadas.

Abaixo dos senhores do crime, e todo o povo de merda ligado à TV, existia um mundo que existia apenas em pesadelos. Um lugar onde não existiam regras e as pessoas que prosperavam lá não tinham nomes, eram sem rosto e governavam em anarquia.

Lá, os crimes mais horríveis eram trocados e comercializados como uma tarde de domingo no mercado oriental. Não apenas golpes e sequestros, mas o tipo de merda que só aparecia nas notícias quando acontecia de vir à superfície como um cadáver inchado. Estupro. Pedofilia. Tráfico. Prisão. Tortura. O tipo de merda que fazia mães suburbanas dobrar-se em seus falsos

sentimentos de segurança, com a certeza de que a força policial sabia onde encontrar os criminosos.

Exceto que o que não podia ser visto não poderia ser capturado.

E eu fui marcado com a merda e estava mergulhando de cabeça nela, em um mundo que virava meu estômago mais do que os bastardos com os quais convivi, que tinham roubado, assassinado e mutilado. Pelo menos eles tinham uma razão por trás de seus crimes — se de vingança, lealdade, ou simplesmente sobrevivência. A merda encontrada na darknet era feita por pura diversão sádica, a emoção de ver e infligir sofrimento humano.

Virei-me para o estacionamento ao lado de um trecho de edifícios antigos que estavam alinhados em conjunto, onde o salão de tatuagens Smoking Guns Tattoo ficava entre uma lanchonete destruída pelo fogo e a loja Fired Up Smoke.

Passei alguns dias ficando alto com Dax, Reed, e Rhys, o proprietário da loja de tatuagem, enquanto vendíamos pílulas na parte de trás. Porra, eu não vi Dax em meses. Provavelmente não era a melhor ideia a seguir, já que era muito tarde, mas precisava saber mais sobre Viktor, que, de acordo com a menina, tinha a mesma tatuagem que ganhei. Como um lutador de rua subterrâneo, Dax tinha um monte de conexões com os bastardos obscuros da cidade. Foi através dessas conexões que nós soubemos sobre as armas que tínhamos roubado do Tesarik.

Remexi-me no banco, verificando se a porta de trás da sala ainda estava aberta, tive um vislumbre da câmera ainda localizada na parte de trás do carro. A menina havia dito anteriormente que Peepshow estava atrás de algo que estava nela, então a peguei, e passei pelas imagens.

Parecia ser o porão do matadouro, pelo que pude ver. Estive lá algumas vezes. Ela tirou algumas fotos bem legais – bom balanço na composição, e fez bom uso do flash.

Ainda passando rapidamente, parei em um vídeo e apertei o play. Inclinando minha cabeça, tentei encontrar o sentido do ângulo, coberto por sombras escuras na parte superior da tela. Talvez o fotógrafo estivesse se escondendo debaixo de alguma coisa. A câmara tremeu um pouco, e respiração forte anulou as vozes profundas dos homens. Objetos à distância caíram em um grande poço de algum tipo, talvez um ralo, cada um com uma sombra pálida em que se podiam distinguir curvas que sugeriam um torso? Um braço? Uma cabeça.

Partes do corpo. Ela viu-os despejar um corpo.

Bem, porra se eles não estavam atrás dela. A menina deve ter bolas de aço para sentar e gravar tudo. O matadouro por si só já era perturbador, mas acrescentar um corpo morto e alguns psicopatas deve ter sido uma casa de horrores para ela.

Inclinado para frente, abri o porta-luvas, onde coloquei o cartão SD da unidade de armazenamento, e coloquei-o na câmara, pressionando play quando um vídeo apareceu. Na tela, Reed estava sentado numa cadeira em frente da câmera, pupilas dilatadas, provavelmente alto como merda. Uma dor atingiu meu peito ao vê-lo. Ele se inclinou para trás, como se ajustando-se no banco, antes da câmera mostrar o seu pau exposto na palma da mão, e parei o vídeo.

"Que porra é essa, cara? Você queria que eu encontrasse essa merda?" Murmurei mudando para o próximo vídeo.

Mais uma vez, mostrou Reed na frente da câmera, mas desta vez, ele parecia estar no auge do orgasmo — ou dor, não poderia dizer. A cabeça indo para trás, nu na parte de cima, onde a visão da câmera terminava em seus abdominais, gritou um som estrangulado, após o qual o seu corpo estremeceu. O suor brilhava em seu pescoço e peito, e seu cabelo estava grudado na testa. Ele levantou a mão ensanguentada tremendo no ar, virando-a para a câmera.

Meu estômago revirou com a visão disso, e novamente, pareio, passando para o terceiro vídeo.

Eu sabia que ele sempre esteve em coisas estranhas, mas não tinha ideia que ele filmava esta merda.

A cena parecia ser gravada dentro de um porão, onde paredes de cimento tinham manchas de água enferrujada, e uma única lâmpada estava pendurada no teto baixo, iluminando o quarto que de outra maneira estaria escuro. Encostado na parede estava um espelho, como se tivesse sido desmontado de uma cômoda e armazenado no porão. Grande e largo deu-me a visão de um homem em pé em algum lugar em um canto, tocando-se entre suas coxas, sua calça preta amassada em seus tornozelos. Eu não conseguia ver o rosto dele, apenas o cabelo grisalho que o colocava em torno de sessenta anos. Em uma mesa, o corpo nu de uma menina se contorcia, e ela puxava as correntes que a prendiam. Um homem loiro segurava a câmera, filmando ela enquanto rodeava a mesa, e parou para dar um tapa em seus seios pequenos. O corpo da garota desapareceu atrás da bunda grande escalando em cima dela. Gritos abafados bateram através do vidro que separava quem estava filmando do ângulo que eu assistia. No reflexo do espelho, o homem no canto masturbava-se enquanto observava o cara fode-la sobre a mesa.

Desliguei o vídeo. "Jesus Cristo, Reed." Tirando o cartão SD para fora da câmara, balancei a cabeça e coloquei-o de volta no porta-luvas. "Isso é errado," murmurei, colocando a câmera para baixo.

Meus pensamentos se voltaram para a conversa com Roman, me perguntando se eu tinha dado uma olhada em um dos vídeos que ele tinha baixado do site. Se tivesse, com certeza não teria qualquer indicação de quem estava por trás dele. Era como assistir através dos olhos de um voyeur.

Saindo do carro, olhei ao redor do estacionamento, quase vazio, exceto pela Harley do Rhys e o Hami vermelho do Dax

estacionado na parte de trás do lote, quando caminhei até a porta de trás da loja. Depois de bater duas vezes, ouvi.

A voz trovejante de Rhys passando através da porta de aço, e risos seguindo. Jogando para trás a porta destrancada, entrei e olhei em volta. Ninguém na sala de trás. Continuei para a seção do meio do edifício que uma vez serviu como uma barbearia. Em cada lado, três cadeiras foram separadas por divisórias baixas, cada uma com a sua própria estação de instrumentos de tatuagens.

Apenas Dax e Rhys estavam sentados nas cadeiras em frente um do outro, bebendo cervejas e fumando.

Quando saí das sombras do corredor, sua risada morreu.

Meu lábio curvou até um meio sorriso, quando Rhys me viu primeiro e sentou-se em linha reta. Seus dedos tatuados enrolaram em torno dos braços da cadeira, e ele parecia hesitante em se levantar. "Mãe... filho da puta."

Dax virou-se em sua cadeira, sobrancelhas subiram, boca aberta. "Hawkins? Que porra é essa?"

Eu tinha a sensação de que minha visita seria uma surpresa. Com as mãos espalmadas do lado virei minha cabeça. "Beijo?"

Ambos os homens dispararam de suas cadeiras, e Dax apontou direto para o meu peito.

"Você está morto, filho da puta! Que porra é essa, cara? Que porra é essa? Pensei que estivesse morto!" Dax passou os braços em volta de mim e deu um soco nas minhas costas, quando me deu um abraço. Largando-me, esfregou a mão sobre sua mandíbula e me deu um aperto de mão. "Não brinca. Estou fodido vendo pessoas mortas, e merda." A gargalhada voou de sua boca.

Rhys se aproximou por trás dele e bateu o punho com o meu, me puxando para um abraço. "Pensei que não o veria mais, filho da puta." Ele me conduziu a uma cadeira, abriu o refrigerador no chão, e entregou-me uma cerveja.

Balançando a cabeça, levantei a mão para recusar, mas aceitei quando me ofereceu um Red Bull em seu lugar.

"Onde diabos você se escondeu?" Dax ficou ao meu lado, ambas as mãos nos quadris. Enquanto Rhys era loiro, tatuado, e parecia um Viking sueco com sua grande estrutura, com barba e olhos azuis, Dax tinha cabelos escuros, com a barba cortada, olhos castanhos e alargadores em seus ouvidos. Ele passou anos nas ruas lutando por dinheiro, antes de entrar na cena de roubar carros, e ele carregava as cicatrizes no rosto e dedos. Ele balançou sua cabeça. "Porra, cara, sinto muito por Reed. Você sabe, ele era como um irmão para mim."

Balancei a cabeça e tomei um gole da bebida. "Sim. Ele foi bem agredido. Soqueiras."

Dax recuou e sacodiu a cabeça novamente. "Qualquer ideia de quem fez isso?"

"Estou trabalhando nisso."

"O que aconteceu com você, Jase?" Caindo na cadeira ao meu lado, Dax esfregou a cabeça com a mão livre. "Onde você estava?"

"Fui enviado para Tesarik." Não me importei em elaborar, ou reviver onze meses de inferno, tortura e trevas, trabalhando nas minas.

"Ele te deixou ir?" Um ar de incredulidade agarrou as palavras de Dax.

"Sim. Pode-se dizer isso."

“Você é terrivelmente sortudo de estar vivo, irmão." Rhys deu uma tragada em seu cigarro elétrico, cheio de erva, pelo aspeto pesado de suas pálpebras. "Ninguém saiu de Tesarik. Você deve ser o primeiro."

"Eu fiz um acordo. Preciso rastrear um cara que se chama Pasák. Você o conhece?"

Ambos os homens balançaram a cabeça. "Não, cara." Disse Dax. "O que é isso? Russo, ou algo assim?"

"Eslovaco." Cruzando meus braços, eu me inclinei na parede ao meu lado. "Ele gere um site pornô subterrâneo. Pegando meninas jovens e essa merda."

Como esperava, os olhos de Dax estreitaram em mim, e sabia exatamente por que ele teve um interesse repentino. Quando sua irmã Livvie foi encontrada jogada em um prédio abandonado, mutilada com sinais de assalto, ele caçou o homem que foi responsável e não conseguiu nada. "O que você disse?"

"É chamado Seventh Circle. Rhys, você já tatuou algo parecido com isso?" Levantei minha manga, mostrando-lhe a tatuagem no meu braço. "É o símbolo deles. Os homens de Tesarik tatuaram em mim."

"Sim. Seu irmão. Pensava que era besteira Seven Mile em que tinha interesse."

Meu olhar deslizou para Dax, cuja mente deveria estar girando como uma roda de hamster. Já que Reed acabou com Livvie poucas semanas antes que ela aparecesse morta, era o suspeito ideal. Dax nunca acusou Reed, mas o pensamento deve ter surgido após o comentário de Rhys.

"Este website," Dax continuou, "como é que funciona?"

"Eu não sei. Isso é o que pretendo descobrir. Você conhece alguém com o nome de Viktor?"

"Viktor? Sim." Ondas de fumaça passavam em seu rosto, quando Dax deu um trago no cigarro elétrico. "Proprietário do Sphinx?"

"O que você sabe sobre ele?"

"Ele é da The Ladder. Uma das crianças mais velhas. Só o vi algumas vezes. Sempre esteve na lista de merda do Kelley."

Dax cresceu no sistema de acolhimento depois de sua mãe ter cometido suicídio, e saltou de casa em casa antes de finalmente

conseguir ficar na mesma casa com Livvie. O diretor do The Ladder´s, David Kelley, passou a ser um vereador figurão na cidade de Detroit, por isso ele foi capaz de obter ajuda para uma série de programas de tratamentos quando outras comunidades tinham lutado para obter aprovação. Ele fez Reed sair da heroína, e tentou arranjar-lhe um trabalho decente. Reed só não se adaptou ao mundo normal.

"Em sua lista de merda por quê?" Perguntei.

Dax jogou um braço sobre a cadeira e bebeu sua cerveja. "Reed tinha seus problemas, não há dúvida sobre isso, mas Viktor o fazia parecer uma criança propaganda para o bem-estar mental."

"Reed nunca o mencionou. Eles se conheciam?"

“Provavelmente. Você esteve no The Ladder tempo suficiente, sabe que existem coisas que devemos evitar." Dax sacudiu a cabeça. "Esse garoto deve ter, de alguma forma, alcançado o sucesso, porque quando estava no programa parecia que tinha muitas probabilidades de acabar na sarjeta."

Tomei mais um gole. "Vou passar pelo Sphinx. Fazer-lhe uma visita."

“Boa sorte com isso,” Rhys entrou na conversa, colocando suas botas por cima da divisória que separava as estações de tatuagem.

"Por quê?" Perguntei.

"O idiota não está por perto. Tem algum loiro administrando o lugar, enquanto ele está ausente."

"Conall?" Lancei-me para frente na cadeira, bebendo o resto da minha bebida.

Rhys encolheu os ombros. "Não tenho certeza do seu nome."

Dando um aceno, coloquei a lata do meu lado. "Vou verificar."

"Tem uma festa chegando." Fumaça saiu da boca de Dax, enquanto fumava. "Velho Hotel Savarine. Esta sexta. Você deveria parar por lá."

"Estou fora dessa cena, irmão."

"Algumas das strippers do Sphinx estarão lá. Podem saber mais sobre Viktor."

"Vou ver," disse-lhe.

Talvez elas tenham mais informações do que a já amarrada à minha cama.

Capítulo 13

Lucy

Devo ter serrado o plástico por horas. Minhas mãos estão tão doloridas de esfregar contra o metal, que não podia aguentar mais.

Vozes e risos fora do apartamento tinham me feito acalmar na cama. Ouvi atentamente, pegando a voz distinta do meu captor e o que soou como dois outros homens.

De jeito nenhum. Não, não, não. Ele provavelmente os trouxe para casa para um sexo grupal, ou algo assim, e prefiro morrer a deixar um bando de idiotas doentes e pervertidos terem o seu caminho comigo.

Ok, na verdade, já fantasiei com sexo grupal uma vez. Assisti um no Pornhub, quando a menina na paródia foi tomada por um grupo de motociclistas e forçada a ter relações sexuais com todos eles. Assisti até o fim, onde a mulher foi finalmente entrevistada, e os homens estavam sentados ao redor dela enquanto ela ria e falava sobre o quão divertido tinha sido de interpretar. Gostei daquilo já que poderia desligar e voltar para o meu mundinho relativamente normal, levando comigo não mais do que uma calcinha molhada e um monte de culpa.

Mas existia uma grande diferença entre representar e realidade, afinal de contas.

Voltei a serrar duas vezes mais rápido, sentindo puro pânico em cima de mim, quando a porta abriu e passei a ouvir as vozes com clareza afiada.

Passos bateram através do tapete, como tropas marchando para a batalha, e congelei na cama, fechando os olhos como se estivesse dormindo.

"Jase, cara. Seu corpo é bom pra caralho." A voz do homem era tão profunda como a do meu captor, e abri os olhos apenas o suficiente para ver um homem igualmente alto, com cabelos escuros, vestindo uma calça camuflada e uma camiseta por baixo de uma jaqueta preta. "O que eu não daria para tê-la amarrada à cruz."

Através da fenda nebulosa do meu olho, podia ver o segundo homem de pé ao lado, louro, encorpado, e coberto de tatuagens. Seu queixo quadrado, barba grande e construída fizeram-me o imaginar em um navio de guerra em algum lugar, revestido de armadura, como algo saído do filme *300*. Ele deu um passo para frente, um cigarro elétrico pendurado em sua boca, e inclinou a cabeça, seus olhos voltados para mim. "Como conseguiu essa?"

Eu me concentrei em suas calças, para impedir que minhas pálpebras vacilassem com os pensamentos correndo pela minha cabeça, o que inevitavelmente me fez encarar três virilhas inchadas.

"Acho que ela é quem que nos dedurou," disse a voz do meu captor.

Oh Deus. Oh, meu Deus.

"Pensei que vocês dois poderiam levá-la a falar. Tudo o que parece sair da boca dela é besteira."

Com isso, abri minhas pálpebras, e chutei a cama, fechando minhas pernas tão apertadas quanto poderia. "Você não pode me tocar, porra, e juro por Deus que vou..."

"O que, princesa? Gritar? Chutar? Amaldiçoar os nossos nomes?" Meu captor estava encostado na parede e tomou um gole de cerveja.

O de cabelo escuro riu, puxando sua jaqueta de seus ombros, revelando longos músculos e tatuagens sob a camisa que ele usava. Ele plantou ambos os punhos na parte inferior do colchão, olhando para mim como um leão pronto para atacar. Suas feições e tom de pele morena me fez lembrar de um deus grego selvagem, e a irritação em seu rosto deixou a minha pele quente.

"Eu te disse! Não sei nada. Não sei sobre as tatuagens! Não sei sobre o clube! E não o entreguei!"

"Mas alguém fez, querida." O loiro sentou-se ao meu lado. As pontas dos dedos desceram no meu braço, fazendo-me recuar a perna para chutar, ele agarrou meu tornozelo. Segurando apertado com suas quentes mãos calejadas, e passou a língua pelos lábios. "Selvagem. Amo uma mulher mal-humorada."

"Eu não sei nada, e juro que não vou contar a uma alma, se você me deixar ir." Um grito se estabeleceu na parte de trás da minha garganta, ansioso para se libertar.

Eu chutei para trás, quando ele se inclinou para mais perto, colocando sua cabeça na minha clavícula. Os outros dois homens ficaram quietos e assistiram, meu captor com os braços cruzados sobre o peito o tempo todo. A mão do loiro veio até o lado do meu pescoço e segurou meu queixo, enquanto atrás dele, o outro homem soltou o cinto.

Oh Deus. Isso *ia ser* um sexo grupal.

Metal frio bateu no meu peito, e olhei para baixo para ver uma lâmina serpenteando o seu caminho até o V da minha camiseta. "Não, não! OK! OK! Eu trabalho para um jornal clandestino! É o chamado Detroit Muckraker. Tirei as fotos naquela noite, mas juro pela minha vida que as apaguei!" O último pedaço da minha confissão saiu como um resmungo rápido. "Por favor, não faça isso!"

Um momento de silêncio se seguiu, rapidamente quebrado por uma explosão de risos enchendo a sala. O loiro ao meu lado deu um beijo no meu pescoço antes de ele se levantar da cama,

enquanto o outro apertava a fivela do cinto. "Acho que é tudo que ela sabe, irmão."

"Você... você não vai...?" Eu nem sequer quero dizer a palavra e sugerir isso. "Pensei que você e eles estavam... iam..."

O loiro inclinou a cabeça, o canto da sua boca curvou para um meio sorriso. "Eu colocaria a sua alma numa jaula antes de abrir suas coxas." Ele virou a cabeça em direção ao meu captor. "Além disso, não gosto de público."

"Vou comprar uma bebida. Você está dentro, Hawkins?" O de cabelo escuro acabou o último gole de sua garrafa.

Hawkins. Hawkins. Onde ouvi esse nome antes? Ele rodou dentro da minha cabeça, procurando através de memórias e uma série de rostos, não encontrando completamente nada.

"Sim, claro. Estou dentro." Na minha visão periférica, o olhar do meu captor queimou quente sobre a minha pele, enquanto me observava.

Elevando hesitantemente o meu queixo, nossos olhares se encontraram por alguns segundos antes de romper, e ele voltou para a outra sala.

Quando todos os três me deixaram com a escuridão e a porta se fechou atrás deles, meus músculos finalmente relaxaram.

****

O barulho.

Eles voltaram uma hora atrás, após terem pegado algumas mulheres, a partir dos sons. Nenhum deles se preocupou em espreitar para o meu quarto, coisa que aproveitei. Eu não poderia chamar por ajuda, também. Meu captor tinha voltado, pôs a fita sobre minha boca e mudou as braçadeiras prendendo meus

braços, que acabou com qualquer progresso que fiz na tentativa fútil de fuga. Desgraçado.

Ele só trouxe aqueles homens para me intimidar a falar.

As paredes estremeceram com a batida áspera, o riso, a música. Rap, de todas as coisas. Não que eu pudesse dormir. E se um deles ficasse bêbado e tentasse algo comigo?

A porta abriu, e respirei fundo pelo nariz, músculos tensos, quando a luz mostrou, através da janela, a silhueta do meu captor. Ele tropeçou para o quarto e fechou a porta atrás de si.

Meu coração batia forte dentro do peito, quando ele tirou o cinto e empurrou sua calça sobre as linhas suaves de seus quadris, antes de retirá-las de suas pernas, tropeçando uma vez. Longas estrias sombreadas em suas coxas enfatizavam os cumes de seus músculos. Ele se esticou, revelando sua cueca boxer escura, em seguida, puxou a camisa sobre a cabeça e atirou-a em algum lugar atrás dele.

Quando ele subiu na cama ao meu lado, arrastei-me para o mais longe que os braços podiam puxando as braçadeiras. Enterrando seu rosto no travesseiro, ele gemeu e se mexeu na cama. Não mais do que um minuto depois, ele tinha dormido, respirando fundo.

Meus músculos relaxaram com alívio.

Com a pouca luz que a janela oferecia, olhei para o seu rosto adormecido. Ele não se parecia com um assassino. Não se parecia com um estuprador.

Estúpida, Lucy. Estupradores não se parecem com nada em particular.

Por que ele tinha a tatuagem, embora? Craig tinha me contado que era a sua marca — uma que os identificava. Ele só não me parecia um homem que gostaria de me machucar. Ele mencionou sua família. Será que ele acha que eu os matei?

Um baque atingiu a parede, e um suspiro seguiu.

Pensei que os homens estavam atacando as mulheres no início, até que o bater contra a parede ficou rítmico, como um metrônomo, e a mulher gritou.

Fantástico.

Meu captor deslocou-se na cama, soltando um gemido, mas voltou a respirar profundamente à beira quase que de um ronco.

Apertei meus olhos, rezando para adormecer sem meu rosto coberto, mas quando o barulho no outro quarto, finalmente chegou ao clímax, percebi que os sons do sexo fizeram o meu corpo traidor ficar excitado. Estava errado. Eu não deveria ter ficado excitada. Deveria estar enojada, mas nem um único momento do sexo deles soou doloroso. Em vez disso, a mulher ria e deve ter sido a voz do cara de cabelo escuro que manteve uma conversa baixa com ela, sua voz profunda retumbando através das paredes.

Nada de toda a mutilação, dor e medo que ouvi falar sobre os homens do Seventh Circle. Na verdade, não conseguia me lembrar de ter visto uma tatuagem no de cabelo escuro ou no loiro mais cedo. Presumi que poderiam ter uma tatuagem em outro lugar, mas todos os membros pareciam tê-las tatuadas no mesmo lugar. Viktor. Os homens no matadouro. Meu captor.

Olhei para o homem ao meu lado novamente, ainda perplexa. Nada sobre as últimas duas noites fez sentido para mim. Além das queimaduras em meus pulsos, ele não tinha deixado uma única marca no meu corpo. Era possível que ele tivesse algo preparado para mim, e talvez eu só estivesse sendo ingênua.

Se ele tinha algo planejado, não tinha a intenção de ficar aqui e esperar para ele atacar do nada.

Ao mesmo tempo, poderia nunca mais ter a oportunidade de obter informações sobre o clube — o mesmo clube que poderia ter muito bem sido responsável pela morte da minha melhor amiga, Lena. Descobrir sobre a tatuagem trouxe memórias e perguntas que tinham sido enterradas há muito tempo. Eu precisava saber

mais sobre ele, e o meu bilhete para essa informação estava deitado ao meu lado.

Talvez precisasse fazer algo louco para descobrir se ele era, de fato, associado ao Seventh Circle.

Talvez eu precisasse provocá-lo.

****

Uma hora mais tarde, ainda não conseguia dormir. Os outros devem ter adormecido, porque o riso tinha se transformado em roncos altos que vinham através das paredes. Normalmente, o ronco não me incomodava, mas juntamente com o meu rosto não coberto, cada puxão de ar que fazia, secava a minha garganta, fazendo-me encolher a cada trago. Eu provavelmente nunca conseguiria dormir.

Peculiaridades à parte, só dormi ao lado de um homem por uma noite inteira uma vez na minha vida. Ligações na faculdade tinham sido coisas rápidas que terminavam comigo esgueirando-me para fora do quarto quando acabava, enquanto o cara desmaiava. Sempre odiei a ameaça de momentos embaraçosos na parte da manhã, já que, metade do tempo, eu estava bêbada, e fiz coisas que nunca admitiria quando sóbria.

Ter o meu rabo lambido toda a noite, e no dia seguinte, dar beijos, apenas nunca me atraiu o suficiente para ficar por perto. Algumas noites eram melhor ficarem como lendas — nada mais do que recordações para me encolher durante um café com Jolana.

Normalmente nunca dormia com sutiã, também, e o tecido do que eu usava, arranhava em torno da minha caixa torácica, provocando comichão na minha pele. Esfregar minhas costas no colchão não conseguia aliviar o desconforto, e gemi, batendo a cabeça mais profundamente nos travesseiros. Como todas as

coceiras, uma vez que lhe dei alguma atenção, ela continuou como uma bastarda implacável que não me deixaria ignorá-la.

Deslizando para cima e para baixo, o lençol soltou-se no canto, prendendo-se nas minhas canelas. "Merda!" Levantando minha cabeça, notei meu pé agora preso no elástico, e chutei-o, mas enrolou-se sobre meus tornozelos. Eu não poderia dormir com lençóis enrugados, sentindo-me presa.

"Algo errado?" Com a voz irritada, meu captor moveu-se ao meu lado e levantou a cabeça, os olhos ainda sonolentos com a embriaguez.

"Não," rebati, chutando o lençol de volta. A coceira nas minhas costas queimando novamente, e tensionei meus ombros, a ponto de gritar de frustração.

"Esse sutiã está te irritando, Sparrow?" Um estrondo tranquilo em seu peito me disse que ele estava rindo do meu desconforto. "Derrote-o. Mostre-lhe quem é o chefe."

"Cai fora."

Bastardo.

A cama afundou quando ele se apoiou em um cotovelo, e meu olhar virou para baixo, para onde seus músculos estavam à mostra. "Vire-se, vou ajudá-la."

"Preferiria ter uma irritante e dolorosa erupção cutânea em todo o meu corpo, do que deixar você me tocar."

Outra explosão de risos desceu ao longo da minha espinha, e ele empurrou meu ombro.

Flexionando meu ombro, resisti ao seu esforço para me virar de lado — incômoda, com os braços amarrados à cabeceira da cama.

Tão facilmente como se eu não tivesse lutado, ele me virou, e suas mãos deslizaram sob a minha camisa. Em poucos segundos, meu sutiã soltou-se, e quase engasguei com o alívio e surpresa por ele o ter aberto tão rápido.

Como a porra de um ninja libertador de mamas.

Sua mão deslizou subindo e descendo nas minhas costas, calmamente sobre as marcas deixadas pelo meu sutiã e a coceira lá. Lento. Suave. O calor irradiava de suas palmas, onde ele pressionou em minha pele. Dedos deslizaram ao longo da curva do meu corpo, provocando, quando traçou em direção ao meu peito. "Melhor?"

Ao som de sua voz profunda e rouca, algo rolou para baixo e tensionou a minha barriga. Por uma fração de segundos, queria que ele chegasse à frente e massageasse os meus seios. *Quão bem se sentiria depois de usar este objeto de tortura por dois dias?*

Quando dei um aceno de cabeça, porém, ele apenas puxou a mão por debaixo da minha camisa.

Uma pontada de decepção engoliu o calor do seu toque. Virei-me de costas, pegando-o se afastando de mim, e não mais de um minuto depois, as suas costas expandiram e contraíram com respirações profundas. Adormeceu novamente. Enquanto eu estudava a cruz tatuada ao longo da sua espinha, as cicatrizes espalhadas por toda a sua pele, meus dedos de repente vibraram com o desejo de devolver o toque suave. Se não fosse pelas braçadeiras... não queria explorar como isso me fazia passada da cabeça.

Capítulo 14

Lucy

Grunhidos rítmicos que terminavam com uma explosão de ar atravessaram através da névoa, preguiçosamente me tirando de um lugar obscuro na minha mente. Uma sensação de calor sufocou meu rosto, e abri os olhos para uma ofuscante luz branca brilhante, que me envolvia. Sugando um suspiro, chutei para trás, e o branco transformou-se no Warhawk, de pé ao lado da janela, treinando com um peso.

Meu olhar correu para o lençol, amassado em torno de mim, e levantei minhas mãos que tinham sido libertadas das amarras, flexionando os dedos. Devo ter coberto meu rosto em algum ponto.

Ou ele fez.

Seus bíceps mexiam com cada elevação do peso, e meus olhos permaneceram colados às suas tatuagens abaixo da manga rasgada de sua camisa preta recheada de músculos. Calça atlética cinzenta abraçava seu quadril, suor cobria sua pele visivelmente corada, enquanto seus lábios se apertaram com cada elevação do peso.

Eu provavelmente quebraria alguma coisa internamente se tivesse tentado pegar um desses bastardos com *ambas* as mãos, quanto mais uma.

"Você está tentando sufocar a si mesma agora?" A pergunta, pontuada pela força da sua voz, chamou a minha atenção de volta para os braços enormes, onde as linhas grossas debaixo de sua pele criava um mapa de deliciosa vascularização.

"Não consigo dormir a menos que meu rosto esteja coberto. É provavelmente por isso que dormi tão tarde."

"Sim?" Uma inclinação para frente acentuou a curva perfeita da sua bunda. Quando se endireitou, apoiando as mãos nos quadris, desviei o olhar, por medo de que teria que limpar sutilmente o canto da boca, enquanto ele observava. "Por que isso?"

"Só algo que eu faço."

"Você tem alguns hábitos estranhos, Sparrow." Com a cabeça inclinada para trás, ele bebeu uma garrafa de água enquanto olhava na minha direção pelo canto do olho.

Seguir o caminho do seu olhar me levou a algum lugar em torno dos meus seios. Meu sutiã ainda permanecia solto da noite anterior e tinha deslizado abaixo deles, deixando meus mamilos aparecendo através do tecido apertado como uma maldita confissão do pecado.

Abraçando os joelhos apertados ao meu peito, fiz o meu melhor para escondê-los e apanhei seu sorriso.

"Você tem uma coisa aí." Ele colocou a garrafa de água para baixo e tirou a camisa na minha frente, sua pele brilhando de suor. "O mais sexy conjunto de mamas que já vi."

Calor aqueceu meu rosto, e afastei a atenção sobre ele. "Você deve ser severamente depravado."

Apoiando-se contra a porta do banheiro em uma pose casual, ele cruzou os braços sobre o peito e balançou a cabeça. "Não gosta de elogios, não?"

"*Mamas sexy* deveria ser um elogio?"

"Ah, certo. Você é uma daquelas garotas frescas. Tenho que ser todo, *seus seios excepcionais são os mais belos em toda a terra, Lady Sparrow.*" Ele se abaixou depois, e tive que conter um riso com o seu ridículo sotaque Inglês.

"Não sou fresca." Sempre odiei meus seios, mas imaginava que era natural, tendo crescido com uma mãe que criticava o seu corpo diante de mim todos os dias. Para mim, eles sempre foram

muito grandes para a minha cintura estreita e me faziam sentir desleixada e peituda em minhas camisas. Ao contrário de Jolana, que tinha recebido implantes, a pedido de Viktor, e sempre pareciam estar no devido lugar.

"Você tem medo de engolir aranhas, medo de ficar presa em lençóis, e medo de ser tocada. Você é fresca."

"E você é um idiota." Olhando para ele do outro lado da sala, corri a minha língua na parte de trás dos meus dentes, silenciosamente arrancando seus olhos para fora das órbitas. "Para o registro, não tenho medo de aranhas, e não tenho medo de ser tocada. Acontece que gosto de ser tocada pelo homem *certo.*"

"Então, por que você quase ficou louca quando tentei tira-la da sua crise com o sutiã na noite passada?"

"Porque pensei que você iria..." droga, por que tinha que me assustar? Sofri um inferno muito pior no clube, na noite em que fiz lap dance. Mais uma vez, eu me lembrei de que ele não havia sido um dos idiotas que tentou alguma coisa.

"Violar você?" Ele se empurrou do batente da porta e caminhou até a extremidade da cama. "Deixe-me esclarecer isso. Se quisesse, já teria feito isso. Não sou um cara que hesita Sparrow. Lembre-se disso."

É verdade, fiquei vulnerável com o homem algumas vezes, mas a tatuagem contradizia tudo. Toda vez que eu baixava a minha guarda, a coisa estúpida aparecia e me lembrava da mulher sendo despejada em um buraco. *Provoque-o.* "E se estivesse nua agora? Diga-me que não iria tentar alguma coisa."

Ele balançou a cabeça em direção ao banheiro. "Venha comigo."

Merda. "Por quê?"

Sua testa se levantou. "Você prefere ser amarrada?"

Você prefere um tamanho vinte em sua bunda? Deixei escapar um bufo de frustração e após sair da cama, segui-o até o banheiro.

Uma vez lá dentro, ele trancou a porta, fazendo instantaneamente meu pulso acelerar, e quando ele ligou a água, a minha defesa interna saltou para código de alerta. "O que você está fazendo?"

Em vez de responder à pergunta, ele retirou sua calça atlética, seguida por sua cueca, *e Deus me perdoe*, meus olhos dispararam diretamente para o seu pau perfeitamente ereto. "Tire suas roupas."

Engolindo um gole, fiz uma careta. "Você só disse..."

"Sei o que disse. Tire. Suas roupas. Agora."

Um olhar sobre a tatuagem do círculo com os sete endureceu meus músculos. Com os braços rígidos e uma mente confusa, levantei a camiseta sobre a minha cabeça e joguei o sutiã para o chão. Talvez eu estivesse errada em supor que ele não era perigoso. Que ele não iria pressionar meus limites. Talvez eu tenha lhe dado uma grande ideia. Quem diabos sabia que merda pervertida passava dentro de sua cabeça?

Seu olhar devorou meus seios, seu peito subindo e descendo uniformemente. "Calcinha, também."

Mordendo o interior da minha bochecha, fiz uma careta mais dura, desesperada para não olhar para a distração massiva chamando minha atenção embaixo.

Ele inclinou a cabeça e cruzou os braços, os lábios definidos em uma linha dura de sem besteira. "Não me faça dizer-lhe duas vezes."

Deslizei-a sobre meus quadris e a empurrei para o chão, até que estava completamente nua e vulnerável na frente do homem. Um estranho. Cruzando os braços sobre o peito, fiz o meu melhor para proteger o que parecia estar cativando sua atenção. "Olha, se isso é sobre o que eu disse...".

"Entre no chuveiro."

Estreitando os olhos, firmei meus pés, mas seus dedos agarraram meu cotovelo. Quando ele me empurrou para frente, fiz

como ele comandou com passos hesitantes, sem saber se era medo ou fascínio que me guiou no caminho. Se ele tentasse fazer qualquer coisa, eu certamente iria pará-lo. *Certo, Lucy?* Quase podia sentir meus instintos encolhendo-se em decepção, quando não dei atenção aos sinais de alerta estridentes.

Pela Milena, disse a mim mesmo. Ninguém sabia nada sobre o clube. Eu poderia ser a primeira a saber. *E morrer com a informação.* Talvez, fazer seus caprichos pudesse me levar às respostas que estava procurando.

Mentira, minha cabeça lutou em resposta. Independentemente do que minha mente parecia conter, ou não, ele me excitava. Eu gostava de mandões, e a metade torcida da minha libido parecia aproveitar a linha de perigo.

Ele entrou no chuveiro depois de mim, seus olhos intensos inflamavam a minha pele quando percorriam meu corpo. "Acho que é bastante seguro dizer que quero foder você agora."

Meus olhos caíram para sua ereção, que estava orgulhosa e pronta, grossa e pesada, e tive que engolir quando o imaginei a empurrando entre as minhas coxas. "Se você fizer..."

"O que vai fazer? Lutar comigo?"

"Eu iria." Levantei meu queixo em desafio, odiando o tom patético da minha voz que ecoou no chuveiro.

"Eu gosto de áspero. Você me deixou duro como um para-raios agora, porra, caso não tenha notado."

Eu notei. Santa mãe de toda a confusão, seu pau me deixou dolorosamente consciente de que fazia um longo tempo desde que vi um homem nu, em toda a sua glória. Sim, gostaria de lutar com ele, se tentasse alguma coisa, mas porra, ele seria o inferno de uma distração ao mesmo tempo. Como ele, eu gostava de áspero também. Sexo com ele seria uma loucura, sem dúvida, mas sua tatuagem mostrava que ele também poderia tomar um rumo assustador rapidamente.

Inclinando a cabeça para trás na água, ele lançou um gemido quando a água caiu em cascata em seus músculos. Virando as costas para mim dando-me uma visão digna de babar que era sua bunda – quadrada e tonificada e tão magnífica como eu imaginei que seria através do seu jeans. Seu corpo tinha um apelo perfeitamente simétrico, evidenciado em sua magnífica parte de trás, o lado esquerdo era um reflexo do direito, absolutamente sem falhas, até seus tornozelos eram esculpidos.

Ensaboando sabonete em seu cabelo, ele virou-se e olhou para mim, seu pau nunca desistindo do sonho, uma vez que ainda permanecia duro. Ele estava me fazendo esperar até que ficasse limpo?

O que diabos ele estava fazendo?

Quando ele passou sabão sobre o corpo, eu fiquei como uma idiota, como um cachorro treinado, esperando meu mestre. *Desgraçado.* Eu olhei para a porta do chuveiro ao lado dele, avaliando se poderia ou não passar por ele. *Provavelmente não.* Esfregando as pontas dos meus dedos através de cada um dos dedos escondidos embaixo dos meus braços, não podia nem acalmar a ansiedade dentro de mim.

Um, dois, três, quatro, cinco, seis...

Desconfortavelmente, meus olhos procuraram através dos ingredientes de higiene o shampoo na prateleira, apenas para me manter de olhar para ele.

Depois de enxaguar todo o sabão, ele deu um passo em minha direção, e dei um passo para trás, ficando colada contra os azulejos frios.

"Aqui estamos. Trancados em um cômodo. Nós dois com as bundas nuas. No entanto, ainda não coloquei uma única mão em você." Ele se inclinou para frente, os braços plantados em cada lado da minha cabeça, e o cheiro inebriante de sândalo fresco assaltaram meus sentidos juntamente com sua postura

intimidadora. O calor de seu corpo lançando laços de excitação que formaram arrepios na minha pele. "Isso responde à sua pergunta?"

Ele virou-se e saiu do chuveiro — deixando-me em pé no chuveiro quente e tentando entender o que diabos tinha acontecido.

Capítulo 15

Detetive Matt Burke

Milligan Pub tinha o tipo de ambiente escuro e silencioso de um antigo bar clandestino, com rica e densa madeira, assentos com encostos altos que garantiam a privacidade e iluminação fraca. Deslizando em uma mesa do canto de trás, o detetive de homicídios Matt Burke tamborilava os dedos no tampo da mesa, enquanto observava destaques de futebol na TV de tela plana na parede, em frente a ele. Ele mal havia tocado sua cerveja. Muita merda em sua mente, inclusive o porquê do chefe de polícia Corley lhe ter pedido para se encontrarem fora da delegacia.

Como se ele não estivesse cheio de merda fora do trabalho.

Com o corte de pessoal, Burke tinha mais casos jogados em seu colo, o que significava que ele tinha menos tempo para passar com a sua filha de quase dezoito anos de idade, Katy.

Jesus. Dezoito anos parecia ter passado em um piscar de olhos, e ele não poderia mesmo dizer que ele realmente conhecia a sua filha muito bem.

A mãe dela tinha embalado e saído quando Katy tinha apenas nove anos, tendo um caso com outro homem, e deixou Matt como pai solteiro, desesperado para fazer face às despesas. Seu salário, por si só, não chegava a cobrir as mensalidades de escola particular de Katy e a hipoteca, mas ele recusou-se a mandá-la para escolas públicas, onde ela ia acabar saindo com um bandido idiota e provavelmente abandonado a escola.

A Saint Catherine's Academy era composta, estritamente, por meninas e, apesar da roda de Catherine [13], que estava orgulhosamente fixada no gramado da frente do lugar, oferecia-lhe um pouco de paz saber que estava fazendo a coisa certa por ela.

Quando ele levantou a garrafa aos lábios, Corley apareceu ao lado dele e sentou-se na mesa. O homem parecia cansado, mais cansado do que ele já esteve durante seus dias como policial de rua. As olheiras que destacavam contra sua pele escura disseram ao Burke que ele provavelmente não tinha dormido muito.

A garçonete caminhou até a mesa, jovem e bonita, com apenas vinte e cinco anos, no máximo, com longos cabelos castanhos amarrados para trás em um rabo de cavalo frouxo. "O que posso trazer para vocês?"

"Traga uma Coca-Cola," Corley respondeu, inclinando-se na mesa.

Com um aceno de cabeça, ela se afastou, deixando os dois homens olhando fixamente um para o outro em silêncio.

Burke não tinha necessariamente nada contra Corley, mas os dois se enfrentaram algumas vezes em alguns casos antes de Corley ter conseguido sua promoção, e Burke praticamente mantinha a distância, se ele pudesse. Às vezes, parecia que Corley tinha uma tendência de jogar mais merda em seu colo do que os outros, mas Corley o ajudou na sua promoção a detetive dois anos atrás, então ele não podia reclamar.

No entanto, como a maioria das comunicações de Burke chegavam através do seu sargento, o objetivo da reunião secreta permanecia um mistério completo.

Depois de apenas alguns minutos, a garçonete colocou a bebida de Corley na frente dele, e lançou um olhar para a quase cheia cerveja de Burke, e saiu novamente. Assim que ela saiu, Corley empurrou a Coca-Cola para o lado e respirou. "Tenho um

[13] Era um instrumento de tortura utilizado para executar penas capitais desde a Antiguidade Clássica até o início da modernidade.

trabalho para você. Quero que você olhe uma coisa para mim, mas não quero que diga uma palavra para Anderson".

Nos últimos anos, Kyle Anderson trabalhou como seu parceiro e, embora Burke achasse o cara ok, ele fez questão de nunca se envolver pessoalmente com seus colegas de trabalho depois do seu parceiro de longa data ter sido morto a tiros cerca de 16 anos atrás, durante o trabalho de patrulha.

"O que está acontecendo?", Perguntou Burke.

Dedos ainda fechados, Corley bateu as mãos contra o tampo da mesa. "Recebi uma denúncia anônima. Um corpo foi jogado no antigo matadouro. Uma garota viu a coisa toda, antes que a perseguissem para fora do prédio. Só não quero atrair um monte de atenção para isso, com aquela aquisição acontecendo."

Burke bufou, inclinando-se para trás em seu assento. "Estou me afogando aqui, cara. Cada caso que é jogado na minha mesa é prioridade, e não posso nem cagar sem esses casos girando na minha cabeça." Normalmente, ele acenaria e sorriria e seguiria com a merda, mas Burke conhecia Corley há um longo tempo e, falar francamente sempre tinha sido seu método de comunicação.

Esfregando uma mão pelo rosto, Corley assentiu. "Eu entendo. Há um monte de limpeza em andamento, mas isso deixa os bons policiais lutando para se manterem acima da água. Se você não pode fazer isso, farei sozinho."

Cristo. Mesmo se o cara não facilitasse as merdas para Burke, uma coisa que sabia sobre Corley era que o homem trabalhava mais do que qualquer outra pessoa no departamento. O que fez dele um bom líder, ou um modelo de merda.

Afundando de volta para a mesa, Burke sacudiu a cabeça. "Foda-se, vou fazê-lo. Matadouro?"

"Porão. Poço do depósito. Relate tudo diretamente para mim, entendeu?"

Burke deu um aceno de cabeça e inclinou para trás sua cerveja, soltando dinheiro para a garçonete enquanto se levantava da mesa. "Não direi uma palavra sobre isso."

Capítulo 16

Jase

Olhei para o sinal do Centro Sacred Cross Children, pendurado acima da entrada do edifício na esquina de uma rua tranquila. Já foi localizado num pequeno lote no lado leste, no edifício New Beginnings que havia se tornado nada mais do que um marco quebrado, coberto de grafites e decadência. Como o programa The Ladder havia se expandido, a necessidade de espaço fez com que David Kelley, o CEO e controlador da organização, fizesse as malas e se movesse para mais perto do centro.

Minha mente derivou para as fotografias antigas que tínhamos de Reed e alguns dos rapazes que faziam parte do programa, em frente ao edifício, quando entrei no átrio. Foi a primeira vez que meu irmão tinha se aberto, além do seu escudo bem fechado, e fez amizade com outra pessoa.

A secretária estava sentada em sua mesa no interior — a mesma puta velha rabugenta a quem a maioria das crianças se referia como *Butch.* Ela olhou por cima dos óculos, que se encontravam a meio caminho no seu nariz, olhando-me com a mesma repulsa, como se eu tivesse cuspido em seu café. "Posso ajudá-lo?"

Parte de mim estava surpreso que ela não me reconhecia. Afinal de contas, acabei com sua bunda por ter enviado minha avó embora, quando ela veio visitar Reed durante sua terapia pós-desintoxicação. Tudo porque não conseguiram atualizar o endereço de guarda em seu arquivo.

"Preciso ver David Kelley."

Ela me olhou de cima a baixo antes de se voltar para a sua digitação. "As reuniões com o Sr. Kelley são somente com hora marcada, e receio que ele não tenha nenhuma vaga hoje."

"Ele vai se lembrar de mim. O meu irmão costumava vir para cá. Só preciso de cinco minutos."

Ela parou de digitar e inclinou a cabeça, os olhos redondos estreitando em fendas. "O que, exatamente, não está claro para você quando digo *apenas com marcação*?"

"Permita-me ser claro, também." Eu me inclinei para frente, plantando meus dedos contra a mesa. "Vou me reunir com ele durante cinco minutos, com ou sem a sua bênção."

"A única reunião que você vai ter é com a segurança."

"Jase?"

A voz familiar veio da minha esquerda, e virei-me para onde David estava no corredor. Ele não mudou muito desde a última vez que o vi cara-a-cara – homem magro, provavelmente com a minha altura, com cabelos grisalhos espessos. Ele devia estar nos meados dos cinquenta anos, e recordou-me um pouco do figurão mau no filme original do *Robocop*. David era legal, no entanto. Qualquer um que lidava com o meu irmão tinha de possuir a paciência de um santo.

"Jase Hawkins?"

Endireitando-me, peguei o sinal da secretária terminando a chamada.

"Mr. Kelley, este jovem homem tentou-"

Ele acenou com a mão para ela encerrando. "Está tudo bem, Alice." Plantando as mãos nos quadris, ele sacudiu a cabeça. "Jase Hawkins. Como diabos está você?"

Dei um aceno de cabeça. "Bem. Estou bem. Ei, você tem uns cinco minutos?"

"Absolutamente!" Ele me acenou para segui-lo. "Vamos, vamos."

Olhando por cima do meu ombro, zombei de Alice, que apertou os lábios. Eu esperava que a velha bruxa mostrasse a sua língua, mas ela não o fez.

Arrastando-me atrás de David, passei salas de aula à direita e à esquerda de mim. Em algumas delas, as crianças se sentavam em mesas, ouvindo um instrutor na frente da sala, enquanto em outras, eles se sentavam em círculos, amontoados em sessões de terapia de grupo. Um garoto olhou-me enquanto passava, e eu ri, balançando a cabeça. *Desgraçado*.

No final do corredor, David abriu a porta do seu escritório, e me conduziu para dentro. "Jesus, Maria e José, você é a última pessoa que esperava que entrasse por essa porta!" Ele me deu um tapinha nas costas, quando passei por ele, caminhando para o banco de couro em frente à sua mesa. Quando ele se sentou em sua cadeira, seu rosto tornou-se sério enquanto suas sobrancelhas se juntaram. "Estou tão... muito triste sobre o que aconteceu com Reed."

Eu balancei a cabeça, entrelaçando os dedos juntos, e mexi-me na cadeira. "Sim. Foi uma... coisa de merda que aconteceu."

"Besteira absoluta", acrescentou, balançando a cabeça. "Lembro-me exatamente onde estava quando ouvi a notícia. Bateu-me diretamente no estômago. Como a perda de um filho." Piscou duas vezes, tirou os óculos e enxugou os olhos, fazendo-me mexer no meu lugar novamente.

Eu odiava esperar que as pessoas tirassem a merda sentimental de sua mente. Sim, foi bom saber que Reed tinha tocado alguém, mas com certeza no começo os deixaram desconfortáveis.

Limpei a garganta com a pontada de constrangimento de observá-lo chorar. "Então, vereador Kelley," disse, mudando de assunto. "Parabéns. Isso é uma grande promoção."

A ruga na testa suavizou-se com o seu sorriso, e ele concordou. "Bem, achei que era hora de dar à minha carreira um salto muito necessário. Ainda pretendo manter minhas responsabilidades aqui." Ele espalmou as mãos. "Ainda há muito a ser feito, mas gostaria de tentar a política. Estou pensando em concorrer para deputado estadual no próximo ano."

Balancei a cabeça para isso. "Político. Nunca pensei que veria o dia."

"Bem, eu também." Ele riu. "Nunca pensei que veria você entrar por aquela porta de novo! Então, o que o traz aqui?"

Respirei, inclinei-me para frente na cadeira. "Você se lembra de um garoto de alguns anos atrás? Viktor alguma coisa?"

"Viktor Sykora. Lembro-me dele muito bem." Seus olhos se arregalaram, enquanto ele parecia olhar em nada em particular antes de olhar de volta para mim. "O que tem ele?"

"Sei que você não deveria falar sobre os clientes, mas... o que aconteceu com ele?"

"Você está certo, eu não posso." Ele atirou-me uma piscadela. "Mas não acho que você vai fofocar com as freiras."

The Ladder era uma organização baseada na fé, algo que Maria sempre tinha apreciado. Para Reed e eu, tendo crescido sem muita religião, fez com que qualquer igreja ou instalação de base religiosa, um lugar que gostaríamos de evitar como a peste, não estávamos muito interessados no The Ladder no início, particularmente porque era executado por um grupo de freiras. Durante uma de suas mudanças de humor pós-desintoxicação, porém, Reed ameaçou tatuar uma cruz invertida em sua testa para que as freiras saíssem de suas costas. Em vez de ficar toda irritada com ele, a freira responsável tinha se oferecido para dar-lhe uma carona até o estúdio de tatuagem e elogiou-o em sua fé. Eu não entendi no início, até que pesquisei e descobri que a cruz invertida era realmente associada com um dos apóstolos, conhecido como

St. Peters Cross. Na época, pensei que era uma resposta muito memorável para uma freira.

O sorriso de David esticou o seu rosto, expondo uma boca cheia de dentes brancos. "Viktor, Viktor, Viktor. Pelo que entendi, ele começou o seu próprio clube de strip, de todas as coisas." Apertando os lábios, David sacudiu a cabeça. "Indivíduo muito perturbado. Montes de terapia, montes de retiros, e ele ainda agia mal."

"Como assim?"

Suas bochechas incharam, e ele soltou um suspiro. "Em várias ocasiões, ele foi encontrado com outras crianças do programa, particularmente as meninas bonitas... uh... em circunstâncias bastante embaraçosas. Muitas vezes, nos armários, ou escadas. Ele gostava de levá-las para o porão do edifício e cobrir suas bocas com fita adesiva, ou algum tipo de mordaça. Não foi até mais tarde que descobrimos que ele as forçou." David cruzou os braços e esfregou o queixo, inclinando-se para trás em sua cadeira. "Durante anos o tivemos no programa de tratamento de agressores sexuais aqui, e ele ainda agia assim. Para ser honesto, me surpreende que ele não esteja atrás das grades."

Interessante. "E como foi que ele conheceu Reed?"

Com a cabeça balançando para frente e para trás, ele piscou um olho. "Certamente não era o que eu chamaria de amigos, isso é certo. Viktor era bastante competitivo. Muito ciumento. Reed, perturbado como estava, parecia ser bem adorado, apesar de seus... comportamentos. Particularmente pelas jovens senhoras que vieram através do programa. Acho que Viktor tinha um problema com isso."

Reed nunca teve problema com as meninas, por incrível que pareça. Tão fodido como estava, ele tinha de alguma forma sempre atraído as gostosas. Elas provavelmente pensaram que poderiam salvá-lo.

"Por que você está perguntando sobre ele?"

"Só estou tentando dar sentido àquela noite, é tudo." Meus dedos abriram com o encolher de ombros. "Eu nunca soube que Reed tinha qualquer inimigo. Apenas não explica por que alguém o teria como alvo."

Deslocando-se para frente em seu assento, David descansou os dedos entrelaçados sobre a mesa. "A morte muitas vezes não faz sentido, Jase. Você perdeu muita coisa naquela noite, e Deus não parece gostar de mostrar-nos o método por trás de seus mistérios." A única coisa que não gosto sobre David eram as ideias estimulantes de Jesus, que ele ia jogando em uma conversa. "Mas eu o aconselho a ficar longe de Viktor. Fique longe. Ele é problema."

Movendo o meu queixo, dei um aceno de cabeça. "Era apenas curiosidade, é tudo." Eu limpei minha garganta. "Como está Elodie?"

David tinha adotado uma das meninas do The Ladder — uma linda loira da minha idade, que muitas vezes o acompanhava em piqueniques e visitas de campo. Dax sempre teve uma queda por ela, mas Elodie passou das ruas para escolas privadas e, tanto quanto sabia, faculdade. Era muito boa para os ratos que rolaram no The Ladder.

"Fantástica! Ela se juntou a uma irmandade na escola. É um grande trabalho de caridade." Ele se virou um porta-retratos em sua mesa, para mostrar uma foto preta e branca dela, a cabeça inclinada para trás rindo.

"Isso é ótimo," disse, quando ele virou a imagem de volta. Curvando-se em sua cadeira, ele colocou os pés em cima da mesa. "Então, onde está hospedado atualmente?"

Dei de ombros. "Nenhum lugar em particular. Motéis, principalmente."

"Você precisa de alguma coisa... um lugar para ficar, uma refeição quente ou uma xícara de café, basta parar por aqui."

“Obrigado, mas...” joguei um polegar sobre meu ombro. "Seu Pitbull na recepção provavelmente não iria me deixar mijar, muito menos ficar para um café."

A cabeça de David foi para trás com uma risada. "Alice é um brutamontes, não é? Deus me perdoe, mas quero estrangular a mulher às vezes."

Estendendo a mão, ofereci um aperto de mão. "Obrigado por... cuidar do meu irmão. Sei que ele não era o garoto mais fácil de lidar."

"Não vou mentir... às vezes, ele era um pé no saco. Ele tinha um bom coração, apesar de tudo. Espero que você encontre o monstro desprezível por trás do seu assassinato.”

Levantando-me da cadeira, dei um aceno rápido. "Acredite em mim, eu vou."

Capítulo 17

Detetive Matt Burke

Burke olhou para o e-mail em seu celular, em seguida, jogou a maldita coisa sobre a mesa e sacudiu a cabeça. Como o inferno Corley teve a coragem de lhe pedir para fazer um favor, e em seguida, virar e negar o seu pedido de férias, estava além dele. Tinham sido meses desde que ele tinha tirado algumas férias. Sim, ele sabia que o departamento estava passando por algumas alterações e, como resultado, a equipe foi reduzida, mas era o último ano antes de Katy ir para a faculdade, e ele só queria um par de dias para se reconectar com a filha com quem não tinha passado muito tempo.

Engolindo um pedaço do seu sanduíche, Anderson sentou-se em frente a ele. Ele apanhou o telefone quando bateu na mesa. "O que foi?"

"Nada," Burke murmurou, respirando profundamente pelo nariz para acalmar seus nervos.

"Não se parece com nada."

Burke não podia sequer olhar para o seu sanduíche. Seu estômago tinha azedado no momento em que ele leu o e-mail do comandante Rickson, que tentou explicar suas razões por trás da recusa. "Rickson negou o meu pedido de férias."

"Você tentou Corley?" Anderson bebeu um gole de chá gelado antes de passar um guardanapo sobre o rosto.

"A ordem veio do Corley."

Dando de ombros, Anderson recostou-se na cadeira. "Você é próximo do Corley. Peça-lhe para reconsiderar."

Reconsiderar. Ridículo. O homem não iria reconsiderar merda alguma para Burke. "Eu não sei. Acho que preciso de uma nova carreira."

Uma gargalhada saiu do peito de Anderson quando ele se sentou para trás em sua cadeira. "Você provavelmente precisa de uma noite fora com os meninos. Quando foi a última vez que você fodeu?"

Burke olhou em volta para os poucos policiais, longe para escutarem. "Não é da sua maldita conta, esse é o tempo."

"Vou me encontrar com Thompson esta noite para algumas cervejas. Vou assistir ao jogo. Venha com a gente."

Balançando a cabeça, Burke levantou o telefone, procurando por qualquer dano, em seguida, enfiou-o no bolso. "Não posso."

"Por que não? Apenas uma bebida."

Encarando-o, Burke pensou se dizia ou não, e uma faísca renovada de raiva o fez ranger os dentes. Foda Corley. "Foi pedido para eu investigar algo no matadouro." Burke bufou, e encostou-se para trás em sua cadeira. "É a última vez que faço qualquer favor", disse ele em voz baixa.

Endireitando-se, Anderson fez uma careta. "Porque, porra, ele te entregou isso? Você já tem uma carga pesada. Matadouro é no meu bairro."

"Corley ia ele mesmo verificar, então me ofereci para fazer isso por ele."

Anderson limpou a garganta e se inclinou para frente. "Vou te dizer, vou verificar isso para você."

Burke massageou o seu nariz, fechando os olhos enquanto ele trabalhava na queimadura de seus globos oculares. "Não. Obrigado, mas não. Corley quer que eu dê uma olhada."

"Vou relatar de volta para você, tudo o que eu encontrar." Burke levantou-se, notando a proximidade entre ele e os cubículos, onde os outros oficiais estavam ocupados conversando ou teclando em seus computadores.

Corley nunca saberia. Além disso, Burke não estava particularmente interessado em fazer ao homem qualquer favor nesse momento.

Caindo para trás em seu assento, Burke bufou e apertou os olhos, pegando a elevação da testa de Anderson, enquanto esperava pela resposta. "Tem certeza que você não se importa?"

“Seria estúpido você dirigir para lá." Anderson acenou com a mão para ele. "Você tem merda o suficiente acontecendo. Eu cuido disso."

"Confira o porão. Sarjetas, eu acho. Se encontrar alguma coisa, é só me avisar."

"Claro que sim."

"Obrigado Kyle. Realmente aprecio isso." Deixando sair um suspiro, Burke ligou o computador para concluir o relatório que estava trabalhando. "Uma coisa a menos em que tenho que pensar."

"Realmente," Anderson assegurou. "Não é nenhum problema."

Capítulo 18

Jase

Os sons do chuveiro vinham através da porta do banheiro, enquanto eu estava sentado na cama, estudando o vídeo que passei do cartão SD de Reed para o computador. Durante três dias, vigiei o Sphinx, procurando pelo Viktor. Não o vi nem indo ou vindo, como se o idiota não aparecesse para o trabalho.

Eu tinha que encontrar uma forma diferente, outra maneira de chegar até ele. Eu tinha uma ligação com a Sparrow, mas ela parecia saber tanto quanto eu.

Isolei uma imagem do vídeo, onde se via um leve esboço de um rosto refletido na janela, na esperança de identificar quem o tinha gravado. Por mais que eu ampliasse, no entanto, o brilho do vidro me impedia de descobrir os detalhes. A pessoa de pé ao lado, também era impossível de identificar, também.

"Quanto mais você aumenta o zoom, mais ele vai borrar nesse programa."

Virei-me para ver Lucy, de cabelo úmido caindo ao redor de seus ombros, vestida com a minha t-shirt preta com *Made in Detroit*, suas pernas nuas suaves espreitavam por baixo. Não notei que ela tinha fechado o chuveiro.

"O cara no espelho não virá em foco — a luz na sala está ofuscando muito o seu rosto, e o reflexo é muito indireto." Mesmo com o perfume do meu sabão em sua pele, seu aroma natural deu-lhe um cheiro floral feminino que trouxe água à minha boca. "Poderia mostrar-lhe um programa que usamos no Muckraker, se quiser."

Eu não queria. Não gostava de puxa-la para dentro dos meus negócios, mas se isso significava identificação de pelo menos um dos homens no vídeo, vou ignorar minhas dúvidas. "Como?"

"Você vai ter que baixar o gestor de evidências digitais. É apenas uma adição simples que funciona com o Photoshop." Ela agarrou a parte de trás da cadeira. "Posso?"

Balançando a cabeça, me levantei da cadeira, mas me coloquei ao lado dela, sem vontade de tê-la bisbilhotando os arquivos guardados no dispositivo.

No segundo que ela se sentou no banco, ela começou a trabalhar, folheando resultados e programas de busca tão rápido, que se tivesse roubando arquivos, eu nunca saberia, de tão rápido que ela digitava e trocava as telas. No que pareceu apenas alguns minutos, ela tinha o programa carregado e a imagem aberta.

Com alguns cliques do cursor ajustou a imagem, retirando camadas, tirando o efeito de arrastamento e as linhas na imagem. Meu fascínio saltava entre seu trabalho e o seu nível de concentração, como ela habilmente tecia através de cada uma das funções do lado da tela.

Cruzei os braços, *estudando-a* mais do que realmente o programa. "Então, vocês trabalham com o FBI, ou o quê?"

Com uma risada abafada, ela continuou a trabalhar. "Quando você está seguindo políticos corruptos, às vezes são os pequenos detalhes que importam mais."

"Vocês devem ter um dia de campo com o prefeito, não é?"

"O novo não é tão ruim." Ela aumentou a ampliação, e o rosto na janela tornou-se cabelos loiros ondulados e olhos castanhos, até que estava olhando para o rosto de Reed, claro como o dia.

"Não brinca."

Ela apontou para o outro loiro, que segurava a câmera enquanto andava em volta da mulher amarrada à mesa. "Isso é Conall."

Eu me animei com isso, quebrando o meu olhar da expressão aborrecida de Reed. Conall parecia atarracado, musculoso, mas não parecia alto ao lado da mesa. Tatuagens cobriam seus braços e pescoço, e só podia ter um vislumbre de uma cicatriz ao longo de sua bochecha. "Como você sabe?"

"Eu o vi no clube, em algumas ocasiões."

"Ele trabalha para Viktor?", Perguntei.

"Acho que sim. Não tenho a certeza de qual é a sua relação. Ele é assustador." Depois de um rápido olhar para mim, ela virou-se em direção à tela.

"O vídeo em sua câmera. Você o gravou?"

Com olhos colados às suas mãos remexendo, ela balançou a cabeça.

"Você sabe quem são os homens? Os que despejaram o corpo?"

Lábios apertados, ela balançou a cabeça. "Estava escuro. Não conseguia ver nada além de suas lanternas." Ela inclinou a cabeça em direção à tela. "O outro cara... É quem você pensava que ele era?"

"Sim, infelizmente."

Ela deslizou na cadeira do lado oposto a mim e se levantou. "Bem, vou deixar você... fazer o que estava fazendo."

"Você é muito boa neste tipo de coisas."

Suas bochechas agitaram-se com um sorriso. "Obrigada. Perseguição não é nenhum passeio no parque... a menos que você está espionando a amante de um político."

O comentário trouxe um sorriso ao meu rosto. Eu tinha que admitir, ela me impressionou. Pensei que sabia quase tudo sobre Photoshop, e acabei de aprender algo mais com uma stripper.

Capítulo 19

Jase

Estacionei ao lado do terreno aberto, situado no canto sul dos trilhos do trem, e prendi meus suprimentos, escondidos no que parecia ser uma pequena mochila. Antes de deixar o apartamento, joguei um jantar rápido de arroz e peixe para Lucy, me xingando por sentir tesão cada vez que a olhava amarrada à cama.

Eu queria odiá-la, porque uma parte de mim ainda não podia acreditar que ela não tinha entregado as fotografias para Tesarik, na noite em que roubei as armas, mas porra, se a mulher não fazia um bastardo perder a sua linha de pensamento ao tentar tirar a verdade dela. Amarrada e desarrumada não a tornava menos atraente do que a noite que a vi em seu traje de stripper.

Gemi interiormente com o pensamento.

A forma como o algodão fino da T-shirt havia se agarrado aos globos redondos de seus seios, pude ter uma boa ideia de que eram reais e provavelmente sensíveis pra caralho, com quantas vezes a vi com os mamilos duros.

Tive que tirá-la da minha mente. Passei onze meses fantasiando o que faria com os bastardos que mataram a minha família. Onze meses em que fui torturado, noites negras sem fim, e pesadelos tão vivos que batia a cabeça contra a parede. Em questão de algumas semanas, ela já começou a sufocar o fogo furioso dentro de mim. Eu podia sentir isso sibilando sob minha pele em nada mais do que um vapor. Não podia arcar com essa distração, e ainda, ao mesmo tempo, não podia deixá-la apenas decolar e alertar todos os seus amigos do Seventh Circle onde me

encontrar. No entanto, mesmo que insignificante, ela teve alguma conexão com Viktor e Conall.

Então, ela tinha que ficar. Só tenho que encontrar uma maneira de domar meu pau. Manter distância. Isso é tudo o que havia para ele.

Havia um brilho branco pendurado entre o céu negro e as silhuetas das copas das árvores. Uma fina névoa de nevoeiro e pó agarrado ao ar vindo das fábricas, e quando saí do veículo, o cheiro azedo de água e esgoto bateu no fundo da minha garganta.

Através dos buracos e do lote abandonado do velho ferro-velho, onde as escavadeiras tinham convertido o lugar em algo como um sítio de arqueologia, o som fraco de cães ladrando e gritos confirmavam que encontrei o lugar certo. O que uma vez foi uma comunidade próspera húngara, Delray havia se tornado uma cidade fantasma, com os proprietários gradualmente se mudando para os subúrbios, o mercado imobiliário foi à merda, era um lugar onde os criminosos poderiam se reunirem, sem o risco de serem pegos.

Vasculhando a darknet encontrei um fórum onde vi quando a próxima luta era prevista para ocorrer.

Com a lanterna na mão, atravessei bicicletas descartadas, pranchas de madeira podre, e peças de carros revestidas de ferrugem onde se tornaram parte da sujeira na qual foram enterrados, em direção à linha dos pequenos bosques. À direita, pneus tinham sido empilhados ao lado de placas de madeira e uma lona esticada por cima, parecendo uma fortaleza improvisada.

Um grunhido gutural me bateu pela direita, e me virei para ver um cão de raça mastiff tigrado amarrado a uma árvore. Uma lanterna sobre ele revelou uma boca horrível que foi rasgada, e suas costelas cutucavam sua pele, como se ele não tivesse comido em dias. O maldito parecia algo saído de um filme de zumbi. Sua mandíbula estalou com um latido fraco, muito menos poderoso do que esperava de um cão de tão má aparência.

Mais latidos me chamaram a atenção, e levantei a lanterna para ver mais de uma dúzia de cães de diferentes raças acorrentados a árvores, com nada, apenas barris queimados e enferrujados como abrigo. O mais próximo a mim parecia estar em piores condições, talvez um cão perdedor.

Raiva torcia o meu estômago. Faminto. Provavelmente abusado. Mutilados e forçados a lutarem. Eles eram dolorosos para olhar. Sempre tive uma afinidade com cães. Quando criança, levei para casa um Pitbull perdido que vagava em nosso quintal e o nomeei — Razor.[14] O cão me fez lembrar do meu irmão e eu no momento. Perdido. Espancado. Apenas à procura de alguém para dar a mínima sobre isso.

Razor salvou minha vida uma vez, a memória foi facilmente desenterrada, mesmo que foi dez anos atrás, quando olhei para o mastiff apodrecendo.

Meus braços estão amarrados ao poste que o meu padrasto, Robert, gosta de chamar de varal em forma de T metálico e enferrujado na parte de trás do trailer. Sou apenas alto o suficiente para que não tenha que ficar na ponta dos pés, como Reed faz, quando Robert nos prende no topo.

Costumava lutar e atacar quando ele nos levava para a punição, mas finalmente aprendi que era mais fácil se só tentasse acabar com isso. Eu poderia gritar no topo dos meus pulmões, e ninguém neste parque reboque daria a mínima para outro lixo de criança branca.

À minha direita meu cão Razor, acorrentado à árvore de carvalho, está latindo e rosnando como se estivesse possuído. Tremo toda vez que ele dá um salto correndo em minha direção e estrangula-se quando a corrente não cede.

Meu padrasto está atrás de mim, e olho por cima do ombro, para onde o cinto de couro oscila de suas mãos. Quando ele aperta o laço

[14] Navalha

dobrado da correia, a fivela vai e vem, é um aviso de dor que conheço muito bem.

"Vou te perguntar mais uma vez, menino. Onde diabos você colocou a minha arma?"

Não posso contar. Se o fizer, nós vamos morrer de fome. Roubar a arma de Robert foi provavelmente a coisa mais idiota que já fiz, mas precisávamos de mantimentos, e desde que minha mãe e o cretino só gastava o dinheiro em drogas, não tive escolha. Eu planejava empenhar a arma na casa de penhores local por dinheiro, e guardar o alimento para Reed e eu, caso contrário, seremos deixados para comer de lixeiras nas ruas. Não importa o que Robert faça comigo, tenho que manter isso em segredo. Por Reed.

"Já te disse. Eu não sei."

Os ventos da primavera batiam nas minhas costas como um pedido de desculpas, antes do primeiro crack atingir em minha espinha.

Eu faço um barulho na minha garganta que não passa pelos meus dentes cerrados, até que outro crack se espalha como chamas em toda a minha pele, e o som que rasga meu peito é um uivo desumano. Estou tentando não chorar, mas a dor é mais do que posso suportar. Meus pulsos queimam, e tudo ao meu redor começa a desvanecer de dentro para fora. Com cada golpe, meu corpo fica mole, minha perna muito fraca para me segurar. Ácido queima dentro do meu peito, como se quisesse vomitar, e isso é quando o primeiro rosnado atinge o ar.

O clamor do meu padrasto quebra em um grito ensurdecedor de dor.

Eu torço o suficiente para ver Razor quebrar a sua corrente e ficar solto e o braço do meu padrasto está alojado entre fileiras de dentes, e eles lutam entre si. Meu cão o levou para o chão, os rosnados do Razor são altos, irritados, como se pudesse matar o bastardo e comê-lo depois.

"Chame-o! Chame-o agora!" A voz trovejante do meu padrasto surge acima do rosnado e o som sibila em meus ouvidos. "Chame-o, e vou deixá-lo ir!"

Por mais que adoraria ouvir o cão devorá-lo, pressiono meus lábios secos e apito. "Razor."

Ainda rosnando, o cão salta entre o meu padrasto e apoia-se ao meu lado.

Tristeza apunhala meu coração, porque sei que vou ter que me livrar dele, ou é possível que Robert vai matá-lo depois disto.

As feridas nas minhas costas ficaram frias e insensíveis. Respirações ofegantes e rasas, evitam que a minha pele se estique, mas a tontura faz minha cabeça parecer muito pesada para o meu pescoço.

"Livre-se deste pedaço de merda até amanhã, ou vou estripá-lo." A voz do meu padrasto vem de trás, e meu corpo inteiro trava com suas palavras. "E se você não trouxer a minha arma até amanhã à noite, ainda o estriparei."

Com as mãos fechadas em punhos ao meu lado, interrompi a memória com o cão mutilado ainda latindo para mim. Contornando a extensão de sua corda, continuei até chegar à beira da floresta.

Os gritos intensificavam-se, quanto mais me aventurava para a propriedade, luzes brilhantes se espalhavam pelas árvores circundantes. Dois homens armados estavam na abertura de uma cerca de arame de três metros de altura forrada com arame farpado em cima, que rodeava o evento. Como tinha esperado, as lutas eram vigiadas por membros de gangs ou motociclistas dos Detroit Devils MC. Relaxados pelas cervejas, riam e não estavam especialmente vigilantes.

A minha meta era achar Marlon 'Bulldog' Stafford, identificável pela tatuagem de bulldog no seu braço. A primeira

tarefa seria passar pelos motociclistas. As brigas de cães representavam mais uma facção de criminosos em ascensão. Com tantas batidas policiais, entrar nelas era tão difícil para um civil quanto para um policial disfarçado. Examinavam espectadores que poderiam tentar se infiltrar na luta.

No interior, o ringue estaria fervilhando de negociantes de droga e membros de gangs, já que eventos assim tendiam a gerar mais dinheiro do que uma série de transações de droga nas ruas.

Esgueirar-se para dentro poderia ser suicídio.

Só aconteceu de eu ser porra louca o suficiente para tentar.

Tinha um talento especial para invadir lugares que não deveria, então recuei alguns passos, tecendo através da colônia de cães latindo, indo até os fundos, onde um solitário banheiro químico estava contra o muro alto. O lado escuro do banheiro oferecia espaço suficiente para eu me espremer sem ser visto. Puxei um par de alicates da bolsa de suprimentos e em apenas alguns recortes rápidos e tranquilos ao longo do canto do poste, fiz um buraco de tamanho decente na cerca para rastejar por ele.

Mantive-me nas sombras, escondendo o rosto no capuz do casaco, quando me aproximei de uma clareira onde os carros tinham estacionado, os faróis iluminavam um círculo de corpos que estavam reunidos em torno de uma caixa de madeira grande, cerca de catorze por dez.

Além deles, havia uma tenda com mesas, sobre as quais copos foram empilhados ao lado de um barril e garrafas meio vazias de bebidas alcoólicas. Grandes sacos de pães de cachorro-quente, condimentos, garrafas de Coca-Cola se espalhavam pelo resto da mesa. A churrasqueira estava ao lado, e o cheiro de carne queimada enchia o ar. Como a porra de um piquenique.

Um latido chamou minha atenção para a direita da multidão, onde os cães rosnavam em jaulas — na maior parte Pitbulls e mastins, pelo que posso decifrar nas sombras. Avancei lentamente

para mais perto do ringue, meu estômago revirando com a visão de dois cães rasgando um a outro, seus pelos cobertos de sangue.

Fúria pulsava em minhas veias. Rangendo os dentes, desviei o olhar para onde um mastiff rajado foi amarrado a uma árvore. Clipes de jacaré presos ao seu corpo me diziam que ele estava assustado até a morte.

Meu coração batia rapidamente no peito, os dedos coçando para abrir fogo quando aplausos ecoaram dentro da minha cabeça. *Controle-se.*

O lugar inteiro cheirava a morte e o fedor podre dos carrascos que a adoravam. Era como passear na porra de um culto onde os animais eram sacrificados no altar.

Violência aquecia o meu sangue e queria sucumbir a ela. Para deixar que a nuvem de escuridão, como sangue quando cai na água, cegasse meus olhos e me transportasse para outro mundo, um lugar onde poderia punir todos eles.

Localizar Stafford.

Passando pelo cão assassinado, eu me misturei com a multidão, fundindo-me no círculo estreito em volta da caixa de madeira. Dentro do ringue, dois cães sentaram em cada canto, onde marcas cruzadas os mantinha momentaneamente separados. Cada um deles rosnava, avisando o outro, e seus manipuladores, que não recuariam.

Atrás de um Pitbull cinzento estava o homem que reconheci do arquivo, e em seu braço, a tatuagem que o marcava para a morte.

Stafford.

A multidão se moveu, a energia perversa como eletricidade estática, esperando para me atingir com uma centelha renovada de raiva.

Fechei os olhos, enquanto uma sensação de pânico tomava conta de mim, e mais uma vez, as memórias assumiram.

Meu estomago torce doente. Chamas lambem minha garganta e meu peito parece como se pudesse explodir. Poeira sobe atrás de mim enquanto corro pela estrada em direção a casa.

Eu saltei a sexta aula, porque Robert ameaçou estripar o meu cão como punição, se não devolvesse a arma. As feridas do meu espancamento na noite anterior me lembravam que Robert não brinca quando se trata de ameaças.

A buzina do trem ressoa distante, enquanto atravesso o gramado. Quantas malditas vezes sonhei em pular no trem com Reed e dar o fora daqui?

Quando contorno a frente em direção ao quintal, chamo pelo meu cão. "Razor!" Minha voz é rouca e seca de cansaço. "Razor!"

Um objeto escuro oscila de um ramo na frente, e meu mundo chega a um ponto insuportável.

Caio de joelhos. Meu coração bate tão forte, que sinto que vai saltar para fora do meu peito. Não posso respirar. Não posso me mover. Não é possível fazer um único som. Só posso olhar para o que se parece como um sonho.

Pendurado na árvore de carvalho no quintal está o meu melhor amigo. Sua barriga foi aberta, suas patas presas por trás, como um animal caçado.

Nunca chorei por nada na minha vida. Nem quando meu pai morreu. Nem quando me afastei de Maria, a única mãe que conheci. E nem mesmo quando Robert quase quebrou meus joelhos com um taco de beisebol.

Mas quebrei em lágrimas agora.

Quando embalei meu rosto e chorei pelo meu único amigo, uma obscuridade de pensamentos surgiu na minha cabeça.

Ainda tenho a arma de Robert.

A zombaria interrompeu a memória, trazendo-me de volta para o inferno que se desenrolava de frente a mim, quando Stafford arrastou um cão relutante e gravemente ferido longe da multidão.

“Que porra ele está fazendo?", uma voz chamou ao meu lado, me dando um breve segundo de fé na humanidade, até que ele acrescentou: "Mate o pedaço de merda perdedor no ringue! É parte do show, cara!”

Dei um passo em direção a Stafford, mas fiz uma pausa por um momento, antes de me virar e acertar o filho da puta na mandíbula. Sua cerveja patinou quando bateu na sujeira. Esfregando o queixo, ele olhou para mim todo indignado e chateado, pálpebras pesadas de embriaguez. Dois espectadores apenas olhavam para o ringue.

Saí depois de Stafford, que tecia pela multidão quando os próximos cães tomaram os seus lugares no ringue. Bastardos selvagens. Eu deveria ter trazido uma granada comigo. Explodir todos para o inferno teria feito um favor ao mundo.

Só que os cães iriam morrer também, e isso seria trágico.

Além da multidão, passei por dois motociclistas, cujos coletes me disseram que pertenciam ao mesmo clube que os dois guardas da entrada. Nenhum deles me poupou um olhar enquanto seguia Stafford, atravessava o portão e entrava na floresta.

Os sons de sua raiva e desaprovação me guiaram para onde ele estava. Não gostei que ele tivesse ido tão longe da multidão. Algo me disse que ele planejava fazer algo pior do que o que eu já tinha visto.

Com um grito estridente, corri pela floresta, e encontrei Stafford ajoelhado ao lado de uma árvore, golpeando com impulsos erráticos o ombro, coxa e flanco do cachorro.

"Perdedor filho da puta! Você sabe quanto dinheiro eu perdi?"

Fúria inflamava minhas veias, e cambaleei atrás dele, o instinto me guiando para onde ele estava sentado, mais do que a visão. Os latidos do cachorro afogaram qualquer possibilidade de que ele ouvisse as folhas estalando sob minhas botas, tirando a Black Betty do coldre, fui em sua direção. Quando levantou a mão para outra facada, bati a lâmina diretamente através dos seus ossos e na casca da árvore na frente dele, e sua lâmina caiu no chão ao lado.

O grito de Stafford acompanhou o movimento tremulo de seus dedos, enquanto olhava para a faca cravada nas costas da sua mão.

Com um grunhido, torci a faca mais fundo na casca, deleitando-me com os sons de protestos de Stafford ecoando através da floresta. Bati a mão enluvada sobre sua boca, apertando firme enquanto ele se contorcia em minhas mãos, e puxei minha arma, segurando-a em sua cabeça. "Cale a boca, ou vou pintar a árvore com o seu cérebro."

Ele se acalmou no meu braço, respirando com dificuldade pelo nariz.

Apesar de estar amarrado à árvore pela garganta, o cachorro o chutou por baixo, golpeando sua barriga enquanto lutava para ficar longe dele. Ainda segurando firme em Stafford, peguei a faca caída, soltei o cão, e esperei um momento para que ele subisse em seus pés mutilados. Encolhi-me com o seu latido e lamento enquanto ele mancava se afastando. Parecia como se Stafford tivesse tentado retirar cada um dos membros do cachorro, golpeando-o. Sangue encharcava o seu pelo curto, deixando um

rasto atrás dele, até o cachorro finalmente cair em um monte a alguns metros de distância.

Dei um tapa na outra mão de Stafford e nos bolsos dele, tirei a arma que estava dentro da sua calça, e coloquei-a no meu coldre, deslizando a minha para dentro do meu cós. Puxando a faca de onde eu tinha esfaqueado através de seus dedos, libertei sua mão, mas girei em torno dele e bati suas costas na árvore, envolvendo o fio que ele usou no cachorro em torno de sua garganta até que estava imóvel contra o tronco.

Pela primeira vez, olhei em seus olhos azuis, e a lembrança daquela noite infernal retumbou em minha mente como uma nuvem de tempestade escura.

"Esta cadela é sua avó?"

A pele do homem é negra como o carvão, mas seus olhos são azuis-esverdeados, olhando através da máscara de esqui, marcam minha memória. Ele segura minha avó contra ele, com uma arma em sua cabeça, atada à cadeira da cozinha. Seus olhos estão arregalados e o lábio treme, e faixas molhadas escorrendo em suas faces confessam suas lágrimas. Décadas vivendo na parte de merda de Detroit, e esta é a primeira vez que vejo essa mulher parecer assustada.

"Na fazenda, você sabe o que fazemos com as cadelas?", Ele sussurra em seu ouvido, mas alto o suficiente para que eu possa ouvir cada palavra. "Nós as amarramos e deixamos que os machos fodam a porra dos seus traseiros." Ele segura sua mandíbula e arrasta sua língua ao longo de sua bochecha. "O que você diz vovó? Já tentou estilo cachorrinho?"

Fúria explode dentro das minhas veias. Com as mãos amarradas atrás das costas, empurro os meus pés em direção a ele.

Antes que possa chegar até ela, ele desliza a faca em sua garganta. Sangue cobre as camadas de colares e santos católicos que ela sempre usa. Seus olhos permanecem presos atrás de uma

porta onde já não posso alcançá-la — no lugar entre a vida e a morte. Com um suspiro, ela cai no chão.

"Eu me lembro de você." Stafford inclinou a cabeça, interrompendo meus pensamentos enquanto estuda o meu rosto. "Porra, eu me lembro de você! Deveria ter te matado. Nós deveríamos ter te matado, porra!"

"Poderia, deveria, iria. Mas, hey, pelo menos recebeu uma facada agora." Mais um puxão no fio, apertou as ligações em todo o seu corpo, e descansei meus cotovelos sobre os joelhos. "Quem te pagou para entrar em minha casa?"

Sua boca se abriu como se ele fosse gritar, e perfurei um punho em seu rosto, batendo para fora um dente.

Com o rosto ensanguentado, ele choramingou e se engasgou com a cabeça caída, quase implorando por outro soco.

"Quem. Pagou. Você?"

Com os lábios em uma linha dura, ele inclinou a cabeça apenas o suficiente para lançar um olhar. "Conall. O fodido Conall me pagou."

"Quem é Conall para você?"

Sua mandíbula deslocou com uma pausa silenciosa, antes que cuspisse sangue e descansasse a cabeça contra o tronco. "Trabalha para um cara chamado Pasák. Aquele que comprou a matança."

"E você não sabe quem é Pasák?"

"Ninguém sabe quem ele é."

Olhei para ele por um momento. "Peepshow manda lembranças, a propósito." Sorri, enquanto seu rosto enrugava em pânico, e levantei minha lâmina. "Os outros dois homens que estavam lá naquela noite? Quem são e onde estão?"

"Membros da Seven Mile, homem. Jamal era meu primo. Foi baleado há alguns meses."

"E o loiro?"

"Foi morto. Acidente de carro há poucos dias atrás. Um caminhão bateu nele."

Nenhuma merda. O loiro deve ter sido um dos babacas me perseguindo, depois que apaguei Peepshow.

Batendo a lâmina contra a palma da minha mão aberta, chamei sua atenção ali, e de volta para mim. "O que você sabe sobre o leilão?"

Com as sobrancelhas franzidas, ele sacudiu a cabeça. "Leilão? Cara, eu não sei nada sobre nenhum leilão."

"As mulheres? Você não tem ideia de onde estão?" Limpei a lâmina em toda a sua calça jeans, sorrindo com o recuar de sua perna.

"Eu juro. Não sei sobre nenhum leilão. Juro por Deus."

"Bom o bastante." Bati um quadrado de fita adesiva sobre sua boca e alisei a mão sobre minhas luvas.

Com algum fervor, cravei a faca em sua coxa, e quando ele gritou por trás da fita, parei com a descarga de adrenalina, em seguida, continuei a fatiar, até que fiz um longo corte em sua coxa. Não muito profundo, mas o suficiente para tirar sangue. Da linha da sua ferida cortei uma fina camada de carne enquanto o segurava com o joelho, pressionando sua perna enquanto ele tremia.

Outro grito abafado de Stafford morreu em um ataque de asfixia, e com a carne pendurada em meus dedos, tirei uma seringa vazia da mochila, retirando o sangue de suas lacerações, enquanto suas coxas tremiam debaixo de mim.

Coloquei a carne e a seringa no chão e olhei para o cachorro, onde ele sangrava de seus ferimentos a alguns passos de distância.

"Sabe o que é repugnante?" Com um lenço, limpei o sangue da minha lâmina enquanto ainda estava agachado na frente de Stafford. "Se ele não estivesse tão ferido, provavelmente viria depois de mim para ferir você." Bufei em zombaria, levantando Black Betty para me certificar de que limpei o sangue, antes de deslizar a faca de novo no coldre. "Lealdade é uma cadela."

Ranho e lágrimas escorriam pelo rosto de Stafford enquanto ele soluçava atrás da fita. Um chiado de algo que soou como um apelo não conseguiu romper a barreira em sua boca, apenas borbulhando a fita em seu lugar.

“Aristófanes uma vez disse, a fome não conhece melhor amigo do que aquele que a sacia. Vamos ver quanto ódio tem alimentado Stafford.” Eu me levantei e andei até o cão, encontrando-o ainda no chão da floresta. Sua ferida continuava a escoar sangue, mas eu o levantei em meus braços, permitindo que as gotas encharcassem a minha camisa.

Gritos abafados de Stafford mal podiam ser ouvidos enquanto andava através do labirinto de cães, levando a criatura danificada para o meu carro, onde o coloquei no banco de trás. Ele choramingou, mas parou.

Quando cruzei de volta para a floresta, o som da luta continuava, mas ninguém parecia ciente do homem amarrado à árvore e sangrando em suas coxas. Do lado onde Stafford estava sentado levantei o pedaço de carne e a seringa, segurei minha mochila, em seguida, trilhei um caminho de volta para o cão acorrentado, empurrando o sangue da seringa atrás de mim e criando uma trilha através das folhas secas e arbustos.

O mastiff de aparência magra latiu quando me aproximei, mas deixei cair meu olhar e estendi minha mão, oferecendo o pequeno pedaço de carne de Stafford. O cão farejou em um primeiro momento, mas a fome tinha uma maneira desagradável de tirar a natureza primitiva, mesmo os mais fracos e leais. Enquanto comia a carne oferecida, cortei sua corrente com o

alicate, e assim que foi solto, o nariz bateu a sujeira, atravessando um caminho em zig-zag ao longo da trilha de sangue.

Em segundos, os gritos de Stafford atingiram o ar.

Capítulo 20

Lucy

Um pouco mais de duas semanas haviam se passado desde a festa.

Cheguei a um ponto em meu cativeiro, que não podia deixar de me perguntar sobre coisas ridículas que uma mulher sequestrada provavelmente deve deixar ir, como, será que o gerente do apartamento já despejou? Alguém roubou os seiscentos dólares em gorjetas que escondi? Craig e Jolana estavam loucos perguntando fui? Eles começaram a procurar por mim?

Poderia uma pessoa desenvolver esquizofrenia de tédio total e absoluto?

Como um relógio, Warhawk me trouxe refeições três vezes ao dia, permitiu-me tomar banho e lavar as minhas roupas na pia. Desenvolvi um método de usar o secador de cabelo de parede para secar minha calcinha e a usava ligeiramente úmida. Ele até me deu duas de suas camisetas e uma calça de moletom, apesar de eu nadar nas roupas excepcionalmente grandes.

Além dessas interações, ele parecia estar mantendo distância de mim. Passamos pela mesma rotina a cada dia — ele me deixa amarrada à cama, exceto durante as refeições e pausas de banheiro. Ele ficava fora até tarde e voltava tropeçando bêbado, batendo no outro quarto, mas nunca tanto como na vez que me tocou. Parte de mim se perguntava se ele estava se saciando com outra mulher, chegando às duas, às vezes três da manhã.

Uma onda de ciúmes serpenteava pelas minhas veias com o pensamento dele pegando alguma garota aleatória. *Por que, Lucy*?

Pelo amor de Deus, o homem havia me sequestrado. Amarrado a uma cama. Por que no inferno eu iria sentir ciúmes? Então, o que, se ele fodeu alguma boba atraída por homens mandões com grandes músculos e um ar de mistério que faria Batman parecer uma socialite?

O. Que. Eu me importo?

Exceto que, quanto mais imaginava seu corpo esculpido envolvido em outra mulher, mais zangada e mais excitada eu parecia ficar. Uma onda de calor se espalhou pelo meu corpo, e me contorci contra os lençóis, desejando a fantasia.

Ugh. Síndrome de Estocolmo? Eu mal sabia o que a palavra significava. Será que as mulheres com Estocolmo fantasiavam sobre seu captor forçando-as a vê-lo foder outra mulher?

Doente, Lucy. Muito doente.

Ele não podia ser confiável. Ele era um membro do Seventh Circle. Um torturador. Um assassino.

Apertei meus olhos para os pensamentos que vinham do meu íntimo, lutando contra essas acusações.

É ele, Lucy? Será que ele te machucaria?

Ele não me machucou. Na verdade, dançamos em volta um do outro durante mais de duas semanas, como colegas de quarto, cuidando dos nossos negócios — bem, exceto que o meu negócio passou a ser ficar amarrada à cama a cada dia. Apesar disso, comecei a baixar a guarda um pouco ao seu redor. Tinha até deixado a porta do banheiro destrancada enquanto tomava banho, apenas para ver se ele tentaria dar uma espiada.

Ele não o fez.

Ele teve uma série de oportunidades para usar o meu corpo, e não usou.

Ajudá-lo com a imagem do vídeo apenas aumentou a minha confusão, porque o homem estava obviamente investigando alguma coisa. Algo que envolvia um dos homens que eu desprezava — Conall, qualquer um contra aquele bastardo tinha que ser bom. Talvez Warhawk estivesse trabalhando disfarçado. Talvez ele estivesse tão curioso sobre o clube quanto eu.

Um barulho alto me assustou e causou uma mordida dolorosa das amarras. Houve uma batida e o som de vidro quebrando, fiz uma careta, perguntando-me o que diabos estava acontecendo.

Meu captor irrompeu pela porta do quarto, correndo em direção ao banheiro antes que pudesse dar uma olhada para ele, de onde mais farfalhar e o baque de algo batendo no chão ressoou pela porta.

O que diabos está acontecendo?

Ele explodiu, levando um punhado de toalhas, e meu olhar deslizou para o vermelho manchando suas mãos, seu jeans e a frente de sua camisa branca.

"O que está acontecendo?"

Ele me ignorou e continuou indo para o outro quarto. Apenas as batidas de suas botas pelo chão me disseram que não tinha deixado o apartamento.

Alguém estava vindo?

"Hey!" Puxei as braçadeiras, precisando me libertar, precisando descobrir o que diabos estava acontecendo. "Pausa do banheiro!"

Um gemido, como o de um cão, se rompeu em um grito.

Mais uma vez, ele passou para o banheiro, e no caminho de volta, puxou a faca e cortou as braçadeiras, sem uma palavra.

Esfregando os sulcos profundos em minha pele, saí da cama e na ponta dos pés fui para a cozinha.

Ele estava ao lado da mesa, bloqueando minha visão de tudo o que estava ali, sangue vazava sobre a beira da madeira e juntava em suas botas.

"O que... o que está errado? Está tudo bem?"

Seus ombros rolaram para trás, e ele deu um passo para o lado, permitindo-me ver um cão deitado sobre a mesa, sangue escorrendo de cortes profundos ao longo do seu corpo.

Bati a mão na boca com a visão do pobre cão, obviamente mutilado, e uma dor cortou meu coração, quando o meu olhar caiu sobre a lâmina dobrada no coldre de Warhawk.

Ele fez isso?

"Não acho que posso salvá-lo." A pancada do seu punho contra a mesa endureceu meus músculos, mas não fez o cão recuar.

"Eu conheço um cara," disse. "Um veterinário. Ele dirige uma clínica de emergência 24 horas."

"Não." Ele passou a mão sobre a pele encharcada de sangue do cão. "Não posso arriscar levá-lo em algum lugar e ser visto. Contigo."

"É um consultório particular. Vou lá desde que era uma menina. Eu vou... direi a ele que você é meu... *namorado*, ou algo assim." O erro desse pensamento foi rapidamente erradicado pela urgência que bateu através de mim. "Nós temos que ir agora, no entanto."

"E como, exatamente, você pretende explicar isso?"

"Você... Fez?"

Seus lábios se curvaram, como se eu tivesse dado um tapa no seu rosto, e ele voltou a exercer pressão contra as feridas do cão.

"Sinto muito." Fui para o lado dele, acariciando o cão atrás de suas orelhas. "Escute, ele não vai dizer nada. Ele não vai pensar em nada, acredite. Tenho levado animais feridos para ele desde que eu tinha sete anos. Sou bem conhecida por lá."

Depois do que pareceu um minuto de contemplação, ele finalmente concordou. "Vamos."

Deslizei para o outro lado da mesa, levantei a cabeça do cachorro, e ele não protestou, não fez mais do que olhar para mim quando nós dois o levamos para o outro lado da sala e saímos pela porta da frente.

Uma rajada de ar frio de outubro atingiu minhas pernas, e foi então que percebi, que parecia como se tivesse sido mantida em cativeiro por duas semanas, com a minha roupa de pijama, pés descalços e cabelos despenteados. Felizmente, o fato de que era tarde da noite iria frustrar qualquer suspeita.

Então, novamente, por que eu estava esperançosa de algo?

Cuidando para não perturbar as suas feridas, ele deslizou o cão no banco traseiro, e subi depois dele, agachando-me atrás do banco do passageiro e acariciando o pelo encharcado de sangue do cão. "Ei amigo. Fique comigo, ok? Você vai ficar bem."

Olhei para cima para ver Warhawk olhando para mim, um olhar estranho em seu rosto, que não tinha visto antes. A intensidade de seus olhos e da elevação de suas sobrancelhas me lembrou de um menino que assiste a outra criança com seu brinquedo, até que ele se virou e acelerou o carro.

Entre confortar o cão e limpar o sangue com as toalhas que o cobriam, dirigi meu captor para a clínica onde passei dez anos da minha vida, acreditando que me tornaria uma veterinária. Fazia três anos desde que vi pela última vez o Dr. Cross para o meu Bullmastiff, Daisy, quando tive que colocá-la para dormir por causa dos tumores que tinham se espalhado em seu corpo. Depois de dez minutos, chegamos ao familiar prédio marrom com o seu

sinal azul e branco que mostrava a silhueta de um cão, gato e pássaro.

Levantei a cabeça do cão, quando Warhawk deslizou-o no banco de trás e levou-o para a clínica. Uma vez lá dentro, assumi a liderança, acenando para Maria, a secretária que estava sentada na recepção, enquanto seu olhar seguia o homem atrás de mim.

"Mary, Richard está? Tenho um caso ruim. Brigas de cães, eu acho."

"Claro, querida. Ele está na parte de trás." Ela inclinou a cabeça, olhando para além de mim e bufou.

"Pobre bebê. Essas pessoas devem ser trancadas na prisão."

Olhei em cada uma das salas, encontrando o Dr. Cross em seu escritório. "Richard, tenho um bem mau."

Acenando-me, ele contornou a mesa e dirigiu-me para a sala em frente ao seu escritório.

O cão mal se moveu quando o deslizamos pela mesa verde e Dr. Cross imediatamente começou a trabalhar. Ele chamou seu assistente, e os dois se preocuparam com a ferida e administraram uma injeção.

"Onde você encontrou este, querida?", Perguntou.

Por um breve segundo, temi que ele fosse me chamar pelo meu nome. "Ele estava, uh..."

"Encontrei-o na floresta," Warhawk interrompeu. "Eu o encontrei esfaqueado. Sangrando. Tentei colocar pressão nas feridas." Um estranho ar de preocupação sombreava sua voz, e por um momento, ele quase parecia temer pela vida do cão. "Será que ele vai ficar bem?"

"Não sei ainda. Essas feridas são profundas, e ele perdeu um pouco de sangue. Vou ter que ver, se for o caso, quais órgãos foram atingidos. Você pode deixá-lo durante a noite. Basta dar a Mary um número onde posso te ligar. Você soube o que fazer garoto." Com

as luvas cobertas de sangue, ele me cutucou com o cotovelo, e seu olhar caiu para minhas pernas e pés descalços. Foi então que percebi que meus braços estavam em exposição, as contusões de Peepshow e as marcas de amarras claramente visíveis para ele. "Está tudo bem com você?"

Lancei um olhar em direção ao Warhawk, mas ele permaneceu impassível, simplesmente me observando. "Estou bem." Deixando cair o meu olhar, fingi um sorriso. "Nós fomos, uh... apenas ter algum divertimento."

Limpando a garganta, Richard deu uma rápida olhada em direção ao meu captor e voltou para mim. "Entendo. Bem, não se preocupe com esse cara. Você fez a coisa certa, querida." Ele me atirou uma piscadela e voltou sua atenção para Warhawk. "Ela tem o maior coração que conheço. Você é um cara de sorte por conhecer uma mulher tão maravilhosa."

Arranhei a parte de trás do meu pescoço, mordendo o interior do meu lábio. Eu odiava elogios. Mais ainda, odiava o calor repentino do olhar de Warhawk em mim. Levantando-me na ponta dos pés, dei a Richard um abraço. "Obrigada por fazer isso."

"A qualquer hora, você sabe disso. Não sou um estranho! Por um tempo, comecei a pensar que alguém tinha lhe trancado, ou algo assim."

Uma explosão de risos nervosos bateu no meu peito.

Não falei nada, não sabia o que dizer. Talvez o problema com o cão abrisse uma nova porta para explorar. Talvez eu quisesse saber por que meu captor estava tão afetado por isso.

Talvez não acreditasse que ele era o homem pelo qual passava.

****

Sentei-me no banco do passageiro ao lado de Warhawk, nenhum de nós falando. Edifícios passavam pela janela, os sem-

teto parados em torno de uma lata de lixo em chamas que iluminavam a noite.

"Por que você não disse nada?" Sua voz quebrou o silêncio que enchia o ar entre nós, desde que havíamos deixado à clínica.

Com um encolher de ombros, soltei um huff, sem me preocupar em olhar para ele. "Eu não sei. Pensei nisso."

"Você desistiu da oportunidade de ficar livre, para ser amarrada a uma cama?"

Bem, merda. Quando você coloca assim...

"Por que você salvou o cão?" Desafiei em resposta.

Ele olhou para mim e de volta para a estrada. "Se você acha que há algo mais profundo para mim, algo digno de recuperação, está errada. Você cometeu um erro ao não salvar a sua própria vida."

Talvez sim. Infelizmente, nasci com uma obstinada esperança, e, tanto quanto minha cabeça queria acreditar nele, meu instinto se recusava a aceitar que o cara era um bastardo estuprador. Inferno, ele praticamente provou isso alguns dias atrás, com seu pequeno truque do chuveiro.

Olhei em toda a camisa dele, onde o sangue tinha encharcado o tecido branco austero, mas acima dele, salpicos mais finos de sangue confessavam que devia haver mais história. "O sangue é apenas do cachorro?"

Ele inclinou a cabeça para frente, talvez percebendo a mesma coisa que eu, então olhou de novo para a estrada. Ele não respondeu, no entanto.

"Você matou o homem que fez isso?"

O movimento de sua mandíbula me disse que estava pisando em terreno perigoso.

"Odeio pessoas que ferem animais." Meu olhar caiu para onde minhas mãos mexiam no meu colo. "Sou uma pessoa muito suave, mas tenho esse ódio irracional para aqueles que machucam os inocentes. Crianças. Animais. Eles merecem ser punidos."

"O que te faz pensar que é irracional?"

"Bem..." limpei minha garganta. "Não é exatamente socialmente aceitável ir por aí e quebrar a cara das pessoas."

"Certo. Deus cuidará deles. Ou melhor, ainda, os pedófilos e assassinos de bebês serão brutalmente fodidos na prisão." Ele olhou para mim e voltou para a estrada novamente. "Por que eles deveriam viver suas vidas, enquanto suas vítimas apodrecem em sepulturas?"

Pensei sobre isso por um momento. Certamente não acredito que as pessoas devem ser autorizadas a saírem por aí matando outros, elaborando suas próprias penas para os crimes. Mas não acho que aqueles que ferem os outros podem ficar impunes, e isso apenas parecia acontecer muitas malditas vezes quando o sistema legal estava em causa. "Você matou o homem, não é?"

"Seus crimes o mataram."

Compreensão me atingiu. Eu estava sentada ao lado de um assassino. Um homem que tirou a vida de outro, talvez com facilidade. Um homem que provavelmente poderia tirar a minha vida muito facilmente, também, se quisesse, e ninguém jamais iria encontrar o meu corpo.

No entanto, apesar do meu melhor julgamento me dizer que todos os assassinos eram ruins, algo sobre ele me fez questionar minha própria moral. Do que aprendi em algum lugar na minha vida, a maioria dos assassinos em série não sentia empatia, e eles com certeza não iam por aí salvar animais, correndo o risco de serem pegos.

"Por que você fez isso?" Eu brincava com a barra da minha camisa, não tão disposta a olhar para ele, com a probabilidade de que ele não iria me dizer.

Depois de uma pausa gigantesca, ele fungou. "Porque ele roubou algo de mim. E algumas pessoas merecem morrer diante de Deus."

O carro virou no conjunto de prédios de apartamentos, e ele estacionou no mesmo lugar de antes.

"Eu tenho que saber... você pretende me matar em algum momento?" Levantando o meu olhar, olhei para ele.

Ele não olhou para mim, quando me disse: "Contanto que você não me dê razão, não."

Capítulo 21

Lucy

O som de vidro quebrando me assustou, e sentei na cama de repente, observando o silêncio do quarto escuro. Levantando as mãos, recordei a última parte da noite, depois de Warhawk e eu termos levado o cão para Richard. Deitei depois de tomar um banho para remover o sangue.

Warhawk deve ter esquecido as amarras.

Outro barulho chamou minha atenção para a porta, de onde a luz passava por uma fresta, e me concentrei no som de murmúrios.

Saí da cama e caminhei pelo quarto até ficar ao lado da porta. Espreitando pela fresta, e não vi nenhum movimento. Um intruso?

Abrindo a porta, encolhi-me com o rangido e fui para a sala de estar. Na cozinha, parei ao ver Warhawk caído contra a parede, atrás da mesa, segurando a cabeça e com uma garrafa de bebida ao lado.

Entrei na cozinha, e uma dor aguda atingiu a sola do meu pé. "Ah! Maldição!"

Levantei a perna. O sangue já começava a escorrer da ferida, que um pedaço de vidro quebrado fez no meu calcanhar. Com uma careta, olhei ao redor da sala, notando pedaços de vidro espalhados, como se ele tivesse arremessado algumas garrafas na parede.

“Que diabos está fazendo fora da cama?" O insulto sutil em suas palavras me mostrou que ele provavelmente bebeu um pouco.

Com alguns saltos estratégicos, fui até a mesa e sentei numa cadeira. Meu estômago ficou embrulhado com a visão do vidro em minha pele. Cuidar das feridas de outra pessoa era uma coisa, mas a sensação do vidro deslizando em minha própria carne fez meu estômago revirar. Agarrei uma ponta e, no primeiro puxão, mordi minha outra mão antes de mover o pulso.

Senti a respiração de Warhawk atrás de mim e fuzilei-o com os olhos, mas ele levantou-se da parede e cambaleou pelo cômodo, com as botas esmagando o vidro no chão, parando na minha frente. "Vamos, valentona. Deixe-me ver isso." Ele esticou o braço e estalou os dedos.

Franzindo a testa, afastei meu pé e empurrei sua mão estendida. "Esqueça. Posso fazer isso sozinha.”

“Eu vejo." Antes que pudesse evitar, ele puxou meu pé, e segurei firme na cadeira para não cair enquanto ele segurava minha perna no ar. Ele inclinou a cabeça, como se examinando meu calcanhar, enquanto apertava meu tornozelo tão forte que não poderia ter escapado mesmo se fizesse um grande esforço. "Oh sim. Isso não é nada bom. Deveria prestar atenção onde pisa.”

“E você, idiota, deveria pensar e aprender a maneira correta de segurar um copo." Oh, pelo amor de Deus, isso tinha que sair rimando?

Ele riu, e quando agarrou o fragmento, puxei a perna por reflexo. Seus olhos deslizaram para os meus. "Pare de ser um bebê."

"Se for fazer isso, faça logo. Pare de brincar comigo.”

Seus lábios se curvaram num sorriso torto. "Gosto de brincar com você." Com os dedos firmes em volta do meu tornozelo, ele agarrou a borda do vidro. "Um. Dois." Um puxão vigoroso causou um forte raio de dor, e soltei um grito.

Puxei a perna de volta, quando ele largou meu tornozelo. "Que diabos aconteceu com o três?"

"Quem disse que eu planejava contar até três?"

"Você sempre tem que contar até três! É como... uma preparação universal para a dor, idiota!" O sangue continuou a escoar da ferida, e a apertei, levantando a perna com o pé apoiado na palma da mão.

Ele se virou para a pia e abriu a gaveta, tirando um pano de dentro. Depois de molhá-lo, torceu-o e trouxe para mim. Outro movimento de sua mão, e balancei a cabeça. "Dê-me seu pé."

"Para você causar mais dor? Não, obrigada."

"Jesus, como você é teimosa." Ele puxou meu pé, segurando-o forte novamente. Enquanto quis aproveitar a oportunidade para chutar sua cara, a pressão suave e o calor do pano acalmaram a dor. "Melhor?"

Dei um aceno de cabeça, e ele largou meu tornozelo, entregando-me o pano para que eu continuasse aplicando pressão ao corte. "Por que há vidro em todo o lugar, afinal?"

"Quebro tudo quanto é merda quando fico chateado."

Um rápido olhar sobre os cacos me diz que ele quebrou alguns. "Deve ter ficado muito chateado."

Ele deslizou pela parede, onde o encontrei mais cedo, e tomou um gole da bebida alcoólica, sem dizer uma palavra.

Apontei a cabeça em direção à garrafa em sua mão. "Por que bebe tanto? Jesus, eu provavelmente poderia atear fogo com seu sangue."

Rindo, ele puxou as pernas e apoiou os cotovelos nos joelhos. "Bebo quando estou chateado, também."

"Por que diabos está tão chateado?"

Sua expressão divertida se tornou séria. "Aquele cachorro... sabe, provavelmente não vai aguentar. Caso tenha alguma esperança."

Eu tinha a sensação de que era sobre o cachorro — mais uma razão pela qual não acreditava que ele era tão grande e mau como faz parecer. "Você não conhece Richard. Ele já salvou vários animais. Piores do que o cão." Dei um aperto no calcanhar e levantei o pano, vendo que o sangramento abrandou. "Mas se está tentando me preparar, vi muitos animais morrerem de maneira cruel."

Seu sorriso me mostrou que havia zero diversão em seu rosto.

"Já teve um cachorro?", perguntei.

Contorcendo o maxilar, ele afastou o olhar e suspirou. "Uma vez. Quando era criança. Ele estava perdido e o levei para casa. Um pitbull." Ele tomou outro gole e limpou a garganta.

Sentindo que ele não era do tipo que ficava sentimental por um cão que morreu de causas naturais, atrevi-me a perguntar o que veio à mente. "O que aconteceu?"

Coçando o queixo e esfregando a parte de trás do pescoço, ele demonstrava seu desconforto. "Ele foi... enforcado e estripado."

Estripado? Tipo, aberto ao meio? Balancei a cabeça, raiva borbulhando da boca do meu estômago com a visão de uma coisa dessas. "Quem faria algo assim?"

"Meu padrasto."

Lembrei-me do meu padrasto, Paul, que já me ajudou a levar na traseira de sua caminhonete um pastor alemão, que acabara de ser atropelado para Richard. "Por quê?"

"Eu roubei sua arma e troquei por dinheiro para comprar comida. Ele fez a merda de vir me bater, e Razor o atacou."

Um pensamento me fez franzir a testa. Ouvi uma história como essa antes, e a familiaridade me atingiu como um déjà vu, mas não conseguia lembrar onde a vi — num jornal? Uma fofoca? "Seu padrasto te batia?"

"O tempo todo."

Minha mente voltou para a noite em que vi as curiosas cicatrizes em suas costas. "Ele... fez as cicatrizes em suas costas?"

Virando a garrafa, tomou outro gole e piscou, movendo a cabeça para cima e para baixo conforme engolia a bebida. Imaginei que deveria ser o álcool que fez com que ele continuasse falando. De jeito nenhum ele iria me contar muito de si, se não fosse assim. "Sim. Um rastelo de aço de dezesseis dentes."

"Oh, meu Deus." As palavras saíram antes que pudesse detê-las, enquanto em descrente ignorância me perguntei se ele mentia. "Por quê?"

"Entrei na frente quando ele tentou bater no meu irmão com o rastelo." Sua cabeça apoiou contra a parede, as pálpebras pesadas. Definitivamente bêbado.

"Quantos anos tinha?"

"Dezesseis." Ele bufou e segurou a garrafa para cima como se fizesse um brinde. "Dezesseis cicatrizes para lembrar meu décimo sexto aniversário."

Uma dor fria e oca apertou meu peito. Não poderia nem mesmo processar o que ele disse. Um rastelo bateu em suas costas e era destinado ao seu irmão? O pensamento fez um misto de náuseas e raiva agitarem o meu estômago. Uma parte de mim esperava que ele dissesse que estava apenas me zoando. Meu padrasto foi o oposto completo — cuidadoso, compassivo, talvez até mesmo merecedor de mais do que minha mãe. Não que eu odiasse minha mãe. Nunca entendi como uma alma tão quente poderia amar sua personalidade fria.

"Aquele cachorro. Tentei salvá-lo esta noite. Ele pode morrer. Mas eu tentei... queria salvá-lo."

Sentado com os joelhos para cima, ele circulou a borda da garrafa com o polegar, os olhos em mim. Tristeza e dor dançavam por trás de suas íris verdes, como sombras entre as árvores, com sua mente perdida em emoções que eu não entendia, como a forma que um pai poderia machucar uma criança dessa maneira. "Obrigado. Por ajudá-lo. E por ficar quieta."

Eu não disse nada, ainda indecisa se tinha feito a coisa certa. Ou algo incrivelmente estúpido. Sua cabeça inclinou para frente, e ele a segurou na palma das mãos. A compulsão para tirá-lo daquele pesadelo, distrai-lo da dor, levou-me a levantar da cadeira, e ele afastou as mãos do rosto. Evitando apoiar o calcanhar no chão e desviando dos cacos de vidro, manquei na ponta dos pés em torno da mesa.

Ele se apoiou para ficar de pé, e sem uma palavra, avançou. Antes que pudesse reagir, ele me jogou por cima do ombro, com os músculos duros apertando minha barriga. Pendurada de cabeça para baixo agarrei sua cintura para não cair. "O que está fazendo?"

"Não quero que se machuque novamente."

"O que te importa?" Agarrando sua camiseta, eu a segurei com a minha vida, enquanto ele tropeçava pela sala de estar, onde bateu o ombro na parede. O outro ombro, graças a Deus. "Acho que você se divertiu com minha dor."

"Não me diverti."

Senti cócegas na barriga quando desci, meu corpo caiu para trás e o colchão macio amorteceu a queda. Com os punhos em ambos os meus lados, ele se inclinou para frente. "Eu me divirto te zoando. Não te machucando."

"Existe uma diferença?" Prestei uma atenção exagerada em sua tatuagem do Circle Seven e voltei a encará-lo. "É tudo sobre infligir dor, não?"

Seus olhos se contraíram. "Não para mim."

A intensidade queimando em seu olhar me fez olhar para longe, com medo que ele soubesse a verdade que transbordava de mim, que eu o estava desvendando, estava intrigada com ele. Talvez houvesse mais motivos para a tatuagem. Mais para ele. "O que te move?"

"Vingança." Com um empurrão para fora da cama, ele cambaleou para o outro quarto, deixando-me lá. Desnorteada.

No silêncio, meus pensamentos voltaram à sua história sobre o cão. Já ouvi isso antes. Eu sabia que sim.

A luz do sol no meu rosto. Um menino estava ao meu lado na grama. O aroma de chuva e metal me acalma. Eu seguro sua mão. Hawkins.

Hawkins. Hawkins.

Jase Hawkins. Um menino que vivia no parque de trailers, do outro lado da rua onde cresci. Não pensei nele em anos, mas não demorou muito para recuperar a memória.

Meu peito aperta, raiva e frustração fecham meus pulmões, enquanto corro para fora do quintal, na esperança de ir o mais longe daquele lugar que puder.

Todo mundo disse que eu adoraria o ensino médio. Minha mãe me disse que teria um ano maravilhoso. "Será outra escola, outras crianças. Vai encontrar alguém que combina com você, Lucy", disse ela.

Eu não adorei. Odeio o ensino médio, ainda mais do que odiava a escola primária. Não importa aonde vou. As crianças são todas iguais. Cruéis.

Elas me dizem que cheiro mal. Que tenho piolhos. Que não sou nada além de um lixo sujo.

Hoje foi o pior dia. Roy Hamilton disse à classe que meu pai largou a mim e minha mãe porque eu era uma vergonha. Ele me chamou de filha da puta na frente de todos.

Mesmo assim fiquei sentada e quieta. Apesar de Roy Hamilton ter sido arrastado pelo colarinho para a sala do diretor e suspenso da escola por dois dias. Mesmo que saiba a verdade e tente ignorá-la, como mamãe me disse, ele me feriu mais fundo do que jamais me atingiram.

Todo o barulho que guardei dentro de mim nos últimos dois anos, desde que meu pai desapareceu, sai derramando-se em lágrimas e fúria, tão alto que engasgo com o ar enquanto corro. Sangue esquenta meus ouvidos enquanto o riso dos meus colegas se desvanece com a distância.

Até onde sei, a escola termina numa cerca que passa através das árvores, do outro lado da qual fica o parque de trailers por onde tenho que passar para chegar ao meu bairro. Normalmente não faço este caminho para casa, mas não posso ficar andando com um grupo de crianças e seus pais — mães e pais — que me olham de modo estranho, como se eu não me encaixasse na sua pequena e perfeita vizinhança.

Cada inalação de ar da primavera me esquenta, enquanto atiro meus livros sobre a cerca e pulo para o outro lado, onde caio num monte macio de folhas caídas. Meu coração bate contra as costelas, e olho em volta através da sombra das árvores, sentindo a brisa suave. E meu rosto, que estava quente, com raiva, esfria. A dor dentro da minha cabeça aumenta, e respiro fundo com uma sensação de calma cobrindo minha pele.

O balançar das folhas chama minha atenção para cima, o som do chilrear dos pássaros nas copas das árvores superando o barulho distante da buzina do trem.

"Pegue-a!" A voz masculina encobre o som das minhas persistentes respirações e o sangue me sobe à cabeça, quando viro para um grupo de arbustos à minha esquerda.

Através da grama alta e dos galhos pendurados, dois meninos, muito mais velhos, a julgar por seus corpos resistentes e altura, correm em minha direção. Suas roupas são limpas e novas, seus tênis brancos e brilhantes contrastando com a escura floresta.

Fico congelada no lugar por um segundo, antes de sair numa corrida mortal.

"Ei, menina!" O riso malvado ecoa por entre as árvores. "Que tal um jogo de esconde-esconde?"

Fui avisada a respeito dos meninos que moram no parque dos trailers. Minha mãe sempre me disse para ficar longe deles. "Eles são sujos, e vão pegá-la sem pensar duas vezes. E nunca vou vê-la novamente", ela disse. Só uma coisa, esses rapazes não parecem sujos. Eles parecem limpos, com suas roupas novas e tênis brancos. Atléticos, como se praticassem esportes.

Olho para onde o topo das árvores se estende para o céu azul, para ter um sinal de direção, já que me desviei do caminho conhecido. Quando um objeto atinge a frente do meu pé, tropeço e caio com o rosto no chão, enquanto meus livros se espalham no solo.

Antes que possa levantar, três meninos pulam em mim e empurram meus pulsos no chão, para que eu não possa me mover. Grito sobre seu riso, e quando um deles tenta cobrir minha boca, mordo sua mão, tremendo com o estalo que faz.

"Puta do caralho!" Ele se afasta e um flash cinza acerta o canto do meu olho, antes de uma dor intensa invadir minha têmpora. Os meninos instantaneamente se transformam em dois grupos, e balanço a cabeça, tentando trazê-los de volta ao foco. Posso senti-los me chutando, suas mãos arranhando minha pele enquanto me atingem, mas é como ver através dos olhos de outra pessoa. A dor se foi. A cena se desenrola numa névoa, um sonho ruim.

O garoto em cima de mim afasta a mão, e uma pedra cai de sua palma.

As copas das árvores giram sobre minha cabeça e solto outro grito, que é abafado pela pulsação soando em minhas orelhas.

Meus pulsos latejam, após terem sido pressionados contra o chão.

Vou desmaiar?

Uma mão desliza pela minha boca, e uma brisa fria me diz que eles puxaram minha calça para baixo. "Use os dedos primeiro! Elas adoram essa merda", um deles diz ao rapaz que está posicionando-se entre minhas coxas.

É isso. Isso que minha mãe me avisou aquele dia. Eu me odeio por pensar que ela era superprotetora. Preocupada demais. Ela estava certa. Oh, Deus, por favor, ajude-me. Minha mãe estava certa.

Raiva queima em minhas veias, e afasto meu braço para socá-los, mas não consigo.

Eu os odeio.

Uma de suas mãos escorrega da minha boca, e tenho a oportunidade de gritar de novo, na esperança de que alguém ouça. "Ajude-me! Mamãe! Mamãe, por favor, socorro!"

Um objeto voa como um pássaro, no lado esquerdo do menino entre as minhas coxas e derruba-o ao chão. Os outros meninos me soltam, levantando e se escondendo atrás de uma árvore. Vejo um menino, vestido com roupas esfarrapadas, sujas e uma camisa rasgada, batendo em meus três atacantes.

Os músculos dos seus braços e ombros se contraem enquanto ele luta, esmurrando os meninos. Nunca vi um menino com um corpo tão definido como o de um homem.

No tumulto, uma arma cai no chão.

Rastejo em direção a ela e, com as mãos trêmulas, pego-a pelo cano. Já segurei uma arma antes, nas ocasiões em que sentei e assisti meu pai limpar a sua. Ele me deixou segurá-la e me ensinou a mirar e puxar o gatilho.

Olhando para o que está em minhas mãos, sinto uma onda de raiva surgir. A dor pulsa em meu olho, onde o menino me acertou com a pedra, e chego *a tocá-lo, encolhendo-me ao sentir o sangue pegajoso que mancha meus dedos.*

Olhando em direção aos meninos, posiciono meu dedo no gatilho e levanto a arma.

Eu disparo.

Ao tocar minha cicatriz sou trazida de volta ao quarto, e olho meus dedos. Sem manchas de sangue, e a ferida no meu olho há muito se curou.

Essa foi a única vez em todos os meus anos de escola que fui atacada. A única vez que precisei ser salva. Daquele dia em diante, construí um muro ao meu redor, tão alto e tão impenetrável, que nem mesmo eu sabia se seria capaz de sair dele algum dia.

Jase cresceu e um dia desapareceu. Nunca soube o que aconteceu com ele, mas algum tempo depois, atrevi-me a cruzar o mesmo caminho através do parque dos trailers na esperança de que fosse vê-lo. Isso não aconteceu.

Enfiando as mãos debaixo da minha bochecha, fixei o olhar na porta do quarto, até que a luz no outro quarto apagou.

Uma mulher mais inteligente teria elaborado um plano de fuga. Bêbado como ele tinha chegado, seria fácil de sair pela porta.

Porém, eu tinha perguntas que precisavam de respostas. Assim, como uma tola, fechei os olhos.

Capítulo 22

Detetive Matt Burke

Burke se sentou frente ao Chefe Corley, em seu escritório, enquanto o superior examinou o resíduo rosa em torno de um cigarro eletrônico, através do saco plástico rotulado: 'evidências'.

"Isso é tudo que encontrou no local?", perguntou Corley.

"Vasculhei aquela porra toda, — desculpe, todo aquele edifício. Isso é tudo o que foi deixado para trás."

"Nenhum corpo, porém, não é?"

Burke sacudiu a cabeça. "Nenhum corpo." De acordo com o relatório de Anderson, de qualquer maneira. Tudo o que ele trouxe foi um cigarro eletrônico usado, coberto com alguma merda-cor-de-rosa que foi largado em algum lugar do porão. Viciados provavelmente acamparam no prédio, um monte de cadáveres alucinados.

As bochechas de Corley incharam e ele jogou o saco sobre a mesa. "Qualquer ideia do que está no tanque?"

Burke virou seu olhar para o objeto, onde o resíduo rosa agarrou-se ao vidro, e coçou a parte de trás da cabeça. "Não. Vou ter que mandar o laboratório analisar. Nunca vamos descobrir o que é."

Ele assentiu. "Obrigado por fazer isso."

Levantando-se da cadeira, Burke pegou o saco de evidencias, mas parou. "Hey, uh... pedi uns dias de folga. Apenas alguns dias.

Queria passar algum tempo com Katy. De qualquer forma, o comandante Rickson negou. Disse que você decidiria." Ele coçou a cabeça de novo, um hábito nervoso. "Queria saber se poderia—”

Corley sacudiu a cabeça. "Nós estamos com a equipe reduzida, e lamento não poder atender todos os pedidos."

Papo furado. O departamento estava com verba reduzida. Dinheiro. E o instante de culpa que sentiu, entrando no escritório de Corley no início de sua reunião, acabou de ser carimbado com um grande foda-se. "Eu só... realmente preciso de algum tempo com minha filha. Isso significaria muito—”

“Eu lamento." Ele olhou para Burke, suas olheiras escuras mostrando que ele não conseguiu dormir muito. Maldito viciado em trabalho. "Não posso."

Mudando sua expressão, Burke fechou os dedos num punho e saiu do escritório do chefe, antes que dissesse ou fizesse algo estúpido. Passando entre as divisórias, voltou para sua mesa e caiu na cadeira, com a mão protegendo os olhos enquanto os fechava para contar até dez, tentando amenizar a tempestade de merda que rodava dentro de sua cabeça.

Sim. Ele sabia que estavam com a equipe reduzida. Exatamente por isso que não queria enfrentar o matadouro, e foi bom que Anderson se ofereceu, ou seria um chato muito mais infernal do que ele já era.

"Ei, ouviu sobre o acidente de carro na Lodge?" A voz de Anderson tirou-o de seus pensamentos, e ele olhou para cima para encontrar seu parceiro encostado em seu cubículo.

"Não." Burke não conseguiu esconder a falta de entusiasmo em sua voz.

"Uma grande merda. Um carro pegou a traseira de um caminhão e explodiu." Ele tomou um gole de café. "Pensei que ouviu algo sobre o que aconteceu."

Sem se preocupar em olhá-lo, Burke sacudiu a cabeça, com o olhar fixo numa foto dele com Katy, que foi tirada num jogo dos Red Wings quando ela tinha apenas sete anos.

"O que está acontecendo?", disse Anderson.

"Pedi ao Corley para autorizar aquele pedido de férias." Burke passou a mão pelo rosto e jogou a cabeça para trás, soltando a respiração. "Ele recusou. Só queria passar um tempo com minha filha."

"Bastardos condutores de escravos." Anderson sacudiu a cabeça, próximo de Burke. "Já falou com o banco?"

Empurrando a cadeira para trás, Burke temia ter que lembrar a conversa que tivera com a empresa de hipoteca há dois dias. "Disseram que estou atrasado demais com os pagamentos. Não há algo que possam fazer por mim. Sugeriram que procurasse alguma porra de website de emergência." Ele soltou um gemido silencioso e sacudiu a cabeça. "Humilhante."

"Não é justo, às vezes, a forma como nós, policiais, somos tratados. Arriscamos nossas vidas todos os malditos dias. E para quê? Noites sem dormir e o risco de ser despejado." Tomando outro gole de café, ele sacudiu a cabeça, sinalizando para Burke levantar. "Venha dar uma volta comigo, cara. Quero te mostrar uma coisa."

Examinando a maldita pilha de papéis sobre sua mesa, Burke levantou-se da cadeira e seguiu Anderson para fora da delegacia, até o carro de patrulha estacionado nos fundos.

Tão logo os dois entraram, Anderson virou a ignição e saiu do estacionamento. "De quanto dinheiro está precisando?", ele perguntou, virando para a estrada.

"Por que está me perguntando isso?"

Levantando-se um pouco do assento, Anderson enfiou a mão no bolso da calça e tirou um maço de dinheiro.

Com os olhos arregalados, Burke olhou a pilha espessa de notas dobradas, do jeito que um traficante provavelmente transportaria. "Você roubou isso das evidências?"

Anderson bufou, empurrando o dinheiro de volta no bolso. "Às vezes, você só tem que aprender a olhar para o lado."

Burke gemeu, esfregando a mão sobre a cabeça. "Cara, não serei um fodido policial corrupto para conseguir alguns dólares. É melhor tomar cuidado com Corley. Ele vai se enfiar profundamente na sua bunda, se ver essa merda." Ele observou Anderson pelo canto do olho e soltou um suspiro. "O que teve que fazer?"

"Escoltar um carregamento." Ele esfregou o nariz, inclinando-se para o console. "Olha, cara, pode continuar fazendo essa merda, disputando a corrida de ratos, tentando sobreviver pelas regras. Eu? Vou sair este fim de semana e esbanjar uma montanha de dinheiro numa TV tela plana de setenta polegadas que namoro nos anúncios há semanas. Tem um trabalho pela frente. Um leilão."

"Sim? E o que vai fazer?"

"Tudo o que temos que fazer é proteger o prédio e fornecer segurança."

"Para quê? Que tipo de leilão é esse?"

"Essa é a beleza da coisa. Você não precisa saber." Ele apoiou o braço na parte superior do assento. "Cinco mil por peça, num trabalho de algumas horas".

Jesus Cristo. Cinco mil iriam adiantar sua vida mais do que conseguiria em cinco anos. Ele poderia olhar para o outro lado, sem importar o quê?

"Quando?"

"Algumas semanas."

"Eu não sei." Burke sacudiu a cabeça. Em seguida, voltou a atenção para fora da janela, vendo os sem-teto na rua. Será que ele quer ser um desses coitados algum dia, pedindo trocados, dormindo em missões de resgate e tentando evitar que Katy fosse molestada durante o dia. Sem-teto, sem emprego e na lista negra de todos os departamentos do país. Corley havia instituído uma repressão, limpando o departamento de polícia dos tiras barra-pesada, corruptos e conhecidos por estarem em mais de uma folha de pagamento. Ele podia cheirar essa merda a um quilômetro de distância, e seria apenas questão de tempo antes que chegasse até Anderson.

No entanto, a alternativa era tão ruim quanto, perder a única casa que Katy já conheceu e ter de mudá-la para escolas públicas num ano tão crítico. Sim, ele ainda iria manter sua posição, mas quão humilhante seria chegar para trabalhar todos os dias e ir para casa em algum maldito buraco na favela todas as noites? Ela ainda tinha esperança, e não podia suportar ser o bastardo que a tiraria.

Ainda olhando pela janela, em direção a tudo o que não queria se tornar, ele disse: "Vou pensar sobre isso."

Capítulo 23

Lucy

Saí do banheiro, mas parei na soleira da porta, cruzando os braços e encarei as costas de Warhawk do outro lado do quarto: “Você pode, pelo menos, dizer-me seu nome? Seu nome de verdade?”

Descarregando suas armas na cabeceira, ele me olhou, e aquela sensação de rejeição se agitou no meu estômago. Uma garrafa de uísque estava atrás de um pequeno abajur, e ele a pegou, deu um longo gole e engoliu quase hesitante em colocar a garrafa de volta no lugar. “Hawkins.”

“Jase?” Soltei antes de conseguir me conter, e pelo olhar em seu rosto, e as sobrancelhas franzidas, percebi talvez ter acertado.

“O que disse?” Ele cambaleou para frente, seu corpo enorme vindo em minha direção como uma carga de trem que me deixou desequilibrada, e voltei para dentro do banheiro. “Como sabe o meu primeiro nome?”

“Eu... acho que te conheci. Há muito tempo atrás.”

“É? Então, qual é o seu nome?” Ele ficou parado, bloqueando a porta para não permitir que o trancasse para fora, caso planejasse isso.

O que queria exatamente fazer.

“Seu verdadeiro nome”, ele disse. “Não o falso daquela merda de clube de strip.”

Entre o perfil do Aperture e o do clube de strip, preferi passar a maior parte da vida adulta escondendo meu nome verdadeiro. Uma parte minha hesitou antes de contar, e ele deu um passo mais perto.

"Seu verdadeiro nome, porra." A ameaça em sua voz ecoou através das paredes e entrou no meu cérebro, balançando-o.

"Lucia, meu verdadeiro nome é Lucia."

"Não conheço nenhuma *Lucia.*"

"Foi há muito tempo atrás." Levantei o olhar para Jase, que manteve distância, com os olhos estreitos me encarando. "Você é o menino. Aquele que salvou minha vida." Encarei seus olhos. Os mesmos olhos verdes e lábios. Como poderia esquecer de lábios tão deliciosos, lábios tão beijáveis num menino? Meu estômago revira com a lembrança de querer seus lábios sobre os meus só para saber como era.

"Você está delirando, porra. Eu não salvo pessoas."

"Você me salvou. Eu fui... atacada na floresta, e você apareceu do nada, como uma sombra nas árvores. E espancou os meninos que estavam me machucando. Lembro de você." As memórias me atingiram como uma série de cenas, como se estivesse vendo um filme do passado. "Dei-lhe flores brancas. Você ficou comigo. Limpou meus machucados e conversou até minha mãe chegar em casa e então fugiu. Você é o menino." Quando ele não discutiu, continuei. "Você me acompanhou até em casa todos os dias, por semanas depois disso. Então, sei por que salvou aquele cachorro. Você me contou uma vez."

Ele me encarou através do banheiro, as sobrancelhas lentamente se juntando e formando uma carranca, e por um breve momento pensei que tivesse lembrado. Um leve levantar de sobrancelhas agitou seu olhar, quase como se fosse uma pontada de pânico — que sumiu um segundo depois e foi substituída por

uma expressão gelada, encarando-me de volta. “Vá para a porra da cama.”

Dei uma olhada na tatuagem do sete circulado em seu braço, quando ele esfregou a mão pelo rosto — um lembrete de que mesmo que fosse o menino que me lembrei, ou não, como homem, transformou-se em alguém totalmente diferente. Um criminoso. Alguém que deveria me afastar, porque criminosos são maus. Fazem coisas ruins, e me tornei consciente de que ele fez coisas ruins na semana passada.

“Não”, desafiei, torcendo para que o que conheci naquele menino ainda estivesse em algum lugar dentro do homem em pé na minha frente.

Antes de poder reagir, ele acabou com o espaço entre nós rapidamente e a parede bateu nas minhas costas, tirando meu ar. “O jogo que você está fazendo acaba agora”.

“E sobre os seus jogos, hein? Invadir meu apartamento. Ameaçar me matar. O que está esperando?”

Segurando-me contra a parede, parecia que ele me estudava por um momento. Suas sobrancelhas se juntaram, e me perguntei se o vazio nos seus olhos foi causado pela mesma memória que estava na minha mente.

Dois tiros em direção ao céu, e abaixo a arma, mirando-a nos meninos que me atacaram. Três correram, deixando um para trás.

O menino que me salvou.

Nós nos encaramos através do espaço que nos separa. Suas roupas estão surradas, bem apertadas no corpo, mas seus olhos são lindos, como as árvores a nossa volta. Sangue pinga da sua boca, onde o acertaram. Seus olhos estão inchados e vermelhos, e provavelmente estarão roxos amanhã, iguais aos olhos de Jeff Harrison quando a bola o acertou nas aulas de educação física.

As marcas vermelhas e o corte no seu lábio, as roupas apertadas demais, e os músculos adequados para um homem, dão a ele uma aparência feroz. Selvagem.

Lágrimas enchem meus olhos, porque é nesse momento que percebo que ele está ferido por minha causa. Por causa do que aqueles meninos fizeram comigo.

Flashes piscam na minha mente de braços me segurando, arranhando minha pele, tirando minhas roupas. Se falar alguma coisa iremos atrás da sua mãe depois*, um dos meninos sussurrou no meu ouvido enquanto uma de suas mãos apertava meu seio.*

Eu desabo no chão e soluço. Fui tão estúpida por vir por esse caminho. Estúpida por ter me separado dos outros, e se esse garoto não aparecesse? E se não tivesse me escutado gritar?

"Posso ter minha arma de volta?" A voz dele me separa das imagens assustadoras que passam na minha cabeça de novo e de novo.

"Eles disseram que... se eu contasse a alguém, machucariam minha mãe."

Ele passa as costas da mão nos lábios e limpa em seus jeans. "Não vou contar para ninguém."

Limpo meu nariz com a manga da blusa e noto as cicatrizes em seu braço. "Você tem cicatrizes."

Ele faz uma carranca. "Pare com essa merda. Dê-me a arma." Quando a entrego, ele pergunta, "Qual o seu nome?"

"Lucy."

Ele olha fixamente o corte no meu rosto, e pelo modo que seus lábios estão franzidos, como se estivesse enojado, deixa minhas bochechas coradas de raiva.

“Tire uma foto. Dura mais.”

“Uma merdinha ousada você, né?” Sua risada me pega de guarda baixa. Ele não parece como os meninos da minha sala. Sua voz é bem mais profunda, e carrega um tipo de tom que faz com que as pessoas queiram tossir e limpar sua garganta porque atinge algo em seu peito. Ele soa como um homem. “Vamos lá. Você mora no parque?”

Balançando a cabeça, lembro de que ainda tenho que atravessar esse parque de trailers estúpido. “Do outro lado da rua”.

“Vou te acompanhar até em casa. Acho que precisa ver um médico por causa desse corte.”

“Não vou ao médico. É só um corte.” Procurei por meus livros caídos que foram tirados de minhas mãos durante o ataque. “Então, eu te disse meu nome. Qual é o seu?”

“Jase.” Ele tem cheiro de metal e chuva, ele coloca as mãos sujas nos bolsos e anda do meu lado. “Você não tem cara de Lucy.”

“Ah, é? Bem, você não tem cara de Jase também, babaca.”

“Já me chamaram de coisa pior.” Seu sorriso aumenta minha raiva e quero gritar. “Lucy parece ser velho demais para uma menina.”

“Então, do que me chamaria? Já que é tão especialista assim em nomes?”

Ele me estuda por um minuto, aqueles olhos verdes num turbilhão de pensamentos que desejo poder ver: “Vou chamar você de Luce.”

Faço uma careta “Loochay? O que isso significa?”

“Significa luz.”

Pisquei, saindo da memória, encarando Jase, que parecia preso dentro de sua própria memória, seu olhar fixo em um lugar além de mim. “Você não me chamou pelo meu nome. Você me chamou de...”

“Mia Luce”, ele terminou, “Minha luz”, seus olhos piscaram, e seu dedo tocou meu pescoço, enquanto estava mergulhado em pensamentos.

“Eu me lembro de você, Jase. Você era...”

“Cala a boca.” Ele me soltou, dando um passo para trás. “Não sou essa imagem fodida que tem na cabeça. Qualquer que seja essa merda de herói que inventou para mim, isso não existe.”

“Vi um pouco daquele garoto ontem. Com o cachorro. Você queria salvá-lo também.”

“Já chega!”

“Essa tatuagem não é quem você é.”

Ele zombou. “Ah, sério? E como saberia o que gosto atualmente?” Sua língua deslizou através dos dentes, antes de sua boca se curvar formando um sorriso grande e mal. “Minha ideia do que é excitante é tão fodida quanto eu.”

“Tente me convencer”, zombei, cerrando meus dentes. “Você quer me amarrar? Foder até que eu pare de respirar? Bater-me? Cortar-me?”

Ele recuou.

“Não tenho medo de você, Jase. As tatuagens. O clube. As cicatrizes. A faca? Você não me assusta. Vi algumas merdas nos últimos anos. E com toda a certeza do mundo, não sou mais a inocente *Luce* que se lembra. Aquelas flores brancas murcharam e enegreceram, e agora fazem parte da sujeira do mesmo modo que as ervas daninhas.”

Seus dedos apertaram minha garganta, cortando as palavras. “Cala a boca. Não diga isso. Nunca mais diga isso, porra. Você ainda é boa.” Estreitando os olhos, ele olhou para o outro lado como se não tivesse acabado de perder a cabeça.

Você ainda é boa. Com as lembranças que aquelas palavras me trouxeram, as palavras que ele disse enquanto limpava meus machucados naquele dia e lavava minha pele daqueles meninos, franzi as sobrancelhas ao mesmo tempo em que as lágrimas venceram. “E você continua louco.”

“Continuo?” Seus lábios roçaram um local sensível atrás da minha orelha, assim que o sussurro penetrou meu corpo, arrepiei. “E se eu te contasse que sou tão ruim quanto aqueles meninos na floresta? Que iria prender seu corpo naquele chão sujo do caralho e em seguida deflorá-la. Você me imploraria? Você se tornou tão diferente daquela garotinha que deixaria algo assim acontecer?”

Seu corpo bateu contra o meu e me movi para escapar do seu aperto, meu joelho deslizando entre nós para chutá-lo, mas ele me apertou mais.

“Tão protetora de si mesma, não é Lucy? Sempre pronta para adicionar um pouco de luta a sua foda. Aposto que você ama. Aposto que todo homem que tenta te comer tem um gostinho desse animalzinho ousado dentro de você que guarda sua moral.” Deslizando suas mãos pelos meus braços, ele prende-os contra a parede e suspira, o ar atingindo meu pescoço quando entrelaça nossos dedos. Seu quadril balançando contra o meu corpo, mexendo-se num ritmo tão perfeito que minhas defesas desmoronaram. “O que não daria para te comer contra a parede e sorrir quando sua moral se desintegrasse.”

Tudo o que disse era ruim, mas ele fez soar tão bom. Os movimentos lentos e controlados do quadril batendo contra o meu, prometia prazer absoluto. Não precisava ser um gênio para ver que

o homem gostava de controle, e o meu estava se desfazendo a cada movimento dele.

Engoli um gemido e cerrei a mandíbula. “É isso que quer de mim? Faça. Por que está esperando todo esse tempo?”

Ele tensiona contra mim, e como um animal que esteve mantido num canto e foi desafiado, seus olhos mudaram e ainda me segurando contra a parede, deslizou os lábios contra minha mandíbula, até que encontraram os meus num beijo brutal.

Meus instintos me imploraram para lutar contra. Dar um tapa nele. Machucá-lo.

Ao invés disso, eu me derreti. Aprofundei seu beijo, saboreando os lábios perfeitos contra os meus. Apreciei seu sabor, um toque de uísque com cada passada da sua língua, enquanto seus músculos me apertavam. Por um momento, estava num sonho, onde ele não era meu sequestrador e a linha entre certo e errado não existia.

Um gemido vibrou em sua boca, fazendo meus lábios tremerem, e sua mão agarrou minha nuca, puxando-me para mais perto, como se ele tentasse me empurrar para dentro de si. Sufocando-me com seus beijos. A fúria de seus lábios fez com que meus sensos de certo e errado desligassem um por um, até que o único que sobrou era o do gosto dele na minha língua.

Quando seus dedos soltaram os meus, apoiei-me um pouco na parede, perdendo as forças para manter meus joelhos me segurando, e ele se afastou, deixando-me uma bagunça quente e ofegante.

“Quero você. Porra. Eu quero você. Bem aqui. Contra essa parede.” Ele fechou os olhos, como se estivesse com dor, enquanto desejo e tensão travaram uma batalha em seu rosto. “Vá para a cama.”

Ele soltou meus braços, e cai no chão, rastejando através do carpete para a cama, assim como mandou.

Ele ficou acima de mim, forte, intimidante e poderoso. “Deite de costas. Braços para cima.”

Quente e frio. Seu humor muda tão rápido quanto a luz para a escuridão. Ele podia pegar aquele poder e enfiar na bunda. Eu não era o brinquedo que ele podia tratar delicadamente num minuto e de forma cruel no outro.

A faísca de revolta que me manteve cautelosa, a qual ele havia apontado tão intuitivamente, levantou-se do abismo dentro de mim, “Não.”

“Não?” Do coldre que estava do meu lado, tirou uma faca de caça, que sempre carregava, balançou-a na minha frente ameaçando, e fiz conforme ele pediu, deitando de costas na cama. “Nós veremos o quão assustada você fica, Lucy. E passará a saber, exatamente do que gosto atualmente.”

“Vá em frente. Faça isso. Faça o que quiser. Sei quem você é, Jase.” Levantei meu queixo em desafio. “Sei que não vai me machucar.”

Será que eu sabia?

O barulho da faca rasgando minhas roupas continuou, até que estava deitada e exposta, embaixo do peso do seu olhar, e ele ficou ao lado da cama, olhando. Um suspiro forte saiu de sua boca, e o seu olhar fixo destruiu minhas defesas com uma varredura feroz por todo o meu corpo. Ele encarou meus lábios, um brilho predatório iluminou seus olhos, e seu dedo circulou meu mamilo, suavemente, quase sem tocá-lo.

Agarrando os lençóis, fixei minha mente na tatuagem, na raiva, desesperada para ignorar o jeito que seus dedos fizeram

meus mamilos endurecerem e meu corpo enfeitiçado com seu toque de pura punição.

Seu pomo de adão subia e descia, “Braços para cima.”

Contra tudo que existe dentro de mim, fiz como ele ordenou e ergui os braços. “A tatuagem. Faz com que se sinta poderoso? Como um homem?”

“Sim. Ela faz.” Ele tirou o cinto e passou-o através das barras da cabeceira e ao redor dos meus pulsos, atando-me a cama, antes de prender bem forte. “Será a última coisa que vai ver quando eu entrar em você.”

“Você não é o menino que eu me lembrava.”

“Acho que nós dois deliramos, não é, princesa?” Da cabeceira, ele pegou a garrafa de uísque, engoliu um gole, os olhos em mim durante todo o tempo, então limpou a boca com o braço.

Odiei que a sensação de ser amarrada por ele me deixou molhada, mais molhada do que poderia estar com qualquer outro homem. Isso era negação. Nenhuma outra razão poderia explicar porque permiti a um estuprador me amarrar. Por que seguiria qualquer um dos seus comandos. Sempre tive uma camada de excentricidade, já até fantasiei a cena do sequestrador algumas vezes, mas estar com um sequestrador de verdade, foi um pouco longe demais comparando com uma inocente encenação.

Em algum lugar dentro de mim, ainda não acreditava nele. O que, provavelmente, fazia de mim uma idiota.

O único jeito de ter certeza, de ver até onde ele vai levar isso, era jogando junto. “Continue, então. Corte-me, se for isso o que planeja fazer.”

Suas feições mudaram para uma máscara de seriedade. Com as sobrancelhas franzidas e olhar fixo, ele me estudou, provavelmente procurando qualquer sinal de que estava blefando.

Sustentei seu olhar.

Cinco segundos pareceram uma eternidade, cerrando a mandíbula ele girava a faca entre nós. “É isso que quer?”

Inclinando-se para frente, ele parou a centímetros do meu rosto, o cheiro de álcool enchendo minha cabeça com pensamentos de ser fodida por ele. Com força. Feroz. Tão intenso quanto seu olhar em mim agora. Sua língua deslizou entre seus lábios cheios ao mesmo tempo em que a ponta do aço gelado flutuou abaixo da minha garganta, nada mais do que um arranhão fraco, até que a lâmina alcançou meus seios.

Estranhamente, eu não estava com medo. O latido dele era realmente assustador, mas queria sua mordida.

Alguns segundos depois, ouvi um estalo seguido pela sensação de ar atingindo minha buceta, seu olhar escorregou do meu, e ele ergueu a faca, na qual minha calcinha rasgada estava pendurada.

Mordi meu lábio, e ele enterrou o nariz nela, inspirou profundamente, antes de jogá-la de lado. Um rosto de pura fome animal me encarou, seus olhos cobertos de luxúria, fazendo eu me contorcer na cama. Não para escapar, mas querendo que aqueles dedos abrissem minhas coxas e me fizessem gritar seu nome.

“Viu só Lucy? Se você foder com a minha cabeça, acabará sendo fodida em troca. Ninguém joga esse jogo melhor do que eu.”

Seus movimentos deliberadamente lentos me deixavam na beira da antecipação. Ele iria me foder? Cortar-me? O garotinho inocente que encontrei na floresta sumiu faz tempo, e no lugar dele

não tinha nada além da casca quebrada de um homem. Destruído pelo mundo.

Quão destruída sou por ele ter me deixado excitada?

Ele era obscuro, ameaçador, e sexualmente magnético, tudo isso enrolado num pacote tridimensional de “foda-me.”

Ele desabotoou seu jeans, puxando as calças para baixo somente o suficiente para que eu visse a protuberância enorme em sua cueca. “Quer saber o que é tortura, Lucy?” Ele se inclinou para frente e beijou o interior da minha coxa, estimulando uma contração dos meus músculos. Barulhos profundos e masculinos de satisfação vibraram em seu peito, enquanto ele inalava, arrastando o nariz através da minha buceta, ele apertou os dedos nos meus quadris. Suas mãos quentes aqueceram minha pele onde me tocou, queimando meus músculos e ateando fogo ao meu estomago. “Estou me perguntando como será seu gosto na minha língua se eu a enfiar na sua buceta molhada.”

Levantando seu olhar para o meu, ele se moveu para o fim da cama e empurrou meus joelhos para cima, abrindo-me para ele. Totalmente exposta.

Meus pés escorregaram nas depressões do colchão, quando ele plantou os pulsos ao lado de cada um dos meus tornozelos. Sua barba por fazer roçou a parte interna da minha coxa e arqueei as costas para trás por reflexo, soltando um gemido suave.

Olhei abaixo do meu corpo para a linda vista da sua cabeça posicionada no lugar onde precisava dele. *Só um toque*. Deus me perdoe por cobiçar um estuprador estúpido, mas precisava de um toque e então eu pararia. Meu corpo, esse vadio traidor, queimava por uma lambida dele, um toque, um dedo, qualquer coisa.

“Eu sou um viciado, entretanto”, ele seguiu com suas palavras atormentadoras. “Um gostinho seu não seria o suficiente. Eu ia querer te foder a noite toda. Toda noite.” Ele me separou com

os dedos, e sua respiração quente dançou por meu clitóris, provocando.

“Foda-me, Jase!” As palavras escaparam, e me encolhi no momento em que saíram da minha boca.

“Meu Deus, você é perfeita.” Ele abaixou a cabeça, e foi aí que notei seus bíceps, brilhando com suor, as tatuagens espalhadas por seu braço pulsando, movendo-se enquanto ele se masturbava.

Bastardo!

Forcei minha bunda na cama e ele me manteve exposta e implorando por um mísero toque. “Eu te odeio! Eu te odeio pra caralho!”

Sua língua roçou a parte interna da minha coxa, e um brilho de êxtase atingiu meu núcleo, ao mesmo tempo em que ele se dava prazer com meu tormento: “Diga de novo.”

“Vai se foder!”

Sua risada destruiu meus nervos, e choraminguei de frustação. “Olhe para você. Esses seios perfeitos implorando para serem tocados. Coxas separadas para mim, desejando que eu lamba essa buceta linda. Implore para mim e talvez eu faça.”

Eu me contorci contra a cama, o desespero por precisar ser tocada causou um pulsar doído entre minhas pernas. A necessidade pulsou por mim, quase dolorosamente, como se todas as células do meu corpo me importunassem para ir em frente e implorar. “Vá para o inferno.”

Uma picada de dor atingiu minha perna, quando ele me mordeu, gemendo ao gozar. “Ah, merda! Merda!” Ele se levantou e jatos quentes de esperma atingiram meu estomago, antes dele colapsar em cima de mim, caindo na cama. Seus olhos misteriosos

e dentes cerrados, a boca curvada numa espécie de sorriso, mostraram que ele se divertiu às minhas custas.

Nós ficamos parados, enquanto ele respirava fundo e descansava a cabeça contra meu peito. Deslizando para baixo, ele parou entre minhas coxas, e sua língua tocou meu clitóris com apenas uma longa lambida que aumentou minha libido mais ainda e fez com que meus quadris se mexessem ao mesmo tempo em que gemi alto.

Tirando sua camiseta ele revelou os gominhos do seu abdômen definido, seguido pelo peito musculoso, coberto por tatuagens. Com a camiseta, ele limpou meu estômago, antes de levantar o lençol da cama e cobrir apenas a metade de baixo do meu corpo, deixando meus seios totalmente expostos e em exibição para ele. “Quero que esteja assim quando eu voltar. Talvez, então, eu vá te foder, assim como pediu”.

“Vá. Para. O. Inferno.”

Seu sorriso maroto deixou minhas coxas tremendo, e querendo muito que minhas mãos não estivessem atadas por causa do desejo assassino de socar sua cara.

A passada exagerada de sua língua pelos lábios atingiu meu centro, quando ele provava meu gosto que ainda estava nele. “A propósito, sua buceta molhada tem um gosto perfeito.”

Ele fechou o zíper da calça e saiu do quarto a passos largos, deixando-me amarrada lá. Sozinha. Molhada. Necessitada de coisas que minhas mãos atadas não poderiam resolver.

A dor do desapontamento duraria a noite toda, provavelmente, mas naquele ponto, eu sabia a verdade.

Eu fiz sua vontade.

Capítulo 24

Jase

O Hotel Savarine ou Hotel Winston, como alguns conheciam, ficava na esquina da Jefferson com a Lenox, a, mais ou menos, seis milhas do centro da cidade. Pouco movimento significava um lugar perfeito para festas clandestinas, e Dax se destacava por caçar esse tipo de loucura.

Eu estacionei no outro lado da rua e puxei meu gorro para esconder meu rosto, enquanto eu cruzava a Jefferson a caminho dos fundos do prédio, onde as janelas que eram tapadas com tábuas foram arrombadas para deixar as pessoas entrarem. Lampiões e luzes de natal foram pendurados atravessando o salão principal do hotel. Tapetes enrolados e montanhas de cabos foram empurrados para as paredes, junto com os amontoados de detritos. Eu pisei em madeira podre e cartolinas amassadas, indo em direção a um local que parecia um quintal, bem no meio do prédio, onde as quatro paredes se encaravam.

Lucia. Minha nossa. Quais eram as chances? Que tipo de piada cruel e doente era essa, que a menina do meu passado, aquela que os olhos cinzentos me perseguem por anos, a garota que mudou tudo no meu mundo, estaria amarrada à minha cama?

Para uma criança que não tinha nada, que cresceu com nada além de trapos e cicatrizes imundos pela pele, ela era algo que saiu direto de um sonho. Como se eu tivesse achado um vento fresco, água limpa no meio de um lamaçal.

Ela tinha cavado um buraco no meu crânio, me deixando louco, ameaçando trazer para superfície algo que eu tinha enterrado fundo em minha mente há muito tempo atrás. Esperança. Um pequeno brilho daquilo que eu deveria ter desejado, aquilo que eu deveria ter corrido atrás, algo limpo e puro. Como Lucy.

Meninos com passados duvidosos e pais drogados, que viviam em parques de trailers e roubavam para sobreviver, não ficavam com as meninas que viviam na casa do outro lado da rua, no entanto. Eles ficavam com as fáceis. Aquelas que não davam a mínima para quem era o dono do pinto que estava comendo ela, se no final tivessem dinheiro na mão para pagar o próximo sortudo.

Entorpecido, mente tão fodida que eu não fazia nada além de soltar um pouco de fumaça.

Nenhum cérebro pensando em sentimentos que não existiam e nem em passados que não poderiam ser mudados.

Eu não queria sentir nada. Eu queria terminar aquilo que tinha começado sem essa merda melosa entupindo minha cabeça, sem dar motivos nem arrependimentos às minhas ações.

Eu odeio que ela tenha visto através da máscara, através da carne e do osso, e atravessou minha alma feito um holofote de luz lutando para passar por águas escuras de um pântano.

Aquele calor chamou por mim, quando ela estava deitada, espalhada por toda a minha cama, uma imagem que foi criada com muito deboche. Eu teria pego ela e aniquilado aquela luz mais rápido do que vela usada, colocando-a na verdade gelada e vazia do que eu me tornei ao passar dos anos. Um ladrão. Um assassino. Um idiota egoísta com apenas um motivo para continuar vivo.

Eu precisava ficar chapado de novo. Seus toques penetraram mais fundo do que qualquer outra coisa, eles mandaram uma mensagem para as minhas defesas, e essas merdinhas não

estavam funcionando, deixando-me vulnerável ao ataque. Eu precisava afogar meus pensamentos. Decidi preenche-los com licor e um rosto sem nome que vai engolir minha raiva e fazer com que as imagens de uma linda menina de olhos cinzentos afunde de volta no lodo das minhas memórias.

Música ecoava dentro do quintal, a batida pulsando, e como o esperado, o lugar estava lotado. Altas como merda, mulheres usando saias curtas e tops apertados, passando por homens igualmente focados em seus próprios pensamentos.

Mantendo minha cabeça abaixada, eu deslizei entre corpos, evitando as mãos errantes que tocavam meu peito e agarravam minha bunda, enquanto eu ia em direção a Dax e Rhys que estavam no canto da sala.

Atrás de Rhys tinha outro cara sentado, que vinha com a gente em algumas explorações às vezes, um amigo de Dax da academia de boxe, o nome dele era Xavier Marchand. Todo mundo chamava-o de Garoto Bonito. Sua genética metade negra e metade branca deram a ele uma pele clara, olhos azuis, corpo fino e um metro e noventa de altura, o que fazia dele um imã de mulheres. Isso e, também, ele trabalhava como DJ para um dos clubes do centro da cidade, provavelmente uma das razões para Dax andar com o cara. Se ele fosse para Nova York ou para LA, Xavier conseguiria um contrato como modelo muito rápido, mas como todos nós, ele preferiu o outro lado da câmera e executar acrobacias estúpidas que iriam, sem sombra de dúvida, eventualmente, matá-lo.

Ele pulou do sofá quando eu me aproximei, e foi o primeiro a me puxar para um abraço. “Bom te ver, Hawk”, ele disse antes de ir em direção a um dos prédios que cercavam o pátio.

“Haha! Eu sabia que você não iria resistir filho da puta”. Dax ficou em pé e deu um soco no meu ombro, antes de me entregar uma bebida.

Eu apontei com meu polegar para trás do meu ombro, na mesma direção que Xavier tinha ido. “Para onde ele está indo?”

Dax balançou sua cabeça para trás indicando o prédio que estava lá “Ele quer que eu tire uma foto dele no último andar”.

Eu olhei para a série de janelas que enchiam cada andar do hotel, onde, fileira após fileira tinham janelas com os vidros quebrados.

“Ei! Bridger!”, Dax chamou alguém atrás de mim.

Eu me virei e vi Sean Bridger, um dos melhores amigos do meu irmão, mancando através da multidão em nossa direção com as mãos nos seus bolsos.

Quando ele se aproximou, seus olhos voaram para Dax e depois para mim. “Jase? Que porra é essa, J-Hawk! Você está vivo?”

Eu não tinha visto ele desde o ataque.

“Merda, eu não consigo acreditar que você está vivo!” Sean pegou um pequeno pacote do seu bolso e entregou para Dax. “Ei, Dax, um cara me falou para dar isso pra você.”

“Quem era esse cara?”

“Eu não sei, idiota, pega isso logo! Ele falou para te entregar. Falou que era uma amostra de alguma coisa.”

Dax franziu as sobrancelhas e virou o pacotinho em suas mãos, apertando uma vez, e metendo no seu bolso. “Provavelmente aquele negociador da zona leste. Continua tentando enfiar sua metanfetamina na minha garganta”.

“Ou seu pau. Tome cuidado com o lugar em que você desmaia mano, e mantenha sua boca fechada, a não ser que você queira ele na sua boca”. A risada calorosa de Rhys me fez rir.

“Cara, foda-se isso” Dax olhou para Rhys e depois para a multidão. “Nada contra gays, você sabe que eu sou legal com todo mundo, mas eu não aguento nem morder um donut de geleia com essa gosma batendo no fundo da minha garganta”.

Com a imagem que apareceu na minha cabeça, eu precisei segurar minha risada e eu vi Rhys limpando lágrimas das suas bochechas enquanto seu corpo sacudia com a diversão.

Sean bateu de leve nos meus ombros. “É bom te ver, cara. Bom demais. Eu... eu sinto muito por Reed. Isso é uma merda, você sabe o que aconteceu?”

Eu dei um aceno de cabeça curto.

“Então, Jase, o que você acha?” Ainda com suas mãos enfiadas em seus bolsos, Bridger exibiu seus braços, mostrando sua camiseta chamativa que estava por baixo. Talvez para mudar o assunto de um segundo atrás.

Alguma coisa estava errada com esse cara. Como se ele tivesse sido abusado por tanto tampo que não sabe mais como socializar. Ele cresceu no The Ladder e aguentou muita merda de outras crianças de lá, até que Reed passou a protegê-lo. Ninguém mais mexeu com ele depois disso.

“O que eu acho?” Eu olhei para Dax, que abafou uma risada. “Eu acho que parece que você esteve dos dois lados de um boquete”.

O rosto dele se transformou em uma careta. “Cara, vai se foder”.

Ambos, Rhys e Dax soltaram uma risada, e Dax esfregou as juntas de seus dedos no cabelo de Sean.

“Para com essa porra!” O moleque se debateu contra Dax, e foi aí que eu percebi que ele estava com um toco no lugar da sua mão do braço direito.

“Ei, o que aconteceu?” Eu balancei minha cabeça na direção do seu braço.

Quando ele percebeu que eu tinha visto, ele colocou o braço de volta nos bolsos. “Nada. Tive uma corrida ruim com uma gangue há um tempo. Você sabe. As dívidas têm que ser pagas.”

“Isso é uma merda. Eles tiraram sua mão?” Eu perguntei, dando mais um gole na minha cerveja.

Ele parecia estar evitando meus olhos, sempre olhando para o chão. “É. Entretanto eles iam me matar.”

“Quem fez isso?”

“Foi há muito tempo atrás. Nada demais.”

“Nada demais?” Dax soltou uma nuvem de fumaça enquanto ele fumava atrás de mim. “Você se masturba com a sua mão esquerda agora?”

“Não, sua mãe me masturba, vadia”. Ele dobrou seus dedos, e Dax passou uma cerveja para ele. “Eu preciso de um lugar para ficar por uns dias. Eu posso dormir na sua casa, Jase?”

“Não, cara. Jase tem mulheres demais na sua cama”. Dax riu silenciosamente. “Você iria ser um obstáculo para o seu estilo”.

“Eu fui expulso da minha casa. Eu só preciso de uns dias para me ajeitar. Eu posso fazer merdas, tipo cozinhar”.

Dax xingou, esfregando uma mão para baixo do seu rosto. “Tudo bem. O antigo quarto do Rhys está liberado”. Ele apontou um dedo para Sean. “Nada de vadias”. Ele jogou seu polegar acima de seu ombro, apontando para Rhys. “Já é ruim o suficiente eu ter

de ouvir a esse filho de uma puta comendo meninas a noite toda. Meu Deus, parece que ele está abatendo cabritos, ou alguma merda parecida". Dax demonstrou os sons de miados que as mulheres faziam quando gemiam, incitando mais uma rodada de risadas. "Eu esperava que ele saísse do seu quarto usando um novo suéter depois dessa merda".

Rhys balançou sua cabeça. "Me chupa, idiota".

O olhar de Dax subiu, empurrando seu cigarro elétrico de volta para a sua boca, ele agarrou sua câmera do sofá que estava atrás de Rhys, uma Nikon menor que uma que eu tinha. Ele a roubou de uma loja de penhor há um tempo, e trocou todos os metadados.

Da última janela, Xavier se pendurava de cabeça para baixo, com os pés encaixados na moldura da janela, no oitavo andar, uma queda dessas iria matá-lo, muito provavelmente. Então ele empurrou uma perna, e se pendurou na outra, fazendo com que uma parte da multidão ofegasse.

Colocando a câmera no ângulo certo, para cima, Dax se moveu embaixo dele e tirou foto depois de foto. Depois de alguns minutos, ele acenou para Xavier, e enquanto o garoto escalava de volta para a janela, Dax dava uma olhada para as imagens. O céu obscuro adicionou luz suficiente no fundo para capturar sua forma sem revelar seu rosto, e em uma foto, parecia que o Xavier estava caindo do céu em direção à galera.

"Fotos incríveis, cara", eu falei, quando Dax passou a câmera para Rhys. Nós conseguiríamos bastante dinheiro com nossas fotos provavelmente, pelo tanto que elas são loucas. Antes, quando nós explorávamos toda semana, já tínhamos recebidos algumas propostas ocasionais.

Dax mexeu sua cabeça em minha direção. "Posso falar com você rapidamente?"

“É claro”. Eu segui Dax pela multidão, me afastando da música para frente do prédio, onde as lojas costumavam ficar.

Ele deu uma checada rápida a nossa volta e no corredor que tínhamos acabado de passar, e parou ao meu lado. “Eu quero entrar”.

“O que?”

“Esse Pasák que você mencionou há algumas noites. Ele pode ser aquele que matou Olivia. Eu quero entrar nisso”.

Eu esfreguei uma mão pela minha mandíbula. “Eu não sei, cara. Essa é uma merda muito fodida. Não é como roubar carros, ou vender drogas”.

“Eu sei o que é Jase. Por meses, eu tentei descobrir o que aconteceu com ela”. Ele balançou a cabeça. “Eu vi umas merdas realmente ruins, cara. Um tipo de merda que não vai sair da minha cabeça enquanto eu viver”.

“Por que você quer mais disso?”

“Porque não é certo que os putos nojentos que fizeram isso com ela estarem lá fora, andando livremente”. Ele inclinou sua cabeça para obter minha atenção. “Fugazi está pronto para brincar de novo”.

“Tudo bem. Eu estive seguindo Viktor. Tentando descobrir tudo o que eu puder. Eu vou deixar você saber quando eu estiver pronto para o próximo passo”.

“Bom”. Ele tomou o resto da sua cerveja e quebrou a garrafa jogando-a contra um muro. “Você já fodeu a menina?”

Eu balancei minha cabeça, meus pensamentos deslizando para aquela tarde, quando eu queria tomar ela mais do que qualquer coisa.

“Você está mantendo ela com você, por quê?”

“Eu não sei”. Eu esfreguei minha mão pelo meu rosto. “Eu ainda não posso libertá-la. Ela viu meu rosto. Ela sabe quem eu sou. Merda, cara, ela trabalha para um jornal. Tudo o que eu preciso é ter essa merda espalhada por toda Detroit, e eu sou um homem morto”.

“Sem dúvidas”. Ele sacudiu a cabeça e deu uma tragada no seu cigarro. “Enfim, seu você decidir jogar ela para fora, no frio, mande-a para mim. Eu vou mantê-la bem aquecida”.

O ranger dos meus dentes e a vontade de soca-lo, fez com que eu percebesse que alguma coisa mudou dentro de mim, e tinha a ver com a Lucy.

“Algumas strippers do Sphinx apareceram. Você quer entrar nessa?” Dax soava quase entediado, como se o cara que comia três ou quatro mulheres ao mesmo tempo tinha se queimado. Entorpecido. Sexo sem importância.

Um passo mais próximo de Viktor.

Quase duas semanas na cola dele, sem poder matar o merdinha. Eu comecei a ficar louco tentando entender o seu papel no Seventh Circle. Talvez as strippers tenham um pouco de conhecimento. Algumas delas deveriam me guiar para algumas respostas.

“Não sei não, cara. Parece que eu perdi meu tato com as mulheres”.

Na realidade, eu comecei a gostar de outra pessoa.

Para trás e para frente eu esfregava minhas mãos na minha cabeça. Meus músculos já tinham começado a relaxar por causa do licor e eu continuei me sentindo bem. Contra a parede e na minha cama.

Eu queria olhos cinzentos me olhando enquanto ela me levava na sua boca.

Eu não posso continuar negando isso. Lucy tinha ficado sob a minha pele.

Capítulo 25

Lucy

Senti uma leve carícia flutuar pelo meu corpo, e instintivamente movi meus braços para baixo, para cobrir meus seios expostos.

Espere aí, eu estava livre?

Abri os olhos e encontrei Jase olhando para mim, seus dedos roçando delicadamente o meu braço, antes dele pegar uma cadeira e colocar na porta. Bloqueando a passagem do quarto para a sala, ele sentou nela, pernas esticadas enquanto me assistia. Com seus olhos presos em mim e seu peito subindo e descendo, parecia estar me estudando, até que suas pálpebras ficaram pesadas e sua cabeça pendeu para trás. Minha barriga tensionou, quando aparentemente ele desmaiou.

Vá. Agora.

Escape.

Mesmo se eu tivesse que escalá-lo para sair, ele não sentiria nada, provavelmente.

Engatinhando para o outro lado da cama, deslizei para o chão acarpetado e andei na ponta dos pés até o outro lado do cômodo, mas quando fui pegar minhas roupas hesitei e dei uma olhada para ele desmaiado na cadeira.

Ele tinha que me manter aprisionada. Senão ele corria o risco de eu sair e contar para alguém. Sabia disso e uma parte de mim se sentia culpada com essa ideia de fugir. Ele pode não ser o

menino que eu me lembrava, talvez a vida tenha o mudado da mesma forma que me mudou, mas existiu um tempo em que conhecia suas intenções, e não eram de me machucar e sim de me manter segura.
Ele não me machucou desde que me tirou da minha casa. Ele me alimentou. Tirando as marcas das amarras nos meus pulsos, e as bolas azuis femininas por metade da noite, ele não me causou nenhum tipo de dor.

Estremeci ao pensar no que poderia ter acontecido, se ele não tivesse aparecido no meu apartamento e eu tivesse sido deixada para o espetáculo.

Não, não poderia sair daqui no meio da noite. Se quisesse ser livre, deveria demonstrar que ele poderia confiar em mim. Ele precisava acreditar que eu não iria entregá-lo, e que não iria fugir mesmo que tivesse essa chance.

A pergunta rodopiando na minha cabeça era, eu queria ser livre? Voltar para a minha vida, onde nada parecia ir para frente? Onde cobradores, e todos aqueles lembretes da enorme perdedora que me tornei, me perseguiam? Onde apreciadores perigosos de pornografia com tortura me caçavam?

Com Jase, o tempo tinha parado. Foi me dado tempo para refletir sobre certas coisas. Tempo para perceber o que fiz da minha vida nesses últimos anos, e para resolver para onde iria caso ele resolvesse me libertar.

Não tinha nenhuma vontade de voltar para onde estava.

Eu tirei a coberta da cama e me arrastei pelo quarto, colocando-a sobre o corpo dele quando cheguei ao seu lado.

Uma pressão bateu na minha boca ao mesmo tempo em que sua faca deslizou embaixo do meu queixo, fazendo com que olhasse nos olhos verdes de um assassino. Não um menino. Um homem que não teria muito problema em quebrar o meu pescoço, e que

poderia fatiar minha garganta da mesma forma que faria com um bife.

Ele não o fez, entretanto.

A pressão se foi quando ele tirou a mão da minha boca e abaixou a lâmina, como se tivesse tido um pesadelo e acabou de sair dele.

Voltei para a cama e me enrolei no colchão, sem tirar os olhos dele enquanto ele se ajeitava mais uma vez e voltava a dormir.

Ou talvez ele nunca dormisse.

***

Gritos profundos e calorosos me despertaram dos meus sonhos. Saí da cama em disparada, músculos tremendo, cabeça estalando na direção de Jase, e seus dedos estavam agarrados em volta dos braços da cadeira.

Suor brilhava na sua pele, suas sobrancelhas franzidas em uma careta alguns segundos antes de sua cabeça começar a balançar para frente e para trás. “Não! Reed! Você está o matando!” Seu peito subindo e descendo, ofegando rapidamente, como se ele dormisse e ficasse preso em outro mundo, tipo em Matrix, seu corpo sacudindo e se contorcendo na cadeira.

Eu não me atrevi a ir até ele, com medo de que realmente cortasse minha garganta dessa vez. Ao invés disso, assisti ao que parecia uma série de convulsões atacando seu corpo, até que, enfim, ele ficou quieto.

A tensão que o manteve firme e esticado deu lugar a músculos soltos, e ele cedeu em cima da cadeira, seu peito se movendo devagar e relaxado. “Mia Luce”, ele sussurrou.

Agulhas geladas atravessaram a minha pele, ao mesmo tempo em que arrepios me tomaram, com uma onda de surpresa que quebrou contra mim.

Meu nome.

Abaixei-me e deitei contra o travesseiro, colocando minhas mãos contra meu queixo, e assistindo-o dormir. Esperando para ouvir meu nome de novo.

Capítulo 26

Jase

Uma batida do lado de fora pegou minha atenção e me sentei ereto na cadeira. Com a cabeça virada para o lado, escutei, e então abaixei o olhar para o cobertor esticado pelo meu corpo. Eu tinha uma vaga lembrança de Lucy me cobrindo durante a noite, mas meu cérebro meio chapado não conseguia distinguir realidade dos sonhos.

Distante de mim, ela dormia enrolada na cama, e atrás dela o relógio mostrava que já passava das três da manhã.

Vozes baixas conversavam em algum lugar lá fora, e levantei o queixo. Aprendi durante a minha prisão a dormir um sono leve e sempre atacar primeiro, com os ouvidos atentos, escutando as vozes pude entender o que estava acontecendo do outro lado da porta.

Uma mulher. E um homem. Dois homens. Um tinha uma voz alta e sibilante, suas palavras não eram claras, o outro tinha um timbre mais profundo. Quando se aproximaram, reconheci a voz feminina como a da balconista, que me alugou o quarto.

Pulei da cadeira e a empurrei para o lado, fui para a cama e bati a mão sobre a boca da Lucy. Quando ela engasgou na palma da minha mão, levantei um dedo na minha boca para mantê-la quieta.

“Seu carro não está lá na frente, então acho que eles se foram, mas tenho quase certeza que é desse que você está me

perguntando.” A voz abafada da mulher passou por debaixo da porta. “Aquela menina estava com ele. Vi-os juntos ontem à noite.”

Estacionei o carro fora de vista intencionalmente, quando vim para cá depois da festa, no caso de alguém ter me seguido.

Passos se afastaram e deram lugar para um silêncio que durou alguns minutos.

Eu tirei a Glock da cabeceira, cuidadosamente para não fazer barulho, e espiei pela fresta da porta, arma apontada.

Ouvi um barulho alto de arrombamento seguido por uma arma disparando, e pulei para longe da porta, puxando Lucy para o outro lado da cama e então para o chão, enquanto balas sibilavam e atravessavam a parede.

O tiroteio foi substituído por passos que caminhavam através do chão.

Com a Glock apontada para a porta, assisti uma sombra aparecer e atirei no homem que seguiu depois dela, no ombro.

Sangue salpicou a parede atrás dele, e quando seu corpo despencou para trás, com sua mão agarrando o ombro, balas dispararam da sua arma atingindo o teto.

Sem dar a ele a chance de se recuperar, eu me preparei e dei um tiro na sua cabeça.

Avistando uma segunda sombra se esgueirando pela porta, mantive minha atenção nela ao passar pela cama e pressionei as costas na parede recém-crivada por balas. Com a primeira visão do cano da arma apontando para o centro do quarto, empurrei o braço do cara, disparando a arma, e coloquei minha faca embaixo do seu pescoço.

Um estouro na minha cara fez minha cabeça voar para trás, eu grunhi, apertei meus dentes, e atirei um soco no nariz dele, mandando sua cabeça para o lado. “Quem te mandou?” Rosnei alto, ajeitando a lâmina mais para cima.

O sotaque que ouvi mais cedo me deixou em dúvida se eram homens de Pasák ou de Tesarik, caso ele tivesse descoberto que eu tinha sido solto.

“Vá se foder”, o estranho se contorceu, um tom estrangeiro nas suas palavras, e no momento que apertei mais ainda a lâmina na sua garganta, ele levantou seu queixou e soltou um rosnado.

“Você é uma das vadias de Pasák?”

“Não. Mas você vai ser. Em pouco tempo.” Suas mãos saíram de debaixo de mim, e bateram contra a minha garganta.

Deslizei a faca através da sua garganta e ele caiu no chão, mãos no pescoço, tentando segurar a vida que acabei de roubar dele. Passando por cima dele, dei uma olhada nos outros quartos e voltei checando, todos estavam limpos.

Depois de apanhar minha bolsa de debaixo da cama, carreguei-a com todas as minhas armas, e as roupas largadas em cima da cadeira trás de mim, jogando para Lucy um moletom, fechei a bolsa.

Enquanto o estrangeiro estava no chão, engasgando e se contorcendo, limpei o sangue da minha faca na sua calça e vasculhei seu pulso. Virei-o e encontrei a tatuagem de um sete circulado no seu antebraço.

Olhei para cima, encontrando Lucy me encarando com os olhos arregalados, provavelmente assustados até a morte com o que acabei de fazer. “Vamos. Agora.”

Acenando, ela passou pela cama como se estivesse com medo que a deixasse para trás. Agarrei o seu braço, guiando-a através da porta, atravessando o Gratiot a passos largos, para a loja de festas na esquina onde estacionei o carro.

Joguei a bolsa no porta-malas, e fui para o banco do motorista, com Lucy se acomodando no assento da frente, coloquei

o câmbio na ré e dirigi o carro para fora do estacionamento, só então diminuindo a velocidade.

No espelho retrovisor, vi dois carros da polícia parando no estacionamento do motel. Como eles chegaram tão rápido? Policiais nunca chegavam tão rápido. Alguém deve ter ouvido o tiroteio e ligado para eles, eu acho, mas na maioria das noites, levavam uns bons trinta minutos para aparecerem na cena do crime.

Merda.

Eu odiava fazer uma saída rápida igual a essa, sabendo que deixei uma tonelada de evidências para a polícia se divertir no seu dia de campo. Pela manhã, estarei em todos os jornais, e sem dúvidas, haverá uma caça ao homem, mesmo que tenha sido um caso de legítima defesa. Já fui preso antes, já era membro do grupo das digitais, e provavelmente estava na lista negra como um filho de assassino de policiais. Eu precisava achar um lugar para me esconder.

Algum lugar em que não seria visto.

Lucy se sentou do meu lado, tremendo no banco, enquanto passava seus braços pelo seu peito.

“Você está bem?” Perguntei.

Ela deu um aceno, que se transformou em um balançar de cabeça. “Você... matou eles. Tão rápido.”

Fiquei quieto por um momento. O que ela esperava? Que eu tivesse uma conversa pacífica com os bastardos depois deles terem nos dado um quarto cheio de balas? “Eu não era tão inocente no passado, Lucy, e não sou agora. O que quer que você pense que eu era, não sou. Sou um assassino. Um ladrão.”

“Mas não um estuprador?”

“Não.”

“Então por que você tem essa tatuagem?”

Merda. Qual era o problema se eu contasse? De qualquer forma, ela já teve um gostinho das minhas disfunções.

“Foi gravada em mim. Eu não tive escolha”.

“Por quem?”

“Homens de Tesarik.”

“Por quê?” Ela continuou a investigar.

Minha mandíbula apertava conforme eu nos guiava rumo a Hamtramck sem pensar. Conhecia um lugar onde os policiais não se atreviam a pisar. Bojanskis, que tinha conexões na política e fazia serviços para a máfia. Inferno, eram provavelmente ligados à máfia também. “Eu quero achar o homem responsável pelo lugar.”

“Porque ele matou sua família?”

Assenti e olhei para ela. “Você tem algum lugar para ficar?”

“Nós podemos ficar na casa de um amigo. Talvez um dia, ou mais.”

“Não. Você. Não eu.”

Ela franziu o cenho e fixou seu olhar na estrada. “Eu... você está me libertando, então?”

“Sim. A polícia estará atrás de mim. Os homens do Pasák estarão atrás de mim. Tesarik estará atrás de mim. É muito perigoso para você ficar.”

Seus ombros caíram e ela virou no seu banco e me encarou. “Você não ouviu o cara lá atrás? Estão procurando por *mim!”*

“E agora estarão procurando por mim.” Olhei para ela, quando se recostou contra a janela com os dedos enterrados nos seus cabelos. “Pode ligar para a polícia se você quiser. Não importa se me entregar agora. De qualquer forma, estarei espalhado por todos os jornais amanhã logo cedo.

“Não posso ligar para a polícia. A polícia estava lá naquela noite...” ela soltou um suspiro. “Na noite que tirei as fotos.”

“Do matadouro?” Quando ela não respondeu, mas ficou parada mordendo seus lábios, eu me inclinei para frente para ter sua atenção. “Acabei de matar dois homens que não tinha planejado matar. Estavam procurando por aquele vídeo, não é?”

Passando os dedos pela sua boca, ela continuou parada, contemplativa, por um momento, então deu um aceno. “O homem... com a tatuagem. Eles jogaram um corpo no velho matadouro. Eu nem estava os seguindo. Estava apenas tirando fotos para o urbex, e os assisti”.

“Você assistiu *e* filmou aquilo.”

Ela franziu a sobrancelha. “Eu precisava.”

“*Precisava?*”

Ela descansou sua cabeça contra a palma da mão, seu ombro encostou na janela da porta, em seguida começou a passar os dedos pelo cabelo. “Senti como se devesse isso para a mulher. Se fosse eu... iria querer... quero dizer, acho que gostaria que alguém soubesse o que aconteceu comigo.”

“E eles obviamente, sabem que você tem isso gravado em uma câmera.”

“Aparentemente. Mas isso não importa. Eu vi o que eles fizeram, e agora estou na lista-negra deles.” Ela escovou seu cabelo com as mãos. “Olha, sei que isso é... uma coisa estranha que está acontecendo aqui. Você me sequestrou, me manteve amarrada a uma cama por semanas, e abateu dois homens na minha frente. Eu deveria estar fugindo de você, gritando por sanidade. Mas não tenho nenhum dinheiro. Nenhum lugar para ir. Acho que não tenho nem um pingo de sanidade sobrando em mim, e para ser honesta com você, eu sinto...” ela mordiscou seu lábio inferior. “Eu me sinto mais segura com você do que com o meu editor bissexual, praticante de ioga.”

“Não posso te manter comigo, Lucy. É muito perigoso, e você está fodendo...” — *com a minha cabeça*. Interrompi as palavras antes que confessasse como ela me enfeitiçou.

“Por favor, Jase. Não posso te pagar, mas posso cozinhar e fazer qualquer coisa que um vigilante não tem tempo de fazer, porque está ocupado fazendo suas coisas de vigilante.”

Reprimi um sorriso com isso. Eu poderia pensar em dez coisas em que ela poderia me ajudar, e nenhuma delas tinha a ver com cozinhar. “Quanto tempo você acha que isso vai durar? Esse trem insano não vai em direção a dias felizes, onde você para e volta para a sua vida antiga. Se ficar comigo, estará se tornando um alvo ainda maior.”

“Eu já sou um alvo agora, com ninguém em quem possa confiar. Só preciso de alguns dias até conseguir me resolver. Prometo que partirei depois disso. Não serei um obstáculo.”

Eu achava que isso poderia funcionar. Só precisava encontrar um jeito de ficar longe dela. A última coisa que eu precisava no plano era outra complicação.

E do jeito que minha mente estava criando fantasias dela a cada curva, Lucy poderia ser a maior complicação de todas.

Capítulo 27

Jase

Com a Lucy logo atrás, puxei o gorro do meu moletom sobre a cabeça e entrei no bar mal frequentado. Uma coisa que aprendi vivendo nas ruas: diferenciar os caras maus-bons dos caras maus-maus poderia significar a diferença entre a vida e a morte.

Uma vez, fiz um serviço para Frank Bojanski, quando tinha treze anos. Entreguei um pacote com a minha bicicleta que, depois de pensar bem, deve ter sido um cartão de morte para algum pobre idiota. Eu não ligava. Recebi quinze dólares para fazer aquilo e escondi o dinheiro da minha mãe. Frank me disse que se alguma vez precisasse de algo, era para ir até ele.

As festas de Poker que eles davam sempre iam até cedo de manhã, por isso tinha uma boa chance de que alguns dos caras ainda estivessem por lá. Alfons, conhecido como Big Al, me deu um aceno quando passei por ele, e dei um tapinha nas costas dele, antes de atravessar o corredor, e ir para a porta no final dele. Com sons de risadas tempestuosas, virei minha cabeça para dentro para encontrar Frank sentado ao redor de uma mesa e jogando cartas com um monte de outros homens, os quais não consegui identificar a maioria.

As ruas mudavam constantemente. Para cada membro de gangue morto, aparecia outro em seu lugar, e depois de um ano fora, já não reconhecia ninguém.

Charuto na boca, Frank levantou seu olhar e acenou para eu entrar, depois deu uma tossida. “Ei!”

Mantendo-me próximo a parede, circulei a mesa, agarrando a mão de Lucy, enquanto ela me seguia de pés descalços e vestindo nada além das minhas calças de ginástica e uma camiseta.

“Que merda é essa?” Bonjakis cerrou os olhos. “Que porra aconteceu com seus olhos?”

Toquei minha sobrancelha, estremecendo com a pontada de dor do corte, onde fui atingido durante o ataque. “Entrei em uma briga de bar, eu acho.”

Frank bateu sua mão contra a mesa e riu. “Boa.”

Lucy olhou para os homens que estavam jogando cartas, apenas alguns olharam de volta, balançando a mão de Frank, disse. “Como vai, Frank?”

Ele deu um tapa de leve nas minhas bochechas. “Vejo que você me trouxe um presente.” Inclinando sua cabeça, ele espiou além de mim, na direção de Lucy.

Estranhamente, meus músculos se retesaram com a vontade insana de mandar aquele charuto para a sua garganta. “Preciso de um lugar. Só por alguns dias. Talvez uma semana, não sei.”

Suas sobrancelhas se elevaram. “Tenho uma quitinete.” Os Bonjakis possuíam várias quitinetes pela cidade, muitas das quais ficavam acima de prédios abandonados. Completamente fora de vista e fora das ideias.

“Vai servir. Só preciso por pouco tempo.”

Ele deu umas palmadinhas na mesa e deitou suas cartas. “Preciso de um intervalo para mijar. Se algum de vocês olhar a minha mão, vou ter Big Al arrebentando seus traseiros, até o próximo ano. Entenderam?”

Uma rodada de resmungos respondeu, e Frank balançou sua mão, sinalizando para sairmos do cômodo. Ele nos guiou através do corredor para a primeira porta à direita, onde o cheiro de charuto e couro atingiu meu nariz no mesmo segundo em que

entrei. Ele tinha um escritório pequeno, mas impressionante, mobiliado com móveis de cerejeira e pinturas chiques. Nunca o imaginei como um cara com classe, necessariamente, mas o homem provavelmente tratava de negócios vinte horas por dia. Sem dúvidas, até aquele jogo de cartas era uma relação de negócios.

Sentando em uma cadeira na frente de sua mesa, dei uma batidinha na cadeira ao meu lado para Lucy sentar. Ela hesitou por um momento, com o olhar indo da porta para Frank, mas deslizou para o assento.

Vasculhando sua mesa, Frank tirou um molho de chaves e jogou para mim. “Washington Boulevard. O endereço está no molho. Está acontecendo algum problema com você?”

“Não.” Menti. “Só estou tentado passar despercebido por um tempo.”

Envolver Frank poderia trazer ainda mais atenção e ter Roman vindo atrás de mim também. Quem poderia saber que tipo de merda política estava acontecendo entre os poloneses e os eslovacos?

Dei uma olhada no número do prédio que estava no molho de chaves. “Tudo bem.” Pegando a minha carteira do bolso de trás, levantei algumas notas. “Quanto eu te devo?”

“Vai se foder, cara. Dê o fora daqui.”

“É sério. Tenho dinheiro. Quanto eu te devo?”

“Pegue sua garota e vão se divertir. Bebidas de graça.” Ele bateu na mesa de leve. “E vá dar uma checada nesse olho, está nojento. Você quer um hambúrguer, ou outra coisa? É só pedir para Sal.”

Olhei para Lucy. “Você está com fome?”

Seu aceno entusiasmado me fez levantar da cadeira. “Tudo bem. Talvez iremos pegar alguma coisa para levar.” Estendi a mão e Frank a pegou. “Obrigado, cara.”

“Tome cuidado, garoto. Se precisar de qualquer coisa, basta pedir. Não suma huh?” Seus olhos se mudaram para Lucy e voltaram. “E pode trazê-la com você a qualquer hora. É bom um pouco de luz nesse buraco de merda.”

Depois de dar um aceno para Bojanskis, sua descrição me fez encarar Lucy, enquanto a seguia através da porta.

***

No estacionamento do bar, Lucy e eu sentamos no Camaro e comemos. Nunca vi uma mulher engolir um hambúrguer tão rápido, mesmo ela sendo tão pequena. Sal tinha nos enviado um quinto de uísque para viagem, também.

“Meu Deus, estou morrendo de fome”, ela disse, comendo dois palitos de batas fritas. “Não como um hambúrguer há anos.”

“Não venha me dizer que não come carne, depois de você devorar um prato cheio de bacon.”

“Eu como, mas só as vezes. Provavelmente, não o suficiente.”

Minhas sobrancelhas se arquearam e dei um sorriso diabólico. “Trabalha em um festival de salsichas e ela não come carne o suficiente.”

A careta que ela fez me deixou rindo internamente. “Geralmente, não estou perto disso quando trabalho lá.”

“O que você faz? Entrega balas no vestiário masculino?”

“Não.” Ela estreitou seus olhos, me olhando de lado. “Se quer saber, você foi o meu primeiro.” Ela amassou a embalagem do lanche e despejou na sacola marrom engordurada. “Mas você já sabia disso.”

“Seu primeiro lap dance? Por que eu saberia disso?” Joguei quatro batatas fritas na boca e, amassando o papel, joguei-o na sacola depois dela.

“Você indicou isso naquela noite.”

Você não é uma stripper, eu disse. “Vamos lá, não venha me dizer que essa merda feriu seus sentimentos.” Alonguei meu braço pelas costas do assento dela, assistindo ela construir mentalmente uma barricada de problematizações entre nós dois.

“Não. Homens não ferem mais meus sentimentos.”

Uma risada leve balançou meu peito. “E por que diz isso, durona?”

Ela encolheu os ombros. “Depois de um tempo, você simplesmente não se importa. Acho que estou dormente para esse tipo de coisa.”

“Bem, somos dois, então, porque fiquei bastante insensível para as merdas das mulheres, também.” Balancei minha cabeça na direção dela. “Então, o que você faz no strip Club?”

“Artes, na maioria das vezes.”

“Você foi para a faculdade para isso?”

“Sim, com bacharelado em fotografia. Eles meio que me passavam as partes das artes.” Ela esfregou as palmas de suas mãos contra as cochas, esse movimento fez com que meu cérebro pulasse do que ela tinha dito para o que eu queria fazer entre aquelas cochas. “Abandonei depois que minha mãe morreu, entretanto. Você foi para a faculdade?”

Queria rir dessa pergunta, mas ao invés disso, balancei a cabeça. “Não. Mas leio bastante. Se isso contar.”

“O que? Revistas em quadrinhos?”

Mesmo me esforçando, não pude evitar de lançar um olhar para ela cheio de desprezo — uma resposta defensiva que estava

enraizada em mim desde cedo, por ter crescido em um parque de trailer de merda. Pessoas só esperavam menos de mim, por isso sempre me esforcei para tentar ser mais, para surpreende-los com o que não sabiam. Então a merda bateu no ventilador com a minha mãe, e os dias de luxo com leitura se transformaram em longos dias de luta para continuar vivo. “Tente Bradbury, Twain, Salinger, Hemingway.”

Seus olhos se arregalaram antes dela fixar seu olhar no chão. “Retiro o que disse.”

“É. Você provavelmente me viu e pensou, escória nojenta de trailer.”

“Na verdade, não. Meu primeiro pensamento foi...” seu corpo sacudiu com uma pequena risada.

“O que?”

“Bem, meu primeiro pensamento foi, *minha nossa, espero não cair do colo dele.”* Ela enfatizou com a sua cabeça balançando. “Você foi o maior colo que alguma vez sentei.”

A visão do seu pequeno corpo lutando para se manter em cima de mim, tirou uma risada minha que nos deixou olhando um para o outro surpresos, e rapidamente mudei de assunto, antes que mergulhássemos em um papo meloso. “Então, você faz a arte para o clube?”

Ela piscou e parou de encarar. “Sim, e um pouco de coisas para o site.”

Eu me recostei intrigado de uma hora para outra. “Você já viu o site do Seventh Circle?”

“Não no trabalho. Eu nunca consegui sair da primeira página. Todas aquelas pobres... vítimas.” Ela balançou a cabeça. “Não sou uma pessoa violenta, mas ia amar ver alguma coisa muito ruim acontecer com aquelas pessoas que fizeram aquelas coisas.

Ninguém deveria tirar vantagem de pessoas inocentes daquele jeito."

Meus pensamentos se dirigiram para o homem que matei algumas noites atrás, e mais cedo, de novo. "Você disse que acredita que as pessoas devem ser punidas. Matar não te incomoda?"

"Depende da razão. Uma vez eu li uma história de um homem que torturava outro homem. Quero dizer, tipo, coisas realmente doentias. Queimava ele com nitrogênio líquido. Tirava seus dentes um por um. Esmagava seus joelhos. Arrancava as unhas de seus dedos. Deixava-o morrendo de fome." Sua boca tremeu com desgosto e ela agarrou seu estômago. "Foi a coisa mais nojenta que já ouvi. Eu tive pesadelos que me mantiveram acordada, imaginando como um ser humano poderia ser um monstro tão grande. O que poderia ter feito ele fazer aquilo? Foi a coisa mais horrível que li na minha vida inteira. Mais tarde, eu li a segunda parte da história, sobre como o homem que ele tinha matado tinha estuprado e comido — *comido* — sua filha de doze anos."

"Isso é... uma merda fodida."

Uma sombra atravessou seus olhos, tornando-os frios, uma visão que me deixou fascinado. Suas narinas se dilataram com um rosnado, e ela sacudiu sua cabeça. "Queria rasgar o idiota doentio em pedaços eu mesma. Espero que ele tenha sofrido com o que aconteceu com ele. Doze anos de idade." Suas sobrancelhas franziram, lábios formaram uma linha firme. "Você consegue imaginar o quanto aquela garotinha ficou com medo? Sozinha? Isso é o pior. Ninguém indo salvá-la? De repente... eu me simpatizei com o ódio. De repente, não parecia que era punição suficiente."

Meu Deus. Do mesmo jeito que aconteceu com o hambúrguer, minha imagem de uma coisinha doce e delicada se desfez em pedaços. Conhecia essa raiva, até mesmo a senti, e senti

um pequeno prazer por perceber que essa ira ardente morava dentro dela, também.

“Nós somos civilizados, na maior parte do tempo.” Ela disse. “Mas todos nós escondemos um monstro, eu acho. Um lado primitivo do cérebro que funciona com o único instinto de sobreviver.”

Liguei o motor do Camaro, e virei para encará-la, enquanto dava ré para sair da vaga. “Já matou alguém?”

Ela negou com a cabeça, e seus olhos focaram nos meus. “Espero nunca precisar matar.”

Capítulo 28

Lucy

Era depois das oito da noite quando cobri a ferida na sobrancelha do Jase com uísque, onde ele levou um golpe de um dos intrusos na noite passada. O cheiro forte de álcool queimou meu nariz, e ele sentou na beira da banheira do novo apartamento. Quando chegamos aqui depois da visita ao Bojanski, nós acabamos dormindo a maior parte do dia e não levantamos antes das cinco da tarde, quando ele saiu para buscar comida em um restaurante árabe logo na esquina. Nessa hora, sua ferida já tinha secado, mas ainda assim precisava ser limpa.

O pano branco que usei para limpar a ferida foi encontrado em um armário embaixo da pia totalmente equipado. O apartamento ficava no último andar de um prédio abandonado, e tinha eletricidade e água corrente, de alguma forma. Achamos a despensa cheia com suprimentos, como se o lugar tivesse sido planejado para abrigar criminosos tentando passar despercebidos. Era todo mobiliado, também, com um sofá e uma televisão desse século — muito mais espaçoso que o apertado quarto de motel, com uma sala maior, e uma vista maravilhosa do centro da cidade da janela do quarto.

Eu fiz uma careta quando o corte aberto começou a sangrar de novo. A ferida antes seca, tinha se rompido enquanto eu estava limpando e a profundidade da dilaceração me deixou imaginando se a ponta do cano da arma do atacante tinha batido na sua sobrancelha. “Você pensaria que, na sua área de trabalho, você teria uma garrafa de álcool e um par de luvas de boxe na mão.”

Sua boca se curvou em um meio sorriso, e ele bebeu o licor direto da garrafa. Um gole áspero, seguido pelo aperto da sua mandíbula, e voltou a me encarar, praticamente examinando o meu rosto minuciosamente.

Levei a minha atenção para baixo no seu peito, para a tatuagem dos olhos cinza. “Esses olhos pertencem a alguém particular?”

Ele olhou para o seu peito e depois para mim, de novo. “A alguém que eu costumava conhecer.”

Uma cicatriz marcava o seu peito, bem ao lado do coração, e sem pensar, corri meu dedo pelo caminho de pele em alto-relevo que tinha ali, parando quando o seu musculo ficou rígido. “O que aconteceu?”

“Levei um tiro.”

“E você sobreviveu?”

“Não acertou meu coração. Meu irmão, Reed, chamou os paramédicos, e eles me levaram para o hospital bem rápido.”

“Briga de gangue?”

Ele negou com um aceno. “Minha mãe.”

Mas o que... recuei em descrença. “*Sua mãe* fez isso com você?” Obviamente, eu tive cólicas monstruosas sempre que minha mãe decidia vir para cima de mim com atitude de vadia furiosa, mas ela nunca ficou louca o suficiente para me presentear com um tiro.

Ele tomou outro gole, mexendo o liquido na sua boca, como se estivesse debatendo se me contava ou não. “Eu tinha batido pra caralho, no marido dela. Socando o crânio dele até entrar em coma.”

Recolhi minha mão depois desse forte lembrete de que o homem tinha muitas facetas, incluindo sombrias, e que, mesmo ele sendo totalmente capaz de ter uma conversa calma comigo

enquanto limpava seus ferimentos, também o vi abrir a garganta de um sujeito sem um pingo de remorso. “Ah.”

Ele levantou a garrafa imitando um brinde e riu. “Minha vida é igual a um filme de merda que de alguma forma, te suga para o meio da loucura, não é?” Sua língua passou pelos dentes enquanto ele me olhava cautelosamente. “Sinta-se livre para adicionar isso a sua lista agora.”

“Não entendi.”

“Bastardos bebedores de uísque que podem apodrecer na prisão. Saúde.” Ele fungou e tomou outro gole.

Colocando o pano contra o seu corte, de novo, pressionei o machucado para impedir que sangrasse mais uma vez, e peguei uma hesitação nos seus olhos verdes. “Minha mãe sempre dizia que homens que bebiam uísque eram os mais solitários de todos.”

“E por que isso?”

Encolhi os ombros. “Meu pai bebia, provavelmente. Ela sempre tinha alguma coisa amarga para dizer quando o assunto era o meu pai.”

“Eles se separaram?”

“Sim. Bem, ele nos abandonou quando eu tinha uns dez anos. O dia... na floresta... as crianças da escola estavam me enchendo por isso.”

Ele abaixou o olhar de novo. Por alguma razão, toda vez que mencionava esse dia, ele não conseguia me olhar nos olhos.

“Eu estava... com medo de você, a princípio. Você apareceu do nada, e ficou esmurrando eles como... como se fosse mata-los, ou algo assim.”

Seu maxilar deslocou para os lados, olhando longe de mim ainda, e eu me perguntava sobre o que estava pensando. Será que ele desejava ter matado eles?

“Eu costumava me atormentar, ao imaginar o que teria acontecido se você não tivesse aparecido.”

“Por que você faria isso?”

“Para me lembrar de ficar atenta. Para lembrar que homens vão embora, e que nem sempre vai ter alguém lá para salvar o dia.” Parei tocando o corte levemente e olhei para ele. “Olha. Dez anos depois e aqui está você, de novo.”

Sombras escureceram seus olhos quando suas sobrancelhas se uniram, e tive a impressão de que ele iria negar o que tinha se tornado um fato na minha cabeça — que ele salvou minha vida, não uma vez, mas duas.

Antes que ele tivesse a chance, virei-me e joguei o pano umedecido com uísque no balcão, e lavei a mão manchada de sangue na pia.

Ainda sentado atrás de mim, ele tomou um longo gole do licor, e me olhou pelo reflexo no espelho.

Uma intensificação do calor esquentou minhas bochechas e minhas coxas. Eu me virei para encará-lo, meu corpo parado quando ele colocou a garrafa de licor na bancada sem tirar os olhos de mim, meu estômago fez um nó ao vê-lo lambendo seus lábios, seu olhar me devorando.

Levando os dedos até o seu corte, ele sondou a ferida sem camadas secas e olhou para como voltaram com pouco sangue. “Você não precisava fazer isso.” Ele disse me estudando de uma forma que me deixou com vontade de tocar a minha própria cicatriz em cima do olho.

Por um momento, fui levada de volta para aquele dia, sentada na cadeira da cozinha enquanto ele tirava o sangue do corte onde os meninos tinham me batido.

“Eu queria mata-los por terem te machucado.” Suas sobrancelhas se juntaram com o estalar da sua mandíbula. “Eu

teria matado. Se você não tivesse agarrado aquela arma, teria matado todos eles."

Eu acreditava nele. A facilidade com que ele matou aqueles homens no motel, me mostrou que ele tinha matado antes. Não conseguia decidir se eu era estúpida ou louca por querer ficar com ele, de qualquer forma.

Peguei a garrafa e tomei um gole, fazendo uma careta enquanto o liquido queimava e passava pela minha garganta. Não era a visão mais sexy do mundo, mas pelo menos dei um jeito de engolir aquilo. "Obrigada pelo que você fez por mim. Teria sido uma merda morrer dois dias antes do meu aniversário."

"Amanhã é o seu aniversário?" Com o meu aceno, ele perguntou. "Quantos anos vai fazer?"

"Vinte e três. E ainda não resolvi a minha vida." Brinquei com a borda da garrafa. "Não importa, parei de contar aniversários."

"E por que isso?"

Dei de ombros e me forcei a tomar mais um gole, ou estaria me arriscando a contar uma história lamentável e chorosa que não chegava aos pés de uma sobre a sua própria mãe te dando um tiro. "Por anos, celebrei meus aniversários e name days com minha mãe e minha melhor amiga."

"O que é name Day?"

"Na crença da minha mãe, é baseado em santos, então o meu name day, ou, meniny, é dia treze de dezembro. Muito similar aos aniversários. Eu não tinha festas enormes como as outras crianças na minha escola, mas minha mãe e Milena sempre faziam ser especial. Minha mãe fazia makovník, ou rocambole, e nós assistíamos filmes e conversávamos sobre fugir para Paris algum dia." Sorri ao pensar em como era absurdo nos imaginar saindo de Detroit. "Nunca tive muitos amigos na escola, mas Milena sempre me fez sentir como se não precisasse de ninguém além dela."

“O que aconteceu com ela?”

“Ela foi assassinada há alguns anos. Um arrombamento. A gente tinha parado de se falar — minha culpa, não dela. A saúde da minha mãe tinha ido de mal a pior, e eu simplesmente não podia... não podia me manter informada sobre tudo.” Lágrimas se formaram nos meus olhos, e pisquei para segurá-las. Exatamente o que eu queria evitar, mas por alguma razão, conversar com ele, mesmo que ficando na maior parte quieto, fez-me sentir bem. Nunca conversei com alguém sobre Milena. “Queria poder voltar atrás e completar essas lacunas, os anos que não conversamos, algo que ela poderia levar consigo quando morresse. Alguma paz por saber que eu não estava com raiva dela.” Corri a mão pela superfície do balcão, trocando de foco para manter minhas emoções controladas. Odiava chorar na frente dos outros, particularmente de homens.

Sem uma palavra, ele deslizou seu braço pelas minhas costas e me puxou para perto de si, me puxando um pouco até que parei bem na frente dele. Colocando suas mãos por baixo da minha camiseta, ele levantou o tecido, alto o suficiente para expor minha barriga, e me beijou lá, a ponta dos seus dedos não passavam de um sussurro na minha pele.

Meu corpo tremeu, enrijecendo com o toque. Era tão estranho ter as mãos de um assassino, que matou aqueles homens com destreza letal, tocando-me como se eu fosse frágil e pudesse quebrar em suas mãos. Nada parecido com a forma de antes, quando me empurrou contra a parede e machucou meus lábios com seus beijos.

Enfiei os dedos nos seus cabelos, levando sua cabeça para trás, e me inclinei para frente, minha boca muito perto da sua. “Gosto das suas mãos em mim.”

Seu hálito quente bateu na minha bochecha, e ele me puxou para baixo em cima do seu colo, onde senti sua excitação me

pressionando através do tecido fino da boxer que peguei emprestada. “Você tem namorado, Lucy?”

“Defina namorado.”

“Alguém que você foda. Alguém a quem você pertença.” O som áspero e profundo da sua voz ressoou no meu ouvido ao mesmo tempo que seus dedos se afundaram na minha cintura em um movimento possessivo.

“Não.”

“Não, você não tem um namorado? Ou não, você não fode?”

“Não, eu não sou de alguém. Por que a pergunta?”

“Porque não gosto de comer uma mulher com complicações.”

Suas mãos agarraram a minha nuca, e me puxaram para ele, meu corpo formigando com a sua boca roçando a minha, até que ele estava totalmente envolvido com o beijo, puxando nossas bocas mais próximas, me forçando a respirar forte pelo nariz. Um rosnado ecoou da sua garganta, contra os meus lábios, e em segundos o beijo se tornou ávido, frenético.

Seus lábios guardavam um mundo de promessas, um mundo onde queria escorregar para dentro e nunca sair. Um lugar mais escuro que o mistério que o rodeava, mas transbordava com perigo e excitação, luxúria e prazer. O ar travou na minha garganta, e por um curto segundo, questionei a necessidade de respirar.

Meu corpo caiu para trás, forçando meus músculos a acharem um lugar para se apoiar, mas fui pega no seu abraço firme, ele me deitou gentilmente no chão do banheiro, sem tirar a boca da minha.

Azulejos gelados invadiram o fino tecido de algodão da minha camiseta e batalhou com a correnteza de calor espalhado pela minha pele, uma corrente constante de desejo zumbindo pelas minhas veias. Eu precisava recuperar meu fôlego, mas suas mãos

agarraram os dois lados do meu rosto, me segurando no mesmo lugar, e sua língua deslizou pelos meus dentes prendendo um gemido entre nós. Não dava para dizer se era dele ou meu.

Agarrando uma mão cheia de seus cabelos, eu mordi seu lábio e o chupei, seus gemidos incitando essa besta fogosa a sair de dentro de mim e mostrar sua cara feia.

Ele bateu minhas mãos contra o chão frio e passou seus dentes pelo meu maxilar, antes de me morder entre o pescoço e a clavícula, mandando um sobressalto quente para o ápice das minhas pernas. Suas mãos subiram a minha barriga embaixo da blusa, e apertou meus seios, tirando meu sutiã de renda. Os movimentos dos seus dedos nos meus mamilos endurecidos me fizeram arquear minhas costas para fora do chão, e uma onda de prazer bateu contra o meu núcleo enquanto o meu corpo ansiava para tê-lo dentro de mim.

Choraminguei, contorcendo-me debaixo dele.

“Você parece uma dose de ecstasy nas minhas veias.” Ele disse entre beijos no meu pescoço.

“Experimentei umas boas drogas na minha visa, mas você me deixa tão tenso, que estou quase explodindo, mia Luce.”

Seu corpo endureceu contra o meu, e um frio infiltrou entre nós quando ele se empurrou para longe de mim.

“O que está errado?” Levantei a cabeça do chão e me sustentei pelos meus cotovelos. “Fiz alguma coisa errada?”

“Não posso fazer isso.” Ele se levantou e tirou seu licor do canto, saindo do banheiro.

As primeiras pontadas de arrependimento bateram na minha consciência enquanto minha mente revisava os cinco minutos passados, se perguntando se eu tinha dito ou falado alguma coisa nada atraente, a vergonha se transformou em raiva rapidamente, entretanto, e me levantei do chão.

Ele me irritou duas vezes. Provocando-me, só para me deixar fria e esperando. Qualquer que seja o jogo que esse otário está jogando, dois podem jogar.

Entrei na sala do apartamento, e ele estava na janela, olhando para o seu celular. Sem olhar para cima, ele colocou o celular no seu bolso de trás e pegou sua arma e faca da cabeceira. “Tenho que ir. Aconteceu uma coisa.”

“Jase.” Fui em sua direção, parando quando ele levantou as mãos para me silenciar.

“Olha. Você é doce. E bonita. E todo o tipo de merda que estaria caçando ano passado, igual um cachorro caçando uma cadela. Mas não estou procurando por doçura. Estou procurando por algo temporário e sem compromisso. Você é uma responsabilidade. E acredite em mim, tenho certeza que não sou bom para você.”

A picada de rejeição atingiu o meu orgulho igual a um tapa na cara invisível. Procurei outra coisa para dizer. Alguma coisa que não me fizesse sentir como uma babaca toda fútil em cima do carinha popular que acabou de me magoar. “Preciso de uma coisa do meu apartamento. Preciso voltar para pegar.” Burrice? Sim, mas o jeito que ele mudou de quente para frio me deixou com medo que me expulsasse do nada, e não estava com vontade de ficar presa sem dinheiro e nem um par de sapatos.

“Não.” Ele deslizou sua faca no coldre.

“Não estou pedindo para você ir pegar minhas coisas. Eu mesma vou.”

O modo como ele, casualmente, balançou sua cabeça, como se tivesse a audácia de me dizer o que poderia ou não fazer, me deixou louca.

“Ei, no caso de você não ter notado, esse não é o século dezenove, e você não é o meu mestre.” Franzi o cenho com suas sobrancelhas erguidas e amei a sua expressão de ter acabado de

levar um tapa. “Posso ir a qualquer lugar que quiser, e você não pode me deter. Afinal, você não ia me mandar embora. Lembra?”

Ele rolou a cabeça contra os ombros, com seus olhos com uma sombra profunda de quem não vai aguentar minhas merdas, e ele veio para de mim. “Você gostaria que eu te amarrasse de novo?”

“Tente.”

Ele olhou para mim, me desafiando, inclinou a cabeça, estalando seu pescoço, disparando meu alarme *ah, merda.*

“Ok, escute.” Levantei as mãos em rendição. “Tenho uma amiga. Ela vai enlouquecer se não ligar para ela em breve e avisá-la que estou bem.”

“Primeiro você quer ir ao seu apartamento, agora você quer visitar amigas?”

“Os dois, na verdade. Pensei que poderia matar dois pássaros com uma pedra.”

“Só um passarinho vai ser morto, que seria você, se tentar voltar lá. Não acha que eles estão vigiando aquele lugar agora mesmo? Você não acha que eles já descobriram quem são seus amigos e que podem estar vigiando eles também?”

“Mais uma razão para ligar para minha amiga, você não acha?”

“Vamos lá, gênia.” Ele desliza sua jaqueta pelos seus ombros enormes. “Você não tem nem um pouco de inteligência?”

“Você não tem nenhum receptor emocional? Jesus, e se algum dos seus caras pensasse que você estava morto. Não ia querer mandar um sinal de fumaça, ou qualquer coisa? Avisá-los que você ainda está aqui?”

“Meus caras achavam que eu estava morto. Por quase um ano. E foi melhor dessa forma, caso contrário eu poderia ter sido enterrado pelos mesmos bastardos que mataram meu irmão.”

Um ano? “O que aconteceu com você?”

“Você já fez muitas perguntas. A resposta é não. Se for embora? Não me incomode voltando. Sua bunda está fora. Você estará por si só. Não tenho tempo de ir atrás de vadias estúpidas com desejo de morte.”

Estava com os dentes cerrados de raiva, e dobrei meus dedos em punhos firmes, e queria quebrar a maçã do seu rosto e rir quando essa *vadia* estúpida o detonasse.

Irracional, ou não, ele me irritou muito.

Tanto, que planejei ir embora na primeira chance que tivesse.

Capítulo 29

Jase

Saí do apartamento e desci correndo as escadas em direção ao Camaro, ignorando a dor nas minhas bolas e a raiva correndo nas veias.

Cristo, chamei ela de mia Luce, como se fosse minha. Como se minha vida já não estivesse fodida o suficiente, eu estava declarando minha reivindicação nela? Fazendo-a minha?

A mulher me deixou com os músculos tensos, e minha cabeça nadando em pensamentos que não precisava. Meu Deus, como seria ter aquela buceta apertada e perfeita ao redor do meu pau enquanto a fazia gozar.

Cheiro de baunilha com lilases acertou o meu nariz, e ergui minha blusa, inspirando-a. Sugando-a para dentro do meu corpo. Ela estava espalhada pelo meu corpo todo, aquele aroma de lilases e seu toque continua quente na minha pele. Seu gosto na minha língua.

Lambi meus lábios, é, ela estava lá também.

Nunca quis tanto alguma coisa assim na minha vida, mas não era hora de eu estar procurando peitos perfeitos, firmes e com gosto de mel.

Ajustei minha ereção, coloquei o carro em ré e me afastei do lugar.

Ela não sairia de maneira nenhuma, e daí se ela saísse? Não poderia ficar brincando de casinha com ela, não quando os

bastardos que arruinaram a minha vida ainda andassem livremente.

No entanto, o pensamento de qualquer um deles colocando a mão nela me fazia agarrar o voante até minhas juntas ficarem brancas com a vontade de bater a cara deles contra uma parede de concreto.

Eu queria que ela partisse, mas precisava que ela ficasse. Ou era o contrário? Ela me deixou totalmente confuso.

Ainda bem que o Dax me mandou uma mensagem naquela hora. Ele me pediu para encontra-lo em um bar que nós costumávamos ir todo fim de semana, na Avenida Mack. Nada além de uma espelunca, e o dono era um antigo traficante que todo mundo chamava de Ver. Cara legal, mas odiaria estar na sua lista negra. O velho bastardo era igual o poderoso chefão das gangues, o Pied Piper dos bandidos.

Virei na Lions Den e estacionei na vaga de sempre nos fundos, vendo o Cuda do Dax. O instinto de me cuidar, fez-me olhar sobre os ombros, enquanto puxava o meu capuz sobre a cabeça e ia em direção a entrada do bar. Não tinha muito com o que me preocupar no território de Rev, composto na maioria por moradores locais, mas não ia me arriscar.

Rev estava sentado no seu lugar usual, perto da entrada, cumprimentando todo mundo que entrava como se estivesse recebendo todos para um churrasco no quintal ao invés de um lugar onde as pessoas faziam acordos sobre drogas e prostituição sem a menor cerimônia. Pelo menos, as garotas aqui no Rev eram maiores. Ele deu umas batidinhas nas minhas costas, quando passei, como se não fizesse muito tempo desde que estive aqui da última vez.

No final do bar, Dax virou uma dose, e percebi um tremor nas suas mãos quando cheguei mais perto.

Despenquei na banqueta ao seu lado e sinalizei para a bartender peituda, Talia, que se aproximou mascando seu chiclete como sempre e me deu uma piscadela.

“Como você está, lindo. O que posso pegar para você?”

“Uísque.” Respondi, e com o seu aceno, dei atenção para Dax. “O que está acontecendo?”

“Eu, hum... só...” gotas de suor se acumularam na sua testa, e círculos pretos embaixo dos seus olhos fazia parecer que ele não tinha dormido em dias. “Eu estava... indo bem, sabe? Saí daquela merda. Parei de usar heroína. Saí do clube de sexo. E bum. Estou caindo de novo.”

“Que porra é essa, cara? Você estava bem há alguns dias atrás. O que aconteceu?”

“Jase.” Ele se inclinou para mim, abaixando sua voz, e a forma como seus olhos não focavam em mim, dava para perceber que ele estava chapado ou algo do tipo. Viajando, paranoico. “Você matar esses caras. É pessoal, certo? Quero dizer, isso faz ser tudo bem. Porque você... está fazendo isso por justiça. É a coisa certa.”

Eu não gostava de conversar tão livremente em um bar, dei uma olhada em volta, para ter certeza que ninguém teria escutado. “Que merda está acontecendo com você?”

“Tenho que fazer o que é certo para a Olivia. É isso que aconteceu.”

Meu deus, ele estava viajando. Talvez tendo uma noite ruim. Talvez tivesse ficado com uma stripper que lembrava a sua irmã assassinada, ou alguma merda desse tipo. O que quer que tivesse o deixado assim, ele precisava ir para casa e dormir.

“Eu te disse. Quando achar Pasák, você estará dentro.” Uma dose de uísque deslizou sob meu queixo, e me ajeitei no banco, dando a Talia um aceno, antes dela sair para buscar mais um uísque. “Vá para casa. Durma até isso passar, cara. E se acalme.”

Mantive a voz baixa e tomei mais uma dose. “Não vou levar um zumbi chapado para uma matança por vingança.”

Tomando respirações profundas, ele acenou. “Você está certo. Vou para casa. Vou dormir um pouco. E ver como me sinto amanhã.”

Dei umas batidinhas de leve nas suas costas. “Sei que você a amava, cara. Ela era tipo uma irmã para mim, sabe? E Reed... aquele garoto tinha muita acontecendo, mas ele a amava. Sei que amava. Ele nunca a machucaria.”

“Sei que o Reed não a machucaria. Sei disso.” Esfregando uma mão pelo queixo, ele balançou a cabeça, sobrancelhas franzidas, e as suas mãos deslizaram pela mesa do bar, e pararam na minha frente. “Quando tiver uma chance, assista isso.” Ele levantou sua mão para revelar um cartão SD. “Merda louca.”

“É?” Levantei o cartão, grato pela mudança de assunto e coloquei dentro do bolso da minha jaqueta. “Vou dar uma olhada hoje à noite.”

Ele tomou o resto da bebida. “Fico feliz que você tenha vindo. Quando atacaram a sua casa, cara. Eu achava que tudo tinha ido a merda. Entrei em brigas. Arrebentei a cara do Rhys, bem feio.” Ele fungou e passou a mão no nariz. “Você e Reed... eram a única família que eu ainda tinha.”

“Agora, não fique todo manhoso pra cima de mim, idiota.”

Ele bufou e levantou do bar, deixando dinheiro do lado do seu copo. “Apenas saiba, se alguma merda acontecer, e ficar feia, estou aqui, estou bem aqui, e te protejo.”

“Eu sei, irmão, você sempre esteve lá por mim.”

Ele agarrou meus ombros, dando uma apertada. “Sempre lembre disso.”

Ofereci a mão, e ele balançou-a, puxando meu pulso para o seu peito, e deu uma batidinha nas minhas costas. “Vejo você por aí.”

Quando ele caminhou para fora do bar, acenei para Talia trazer outro drink.

Ainda não estava pronto para voltar para o apartamento.

Capítulo 30

Lucy

Consegui roubar dez dólares do jeans do Jase, e vesti um dos seus casacos com zíper, estava me afogando naquela coisa, e um par de suas botas que não precisava amarrar na minha panturrilha para impedi-las de escorregar do meu pé.

O barulho da porta fechando atrás de mim, significa que não tinha volta. Nunca senti como era não ter uma casa. Mesmo quando minha mãe morreu, tive um lugar onde ficar, até que eu não pudesse mais sustentar a casa e coloquei a venda, roubando dela anos de investimento. Jase não queria que eu ficasse com ele, para começo de conversa, então me expulsar era a coisa mais esperta a se fazer, com certeza.

Lágrimas ameaçavam cair, mas me recusava chorar. Não por ele, e certamente não pelo fato de que estava saindo. Quão mentalmente problemática eu era por chorar pelo homem que me manteve amarrada a cama por quase três semanas e me ameaçava com a sua faca de caça medonha.

Jesus, quantas pessoas ele matou com aquela faca? A lâmina deve ser um criadouro de Hepatite e só Deus sabe o que mais.

Idiota. Foi fácil me repreender enquanto descia as escadas em direção à calçada. Eu era muito estúpida por ter baixado a minha guarda. Passei anos me mantendo longe de sentimentos, evitando esse tipo de merda. Por uma boa razão. Homens não eram confiáveis, a não ser aqueles, como Craig, que estavam conectados

com seus lados femininos. O mais perto que Jase chegou de se conectar com um lado feminino era quando ele tinha seu pau enfiado em uma mulher. O cara era cem por cento macho autoritário e igualmente confuso.

Eu me odiava por estar atraída por ele. Por ter me deixado momentaneamente vulnerável.

Ele estava certo. Qualquer que fosse a fantasia que eu tinha na minha cabeça, qualquer memória daquele menino que ele foi, não existia no homem que se tornou. De qualquer forma, mesmo se me esmurrasse com a minha própria estupidez, não poderia negar que ele tinha um lance sobre mim. A verdade humilhante era que eu voltaria em um piscar de olhos. Talvez isso fazia de mim uma masoquista, fraca. Uma decepção para todas as mulheres. Ele deixou minha mente toda fodida, e eu estava fazendo coisas que geralmente não faço, tipo andando pelas ruas da cidade a noite, procurando por transporte público, sem celular e sem spray de pimenta.

Estava esperando na parada de ônibus na Washington Boulevard, embaixo de uma pequena cúpula de vidro, onde foi pichado em preto '*Lamba bucetas*'. Depois de dez minutos perturbadores, comigo tremendo a cada barulhinho, o ônibus finalmente chegou, e embarquei, colocando o dinheiro na caixa antes de sentar dois assentos atrás do motorista.

Eram apenas quinze minutos de ônibus até o apartamento de Jolana, fora de Forest e de Van Dyke. Não era a melhor área, quando comparada ao meu antigo endereço no centro, mas precisava vê-la. Apenas para contar que estava bem. Ela poderia ser louca e um pouco fodida, mas era tudo o que tive nos últimos dois anos.

Pela janela, a cidade se transformou em uma faixa de lojas abandonadas e pedaços de lotes com ervas daninhas e matos crescendo e lixo. Enquanto assistia tudo isso passar, o abandono de Detroit me fez perceber um paralelo com a minha própria vida.

As perguntas sem resposta nas cascas deixadas para trás. A indignação do grafite que pintava os muros. Pequenos vislumbres de beleza enterrados embaixo de decaimento e coisas podres...

Um barulho me acorda e me tira da cama, e desço as escadas na ponta dos pés, com cuidado para evitas as bordas onde a madeira range. No final das escadas, o som de água corrente é bem mais alto, e passo pelo corredor em direção à cozinha. A casa está escura, mas a luz que fica em cima da pia se estica até o corredor, onde eu me escondo nas sombras.

Meu pai está na frente da pia com as suas costas viradas para mim. À princípio acho que ele está conversando sozinho, mas rastejo para mais perto e percebo que os sons que estou ouvindo são de... choro?

Eu devo estar sonhando porque nunca vi o meu pai chorar.

Ando cautelosamente até a pia, parando ao seu lado. Vermelho mancha seus dedos, e não importa o quanto ele esfregue, a cor gruda igual as marcas da aula de arte. Ele agarra a barra de sabão, coberto por uma fina penugem rosa, e esfrega na sua pele, parecendo não ter me notado do seu lado.

No canto a sua arma descansa em cima de toalhas brancas, da qual gotas cor de rosa pingam do cano. Conheço todas as partes de uma arma. Meu pai me ensinou quando eu tinha sete anos.

Quando ele colocou o sabão na pia, seus olhos abaixaram e me avistaram, e foi aí que notei as lágrimas, tão estranhas em sua pele áspera, e as longas cicatrizes pela sua bochecha e garganta. Ele parecia triste e fraco, e isso me assustava, porque o meu pai é o homem mais forte e resistente que conheço. Uma vez eu o vi cortar a ponta do seu dedo usando uma serra de mesa na garagem. Ele mal fez um som, enquanto eu e minha mãe o levávamos para o hospital.

"Papai? Está tudo bem?"

"Vá para a cama, zlatko"

Eu geralmente não protestava, mas as suas lágrimas deixaram meu coração disparado e minha cabeça cheia de todo tipo de perguntas que eu sabia que não deveria fazer. "Esse sangue é seu?"

Ele para de lavar suas mãos, e seus ombros caem. Seus dedos se curvam formando punhos, e o sabão rosa escuro cai na pia. "Seria melhor você obedecer."

Então, obedeço. Volto para a minha cama, e as imagens das lágrimas do meu pai me impedem de dormir de novo.

O ônibus me tira das minhas memórias, ao mesmo tempo em que chegamos a uma parada, e pisquei até as imagens irem embora.

Meu pai foi embora no outro dia. Sem palavras. Sem nenhum bilhete, ou pista, para explicar o motivo dele ter ido. Mesmo minha mãe tendo esfregado os azulejos as manchas de sangue permaneceram mesmo depois de anos. Sabia exatamente onde a arma estava, e conseguia sentir o cheiro do sabonete que ele usou nas suas mãos.

Encarei o assassinato da minha melhor amiga e a morte precoce da minha mãe, mas nada me deixou tão desorientada quanto a partida abrupta do meu pai. Talvez tenha sido por isso que eu era tão jovem, porém com a mente pouco clemente. Passei a maior parte da minha adolescência me culpando, particularmente quando minha mãe se negou a carregar qualquer culpa.

O ônibus parou na Van Dyke e Forest, e pulei para a calçada.

Uma mulher negra me estudou e franziu os lábios, e sentou em um banco envelhecido e olhou para baixo.

Umas gotas de sangue de Jase enfeitavam a minha blusa branca, somado a isso, as roupas enormes me faziam parecer que era uma paciente de um hospício que acabou de fugir.

Merda. Fechando o moletom, andei pela calçada em direção ao apartamento da Jolana, na esquina.

Uma cerca em ruínas anunciava o perímetro, e mato tinha crescido entre as rachaduras do asfalto do estacionamento. Latas de cerveja enferrujadas e lixo estavam espalhadas, havia manchas pretas nas sacadas dos apartamentos, algumas das quais tinham se curvado e deformado, mostrando que haviam apodrecido.

A batida pesada de rap martelava de um dos apartamentos acima de mim. Difícil de acreditar que Jolana conseguia se concentrar nos seus estudos, morando nesse buraco de merda. Eu ainda não acreditava que uma mulher que já vi fazendo strip e cavalgando na boca de outras mulheres, enquanto tomava pílulas e ficava bêbada, vai eventualmente estar escrevendo prescrições de pílulas para as pessoas.

Subi as escadas até o segundo o andar e bati na sua porta.

"Vá se foder!" Ela gritou do outro lado.

Rodando meus ombros com impaciência, bati de novo.

"*Eu disse*, vá se foder!"

"Sou eu!" Limpei a garganta e afundei as mãos nos meus bolsos, e olhei por cima do meu ombro. "Lucy."

"Lucy?". Sua voz carregava um tom alto, como se ela estivesse quase chorando, e quando a porta se abriu, recuei.

Um círculo roxo e amarelo aparecia abaixo do seu olho, com um risco vermelho que se estendia do topo do seu nariz até o outro lado da bochecha, que estava ferida como uma ameixa. Acho que um rasgão tinha cortado o seu lábio, e ela o chupou para dentro de sua boca, chamando a minha atenção para o fato de que estava encarando.

"Oh meu deus." Fui em sua direção querendo tocá-la mas hesitei, colocando minha mão no bolso, ao invés disso. "O que aconteceu com você?"

Ela ergueu sua sobrancelha, e deu um trago no seu cigarro, soprando a fumaça na minha cara. “Você se importa?” Deixando a porta aberta, ela girou e foi até o sofá de couro vermelho do outro lado da sala.

“Viktor está aqui?” Seguindo-a, fechei a porta e olhei em volta do apartamento, procurando por qualquer sinal do bastardo. Ele tinha a mesma tatuagem que o homem que invadiu o quarto do motel, e não era estúpida o suficiente para pensar que ele não saberia do ataque.

“Não. Não está. Mas com certeza ele tem muito interesse sobre onde você está, então talvez queira me atualizar sobre a porra do que está acontecendo?” Jolana caiu no sofá, suas pernas nuas se esticando até a mesinha de café, ela estava vestindo apenas sua blusa preta dos Sex Pistols.

“O que ele quer de mim?”

Ela encolheu os ombros exageradamente. “Bater-me. Ah, é, ele já bateu.”

“Ele bateu em você? Por que?” Cruzei os braços sobre o peito, recusando-me a ser arrastada para dentro de suas merdas ocultas. Se soubesse que eu seria culpada por algo, nem teria vindo.

“Bem, veja. Essa é a coisa sobre Viktor. Algumas vezes, ele não me dá uma razão.” Seus olhos ficaram semicerrados ao tragar longamente o cigarro. “Então, talvez você poderia jogar um osso para essa garota e me contar onde esteve.”

“Eu te contei naquela noite. Do lap dancing, que aquilo zuou com a minha cabeça e eu precisava sair por uns dias.”

“Você está sumida por mais de duas semanas, Lucy. Duas porras de semanas sem uma ligação, sem um recado. Sem uma pista de merda de que você continuava viva.”

“Desculpe. Estava em um momento difícil. Tenho pensando muito sobre faculdade.” Sentei no sofá ao lado dela. “Quero dizer,

você está quase terminando e ano que vem estará indo para a faculdade de medicina."

Sua mandíbula retesou e virou a cabeça para o outro lado longe de mim. Batendo as cinzas do cigarro no cinzeiro. "É. Mal posso esperar para sair desse buraco do inferno, e ir encontrar os ricos cirurgiões de Bervely Hills."

"É. E adivinhe onde vou estar. Bem aqui."

Ela soltou uma risada. "Vou te contratar como a minha vadia pessoal, que tal? Nós seremos lésbicas e vamos falar para todo mundo que tem um pau para enfiá-los nas suas bundas."

Fingi dar uma risada, esperando manter a conversa em um tom leve.

Ela me olhou e se recostou, antes de seus braços se enrolarem ao meu redor, e o cheiro de cigarro e do seu perfume barato de farmácia fez cócegas no meu nariz.

Às vezes pensava que ela escolheu essa vida horrorosa como uma forma de fazer uma mudança drástica no seu tipo de vida, porque de jeito nenhum a filha de um médico super respeitado seria encontrada morta usando base cor baunilha da Jovan.

"Senti sua falta. Nunca mais me assuste desse jeito, porra. Você poderia ter ligado."

"Deixei o meu celular para trás acidentalmente."

"Certo." Ela deslizou fora do abraço e alcançou uma pílula pink que estava na mesinha de café, jogando-a na sua boca. "Nós vamos sair amanhã para um drink de aniversário, ou o que?"

"Eu não posso." Assisti ela dar um gole no que quer que estivesse na sua caneca de café e engolir a pílula. "O que era isso?"

"Uma coisa que Viktor me deu. Ele conhece um cara que produz essa merda. Melhor viagem do mundo, mas me deixa excitada pra caralho." Escorregando a mão para a virilha, ela se esfregou contra o couro. "Estou te falando, na próxima vez que

decidir balançar em alguns colos, tome um desse. Faz o trabalho parecer muito mais divertido. Você perde a sua cabeça com essa merda."

"Isso não vai acontecer de novo." Minhas mãos ficaram inquietas no meu colo, sem saber como ela reagiria ao pensamento que estava dando voltas na minha cabeça. "Jolana, você e Viktor..."

"Terminaram?" Ela acende outro cigarro, suas mãos tremendo, ou por causa do efeito da droga ou por causa das lágrimas. "Acho que sim. Peguei ele comendo Talina na sua mesa. O bastardo fez de propósito. Ele me chamou para uma reunião, e encontrei ele metendo naquela vadia gorda no mesmo lugar que tinha ficado comigo mais cedo naquele dia." Ela fungou e chacoalhou sua mão.

Mordi meu lábio por dentro, pensando sobre a próxima coisa que tinha para falar para ela. Jolana podia ser cheia de pegadinhas as vezes. Provavelmente um pouco bipolar, ou outra coisa, porque em um segundo ela poderia estar acompanhando o plano, e no outro me enchendo por ter mencionado o assunto. "Você tem algum lugar para ficar?" Esse era meu jeito sutil para fazê-la ficar longe dele. Por sorte, tive uma pessoa racional me encarando de volta.

Seu rosto fez uma careta. "Por que iria precisar de um lugar para ficar?"

"Ah, eu não sei. Talvez porque seu namorado arrebentou a sua cara?"

"Eu te falei que nós terminamos."

"Fim para você, e fim para o Viktor, significam duas coisas diferentes." Cocei a minha nuca. "Só não acho que ele é confiável... depois do que fez. Tem alguém em quem você possa ficar?"

Já sabia a resposta, que ela sem dúvida iria me dizer não, mas a verdade era que tinha. Ela tinha um lugar muito mais seguro para ficar do que esse buraco que resolveu chamar de casa.

Diferente de mim, Jolana tinha uma família. Uma família bem-sucedida de médicos e professores, e só porque a irritaram em algum ponto de sua vida, não significava que eles não a acolheriam. Seu pai ainda pagava sua mesada, e sua mãe mandava uma cesta de comida, a qual ela me dava só por maldade.

"Não."

"Você tem. E acho que você deve sair por uns dias."

"O que é isso? O guia de como lidar com dias de merda de Lucy Novaková?" Ela jogou suas mãos para cima. "Namorado te bateu? Saia por duas semanas! Babacas te assediam? Saia por duas semanas!"

Sabendo que ela não tinha a menor ideia sobre onde estive nessas últimas semanas, ou pelo que passei, o comentário maldoso ficou preso na minha garganta. "Acho que tem mais coisa sobre Viktor do que aquilo que você sabe."

"Ah, você saberia, não é? Ele me contou sobre o trato que fez com você naquela noite. Como você conseguiu aquilo? Com um dos seus famosos boquetes?"

"Vá se foder, Jolana. Só estava tentando te ajudar."

Seus olhos piscaram. "Você quer ajudar? Deixe-me ficar com você então, já que está tão determinada em me tirar daqui."

Balancei a cabeça. "Eu deixaria... mas não posso."

"Por quê?" Ela riu. "Ah, você tem que correr de novo?"

"Porque não sei o que está acontecendo com o meu apartamento agora. Posso não estar morando lá mais." Cristo, não era segredo para ninguém que estava tendo problemas com dinheiro.

"Então. Fique aqui."

Jamais. Balancei a cabeça. "Só me dê alguns dias e talvez consigo dar um jeito, ok?" Coloquei a mão sobre o joelho dela e me

inclinei para ter sua atenção. “Por favor, só vá embora desse lugar? E... fique longe de Viktor.” Escovei seu cabelo para longe do rosto. “Ele nunca te mereceu, Jo. E nunca vai te merecer.”

Lágrimas caíram dos seus olhos, e seu lábio tremeu, mas ela franziu a testa, olhando para longe de mim. “Você acha que é fácil. Não tem como escapar do Viktor. Ele está por toda a cidade. Ele tem conexões — a máfia, a polícia, políticos e juízes. Eu nunca chegaria longe o suficiente, se eu correr dele — não importa para onde vá. Ficarei melhor se continuar aqui.”

“Nesse caso...” levantei do sofá e me inclinei para frente, dando a ela o que acabou sendo um abraço não recíproco. Eu tentei. “Cuide-se.”

“Cuide-se? E daí — você vai para o pôr do sol da sua vida perfeita agora?” Ela pulou do sofá, forçando-me a dar um passo para trás. “Para onde você está indo mais uma vez, caralho? Está escuro, Lucy. Você vai ficar rodando pelas ruas a noite toda?”

“Eu te disse. Tenho coisas para fazer.” Não tinha a menor ideia do que fazer depois disso. “Vou te ligar quando puder.”

Ela acenou uma segunda vez e jogou outra pílula dentro da boca. “Sai da porra da minha casa.”

Queria perguntar se ela iria a algum lugar, com as pílulas que ela consumiu, mas isso seria uma observação infeliz, então a deixei sozinha e fui embora.

Capítulo 31

Jase

Não tinha ideia de como consegui chegar inteiro. Cambaleando nas escadas, voltei um degrau, e colocando meus pulsos nas têmporas, balancei a cabeça, tentando fazer as paredes extras na minha visão sumirem.

Merda.

Fazia muito tempo desde que bebi tanto uísque. Infelizmente, a única coisa que me manteve bebendo até tão tarde eram os pensamentos de Lucy usando nada além da minha camiseta e um par de saltos altos afundados na minha coluna enquanto eu estava entre as suas coxas.

Dentro do apartamento, fui para a porta do quarto, meu pau quase pulando fora das costuras. Fui para dentro do quarto, tropeçando por todo o caminho até alcançar a cama.

Vazia. Nossa. Eu precisava dela. Agora. Esperei demais, enquanto sofria com as provocações dela e aqueles joguinhos de foder com a mente que as mulheres gostavam para enrolar os caras.

Seu cheiro carregava o ar, enquanto eu cambaleava para o banheiro. O mundo se inclinou no seu eixo por um momento, e agarrei a soleira da porta para me manter estável.

"Lucy!" Eu me encolhi com o eco da palavra ressoando no meu crânio, e dei risada quando o nome me lembrou de um programa de tevê antigo que Maria gostava de assistir. "Venha! Para a cama!"

Todas as palavras soavam boas na minha cabeça, mas de alguma forma minha boca se movia depois da minha cabeça.

Mas que merda?

Um ataque de adrenalina entrou nas minhas veias, e pensamentos do seu corpo nu dançando passou pela minha cabeça, me insultando. Eu precisava de um único toque dela. Uma foda rápida para tirá-la da minha cabeça, daí eu ficaria bem. Nunca mais iria tocá-la. Nunca mais sonharia com as suas costas molhadas de suor arqueando contra mim, com cada impulso dela.

Meu deus, eu estava enlouquecendo por causa de uma mulher.

Onde ela está?

Com muita concentração, fui até a cozinha e, ao acha-la tão vazia quanto todos os outros cômodos do apartamento, eu me debati atropeladamente de volta para o quarto. “Mia Luce!”

Meu cérebro deu uma volta exagerada, indo para a cama girando e depois para as paredes se movendo, e caí de costas, o colchão confortável me pegando. Rolando para cima do meu estômago o cheiro confortável de lilases foi direto para o meu cérebro, acalmando meus músculos. Preenchendo minha mente com pensamentos sobre noites de verão, a janela aberta e os movimentos lentos do seu corpo se inclinando para mim enquanto seus gritos atingiam minha cabeça. Eu queria me perder nesses sons.

Minha vida era uma tempestade turbulenta, e ela se sentou no meio dela, calma, me fazendo esquecer do caos que destruía tudo ao meu redor. Eu precisava dessa calma, precisava ter essa calma, mesmo que só por uma noite.

Enfiando minha cabeça no travesseiro dela, inspirei profundamente e um rosnado baixo de possessividade retumbou no meu peito e deslizei para a escuridão.

Capítulo 32

Lucy

Pode me chamar de julgadora, mas nada arrepia tanto o corpo perfeitamente hidratado de uma mulher que andar em transporte público à noite. O homem sentado do outro lado do ônibus, vestindo farrapos, com seus ossos aparecendo pela sua pele escura e rachada, parecia que não tinha comido uma refeição há dias, eu me encolhi quando ele me fodeu com os olhos enquanto lambia seus lábios.

Durante o dia, teria mostrado meu dedo do meio para ele, mas alguma coisa sobre a noite adicionava uma vulnerabilidade para a minha camada protetora já em ruínas. A minha pele começou a formigar, quando ele colocou sua mão entre as pernas e se contorceu no assento.

No momento que o ônibus parou voei do meu lugar, temendo os dois quarteirões que teria que andar até o apartamento do Craig. Ele não morava em um bairro horrível igual ao da Jolana, porque era mais perto do centro, mas isso não impedia os marginais de saírem de suas tocas para se alimentarem de alguma mulher confiante com seus últimos cinco dólares. Eu nem tinha um celular, ou um molho de chaves para segurar entre os dedos, enquanto descia do ônibus, com o homem sentado do outro lado vindo atrás de mim.

Aumentei o ritmo o máximo que podia com as botas enormes do Jase, as quais faziam barulho ao bater no pavimento igual um cavalo, e enfiei as mãos nos bolsos, consciente de todas as casas em ruínas que eu passava, pela minha visão periférica. Sabia como

dar um soco, mas o pensamento de ter que me defender era exaustivo, e os nós no meu estômago me diziam que provavelmente o cara magrelo do ônibus poderia me derrubar. Onde um lutador de verdade teria uma explosão de adrenalina, eu me descobri extremamente cansada.

O barulho de suas botas batendo atrás de mim, chegaram mais perto. “Moça!” Ele me chamou “Ei, Moça!”

Os músculos da minha barriga ficaram tensos, e uma onda de calor indomável tomou as minhas bochechas. Como sobrevivi a uma invasão ao meu apartamento? Um sequestro, dois homens me atacando no quarto, e enchendo ele de buracos de balas, e ainda ser caçada por um filho da puta raquítico?

Parei o meu passo e me virei antes que ele me alcançasse. “Ei” disse, abordando-o em um momento de pura loucura. “Tenho uma pergunta para você.”

Ele congelou no lugar, sem dizer uma palavra, marchei para frente até que estava a poucos metros dele.

Encolhendo os ombros, enfiei as mãos nos bolsos do casaco. “Eu, hum... vi você me olhando no ônibus.”

Uma risada alta e divertida parou com um aceno de sua cabeça, e aquela língua molhou seus lábios de novo. “Sim, eu estava—”

“Eu, hum... nunca fiz isso antes, mas... sabe, fui diagnosticada com um tipo forte e resistente de HIV. Os médicos me deram uma semana no máximo. Estou procurando por, você sabe, um último *urra*, e só... eu não sei. Quer ficar comigo?”

“Uau.” Ele jogou suas mãos para cima, dando um passo para trás. “Eu só queria perguntar se você tinha um trocado para um café.”

“Café? São quase dez horas da noite.”

“Dormindo na rua, sabe, fica realmente frio.”

“Como diabos você pagou pelo ônibus?”

Ele jogou um polegar por cima do ombro, como se o ônibus ainda estivesse atrás dele. “Sam me deixa andar de graça, se eu não mexer com os outros passageiros. Não estava tentando mexer com você. Só queria saber se você não tinha nenhum trocado sobrando, só isso.”

Um café. Droga. Eu procurei no meu bolso e tirei os cinco, tudo o que ainda tinha depois que peguei um saco de chips e uma água de um posto de gasolina mais cedo, e entreguei a ele.

Ele levantou o dinheiro e deu um aceno de cabeça, suas palmas das mãos juntas como se eu tivesse respondido uma oração. “Você quer companhia, se estiver subindo mais algumas quadras.” Balançando sua cabeça, ele largou o dinheiro dentro da massa de farrapos que eram as suas roupas. “Essas ruas não são lugar para uma garota sozinha estar rodando de noite.”

Minha mandíbula ainda estava sem forças enquanto processava o que estava fazendo. “Obrigada. Vou... vou parar e ver um amigo.”

“Deus te abençoe. E cuide dessa sua doença, huh? Continue rezando.”

“Vou fazer isso.” Soltando uma respiração curta, eu me virei e fui em direção a casa do Craig, com menos cinco dólares no meu nome.

***

Eu bati na porta, contando cinco segundos de intervalo, alternei para tocar a campainha. Quando a porta finalmente foi aberta, caminhei para dentro empurrando Craig, indo em direção a sala, e desacelerei.

“Sei o que você vai falar, e acredite em mim, eu me sinto mal, então antes que me leve em uma viagem para a Cidade da Culpa, me escute. Não vou sair da porra da sua casa hoje à noite, e não estava com o meu celular comigo nas últimas semanas, por isso qualquer que seja a queixa emperrada na sua garganta, apenas a engula, porque estou tento uma noite realmente de merda.” Respirei profundamente. “Tudo bem, pode falar.”

Sua boca abriu e fechou sem fazer um som, quando ele enfiou as mãos nos bolsos do seu roupão, ele disse. “Não tenho nada para falar.”

Olhei para o seu roupão de tecido felpudo e pantufas de lã. “Bela roupa. Você decidiu virar heterossexual e fugir com uma manada de senhoritas coelhas cobertas de couro?”

“Você veio por causa dos anúncios que espalhei, ou o que?”

Dei uma risada baixa e cai de costas no seu sofá, aliviada por estar de volta para terras familiares.

“Enquanto estamos no tópico de mudanças de vida, onde caralho você esteve nessas últimas semanas?”

Acenei para ele. “Craig, se eu te contasse você não acreditaria em mim.” Passei as mãos pelos cabelos. “Posso dormir aqui? Só por alguns dias. Eu prometo que não vou... te incomodar, ou sei lá.”

Um sorriso se esticou no seu rosto. “Acho que a frase que você está procurando, Webster, é zoar o meu estilo.”

Acenei para ele de novo. “Você sabe o que quis dizer. Nunca te perguntei... você teve notícias do seu amigo policial?”

“Sim. Deixei algumas mensagens no seu voicemail.”

“Não estava com meu celular. Lembra?”

“Não encontraram o corpo.”

No meu estado de quase exaustão, estive acordada por toda aquela noite louca, suas palavras quase não foram registradas. “Espera... o que?” Não acharam o corpo? “Como não acharam o corpo? Era... bem, não tinha como não achar. Você falou para ele que era no porão, né?”

“Porão? Sim. Contei para ele tudo o que você me contou. Tudo o que acharam foi um vaporizador com drogas dentro.” Ele franziu o cenho. “Cheguei a pensar se... era seu? Você está agindo meio...” seu dedo indicador rodou em volta de sua orelha.

“Não, não era meu.” Eu disse, desanimada. “E não estou louca. Sei o que vi, Craig. Tenho a porra de um vídeo.”

“Pois é, isso poderia ter ajudado. Talvez você deveria envia-lo?”

“Eu não posso.” Minha amada câmera estava no carro do Jase. “Além do mais, como iria enviar um vídeo anonimamente? Eu estava invadindo, caso você não se lembre.”

“Há uma linha para denúncias anônimas, sabe. Ou você poderia mandar o cartão SD pelo correio.”

Neguei com a cabeça, meu corpo fraco, eu nem conseguia processar as opções que ele acabou de me dar. “Você vai me deixar ficar, ou o que?”

“Claro. Pode ficar o tempo que precisar.”

O que não seria nada longo, se pudesse evitar. Não sabia se tinha alguém me seguindo, e não poderia colocar o meu único amigo são em perigo. “Obrigada”, eu sorri dobrando as pernas. “Poderia me levar ao meu apartamento amanhã por acaso? Acabei de dar meus últimos cinco dólares para um cara que ameacei contaminar com HIV.”

A expressão no seu rosto vacilou entre confusão e repulsão. “É... é por isso que você esteve—?”

“Não.”

“Nesse caso, sim. Eu levo você.”

“Obrigada, Craig. Você é o melhor.” Eu me aconcheguei no meu casaco, onde o cheiro de Jase grudou no tecido e me ninou e deixou relaxada. Calor me engoliu, quando Craig colocou uma manta azul e roxa em cima do meu corpo. E foi para o quarto. “A propósito.” Disse bocejando, “Se tiver fitas da polícia na minha casa amanhã, ignore, ok?”

Ele lentamente voltou para perto de mim, as sobrancelhas ainda juntas. “Você está fumando crack? Eu não estou julgando, é só que... tudo faria muito sentido, se estivesse usando.”

“Não. Mas se você tiver um pouco, eu aceito.”

Capítulo 33

Detetive Matt Burke

Detetive Burke agachou ao lado do corpo, que estava deitado na piscina de sangue que se infiltrou no carpete marrom e opaco no quarto do motel Lone Pinel. A garganta da vítima tinha sido cortada, julgando pela forma que suas mãos endureceram na rigidez pós-morte, segurando o pescoço, ele foi largado para sangrar até morrer.

O médico legista estava sentado perto de Burke, examinando o outro corpo que aparentemente foi baleado várias vezes. Forences recolhiam evidências, enquanto o fotógrafo batia fotos, dançando atrás do investigador como se fosse uma mosca, e ele não queria nada além de esmagar a mosca.

Movendo-se e se afastando da equipe, Burke atravessou o quarto indo em direção a uma mulher acima do peso, que estava parada fumando do outro lado do limite que eles colocaram do lado de fora do quarto de motel. Ela devia ter uns cinquenta anos, pela quantidade de pés de galinha e seu cabelo loiro tingido demais.

“Você disse que esses dois alegaram ser policiais procurando por uma menina desaparecida?” Ele perguntou.

Seu corpo estremeceu, as cinzas do cigarro caindo no chão. “Sim. Disseram que estavam procurando por uma garota jovem que tinha sumido. Eles a descreveram, e eu estava certa que essa era a menina que vi entrando e saindo desse quarto.”

“Entrando e saindo.”

“Bem, ela estava com um homem.”

“E você tem algum nome?”

Ela balançou sua cabeça, negando. “Pagou em dinheiro. Nós alugamos os quartos por hora aqui. Não perguntamos nomes, a não ser que paguem em cartão.”

“Brilhante. Então, você pode descrever o homem que estava com ela?”

“Bem, sim. Ele era... um cara jovem. Alto. Rosto muito bonito.” Ela gesticulou para o próprio rosto, fazendo com que os lábios de Burke se afinassem em uma linha. “Cara grande. Devia ser um lutador.”

“Um lutador.” Ele repetiu. “E esses homens, o que fez você pensar que eram policias? Eles tinham um distintivo? Alguma identificação?”

“Bem...” ela balançou a cabeça, acenando uma mão no ar. “Olha, eu tenho uma filha. Quando ouço que uma menina está com problemas, eu ajo primeiro e depois pergunto.”

Burke olhou para a situação sangrenta do quarto de motel. “E mesmo assim, nós não sabemos das condições da garota no momento.”

A mão da mulher foi para o seu quadril. “Você está dizendo que é minha culpa?”

“Claro que não. A menina, você pode me dar uma descrição breve dela?”

Ela encolheu os ombros. “Bonita, eu acho. Um pouco pequena demais para ele.”

“Pequena para quem?”

“Ué, para o homem.” Ela tomou uma longa tragada e soltou a fumaça pelo canto de seus lábios secos. “Com a aparência muito delicada para um cara como aquele.”

“Certo. Então, meio que bonita e pequena.” Ele rabiscou seus comentários, de uma forma zombeteira. “Cor do cabelo, o tipo de corpo?”

“Tipo de corpo comum. Cabelo escuro. Eu não dei uma boa olhada. Disseram que estavam procurando por uma menina jovem, com mais ou menos vinte anos, com cabelo longo e escuro. Ela era a única assim que vi por aqui.”

Olhando através das anotações que fez mais cedo, e aquelas que ele fez com os comentários dos policiais que foram os primeiros a chegar na cena, coçou seu queixo. “Você disse que era um pouco depois da meia-noite, correto?”

“Sim. Eu não vi o carro estacionado na frente como sempre. Achei que ele não estava. Achei que o quarto estava vazio.”

“Que tipo de carro era?”

Suas bochechas incharam com ar, e seus olhos estavam grandes. “Bem, era preto. Carro antigo. Não sei dizer o modelo, mas com certeza era bonito.”

Perfeito. Nenhum nome. Nenhuma câmera. Nada. O único motel na cidade que operava com um sistema da Idade Média. “Tudo bem. Obrigado.” Burke teria que esperar que os forences dessem um pouco mais de informação.

Quando ele estava parado rabiscando suas notas, uma mão agarrou seu ombro, e ele olhou para cima e viu Anderson balançando a cabeça para o estacionamento, sinalizando para que o seguisse.

Já do outro lado do estacionamento, os dois investigadores se uniram embaixo do beiral dos quartos adjacentes.

Tirando um cigarro do bolso, Anderson olhou para Burke e depois acendeu seu cigarro, inalando duas tragadas rápidas. “Nós precisamos manter isso debaixo dos panos.” Sua voz estava mais grossa por causa do trago, que ele soprou para o lado. “Se isso

chegar nos noticiários, esse cara vai se esconder, e nós não vamos encontra-los."

"Pelo que vi, isso parece autodefesa. Dois homens alegando serem policiais invadindo o quarto deles. Balas foram disparadas. Os dois pareciam estar armados."

"Então, por que não ficaram por aqui? Chamou os policias eles mesmo? Foi o quarto do lado que nos chamou, dizendo que tinham ouvido gritos e tiros."

Ignorando as perguntas, Burke balançou a cabeça. "Você não pode evitar que as notícias sejam relatadas, Anderson."

"Não, mas podemos manter fora dos noticiários. Vou ter uma conversa com aquela testemunha. E dizer que queremos deixar isso baixo e fazer com que o cara apareça na superfície por conta própria. Se espalharem a merda do jeito que está, teremos a porra dos pretendentes a Liga da Justiça admitindo o crime."

Burke puxou suas mangas para cima e bateu no seu pulso. "Você percebeu que os dois corpos têm a mesma tatuagem? Pode ser um tipo de gangue, ou um culto. Pode ser a nova logo da Seven Mile Crew, ou alguma merda do tipo."

"Outra razão para mantermos isso baixo. Se for alguma coisa de gangue, poderemos nos meter em uma guerra secreta que esteja acontecendo." Ele jogou seu cigarro no chão, esmagando-o contra a grama. "A coisa mais importante agora, é achar aquela garota."

Capítulo 34

Jase

Um cheiro rico e fumacento invadiu meu nariz e acertou o céu da minha boca. Apertando os olhos fechados, enterrei o rosto no travesseiro, bloqueando a luz que estava batendo nas minhas pálpebras, e me espreguicei, minha mão batendo no outro lado da cama, vazio.

Merda.

Levantando a cabeça, coloquei a decepcionante realidade em foco, e fechando os olhos, cai no meu travesseiro de novo.

"Procurando alguém?"

Em um segundo, alcancei a Glock na cabeceira da cama, carreguei a arma, e apontei na direção de onde veio a voz.

Roman estava sentado fumando seu charuto em uma cadeira na frente da cama, pernas cruzadas, e casualmente ergueu suas mãos no ar. "Calma aí."

"Que porra você está fazendo aqui?"

"Você achou que depois de te dar duzentos e cinquenta mil dólares, não iria te checar em algum momento?"

Abaixei a arma, irritando-me com a invasão, e sentei ereto na cama, esfregando a minha têmpora dolorida por causa da ressaca. "Como você me achou?"

"Nada passa despercebido por mim." Roman provavelmente tinha conexões com os Bonjanskis. "Você fez algum progresso sobre a identidade de Pasák?"

Passei a mão pela minha cabeça de baixo para cima repetidamente. “Eu tenho alguém em mente.”

“Quem?”

“Seu nome é Viktor. É dono do Sphinx.”

“Sim, sei quem é. Será que alguém tão esperto quanto Pasák teria uma aparência tão beligerante? Viktor falha incrivelmente em esconder que é um membro dos negócios obscuros da cidade.”

“Já te ocorreu que talvez o Pasák não seja assim tão inteligente?” Erguendo as pernas, descansei os cotovelos nos meus joelhos. “Você dá crédito para esse cara porque ele é misterioso e ardiloso, e pode estar debaixo do seu nariz.”

“Talvez.” Ele soltou a fumaça do charuto, expelindo uma fina fumaça no ar. “Você estava procurando por alguém quando acordou?”

Eu limpei a garganta, esfregando uma mão no rosto enquanto tentava ignorar a dor do remorso que agitou o meu estômago por tê-la expulsado. “Não.”

“Sério. Porque podia jurar que ouvi você chamar por uma Lucia. Ou melhor, *mia* Luce.”

“Você provavelmente ouviu muita coisa que não devia, se tem o hábito de se esgueirar no quarto de outras pessoas, enquanto dormem.”

A sua mandíbula se deslocou. “Quem é ela para você?”

“Não é mais uma distração, se é com isso que está preocupado.”

“Por que?”

“Eu a expulsei.”

“Isso é permanente?”

“Ela não vai voltar. Confie em mim.”

Os dedos de uma das suas mãos se curvaram formando um punho. “E se eu te contasse que o homem que você está perseguindo está atrás dela?”

“Eu diria que não é problema meu. Dei uma chance para ela, e foi embora.” De qualquer forma, estarei indo atrás dela, já que cheguei a compreensão de que não gostava de ficar sem ela. Mas não precisava contar isso para ele.

“E então, a esse ponto, você não faz nem ideia de onde ela poderia estar?”

“Nenhuma ideia.”

Se tivesse que adivinhar, teria ido visitar sua amiga, ou o seu apartamento. De qualquer forma, não precisava que Roman fosse atrás dela. Ela já tinha muitos idiotas na sua cola, incluindo eu, depois que terminasse de falar com Roman. A mulher me tinha pelas bolas, especialmente com a sua ausência, e se alguma coisa acontecesse com ela, eu acabaria fazendo uma estupidez muito grande.

Era só uma questão de segurança, só isso.

“Então, talvez, seja mera coincidência que duas semanas atrás, minha filha desapareceu do seu apartamento no centro da cidade. O mesmo lugar que você pediu para Foster fazer uma limpeza.”

Meu sangue gelou. Tipo, virou gelo. Eu segurei minha respiração e soltei o ar. “Você tem uma filha?”

“Sim, senhor Hawkins. Eu tenho uma filha muito inteligente e esperta.”

“E o seu nome é Lucia.”

“Lucia Novaková. Antigamente Lucia Reznicková.” Ele exalou a fumaça do seu charuto de novo, mantendo seus olhos em mim.

“Não são muitos que sabem da nossa conexão. Aqueles que sabem carregam o fardo de ter certeza de que ninguém mais saiba, ou sofrerão uma morte extremamente agonizante.”

“Ela sabe sobre você?”

“Ela não me vê há treze anos, mas tenho assistido ela.”

“É? Então, você estava lá, se escondendo nas árvores, quando ela quase foi estuprada na mata atrás da escola?”

Seu maxilar tensionou, e ele virou sua cabeça. “Você conheceu a minha filha há um bom tempo, então?”

“Sim. E ela nunca mencionou você.”

“Apenas por causa da infeliz natureza de quem sou e do que faço. Mas estou te contando agora, se algo acontecer com ela, vou atrás de *você.*” Ele se levantou e endireitou a calça. “Não sou um homem que você gostaria de irritar, senhor Hawkins. Sugiro que você a encontre, e tenha certeza que ela continue segura.”

“Você acha que ela estará segura comigo?”

“Claro. Você não acha que sou um homem tolo. Não esqueça de entregar o pacote semana que vem.” O pacote que ele me deu na mansão. Ele acenou com a cabeça e saiu do quarto. Alguns segundos depois, a porta clicou atrás dele.

O que tinha de tão importante dentro daquele pacote? Eu estava tentado a rasgar um canto dele e abri-lo, mas não fiz isso.

Mais uma coisa, que porra acontecia com aquela mulher? A menina da minha infância, que acabou se transformando em um pé no saco me seguindo e a filha do homem que tinha poder sobre mim.

A merda ficava cada vez mais estranha. Daqui a pouco ela seria a encarnação da Marilyn Monrou e prima do Jimmy Hoffa.

Quem quer que ela fosse, tinha que encontrá-la.

Mas primeiro tinha que consertar as coisas.

Capítulo 35

Lucy

Com as mãos nos quadris, estava no meio do meu apartamento. Tudo parecia intocado, o que era estranho, considerando que a porta estava destrancada o tempo todo. A sala que estava toda desorganizada agora estava arrumada, papéis empilhados organizadamente. A luminária que tinha sido derrubada e quebrada havia desaparecido, não havia pequenos pedaços de cerâmica para ficar preso no meu calcanhar, pelo que pude ver.

Não havia mais nenhum vestígio da confusão que houve na noite que Peepshow entrou em minha casa. Na verdade, não vi um único grão de poeira sobre o piso, o que significava que alguém tinha varrido. Varreram meu apartamento. Eu mesma não varro o meu apartamento.

Quem teria limpado? Jase?

Ridículo. Eu vivi com o homem por duas semanas, e, embora ele não fosse o que classificaria como um *porco*, certamente não sairia do seu caminho para vestir um avental e bancar a Molly Maid[15].

Eu esperava ter que explicar as manchas de sangue e a mobília quebrada para Craig, e em vez disso, parecia que eu *tinha* me afastado há duas semanas — o que me levou a me perguntar se estive em uma daquelas férias mentais como Arnold no *Total Recall*. Faria sentido. Jase *foi* uma espécie de fantasia por um

[15]Molly Maid: é uma empresa multinacional que se dedica exclusivamente de uma forma profissional a Limpezas Domésticas e de Pequenos Escritórios.

tempo, e, verdade seja dita, eu provavelmente precisava de alguma emoção na minha vida.

"Guardando isto para um dia chuvoso?" Craig segurou um dos meus fios dentais entre o polegar e o indicador.

"Craig, não vasculho através da sua gaveta de cuecas. Poderia, por favor, não mexer na minha de calcinhas?"

Ele deixou cair, e o tecido escorregou para a cômoda. "Isso estava do lado de fora. Deixar esse tipo de coisa por aí, é como um convite explicito."

"Explicito? O que, como se as meninas que usam fio dental são vagabundas, ou algo assim?" Coloco as mãos nos quadris. "Porque você deve saber que não tenho relações sexuais em mais de um mês."

Um travesti em um vestido de baile, não poderia ter girado o cabelo tão rápido como ele fez. "É mesmo? Sério, o que diabos tem feito nas últimas duas semanas?"

Balancei a cabeça e suspirei. "Nem eu mesma sei o que venho fazendo nos últimos *três anos.*"

Ele pegou o crânio que estava na mesa de cabeceira entre ele e minha cama. "O que é isso?"

"Hendrix."

Seus olhos deslizaram de volta para o crânio, e ele perguntou: "Para que serve o Hendrix?"

"Eu... falo com ele, às vezes, quando estou estressada."

"Você conversa com um crânio?"

Cruzando os braços sobre o peito, abaixo a cabeça. "Assim como Hamlet."

"E é um fato amplamente aceito que Hamlet era insano."

"E seu ponto é?"

Ele deu um breve aceno de cabeça e colocou o crânio de volta sobre a mesa. "Nada."

Afundei na cadeira atrás de mim, olhei para o meu espaço patético, que apesar do meu esforço ainda não podia pagar. Eu teria que encontrar outro lugar para viver e trabalhar, e começar de novo, mas poderia voltar a estar sozinha e trabalhar em um emprego que nunca pagava o suficiente. Poderia pegar de onde havia parado na minha pequena bolha, que flutuava sobre todas as pessoas que pareciam ter a sua merda sob controle. Inferno, talvez eu vá para a classe alta na segunda vez, e trabalhe para um clube de strip-tease nos subúrbios.

Outra coisa, eu nem sabia se esses homens ainda estavam me seguindo, ou se tinham desistido, e não me sentia segura em qualquer lugar da cidade, ou com Craig. Cada segundo que passava eu sentia como se estivesse lutando contra o meu destino.

O que diabos eu estava fazendo comigo? "Acho que preciso fazer tudo de novo."

"Uh-oh. Eu detecto uma crise de meia idade chegando?" Craig se sentou ao meu lado.

"Aos vinte e três?"

Ele deu de ombros e se inclinou em seus cotovelos. "Acho que isso pode acontecer. Você é madura para a sua idade."

"Craig... você fantasia em ter mais homens ou mulheres?"

"Uau, essa conversa mudou de repente em dois segundos." Seus olhos piscaram enquanto ele parecia contemplar a questão. "Acho que caras. Embora eu afirme isso, certo? Sou um amigo cavalheiro, não o ameaçador tonto que não é capaz de saber que você não teve relações sexuais em um mês. A propósito, vai me pedir para fazer sexo?"

Fiz uma careta. "Uh... não. Só estou tentando estabelecer uma base aqui. Então, digamos que há um cara que você realmente o acha sexy. E você vem fantasiando sobre ele por um tempo."

"Como Liam Hemsworth?"

"Liam? Não o Chris? Quero dizer, Chris é tudo, você sabe, *Thor*."

"Sim, mas Liam é bom com um arco, e bem, você sabe, se o mundo realmente não for à merda, algum dia, escolho o caçador sobre o martelo mágico."

"Certo, então de qualquer maneira, vamos dizer que você descobriu que o cara que você fantasia é... tipo aqueles caras sombrios e perigosos, com lábios muito sexy e um corpo muito quente. E você passa algumas semanas com ele, e é a maior emoção que você teve... bem, em toda a sua vida, na verdade. E quero dizer, louco e repugnante às vezes, mas... não sei. Apenas *diferente*."

"Esse é o cara que você supostamente não teve sexo?"

"Eu não tive sexo com ele. E nós estamos falando apenas hipoteticamente aqui. O que você faria?" Movimento minha mão mostrando o apartamento. "Volta para isso? Ou volta para ele?"

Ele coçou o queixo, e franziu os lábios enquanto soprou uma respiração pelo nariz. "Bem, se nós estivéssemos falando de Liam, eu provavelmente não o teria deixado. Hipoteticamente falando, é claro."

Eu inflo minhas bochechas e solto um suspiro exasperado. "Sim. Isso é o que eu pensava."

"A vida é curta. Cometa loucuras."

Sorrio para isso. "Acho que vou ter isso impresso em uma camiseta."

Ele bateu na minha coxa. "Você quer ir comer? Vamos às cinco."

"Sim, dê-me alguns minutos para embalar algumas coisas, ok?"

Com um aceno de cabeça, ele levantou do sofá. "Vou ajudá-la a embalar algumas roupas íntimas."

****

Puxando a mochila sobre o ombro, encontrei o Craig na sala de estar, onde estava acariciando Hendrix.

"Você vai levar ele?" Perguntou.

Com um sorriso, balancei a cabeça e coloquei o crânio na mesinha. "Não preciso de você tirando sarro de mim e do meu sentimento."

"Bem, então, vamos indo, mulher! Estou morrendo de fome, e o almoço especial só vai até às cinco."

"Oh, meu Deus, você soa como minha mãe antes de morrer." Congelei no lugar, percebendo que esqueci a foto da minha mãe enfiada na gaveta ao lado da minha cama. "Mais uma coisa."

Com seu gemido, acenei para ele ir. "Vá. Preciso de um minuto, de qualquer maneira. Vou encontrá-lo lá embaixo no carro."

Arrastando os pés, ele caminhou até a porta e entrou no corredor. No clique da porta, corri de volta para o meu quarto. Da gaveta, peguei uma foto da minha mãe e eu, de quando terminei o ensino médio. Era a minha foto favorita dela — os olhos dela estavam tão brilhantes, apesar de ter perdido o Paul. Talvez era um momento de quando seu orgulho ofuscou sua dor.

Nunca odiei a minha mãe. Como poderia? Ela nunca me abandonou — nem mesmo quando as coisas ficaram muito ruins para nós. Provavelmente é melhor que ela não esteja viva para ver que eu me tornei uma decepção.

Coloquei a foto na mochila e peguei uma foto mais antiga de Milena e eu, de quando tinha uns 13 anos de idade. Lena tinha acabado de completar dezesseis anos. Pelo que reuni, seu pai e meu pai biológico eram bons amigos, e minha mãe se preocupava que sermos amigas estimularia muitas perguntas que não poderiam ser respondidas. Ao contrário da paranoia da minha mãe, Lena me ajudou a superar o abandono. Como se fosse um anjo enviado para cuidar de mim.

Um movimento da maçaneta da porta chamou minha atenção e endureci os músculos. Meu quarto ficava em frente à porta da frente, e foquei os olhos sobre o ligeiro movimento da maçaneta de bronze.

Craig?

Olhei para fora da janela ao lado da cama, para onde o carro de Craig estava estacionado no meio-fio, o cotovelo apoiado à espreita para fora da janela do carro.

Por instinto, joguei minha mochila debaixo da cama e deslizei para baixo da cama, que era apenas o suficiente para acomodar meu corpo, em seguida, empurrei-me de volta para as sombras, em direção à parede.

Um homem loiro entrou no meu apartamento, talvez trinta, e o flash em seu quadril chamou minha atenção para o distintivo pendurado no cinto. Atrás dele, outro loiro encorpado o seguia, fechando a porta, e imediatamente reconheci a cicatriz em seu rosto.

Conall.

Oh, Deus.

Minha boca secou, e descansei meu queixo contra a parte de trás das mãos para firmar meus dentes batendo, enquanto os homens atravessavam meu apartamento.

"Estou surpreso que este lugar ainda não foi esvaziado, com a porta destrancada." O homem com o distintivo colocou as mãos nos quadris. Ele tinha o olhar aborrecido fazendo a varredura, ele poderia ter me visto escondida debaixo da cama, de onde eu podia ver tudo dele.

"Deveria ter pensado melhor do que ter confiado nesses malditos ignorantes." A voz rouca de Conall me dava arrepios pela coluna, como uma faca rasgando meus nervos. "Se eu soubesse que a cadela estúpida era quem estávamos procurando, eu tinha lidado com ela naquela noite no clube."

"Como você lidou com a stripper que *nós* tivemos que limpar o seu rabo? Foda-se."

As botas pesadas militares de Conall parou ao lado da minha cama. Meus batimentos cardíacos dispararam, e empurrei o meu cabelo sobre o rosto, esperando que ele iria me esconder. De todos os bastardos loucos que já encontrei, ele sempre me assustou mais.

"Vamos! Estou faminto!"

Com a voz familiar, virei a cabeça em direção à porta.

Náuseas borbulhavam em meu estômago ao ver Craig de pé na porta aberta.

Oh meu Deus, Oh meu Deus, Oh meu Deus. Por que você não ficou onde estava?

Tanto o policial corrupto e Conall se viraram para ele, e minha mente confusa trabalhou sobre o que fazer.

"Quem diabos é você?" Perguntou o policial.

Com as costas de ambos os psicopatas diante de mim, eu avancei, permitindo que a minha mão rompesse a segurança de onde tinha me escondido, e acenei para chamar a atenção de Craig. O rastreamento sutil de seus olhos em relação a mim me deu cerca de três segundos para espanta-lo embora antes que mergulhasse de volta para as sombras.

"Oh... porra!" Craig soltou uma gargalhada. "Este não é o 306?" Seus olhos se arregalaram, e ele levantou seus óculos, olhando para o número na minha porta que claramente *não era* o 306. Seu desempenho poderia ter lhe rendido o *Prêmio Academia de Merda*, e se os homens de pé diante dele não o atacasse, os deuses da mentira certamente o faria. "Erro meu. Apartamento errado."

Ele saiu e fechou a porta atrás dele.

Sugando uma respiração instável, deixei o alívio flutuar em mim, até que o estalo do pescoço de Conall teve meus músculos se contraindo e minha respiração rasa.

"Ela não está aqui. Vamos dar o fora daqui." O policial abriu a porta, olhando para o corredor, onde Craig deve ter desaparecido. "As pessoas neste lugar são estúpidas, e essa merda é contagiosa."

O nariz de Conall ergueu no ar, e ele respirou fundo. "A cadela estava aqui. Posso sentir o cheiro dela."

O policial deixou escapar uma gargalhada, sua mão ainda na maçaneta. "O que você é, um cão de caça?"

"Posso farejar uma buceta suja do outro lado da sala. E quando eu a encontrar, vou transformar aquela prostituta devoradora de pau em meu próprio *dolcet*[16] pessoal."

[16] Dolcett era supostamente um artista canadense misterioso nascido em Toronto, que na década de 1970 e 1980 criou uma coleção de histórias ilustradas de extremos temas sadomasoquistas. Os métodos de tortura e execução utilizada por Dolcett geralmente enforcamento lento, empalamento e anal ou vaginal eletrocussão.

Oh, Jesus Cristo. Eu tive que colocar a mão na boca, para não vomitar as imagens que apareceram dentro da minha cabeça. Meus nervos sacudiram e os meus músculos tremeram com o pensamento de alguma vez estar à mercê de um bastardo psico assim.

"Você é um merda doente. Eu sabia que era um bastardo louco, mas não sabia que você *era* a porra de um doente."

A mandíbula de Conall se moveu e seus lábios curvaram em um pequeno sorriso. "Nunca coloquei as mãos sobre ela... vai desejar que eu me apresse e a mate."

Os dois homens saíram do apartamento, e soltei um suspiro em um chiado. Descansando a cabeça contra o chão, fechei os olhos forçando-os e exalei lentamente para acalmar o batimento frenético do meu coração.

Eu não poderia ser submetida a esse homem. Não poderia colocar Craig em risco, também. Não quando tinham acabado de ver seu rosto.

Eu queria chorar, mas apenas um pensamento girava em minha cabeça no meio das imagens de ser corrompida e *fodida* por Conall: Eu precisava encontrar um lugar seguro para ficar, e deixei o único lugar que me senti um pouco segura.

Capítulo 36

Lucy

Pareceu uma eternidade, enquanto espreitava para fora da janela, observando quando Conall e o policial entravam em seus carros e iam embora sob a penumbra que se estabeleceu sobre a cidade. Logo já seria noite.

"Que diabos foi isso?"

Ao som da voz de Craig, eu me virei e me arrastei até a beirada da cama. "Lembra-se da menina morta? Matadouro? Eles são aqueles que me procuram." Passei a mão trêmula pelo meu cabelo. "Preciso sair daqui. Este lugar me dá a porra arrepios agora."

"Meu Deus do céu. Você não estava brincando sobre o policial." Com as mãos na cintura, ele acenou sua cabeça em direção ao corredor atrás dele. "Vamos, vou levá-la de volta para a minha casa."

Sugando meu lábio superior, contemplei meus próximos movimentos, mas balancei a cabeça. Eu não tinha nada, nenhum plano, nenhuma ideia de onde ir, ou o que faria, mas não podia arriscar a colocar a vida de Craig em perigo. "Não. Eu vou... vou encontrar um lugar para ficar."

"Não seja ridícula. Você é minha melhor amiga. Vai ficar comigo, quer queira, quer não."

Puxando a alça da minha mochila no meu ombro, soltei um suspiro. "Craig, você realmente é meu melhor amigo. É por isso que não vou puxá-lo para o meio disto. Vou encontrar um lugar por esta noite. Amanhã..." Mordi o interior do meu lábio quando a

única opção que eu tinha congelado era o único plano que fazia sentido. "Vou dar o fora de Detroit."

"Como... completamente fora de Michigan?"

Brincando com a alça da minha mochila, dei de ombros. "Até onde eu precisar ir para me sentir segura novamente."

Ele passou a mão pela testa e deu um leve aceno de cabeça. Em poucos passos rápidos, ele atravessou o apartamento e jogou os braços em volta de mim. "Prometa que vai me ligar se precisar de alguma coisa."

Eu não sabia por que sua pergunta trouxe lágrimas aos meus olhos. "Eu sempre ligo, não é?"

"Envie-me o vídeo. Vou mudar as informações e passá-las para você." Seus braços apertaram em volta de mim. "Tudo vai ficar bem."

***

Um tremor se moveu através do meu corpo, enquanto esperava no ponto de ônibus, na mesma rua do meu apartamento. A escuridão ficou mais espessa na última hora, roubando a luz, e logo os desordeiros estariam fora, bagunçando as merdas. Eu tinha dinheiro suficiente para um par de noites de estadia em um motel barato, se precisasse, ou o suficiente para alguns dias de passeios de ônibus, caso eu acabasse tendo uma crise de meia idade na próxima hora.

Puxei o capuz do casaco de Jase por cima da cabeça. Por que o abandonei, nem eu mesma sabia.

Jase. Eu poderia voltar para ele? O pensamento passou pela minha cabeça muitas vezes ao longo do dia.

E se ele se recusasse a me deixar entrar? Ou gritasse comigo para sair?

Jesus, e se ele tivesse uma mulher ficando com ele já?

Odiei que o pensamento dele transando com uma garota me dava um pouco de ciúmes.

Muito ciumenta.

Com o enfoque dos faróis, virei o rosto do tráfego em sentido contrário, minhas entranhas ainda agitadas com o pensamento de que Conall e seu bando de malucos poderiam estar fora me caçando. Quando o carro parou no meio-fio, o meu coração arrancou até a minha garganta.

O rugido do motor chamou minha atenção — um ronco muito mais profundo do que os carros mais novos. Atrevi-me a olhar para o lado e meu pulso sobressaltou quando Jase inclinou-se sobre o banco do passageiro.

Os músculos em seu braço engoliram meu foco, conforme a camisa fez sua musculatura parecer muito sexy para a raiva ainda se formando dentro de mim. "Entre."

Por mais que a visão dele me deixou tonta como o inferno, o pensamento de *cadelas estúpidas com desejos de morte* apagou qualquer possibilidade de que poderia ir me arrastando para ele. "Não."

"Entre na porra do carro, Lucy."

"Vá para o inferno, Jase."

Seu queixo mexeu apenas o suficiente para que suas covinhas das bochechas confessassem sua diversão, e ele sacudiu a cabeça. "Maldita teimosia."

"Olha, isso é doce... você aparecer aqui como um cavaleiro de algemas brilhantes, mas não preciso de você e seus joguinhos mentais confusos. Poupe seu tempo. Estou fora daqui amanhã."

"Fora de onde?"

"Daqui. Desta cidade. Longe de todos os psicopatas assustadores que parecem gostar de perseguir a minha bunda."

Ele balançou a cabeça, olhando pelo para-brisa, como se pensando em fazer exatamente isso antes de olhar de volta para mim. "Você tem cinco segundos para entrar neste maldito carro."

Franzindo a testa, deslizei a mochila sobre o ombro, preparando-me para fugir. Ainda bem que troquei as botas para o meu Nike. "Ou o que?"

Esfregando a mão no queixo, ele respirou fundo pelo nariz. "Sinto muito, ok. Não quero que você vá. Estava blefando."

Merda. Não estava esperando isso, e por um momento, fiquei estupefata, pega totalmente de surpresa pelo pedido de desculpas. A irritante buzina do ônibus quebrou meus pensamentos, que diminuiu para uma parada atrás do carro do Jase.

"Por favor. Estou pedindo *gentilmente.* Entra no carro?" Suas sobrancelhas franziram me advertindo.

O que tenho a perder? Melhor ainda, o que tinha como alternativa? Mordi meus lábios, e abri a porta do passageiro, joguei minha bolsa na parte de trás, e me sentei. "Só para que fique claro. Ainda estou chateada com você."

"Não se preocupe," disse ele, ligando o carro. "Ainda estou chateado com você, também."

Os pneus cantaram quando ele saiu.

***

Subi a escada para o apartamento, com Jase nos meus calcanhares, brincando com a alça da minha mochila quando finalmente cheguei à porta.

Quando entrei no apartamento, meu corpo congelou no lugar, e uma onda de surpresa me atingiu como um martelo de gongo. Meus olhos ardiam com as lágrimas que se aproximavam, mas pisquei para mantê-las de volta.

A mesa e cadeiras tinham sido movidas em frente à janela, uma toalha branca foi estendida sobre ela. O brilho ofuscante da vela no centro da mesa cintilava contra a parede, e dois pratos foram colocados. Ao lado da vela tinha uma caixa branca de médio porte.

Jase passou por mim para a mesa. A camiseta sem mangas e calça atlética que ele usava parecia um pouco demasiadamente casual para o ambiente que ele criou.

Acenei com a cabeça em direção à mesa. "O que é isso?"

Seu olhar foi para a mesa, em seguida, para os meus novamente. "Feliz Aniversário."

Mordendo o interior do meu lábio, aproximei-me mais, sentindo-me imatura, cheia de culpa, como uma adolescente errante que tinha desobedecido e viu-se enfrentando a ira de um pai com raiva. "Olha, sei que você é um cara, e você não entende a ligação entre as meninas e tudo isso." Em meus olhos traidores surgiram lágrimas, e as enxuguei antes que pudessem cair. "Foi uma estupidez... e... não tinha para onde ir. Não me sentia segura."

"Eu deveria ter levado você." Sua voz era calma enquanto falava, ele cruzou os braços sobre o peito, seus músculos tensionando na camisa apertada e chamando a minha atenção em direção às veias em seus braços. "Eu não deveria ter expulsado você." Ele caminhou em minha direção, afastei-me, e ele parou seus passos. "Não peço que me perdoe Lucy. Eu faço merdas. Bebo demais. E digo merda que não quero dizer quando estou com raiva."

"Como *eu* irritei você?"

Ele estendeu a mão para mim, me chamando. "Venha aqui."

Com passos relutantes, atravessei a sala até o lado da cadeira.

Sua mão escovou contra o meu ombro e meus músculos endureceram, e quando ele baixou o capuz da minha cabeça e puxou meu cabelo longe do meu pescoço, meus lábios se separaram com antecipação.

"Eu não gosto que você me deixe," ele sussurrou em meu ouvido. "Não faça isso de novo."

Droga a sua voz e aquele irritante zunido de prazer que disparava em linha reta para o meu estômago. Eu virei à cabeça para o lado sem olhar para ele. "Não me dê uma razão para sair, e eu não vou."

Um sentimento estranho me cercou quando ele puxou a cadeira para fora, permitindo-me sentar, e percebi o que era. Ninguém nunca tinha feito um estardalhaço para mim no meu aniversário em anos. Eu nunca tive um homem celebrando comigo, e me encolhi um pouco com a atenção.

Ele empurrou-me para mais perto da caixa branca e contornou a sua cadeira, em frente de mim. Levantando o que parecia ser um controle remoto na mesa ao lado dele, apertou um botão. Um suave brilho âmbar bateu no canto do meu olho, e virei em direção a ele, através da janela, meus olhos estreitando-se com as luzes do outro lado do estacionamento.

No local da construção adjacente, um guindaste de torre foi aceso pelo que devem ter sido milhares de luzes de Natal brancas acima do seu mastro e ao longo do mesmo.

"Não é nenhuma Torre Eiffel, mas é... alguma coisa." Sua risada trouxe um sorriso ao meu rosto, e pressionei meus dedos na janela fria, ainda hipnotizada pela visão. "Demorei três horas para

ter essas malditas luzes penduradas. Quase caí duas vezes. Os trabalhadores ficarão malucos quando virem isso amanhã."

"Paris." Uma risada explodiu do meu peito, e me virei, pegando seu olhar. "Ninguém nunca fez algo assim para mim."

"Ninguém nunca me fez querer fazer algo assim." A maneira como ele desviou o olhar me fez pensar em um menino tímido dentro desse grande corpo, e por um segundo, ele era o menino da minha memória.

Baixei o olhar para a caixa branca. "Posso olhar?"

A um aceno seu, abri a tampa e lambi os lábios com os quadrados de massa folhada. "Você comprou makovník[17]!"

"Encontrei uma padaria que vende. Não sei se você bebe vinho com ele, ou não. Acho que estou acrescentando minha própria versão para suas tradições de aniversário."

Colocando-o em minhas mãos em meu colo, permiti que o sorriso escapasse. "Obrigada."

"Você vai ficar?" Suas sobrancelhas franziram, como se previsse que eu não iria e preparou-se para a rejeição.

"Bem..." sorri. "Seria rude se não ficasse."

[17] Makovník é uma torta de sementes de papoila, tradicional e muito popular na Polónia, e é uma das formas dos doces da Europa Oriental, que têm aquele ingrediente como básico.

Capítulo 37

Detetive Matt Burke

Detetive Burke olhou para a foto na tela, com os dentes cerrados. O pequeno bastardo na imagem, Jase Hawkins, tinha uma impressionante semelhança com o pai, Anthony Hawkins. A perícia tinha processado as impressões digitais do tiroteio no quarto de motel, e o resultado estava olhando para ele, insultando-o ao abrir a tela.

"O que é isso?" Anderson perguntou sobre seu ombro.

"O quarto do motel que investigamos ontem. Esse é o garoto. Aquele com a garota."

"Jase Hawkins."

Até mesmo o nome deslizava pela coluna de Burke como pregos enferrujados no osso, e ele virou-se em seu assento. "Como você o conhece?"

"Cerca de um ano atrás, trabalhei no caso dele. Sua avó e irmão foram queimados dentro de casa."

"Você acha que ele fez isso?"

"Ele era o nosso único suspeito. Infelizmente, ele desapareceu. Todos os vestígios do cara... desapareceram."

Burke cruzou os braços sobre o peito. "Ele é o filho de Anthony Colombo Hawkins. Nada além de um ladrão. O cara que matou meu parceiro, Willis."

"Não brinca." Esticando o pescoço, Anderson encarou a tela. "Seguindo os passos do seu pai, pelo que vi."

Burke clicou na foto de uma criança com uma máscara de caveira, de pé em cima de um guindaste de torre com o fundo da estonteante Detroit atrás dele. "Garoto louco da porra com um desejo de morte."

"Essas crianças e suas malditas acrobacias. Quem são as merdas desses pais, você sabe?"

"Sim. Anderson. Estou dentro. Sexta-feira. Conte comigo." Burke não podia sequer olhar para Anderson. Não queria ver a reação do cara para o que ele tinha acabado de se resignar a responder.

"Vou avisá-los." Depois de uma pausa, Anderson limpou a garganta. "Você tem alguma pista sobre aquele show no matadouro?"

Balançando a cabeça, Burke virou na cadeira para encará-lo. "Não. O laboratório identificou algumas drogas, alguma merda hedônica e o e-cig [18] . Nenhuma correspondência com as impressões. Poderia ter pertencido a qualquer um."

"Não há dúvida. Provavelmente pertencia a cadela que fez a denúncia. Provavelmente tropeçou na merda. Viu as coisas e foi embora."

Burke estreitou os olhos em Anderson, cujo olhar desapareceu atrás de um copo de café. "O que faz você pensar que era uma mulher que fez a denúncia?"

Ele puxou a xícara de café um pouco antes de abaixar longe do seu rosto, e Anderson acenou com a mão descartando. "Homem. Mulher. Só estou dizendo, que fizeram a denúncia." Ele se afastou, dando tapinhas no ombro de Burke quando passou. "Vejo você amanhã."

[18] E-cig: ele é um gadget que simula um cigarro. É o famoso cigarro eletrônico, que entra e sai de moda todo ano.

"Sim," respondeu Burke, seus pensamentos rebobinando para quando Anderson se ofereceu para verificar o matadouro para ele.

Ele nunca disse uma vez a Anderson que alguém fez a denúncia, ou que foi uma mulher.

***

Algo simplesmente não estava bem para Burke, quando desceu as escadas para o porão do matadouro Thorn Apple Valley.

O fedor de carne e mofo agarrou-se ao ar, ele bateu o cascalho, a lanterna cortando a escuridão enquanto arrastava o feixe sobre a madeira podre e as paredes em ruínas. O lugar fez os cabelos na parte de trás do pescoço se arrepiarem.

Alguns tinham dito que este matadouro era assombrado, e mesmo que não acreditasse nessa merda, ele não podia negar a sensação estranha que se arrastava por sua pele enquanto se aproximava do poço do depósito através da caldeira. Fechando os olhos, Burke enviou uma oração rápida que não encontrasse nada, que as suas suspeitas sobre Detetive Anderson fossem infundadas e que ele pudesse ir para casa com a consciência limpa.

Ele inclinou a lanterna para baixo nas paredes enferrujadas do poço, pegando o reflexo da luz na água, que era baixa, cerca de sessenta centímetros abaixo dele. Ele soprou um suspiro de alívio, os ombros relaxando para a escuridão plana que retornava. Embora o diâmetro do poço fosse grande o suficiente para acomodar um corpo, ele certamente teria visto alguma coisa a essa profundidade.

Quando levantou sua lanterna, um pontinho branco chamou sua atenção, e ele retornou o feixe para a água. Ele piscou,

tentando ver além do brilho na superfície e agachou-se. Algum objeto estava logo abaixo dele.

Olhando em volta, ele avistou um pedaço podre de madeira perto da escadaria e arrastou-se, trazendo-o de volta para o buraco. Baixando o pau para a água, ele apontou o objeto ao longo do seu lado, tentando empurrá-lo contra a parede do dreno para levantá-lo para fora da água.

O objeto balançou abaixo da superfície e se virou, e um conjunto de olhos branco leitoso olhou para ele.

"Foda-se!" Deixando cair o bastão e a lanterna, Burke saltou para longe do poço, com o coração palpitando de terror em sua caixa torácica, e ele bateu com a mão no peito, como se para afastar um ataque cardíaco enquanto respirações rápidas o deixaram momentaneamente tonto. "Jesus Cristo." Todo o seu corpo tremia.

A cabeça tinha sido cortada do seu corpo. Os olhos tinham começado a desbotar na água, e sua pele tinha virado um tom azulado, esbranquiçado.

Através de respirações profundas, ele lentamente se acalmou.

Porra.

Se dissesse a Corley, ele saberia que Burke não tinha investigado ele mesmo. Que tinha contado Anderson.

Se não relatasse, a morte nunca seria noticiada, e o responsável máximo, ficaria livre.

Ele passou a mão trêmula sobre a testa, sentado na escuridão enquanto seu cérebro corria em busca de uma resposta. No caos de tentar decidir o que fazer, uma única pergunta se fixou na parte de trás de sua mente.

Por que Anderson mentiu?

Capítulo 38

Jase

Bebi uma garrafa de água, encostei-me no balcão da cozinha, estudando a curva do traseiro de Lucy enquanto ela preparava o almoço. "Como se chama isso mesmo?"

Ela olhou para mim com um sorriso. "Rezancová polievka."

"Rezancová polievka." Fiz uma patética tentativa de copiar o sotaque dela, e ela riu. "O que tem nele?"

"Frango e macarrão."

"Então, é sopa de macarrão com frango."

O corpo dela virou-se, e meu pau se agitou. A maneira como ela levantou a colher na mão, parecia algum tipo de estrela pornô doméstica na minha camiseta longa. "Estou tentando inserir um pouco de cultura em sua vida aqui."

"Sim, eu estava meio que esperando inserir um pouco de cultura em você, também," disse baixinho, mas as covinhas em suas bochechas me disseram que ela ouviu.

"Tenho uma pergunta para você," disse ela.

"Não estou surpreso. Você parece ter uma infinidade delas." Levantei minha garrafa, agitando-a no ar. "Vá em frente com a sua pergunta."

"Onde você vai — à noite? Quero dizer, sei que é em festa às vezes. Mas... *o sangue*. Não se trata de algum idiota, dando-lhe

trabalho no bar, ou psicopatas atirando no lugar. Você... *os caça*, não é?"

Movimentei meu maxilar, e eu coloquei a garrafa sobre o balcão ao meu lado. "Você está fazendo perguntas por que quer saber a resposta, ou está perguntando porque você acha que deveria?"

"Ambos?"

Um assobio a assustou, e com um suspiro, ela virou-se para a sopa, fervendo na panela. Segui atrás dela, e com a mão retirei a tampa quente da qual respingou sopa quente e o caldo borbulhante abrandou.

Com a mão ao peito, ela riu. "Puta merda, pensei que ia espirrar em todos os lugares!"

Depois de limpar a mão com a toalha, eu a joguei no balcão e fiquei em pé atrás dela, estudando o contorno do seu pescoço. Correndo um dedo pela sua nuca, afastei seu cabelo e lambi os lábios. Como se sentisse a minha intenção, ela inclinou a cabeça para o lado, permitindo-me o acesso, e enterrei meu rosto em seu cabelo, inalando seu aroma floral.

"Você cheira tão bem." Eu queria morder sua pele só para ver se tinha um gosto tão bom.

Suas costas se arquearam contra mim no momento em que meus lábios fizeram contato com a sua pele, agarrei seus ombros enquanto arrastava meus lábios até a base do seu pescoço.

Ela virou-se, circulando meu pescoço com os braços, eu me abaixei e peguei em seu traseiro, levantando-a sobre o balcão ao lado. Nossas bocas bateram juntas em um beijo violento, e ela segurou meu rosto, enquanto eu estava preso entre suas coxas e meus dedos apertando seus quadris.

Meu celular vibrou dentro do casaco, e quase ignorei essa porcaria, exceto que Lucy parou o beijo, esperando que eu

respondesse. Com um gemido, apalpei meu bolso, notando um objeto extra que estava junto com o telefone, peguei o cartão SD que Dax havia me dado no bar. O texto no telefone era de Dax, também. Apenas duas palavras.

Eu sinto muito.

Fiz uma careta, olhando para o cartão, e sem uma palavra, deixei Lucy na cozinha e voltei para o quarto, pegando a câmera do criado-mudo. Coloquei o cartão, e um arquivo de vídeo apareceu.

Não me atrevendo a respirar, pressionei *play*.

Gritos clamaram da câmera, enquanto a cena abria para um porão. Uma pequena sala com prateleiras. A pessoa filmando examinava as prateleiras, mostrando todos os tipos de engenhocas de tortura que já vi em alguns clubes de BDSM. Açoites, chicotes de nove caudas, pás, varas. Outros, também, que pareciam antigas ferramentas agrícolas, incluindo uma throw-crook[19] enferrujada.

Meu estômago revirou.

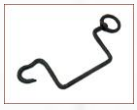
A câmera virou para uma menina nua, cujo rosto estava coberto por um saco. Seus braços e pernas haviam sido amarrados e os seios grandes saltavam com força. Sua pele clara estava coberta do que parecia ser sangue. Se era dela, ou não, não poderia dizer. Não consegui identificar nenhum ferimento.

Uma voz computadorizada falou acima do seu sofrimento. "É isso aí. Leve-a. Foda ela com força. Ela quer isso. Ela veio aqui com você por um bom tempo. Mostre-lhe como se divertir."

O saco foi lentamente puxado para trás, e cristais de gelo agarraram meu peito.

Olivia.

---

19 

A câmera dançou ao redor da garota, e observei, esperando, rezando para que meu irmão não fosse aquele a machucá-la.

A exibição ampliada a partir do ângulo da cabeça revelou um homem batendo nela brutalmente e estuprando.

Por favor, não seja Reed.

A câmera mostrou o seu corpo, dolorosamente lento, até atingir sua cabeça curvada.

"Mostre ao mundo quem fez isso com ela." A voz computadorizada falou novamente. "Mostre-nos o seu rosto."

"Sim, Pasák." Ele levantou a cabeça, e deixei a câmera, tropeçando para trás.

Bridger. Amigo do meu irmão.

"Está tudo bem, Jase?" A voz de Lucy rompeu o choque ainda forçando meu corpo.

Peguei a câmera da cama onde tinha caído e passei por ela. "Tenho que ir."

****

Eu chutei a porta da frente do apartamento de dois quartos de Dax, abrindo-a e o procurei na sala de estar, cozinha, e nos quartos. Ele estava ausente. Eu estava transpirando e com minha pulsação acelerada pela corrida.

Com as mãos em meus quadris, fiquei pensando por um momento, tentando recuperar o fôlego enquanto o pânico tomava conta de mim. *Onde diabos ele iria?*

Do quarto do Dax, uma brisa que entrou pela janela aberta teve meu estômago em nós.

O telhado.

Saí pela escada de incêndio de três e três degraus para o telhado.

Ao longe, Dax estava sentado agachado, de costas para mim. Eu poderia apenas distinguir um par de pernas saindo pelo lado esquerdo dele, não dele, mas de um corpo que estava diante dele. Imóvel.

"Dax," disse, dando passos cuidadosos para ele.

Ele não se moveu. Não respondeu. Só permaneceu agachado onde estava.

"Dax ouça. Eu vi o vídeo. Não faça nada estúpido, cara."

"Tarde demais," ele murmurou, e quando fui para o lado dele, deixei escapar uma respiração afiada.

Bridger estava deitado no chão, com o rosto espancado e ferido, esmagado, não poderia nem mesmo identificar onde seus olhos estavam. Seu nariz tinha sido arrancado do rosto. Somente o toco de sua mão, e a camiseta chamativa que ele usou na noite da festa, o identificava.

Ao lado dele, Dax sentou esfregando os dedos juntos. Sangue escorria de um ferimento invisível no braço.

"Foda-se!" Não era possível olhar para o corpo sem vida, girei para longe de Bridger. "Dax... você... ele parecia forçado no vídeo."

"Não dou a mínima. Ele a machucou. Ele a matou. Ele me disse... quando terminou, ela não estava se movendo. Não estava respirando."

Preso entre a raiva e compreensão, andei.

"Ele já te disse como perdeu a mão?" Dax perguntou.

Cheguei a uma parada, olhando para o toco que ele parecia querer esconder de mim naquela noite. "Não."

Com olhos vermelhos e irritados, Dax olhou para mim. "Reed encontrou o vídeo. E o cortou. Por tocá-la."

Reed? Mesmo quando questionei isso, minha mente rebobinou para o dia em que ele se sentou na calçada na Seven Eleven, coberto de sangue e hematomas, como se tivesse estado em um inferno de uma briga. Ele me disse naquele dia que tinha cuidado disso.

Isso era Bridger.

Eu olho para baixo no corpo pálido e machucado do meu irmão. "Quem fez isso com você?" Cortes em sua pele tinham sangue seco ao longo de fendas escuras, encravadas ao longo de seus braços e pernas, e seu olho estava inchado como uma ameixa. Parecendo tão frágil. Seu corpo magro me enojava às vezes, tão fraco e pequeno, mas não é culpa de Reed. Ele nasceu abaixo do peso e viciado em crack. O garoto come como um cavalo, mas a comida nunca consegue se manter seus ossos. "Reed! Responda-me. Quem. Fez. isso?"

"Eu não preciso de você para lutar minhas batalhas. Vá procurar outra pessoa para salvar."

Ajoelho-me ao lado do meu irmão, que fuma um cigarro, com as costas pressionadas contra a parede de tijolo. "Eu quero um nome."

"Bem, você não vai receber um nome, imbecil. Eu mesmo fiz isso comigo."

Os cortes fazem sentido. Eu fiz isso em mim por anos. Uma maneira de purgar a raiva e encontrar algum alívio. Parei de cortar anos atrás, quando finalmente fui viver com Maria e a vida voltou ao normal, em sua maior parte. "As contusões?" Meu olhar bloqueou com um hematoma em particular ao longo de seu tórax, o que não poderia ter sido infligido por Reed, a menos que ele tivesse realizado algum maldito ato acrobático.

"Entrou em uma briga."

"Com quem?"

"Não importa." Ele funga e dá outra tragada no cigarro. "Eu ganhei no final."

Pisquei com a memória, odiando-me por não ter olhado mais de perto. Por estar tão perdido na minha própria besteira que não conseguia ver como ele estava se deteriorando tão rapidamente.

"O filho da puta ficou em minha casa. Nunca disse uma palavra para mim. Nem um pedido de desculpas. Eu não tinha ideia que ele tinha feito isso com ela." Dax esfregou sua cabeça com as mãos. "Como é que uma pessoa faz isso, Jase? Como você poderia ter tanto de alguém e só continuar a tomar mais?"

Eu balancei a cabeça. "Não sei cara. Ele disse quem gravou o vídeo?"

Desenhando um círculo com o seu cigarro eletrônico, ele sacudiu a cabeça. "Não. Não disse uma palavra. Disse que preferia morrer a dedurar. Não era Viktor, porém. Isso consegui tirar dele."

Segurei meu rosto e respirei fundo. "Foda-se!" Gritei entre minhas mãos e comecei a andar novamente.

Senti como se estivesse de volta à estaca zero. Eu jurava que era Viktor atrás dos vídeos. Que ele teve algum papel no assassinato do meu irmão. Recusava-me a acreditar que não. "Viktor está por trás dessa merda. Sei que ele matou Reed."

O tremor da cabeça de Dax silenciou meu argumento. "Há algo mais, Jase." Dax virou seu rosto para mim, sua expressão ainda mais sombria, se isso fosse possível, enviando arrepios pela minha coluna. O longo corte vermelho no braço dele chamou a minha atenção para a arma deitada ao lado de Bridger, que deve ter dado um tiro de raspão. "Foi ele quem denunciou Reed. Ele deu o seu nome de pseudônimo. *Ele* é a razão pela qual que eles atacaram sua casa naquela noite."

Meus pulmões se comprimiram, e quando olhei para Bridger, as peças se juntaram.

Reed tinha encontrado o vídeo. Ele cortou fora o braço do Bridger. Bridger deve ter retaliado, denunciando-o. "Ele sabia de Pasák," murmurei. "Uma coisa que não faz sentido para mim... foi como eles sabiam que estávamos na casa da Maria naquela noite." Franzi a testa fazendo uma careta, e curvei meu lábio. "Ele disse-lhes onde nos encontrar. Ele sabia que Reed estaria lá. O filho da puta lhes disse onde encontrá-lo."

De repente desejei que tivesse sido eu a interrogá-lo. Cristo, não sei mais o que pensar.

"Por dias, tentei decidir o que fazer." Dax virou, mostrando-me o corte em seu braço. "Tentei falar com ele sobre isso, e o desgraçado me deu um tiro no braço. E eu só... estourei. Fiquei louco pra caralho."

Esfregando a mão no queixo, eu olhava para todo o sangue escorrendo para o cascalho. "Nós vamos cuidar disso, Dax. Eu conheço uma equipe. Limpadores. Eles vão cuidar disso." Um pensamento me ocorreu. "Ei, Bridger disse que o cartão de memória foi recebido naquela noite. O que ele entregou a você na festa no Hotel Savarine. Ele disse quem deu a ele?"

Dax sacudiu a cabeça, limpando as gotas de sangue escorrendo pela parte de trás de suas mãos em seu jeans. "Ele me deu essa porra de cartão de memória como se *ele quisesse* que eu visse isso. Ele pediu por isso." Depois de tomar um gole de bebida, ele fungou. "Livvie, sabe... nunca tive uma irmã antes dela. Ela era algo especial para mim." Suas sobrancelhas franziram em uma carranca, ele deixou seu olhar diretamente para o cascalho abaixo dele e engoliu em seco. "Ela foi muito maltratada antes de acabar no sistema. Ninguém nunca cuidou dela. Eu queria protegê-la."

"Reed fez, também. Acho que Livvie era a única pessoa que ele realmente se importou no mundo." Passei a mão pelo rosto e

soltei um suspiro. "Porra, Bridger. Ele era como um irmão. Ele mentiu na nossa cara, porra."

Balançando a cabeça, Dax bateu o fundo da garrafa contra o cascalho, o lábio formando uma linha apertada. "Nunca pensei que teria que ir atrás dele, mas... pelo menos agora eu sei a verdade."

Agachando-me ao lado de Dax, puxei a garrafa da sua mão e bebi o uísque, antes de entregá-la de volta para ele. "Você vai ficar bem, cara?"

Ele assentiu com a cabeça, os olhos vagos. "Sim. Acho que sim. Mas seja quem for Pasák, ele será o próximo."

Capítulo 39

Lucy

Ajustei meus seios dentro de uma blusa preta apertada e uma minissaia combinando que encontrei em minha mochila, cortesia de Craig. Talvez fosse estúpido da minha parte tentar seduzir Jase, mas porra, uma menina só podia ser rejeitada até certo ponto antes que puxasse as grandes armas.

A porta se abriu, e passei os dedos pelo meu cabelo uma última vez, antes de sair do banheiro.

Jase ficou na frente da janela. Parado. Com um olhar perdido, de costas para mim. Quando limpei minha garganta, ele se virou, seu olhar me observando de cima a baixo, mas seu rosto carregava uma expressão sombria — uma que fazia arrepios formigarem em minha pele.

"Está tudo bem?" Perguntei não tão convencida de que ele me diria, especialmente quando estava com sua sobrancelha arqueada, e suas narinas contraídas mostrando que ele estava irritado.

"Algumas merdas deixaram minha cabeça confusa. Então, eu só..."

Uma mancha vermelha, como sangue, estava em ambos os antebraços dele, sobre suas tatuagens. Parte de mim queria perguntar de onde veio, mas ele provavelmente não me diria isso, também. Eu não sabia o que mais me incomodava — que não estava chocada ao encontrar sangue nele, ou que fiquei apesar disso.

Eu caminhei até o banheiro, onde molhei um pano, e voltei para onde ele estava perto da janela. Sem dizer uma palavra, levantei o seu braço e limpei o sangue, até o carmesim engolir todos os vestígios de algodão branco do pano.

"Você quer falar sobre isso?"

"Eu não quero falar nada, Lucy." Sua voz tinha um tom de carência e dor.

Estudei o endurecimento de seus músculos através da camisa que ele usava, levantando o olhar para o rosto dele.

Seus olhos ficaram frios. Sombrios. Com fome. A intensidade neles fazia os meus membros se derreterem, e meu pulso acelerar. Como alguém poderia incitar os dois, desejo e medo? Eu era fascinada pelo homem, mas vi em primeira mão a sua violência. Ele me assustava, no entanto, me despertava ao mesmo tempo.

O que quer que fosse que estivesse o incomodando, eu queria levar para longe, tão ridículo como isso soou. Ele poderia ter matado um homem a sangue frio, pelo que o conhecia, mas algo me disse que o sangue que acabei de limpar dos seus braços pertencia a alguém que provavelmente o tinha o injustiçado de alguma forma. Queria roubar a agonia que podia ver queimando atrás de seus olhos e fazê-lo sentir-se bem.

Engoli em seco e travei o meu olhar sobre o seu peito, antes de me atrever a olhar para cima, onde o magnetismo de seus olhos me segurava em transe. "Você quer me foder?"

Ele balançou a cabeça, sua testa franzindo. "Não, não quero. Embora, eu *preciso* te foder. Preciso me machucar, e porra, você é a coisa que mais irá me machucar."

Depois de colocar a toalha na mesinha, eu o circulei até estar rente em suas costas e, passei os braços ao redor dele, arrastando um dedo abaixo de seu abdômen. Eu deslizei as mãos dentro da sua calça jeans e apertei firmemente sua ereção, sorri quando ele

exalou uma respiração irregular. "Você precisa de áspero, no entanto."

Sua cabeça virou para o lado. "Você está bem com isso? Se você não estiver —"

"Sim." Eu silenciei suas palavras e beijei seu ombro. "Você pode me fazer um favor?" Girei em torno dele, de cabeça baixa para não olhar para ele.

"Qualquer coisa. Exceto cortá-la. Não vou foder com você te cortando."

"Eu quero uma venda nos olhos." Os olhos verdes encontraram os meus quando olhei para ele, e eu estudava a apreensão em seu olhar. "E fita adesiva. E minhas mãos atadas."

"Eu disse áspero. Não estupro."

"Não é estupro. Estou pedindo que faça isso." Lancei meu olhar para o chão novamente, longe dele. "E posso tentar pará-lo. Mas não pare."

Pegando meu queixo, roçou o polegar sobre ele. "O que aconteceu com a menina assustada da floresta?"

"Ela ficou cansada do mundo, e seus medos se tornaram suas fantasias. Agora... Você irá me foder, ou vai me fazer implorar desta vez?"

Na verdade, não sei por que fiquei desse jeito. Eu gostava da combinação de medo e excitação. Um terapeuta poderia me dizer que era a razão pela qual me aventurava em prédios abandonados sozinha — se já tivesse ido a um terapeuta. Talvez fosse minha mente adulta tentando dominar a vitimização de uma jovem. Ou talvez eu apenas estivesse fodida e gostava de sexo forçado, áspero, desde que fosse consensual. Talvez os dois não estivessem relacionados, afinal.

O lado lógico do meu cérebro debatia se estava errado ser tão atraída por alguém que me levou para fora da minha casa e me

amarrou a uma cama. Um homem que tinha matado na frente dos meus olhos. Talvez o lado sombrio, o que me fez assistir a encenação de *Gang Bang* e apagar todos os vestígios depois, era necessário para confortar a minha metade lógica, convencendo-a de que fui forçada, que não tinha escolha senão ceder a ele. O fato era que fantasiei sobre o homem por um longo tempo, e nem mesmo o breve interlúdio de ser sua prisioneira *sem vontade* poderia mudar o fato de que me masturbei por muito tempo depois que ele me soltou.

Eu me tornei obcecada com sua pessoa sombria e mal-humorada, e irracionalmente atraída pela ideia de que ele poderia ser o maior e mais assustador bastardo que já conheci.

Eu o vi cortar a garganta de um homem e simplesmente limpar o sangue da sua lâmina depois. Uma mulher normal teria ido — não, *arrastaria seu traseiro*, para longe do homem, e esperaria que ele não fosse perseguir seu rabo. Eu ter ficado provou que havia loucura na sanidade, ou melhor, sanidade na loucura, e eu parecia ser atraída por ela como um ímã em um fogão quente.

Eu o queria naquela noite no clube, quando ele me fez ficar molhada sem colocar uma única mão no meu corpo. Eu o queria quando ele me amarrou à cama, observando-me contorcer enquanto dava prazer a si mesmo.

Eu queria que ele fizesse coisas para mim, que deixasse o meu lado lógico cobrindo os olhos.

Ele se aproximou de novo, tirou sua lâmina do coldre, e entregou-a para mim.

Franzindo a testa, olhei para o aço frio, pesado na minha mão, depois de volta para ele. "Não vou foder com você me cortando, também." Joguei a lâmina no chão ao meu lado. "Sem facas."

"Justo. Basta não ser suave. Não sei o que diabos fazer com suave."

"Estou chocada," disse através de um meio sorriso. "Quer dizer que você nunca fez amor com uma mulher?"

"Não sei o que diabos é fazer amor, também."

"Então, nós temos um acordo. Não vou ser gentil, e você vai me amarrar."

Ele inclinou-se, e o beijo que ele pressionou em meus lábios, foi como um sussurro dançando em toda a minha pele, recobrando todos os meus sentidos. O cheiro dele atingiu o lado primitivo do meu cérebro, um perfume de pura virilidade — completamente inebriante, delicioso e viril. Engoli a vontade de lamber sua pele.

"Serei o bastardo que você precisa que eu seja, Lucy. Qualquer que seja a escuridão que você deseja, vou dar isso a você. Mas não importa o quê, você ainda é minha luz. Você sempre foi a Mia Luce. Mesmo que não vou me permitir tê-la depois disso."

Ele deslizou as mãos sob as minhas coxas e me içou no ar como se não pesasse nada. Seu corpo sólido pressionado no meu, e calor brilhou de sua pele sob as palmas das mãos, enquanto eu massageava seus músculos, sondando os cumes duros em seu bíceps, ombros e nas costas.

Com as mãos segurando minhas coxas, ele me bateu contra a parede ao lado da janela, respirando profundamente contra o meu pescoço, como se aspirando o meu cheiro, e exalando um suspiro de calma e satisfação.

Esse foi o começo, a calma, e meu corpo ficou tenso da maneira que acontecia antes de uma tempestade. Antes do céu quebrar em trovões e relâmpagos, quando me encontrava presa entre euforia e querer me esconder debaixo das cobertas. Ele me eletrificava, deixava a minha pele formigando com a promessa de prazer e a batida de dor. Eu não queria abrigo ou segurança de sua tempestade. Queria ser envolvida e levada em um espiral fora de controle com ele.

Inclinei-me para frente, levando minha boca sobre a dele, e senti seu gemido tremer contra os meus lábios. Seus dedos cravaram em minhas coxas, enquanto sua boca me segurava em cativeiro contra a parede, e em poucos segundos, seu beijo se tornou urgente, frenético. Meus dedos rasparam contra sua pele, subindo na direção do seu couro cabeludo, onde segurei seu cabelo. Apertando minhas coxas em torno de seus quadris, cavei meu salto nas costas dele e mordi seus lábios, extasiada pelo rosnar de aprovação que rolou do seu peito.

Sua calça jeans atingiu o meu núcleo, e a protuberância me disse que ele estava à beira de rasgar o tecido. "Durante toda a semana, a única coisa que podia pensar era estar dentro de você," disse ele contra a minha boca. "Você está pronta para mim?"

"Sim."

"Vamos ver." Ele me levou para a cama e me jogou contra o colchão. "Mãos e joelhos."

"Não," atrevi-me, deslizando longe dele. Já fiz dramatização pervertida antes, mas nunca com um homem perigoso, que feria meus sentidos tão firmemente como Jase.

Suas mãos puxaram meus tornozelos, e quando ele me arrastou para a beira da cama, eu o chutei, a ponta de meus sapatos o acertando no estômago, embora dificilmente visse um estremecimento atravessar seu rosto. Agarrando meus quadris com mãos calejadas virou-me mais, e plantei minhas palmas contra a cama, a patética saia mal cobrindo minha bunda, meus saltos pretos pendurados sobre a beirada. Completamente em exibição para ele.

"Abaixe-se." Seu empurrãozinho em minha cabeça forçou-a para o colchão, antes da palma da mão deslizar pelas minhas costas. Seu polegar deslizou contra o tecido fino que fez um péssimo trabalho em esconder minha buceta. "Você está usando isso para mim?"

O tom rouco da sua voz lançou um arrepio na minha espinha. Eu precisava ouvir seus gemidos e grunhidos com aquela voz rouca, desesperadamente. Eu queria aqueles sons ecoando dentro da minha cabeça enquanto ele batia em mim. "Sim," sussurrei.

As palmas das mãos calejadas apertaram minha bunda, quando seu gemido agonizante retumbou no meu ouvido. "Por que você me provoca? Gosta de me deixar louco? Hein?" Ele machucou a minha pele com os dedos, enquanto segurava firmemente em minha bunda. "Essa sua maneira de me provocar é para me deixar tão tenso que tudo o que posso pensar é em violar você?"

Eu abri minha boca para uma resposta sarcástico, mas uma picada fria atingiu minha bunda. Meu lábio inferior enrolou na minha boca com a queimadura persistente, e um silencioso gemido escapou através dos meus dentes cerrados.

"Vou te mostrar o que acontece quando você provoca um homem como eu."

Ah, Deus. A ideia dele me punindo quase me faz gozar. "Mostre-me."

"Você gosta de perversão?" Minha cabeça foi para trás, uma dor aguda vibrou no meu couro cabeludo onde ele puxou meu cabelo. "Porque eu fodo sujo, Lucy, e vou foder com você em todos os sentidos da palavra."

"Sim." *Por favor.*

"Você vai me chupar primeiro. Dê-me o orgasmo que preciso, e vou fazer o que quiser. O que você precisar. Dor, prazer. É tudo seu."

Em sua liberação do meu cabelo, arrastei em minhas costas e deslizei sobre a beira da cama até ficar de joelhos.

Ele empurrou a calça sobre os quadris esculpidos. Deixando meu olhar seguir o V perfeito, lambi meus lábios quando sua

impressionante protuberância surgiu do jeans, observei ele se afastar em direção à janela, acariciando-se na minha frente. Provocando-me. A visão dele me deixou encharcada, contorcendo-me na calcinha fina que usava.

"Venha buscá-lo," ele ordenou.

Pelo chão, rastejei em direção a ele, hipnotizada pelos movimentos longos e preguiçosos de sobe e desce em seu eixo. Jesus, ele tinha um pau bonito — grosso, duro, orgulhoso e forte o suficiente para arar através de mim. Enrolei meus braços ao redor de suas coxas, aço duro contra as palmas das mãos, e quando apertei seus músculos, meus dedos deslizaram para baixo na carne sólida.

"Abra os lábios bonitos e me mostre o quanto você pode tomar."

Deu água na boca só de pensar em ter seu pesado pau contra minha língua, assenti. Circulando sua ponta com a minha língua, eu fechei os olhos, levando o cheiro picante do homem que permeou os meus sentidos e vibrava no fundo da minha garganta.

Eu não sei por que queria agradá-lo. Talvez fosse alguma desarrumada porcaria psicológica, ou o fato de que sua voz tinha tanta promessa, mas agarrei seu eixo e saboreei cada centímetro dele, espetando minha boca todo o caminho até o fim. Eu me alegrava com a paisagem irregular de sua pele dançando em meus lábios, e quando ele espalmou a parte de trás da minha cabeça, me guiando para cima e para baixo, eu queria devorá-lo ainda mais.

Eu gemia em torno do seu pau enquanto uma picada batia no fundo da minha cabeça, onde ele segurava firme o meu cabelo.

"Boa menina. Você gosta de me foder com sua garganta, não é, baby?"

Seu aperto relaxou, e olhei para cima, ainda o sugando, para encontrar as duas mãos plantadas em ambos os lados da janela.

Sua expressão, sobrancelhas erguidas, parecia carregar uma pitada de dor e foi quando sua necessidade me bateu.

Agarrei suas bolas e apertei.

"Foda-se!" Ele empurrou seus quadris, aumentando o ritmo, e a tensão no pescoço desenhou ramos de veias sob a pele, como se ele estivesse se esforçando para segurar. "É isso, me deixa duro para você, Luce. Eu me sinto tão bem aqui quanto na sua buceta molhada."

Suas palavras. Eu nunca fiquei excitada com conversa suja antes. A maioria dos caras simplesmente não podiam fazer isso, mas Jase é naturalmente sujo, grosso e áspero, um instrumento de sedução, acariciando o acorde exato da minha libido. Cheguei entre as minhas coxas e deslizei os dedos pelo meu clitóris, enquanto ele batia na minha garganta.

Seu pau deslizou para fora da minha boca, e ele me puxou para os meus pés e me virou até que enfrentei as janelas, os meus seios meio fora do sutiã.

Quatro andares abaixo, Woodward Avenue zumbia com carros e pessoas. "Eles vão nos ver."

"Deixe-os." Uma picada no meu couro cabeludo forçou minha cabeça para trás, quando ele puxou meu cabelo. "Se eu quiser te foder na frente da janela, você será fodida na frente da janela."

Ele pressionou a parte de trás da minha cabeça me forçando a frente, e pressionei meu rosto contra o vidro.

"Você me provocou com esta saia e saltos altos. Você não tem nenhuma ideia do que está fazendo comigo, Luce." Suas palavras causam um arrepio profundo dentro do meu íntimo. "Tem sido onze meses. Onze meses de inferno. Onze meses de precisar de algum alívio." Mãos quentes deslizaram pelos meus lados, até que ele agarrou minha cintura e pressionou sua testa na minha coluna. "Um homem não pode aguentar tanto tempo sem perder sua

maldita mente, e você me deixou caminhando sobre uma linha fina de controle por todo esse tempo." Seus dedos se enroscaram em meus lados ao mesmo tempo que sua ereção pressionava na minha bunda, moendo contra mim. "Portanto, esta noite. Hoje à noite vou ter a minha dose de você, e tirá-la da minha cabeça, e prometo a você, vou arruinar esta buceta para qualquer outro homem."

Uma onda de adrenalina bombeou através de minhas veias, enquanto a emoção amarrava meu estômago em nós. Eu ansiava pela fúria do homem, a sua punição.

"Quero te montar primeiro." Eu tentei levantar minha cabeça da janela, e quando ele me segurou no lugar, uma faísca de energia perversa arrebatou meus músculos. Chutando-o, virei para trabalhar o meu caminho para fora do seu alcance, mas ele apertou em torno de mim, me bloqueando no lugar.

Sim. Adorei a luta. Amei saber que poderia adiar e tornar difícil para ele, e ele iria resistir.

Ele facilmente me manteve na posição, apesar do meu esforço. Somente quando seus dedos deslizaram entre as minhas coxas, puxando minha calcinha para o lado e quando ele mergulhou dois no interior, fez eu parar e apreciar a sensação. Minha boca se abriu, soltei um suspiro forçado enquanto seus longos dedos se embebiam em minha umidade, curvando-se em mim em um aviso silencioso para me manter imóvel.

Com ele rente às minhas costas, entreguei-me à submissão. "Você está linda pra caralho." A palma da mão áspera agarrou meu quadril, e minha barriga queimou em antecipação. "Mas não posso esperar mais para sujar você. Você estará uma bela confusão quando tivermos acabado."

Eu queria lutar com ele. Não queria ser facilmente conquistada por ele, porque algo me disse que quanto mais eu resistisse, muito melhor seria o final. Mas se eu era a luz, então ele era a escuridão em volta de mim que me dobrava à sua vontade. Eu faria o que quisesse, para manter suas mãos no meu corpo.

Eu contorcia enquanto seu dedo bombeava para dentro de mim, e seu polegar dançava em meu clitóris. Seu corpo musculoso pressionado contra o meu, empurrando meus seios na vidraça fria, meus mamilos endurecendo em contato.

"Você está tão quente e apertada." A textura áspera de sua voz patinou ao longo da minha espinha, adicionando uma mordida crua e carnal ao calor alimentado por seus dedos. "Mal posso esperar para estar dentro de você."

Agarrando a moldura, esmagada contra a janela, choraminguei quando ele mergulhou dois de cada vez. Em seguida, um terceiro. Meu corpo ficou tenso, quente e frio do vidro. Minha respiração embaçou a vista, e um grito escapou dos meus lábios quando ele agarrou a parte de trás do meu pescoço, me prendendo, enquanto curvava-me a essas armas gloriosas de prazer. Tão profundo. Deus, tão profundo que eu queria gritar.

Seu aperto em minha nuca, e seus dedos bombeando mais rápido, deixaram minha buceta tão molhada, que escorria por minhas coxas.

Com joelhos apoiados em mim, gritei. "Oh, Deus, eu vou... estou perto..."

"Ainda não." Seu aperto afrouxou, e ele diminuiu o ritmo. "Fique aí. Quero que você apenas desfrute isso. Entendeu?"

Com meu aceno, ele tirou os dedos, e o calor se tornou um vazio frio enquanto eu ansiava senti-lo novamente.

Depois de alguns minutos voltou, sua forma intimidante perto de mim, ele puxou meus braços de onde estavam na janela, prendendo-os atrás das costas com o seu cinto de couro.

"Você me deixou tão duro agora." Seu sussurro fez cócegas em mim, e lambi os lábios em antecipação.

"Então o que você está esperando?"

Deslizando minha blusa acima dos meus seios, ele me deixou bagunçada e desgrenhada.

Mordi o lábio, enquanto ele acariciava e beliscava meu mamilo exposto.

"Não vou esperar mais, Lucy."

Capítulo 40

Jase

Com suas mãos amarradas no cinto, eu colo um pedaço de fita sobre a boca de Lucy. Não gostava da ideia de estuprar uma mulher, nunca havia estuprado ninguém em toda minha vida, mas algo sobre seu olhar indefeso me deixou duro o suficiente para saber que iria gostar.

Ao lado da janela, um espelho de corpo inteiro ocupava o espaço vazio da parede, e guiei Lucy pelo cotovelo para o centro do quarto em frente ao espelho. Deixei-a lá e atravessei a sala, fui para onde teria uma visão dela inteira. Camiseta rasgada, saia minúscula, que mal cobria sua bunda e salto alto. Mãos amarradas, e a boca coberta com fita.

Jesus Cristo, ela me daria um fetiche de refém no momento em que tudo isso acabasse.

Peguei a cadeira sem braços que estava ao lado da mesa e a coloquei na frente dela. Guiando sua perna sobre a almofada, apoiei seu calcanhar lá e empurrei a calcinha para o lado. Dei a volta em seu corpo, até ficar em suas costas e ver o reflexo no espelho em exibição, e só conseguia olhar para sua buceta nua debaixo da saia, seus olhos estavam cheios de luxúria, confessando sua excitação.

Tão gostosa. Eu queria fode-la ali, assistir meu pau deslizar até que seus joelhos não aguentassem mais.

Em vez disso, estendi a mão em seu quadril e levantei a saia, mostrando aquela buceta perfeita, deslizei os dedos em sua buceta, espalhando-a aberta. "Quer que eu foda esta buceta linda, Lucy?"

Tremendo em minhas mãos, ela assentiu com a cabeça.

Mergulhando dois dedos dentro dela, ela deslizou contra meu peito, mas agarrei sua garganta, segurando-a contra mim. "Você será tão gostosa quando eu te despedaçar. Quando acabar com você por dentro."

Um gemido bateu contra a fita, quando passei meus dentes na sua garganta, ainda a bombeando com meus dedos.

"Você quer meu pau?"

Ela assentiu com a cabeça, coloquei-a para trás para descansar sobre meus ombros, enquanto seu corpo cedia a cada movimento dos meus dedos, dentro e fora. Dentro e fora. Cada vez mais, curvei os dedos para cima, brincando com seu ponto G, mantendo-a no limite.

"Não vou colocar uma venda nos seus olhos. Quero que você assista."

Quando sua cabeça virou para o lado, agarrei sua mandíbula, dirigindo-a em direção ao espelho. "Cuidado." Ainda segurando a mandíbula com uma mão, a outra brincando com sua buceta, beijei sua garganta. "Tão molhada. Você gosta do que vê, não é?"

Com seu aceno, peguei seus dedos e os trouxe para a boca. O sabor de sua excitação na minha língua maldita quase me quebrou. "Porra, você tem o gosto tão bom como parece." Com um pequeno empurrão em seus ombros, ela baixou o pé da cadeira e caiu de joelhos, inclinando-se para frente, ela apoiou os seios dignos-de-apalpar na almofada.

"Mostre-me como você vai implorar por isso."

Ela me olhou através do espelho, olhos aflitos, gemendo através da fita em sua boca.

Atrás de suas costas, seus dedos curvaram-se sob a bainha da minúscula saia e ela levantou, revelando sua bunda firme,

arredondada e a corda fina de tecido. Ela me provocava com um rolar de quadris, a cabeça inclinando para trás com um suspiro, como se eu já estivesse dentro dela.

Porra para o inferno, queria foder aquele rabo, morder e ouvi-la gritar. Eu precisava de libertação, e ela ia me dar.

Deslizando minha mão em sua garganta, segurei seu rosto, e coloquei minha boca em sua orelha. "Preciso que você saiba que não te odeio Lucy, mas estou prestes a te foder com força. Você está pronta para mim?"

O ronronar em sua garganta me disse que ela estava.

Segurando firme em seu cabelo, chutei suas pernas, forçando-as a ficarem separadas. Rasguei o lacre com os dentes, rolei um preservativo e caí de joelhos. Deslizando a calcinha para o meio da coxa, entrei nela por trás.

Um grito de prazer murmurou através da fita — e com ele veio a minha parte favorita do caralho.

Deparei-me com uma mulher diferente com meu pau dentro dela. No caso de Lucy, costas arqueadas, aqueles belos seios salientes saltando, bunda grande, espinha curvada, corpo mole enquanto se derretia no meu. Isso era como ser atingindo por uma arma de choque e cair em completa transparência, ela mostrava seu desejo no rubor da sua pele e em seus movimentos lentos e eróticos.

Eu buscava por isso, e foi naquele momento de puro desejo que descobri que poderia comê-la por dias. Como um leão, conquistando uma leoa e vendo-a se contorcer de prazer abaixo dele. Ela me fez sentir como o rei da selva.

Empurrando-me contra ela por trás, eu a vi virar a cabeça, deixando-a de lado e gritando apesar de amordaçada.

Foda-se a fita, eu queria ouvir seus gritos. Sem quebrar o momento deslizei a mão em sua bochecha e arranquei a fita.

"Você é muito gostoso... muito bom. Porraaaa Jase!" A voz dela foi quebrada pelo bater por trás, e seu corpo virou, curvando-se com cada impulso. Suor pingava por toda sua pele e eu queria lambê-lo. Os suaves gemidos e suspiros instigava meu ritmo, até que foi abafado pelo som do bater na pele e seus grunhidos tranquilos.

Naquele momento, percebi que não estava no controle. Queria ouvir mais do que o doce som da sua voz, tanto, que faria qualquer coisa, o que fosse preciso, para ter aqueles gemidos saindo de sua boca novamente. Aquela harmonia suave, limpa, presa entre o ruído e o silêncio dentro da minha cabeça. Eu precisava de mais do mesmo.

Mais dela. Como um viciado em busca de sua droga.

Dei um tapa forte em sua bunda, meus dedos cavando em sua pele onde segurei uma vibração gutural, animalesca e selvagem que vinha do seu peito. Quando aqueles gemidos atingiram o ar novamente, lambi os lábios, querendo comê-la viva, devorar cada centímetro dela.

Seus seios saltavam e balançava, fiquei assistindo o movimento dos seus lábios entre os dentes no reflexo do espelho.

A ondulação dos seus dedos em torno da liga me disse que ela estava louca para gozar. Eu quase podia ouvi-la.

Não estrague tudo. Deixe-me gozar. Por favor.

Puxei-a para longe da cadeira, soltei o cinto e libertei seus pulsos, peguei-a nos braços e a levei para a cama. Com sua bunda moendo no colchão, rastejei até ela, mantendo seus braços presos acima da cabeça e penetrei nela. Mais profundo. Mais rápido.

"Mais forte", ela sussurrou, como um maldito sonho.

Seus saltos estavam cavando nas minhas costas, mantendo-me preso entre prazer e dor, e agarrei em sua garganta, com ondas de calor pulsando através do meu corpo.

Eu queria rasgá-la com cada impulso duro do meu pau. Tendo um melhor acesso ao seu pescoço aumentei o ritmo, dentes cerrados com o bater brutal das minhas coxas contra as dela. Com a vermelhidão do seu rosto, puxei, afrouxando a pressão, buscando aprovação em seus olhos, até que ela colocou a mão por cima da minha e apertou meus dedos contra sua garganta novamente.

O salto raspou em toda a minha espinha, e joguei a cabeça para trás, regozijando-me com a dor. "Foda-se!" Puxei o seu lábio inferior, capturando-o entre os dentes e com suas unhas encravadas no meu bíceps, cada terminação nervosa disparou, me deixando preso numa confusa batalha de dor e prazer.

Quando sua respiração estava ofegante, não passando de um clamor, dei mais um aperto. Apertando sua mandíbula, eu a mandei montar no meu pau.

Fiquei de costas, e a deixei tirar os saltos antes de me montar. Porra, ela desceu sobre mim, montando-me como uma verdadeira vaqueira de paus, cada vez mais forte. Ela montou-me como uma mulher que amava um pau e não tinha vergonha de admiti-lo. Uma mulher que viveu por suas próprias regras e não recebeu nada de ninguém. Uma mulher que queria possuir e dominar, pois é exatamente o que eu precisava na minha vida — uma mulher que não seria quebrada. Que causava dor, dando tanto quanto recebia.

Levantando-se sobre mim, ela continuou, subindo e descendo, dentro e fora, levantando a bunda e descendo novamente.

Cada vez que fez isso, minha respiração saiu forçada, deixando-me numa euforia selvagem e indomável. Minha bela Leoa. Só ela poderia aguentar um pau forte, rebolando sua bunda contra meu pau, sua buceta apertando cada centímetro, ordenhando-me para o momento final — um momento de pura determinação, porque eu queria gozar mais do que tudo naquele momento, vê-la saltando contra meu pau.

Eu queria gozar em toda aquela bunda.

Queria vê-la cair numa frenética necessidade de ser profanada.

“Deixe-me gozar, Jase. Oh, Deus, eu quero gozar!"

Foda-me, sim. Inverti as posições sobre ela. O lado sombrio da minha mente imaginando-a acorrentada a cama, à minha disposição sempre que a quisesse. Eu poderia tê-la todos os dias, porém, e ainda assim não seria o suficiente.

Talvez se encontrasse os arquivos, e matasse Pasák, eu sobreviveria, e faria exatamente isto. Iria mantê-la por uma semana, um mês, o tempo que fosse preciso para tirá-la da minha cabeça. Tinha que encontrar um lugar calmo e lhe dar o tratamento que posso ver que ela secretamente anseia. Ela agiu duramente, mas no final, só queria gozar, e não precisou de terapia sexual para ver que ela queria submissão. A fita. A corda. O espelho. Não era tanto que ela fosse vítima — isso ficou claro em sua luta — mas ela queria desistir do controle e se sentir segura ao fazê-lo.

A raspagem dos dentes dela contra minha garganta, enquanto suas unhas marcavam minhas costas, deixava meu corpo tanto quente quanto frio, fraco para continuar explorando-a, mas determinado a continuar. Com seu cabelo enrolado em meu punho, eu a fodi, suor revestindo nossos corpos. Fogo queimou dentro de mim com o orgasmo cada vez mais perto. Seus gemidos viraram suspiros agudos, cada vez mais altos e fortes.

"Não pare, não pare, não pare!"

Não há nada no inferno que me fizesse parar. Estava longe demais, perdido em seu corpo e suspiros. Ela era tudo que eu podia ver, respirar e saborear.

Estava viciado nela e caindo na escuridão de meus vícios. Uma vez não seria suficiente. Eu precisaria de mais. Já podia sentí-la dentro de mim, quando a pressão contraiu os músculos para o

momento que tanto ansiava. Eu não tinha gozado em onze malditos meses. "Goze em todo meu pau."

Cada centímetro meu, cada canto escuro da minha alma estava consumido por ela. Ela me fez esquecer quem eu era e o que tinha feito. Um sonho que parecia tão real que quase poderia estender a mão e tocá-lo.

Meus músculos estavam rígidos e tremendo, eu a fodi forte e rápido, até que seus gemidos viraram gritos, e ela jogou a cabeça para trás. Agarrei sua garganta, apertando apenas o suficiente para abrir seus lábios. Minhas bolas apertaram, um fogo se formando abaixo do meu estômago e, em seguida, fui tomado por uma sensação que aumentava cada vez mais rápido, mais perto, como uma bomba-relógio.

Foda-se, foda-se, foda-se, foda-se...

Calor disparou através do meu corpo, direto para meu pau, e entrei nela mais forte. Eu subia e descia, parecia o céu, falando uma série de maldições, enquanto o calor se espalhava por todas as partes do meu corpo. Meu estomago contraiu, os músculos tensos quando eu gozei, ainda bombeando dentro dela.

Os gritos dela ecoaram nas paredes quando ela chamou meu nome, e arqueou as costas, tremendo e suspirando.

Juntando minha boca na dela, senti as últimas gotas do meu orgasmo e continuei beijando-a profundamente, até que não restasse mais nada.

"Maldição. Isso foi incrível."

Deitei ao seu lado na cama. Meus músculos banhados de suor, relaxados pelo prazer, fazendo-me cair num calmo estado de relaxamento.

Nossas respirações frenéticas eram o único som que enchia o quarto, envolvi os braços em torno sua barriga nua e puxei-a para mim. Eu não havia tirado sua saia. Com um aperto em sua

mandíbula, virei sua cabeça apenas o suficiente para que pudesse beijar seus lábios.

"Estou me sentindo tão bem."

Ela murmurou.

O sorriso em seu rosto adicionou uma camada de satisfação, ao sentir meus músculos cansados. Eu poderia passar o dia todo na academia, que não ficaria tão esgotado como agora depois desse sexo.

O quarto parecia uma zona de guerra, os lençóis da cama úmidos, soltos das bordas do colchão, roupas espalhadas por toda parte. Devo ter derrubado a banqueta quando a levei para a cama, os pedaços de fita rasgados espalhados pelo chão.

O cheiro de seu perfume misturado com sexo me deixou desejando mais, e já não podia esperar para tê-la novamente. Ela era minha, mesmo que por um curto período de tempo, senti meu corpo tenso, preparando-se para estar com ela à noite toda, queimando de luxúria com o que tinha preparei para ela nas últimas semanas.

“Agora durma um pouco. Vou te acordar em algumas horas."

"Não se eu te acordar primeiro."

A voz dela carregava um sorriso, puxei-a mais perto, enterrando o nariz em seu cabelo fazendo-a se contorcer.

Levantando a cabeça, tentei ver algum remorso em seu rosto. Algumas mulheres ficam assim depois de foder. Sentem-se culpadas. Desejando que não se perdessem para as necessidades de seus corpos. Eu odiava aquele momento.

"O que está pensando?"

Ela se mexeu, afastando o corpo do meu, e sentando na cama. Pensei que ela só queria usar o banheiro, para fazer essa coisa de mulheres, qualquer merda que normalmente elas fazem

depois do sexo, mas quando ela pegou o travesseiro, estendi a mão, agarrando seu pulso, senti seus músculos apertarem de tensão.

"O que vai fazer?"

"Eu... Eu só ia dormir no outro quarto."

"Por quê?"

Ela deu de ombros, e manteve a cabeça inclinada quando se afastou de mim. "Olha, não faço a coisa de abraços e beijos. Só não é a minha praia. Prometo que não vou embora. Só não consigo dormir aqui depois...".

"Sim? Bem, não faço a merda de abraços e beijos também, mas estou fazendo isso com você, então traga sua bunda de volta para a cama." Puxei seu braço, trazendo-a para meu corpo, e deixando-a se contorcer contra mim.

"Jase, estou falando sério, deixe-me ir."

Apertando-a contra meu corpo, segurei-a mais forte, deslizando as pernas em suas coxas para evitar que ela ficasse chutando, até que ela se acalmou.

"Por que está fazendo isto?"

Ela perguntou.

"Por que você vai me deixar?"

"Eu não... Normalmente não fico depois do sexo." Ela deu mais um puxão, mas seu corpo estava preso a mim e rapidamente ela abandonou a luta.

"Por quê?"

"Não é nada."

"Eu quero saber".

Ela soltou um grunhido, jogando a cabeça para trás. "Olha, isso é um exagero, ok? Se você quer que eu fique, vou ficar, mas vamos esquecer as perguntas."

"Não. Diga-me."

Seu olhar era desconfiado, e ela recusou-se a me olhar nos olhos, enquanto eu a apertava mais, ela amolecia em derrota. "Porque é estranho. Os homens agem diferentes depois do sexo, e... gostei muito desta noite. Não quero me sentir uma merda pela manhã."

"Eu não farei você se sentir assim, e espero também, que você não faça isso comigo."

Ela deu um sorriso tímido, que logo desvaneceu. "Eu pareço ridícula enquanto durmo, também."

Não pude evitar franzir a testa para isto. Eu a vi dormir algumas vezes e em vários momentos me encontrei perdido em pensamentos e admirado por sua beleza, enquanto dormia. "É por isso que dorme com um lençol cobrindo o rosto?"

Quando ela concordou, um impulso irracional de raiva me percorreu. "Pensei que fizesse isso por causa de aranhas, ou algo assim. Quem te disse que era ridícula?"

"Não importa".

"Não lute contra mim. Quem te disse?"

"Por quê?"

"Porque vou matar o imbecil."

A cabeça dela inclinou para o lado e suas sobrancelhas levantaram com uma expressão incrédula. "Matar? Por que faria algo tão estúpido?"

"Por que... não admito que te façam se sentir menos do que perfeita."

A sua voz era leve e não escondeu o sorriso em seu rosto. "Não há necessidade de matar ninguém. Foi apenas um ex-namorado. O único namorado que tive, e a última vez que passei a noite com um homem."

No silêncio que se seguiu, eu quase podia ouvir seu cérebro convencendo-a a dormir na cama comigo. Enrolei minhas pernas ao longo das dela, prendendo-a contra meu corpo. “Quero você ao meu lado a noite toda”.

“Você vai ficar? Ou carregarei sua bunda de volta para esta cama, e não vai gostar das consequências disso. E não esconda o rosto debaixo de um lençol. A porra do seu ex-namorado é um louco. Você é linda quando está dormindo.”

Por um momento, ela não disse uma palavra, só ficou olhando para longe.

"Sabe, eu estava pensando... Você e eu... Não somos muito diferentes."

Eu franzi a testa.

"Como assim?"

"Nós fomos abandonados numa idade jovem. Ambos tentando sobreviver sem nenhuma segurança. Tomados pela dor e perda. Não somos opostos, Jase."

É, não éramos. Eu era couro e lâminas, e ela o perfume e o laço — tão feminina, suave, longe de ser como aquelas mulheres, as que tomei ao longo dos anos.

Enquanto contemplava suas palavras, ela me olhou e sorriu.

"Obrigada" Ela disse.

"Pelo quê?"

“Por me fazer sentir bonita. Faz um longo tempo.”

Ela virou de lado e fechou os olhos.

Naquele momento, imaginei que meu desejo por vingança não era maior que meu desejo por Lucy.

Porque ela me fez sentir vivo de novo.

****

Sentei no chão ao lado da janela, com os cotovelos apoiados em meus joelhos, enquanto assistia Lucy dormir.

Seu longo cabelo castanho caia sobre a borda do travesseiro, os lençóis entrelaçados a sua volta, onde ela estava deitada de barriga para baixo. Uma perna descoberta, mostrando o tom cor de mel de sua pele, provocando meus dedos para tocá-la.

Ela foi fodida três vezes durante a noite, a exaustão era evidente, suas respirações lentas, rítmicas do seu sono profundo. Com o rosto meio coberto com o lençol, vi o brilho suave da sua pele onde a luz da lua acertava em cheio sua bochecha.

Mia Luce.

Segura. Na minha cama.

Apenas dois dias antes, eu queria que ela fosse embora. Uma dor atingiu meu peito só de pensar em mandá-la para fora, nas ruas. Qualquer um desses bastardos poderia tê-la encontrado e a machucado, o pensamento faz minhas mãos cerrarem em punhos. Visões dela amarrada e indefesa, gritando de dor, sendo torturada, enviaram solavancos de fúria por minhas veias.

Uma dor aguda atingiu minha cabeça, com o cerrar dos dentes. Eu mataria cada um deles.

Iria sangrar cada um, rasga-los ao meio com minhas próprias mãos. Tudo por ela.

Esfregando meu rosto com as mãos, respirei fundo quando baixei a cabeça. Tenho que mantê-la segura. Ela precisa ficar, disse a mim mesmo.

Por anos, fui obcecado pelas palavras de uma mulher. Eu pintei um anjo em minha mente, ela foi tatuada em meu peito, e jurei mantê-la para mim se tivesse a chance novamente.

Se tivéssemos nos conhecido em circunstâncias diferentes.

Como poderia mantê-la sem a vontade de fazê-la minha? Seria impossível. No entanto, eu me recuso a manda-la embora. Ela me pertence. Ela é minha desde o dia em que a encontrei na floresta. Ela se tornou Mia Luce, minha linda luz.

O que você está fazendo comigo, Lucy?

Onze meses no inferno e o único gosto na minha boca durante todo esse tempo, foram de sangue e vingança. Nunca me importei com alguém ou qualquer outra coisa. Eu tinha apenas que derrubar cada um dos bastardos que mataram minha família e foram embora sem nem mesmo uma chance de pagarem. Alguém protegeu os filhos da mãe.

Ninguém protegeu minha avó e meu irmão.

Raiva fervia em meu sangue. Eu tinha que terminar o trabalho com eles. Não importa o que acontecesse no final, eu tinha que fazer o que era certo, mas senti como se fosse bater numa parede de tijolos. Eu teria jurado que Viktor era Pasák, e uma parte de mim ainda se recusava a acreditar que o bastardo era inocente.

Um flash da expressão sem vida da minha avó passou através dos meus olhos, e fiquei cego, a fúria veio com força se levantando como um velho amigo do abismo de minha alma. Eu lutei contra os pensamentos quentes de Lucy, a imagem do seu rosto cheio de luxúria em pequenos fragmentos, como um espelho quebrado.

Por que ela tinha que voltar à minha vida? Por que agora?

O mais importante, por que não consigo deixá-la ir? Por que cada parte de mim deseja essa mulher?

Capítulo 41

Jase

Eu arranho através do linóleo. Uma pontada de dor atinge meu crânio, cacos de vidro quebrado dançando pela minha cabeça. Cada respiração chega como arame farpado, puxando pela minha traqueia, rasgando meus pulmões de dentro para fora. Enquanto eu me arrasto pelo chão da cozinha da minha avó, cacos caídos das botas dos homens grudam nas feridas em meu peito.

Preciso chegar ao Reed. Ele não se move, e tenho medo que esteja morto. "Reed!" Grito, mas ele não emite nenhum som. "Reed!"

Um impulso bate para baixo minhas costas, batendo o ar para fora de mim. "Eu não penso assim, filho da puta." A voz do meu atormentador ecoa sobre o som do nome de Reed através da minha garganta. "Seu inferno está apenas começando."

Risos batem como um martelo contra a minha espinha, provocando a fúria dentro de mim.

Na minha visão periférica, eu o vejo levantar a bota, e antes que possa me proteger, ele dispara em direção ao meu rosto.

Meus olhos abrem com o espasmo que me fez acordar, mas a névoa negra permanece, conforme os olhos parados de Reed aparecem mais e mais na minha cabeça. Cada respiração chegava dura e rápida, secando minha garganta, e tossi para limpá-la.

Alguma coisa se moveu ao meu lado, e quando isso roçou meu rosto, agarrei.

"Jase? Você está bem?" A voz de Lucy me chamou sobre o riso de fantasmas na minha cabeça.

Ainda preso no sonho, concentrei-me na pele macia que estava no meu alcance, e o tom delicado em sua voz me disse que ela estava assustada e preocupada. Comigo.

Cortando a escuridão, seu belo rosto chegou em perfeita clareza, e eu abrandei minha respiração, meus músculos relaxaram, e minha pulsação desacelerou.

Ela imediatamente arrastou um dedo pelo contorno do meu rosto. "É só um pesadelo."

Fui tão rude com ela antes que seu suave toque me fez sentir como um bastardo, mesmo que a tensão no meu corpo aliviava a cada longa respiração.

"O que aconteceu com você?" Seu olhar era inevitável, apesar da minha vontade de desviar o olhar. "O que fizeram com você?"

Suspirando, deixei o meu olhar cair para o pé da cama, meus olhos estreitando enquanto recuava com a memória. "Reed e eu... nós gostávamos de ficar com minha avó na Devils Night. Tínhamos o nosso próprio lugar com Dax, mas... Nós apenas não queríamos ninguém fodendo com ela, sabe? Ela praticamente nos criou, então —"

"Você não tem que explicar. Faz sentido."

Balancei a cabeça, respirei fundo. "Então, era apenas sair, beber umas cervejas. Maria gostava de fazer algo especial, nessas noites. Sempre preocupada em fazer algo para ficarmos com ela." Sorrindo com a memória, olhei para Lucy, pegando a concentração intensa em seus olhos. Poucas pessoas na minha vida já tinham escutado tão intensamente como ela. "Ouvi um estalo do outro quarto, e quando me levantei para ver o que era quatro caras vieram pela porta da frente e me bateram de volta." Minha garganta apertou-se, quando me preparei para dizer a próxima parte da história, e flexionei os dedos, observando como os tendões

esticavam ao longo de meus antebraços. "Maria... ela foi a primeira." Fiz uma careta, engolindo o nó na minha garganta. "Eles a amarraram a uma cadeira. Disse-nos que a mataria se não falássemos. Você sabe, nós roubamos aquelas armas, então pensei que estavam vindo atrás de nós por isso. Eu disse-lhes que tinha as armas. Disse-lhes para me levar e deixá-la sozinha." Eu cocei a parte de trás da minha orelha, um esforço para me distrair da onda de dor nas sombras escuras da minha memória. "Ela costumava usar o..." em uma tentativa pobre para me explicar, gesticulei em direção ao meu pescoço. "Santos em volta do pescoço. E sempre tinha um rosário em volta do pulso." Uma risada tranquila explodiu do meu peito e terminou em uma fungada. "Eu tinha dezesseis anos quando pedi a minha primeira tatuagem. Ela me disse..." limpei o meu nariz. "Ela me disse que poderia fazer as tatuagens que eu quisesse. Mas a primeira tatuagem tinha que ser de São Cristóvão. Assim como o maldito medalhão que ela usava no pescoço. Então, tenho a maldita coisa tatuada no meu quadril, onde ninguém poderia vê-lo." Sorrio, mas fico sério quando olho para cima e pego Lucy limpando as lágrimas do rosto.

"Sempre pensei que estava a protegendo," continuei, "Mas... ela me protegeu desde o dia em que nasci." Eu lancei meu olhar longe de Lucy. "Nunca tive alguém que se importasse comigo e com meu irmão assim. Parecia que não poderíamos fazer o suficiente para pagar o que ela nos deu. Aqueles bastardos cortaram sua garganta. E quando ela não morreu imediatamente, eles atiraram na cabeça dela." Dei uma respirada trêmula, quando Lucy deu um pequeno suspiro ao meu lado. "Era a mulher mais forte que já conheci, e seu corpo parecia tão frágil quando ela bateu no chão, como se seus ossos tivessem quebrados em todo lugar."

Lucy enxugou os olhos com o lençol, com a mão descansando contra o meu coração.

"É fodido. Eu vou parar."

"Não." Seus dedos se enroscaram no meu cabelo, onde ela massageou a parte de trás do meu pescoço. "Está bem. Conte-me."

Eu mordi o interior da minha bochecha, me preparando para o pior. A morte da minha avó tinha sido dura o suficiente para assistir, mas foi Reed que me quebrou naquela noite. "Lutei com dois deles. Rebentado um dos braços do bastardo. Bati o outro para fora. Em seguida, eles foram atrás de Reed, e eu... fui baleado. Agarrei uma faca caída e esfaqueei um deles em suas costas. Isso é quando o grandalhão veio atrás de mim. Eu fiquei apagado por um tempo." Meus dedos cravaram em meu rosto enquanto coçava o queixo. "Eu, uh... acordei. E eles tinham Reed amarrado a uma cadeira. Cortaram sua camisa." Eu fiz uma careta, respirando com dificuldade pelo nariz para segurar as lágrimas que estavam na borda com a raiva à tona, apertando minha garganta. "Ele teve queimaduras por todo o peito. Eles devem ter o torturado por um bom par de horas, porque ele parecia quebrado. Foi quando puxaram as soqueiras e... alguns socos, ele se foi." Eu desviei meu olhar em direção ao final da cama—, não poderia ver as lágrimas nos olhos de Lucy. "Meu irmão... ele nunca teve uma maldita pausa. O dia em que nasceu ele foi deixado a chorar em seu berço, até que Maria se aproximou. Minha mãe nunca o segurou. Nunca disse a ele que o amava. Qualquer um de nós. Ele foi intimidado por toda a sua vida e tudo o que ele queria era ser um de nós, sabe? Se eu tivesse descoberto essa merda... talvez ele estaria bem." O fracasso me matou mais. Não podia me olhar no espelho sem ver a merda escrita no meu rosto. Falhei com ele. Eu sobrevivi, enquanto as suas cinzas haviam sido espalhadas ao vento. "Ele nasceu sozinho neste mundo, e morreu em paz."

"Ele não estava sozinho, Jase." Lucy limpou as lágrimas e segurou meu rosto, seus dedos ainda úmidos. "Você estava lá com ele."

"Eu não pude salvá-lo."

"E talvez ele pensasse que não poderia salvá-lo, tampouco." Ela descansou a cabeça contra o meu peito, esticando os braços sobre o meu corpo. "Sinto muito."

Eu a senti em todos os lugares. Em mim. Através de mim. Dentro de mim. Segurando a parte de trás do seu cabelo, inclinei

a cabeça para trás e a beijei, rolando por cima dela. "Como é que a encontrei de novo?"

Com os olhos ainda brilhantes de lágrimas, ela sorriu. "Destino."

"Eu não acredito em destino."

Ela traçou a concha da minha orelha, até a minha mandíbula. "Não precisa."

Caindo para o lado dela, puxei seu corpo contra o meu. "Eu fui para a prisão, estive no fundo do poço, e experimentei a mais amarga desolação em minha vida inteira, Lucy. Você é a única coisa boa que já aconteceu comigo. Você me faz acreditar que ainda há algo bonito no mundo."

"E você me faz acreditar que *eu sou* algo bonito, Jase."

Acariciando meu rosto em seu cabelo, beijei sua nuca. "Você *é* linda."

Ela tocou a cruz celta ao longo do meu antebraço. "Lembro-me da história que você me disse naquele dia na floresta. Soleluna. Um eclipse do sol e da lua, certo?"

"Está certo."

"Você disse que sua avó falava italiano. Sua família é toda italiana?"

"Só minha avó. Meu avô era inglês e irlandês. Aprendi a falar italiano com ela. Quando ela ficava brava com ele, saía murmurando merda em italiano." Pensamentos do meu avô iluminaram meu humor, e sorri com a lembrança do velho homem. "Sua mãe, a minha bisavó, tinha fortes raízes irlandesas, por isso, mesmo que tendo crescido em Hawkins, ele celebrava sua herança irlandesa mais do que qualquer coisa. O bastardo bebia como se sua vida dependesse disso e, eventualmente, morreu de insuficiência de licor."

"Insuficiência hepática?"

Bufei. "Sim, ele era um bom rapaz, apesar de tudo. Minha avó, era linda quando era jovem. Como a jovem Sofia Loren, e ele trabalhou duro por toda a sua vida para fazê-la feliz."

Seu rosto franziu com um sorriso. "Eu me perguntava por que você tinha todas essas tatuagens irlandesas. E quanto aos olhos? E seu peito?"

"Chega de falar de mim." Descansando meu queixo no ombro dela, senti a curva do seu corpo em mim, sua bunda empurrando contra a minha ereção. Beijei seu ombro até o pescoço, minhas mãos incapazes de ter o suficiente da sua pele lisa, o que atraía minhas mãos para suas coxas. "E seus pais?"

"Meus pais, hein?" Ela soprou uma respiração e sentou-se em silêncio por um momento. "Meu pai biológico nos abandonou quando eu tinha uns dez anos, então mal me lembro dele. Isso meio que fez a minha mãe ficar um pouco louca por um tempo. Ela começou a beber, também. Ela sempre falava mal dele, então realmente nunca soube o que pensar dele. Em seguida, ela conheceu Paul, e ele foi uma dádiva. Como um anjo caído do céu e de alguma forma nos escolheu." O afago delicado de seus dedos em toda a minha tatuagem me induziu a um estado de calma. "Ele era tão bom para mim e minha mãe. Eventualmente, eu apenas... esqueci-me do meu pai. Paul me criou até que morreu há alguns anos atrás, e depois disso a minha mãe voltou a beber e, eventualmente, teve um derrame." Ela puxou meu braço mais apertado para seu corpo, deslizando minha mão sob sua bochecha. "Foi quando larguei a faculdade. Ir às aulas, trabalhar para pagar as contas e cuidar dela era demais. Cansei-me muito rapidamente e, eventualmente, tive que abrir mão. Nunca mais voltei."

Enquanto eu tinha raiva e reclamava da minha mãe, ela sacrificou seu futuro pela dela. "Por quê?"

Com um encolher de ombros, ela levemente acariciou meu braço ainda escondido debaixo dela. "Só tive dificuldade para me

preocupar com algo depois disso. Eu me sentia muito sozinha pela primeira vez na minha vida. Perder Melena e depois a minha mãe era como se o universo desabasse sobre mim, esmagando-me em uma pequena caixa quadrada da qual não consegui sair. Minha mãe sempre foi a minha rede de segurança se as coisas dessem errado, e de repente, não a tinha mais. Fiquei assustada."

Uma longa pausa se seguiu, mas não disse nada, apenas esperei que ela continuasse.

"Não se sabe o quanto ama uma pessoa, até você ver a luz desaparecer dos seus olhos." Quando ela rolou de costas, mais lágrimas haviam se formado, e deslizei meu polegar em sua bochecha. "Como *você* lidou depois? Aonde você foi depois que eles fizeram aquilo?"

Olhei para sua mão, quando ela pegou a minha e entrelaçou os nossos dedos. "Os caras que invadiram minha casa me venderam para Tesarik, depois de eu ter confessado sobre as armas. Durante três dias, eles me torturaram. Tentaram me fazer dizer onde elas estavam escondidas."

"Você disse a eles?"

Balancei a cabeça. "Não. Eu estava pronto para morrer depois do que aconteceu, e mesmo que eles me matassem, seria a única coisa que eu levaria para o túmulo. Dax tinha escondido as armas, e eu com certeza não iria dedurar. Então, eles me jogaram nas minas de sal, e por onze meses, fui mantido lá. Forçado a perfurar a mina ao longo de doze a dezesseis horas diretas."

"Isso é horrível."

"O trabalho em si não era ruim. Eu nunca via o sol. A escuridão. Os pesadelos. Perdi minha mente lá em baixo. E aquele gosto maldito em minha boca. Nunca vou comer sal de novo." Eu rolei de novo, colocando um braço debaixo de mim.

Lucy se aconchegou ao meu lado e beijou meu peito. "Como você conseguiu sair?"

"Um dos homens de Tesarik me tirou de lá." Eu não tive coragem de dizer que foi o pai dela quem tinha pago a minha fiança. Eu não confiava em Roman, e se ele a machucasse de alguma forma, teria o trabalho de merda de matar o único pai em vida de Lucy. "Ele foi quem me disse que Pasák, um membro do Seventh Circle, era quem matou a minha família."

"Cafetão." Ela disse. "O seu nome significa cafetão."

"Sim." Eu tinha esquecido que ela falava eslovaco. "Eu o tenho rastreado durante semanas."

"O que você vai fazer quando encontrá-lo?"

Minha mandíbula tensionou com a pergunta. "Matá-lo."

"Pelo que entendi, eles são homens perigosos. Eu os vi despejar o corpo de uma mulher que tinham cortado em *pedaços*. Eles matam sem remorso, Jase."

Olhei para ela. "Se tomar o que é meu, eu também."

Capítulo 42

Detetive Matt Burke

Burke sentou na mesa da cozinha, tomando café enquanto se esforçava para não olhar para a pilha de contas atrasadas na frente dele. O Natal estava chegando, e ele sabia mais que tudo, que sua filha queria um laptop novo para levar com ela para a State ano que vem.

Um flash de olhos brancos e leitosos, olhando para cima do fundo de um poço de depósito, dançava pela sua cabeça, e Burke fechou os olhos rapidamente. Outro problema com o qual ele tinha que lidar. Ele deveria ter investigado o matadouro sozinho, porque a esse ponto, Corley com certeza estaria suspeitando de alguma coisa.

Vou falar para ele que não vi na primeira varredura. Uma desculpa tola, mas era tudo o que tinha, a não ser que decidisse desistir e deixar o corpo apodrecer no poço e não reportar nada. Se fosse a sua filha, ele ficaria louco se um policial não reportasse.

Katy bateu seu pé na cadeira do lado dele, seu café derramando do lado de sua caneca. “Ouch! Droga!” Ela lambeu as gotas que caíram na sua mão, antes de tomar sua bebida ruidosamente.

Não era a mocinha mais refinada que já conheceu, mas os outros traços de sua filha cobriam sua falta de graça. Ele levava um tapa na cara, às vezes, quando pensava em como ela era parecida com a sua mãe, com seu cabelo ruivo liso e longo e olhos profundos e azuis, e ainda era a menina mais bonita do mundo.

“Você já sorriu alguma vez na sua vida?” Ela tombou sua cabeça para o lado chamando a atenção de Burke e ele olhou para cima. “Eu juro, acho que a última vez que te vi sorrir, tinha dez anos.” Esticando-se através da mesa, ela cutucou suas bochechas, levantando-as para formar um sorriso, o qual ele se rendeu, eventualmente. “Parece que a idade avançada está amolecendo os músculos das suas bochechas.”

Ele riu e colocou as mãos em cima das delas, a pele molhada embaixo das suas palmas lembrou-o que ela tinha acabado de lambê-la. “Só você para fazer esse velhote sorrir, filha.”

O sorriso no rosto dela murchou. “Papai? Você vai ficar bem quando eu for embora ano que vem?”

Nem mesmo curvar suas sobrancelhas iria disfarçar a expressão que tomou conta do seu rosto. “Sim. Por que não ficaria?”

Ela deu de ombros e deu um gole no café, mantendo seu olhar longe dele. “Sei lá, eu me preocupo com você, às vezes. Não sei o que vou fazer sem você por perto.”

“Ter os melhores momentos da sua vida? Construir memórias inesquecíveis? Fala sério, já conversamos sobre isso.”

“Eu sei, mas... você ficará nessa casa. Sozinho.”

“O que?” Com as mãos espalmadas, Burke gesticulou para si mesmo. “Você acha que não consigo arranjar um encontro com tudo isso acontecendo?”

“Eu desejo que você consiga” ela disse dando uma risada. “Jesus, isso faria eu me sentir melhor.” Descansando seu queixo na mão, ela olhou para as contas e voltou a olhar para ele. “Pai, talvez você devesse considerar morar em um lugar menor. Tipo um apartamento, ou algo assim. Você poderia mudar para um lugar mais legal da cidade, e—”

“Katy, não vou sair da casa em que você nasceu e cresceu.” Ele balançou a cabeça. “Tenho coisas para resolver. Vou dar um jeito nisso. Talvez até consiga aquele laptop que você anda querendo.”

Seus ombros caíram, e ela deslizou suas mãos para baixo da mesa, onde ficou mexendo-as, uma coisa que ela sempre fazia quando ia contar algo que ele não queria ouvir. “Você tem sido um ótimo pai. Você sempre se esforçou tanto para me dar o melhor possível. Mas não preciso que você se esforce tanto assim por mim. Eu não preciso de um laptop chic, um carro, ou... até essa casa. *Você* é a minha casa.” Graças a Deus ela manteve seu olhar longe do dele, ou ela teria visto uma lágrima nos seus olhos. “Você morando aqui, ou em um apartamento, ou em uma caixa de papelão nas ruas, não importa, você sempre será meu lar.” Os cílios dela bateram como se estivesse tentando segurar as lágrimas, também. “Se alguma coisa acontecer com você enquanto eu estiver fora, não sei o que vou fazer. Você é tudo o que eu tenho.”

Sua mente mostrou o cenário em que ele protegia os ladrões desonestos que atirariam nele sem pensar duas vezes. Não parecia certo. É, Corley é um pé no saco, mas se algo acontecesse com ele, todos os caras da delegacia iriam providenciar para que a Katy ficasse bem, da mesma forma que fizeram com o filho do Willi.

Os homens que ele tinha se oferecido para proteger, entretanto — não dariam a mínima para ela, e na realidade, ele estava colocando-a em um risco ainda maior aceitando esse trabalho.

Ele tinha que voltar atrás. Se tinha que se ferrar e trabalhar um monte para fazer a coisa certa, então que seja. Nada era mais importante que a Katy. Nenhum dinheiro fácil compensava colocar a vida dela em risco.

Engolindo as lágrimas que coçavam para cair, Burke limpou sua garganta e acariciou o rosto da filha. “Nem em mil vidas, eu vou te merecer, filha.”

Capítulo 43

Lucy

Estou deitada na cama, enrolada ao lado de Jase, vendo as fotos da minha câmera. Ele queria ver o vídeo do corpo da mulher de novo, mas tive que olhar para longe enquanto ele assistia. Um pouco mais de um mês tinha se passado desde aquela noite, mas o som da respiração entrecortada no vídeo foi o suficiente para me mandar de volta para aquele lugar, agachada embaixo da caldeira e morrendo de medo.

"Quem é esse?" Ele perguntou, trazendo sua atenção de volta para a câmera.

"Craig. Um dos meus melhores amigos."

"Vocês já foderam?"

Uma risada, com um toque de desgosto, escapou dela. "Com certeza não. Você teria mais facilidade para leva-lo para a cama. Não que eu tenha tentado."

"E essa?"

Ele mostrou uma foto de Jolana, com seus peitos escapando do seu vestido com gola V e um cabelo preto, vestida de Elvira no Halloween.

"Jolana. Namorada de Viktor. Nós nos conhecemos no campus há uns anos atrás."

"Ela fala sobre ele? Seventh Circle?"

Balancei a cabeça “Eu não fazia ideia que ele estava envolvido até ver a tatuagem nele. Foi ele que...” *Assassinou a sua família?*

“Não. Não foi ele, eu acho.” Frustação tingia suas palavras. Ainda olhando para a foto dela, ele perguntou. “Qual a história dela?”

“Ela é estudante de medicina.”

“Não parece uma estudante de medicina para mim.”

Seu comentário arrancou uma risada da minha garganta, e olhei para ele. “O que? Você não consegue imaginá-la como uma médica gostosa, se inclinando sobre você com esses peitos enquanto pega as suas bolas e faz você tossir?”

“Droga... quando você coloca desse jeito.”

Soquei o seu braço de brincadeira, e ele colocou a câmera para baixo e afundou seu rosto no meu pescoço, provocando um arrepio na minha nuca quando ele levou suas mãos para o meio das minhas pernas.

“Você é a única que pode colocar as mãos nas minhas bolas.”

Sorrindo, dei um beijo nele.

“Por que todas as suas fotos são tiradas no chão?”

“O que você quer dizer?”

“Você tira umas fotos muito boas, mas todas estão no nível do chão. Qual é o propósito de invadir prédios abandonados se você não vai nos últimos andares? Você perdeu uma das melhores imagens da cidade.”

Uma parte de mim se eriçou com essas palavras, outra parte queria dar uma olhada nas fotos de novo para ver se era tão óbvio como ele estava fazendo parecer, encolhi os ombros, deslizando

longe dele enquanto as minhas paredes se levantavam novamente. “Só é o jeito que eu fotografo.”

Agarrando os meus ombros, ele me impediu de fugir. “Vamos lá. Vamos fazer alguma coisa louca.” Ele se arrastou para fora da cama, me dando uma bela imagem da sua bunda nua, antes de desaparecer dentro do seu jeans quando ele o encaixou nos seus quadris.

Uma coisa louca para Jase sem dúvidas significava algo totalmente diferente para mim, mas não podia dar para trás e provar que era uma menina muito medrosa para ficar com um cara igual a ele. “Tipo o que?”

Ele não respondeu, mas pegou a minha câmera, sua máscara, e as chaves que estavam na mesa do lado da janela, e jogou meu jeans e minha camiseta preta para mim.

Cheia de confusão, deslizei para dentro da calça e coloquei a blusa, recebendo seu olhar de fome quando o tecido cobriu os meus seios. Fiquei ainda mais curiosa quando ele jogou meu lenço para mim, eu o segui para fora do quarto.

“É uma surpresa”, ele disse. Sem sorrir. Sem franzir a testa. Nenhuma dica se seria uma surpresa boa ou ruim.

Mesmo assim, eu o segui, descendo as escadas e depois em direção ao carro, onde deixei ele abrir a porta do passageiro para mim. Enquanto entrava, ele deu a volta no veículo e caiu no assento do motorista.

“Isso é para tapar os meus olhos?” Ergui o lenço, virando a minha cabeça para chamar a atenção dele.

Ele não olhou na minha direção, mas aquelas covinhas o traíram. “Ou para te amarrar.”

“Você está me levando para algum lugar para me amarrar?” Derrubei o lenço no meu colo. “Tem alguma coisa de errado com a cama?”

Rindo silenciosamente, ele tirou o carro do estacionamento e virou em direção a Washington Boulevard.

O crepúsculo brilhava, dando às ruas um tom de rosa alaranjado. Nós passávamos pelos prédios rapidamente, transformando-os em borrões, até chegarmos a Woodward, passamos pelo Campus Martius Park. Ele virou na John R. e estacionou na rua ao lado do prédio mais alto da cidade— The Metropolitan. Estava abandonado há anos, mas continuava majestoso como sempre com a sua arquitetura neo-gótica, flanqueado por dois prédios, o lugar foi apelidado como o Skyscraper Graveyard[20] da cidade.

“O Metrô?”

“Você já viu lá dentro?” Ele se esticou sobre mim para alcançar o porta-luvas e tirou duas lanternas lá de dentro, me entregando uma delas.

“Não. Ainda não.”

Ele levantou seu queixo enquanto saía do carro. “Vem. O beco vai estar cheio de ratos daqui a pouco.”

“Cheio?” Engoli ruidosamente e apressei meu passo.

A escuridão chegou rapidamente, e mesmo com as barreiras de construção e barricadas, os trabalhadores já tinham ido para casa pela noite. Nós atravessamos a rua e fomos em direção à ruela entre os prédios, onde janelas quebradas davam acesso ao primeiro andar.

Levantando-me, Jase empurrou a sola dos meus calçados, até eu alcançar a janela e escalou depois de mim, com cuidado para evitar as pontas de vidro apontando para cima. Minhas botas acertaram o chão, e antes que me virasse, ele já tinha pulado o muro e começou a escalar para dentro.

[20] Cemitério de arranha-céus.

Poeira voou quando as suas botas bateram no concreto, e ele colocou seu dedo na boca.

“Você se cortou?” Eu me virei para dar uma olhada, mas ele balançou a sua cabeça.

“Só um arranhão.” Ele se inclinou para frente, me beijando antes que tivesse a chance de olhar o seu dedo. “Vamos. As escadas de incêndio estão do lado de fora”

Suas palavras ressoaram nos meus lábios, cheias de energia e excitação. Eu quase podia sentir a adrenalina que corria nas suas veias. Para falar a verdade, estava animada e com medo pra caralho, com aquilo que ele estava planejando. Com toda a informação que eu tinha do *Warhawk* e sua gangue mascarada, eles faziam merdas realmente insanas. Merdas que eu não conseguia nem assistir, porque revirava meu estômago.

Segui atrás dele, enquanto me levava para as escadas de incêndio para o segundo andar. “Por que não vamos pela escada de dentro?”

Passando por cima de detritos, madeira podre e móveis destruídos, nós paramos em uma janela. Ele abriu e escalou até a saída de incêndio, sorrindo para mim. “As escadas de fora são mais divertidas.”

Passei pela janela depois dele, parando quando ele não subiu e ficou pendurado com uma mão na escada, e me deu um aceno com a sua cabeça, me apressando para subir as escadas.

Uma olhada para cima me mostrou inúmeros lances de escada, e comecei a minha subida com um pé no degrau vacilante. Com o barulho da minha câmera, olhei por cima do meu ombro e achei a lente dela apontando para a minha bunda enquanto Jase tirava fotos embaixo de mim.

“Você está tirando fotos da minha bunda? Com a minha câmera?”

“Algum dia, você vai olhar para elas e apreciar a bunda maravilhosa que você tinha.”

“Tinha?” Continuei a minha subida. “Eu ainda vou tê-la, sabe. Dou duro por essa bunda, e tenho a intenção de continuar dando duro por ela.”

“E vou continuar me esforçando para ter um pedaço dela.” Ele me alcançou e deu uma mordida nela, a picada de dor tirando de mim um ganido, e me apressei pelos degraus que faltavam até alcançar o patamar do segundo andar.

Oito andares acima e o ar ficou mais fino. Isso ou o meu nervosismo começou a se enrolar pelo meu peito, quando olhei para a ruela escura abaixo.

Oh, Jesus, não olhe, não olhe.

“Pela janela.” Jase falou atrás de mim. “Deve estar arrombada.”

Estava, *graças a Deus*, e me empurrei para dentro, virando a tempo de pegar a câmera dele.

Ele deslizou a máscara sobre o seu rosto. “Tenho um bom ângulo para você”

Erguendo a câmera, eu apontei um segundo antes dele se pendurar na beirada da grade. Meu coração foi parar na garganta, enquanto ele balançava na ponta da escada, oito andares acima do chão.

“Jase!” Uma onda de pânico correu pelas minhas veias, e quase caí da janela tentando chegar até ele, por reflexo. Náusea borbulhou no meu estômago quando eu me forcei para olhar para baixo. “Você é louco? Porra!”

“Tire a sua foto, Sparrow.”

Com as mãos tremendo, mal conseguia controlar o meu estomago com aquela visão, escalei de volta para a janela e angulei

a minha câmera para baixo. Vômito queimando a minha garganta, e mesmo assim, tirei a foto.

Uma de suas mãos se soltou, e meu estômago estremeceu de novo, quando ele com uma única mão se pendurava nas barras de ferro do patamar.

“Chega disso. Não vou tirar mais fotos. Você é louco.” Passei pela janela, entrando no prédio.

Ele finalmente se içou para cima, escalando de volta para o patamar, até que estava em pé em segurança.

Quando ele pulou a janela atrás de mim, dei um soco no peito dele. “Você quase me deu um ataque do coração!”

“O que te assustou mais?” Sua mão passou pela minha cintura, e ele passou o rosto coberto pela máscara pelo meu pescoço, respirando com dificuldade. “Que eu caísse? Ou saber que você nunca faria isso?”

“Tenho medo de altura. Obrigada.” Eu me virei e andei para longe dele e senti um aperto no meu braço que fez com que eu me encolhesse com ele me agarrando. Por algum milagre, consegui me soltar do seu aperto de ferro e atravessei o quarto correndo, em direção às escadas.

Jase me seguiu, ainda usando a máscara, o que só acendia mais ainda o meu sangue com excitação enquanto ele me seguia escadas acima. Vencendo os andares, dei umas risadinhas, uma alegria aleatória me mantinha em movimento, e minha raiva de antes tinha desaparecido.

Alcançando o último andar, explodi pela porta e parei quando cheguei no telhado. Olhando a cidade e percebendo como ela sumia depois da escuridão daqui até o chão, dei uns passos para trás.

Jase veio na minha direção e puxou a máscara para cima da sua cabeça, a câmera apontando para mim enquanto ele tirava foto depois de foto.

Ergui a mão para tapar meu rosto, não percebendo como ele tinha se aproximado, mas ele a tirou do caminho, me forçando a ir para trás até a parede de concreto atrás de mim.

Seu dedão passou pela minha mandíbula. “Não esconda esse rosto lindo.”

“Odeio a minha cicatriz.” Instintivamente esfreguei a pele levantada na minha testa e olhei para ele, suas feições se tornaram sérias.

Colocando a câmera pendurada no seu pescoço, ele se inclinou, sua mão passando pela minha nuca, e beijou o canto do meu olho. “Nunca se envergonhe das suas cicatrizes.” Seus lábios cobriram os meus com um beijo tão delicado e doce, que ele me roubou a respiração enquanto colocava o meu rosto apoiado nas suas mãos em concha.

Ele pegou o lenço preto do bolso do meu casaco, e recuei quando ele o levou na minha direção. “Confia em mim”, ele disse, quando cobriu os meus olhos.

Meu corpo tremeu com a escuridão, e um aperto no meu pulso causou uma onda de pânico que me fez ir para trás. “Não! Eu não consigo!”

“É nisso que sua cabeça quer que você acredite, Lucy. Que você não consegue. Só tente. Como você pode apreciar a vida, se nunca andou no limite e olhou para baixo?”

Meu Deus, suas palavras estavam cheias de verdade. Eu cresci para detestar tudo sobre a minha vida. Tirando a parte de pular algumas cercas de construções abandonadas, eu nunca tinha aceitado riscos na minha vida, de verdade.

Mordendo o lábio, contemplei a alternativa— ir para casa e perder a oportunidade de ver o mundo de um ângulo diferente, através de lentes diferentes.

Estiquei a mão e permiti que ele me guiasse em frente.

Quando nós paramos, ele levantou a venda, paralisei com a visão, e soltei um suspiro.

Na beirada do prédio, as luzes da Washington Boulevard produziam um céu negro com um fundo de manchas amarelas, como se fosse uma pintura de art-deco, e à distância, o Book Tower marcava o ponto de referência, aparecendo alto e orgulhoso contra os prédios ao seu redor.

Com o Jase do meu lado, olhei por cima da cidade, cheia de energia e vida que apagava a destruição com um brilho quente.

“O que te fez se interessar por fotografia?” Ele perguntou.

“No início, era só um jeito de manter a minha mente ocupada. Então, o meu amigo Craig, o cara que comanda o Muckraker, me pediu para fotografar para um artigo que ele tinha escrito sobre o Packard Plant. Fiquei com medo, no começo, andando pelas partes escuras daquelas construções e locais realmente precários, mas ao mesmo tempo fiquei muito fascinada. Fotografar me obrigou a ver a parte bonita na destruição.” Olhei para o lado. “E você?”

“Uma vez, quando tinha sete anos de idade, minha avó me deu uma câmera de aniversário. Nada muito elaborado. Apenas uma máquina fotográfica antiga com lentes de zoom. Eu tirava fotos de tudo. Insetos, árvores. Fotografava praticamente tudo que aparecesse na minha frente.” Ele bufou uma risada, descansando os ombros no parapeito do prédio. “E então, um dia, eu estava lá fora tentando tirar uma foto de um pássaro que tinha pousado na cerca do nosso jardim. Minha mãe saiu da casa e se ajoelhou atrás de mim.” A sua mandíbula se deslocou enquanto ele olhava para frente. “Ela me mostrou alguns truques. Alguns ângulos. Um pouco depois, descobri que ela era uma fotógrafa incrível.” Ele

desencostou e ficou reto, com as mãos esticadas na sacada. “Tenho fotografado a cidade desde então.”

“Qual é o seu prédio favorito?”

“Broderick. É para onde vou quando as coisas param de fazer sentido para mim.”

“Por que o Broderick?” Eu perguntei.

“Foi dele que quase pulei.” Ele não me olhou, manteve seus olhos firmes no horizonte. “Eu estava sentado no topo do Broderick Tower com o meu irmão há uns seis anos. Nós dois estávamos bebendo, chapados pra caralho e loucos. Ele me perguntou se eu queria pular. Esquecer toda aquela merda e dar um pulo.” Seu olhar caiu para a câmera, onde ele estava brincando com a lente. “Sabe, o Reed estava passando por coisas realmente horríveis. Horríveis demais. Eu também estava, mas Reed estava... perdido. Então nós nos sentamos na beira do Tower, rindo sobre quem iria pular primeiro.” O canto da sua boca curvou em um meio sorriso. “Reed era um bastardo magro, mas eu sempre falava para ele que estava cheio de merda toda hora, ele provavelmente iria acertar o chão antes de mim. E foi quando eu estava sentado lá, olhando para a Woodward Avenue lá embaixo e todas aquelas pessoas andando por lá como se tivessem um lugar para estar, que decidi que ainda queria fazer parte daquilo.” Com o meu aceno de cabeça silencioso, ele continuou, “Broderick é um lembrete de que quase ultrapassei os limites, mas não ultrapassei. Eu mudei e ideia.” Ele desviou o olhar por um momento, como se estivesse perdido em pensamentos, antes dos seus lábios se esticarem em um sorriso e olhar para mim. “Lembrei do que você disse para mim aquele dia. Você me disse que tudo o que eu tinha que fazer era mudar de ideia, e poderia mudar o meu destino. Então eu mudei.”

Como fui tão boba para acreditar em algo tão idiota. Uma coisa que aprendi com o passar dos anos: não importa quantas vezes eu mudasse de ideia, o destino sempre ferrava comigo. Mesmo naquele momento, depois de ter acabado com a minha seca de macho, finalmente, a nuvem negra da realidade pairava sobre a

minha cabeça, me avisando que a luz da verdade iria roubar tudo aquilo a qualquer momento. Jase tinha um plano, que não me incluía, colocando uma pergunta enorme entre nós — uma que eu tinha muito medo de saber a resposta. “Você se lembrou de mim, depois de todos esses anos?”

“Eu nunca te esqueci, mia Luce.” Ele se virou e passou a mão pelo meu rosto. A sua sobrancelha se franziu mais ainda quando o seu olhar se desviou e passou a encarar a minha boca. “Estive preso em um lugar escuro por muito tempo, mas quando estou com você, eu me sinto diferente. Todo dia a minha cabeça está fodida, com um caos dentro dela. Empurrando-me constantemente. Levando-me para uma linha invisível, onde sempre me equilibro, pronto para pular se for preciso. Mas quando, estou com você, é tranquilo. É como se a linha desaparecesse e pudesse apenas aproveitar a vista por um tempo. É como se pudesse lidar com o mundo novamente, sem toda aquela raiva e violência na minha cabeça. Você é um holofote de luz atravessando a escuridão, e pela primeira vez, estou abrindo os olhos para isso.”

Deslizei os braços atrás do seu pescoço e me estiquei, beijando-o, empurrando a câmera para o lado quando as suas mãos foram para as minhas coxas e me levantaram. Eu pressionei a minha testa com a dela. “Não sei se era para eu sentir o que estou sentindo, Jase. Mas por hora, vou apenas aceitar isso.”

Colocando-me no chão, ele me rodeou para olhar o cenário lá embaixo — trinta e cinco andares abaixo, para ser mais exata. Sua mão passou pela minha bunda, enquanto ele enterrava o seu nariz no meu cabelo e sussurrava. “Lindo, não acha?”

“Sim.” Minha resposta saiu com uma respiração forçada e ele mantinha o meu corpo grudado com o seu. “De uma forma muito que-merda-eu-estou-fazendo. Sempre quis fotografar de um telhado, mas... acho que cair para a minha morte nunca foi muito atraente.”

“Bem, acho que quando você quer muito alguma coisa, não deve ter medo de cair. Algumas vezes você tem que mandar as consequências irem se foder.”

Minha calça desceu até as minhas pernas, e suas mãos fizeram seu caminho até alcançar o centro entre minhas coxas, através da minha calcinha que já estava molhada. “Quero te levar ao limite comigo.” Ele deslizou seu dedo para dentro da minha calcinha, trazendo vida ao meu corpo e me esquentando com luxúria. Subindo e descendo, o seu dedo deslizava pela minha área sensível, até ele achar o pequeno botão, e como uma descarga elétrica acertou a minha espinha, eu me arqueei para mais perto dele.

Um som de algo sendo rasgado me fez olhar por cima do meu ombro, e o vi rolando uma camisinha no seu eixo e um pouco depois, seu pau me encheu por trás, com um movimento lento e provocativo. Seus dedos longos se enrolaram na minha garganta, e ele enterrou seu rosto no meu cabelo. “Jesus, sua buceta é tão apertada. Você será minha ruína, amor.”

Sua voz profunda e grossa encheu a minha mente com mais luxúria, o meu desejo de ouvir mais dos seus sons, seus gemidos e grunhidos, fez com que eu me esfregasse contra ele devagar, e um ritmo erótico.

Empurrando a minha cabeça para trás, fechei os olhos, mordendo os lábios. “É tão bom sentir você dentro de mim, Jase.” Sussurrei.

Com a mão no meu pescoço, ele apertou, e engoli com a pressão. “Abra os seus olhos” ordenou.

“Não consigo. Estou tonta agora.”

“Eu seguro você, mia Luce. Não vou deixar você cair.”

Você já deixou. Com meus olhos ainda fechados, uma pontada de dor atravessou o meu coração com a confissão. Eu não queria imaginar, que naquele ponto, ele poderia não ser meu. Que

depois do que nós fizemos, do que nós passamos, alguém poderia chama-lo de seu.

Seus músculos ficaram rígidos, e ele me fodeu mais forte, seu corpo era uma máquina, movimentando-se em perfeita sintonia com o meu orgasmo que estava crescendo lentamente dentro de mim. Entrando e saindo de mim, ele agarrou a minha mandíbula e beijou a minha bochecha. “Goze para mim.”

Seu toque removeu a dor, e com o ápice se aproximando, segurei no parapeito e abri os olhos.

Os grunhidos profundos no meu ouvido me levaram até o orgasmo, meu corpo ficou tenso e rígido, abalado.

“Goze.” Ele sussurrou. “Grite se quiser.”

O mundo zumbia com vida logo abaixo, igual ao zumbido de êxtase que passava pelo meu corpo em pulsações de prazer. Meus olhos rolaram para trás, meus joelhos tremeram embaixo de mim, e gritei o seu nome.

Seus dedos se enterraram na minha cintura enquanto ele pressionava sua testa nas minhas costas. “Merda!” Ele soltou, chegando ao seu orgasmo. “Ah, merda!”

Arquejos acertaram a minha nuca, suas mãos deslizando para a minha frente, atravessando o meu corpo, me segurando em um abraço possessivo, e eu olhava para as ruas lá embaixo.

Naquele momento, eu me senti livre. Senti-me viva.

Senti o amor.

Capítulo 44

Jase

Olhei para baixo, para as minhas botas, onde estavam suspensas no corrimão das escadas de incêndio do apartamento, quatro andares acima do chão, enquanto Lucy dormia lá dentro. Washington Boulevard abaixo continuava envolta por sombras, mas a luz do sol tinha começado a espiar através das nuvens, aquecendo o meu rosto.

Detroit sempre foi uma cidade bonita horas antes de acordar. Ambos, minha casa e o meu túmulo. Fui esquecido na cidade como o ferro enferrujado das indústrias abandonadas. Infectado por sua própria esperança inabalável.

Moldado e formado pela sua dor e abandono, até que eu me tornei tão parte disso quanto os grafites que coloriam a destruição.

Não importava se eu saísse de Detroit. Detroit nunca sairia de mim.

Bebendo o uísque direto da garrafa, engoli um longo gole e cuspi um pouco sobre a beirada, assistindo a gota desaparecer no ar. “Sinto a sua falta, irmão.”

Meus pensamentos sobre Reed eram muito mais pacíficos do que antigamente. Por meses, a garra fria da raiva tinha estrangulado todas as minhas memórias do meu irmão, me forçando a assistir um looping infinito de seus últimos momentos. Aquele olhar desamparado no seu rosto, quando ele sabia que a morte estava se aproximando, esperando para leva-lo. O meu olhar desamparado que deveria estar o encarando, enquanto eu estava deitado, preso com uma bota em cima de mim, com os braços amarrados nas costas. Nunca quis tanto matar alguém na minha

vida. Eu nasci com uma camada violenta, graças a minha mãe, mas isso serviu para contribuir com a minha sobrevivência. Assistir o meu irmão ser morto amarrado a uma cadeira criou alguma coisa mais obscura dentro de mim. Mais sinistra do que qualquer quantidade de violência que já vi.

Eu queria vingança. Queria machucar aqueles bastardos só pela sensação. Para rir na cara deles, enquanto sangravam.

Morte. Punição. Derramamento de sangue.

Foi a única coisa que me sustentou por onze meses no inferno, tudo que me interessava.

Até a Lucy.

Toda vez que eu pensava nela, irritação corria nas minhas veias. De repente, morrer não era uma ideia tão boa. Aliás, arriscar a minha vida parecia ser uma traição.

Eu queria justiça, mas queria a Lucy, e de alguma forma, entendia que um excluía o outro, era um ou outro. Mesmo que eu vivesse e matasse Pasák, seria apenas uma questão de tempo antes dos policiais chegarem até mim. Eu seria jogado na prisão, do mesmo jeito que o meu pai, e a Lucy seria largada para recolher os pedaços, e tentar construir uma vida para si destas ruínas.

Não poderia fazer isso com ela. Não poderia assisti-la ir no mesmo caminho destrutivo que a minha mãe, e a minha obsessão com a dor e miséria impedia a minha capacidade de imaginar qualquer coisa além da vingança, não importava o quanto queria a Lucy.

Nós poderíamos fugir juntos. Dar o fora de Detroit e nunca mais olhar para trás. Nós nunca seríamos livres, entretanto. Eles nunca vão desistir de segui-la, o que significava, que eu nunca pararia de persegui-los. Um caminho sem fim de mortes.

Eu bati em uma parede de tijolos com a confissão de Bridger e acabei onde estava no início. Merda. Eu não sabia para onde ir

depois disso. Embora, fiquei feliz em saber quem tinha dedurado o Reed, eu estava tão longe de saber quem era o Pasák como quando comecei essa caçada.

Meu celular vibrou dentro do bolso, afastando os meus pensamentos, peguei-o e vi o nome de Dax brilhando na tela.

“Dax. Como você está, cara?” Atendi.

“Estou bem. Olha só, lembra aquele babaca que encheu o meu saco para provar a porcaria dele? Acabei de falar com ele. Ele está vendendo uma nova droga chamada Hedonic.”

“Não estou interessado.”

“Você estará, quando eu te contar que ele vende isso para os caras do Seventh Circle. Eles colocam essa merda em cigarros elétricos e fumam.” Sua respiração forte chegou até o meu ouvido. “O exame toxicológico apontou que a Olivia tinha essa merda no seu corpo.”

Eu me inclinei para frente, escorando os ombros nos meus joelhos, enquanto olhava para baixo para a rua que estava iluminada com os primeiros raios de luz. “Então, onde nós encontramos esse otário?”

“Ele quer que eu dê uma passada lá e experimente.”

“Quando?”

“Hoje à noite. Vou te mandar uma mensagem quando ele me der mais informações.”

Acenei com a cabeça mesmo que ele não estivesse me vendo, e subitamente meu interesse em acabar com esse pesadelo de merda se renovou. “Bom. Estou dentro.”

Capítulo 45

Lucy

Deitei-me de lado, em algum lugar à margem do sono e vigília, enquanto os dedos de Jase traçavam minhas costas em um padrão em forma de oito.

Infinito.

Rolando sobre minhas costas, eu me permiti ser puxada para ele quando seus braços me seguraram contra seu peito. "O que acontecerá depois disso?" Perguntei, delineando os cumes de seus músculos com os dedos. "Agora que já rompemos a linha de sequestrador e prisioneira?"

Ele dobrou um braço sob sua cabeça, desviando de mim um pouco. "Não vou mentir, Lucy. Quero que você fique comigo, mas não posso assistir você esquivar da morte pela esquerda e direita. Você estaria assumindo um compromisso do inferno por ficar comigo."

"Sei que você pensa que sou isso, uma pequena donzela indefesa que constantemente precisa ser salva, mas tenho tomado conta de mim durante os últimos vinte e três anos, vivi sozinha em Detroit. Acho que posso lidar com o inferno."

Ele arqueou uma sobrancelha e rolou por cima de mim. "Sabe o que faria se algo acontecesse com você?" Ao aceno de cabeça, ele beijou minha mandíbula. "Eu ficaria louco e queimaria toda esta maldita cidade até o chão." Sua voz retumbou contra a minha garganta, e sorri.

"Você não pode fazer isso. A imprensa certamente noticiaria isso errado, e você perderia a reputação de assassino em série para

alguma instável paixão incendiária." Levantei seu rosto do meu pescoço e olhei para os seus olhos. "Você é louco, sabe disso? Não valho queimar uma cidade."

"Para mim você vale." Seu olhar caiu para os meus lábios, e ele se inclinou para frente, beijando-me de uma forma que roubou meu fôlego, até que se afastou de mim, deixando um frio vazio entre nós.

Levantei da cama, segurando o lençol em meus seios. "Onde você vai?"

"Dax e eu iremos nos encontrar com um traficante que ele acha que pode ter algumas conexões com o Seventh Circle. Ele vende a mesma merda que foi encontrado em sua irmã um tempo atrás."

"Quero ir com você."

Ele balançou a cabeça. "É muito perigoso. Vamos nos encontrar em uma festa. Se der errado e —"

"Não estou segura em qualquer lugar que eu vá. Se ficar aqui, alguém poderia entrar. Tudo o que sei é que estou mais segura *com* você."

Sua testa franziu formando uma carranca, quando ele coçou o queixo e deslizou a Black Betty em seu coldre. "Bem. Mas quero que você seja discreta e não chame atenção para si."

Rastejei para fora da cama, recolhendo roupas da minha mochila, e deslizei a calcinha sobre meus quadris.

"Porra, você me faz querer dizer ao mundo para se ferrar e ficar na cama."

Sorri por cima do ombro, enquanto puxava meu jeans skinny sobre a minha bunda, em seguida, puxei uma camiseta preta com um decote em V profundo sobre a minha cabeça. Quando me virei, Jase estava me observando.

"Isso é o que você vai vestir?"

Agarrei o tecido entre os dedos. "Qualquer pessoa fica simples em jeans e camiseta."

"A menos que seja você, que faz um jeans e uma camiseta parecer como um maldito sonho molhado."

Coloquei as mãos nos quadris e balancei a cabeça. "Você prefere que eu use um saco de lixo hoje à noite?"

"Cristo, ele provavelmente iria parecer como um macacão em você."

Balancei a cabeça, puxando minhas botas. "Você tem problemas."

"Não tem nada a ver com as duas rodadas de sexo no chuveiro, agora, não é?" Na minha visão periférica, eu o vi amarrar o coldre em sua cintura e jogar um casaco por cima.

"Isso iria desgastar qualquer outro homem. Acho que você pode ter uma ligeira dependência."

"Só quando você é a droga." Ele se inclinou para frente, apertou meu queixo, e me beijou. "Vamos, vamos sair daqui antes que eu a jogue no chão."

****

Esmagada entre Dax e Jase, montei a alavanca de câmbio do carro de Jase, com uma perna ao lado de Jase, e a outra do lado de Dax. Não era confortável, especialmente quando Jase fez questão de descansar o cotovelo entre minhas pernas enquanto dirigia. Enquanto isso, Rhys esticou os braços no banco traseiro, seu grande corpo ocupando a maior parte.

"Por que estamos esmagados juntos na frente?" Perguntei, tentando manter meus braços dentro do limite estreito entre os dois homens de cada lado de mim.

Jase olhou por cima e balançou a cabeça. "O bebezão ali não gosta de compartilhar o banco de trás com Rhys."

"O filho da puta não pode manter as pernas do seu lado. Odeio quando os joelhos tocam." Dax se inclinou para mim, e respirou fundo pelo nariz. "Lide com isso, você cheira muito bem. Eu pressionaria contra você qualquer dia em vez daquele idiota."

"Cuidado." A voz de Jase carregava um aviso.

"Só estou brincando com você." Chegando às minhas costas, Dax bateu no ombro de Jase. "Bastardo Possessivo."

Eu contive um sorriso e inclinei para Jase. "Você tem uma namorada, Dax?"

"Todas as noites." Ele deu uma tragada de sua pen vape[21] e soprou a fumaça pela janela. "Gosto de um portfólio mais diversificado, sabe o que quero dizer?"

"Você é um prostituto."

"Eu me ofendi com a palavra *prostituto*."

"Oh, certo. Você é um corretor de múltiplas clientes."

A batida de um riso explodiu em seu peito, e ele subiu um polegar em direção a mim quando balançou a cabeça. "Gostei disto."

"Tem havido muitas?" Virei meu corpo para bloquear quaisquer sinais oculares que Jase poderia jogar para ele. "Um monte de diversidade em seu portfólio, quero dizer?" Perguntei em diversão, principalmente, para acalmar os nervos, quando o

[21] Pen Vape: Cigarro Eletrônico

cenário do lado de fora da janela do carro se transformava em uma parte de merda da cidade.

"Jase é... ah, foda-se, não vou mentir. Ele teve um pouco de cada vez. Mas você é a mais sexy, então se ele for esperto, vai ficar com você."

Um olhar sobre o meu ombro mostrava o rosto estoico de Jase, a sua atenção para a frente. "E se eu decidir que não quero ficar por aqui?" Um aperto na minha coxa me disse que ele não gostou da pergunta.

Dax descansou seu braço contra a janela, inclinando-se para trás com um sorriso esticado em seu rosto. "Você e eu sempre podemos nos encontrar para algum dia de negociação." Um movimento brusco nas minhas costas terminou com uma pancada, e Dax se enrolou em seu lado. "Porra," ele engasgou.

O carro parou na calçada em uma rua com casas desgastadas como se tivessem saído da guerra. Nenhum dos gramados era cuidado, cheio de ervas daninhas altas, coberto de folhas de outono, e as janelas haviam sido fechadas com tábuas, pulverizadas com sinais de gangues ou *casa de armadilha.*

A cerca ao redor da casa diretamente em frente de onde estacionamos estava meio demolida, como soldados segurando os feridos. Uma bicicleta enferrujada estava contra o concreto em ruínas que compunham a varanda da frente.

"Pronto para a festa?" Dax colocou seu pen vape entre os dentes e levantou sua bunda fora do assento, retirando a carteira do bolso de trás. Ele deslizou sua carteira de motorista para fora da bainha de plástico e colocou-o na caixa de luva. "Nunca ande com qualquer identidade particular."

"Por que isso?" Perguntei.

"Porque você tem que estar preparado para ser o cara mau, se a merda der errado."

"Então, o que deverei ser em tudo isso?"

"Nenhum nome, Lucy," Jase instruiu ao meu lado. "O cara nos conhece pelos nossos nomes de usuário e nada mais. Você não é a minha namorada lá, entende?"

"Sim." Ele tinha acabado de dizer implicitamente que eu era sua namorada *fora de lá*. "Então, qual é o meu show?"

"Seu show?" Sua testa franziu. "Sou seu cafetão. Você trabalha para mim. Tudo profissional. Sem ligações, entendeu?"

"Meu cafetão." Minha voz plana capturou o mesmo nível de diversão que a minha cabeça. "E o que exatamente faz uma... *prostituta*? É esse o papel que irei fazer? Como é que uma prostituta sem ligações age?"

"Flerte. Mas não flerte muito."

"Não deveria ter vestido roupas provocativas para isso?"

Dax disse: "Sim," ao lado do "Não," de Jase.

Jase se inclinou para frente, lançando um olhar na direção de Dax, então deslizou seu olhar de volta para mim. "Você vai ficar bem. Estamos apenas buscando algumas informações. Sem conexões."

Balancei a cabeça. "Ok."

Nós três saímos do carro e caminhamos até a casa. Eu deveria ter ficado assustada com o bairro escuro e a discriminada casa com buracos de bala, ladeada por três excepcionalmente grandes homens, que se portavam com uma espécie de graça letal, mas eu apenas me senti perfeitamente isolada por força bruta e músculo.

Dax bateu no aglomerado onde devia ter sido uma porta antes, e uma voz de dentro disse a nós para irmos até os fundos.

Depois de deslizar através de uma abertura estreita entre a casa e a cerca, caminhamos para a parte traseira, parando com o latido de um cão. Virei, piscando os olhos na escuridão, e apenas apareceu uma figura saltando cerca de trinta metros de distância com o reluzir de uma corrente presa a ele.

Ignorando o latido, Dax abriu a porta, e nós três o seguimos pela cozinha suja, onde os pratos com alimentos meio-endurecidos estavam empilhados em uma pia. Manchas de sujeira e lixo espalhados pelo chão, e o que parecia ser um falho laboratório de ciência, com copos e frascos, desordenados na mesa. Seguimos a música para frente da casa, e no meio do corredor, reconheci a banda Massive Atack.

A sala de estar aberta tinha três sofás alinhados contra as paredes, e uma mesa de café, onde bebidas, pílulas de várias cores, e pequenos sacos de plástico cheios. O lugar cheirava a uma lata de atum, enrugando meu nariz, olhei para baixo para ver pontas de cigarro, e o que parecia ser pedaços mastigados de tecido, talvez cortesia do cão, embutido no tapete.

O que, à primeira vista, do lado de fora parecia que seria o lugar de negociações de um senhor do crime perigoso, acabou sendo nada mais do que uma festa da fraternidade no interior.

Eu esperava que a multidão dentro fosse as habituais prostitutas drogadas, como naqueles filmes, usando lingerie e drapeados sobre todos os viciados em drogas no quarto. A maioria das mulheres pareciam estudantes — bem, como eu — vestida de jeans e camiseta e o cara que se levantou, estendendo a mão para Dax, usava calça cáqui, de todas as coisas, combinando com uma camiseta do Kurt Cobain.

Graças a Deus não usei nada provocativo, ou eu *teria* parecido como uma prostituta drogada.

"Jesus," sussurrei no ouvido do Jase. "Ainda bem que optei por algo casual. Não precisamente desejável, sabe?"

"Sim. Exceto, que posso pensar em duas razões que você deveria estar na *minha* cama agora."

"E elas são?"

"Cutucando através do tecido dolorosamente fino da camiseta."

Olhei para baixo, onde os meus mamilos espiavam pela camiseta apertada, e cruzei os braços sobre o peito enquanto ele ria ao meu lado.

"Danny?" Uma voz de mulher deslizou para os meus ouvidos por trás, e quando me virei uma loira com seios um pouco maiores do que o meus, debaixo de uma camisola fina, azul, que agarrava a cada curva, empurrou um cara meio desmaiado do colo.

Danny? Era o nome completo de Dax, ou algo assim?

Só que ela tropeçou através do tapete até ao lado de Jase. "Baby, já faz muito tempo!" Ela empurrou-se na ponta dos pés, envolvendo os braços em volta do seu pescoço, e quando ela o soltou, longas unhas postiças, pintadas de vermelho, se enfiaram no seu braço enquanto ele enrolava os dedos em seu bíceps. "Meu Deus, você é... enorme. Malditos músculos definidos." Ela levantou o braço, correndo seu polegar através da tatuagem do sete circulado em seu pulso.

Limpei a garganta e coloquei as mãos nos quadris. Seu breve olhar em minha direção, antes dela voltar a acariciar o seu casaco, me disse que eu estava fazendo um bom trabalho de não parecer como uma grande ameaça.

Jase desviou os dedos do seu braço e deu um passo mais perto de mim. "Shannon, esta é... Ginger. Ela trabalha para mim."

Ginger[22], porra? Ele me chamou de um maldito tempero?

---

[22] Ginger: Gengibre

Ele poderia ter, pelo menos, ter lhe dado à impressão de que eu era a secretária que estava fodendo em segredo, talvez Anastasia, ou alguma merda.

"Ginger?" A maneira que ela enfatizou o nome retumbou contra meus ouvidos. "Como... picante." Puxando o casaco dele, ela apertou os lábios em sua orelha e sussurrou algo, atiçando a ira no meu sangue.

"Eu já volto," disse Jase, suas palavras eram como um tapa na cara, e bateu no ombro de Dax. "Cuide dela para mim." Ele permitiu que a mulher o arrastasse para baixo em outro corredor no lado oposto da sala, deixando-me ali com Dax e Rhys.

Mordendo o interior da minha bochecha, me virei e segui Dax para o sofá, onde ele se sentou entre uma ruiva e o traficante e me puxou para baixo com ele. Rhys foi para o lado oposto da sala, parando ao lado de uma morena no canto.

"Isso está se espalhando como fogo nas ruas, homem. Tem uma leve descida, mas o alto é louco pra caralho." O traficante carregava o entusiasmo viscoso de um vendedor de carros usados.

"Não concordo com essa merda caseira, homem. O risco é muito grande."

"É seguro. Estou dizendo a você. Você conhece o Vik do Sphinx, certo? Ele está me chamando toda semana para essa merda."

"Você tem um monte de crianças Ladder passando por aqui?"

"O que é Ladder?"

"Site de grupo." Dax enfiou a mão no bolso e tirou um objeto dobrado, abrindo-o para revelar uma bela ruiva, com a pele pálida leitosa e olhos azuis brilhantes. "Esta menina alguma vez parou aqui?"

"Sim. Ela veio com Vik. Alguns outros garotos também. Bastardo idiota." Os olhos do traficante se estreitaram, como se ele tivesse se tornado suspeito. "Então e ela?"

"Não vendo merda, exceto quando as pessoas que conheço querem. Os filhos da puta acabam mortos, e alguém virá *me* procurar."

Erguendo as mãos, o traficante assentiu, aniquilando a imagem de brutamontes que eu tinha de todos os traficantes de drogas. Inferno, Dax se encaixa nessa imagem mais do que o cara.

"Eu entendo. Era uma amostra. Amei a merda. Experimente outra coisa."

Dax inclinou para frente, entrelaçando os dedos. "Já vendeu alguma desta merda para um cara chamado *Pasák*?"

O cara fez uma careta. "Uh... Pasák? Não. Ele é um traficante?"

Dax acenou com a mão. "Não, cara. Apenas curioso, se você o conhecia."

"Não o conheço, mas se você acha que ele poderia estar interessado, vou ligar. Estou lhe dizendo, esta é a merda."

"Mostre-me."

O cara se levantou do sofá e desapareceu na cozinha, e Dax recuou para o banco, casualmente envolvendo o braço em volta de mim. "O que você acha, baby?"

"Acho que qualquer um associado com Viktor é sombrio," respondi, quebrando minha obsessão momentânea com o corredor, onde Jase tinha desaparecido com a mulher.

Ele lambeu o canto da boca e olhou para fora. "Sim. Ei, onde o Hawk foi?"

"Com aquela menina." Eu cruzei os braços. "*Shannon.*"

"Homem, aquela cadela é problema. Fique de olho nele."

"Ele é um menino grande." Olhei para o lado. "Mas por quê?"

"Estudante de Direito. Inteligente como merda, mas ardilosa. Costumava ser sua amiga de foda."

Amiga de foda? "Realmente." Era ruim o suficiente que ela era bonita e tinha um grande corpo, mas tinha que ser inteligente, e sua ex-amiga de foda. Perfeito. "Há quanto tempo foi isso?"

"Cerca de um ano atrás. Eles nunca namoraram, bem, você conhece J-Hawk, mas ela era psico pegajosa, e ele não gosta do tipo psicótica pegajosa."

"Ela o chamou de Danny?"

Dax bufou e balançou a cabeça. "Ele nunca dá o seu nome verdadeiro."

Exceto para mim.

"Se ele ficar lá por mais tempo, posso ter que enviar reforços."

"Fique à vontade. Não vou tocar nisso com uma vara de três metros." Eu odiava o ciúme. Pior, odiava que estava ficando com ciúmes dele, um homem com quem sabia que não tinha um futuro.

A mão de Dax esfregou contra a minha coxa. "Ah, não seja ciumenta. Você sabe como ele olha para você."

"Como é que ele olha para mim?"

"Como um homem morrendo de fome prestes a se esbaldar comendo um *buffet*." Dax deu uma tragada em sua pen vape, soprando a fumaça pela boca, em seguida, seu nariz. "O filho da puta é louco por você, com chicote de buceta e uma cereja no topo."

O cara voltou e abriu um pequeno frasco sobre a mesa. Enquanto Dax examinava o conteúdo, o olhar do traficante caiu sobre mim, mergulhando na minha camisa, e ele lambeu os lábios.

Ok. Vamos ver o que podemos encontrar. Levantei-me do lado de Dax, ignorando seu olhar em mim quando passei por ele, e dei um passo entre o sofá e a mesa de café, deslizando para o colo do traficante.

Deslizando minhas mãos para baixo em seus braços magros, levantei seu pulso, percebendo que não tinha a tatuagem. "Então, você conhece Vik, hein?"

"Sim," ele respirou, ajeitando-se abaixo de mim. "Louco filho da puta. Você o conhece, também?"

"De vez em quando." Arrastei meu dedo no seu peito, jogando junto. Suas pupilas dilatadas me disse que ele tinha chegado à algo muito antes de nós, e talvez isso agiria como um soro da verdade. "O que o faz louco?"

"Já viu a merda que ele filma?" O piscar preguiçoso dos olhos acompanhou uma risada, antes que dele observar meus seios como se estivesse segurando uma conversa com eles em vez de mim. "Louco. Quente como o inferno, mas louco. Ouvi dizer que ele e Simon Renwick estão se associando para produzir pornô juntos."

Parei com isso, franzi a testa enquanto minha mente perplexa digeria a informação. Simon Renwick? O figurão que possuía a cadeia de vídeo? O mesmo cara que comprou o matadouro onde o corpo foi despejado?

As pupilas do traficante estavam próximas do tamanho de uma moeda de dez centavos, e a maneira como ele lambia os lábios, respirando com dificuldade, enquanto olhava para o meu peito, me disse que definitivamente eu poderia ser atrevida.

Enganchando um dedo sob seu queixo, guiei seus olhos de volta para os meus. "Você quer encontrar um lugar tranquilo para conversar?"

"Não, garota. Quero encontrar um lugar para foder."

Capítulo 46

Jase

Com um cigarro pendurado em suas unhas feitas, Shannon sentou-se à minha frente em cima do balcão, as pernas balançando para frente e para trás entre nós.

"O que faz aqui? Achei que a cena da faculdade não era seu trabalho."

"Não é. Estou aqui a negócios."

"É por isso que você trouxe sua... *empregada*?" Sua risada me deixou inexpressivo e empurrei para a frente para sair do banheiro, mas fiz uma pausa quando ela pediu, "Espere."

"Você disse que tinha algo para me dizer. O que é?"

Ela chupou uma tragada e soprou para cima uma nuvem de fumaça, enquanto coçava o nariz com o dedo.

"Não pude deixar de notar a tatuagem em seu braço." O olhar dela caiu para o projeto circular e de volta para mim. "Então... depois que *terminamos*, comecei a foder um cara que conheci há muito tempo e que andava no cenário do submundo. Cara grande. Realmente bizarro. Quero dizer, você gosta áspero, mas ele é quase brutal." Ela limpou a garganta. "Disse-me que ele pertencia a um clube onde filmam meninas e merda."

"Sim."

"Parecia divertido. Então, você sabe, eu fiz isso." Suas sobrancelhas franziram juntas. "Olha, Danny, não sei o que está

fazendo com essa tatuagem, mas isso não é quem você é. Não é o que você era comigo."

"O que aconteceu com você?"

Ela me olhou por um momento, a mandíbula dela deslizando para a frente e para trás, antes dela lançar o seu olhar para o chão. "Tudo."

"E ele te deixou ir depois?"

"Ele precisava. Seu pai é um dos parceiros na firma do meu pai. Ele gosta de usar o vídeo contra mim. Ameaçou que, se não me reunir com ele e todos os seus amigos de vez em quando, vai enviá-lo ao meu pai."

"Ele está no vídeo, certo? Seu pai não vai atrás dele?"

Ela exalou um suspiro, e a menos que estivesse enganado, os olhos dela carregavam um brilho de lágrimas. "Ele não era o único no vídeo. Ele assistiu."

Franzi a testa. "Ele é parte deste clube?"

"Sim. Acha que a escória de traficantes e promotores de clube de strip é desprezível? São advogados. Médicos. A porra de líderes de *escoteiros."*

"Onde é que isto aconteceu?" Perguntei.

"Há um prédio atrás da Sphinx. Saindo do clube. Uma fábrica abandonada, nada mais que um buraco do lado de fora. No porão, há um monte de quartos, com câmeras, masmorras, tudo pronto. Contanto que você tenha a tatuagem, pode passar no Sphinx e pegar os túneis do outro lado."

Túneis. Não admira que ninguém viu Viktor. O bastardo provavelmente entrou pela parte de trás.

"Eu estava tão bêbada, que nem sabia que haviam pessoas... *assistindo* o tempo todo. Pensei que eles eram apenas quartos para

foder, sabe?" Ela olhou minha tatuagem novamente. "Seu nome é Brantley. Se você se deparar com ele..." Uma lágrima deslizou para baixo em sua bochecha, e ela limpou. "Digamos, que não ficaria magoada se o cara ficasse em uma cadeira de rodas para o resto de sua vida."

"Vou ficar de olho." Quando caminhei até a porta, olhei de relance para a maneira que ela descansou a testa contra a palma da mão. "Shannon, cuide-se."

Quando ela deu um aceno, saí do banheiro. Contornando o canto, paralisei e digitalizei a sala.

Rhys estava falando com uma mulher no canto. Dax tinha duas mulheres bajulando ele no sofá, mas Lucy não estava à vista. Incapaz de atrair a atenção do Dax com um aceno da minha mão, continuei pela cozinha e, soltando um sopro afiado, derrapei para uma parada.

Apoiada em uma das cadeiras da cozinha, Lucy montava o colo do traficante bastardo magro, seu sorriso levantando ondas de fúria no meu sangue, enquanto ela acariciava o braço que ele tinha embrulhado ao redor dela como um homem se afogando agarrado a um bote.

Vendo vermelho sangue na cena, em uma névoa de raiva corri em sua direção. Enganchando meus braços por baixo dela, levantei ela do colo do idiota, arrastei-a para a despensa adjacente, fechei a porta e bati com ela na parede ao lado.

Capítulo 47

Lucy

Levou um momento para processar o que diabos tinha acontecido, enquanto observava Jase em um ritmo urgente indo e voltando à minha frente, entre as prateleiras da despensa.

O homem estava chateado.

Não, chateado teria sido apropriado para quando o barman da cafeteria local errava o pedido e misturava um latte dolce canela com um latte macchiato. As veias saltavam do pescoço de Jase e a fúria carmesim queimando em sua pele me disse que estava furioso.

"O que você acha que está fazendo?" Ele latiu.

"Eu joguei o papel, Jase. Não coloque uma etiqueta em mim quando entrar pela porta e depois agir como se estivesse surpreso quando eu encenar." Inclinei meu quadril para o lado. "O que diabos você fazia com a garota no banheiro?"

"*Ela* me puxou lá dentro. Ela me deu uma dica do caralho."

"*Ela* deu? Ou você deu a ela *sua* dica?"

"Não fiz nada com ela."

"Certo. Acredito em você. Exceto que, Dax me disse que ela costumava ser sua amiga de foda."

Ele esfregou a mão sobre sua barba escura e colocou as duas mãos nos quadris, seu olhar longe do meu.

Levantei meu queixo em desafio. "Exatamente. Então, foda-se, se joguei o mesmo jogo."

"Voltamos aos jogos agora, não é?"

"Acho que voltamos. Agora, se você me der licença, ele está esperando por mim para retornar ao seu colo."

Ambos os punhos bateram na parede, enquanto ele colocou seus braços ao meu lado como aviso de mísseis de incêndio. "Você não quer me provocar agora, Lucy. Não pense que não vou rasgar a sua calça e espancar seu traseiro petulante aqui contra a parede."

Isto. Era exatamente o que eu queria dele. Eu estava doente. Devo ser, porque nada mais poderia explicar a forma como a minha libido saltava para a vida toda vez que ele me olhava com aqueles olhos assassinos, ameaçando meu corpo. Excitação acendeu meu sangue e sem dúvida, precisaria de uma troca de calcinha posteriormente. Eu era viciada em seu perigo e puta merda, era péssima para o seu ultimato de bad boy. Mais alfa do que eu provavelmente sabia lidar. "Experimente" provoquei.

Ele agarrou a minha camisa e deu um puxão cruel, me arrastando em seu corpo. Respirando forte através do seu nariz, me segurou lá.

Meu coração tropeçou, minha pele estava formigando, como se revestida em minúsculos fios vivos, apenas esperando para se conectar com a sua e explodir em uma tempestade elétrica de dor crua e paixão.

Seus lábios torceram em um rosnar zangado. "Quer foder ou lutar, Lucy? Porque estou pronto para ambos no momento."

"E se eu quiser ambos?"

Ele piscou antes de apertar os olhos fechados, como se eu tivesse difundido uma bomba dentro dele. "Você está me matando, mulher."

"Faça o que quiser, Jase. Você não é meu. Você nunca foi." Empurrei-o para me libertar, mas seu aperto aumentou.

"Porra que não." A boca dele bateu contra a minha, moendo e criando hematomas em meus lábios em um choque de dentes e língua e apenas a vaga consciência de movimento me bateu antes que a parede atingisse as minhas costas.

Pulsos de raiva com ciúmes corriam em minhas veias, temperados pelos seus dedos ao redor da minha cintura, confessando, o seu próprio. Uma parede firme de músculos deslizou pelos meus dedos, enquanto eu deslizava através de seus ombros e dei um empurrão, lutando contra minha obsessão incontrolável com os lábios do homem.

Seus lábios. Deus, ele a beijou com *eles*? "Você fez..."

"Não. Sou incuravelmente louco por *você*, mulher." A cabeça mergulhada no meu pescoço, a mordida em minha garganta, me disse que ele não fez isso. "Eu não posso pensar." O ronronar na voz dele deixou meus joelhos fracos enquanto beijava ao longo da minha clavícula. "Em nada, apenas..." seus dentes me mordiscavam, indo para o lugar sensível no meu pescoço e ombro, incitando um arrepio. "... como bom pra caralho é estar dentro de você."

Meus lábios se separaram, quando a palma da sua mão agarrou minha coxa, puxando-me sobre seu quadril, e ele pressionou contra mim.

"Você deixou minha cabeça tão fodida agora, Lucy. Encontrá-la no colo de algum filho da puta é suficiente para me fazer perder o controle. Diabos, o que você achou que eu faria?"

"Não pensei em nada. Talvez você deixou minha cabeça fodida também."

Ele se inclinou, reclamando minha boca em um beijo quente que deixou o quarto girando, e o meu corpo alternando entre paixão quente e raiva fria.

Um visual dele beijando outra mulher piscou por trás das minhas pálpebras, e cavei meus dedos em seus músculos, arrastando as unhas em sua pele.

Ele retribuiu, mordendo meu lábio, um som profundo, animalesco, vibrando no peito enquanto ele me fodia a seco contra a parede.

Puxando o seu pulso, guiei a mão na frente da minha calça jeans, e quando ele se afastou, olhando para mim sem um único som além da fusão das nossas respirações frenéticas, concordei. Demorou alguns segundos de se atrapalhar com meu jeans antes que ele os puxasse para baixo, até o meio da coxa, e quando ele caiu de joelhos, minhas mãos procuraram algo para me preparar.

Oh, merda.

Capítulo 48

Jase

Rasguei a calcinha dela e respirei aquele aroma de dar água na boca, deixando lançar um estremecimento através dos meus músculos.

"Tão molhada." Forcei um dedo dentro dela e, enquanto ela se contorcia contra mim, tão pequena e macia, escapou um choramingo de gemido de seus lábios, meu corpo endureceu.

Os dedos dela enrolaram ao redor da parte de trás do meu pescoço, apertando minha nuca, e ela moeu contra mim. Unhas cavando em meu couro cabeludo, ela soltou um gemido silencioso.

Deus ajude o pobre bastardo que poderia ter entrado naquele momento, porque eu teria destruído qualquer coisa que estivesse no meu caminho de devorar sua buceta linda. Frenético para entrar nela, mergulhei a língua em sua buceta perfeita e gemi com o primeiro toque em seu clitóris. *Foda-me*. Pressionei meus dedos nos lábios, espalhando-a aberta, revelando a pele cor de rosa que tinha gosto de fodida ruína absoluta.

"Oh meu... por favor!" Seus dedos rasparam contra o meu couro cabeludo, ela contorcia contra minhas palmas. "Ah, Deus, Jase!"

Seus minúsculos grunhidos me instigando quando ela circulou seus quadris, me dizendo o quanto ela queria. Porra, os sons, o cheiro — ela estava me deixando louco. Não aguentei.

Abaixei, apertando meu pau através da calça jeans, quando a levei ao clímax, comendo-a como um prisioneiro que saboreia a sua última refeição.

Seu corpo apertado contra o meu, quadris resistindo enquanto meu dedo e língua trabalhavam em sincronia. Lambi, beijei, suguei e fodi com ela, aproveitando cada doce segundo. O cheiro de sua excitação atingiu o acorde primitivo no meu cérebro e rosnei contra sua buceta, querendo consumi-la até que ela ficasse débil.

Suas coxas tremiam, os quadris moíam. Mais rápido. Músculos, esticando, enrijecendo e relaxando-se contra mim. Selvagem, como se estivesse possuída.

"Foda-me, foda-me agora." Sua voz atada com luxúria e uma pitada de pânico, derretida em um longo gemido, enquanto eu lambia sua buceta.

Fiquei ereto, abri o jeans, liberando o meu pau e fodendo-a rápido e forte contra a parede. Perdido no seu cheiro, seus sons, cerrei meus dentes, reprimindo meu desejo de gozar.

A despensa desapareceu da minha periferia, o mundo ao meu redor desacelerou, como se flutuando na água, e olhei nos olhos dela. Aqueles belos olhos cinzentos.

Algo clicou. Como se a visse através de uma lente, a abertura girou e a luz bateu no seu rosto de forma diferente. Ela brilhava. Tão linda que doía olhar para ela. Como um eclipse, eu sabia que quanto mais olhasse, mais fodido estaria. Mesmo assim, coloquei as mãos no rosto dela, a tinta escura de minhas tatuagens contra a pele creme de pêssego. Trevas e luz. Dia e noite. A lua e o sol. *Mia Luce*.

Enterrado profundamente dentro dela, sentindo-a de dentro, ainda não era suficiente. Eu queria mais dela. Para saber que ela pertencia a mim e eu lhe pertencia.

Eu derramaria uma chuva de dor em qualquer homem que alguma vez a tocasse novamente.

Eu sangraria por ela. Mataria por ela. Morreria por ela.

As palavras silenciosas atingiram minha coluna e a luz explodiu atrás dos meus olhos em um clarão ofuscante de êxtase. O mundo acelerou novamente aos sons dos nossos corpos batendo um contra o outro.

"Jase! Ah, Deus, Jase!" As unhas dela rasgaram minhas costas, suas coxas em volta da minha cintura.

Eu descansei minha cabeça contra o seu ombro, sentindo ela endurecer em meus braços, seu corpo tremendo contra o meu, aumentando, endurecendo. Gozei quente dentro dela, quando atingi o limite e bombeei os segundos finais do clímax, enquanto sua buceta contraia em torno do meu pau, ordenhando a última gota da minha porra. "Ah, foda-se, baby! Foda-se!"

Nós gozamos juntos — uma sinfonia perfeita da minha destruição.

Testas pressionadas juntas, recuperando o fôlego, enquanto saía dela, colocando meu pau dentro da cueca.

"Eu queria matá-lo por colocar as mãos sobre você," disse entre respirações irregulares. "Ainda quero."

Sem fôlego, ela soltou uma risada tranquila, jogando a cabeça para trás e deslizando de volta em seu jeans. "Dax disse que você não é grudento."

"Eu não sou. Não sou pegajoso. Não tenho relacionamentos. Não sequestro mulheres, ou fico por aqui depois de encontrá-la dando uns amassos no colo de um pinto mole. Mas minha cabeça tem todos os tipos de confusão agora. Eu iria provavelmente dançar de salto alto, se você quisesse."

Uma crescente risada bateu o peito dela, e ela envolveu seus braços em volta do meu pescoço, levantando-se na ponta do seu pé. "Apenas acho que tenho os saltos para você."

Capítulo 49

Lucy

Fiquei no jato do chuveiro quente, olhando a água escorrer no ralo, como minha felicidade que sempre parecia escorregar em algum cano invisível, canalizando para o mundo de outra pessoa.

Esse era o problema... quando tudo parecia bom demais para ser verdade.

Água batia contra as minhas costas, meu corpo tão fraco e agredido, surpreendeu-me que pudesse ficar na posição vertical. Depois da festa de drogas, levamos Dax e Rhys em casa, e depois, nós nem sequer chegamos a dois passos da porta antes de Jase ter minha camiseta jogada no chão. A sua marca de sexo era parte punição, parte prazer e cem por cento inigualável por qualquer outra pessoa que já estive. Ele fez exatamente o que prometeu — arruinou-me para qualquer outro homem. Nós fodemos duas vezes e fizemos amor depois, meu corpo ficou tão mole e desgastado que acabei por dormir o sono mais tranquilo que tive em meses, talvez até anos, até que um pesadelo tinha me acordado assustada.

Quem me dera que tivesse sido um pesadelo de verdade. Pelo menos, poderia ter esquecido e caído de novo em seus braços.

Depois de sair da água, sequei o meu corpo e enrolei meu cabelo em cima da minha cabeça. Meu celular estava sobre a pia do banheiro, e cliquei sobre o e-mail que tinha apitado ao meu lado há uma hora e me acordou dos sonhos.

Hesitei por um momento, aguardando qualquer sinal além da porta do banheiro fechada que Jase ainda estava dormindo,

assim como eu tinha o deixado. No silêncio lá fora, eu rolei através da mensagem que foi enviada para mim por um estranho anônimo em um e-mail criptografado.

Lucy,

Dê a localização de Jase Hawkins, juntamente com o vídeo, e ninguém será prejudicado. Como garantia, já pegamos sua amiga. Se você não conseguir revelar sua localização dentro de vinte e quatro horas, será enviado uma compilação envolvente das horas finais da senhorita Danovich.

Meu estômago se agitou, e segurei lá quando cedi contra o balcão. Eles me descobriram.

Fui encurralada. Eu tinha que avisar a polícia. Mesmo arriscando que um deles pudesse ser o policial escuso que vi algumas semanas atrás no matadouro, não podia correr o risco de ficar quieta. Não quando a vida de Jolana estava em jogo. Eu não conseguia sentar sem fazer nada e deixar algum maluco psicopata cortar e jogar o corpo dela em algum lugar que ninguém iria encontrá-la.

O que diabos era tão significativo em cerca de vinte e quatro horas, eu não sabia. Só sabia que não pretendia esperar e ver.

Capítulo 50

Detetive Matt Burke

Burke estava sentado na mesa gordurosa da lanchonete, onde às vezes ele e o Anderson paravam para tomar café. Ovos cozidos ao vapor no prato em frente a ele, mas não se lembrava sequer da última vez que cavou em uma refeição com qualquer entusiasmo, ele olhou pela janela, esperando Anderson chegar.

A conversa que teve com Katy tinha ajudado a decidir e quanto mais depressa ele contasse a sua decisão a Anderson, mais rápido poderia resolver seu estomago.

Ele também tinha sido designado para o assassinato no matadouro, após dizer a Corley que ele tinha voltado para uma segunda varredura. O bastardo tinha até mesmo o elogiado por dar outra olhada. Na realidade, Anderson provavelmente tinha dado uma varredura de meia-tigela na primeira vez e perdeu uma questão que precisava confrontar.

Pelo canto do olho, Burke avistou Anderson passeando na porta da lanchonete.

O policial tirou seus óculos escuros e entrou no local, oferecendo uma piscadela para a garota que pegava seu pedido duas vezes por semana.

"O de sempre?" Ela perguntou, seu sorriso travesso.

"Eh, vou mudar e querer ovos simples, querida. Obrigado..." Anderson caiu na cadeira em frente a Burke, seu corpo curvado em direção a garçonete. "Se já não estivesse preso a uma bola e uma corrente, estaria batendo na sua bunda perfeita em minha

cama." Ele girou para ficar de frente a Burke, que fez o possível para esconder a repulsão — a garota deveria ter vinte, no máximo.

"Então, aquele trabalho que te falei." Com um rápido olhar para o lado, ele baixou a voz. "Houve uma mudança de planos."

Burke se inclinou, fixando em seu rosto sério. "Estou fora."

O sorriso de Anderson deslizou em uma carranca. "O quê"?

"Eu disse, estou fora." Afastando-se do olhar acusador do seu parceiro, Burke explicou, "Não posso arriscar. Pensei sobre isso, e quero voltar atrás."

Inclinando-se mais perto, o olhar de Anderson pestanejou, seus lábios apertados em um rosnado. "Não pode voltar atrás, babaca. Merda já está em movimento e você vai estar lá. Se desistir? Você se torna uma responsabilidade. Um problema." Ele baixou a voz para um sussurro. "Não acho que você gostaria que algo acontecesse com a sua garotinha linda agora, iria?"

A coluna de Burke gelou quando uma descarga de adrenalina explodiu em suas veias, e ele agarrou um punhado da camisa de Anderson, arrancando-o da mesa. "Atreva-se a tocar nela e vou cortar o seu saco e enfiá-lo na sua garganta, filho da puta." Com as narinas alargadas o segurou ali, olhando para a cara impassível do sacana.

As mãos de Anderson deslizaram até ambos os lados da cabeça, como sinal de rendição. "Não estou dizendo que a tocaria, chefe."

Fúria explodiu em cada músculo, o aperto de Burke tremendo enquanto respirava forte pelo nariz na tentativa de se acalmar.

Mesmo que Burke quisesse muito mencionar o matadouro, para aproveitar a vantagem e tê-lo encolhendo em seu assento, depois de uma ameaça como essa, ele não poderia arriscar. Não poderia arriscar o desgraçado ir atrás de Katy só por despeito. Ele

teria que manter em segredo até que pudesse recolher as provas que precisava para entregar a bunda de Anderson para Corley. Que era o que faria. Na primeira chance que tivesse, foderia com ele regiamente, mas, por enquanto, iria jogar junto.

Olhando ao redor da sala, vendo que apenas um punhado de pessoas tinham se virado, Burke o liberou e estabeleceu-se na cadeira. "Qual é a porra da mudança nos planos?"

O queixo de Anderson mudou, seus lábios deslizando em um sorriso como uma cobra se preparando para atacar. "Eles querem Jase Hawkins."

Burke não podia evitar, encarou de novo o pequeno bastardo. Tudo sobre o trabalho de repente deixou um gosto amargo na boca. "Quem são eles?"

"Ninguém sabe o verdadeiro nome dele. Ele atende por Pasák."

"Então, como soube sobre o trabalho?"

"Caras que trabalham para ele." Anderson afundou-se em seu lugar, enquanto a garçonete colocava um prato fumegante de comida na frente dele. Com um sorriso falso colado à cara, ele piscou quando ela saiu.

"Nós já estamos investigando Hawkins," disse Burke.

"Não estou falando sobre uma prisão. Estou falando de *entregá-lo*. A *eles*." Seu olhar nivelou com Burke. "Filho de um assassino de policiais, lembra?"

Burke se afastou da mesa e esfregou a mão pelo seu rosto, sua raiva em direção a Hawkins empalideceu em comparação com a ameaça que ele só tinha alimentado. "Para quê? Os assassinatos?"

"Eles disseram que ele roubou oito mil. Aquela garota que está com ele? Ela não é nenhuma vítima. Ela está com ele. De bom grado. E se chegarmos até ela, chegamos a ele."

"E como diabos você pretende fazer isso?"

"Já estou trabalhando nisso." A boca de Anderson esticou em um sorriso largo. "Acontece, que estou com a porra da sua melhor amiga."

Capítulo 51

Lucy

Em uma confusão de lençóis, me deitei ao lado de Jase, ouvindo seu batimento cardíaco. Lento. Hipnótico.

Tudo ao mesmo tempo, enquanto uma realização fria me impedia de adormecer sozinha.

Eu tinha apenas algumas horas para entregá-lo a quem enviou o e-mail, ou Jolana iria ser assassinada brutalmente e barbaramente como aquelas mulheres nos vídeos.

Uma parte egoísta em mim, queria fingir que o e-mail não tinha chegado. Que não era nada além de uma brincadeira, e Jolana estava em um lugar seguro. Talvez ela tivesse se reconciliado com a mãe e decidiu fugir para a cabana da família que ela tanto tinha me falado.

A verdade era, nunca confiei em Viktor, e depois do que ele fez para Jolana, o que ela disse sobre ele olhando para mim, eu tinha todos os motivos para acreditar que ele tinha enviado o e-mail. De qualquer forma, Jolana estava desaparecida, e ainda tinha que decidir o que fazer.

Negar que tinha me apaixonado por Jase era inútil. Eu tinha, e nada me faria entregá-lo. Nada.

"O que está preocupando você?" Sua profunda, rouca, me afastou dos meus pensamentos, e aqueles olhos verdes olharam para os meus. "Você está com linhas de preocupação."

Eu digo a ele? Se não lhe dizer me sentirei como uma mentirosa. Injusta. Como se fosse uma traidora em sua cama.

Dizer a ele significava morte certa para Jolana.

"Só pensando. Nada, realmente."

"Bobagem." Quando ele apontou meu blefe, fechei os olhos, o que lhe permitiu guiar meu rosto ao seu. "Diga-me."

"Prometa que vai confiar em mim."

Sua sobrancelha arqueada, chutou minha pulsação um grau acima. "Está bem."

"Eu recebi um e-mail." Engoli duro. "Alguém vai matar Jolana, se você não se entregar."

"Entregar-me... a quem?"

"Sem remetente. Está criptografado." Peguei o telefone ao lado da cama... e rolei através da tela até que caí sobre o e-mail que foi mandado, a visão ainda me dava nojo. "Estou convencida de que foi Viktor. Ele bateu muito na Jolana. Ele é o único que posso pensar que faria algo assim."

O peito dele subia e descia enquanto lia a mensagem, e quando seu olhar disparou longe do meu, desespero nadou em minhas veias.

"Jason, eu não tinha intenções de trair você. Passei as últimas horas tentando descobrir uma maneira." Dirigi meu olhar para seu peito e a tatuagem a direita do seu coração que dizia 'Vae Victis[23]'. "Tudo parece resumir a uma solução. Você precisa sair de Detroit. Chegue o mais longe possível. Não conte a ninguém onde você vai." Olhei para ele através de uma névoa de lágrimas. "Inclusive eu."

---

[23] ***Vae Victis*** significa "ai dos vencidos" Usado para lembrar que o vencido está à mercê do vencedor; são palavras de Breno, general gaulês, ao atirar a espada ao prato da balança em que estavam os pesos falsos com que se deveria pesar o ouro do resgate dos romanos.

"Não. Eles vão te machucar. Eles vão machucar a sua amiga." Ele balançou a cabeça e segurou a parte de trás do meu pescoço. "Isso não é uma opção."

"Tem que ser Viktor." Mordiscando meu lábio, recordei a última vez que vi Jolana, machucada e espancada pelo idiota. "Liguei para o gerente do apartamento de Jolana. Ele confirmou que ela não tem aparecido nos últimos dias, mas o carro dela ainda está estacionado na frente. Viktor sabe de alguma coisa, Jase. Na superfície, ele usa uma máscara, mas atrás dessa máscara é pura maldade."

A forma que seus olhos voltaram para trás e para a frente, testa enrugada, fez meu estômago retorcer. "Então, vou atrás de Viktor."

O nó ficou apertado, muito perto de cortar minha respiração. "Você não pode. Jolana me disse que ele tem conexões." Coloquei minhas mãos em ambos os lados do seu rosto, trazendo seus olhos aos meus. "É suicídio, Jase. Seria suicídio ir atrás dele."

A tensão no maxilar de Jase o esticou, seus lábios formando uma linha dura, até que seus ombros caíram e seus músculos suavizaram. Possivelmente eu tinha conseguido. "Se eu sair, você virá comigo," ele disse.

Lágrimas caíram no meu rosto com o pensamento. O alívio de deixar o lugar, fixando-me com ele, rumo a felicidade.

Devia ter adivinhado, embora. Eu tinha sido amaldiçoada com o fardo da responsabilidade desde que vi minha mãe cair em um coma alcoólico com a idade de doze anos, e sabia que não começaria apenas a fugir, ou despejar a responsabilidade em Jase.

Ainda, para mantê-lo calmo, forcei um sorriso. "Onde você me levaria?"

Seu polegar limpou meu rosto, enxugando uma lágrima. "O paraíso. Um lugar onde nunca vão nos encontrar. Podemos ir a qualquer lugar do mundo, querida."

"Que tal... encontrar o Pasák? Matá-lo?"

"Para o inferno com tudo isso. Fodam-se todos eles." Ele beijou meus lábios de uma forma que senti como uma mentira — ou eu estava mentindo para ele, ou ele estava mentindo para mim. Não pude dizer mais. As linhas tinham borrado em uma névoa exaustiva de confusão. "Você está no meu sangue, infectando cada parte escura da minha alma, Lucy. Nada mais importa para mim."

Subindo sobre meu corpo, ele me segurou, empurrando meus braços acima da cabeça, prendendo-os debaixo dele e beijou a linha da minha garganta. "Somos só você e eu agora. Vamos foder a noite toda e dormir o dia todo. Para o inferno com todos os outros."

"E Jolana?"

"Você mesma me disse. Não se pode ser sempre o herói." Essas não eram suas palavras, e os alarmes soaram dentro da minha cabeça. Tanto quanto queria acreditar nele, para fazer exatamente isso — dizer ao mundo para se foder e fugir sabia que não podia.

"Não vou deixá-la morrer." Empurrei-o e peguei uma centelha de fogo em seus olhos.

"Nem eu farei." Uma banda fria deslizou em meu pulso, e com o som do TIC-TAC, virei minha cabeça em direção a cabeceira da cama.

"Não!" Resistindo embaixo dele, torci o meu pulso, para impedi-lo de amarrar meu outro braço na cama.

"Por favor! Por favor, não faça isso, Jase! Por favor!" Meu esforço era muito fraco e ele prendeu meus dois pulsos na barra da cabeceira, com aquelas malditas braçadeiras. Meu coração pulsava no meu peito quando ele se afastou de mim, desespero queimando em meu sangue. "Está bem, está bem, ouça. Eu vou com você. Nós vamos fugir. Solte-me, e vou para qualquer lugar. Você tem razão, querido. Que se fodam todos."

"Sinto muito, mia Luce. Eu já planejava ir atrás de Viktor. Tenho todos os motivos para acreditar que ele é Pasák. E agora, você só me deu mais razão."

Viktor era Pasák? Eu guardei de lado o pensamento doentio, que tinha trabalhado para um estuprador assassino nos últimos anos e foquei em Jase. "Você pode morrer. E se você morrer?"

"Se eu não fizer isso, *você* pode morrer. Sua amiga pode morrer. Muitas pessoas podem morrer."

"Só... espere um minuto. Vamos apenas... vamos descobrir um plano. Você e eu. Ou apenas você. Algo que faça sentido. Não vou interferir, Jase. Não vou te atrapalhar" a ameaça de um soluço sufocou minhas palavras.

"À meia-noite, Rhys estará aqui para libertá-la. Ele vai levá-la para um lugar seguro."

Meu corpo tremia em pânico. "Não vou com ele! Vou atrás de Viktor." Minhas palavras voaram da minha boca como as de uma criança insolente.

"Seu pai vai fazer com que você não vá."

Com músculos rígidos em choque, pisquei as lágrimas, tentando processar o que ele tinha acabado de dizer. "Meu pai está morto."

"Seu padrasto está morto. Seu verdadeiro pai está vivo."

Olhando para ele, me concentrei em suas palavras, deixando que elas rodassem com o tornado de pensamentos já girando em minha mente. "O quê?"

"Eu queria te dizer, mas não sabia se podia confiar nele."

Um soco frio e amargo atingiu meu instinto, mas mesmo que meu pai estivesse vivo, ele era o bastardo que tinha me abandonado. "Você não pode. Ele é um mentiroso. Um ladrão."

"E um assassino. É por isso que ele teve que te deixar para trás. Ele não queria te machucar."

Balancei a cabeça, momentaneamente irritada com as perguntas que se recusavam a deixar ir minha atenção. "Como diabos você sabe disto?"

"Porque seu pai foi quem me tirou da prisão. Ele arriscou sua própria bunda por mim."

Meu pai? As peças lentamente se encaixando. "Não importa que tipo de ligação você tem com meu pai. Eu não quero nada com ele. Eu me importo com você. Por favor, não faça isso. Deixe-me ir."

“Vou deixar você ir, Lucy." Sua voz, seu rosto, permaneceram impassíveis e frios, apesar de suas palavras.

"Não quero que faça isso!" Eu contorcia contra minhas amarras, olhos fixos nele quando ele se apoiou na porta. "Por favor, por que está fazendo isto?"

Por um momento, ele hesitou na soleira, como se o tivesse pego de surpresa com a pergunta. "Pelo meu irmão, eu estava disposto a ir para a guerra. Por você, mia Luce, estou disposto a travar uma." Ele fechou a porta atrás dele.

"Não! Não! Não! Deixe-me ir! Deixe-me ir, porra!" Eu chutei e me contorci em um acesso de raiva, a cama rangendo com minha birra. "Não faça isso!"

Puxando as amarras, meus pulsos queimaram com a torção. Pulsos zangados de raiva corriam em minhas veias, as minhas pernas, batendo em outro frenesi. O plástico sacudiu contra o aço quando meus músculos tremeram com o esforço de tentar quebrar a liga.

"Volte!" Eu acalmei, chorando em meu braço, impotente. "Não faça isso."

Capítulo 52

Jase

Saí da sua porta, vacilando com os sons de seus gritos de dentro do quarto. Porra, eu odiava deixá-la indefesa.

Se as coisas tivessem sido diferentes, teria fugido com Lucy, saído da cidade, porra, e encontrado um lugar tranquilo para nós. Mas com as provas que ela manteve ainda flutuando ao redor, eles nunca desistiriam de procurar por ela. Ou por mim.

Nós seriamos caçados pelos bastardos, e isso era um erro. Um deslize e eles nos encontrariam. Tenho a esperança que me matariam primeiro, porque nunca sobreviveria vendo alguém a machucar.

Ela se tornou minha criptonita, a única coisa no mundo que poderia me deixar de joelhos. O pensamento de alguém machucando ela só impulsionou o tipo de raiva que teria um filho da puta queimando cidades, e que não iria parar até que tudo o que restasse eram cinzas e cinzas.

Apertando o meu queixo e minha determinação, caminhei para a porta. Puxei meu telefone do bolso em direção a cozinha e disquei para o Dax. O plano original era simples — achar Viktor e matá-lo. Não tenho dúvidas de que ele era Pasák. Os quartos no clube. As masmorras secretas. O fluxo de drogas. A tatuagem. O e-mail enviado a Lucy só adicionou uma nova camada de complexidade para o plano, porque significava que tinha que encontrar a mulher desaparecida, também.

Três toques e Dax atendeu, soando como se tivesse engolido um urso pardo.

"'Aí, irmão?"

"Eu vou atrás do Viktor. Você vem?"

"Você sabe que eu vou."

"Encontre-me aqui." Levantei a faca da bancada e deslizei no meu coldre. "Vou levar os suprimentos. Haverá uma festa esta noite."

"É para já. Seu lugar. Chego em dez minutos."

"Ei, Dax, esta pode ser uma merda pesada. Você não precisa fazer isso."

Sem uma batida de hesitação, ele diz, "Eu passei três anos no fundo da porra de uma garrafa, ou amarrado a um torniquete. Eu preciso disso."

"Tudo bem. Vejo você em 10 minutos." Desliguei o telefone e coloquei no balcão, puxei um quinto do uísque Tennessee do armário. Estourando a tampa, tomei um gole, fechei os olhos, enquanto o licor quente aquecia meu estômago e endireitava a selva de pensamentos saltando na minha cabeça.

O som fraco da Lucy soluçando continuou a rasgar meu coração. Ignorei, caminhei para a mesa, onde todas as minhas armas foram estabelecidas, limpas e montadas. Eu deslizei Black Betty no estojo. Empurrei um pente na minha Glock e enfiei-a no coldre que tinha amarrado em volta da minha cintura. Tirei mais dois pentes para a Glock e dois para minha Sig Sauer AR-15 que tinha sido modificada para uma automática.

Se estava indo para a guerra, eu com certeza não iria cair sem uma luta.

Até o momento que terminei de carregar as armas, seu choro tinha morrido. Abri a porta do quarto, achando que ela tinha caído

no sono, mas tive que desviar o olhar. Olhar para ela, amarrada à cama, vestindo minha camisa que tinha deslizado para a sua barriga, revelando a calcinha de renda por baixo, foi o suficiente para me fazer querer jogar para baixo as minhas armas e me esconder na cama ao lado dela.

Em vez disso, fechei a porta e saí.

Capítulo 53

Lucy

Com o clique da porta, abri os olhos e retomei minha patética tentativa de fuga, apesar de ter passado semanas serrando amarras para saber que era inútil.

Deslizei sem entusiasmo as braçadeiras de plástico grossos ao longo da barra de metal, assobiando na picada de dor contra meu pulso. "Merda!" Olhei para cima para ver o sangue escorrendo do meu braço e tentei a superfície da barra, batendo meu dedo sobre o entalhe irregular de metal saindo, perto da parte superior da cabeceira. Não tinha notado isso anteriormente, provavelmente porque ele não tinha me amarrado àquela barra em particular antes. Conectando o laço de plástico entre a barra superior e a borda de metal, fechei os olhos. Os próximos segundos iriam me libertar, ou me ferir como uma cadela.

Com uma respiração profunda, pressionei minhas mãos em punhos para fora, apertando o plástico. Eu preparei meus pés contra o colchão, levantei minhas mãos amarradas, um pouco acima da beirada e bati neles acima da minha cabeça. Meus pulsos latejaram, mas o plástico quebrado me fez gritar de alegria, esfreguei a queimadura da minha pele.

Caramba! Lutando na cama, corri em direção a cadeira, levantei minha calça jeans da pequena pilha de roupas e limpei a gota de sangue do meu pulso em minha calça. Pisando em cada perna, puxei o jeans sobre os meus quadris e calcei as botas. Do saco ao lado da cama, tirei uma presilha e passei ela sob a camada superior de cabelo — um hábito que adquiri vivendo sozinha, nunca sair de casa sem uma sempre que possível.

Quando peguei meu celular no criado-mudo, vi a mala de Jase espreitando embaixo da cama. Sacudindo-a aberta, vasculhei as roupas dele e achei um celular dentro. Ele tinha alguns deles, e não tinha uma maldita ideia de como encontrá-lo e o que ele estava carregando, não sabia o número. Se tivesse que adivinhar, a chamada que ouvi anteriormente era provavelmente para o Dax, então procurei através dos números e, ao ver o de Dax, enfiei o telefone no meu bolso e abri a porta do quarto.

Reduzindo a velocidade dos meus passos na ponta dos pés pelo corredor, mantendo um olho em Jase e depois na cozinha, vi duas Glock em cima da mesa.

Recuando alguns passos, entrei na cozinha e peguei as armas e um pente, deslizei para o cós da calça e abaixei a longa camiseta de Jase que eu usava.

Ao lado do coldre, estavam as chaves do carro de Jase. *Graças a Deus*. Peguei-as da mesa.... e fiz uma corrida louca para a porta da frente.

Eu tinha que pegá-lo. Tinha que parar a loucura de acontecer.

Meu próprio telefone tocou dentro do meu bolso e meu batimento cardíaco tropeçou quando olhei para o número piscando na tela. Parando na porta, levantei o telefone no meu ouvido, meio em estado de descrença.

"Jo?"

"Ei.." Lágrimas se misturavam a sua voz, e ela fungou. "Olha, peço desculpa que fiquei com raiva de você."

"Onde você está?"

"Pode vir me buscar? Eu... Viktor e eu tivemos outra briga. Uma má. Então fiquei com um cara do clube. Eu não fui para casa nos últimos três dias." Ela bufou através do telefone. "Não é exatamente a fuga que você recomendou, mas sou assim."

"Está... está bem?"

"Eu estou bem. Sinto mesmo a falta de Viktor. Eu... não devia ter feito o que fiz." A voz dela tinha uma verdadeira qualidade instável quando caiu em lágrimas. "Eu quero vê-lo."

Parte de mim queria rir do quão ridícula a situação tinha se tornado. Não, uma parte de mim queria estrangulá-la, mas na realidade, não foi culpa dela. Foi Viktor. Ele mentiu. Eu tinha perdido minha mente preocupada com ela por nada. Tudo o que ela fez foi seguir o meu conselho e fugido do bastardo.

"Não," disse um pouco rápido demais. "Quero dizer, não faz sentido ficar impaciente, certo?"

"Se você estiver muito ocupada, vou chamar um táxi. Estou só sem grana no momento. Esse cara... tudo o que fizemos foi transar todo o fim de semana. Deus, sou uma vagabunda." Ela rompeu em outro soluço. "Nada mais que uma prostituta miserável."

"Basta sentar. Estou indo. Onde você está?" Atravessei a sala até a mesa e escrevi o endereço que ela me passou pelo telefone. "Tudo bem. Estou indo. Aguente firme, está bem?" Eu tinha que chegar até ela antes de Viktor.

"Por favor, depressa," ela disse.

Com o telefone desligado, outro pensamento me atingiu. Se Viktor tinha mentido, então Jase tinha se colocado em perigo por nada.

Depois de colocar o endereço no GPS do meu celular, corri para a porta, os dois celulares na mão e liguei para Dax. Descer as escadas e chegar no carro de Jase, pareceu demorar uma eternidade para Dax responder.

"Ei, linda," ele disse, tudo casual, como se nada estivesse acontecendo. Como se por acaso ele não estava entrando em morte certa.

"Dax. Ouça-me." Eu saí do estacionamento e virei para a Washington Boulevard. "Jase está com você?"

"Não, no momento, mas estou bem atrás dele." Com o tom ofegante da voz dele e um som de empurrões me disse que ele estava em movimento — seja andando ou correndo.

"Por favor, ouça. Jolana, está bem. Falei com ela. Diga a Jase que ele não precisa fazer isso. Jo está segura. Diga-lhe para voltar."

Estática bateu em meu ouvido, me obrigando a afastar o telefone por um breve segundo.

"Sinto muito, querida. A recepção não está boa. O que você disse?"

"Diga que Jolana está segura." Articulei cada palavra e falei mais alto, diretamente para o receptor. "Vou atrás dela!"

A estática se intensificou, sua voz cortando.

"Você me ouviu Dax?"

“Eu...” mais sons esquisitos misturados com picos de estática. "Entendi.”

O telefone silenciou. Presa entre ir atrás de Jolana, ou dos dois, mordi meu lábio enquanto eu olhava apática, a indefinição do semáforo vermelho borrar em um traço.

Lembrei-me de quando era jovem, meu padrasto, Paul, me dizia que, se alguma vez a casa pegasse fogo, eu deveria me concentrar em sair. Voltar para dentro, para os outros poderia significar a trágica constatação que eles tinham escapado e eu seria deixada para morrer nas chamas.

Exceto, que sentia que fui eu quem ateou fogo à casa contando a Jase sobre o e-mail. Que tolice a minha pensar que ele não tentaria ir atrás dela.

Capítulo 54

Jase

Acampados atrás dos arbustos que ladeavam a cerca de arame farpada para a antiga Wayne Fundição e Estamparia, Dax e eu sentamos agachados, com os olhos no edifício adjacente a uns 200 mts da Sphinx. Atrás de nós os fios elétricos zumbiam sobre o silêncio fantasmagórico da rua de Greenspan. No outro bloco, no lado oposto da fábrica, faróis cintilavam quando os carros passavam ao longo da Avenida Michigan.

"Entramos através da janela lateral. A entrada principal é do lado oposto do edifício." Falei baixo, apontando para o edifício cinzento abaixo da construção do clube. "Tenho quase a certeza que é onde as meninas são mantidas. Túneis de vapor conectam cada um dos edifícios. Você encontra a Jolana, e vou atrás de Viktor."

"Mudança de planos, irmão. Sua garota diz que Jolana não está lá."

Eu faço uma careta para ele. "Lucy?"

"Sim, ela me chamou do número do seu telefone. Jolana disse que está a salvo." Ele puxou um pequeno par de alicates do bolso de seu casaco, semelhante ao que eu tinha — um grampo para exploradores urbanos. "Ela, hum... me disse para te dizer para não entrar."

Devia saber que as braçadeiras não a segurariam. Ela era muito esperta, muito inteligente. "Deveria ter usado a corda."

Ele franziu a testa. "O que disse?" Ele ficou mais sério e coçou o queixo. "Sua chamada, Hawk. Só sei que... eu vou entrar, com ou sem você."

"A porra que você entrará sem mim." Dei um salto, puxando alto a cerca de arame enferrujado, enquanto Dax a cortava com o alicate. Com a barra superior presa, alguns fios se alargaram o suficiente para passar.

Mantendo-nos nas sombras, caminhamos em direção a janela quebrada e olhei para dentro, onde o primeiro andar não mostrou nenhum sinal de movimento. Apenas o escuro vazio do espaço aberto e os detritos que se espalharam.

Deslizando a alça do rifle automático sobre a minha cabeça, entreguei a arma para Dax, ele me içou e subi para o interior pela janela. Uma vez que as minhas botas atingiram o cascalho empoeirado do outro lado, alcancei de volta e agarrei os dois rifles dele, fui para o lado enquanto ele subiu atrás de mim.

"O mesmo plano de jogo," disse, lançando-lhe a arma. "Pega os fundos para o clube, se necessário."

Quando olhei de relance para Dax, seus olhos pareciam grandes e selvagens, cheios de algo que parecia enlouquecido de excitação. A parte louca — o desgraçado sempre foi louco. A excitação parecia um pouco fora do normal para ele. "Você está bem, irmão?"

"Esperei um ano para encontrar o assassino da Olivia. Eu não posso esperar para ter o filho da puta à minha mercê."

Dei um tapinha no ombro dele antes de correr através do cascalho e madeira podre, até chegar na escadaria do lado oposto da fábrica de papel. Empurrei a porta de aço com meu ombro, mal moveu a maldita coisa. Dax adicionou seu peso, e conseguimos abrir a porta o suficiente para deslizar para dentro da escada.

Somente a luz da fábrica aberta cortava a escuridão abaixo de nós. Puxando uma lanterna do bolso no meu coldre, virei e um

arco de luz iluminou a estreita escadaria onde apontei para baixo. Dois andares abaixo e seguimos com as botas batendo rapidamente contra o concreto, até que chegamos a porta em baixo.

Dax deu um empurrão rápido na maçaneta. Trancada. De uma mochila de tamanho médio amarrada ao seu corpo, Dax puxou uma broca pequena, e eu segurei a lanterna enquanto ele perfurava o mecanismo de bloqueio. Ele caiu no chão com um estrondo, e Dax trocou a broca para uma chave de fenda, abrindo o cadeado.

Eu dirigi a lanterna em direção ao seu rosto. "Entrar e sair. Você está pronto?"

"Sim. Vamos aniquilar esse filho da puta."

Segurando meu rifle próximo ao meu lado, dedo no gatilho, eu deslizei a porta aberta e olhei um longo corredor, iluminado por duas lâmpadas vermelhas. Portas revestidas de ambos os lados do corredor que devem ter sido escritórios em algum tempo.

"Onde estão os tuneis?" Dax sussurrou ao meu lado.

"Deve ser do outro lado."

Enquanto eu sinalizava a Dax para continuar, gritos atingiram o ar. Distintamente feminino.

Um aperto no meu braço me fez olhar de volta para Dax. "Onde estão os malditos túneis de vapor?" Ele perguntou.

Eu pisei na direção dos gritos, mas o aperto de Dax reforçou.

"Que merda." Ele ajustou o olhar dele. "Quero Pasák."

"E se fosse Olivia lá, hein?"

Dor cintilou em seus olhos, suas sobrancelhas arquearam com o endurecimento de sua mandíbula, mas ele soltou meu braço, e andei novamente.

Ao longo do corredor, parei ao chegar em uma porta através da qual o gemido agudo saiu. Esperei um momento, armas a postos, em seguida chutei através da barreira com um estrondo retumbante. Alinhando a minha chance, preparei-me para explodir a primeira coisa que estivesse no meu caminho e entrei na sala.

Um armário de aço pegava a maior parte das paredes para a direita. Além desses, uma grande cruz de Saint Andrews estava no canto da sala, em frente a um colchão no chão.

Uma pancada em minhas costelas enviou solavancos de dor através de meus ossos, e me curvei, levando um soco no flanco direito. Levei meu punho no rosto do meu agressor, quando ele veio a mim novamente. Direita, direita, esquerda, eu joguei três socos que o deixaram tropeçando para trás contra a parede.

Vindo atrás de mim, Dax engatilhou a arma dele, e o homem caiu de joelhos, mãos para cima em sinal de rendição.

Choramingos me atraíram mais para o fundo da sala, onde uma loira estava sentada no canto tremendo. Tão logo ela levantou a cabeça, reconheci o rosto dela.

"Elodie?"

Ela estreitou os olhos em mim, como se tentando descobrir quem eu era, até que seu rosto iluminou com alívio. "Jase?" Atravessando o quarto, ela quebrou em soluços e jogou os braços ao meu redor.

Que porra a filha de Kelley estaria fazendo aqui? Desembaraçando-me girei para o homem olhando para mim do chão. Dei outro soco que o atirou para trás, batendo a cabeça contra a parede. "Procuro por Viktor."

Não encontrando meu olhar, o homem balançou a cabeça.

Segurando a parte de trás do crânio, apoiei Black Betty na garganta dele. "Você vai me dizer, porta, onde encontrar Viktor ou vou estripá-lo bem aqui."

"Eu sou Viktor."

A nova voz veio por trás de Dax, que virou ao redor, apontando sua arma para um homem, ladeado por outros três no corredor, o cara inclinou a cabeça, estendendo a palma da mão. "Elodie. Venha." Estalou seus dedos, lhe chamando como a um cão.

Empurrei-a atrás de mim. "O que você quer com ela?"

"Elodie me deve muito."

"Devo nada a você!" Ela sussurrou atrás de mim. "Você é um doente retorcido, porra!"

"Não me faça pedir duas vezes, amor."

"Não terá, se eu explodir a porra das suas cordas vocais da sua garganta." Levantei a arma e ouvi o clique dos outros ecos do corredor.

"Você não tem ideia no que está se metendo. Liberte a garota antes que isso fique... confuso. "

"O jogo acabou, Viktor. Atiro em você, e mesmo se eu morrer pelas mãos dos seus homens, você morre. Pasák morre."

Um sorriso deslizou em seu rosto. "Quem me dera que fosse verdade. Na verdade, eu pagaria para ver isso."

Franzi a testa, deslizando um rápido olhar na direção de Dax.

"Ah, o que? Você quer saber quem está por trás da cortina? Nós temos alguns minutos, certo?" Ele acendeu um cigarro. "Deixe-me contar uma história sobre um menino que vive nas ruas de Detroit. Com tanta fome e frio, que faria qualquer coisa por uma refeição maldita e um cobertor." Viktor mudou o ritmo quando ele tomou um trago do cigarro, então apontou em direção a Elodie. "Essa beleza de pé atrás de você? Ela é só fumaça refletida para o rei da ilusão."

Virei minha cabeça para o lado, pegando a agitação da cabeça de Elodie.

Lágrimas, formaram-se em seus olhos enquanto seus lábios firmaram em uma linha dura. "Você é um bastardo, Viktor. Um pedaço podre de merda!" Ela cuspiu.

"Ela parece tão limpa e pura", continuou. "Não se engane com ela." Ele deu outra tragada no cigarro dele. "Ela sempre foi a favorita dele."

"Foda-se. Você!" Um barulho no meu coldre me fez estender a mão e empurrar a faca, mas antes que pudesse agarrá-lo, Elodie deslizou por trás de mim, puxando o braço para trás e correu em direção a Viktor.

"Elodie! Não!" Eu gritei.

Duas balas atingiram a lateral da sua cabeça.

Um dos assaltantes na porta abaixou sua arma, e bati nele duas vezes no peito. No primeiro retorno de tiros, mergulhei atrás do armário de aço. Enquanto balas foram despejadas no quarto, Dax curvado ao meu lado, e nós dois retornamos os tiros.

Dois foram disparados no corredor, escondendo-nos atrás da parede em ambos os lados da porta. Nós esperamos, e quando um dos homens se arrastou para o quarto, Dax apagou-o com um tiro na garganta.

O último foi embora no fim do corredor, presumivelmente para buscar mais poder de fogo, e Viktor girou para o seguir.

Antes que pudesse chegar longe, caminhei em direção à porta e acertei um tiro no batente, perdendo por pouco a cabeça de Viktor. Ele se virou, arma apontada na minha cara.

Nós dois ficamos em um beco sem saída, não mais do que alguns centímetros um do outro, até Dax engatilhar a arma ao meu lado.

"Largue a arma," ordenei.

"Vá para o inferno."

Disparei uma bala na coxa de Viktor e o safado gritou, deixando cair a pistola enquanto agarrava sua ferida. Levantando a mão para proteger seu rosto, ele mudou para o pé bom, e eu o empurrei para a frente em direção a Dax.

Empurrei meu queixo na direção de onde tínhamos entrado. "Vamos sair daqui antes que eles voltem."

Arma em punho e pronta para disparar, caminhei na parte de trás, enquanto Dax liderava o caminho para fora do quarto, seu aperto bruto arrastando um Viktor mancando conosco de volta para o fim do corredor, para o outro lado do edifício, onde subimos as escadas.

O baque de botas pisando pelo corredor despertou meus alarmes, e bati Viktor nas costas com o cano da minha arma. "Mexa-se!"

Dois andares abaixo de nós, pelo menos quatro outros indivíduos corriam pela porta e pelas escadas atrás de nós. Tiros batendo o concreto, quando Dax, Viktor e eu retornamos cada degrau da escada para o térreo da fábrica. Através da porta, irrompemos na escuridão do espaço aberto, contornando colunas e entulhos, enquanto os sons de tiros ecoavam para fora da escada.

Chegamos a janela que tínhamos pulado para dentro, e apontei para Dax subir primeiro. "Vá!"

Atrás de nós, nossos perseguidores bateram à porta e eu girei e o impacto disparou meu rifle automático.

Um dos atiradores desmaiou, fazendo a pessoa atrás dele tropeçar para a frente. Mais dois entraram por trás, escondendo-se atrás de uma máquina velha apoiada contra a parede.

O zumbido de uma bala deslizou pela minha orelha e uma queimadura desumana roçou minha bochecha. Levei uma mão ao rosto onde a queimadura se intensificou. "Foda-se!"

Uma vez lá fora, Dax estendeu a mão e quando empurrei Viktor em direção a janela, Dax puxou-o para o outro lado. Enquanto Dax dava cobertura com uma rodada de tiros, subi pela janela adjacente, e o chão frio e duro bateu em meu rosto quando eu me deixei cair. Sacudi, me empurrando para ficar de pé e peguei um Viktor mancando do outro lado do estacionamento aberto.

Levantei a arma e disparei na parte de trás da panturrilha da sua perna boa, e ele caiu para a frente, deslizando o rosto no chão.

"Belo tiro," Dax disse, dando-me tapinhas nas costas, e nós dois caminhamos através das ervas daninhas e sujeira atrás dele.

Tiros passaram por trás de nós.

"Maldição! Porra! Foda-se!" Dax embalava o braço quando seu bíceps foi atingido.

Alcançando Viktor, agarrei as costas da sua camisa, e segurando o arame, empurrei-o através da abertura na cerca e segui atrás dele. Com um aperto forte, arrastei-o na direção do carro de Dax e empurrei Viktor para o banco traseiro, enquanto Dax entrou no banco do passageiro. Uma bala atingiu o Cuda[24], enquanto eu dava a volta no veículo e subia no banco do motorista e disparei. Os pneus cantaram enquanto girei o carro e descia a rua lateral.

Deslizando a arma entre nós, Dax virou.

Olhando no retrovisor, olhei para quaisquer veículos que poderiam ter nos seguido. "Você está bem?" Perguntei enquanto

---

24 

minha atenção saltou entre a fábrica desaparecendo à distância e os veículos no sentido contrário.

"Sim, estou bem. Parece que eles pegaram você, também."

Eu mexi meu maxilar onde a bala tinha arranhado a minha pele. "Só um arranhão."

Ele voltou na direção de Viktor. "Onde está Pasák?"

"Você não vai encontrá-lo. Ninguém sabe onde encontrá-lo."

"Ele é quem assassinou minha família?" Mudei meu olhar à reflexão de Viktor no espelho. "Meu irmão Reed?"

"*Ele* foi quem pegou minha garota. Ele é quem vai pagar pelo que fizeram comigo todos esses anos." Seu olhar caiu no meu. "Elodie era tão vitima como eu. Como todos nós. Livvie. Reed. Jolana. Só fizemos o que foi dito. Subindo a escada para sair da sua fossa de merdas. Ele era o diretor, e nós éramos o elenco de sua fantasia torcida."

"Quem? Fantasia de quem?" Dax levantou sua arma quando Viktor não respondeu. "Não me obrigue a pulverizar a porra dos seus miolos por toda a janela traseira, idiota."

"Quem mais?" Ele disse, encontrando o meu olhar refletido. "Kelley."

Capítulo 55

Lucy

Cheguei no endereço que Jolana forneceu — uma velha mansão construída no setor Palmer Woods de Detroit. Sempre pensei no lugar como um clube secreto de executivos do automobilismo, os políticos, os ricos da cidade. Como diabos Jolana tinha conseguido pegar um daqueles caras estava além de mim, mas ela tem algumas conexões bastante decentes com figurões através de seu pai, pelo que percebi.

Quando estacionei o carro, completamente aberto e exposto, um pensamento passou pela minha cabeça — e se ela não contou ao cara que eu estava vindo? E se ele não quisesse que ela fosse embora?

Em vez de andar até a porta, liguei para o número dela.

Nenhuma resposta.

Espiando pela janela do passageiro, peguei um flash de movimento da primeira janela da mansão.

Mais uma vez, disquei o número.

Ainda sem resposta.

Um texto apareceu na minha tela: *apenas fazendo as malas. Vá em frente a porta. Ele não está em casa.*

Soprando uma respiração, relaxei um pouco, mas passei meu dedo através da Glock ainda enfiada na minha cintura quando saí do carro. Também deixei as chaves na ignição. Vi muitos filmes de terror para saber que a única coisa que sempre segura a fuga era não ter as malditas chaves prontas.

Com passos cuidadosos, caminhei para a porta da frente, percebendo a pequena fenda que tinha sido deixado aberta. Todos os alarmes dentro da minha cabeça me disseram para abortar a missão. Voltar para o carro e ir tão longe quanto possível.

Olhei em direção ao carro e virei para fazer exatamente isso. Para o inferno com a merda de heroína. Eu ia chamar a polícia e ter alguém para buscá-la.

Um grito de dentro endureceu meus músculos.

Jolana?

A luta venceu a fuga, e puxei a arma da minha calça empurrando pela pesada porta de madeira para o que parecia ser uma sala de espera. Madeira de mogno espessa compunha uma escada à direita do corredor, que se dividia em duas salas separadas, uma sala de visitas vazia a minha esquerda. Não parecia que alguém morava no interior, com a espessa camada de pó na esparsa mobília de madeira.

O espaço mal iluminado me engoliu quando pisei dentro, mas postes fluindo através das janelas da frente me permitiram ver uma porta logo abaixo da escadaria, deixada entreaberta.

"Jolana?" Chamei, segurando a arma na minha frente. "Olá? Tem alguém em casa?"

Outro grito, mais fraco do que o primeiro, subiu por baixo, e o meu olhar ficou preso na porta embaixo das escadas.

Merda.

Fiz uma pausa, olhando para ela. Sem dúvida, levaria a um porão. Todas as velhas casas assustadoras, tinham portas embaixo das escadas que levavam para os porões estilo Dungeon[25].

---

[25] **Dungeon** é uma palavra inglesa, com etimologia na palavra francesa *donjon*. Substantivo significando calabouço ou masmorra. Como verbo pode significar encarcerar, prender em calabouço ou masmorra.

"Lucy! Ajude-me!"

Ao som do meu nome, corri para a porta, abrindo-a para revelar uma escada em caracol. Apenas uma única luz prateada abaixo cortava as sombras, revelando um corrimão de tubo preso a uma parede feita de velhas pedras lascadas, listradas com manchas de água. A escada frágil gemeu com o meu peso quando desci um degrau de cada vez, minha arma liderando o caminho.

Um rangido estridente pontuava a rápida batida do meu coração, quando fiz uma pausa e respirei, não ousando chama-la. Eu não tinha ideia de quem era o dono da casa, ou se haviam outros. O ranger parou, e soluços substituíram o som misterioso.

Eu devia estar perto.

Outra rodada de escadas me levou para um local que se abria para uma grande porta em arco, como alguma coisa da época medieval, onde uma réstia de luz sangrava através de uma abertura na parte inferior. À minha esquerda, uma fútil alcova de tijolo abrigava pilhas de barris de madeira. Uma adega?

O rangido começou de novo, e um grito vibrou pela minha espinha.

Jolana!

Empurrei a porta, rangendo, felizmente abafado pelo barulho de dentro do quarto.

A luz de dentro sangrou na escuridão circundante, e quando espiei pela fresta pequena que eu tinha feito, meus olhos se arregalaram. Minha garganta ficou seca.

Meu coração bateu em ritmo de terror.

Meu Deus.

Capítulo 56

Jase

Eu circulei Viktor, que se sentou apoiado em uma cadeira suja no prédio de armazenamento frio abandonado. Fuligem revestia o piso entre fileiras de colunas, e metade do teto desabou depois que o prédio pegou fogo há uns anos atrás.

"Filho da puta!" Dax andava ao meu lado, enquanto eu me esforçava para dar sentido a tudo. "O maldito fodido estava atrás da merda o tempo todo!" Esfregando sua cabeça, ele parou de andar, seus lábios torceram em um rosnado. "Ele matou Olivia. No vídeo. Ele era a porra da voz."

Viktor assentiu com a cabeça, um sorriso ainda colado ao seu rosto, apesar do lábio divido onde Dax já o tinha machucado antes. "Chocados, não é? Kelley costumava ter esses pequenos *retiros*, como ele os chamava."

Meu estômago torceu com o pensamento de que Reed tinha ido em alguns com o bastardo. Porra, eu tinha até o elogiado por sair da sua bunda e fazer amigos.

"Bridger era mau para Livvie e Kelley sabia." Viktor abanou a cabeça. "Covarde. Sempre disposto a fazer o que Kelley lhe dizia." Ele deu um suspiro exagerado que provavelmente deixou Dax pronto para abrir sua cabeça. "É uma pena o que aconteceu com ela."

"Onde podemos encontrar Pasák?" Segurei o cano da arma na sua testa. "E não minta para mim."

"Já falei. Ninguém sabe."

Empurrei o cano em sua boca em vez disso. "Qualquer ideia do que um fuzil pode fazer na sua cabeça?"

Ele segurou suas mãos em sinal de rendição, e deslizei a arma de sua boca, batendo a parte de trás do seu dente na saída. "Nunca é o mesmo lugar. Essa é a beleza sobre Detroit, certo? Todas essas casas abandonadas. Onde mais pode você escapar de um crime?" Sua voz ecoou através do edifício. "Ele vai te matar antes de encontrá-lo."

"Vou me arriscar." Enfiei a arma na cinta por cima do meu ombro e mudei para a Black Betty, mantendo o nível da lâmina na sua garganta. "Qual é o seu papel no Seventh Circle?"

"Sou o diretor de entretenimento." Ele zombou e cuspiu sangue no chão.

"Qual foi o papel de Reed?"

"Reed nunca teve um papel."

Eu esperava que isso fosse verdade. "Mas ele tinha a tatuagem."

"Para proteger a Livvie. Sempre protegendo a pequena Livvie."

"Quem *treina* as garotas?" Ergui a lâmina.

"Conall. É o braço direito de Kelley e sequestrador."

"Por que Elodie?"

Seus lábios torceram com nojo. "Porque ele roubou Jolana de mim."

Olhei de relance para Dax. "Você disse que... Jolana estava segura? Onde está a Lucy?"

"Ela disse... porra, Jase." Franzindo a testa, ele balançou a cabeça. "Ela disse que estava indo atrás dela."

Viktor riu. "Poupe o trabalho. Ela provavelmente está morta agora. Tenho certeza de que você pode pegar as reprises no site, no entanto."

Raiva queimou dentro de minhas veias, e dei um soco na cara dele, batendo sua cabeça para trás. Virando-me para Dax, deslizei a Black Betty para dentro do coldre e empurrei minha cabeça em direção a Viktor. "Você cuida dele?"

Dax esfregou os dedos na sua mão. "Sim, eu cuido disso. Vou chamar Rhys para se juntar a festa."

"Deverá ter um leilão em dois dias," disse, afastando, meus nervos agitados sobre Lucy. "Descubra onde será realizado."

Viktor se contorcia em seu lugar, e quando ele levantou, Dax o empurrou de volta na cadeira. "Contei tudo que sei."

"Nem tudo." Dax inclinou a cabeça, um sorriso esticando seus lábios. "Quão bem você responde a dor?" De dentro do seu casaco, Dax puxou o alicate que tinha usado anteriormente, torcendo na frente de Viktor.

Eu fiz uma corrida mortal para o carro de Dax, enquanto os sons dos gritos de Viktor saltaram através do edifício, apenas um pensamento correndo através da minha mente.

Lucy, é melhor ainda estar viva.

Capítulo 57

Lucy

Através da porta em arco tinha outra porta de metal grossa, como algo encontrado em um navio com uma fechadura de roda. Deve ter sido o giro da roda fez o som de moagem que ouvi lá de cima.

Uma única lâmpada iluminava dentro do cofre. Eu li sobre as amplas criptas, onde os ricos e foras da lei armazenavam suas bebidas antigamente.

Pelo que pude ver através da porta, os cabelos loiros de Jolana jaziam caídos sobre a borda de uma mesa, o habitual fulgor e brilho estava opaco e emaranhado.

"Shhhhh! Jolana, querida. Você fez isso para si mesma. Você provocou isto."

Concentrei-me na voz masculina. Deve pertencer ao homem com quem ela transou nos últimos dias. Já ouvi isso antes? Era alguém que vi no clube, algum dia?

Eu não podia evitar, mas me perguntei se ele sabia que estava de pé fora da porta? Tinha ouvido Jolana chamar meu nome. Não cheguei até a casa furtivamente, estacionei bem na frente, então certamente tinham me visto.

"Por favor, Pasák. Deixe-me ir."

Meu coração bateu em minha garganta, sufocando um gole, e bati minha mão na boca. *Pasák*? Meu estômago revirou, quando recordei a conversa que tive com Craig há quase um mês.

Seventh Circle é um site na darknet. O proprietário é completamente anônimo. Ele atende pelo nome de Pasák.

O homem por trás dos filmes snuff[26]. O homem que matou a família de Jase. Provavelmente a pessoa que me enviou o e-mail também. E eu tinha pensado que era Viktor.

Uma sensação arrepiante estabeleceu-se sobre mim, e esfreguei a parte de trás do meu pescoço. Andei diretamente para uma teia de aranha, e meu corpo vibrou com dormência e pânico, incerto do que fazer em seguida.

"Sklamal si ma, lupienok." '*Você me decepcionou, pétala.*' Para um homem que se passava por um nome eslovaco, parecia não falar bem a língua. Eu, ao contrário, cresci com a fala natural, o eslovaco dele carregava um sotaque grosseiro, como se fosse uma segunda língua.

"Por favor", ela sussurrou. "Estou jurando para você. Eu não fiz isso. Não traí sua confiança."

"Ah, claro que não, Jolana. Sempre foi tão inocente, não é? Minha pequena inocente pétala."

Inocente? Em quê?

Espreitando para a pequena antecâmara que separava a cripta de onde eu estava, ampliei a fenda, congelando quando a conversa morreu em uma breve pausa. Precisava de uma espiada no rosto dele. Só olhar para ver se o reconheceria.

"A confiança é algo sagrado" ele continuou. "Não é dado livremente. E ela pode ser destruída em um simples ato de rebeldia."

[26] Um termo que é usado para descrever um filme que retrata uma cena de assassinato violento. Exceto que em **snuff** filmes, os atores são pessoas reais e a vítima da cena do crime está realmente morta no filme.

"Por favor, vou ganhar sua confiança." A voz de Jolana aderia a um frágil desespero que nunca ouvi antes, como se ela pudesse rachar e quebrar a qualquer momento. "Prometo que vou ganhar."

Escorreguei dentro da antecâmara, aderindo firmemente a parede nas sombras, até conseguir chegar a porta. A minha esquerda, a entrada para a cripta agiu como um holofote na escuridão circundante.

"Primeiro, você deve ser punida. E, como você sabe, não sou eu quem vou realizar a punição. Sou demasiadamente suave. É doloroso demais para mim te fazer mal."

"Por favor. Eu fiz como você pediu. Fiz tudo o que você me pediu. Por favor não me machuque." Os soluços de Jolana me lembraram de uma criança, e apesar de que queria correr para o quarto e salvá-la, me apeguei a penumbra, pelo menos até saber quantos eram.

Inclinada para a frente, mergulhei para baixo até que vi a coroa da cabeça de Jolana. Seus punhos algemados tinham sido anexados a um cano, que estava preso ao tampo da mesa acima de sua cabeça. Eu gostaria de poder fazer alguma coisa, avisá-la que eu estava aqui.

A pancada atingiu minhas costas, e antes que pudesse girar ao redor, braços me envolveram por trás, levantando-me do chão.

Eu disparei minha arma, uma vez, duas vezes, em ângulo para baixo e disparei de novo. Quando um clamor soou no meu ouvido, eu caí do aperto forte.

"Foda-se!" A figura atrás de mim gemeu e se inclinou para a frente, segurando o tornozelo.

Recuando, apontei minha arma para um Hulk sombrio. Meu corpo tremia, os nervos ao limite e formigando, à espera de um contra-ataque.

"Puta imunda. Você vai pagar por isso." Essa voz profunda e rouca. Eu a reconheci. *Conall.*

Entrei na cripta, obtendo uma visão completa de Jolana.

Amarrada a uma mesa, completamente nua, as coxas dela tinham sido espalhadas em direção a uma câmera na outra extremidade.

Ao lado dela estava um homem mais velho, talvez em seus sessenta anos, vestido em calças largas compridas, um botão branco abaixo. Um homem de negócios? Eu tinha visto ele antes, mas onde?

Em segundos, meu cérebro vasculhou as memórias, uma velha história de notícias fechando através da minha mente, mas tão rápido, Conall mancando na sala, bloqueou o que parecia ser a única saída, segurando uma arma apontada para mim.

Estreitei meus olhos sobre o estranho, mantendo a arma em Conall, pronta para pintar a parede com o cérebro do canalha. Eu não poderia ter uma distração de tentar identificá-lo. "Você. ... é o conselheiro da juventude. Aquelas crianças." Flashes da história brincavam dentro da minha mente. Um político. Elogiado por seus esforços de ajudar crianças sem teto. "Kelley."

"Bem-vinda! Estivemos esperando por você, Lucy." Ele acenou uma mão em direção a Jolana e Conall. "Você conhece meus outros convidados."

Balancei a arma em direção a Kelley, mas na guinada de Conall em minha direção, apontei de volta no porco.

"Não é uma ideia particularmente sábia vir aqui, minha querida. Direto para a boca da besta."

"Deixe-a ir, ou vou disparar balas em vocês." Apesar da ferocidade em minha voz, cada músculo tremia de medo. Cada palavra chegava como uma mentira, um blefe, para salvar a minha

vida. Sem dúvida, Conall provavelmente me mataria primeiro. Meu olhar cintilou entre eles, nunca desviando o olhar.

"Sinto muito, Lucy," Jolana disse e escorregou as mãos das algemas, que segundos atrás, tinha os seus pulsos.

O que. A. Porra.

Sentou-se, desfazendo as amarras em seus tornozelos.

Minha mão tremeu com o esforço de manter a arma em Conall. "O que diabos está acontecendo?"

Jolana deslizou da mesa e caiu de joelhos diante de Kelley e, em seguida, beijou o topo da sua mão. "Ganhei sua confiança, Pasák?"

"Áno, môj nevinný kvet." *Sim, minha flor inocente*. Kelley voltou sua atenção para mim. "Estou incrivelmente frustrado, Lucy. Os termos do acordo que fizemos foi que entregasse o Senhor Hawkins e a câmera com as imagens de vídeo. Não precisava vir incomodar. Não precisava de todo esse... *teatro*. Heroísmo ridículo. Você simplesmente tinha que fornecer o endereço e podia ter ido embora. Jolana teria retornado em segurança ao apartamento dela, e nunca ouviria falar de nós novamente." Ele suspirava e balançou a cabeça. "Mas você não conseguiu ouvir, e eu tive que fazer justiça com minhas próprias mãos."

Meu coração bateu no meu peito. O ar no quarto tornou-se fino, quando todas as peças que faltavam finalmente clicavam no lugar. Clique. Clique. Clique.

"Jolana? Você... o que você fez? "

Kelley acariciou o topo da cabeça dela, enquanto ela ficou debruçada ao lado dele, segurando sua perna como um cão. "Esclareça, minha querida."

Um ligeiro sorriso levantou o canto de sua boca, sombras de traição nublando os olhos dela. "Naquela noite na Sphinx. Viktor

recebeu um telefonema que alguém tinha visto despejar o corpo de Sarah."

Sarah? Ela trabalhou como dançarina da Sphinx. Na noite que concordei em fazer as danças de colo, Viktor me disse que ela estava viajando pelo país.

"Disse a ele sobre a atribuição em que estava," ela continuou. "Falei que você trabalhava para um jornal e tinha ido para o matadouro para tirar fotos."

Gelo correu na minha espinha, chegando em torno dos meus pulmões.

O sorriso no rosto dela murchou, e ela deixou cair seu olhar do meu, como se um momento de humanidade de alguma forma havia assumido sua cabeça torcida. "Eu disse a Peepshow onde te encontrar."

Ainda segurando minha arma em Conall, meus braços queimavam, meu corpo estava muito tenso com medo e choque, meus músculos contraídos. "Você me mandou aquele e-mail, não é? E naquele dia.... depois que te visitei. Você disse..." Bati o meu olhar em Conall, que permanecia junto a porta, como se esperando uma ordem para se mover. "Você disse a *ele* e ao policial onde me encontrar. É por isso que apareceram no meu apartamento?"

Conall gemeu. "Eu sabia que cheirava a uma buceta suja na pilha de lenha."

Ignorando Conall, voltei minha atenção para Jolana. "Foi você. Durante todo esse tempo. Você... por que?"

Ela jogou sua cabeça para trás, os olhos travados com os olhos doentes de Kelley. "Eu estava subindo a escada, Lucy, e você era apenas um dos degraus para minha liberdade."

"E Viktor?"

Seus ombros cederam no que parecia ser um breve momento de remorso. "Viktor era meu amante. Mas Pasák é meu mestre. A quem sou mais leal."

Mate-os. Mate-os agora.

Levantei a arma para Conall, mas antes que pudesse puxar o gatilho, um estouro úmido e o som vacilante que se seguiu assustaram os meus músculos. Meus olhos voltaram para Kelley, onde, ao lado dele, Jolana caiu no chão. Sangue aveludado vermelho deslizava para em sua bochecha, sua cabeça se abriu por uma bala de curto alcance.

Com um sorriso no rosto, Kelley apontou a arma para mim. "Se atirar. Eu atiro."

Meu coração congelou dentro do peito, os ramos de gelo cristalizaram meus pulmões, e o grito preso na minha cabeça não conseguiu romper. Levantei o meu olhar fixo do agrupamento de sangue, muito sangue, em torno de Jolana e de volta para Conall, cuja arma permanecia apontada para mim. Tentando mantê-lo na minha mira, abri a boca para nada mais do que o engasgar de um grito sufocado.

"Está tudo bem, querida. Grite se você precisar. Ninguém vai ouvir você."

Pânico sufocou minha respiração, e nem mesmo as duas mãos poderiam segurar a arma estável com a tremedeira do meu corpo. Morta. Ele atirou nela. Morta. "É... não é..."

"Não se sinta culpada. Jolana não era bem o que parecia. Nada mais que um peão, desde o dia que a encontrei há oito anos atrás. Ela fugia de um pai que vendia o seu corpo por anos para pagar seu vício em drogas."

Fiz uma careta e balancei a cabeça em descrença. Ela mentiu sobre tudo, inclusive seu pai, que era supostamente rico e conhecido. Nós enrolavam no meu estômago... quando tudo começou a se unir.

"Sempre é triste quando você descobre que a princesa é, na verdade, nada mais do que uma puta patética. Você ficaria surpresa com o que alguns meses nas ruas faz a uma pessoa. Fica disposta a fazer qualquer coisa para manter um teto sobre sua cabeça." Ele acenou com a mão no ar, ainda mantendo a arma em mim. "Chega disso. São águas passadas. Vamos começar, vamos? Tenho uma coisa que gostaria de enviar para o seu namorado. Tenho certeza que ele vai achar fascinante." Ele chegou na câmera, e ácido queimou minha garganta enquanto a realidade começou a afundar.

Olhei para o lado, onde as prateleiras de madeira forravam a sala, talvez uma vez foi repleta de vinhos e licores, mas que foram substituídos pelo que parecia com ferramentas de agricultura antigas que uma vez vi em excursão a um Museu quando ainda era jovem. Gotas de sangue respingaram na mesa onde Jolana foi amarrada, e minha garganta ficou seca com a súbita consciência de que era sua sala de tortura.

Eles estavam prestes a filmar o meu vídeo de snuff.

Capítulo 58

Jase

Bati a porta do apartamento, os olhos esquadrinhando o caminho para o quarto onde a tinha deixado, à procura de qualquer sinal. Uma pista. Algo que me levasse para onde ela foi.

Lençóis rasgados estavam espalhados sobre a cama. Peguei as roupas de Lucy que estavam jogadas na cadeira e vasculhei os bolsos. Nada.

Girando ao redor, eu peguei sua mochila e joguei o conteúdo sobre a cama. Perfume, cartões SD, desodorante, roupas. Nada que me daria uma pista sobre Jolana e onde encontrar Lucy.

Eu me dirigi para a sala de estar, esfregando a mão pelo cabelo.

Porra!

Olhei à direita sobre a sala, eu peguei um flash de branco sobre a mesa. Um pedaço de papel.

Um endereço. Um que me dizia que estava na área de Palmer Woods.

Enfiando-o no bolso, eu corri pela porta da frente.

****

Estacionei o carro de Dax, no que parecia ser uma mansão abandonada, com as ervas daninhas crescendo a partir das fissuras no pavimento, as janelas fechadas com tábuas, era o que podia ver do outro lado da rua de onde o meu Camaro ficou estacionado.

Ficando nas sombras, atravessei a rua para a mansão vitoriana, onde nenhum outro carro era visível. Caminhei até a casa, mantendo-me à espreita, e olhei através das janelas.

Havia duas poltronas em torno de um pequeno pedestal, no que parecia ser uma sala de estar. Nenhum sinal.

Ao longo da parede, deslizei em direção à janela da frente, onde eu não podia ver além das grandes cortinas, a partir daí fui para a porta da frente, olhando pelo espaço que tinha sido deixado aberto.

Uma olhada dentro não me deixou ver nenhum movimento, apenas a escuridão e o esboço fraco de uma escada à distância. Eu ampliei a abertura e enfiei meu dedo no gatilho pronto para qualquer coisa. Da esquerda para a direita, eu varria a sala com o cano da minha arma.

O silêncio me deixava nervoso, enquanto eu rastejava através do foyer e levantava o meu olhar em direção ao topo da escada.

Um clamor interrompeu meus passos. Vinha de baixo.

Girando ao redor, fui em direção a uma porta na lateral da escada.

Outro grito ecoou pelas paredes e deixou o meu coração pulando no peito.

Lucy.

Respirei e abri a porta, através da qual uma escada em caracol chamou-me para dentro. Descendo as escadas, eu rastejei

silenciosamente, pronto para explodir a primeira coisa que aparecesse no meu caminho.

Seu terceiro grito quebrou, deixando um silêncio pesado.

Porra! O pânico estourou no meu peito, e com uma descarga de adrenalina, corri descendo os degraus restantes. Chegando a uma grande porta de madeira, encontrei uma antessala, onde uma porta de um grande cofre estava entreaberta.

Um passo dentro, e peguei um movimento com o canto do meu olho. Quando virei, uma dor aguda explodiu ao lado da minha cabeça, em uma explosão de estrelas.

A figura sombria volumosa, segurando um objeto em forma de pá, ficou para o lado, enquanto o quarto começou a girar, mesmo antes de uma superfície dura bater em minhas costas, batendo o vento de meus pulmões, e tudo ao meu redor se tornou escuridão.

****

Abri os olhos para um borrão, além do qual podia ver rostos me olhando.

Dois? Quatro?

Através de uma névoa de confusão, forçava os olhos, e a memória do que aconteceu espirrou através da dor golpeando meu crânio. Quando cai para frente, a tensão atingiu meu peito, e levou segundos para perceber que eu estava amarrado a uma cadeira. Minhas mãos tinham sido algemadas atrás de mim, ambas latejavam e queimavam das tiras de aço afiadas que cortavam a minha pele.

Uma corrente atravessava meu tronco, amarrada tão apertada contra minhas costelas, que eu mal podia respirar. Todas

as ligações metálicas convergiram em um único bloqueio mestre, que ficou zombando de mim, apontando acima de meus joelhos. Eu não poderia nem mesmo me mover um centímetro, e os pulsos de pressão nos meus dedos pareciam como se pudessem explodir em uma confusão sangrenta.

À minha frente, David ficou ao lado de outro bastardo musculoso, que Lucy tinha apontado há um tempo em um vídeo. Conall. "Jase", disse David, balançando a cabeça. "Como desejei que esta fosse uma circunstância diferente."

"Vou matar você, filho da puta! Onde ela está? Onde está Lucy?"

Ele deu um passo para o lado, revelando um lençol branco salpicado de manchas de sangue vermelho escuro.

Fúria disparou dentro de minhas veias, e chutei para frente para alcançá-lo.

"Uh-uh. Eu não faria isso, se fosse você." Ele apontou para baixo da cadeira de aço. "Sob essa cadeira existe TATP[27] suficiente para explodi-lo em pedaços. Não o suficiente para a casa, mas o suficiente para ter a polícia pegando partes de você em todo o lugar. E ele pode ser muito, muito instável. Um mero atrito poderia aciona-lo, e em metal, bem, é apenas muito imprevisível."

Sabia o que era TATP. Nós tínhamos fodido ao redor com ele quando criança. Eu respirava com dificuldade pelo nariz, mandíbula apertada, meus olhos fixos no nódulo imóvel sob o lençol. "O que você quer de mim?"

"Estou feliz que você perguntou. Em primeiro lugar, você vai me dizer para quem está trabalhando. Veja, uma soma muito grande de dinheiro foi roubada recentemente, e não aceitei isso muito bem, uma vez que reflete mal em mim. Em segundo lugar,

[27] Triperóxido de triacetona é um peróxido orgânico e um alto explosivo primário. Ele toma a forma de um pó cristalino branco com um destacado cheiro acre. É altamente suscetível ao calor, fricção e choque. Por sua instabilidade, tem sido chamado a "Mãe de Satã".

pensei que poderia filmar a sua reação, quando você visse Conall estuprar sua mulher através de uma câmera."

Meu sangue se enfureceu com a necessidade de golpear a porra da cara dele. Com cada músculo tenso, adrenalina corria através de mim, pedindo ao meu corpo para se libertar e cortá-lo em pedaços. "Eu vou ficar livre, filho da puta. Vou pegar você. E vou explodir a porra da sua cabeça."

"Improvável. Eu tenho uma reunião muito importante em dois dias e preciso me preparar, então vou sair em apenas um momento. Conall irá certificar-se que você tenha uma vista agradável, acolhedora de sua menina. Se você tentar se mover, vai explodir, então sugiro que permaneça desfrutando do show, e quando estiver tudo acabado, se você lhe der as informações que ele está procurando, vai simplesmente deixar vocês dois apodrecerem aqui. A menos que você exploda tudo antes disso."

"Foda-se."

Puxando as amarras, torci meus pulsos, a picada crua queimando minha pele. Eu não iria escapar das correntes, tecidas com tanta força em torno de meus ossos, a menos que quebrasse o cadeado que repousava sobre minhas coxas como uma boia em milhas de mar aberto.

Seu sorriso maroto se firmou ao ver meus punhos presos se contraindo. "É uma pena que o seu irmão morreu. Eu poderia ter feito um monte de dinheiro, se ele não tivesse sido tão estúpido." Com as mãos atrás das costas, Kelley caminhou na minha frente, alimentando a urgência dentro de mim para atacá-lo. "Primeiro, ele invadiu o site, então roubou os arquivos. E eu nunca saberia que tinha sido ele, se não tivesse sido tão tolo. Foi se gabar para Bridger, de todos os idiotas. Pensando que ele poderia confiar no pequeno bastardo. Reed era um juiz tão pobre de caráter. Ele deveria ter sabido que Sean faria qualquer coisa para ser apreciado, até mesmo vender o único amigo que ele já teve."

"Reed sabia que era você por trás dos vídeos. As mortes. Ele ameaçou expô-lo."

"Eu não podia deixar algum pedaço drogado de merda arruinar a carreira que trabalhei tão duro para ter. Há legiões de aberrações na internet dispostos a pagar muito dinheiro para ver os outros sofrerem. E quem dá a mínima sobre um monte de bastardos das ruas? As pessoas ignoram eles o tempo todo, não poupando um único pensamento. Ninguém se preocupa com alguma pequena cadela fugitiva, até ela cair em uma lixeira e se tornar notícia. Fofoca política." Ele parou na minha frente, e inclinou a cabeça. "Seu irmão é um dependente a menos de drogas nas ruas. Um show de horrores de webcam a menos. Menos um desperdício de partes do corpo humano." Sua boca deslizou em um sorriso. "Não me diga que você não se sentiu aliviado quando ele se foi. Por já não ter que lidar com suas ameaças de suicídio. Sua espiral descendente em depressão. Diga-me que você não aprecia não ter de olhar para a terrível verdade que não importa o que você fizesse nunca poderia tê-lo salvo, de qualquer maneira."

Um espasmo de dor atingiu meu crânio quando cerrei meus dentes. "Você fodeu com ele. Você, e cada pedaço de merda que afirmou que poderia ajudá-lo. Eu vou te matar, Kelley. Vou te ver sofrer por tudo que você fez."

"Sim, tenho certeza. Até então, dê os meus cumprimentos a Lucy quando ela acordar."

Kelley se afastou de mim, em direção à porta, batendo Conall no braço, ao sair do cofre.

Meu olhar voltou para Conall, cuja boca deslizou em um sorriso, e outra descarga de adrenalina explodiu nas minhas veias como água gelada.

"Esta é a minha parte favorita. Só eu e você." Ele puxou o lençol, expondo o corpo seminu de Lucy, os braços algemados no que parecia um tubo de metal que tinha sido fundido ao longo da beirada da mesa, e seus pés estavam separados apontando para os

cantos inferiores. Suas roupas superiores tinham sido cortadas, revelando seus seios, e sangue manchava seu estômago como se ela pudesse ter lutado. Sua metade inferior tinha sido retirada completamente.

Enrolei meus pulsos contra as amarras, meus olhos sobre ele, enquanto contornou a mesa, correndo os dedos por seu corpo imóvel. "Eu vou rasgar sua garganta!" Queria destruí-lo, membro a membro por tocá-la.

A risada de Conall saltou fora das paredes e bateu através do meu crânio em uma batida digna de assassinato. "Você não pode fazer nada, seu merda idiota. Se você se mover, explode." A partir da mesa, ele levantou minha faca, girando-a na minha frente. "Sabe o que eu mais odeio sobre esta cadela? O jeito que ela olhava para mim. Sempre olhando para o meu rosto."

Quando ele deslizou a faca em seu rosto, meus músculos tremiam com o esforço para quebrar as correntes. "Foda-se!" Eu me contorcia na cadeira, enquanto ele ria e lambia o sangue da lâmina.

Lucy empurrou, com a cabeça balançando para frente e para trás, e um suspiro quebrou seu estado sonolento. Seus braços puxaram impotentes as amarras, e meu coração queimou dentro do meu peito quando ela levantou a cabeça, sua respiração deixando-me saber que ela tinha conseguido dar uma olhada em si mesma e viu Conall ao lado dela. "Não! Não!"

Conall deslizou suas mãos debaixo do seu corpo e virou-a, deixando os braços atados torcidos um sobre o outro.

Ela virou a cabeça para o lado, e medo dançava em seus olhos quando eles trancaram com os meus debaixo de um escudo aquoso de desespero.

Atrás dela, Conall soltou o cinto, e eu balançava tanto quanto podia contra as correntes, meu rosto quente com raiva e histeria passando em meus nervos.

"Talvez a deixe viver. Inferno, talvez eu vá deixar vocês dois vivos. Porque a próxima vez que vocês estiverem transando, adivinha em quem ela vai pensar?" Um torcido sorriso deslizou como cobra em seu rosto.

"Liberte-me, filho da puta. Cinco minutos. Cinco malditos minutos são tudo que preciso."

Suas sobrancelhas se ergueram. "Cinco minutos, é tudo? Veja, eu acredito na longa tortura. O tipo que leva dias. Inferno, semanas. Uma vez eu mantive uma cadela acorrentada a minha cama por duas semanas observando-a morrer de fome. Fascinante." Os olhos do psicopata perfuraram os meus... Pretos, sem vida, sem qualquer emoção, exceto ódio. "Eu não posso esperar para ver quanto tempo leva para você quebrar. Enquanto olha para ela..." Quando ele massageou o traseiro de Lucy, suas sobrancelhas se uniram, e ela contraiu contra ele. Quando a mão dele apertou sua pele, um grito rasgou de sua garganta, antes que ele batesse em sua bunda tão alto que o crack ecoou dentro do cofre. "...Vai passar por um treinamento."

"Treinamento para que?"

"Para se tornar uma escrava. Vendida em leilão. Um valor, um pedaço de brinquedo de merda para alguém como eu. Alguém que goza aos sons de gritos e sofrimento."

"Vá para o inferno do caralho!" Lucy balançou, enquanto seus braços tremiam.

"Nós já chegaremos aos doces peitos." Conall enfiou a mão embaixo e segurou um dos seios, puxando-o, até que o grito de Lucy trouxe um sorriso ao seu rosto.

Raiva e dor batiam no meu interior. "Vou te dizer! Vou te dizer tudo o que precisa saber. Onde encontrar o vídeo."

"Isso é ótimo." Ele deslizou suas mãos sob seu estômago e colocou-a sobre seus joelhos, enquanto Lucy se contorcia contra ele. "Ainda assim vou foder sua menina na sua frente. Eu não me

importo sobre alguns vídeos inúteis. Não me importo sobre o dinheiro que foi roubado. Não estou fazendo isso porque tenho que fazer." Sua língua varreu seus lábios enquanto ele esfregava as mãos nas costas das coxas de Lucy, incitando uma contração do seu corpo. "Estou fazendo isso porque quero. Antes de chegarmos ao fim, porém, pensei que poderia fazer um pouco de preliminares. Alguns exercícios de dor." Ele escovou os cabelos da orelha, olhando em mim quando ele sussurrou, "Eu gostaria de saber antes de enfiar meu pau dentro de sua boceta."

Usando seus quadris, ela o empurrou para trás, dando-me um momento de prazer com o seu tropeço estranho. Endireitando-se ele fechou um punho para trás e deu uma cotovelada nas costas dela, raiva e loucura lutaram dentro do meu íntimo com o grito de dor, Lucy caiu na mesa e Conall levantou-a de volta para cima, agarrando-a firmemente.

"Filho da puta!" Eu apertei meus punhos tão forte que deve ter feito o sangue escorrer de minhas palmas arrancado pelas minhas unhas. Ódio atacou meus músculos com o desejo de surrá-lo. Minhas mãos tremiam contra as amarras para quebrá-las.

Agarrando um punhado de cabelo, ele posicionou a faca no centro das costas de Lucy, e deve ter enfiado na pele a ponta, quando seus olhos se encolheram. "Continue lutando, cadela. Eu adoro um bom jogo." A partir da parede adjacente, ele puxou um chicote, feito de nove cordas finas trançadas. Ele o deslizou através de sua mão, depois lançou os cabos em todo o corpo de Lucy. "Não vou mentir, querida. Isso vai te machucar mais do que vai me machucar."

"Conall." Apesar do desgosto, a raiva apertando minha garganta, mantive meu nível de voz, calma. "Eu tenho uma grande soma de dinheiro. Vou dar-lhe o que quiser. É seu. O vídeo. O dinheiro. Nomes. Qualquer merda que você queira."

Com um aceno de cabeça, os lábios se curvaram em um sorriso. "O dinheiro não me importa. Nem algum vídeo de merda

que não poderia me importar. Mas infligir dor? Isso sim me deixa duro pra caralho.”

Ele baixou o chicote em todo o traseiro de Lucy e seu grito atingiu minha espinha como uma faca raspando meus ossos. Outra chicotada e ela gritou, seguida por uma série de golpes que a deixaram de cabeça baixa, soluçando em seu braço.

"Porra, sim." Conall agarrou a frente de si mesmo e, apertou ali, lambendo os lábios. "Essa merda é música para os meus ouvidos." Ele golpeou novamente. "Vamos, cadela, implore-me para parar."

Nós apertados de dor torciam o meu estômago, e meu rosto queimava com sangue aquecido correndo em minhas veias "Lucy... Lucy olhe para mim." Minha voz saiu rouca, estrangulada pelo aperto no meu pescoço e do rígido aperto da minha mandíbula.

Outra rachadura do chicote a fez arquear as costas, incitando um grito agudo dela, a visão e o som se derramavam como água quente na ira através dos meus músculos.

Sprays de sangue salpicavam a mesa de concreto quando o chicote desceu novamente, e um uivo desumano de dor rasgou através do meu peito, batendo nas paredes.

Bati os olhos fechados, com flashes de luz recortando por trás de minhas pálpebras, como se cada parte de mim estivesse tensa em uma bobina apertada, desesperada para atacar.

Violência e loucura lutavam dentro do meu estômago, esticando meus músculos com o esforço para arrancar as correntes e esmagar a cabeça de Conall contra o concreto. Eu queria assistir seu sangue pulverizar pelo meu rosto, provar o sabor salgado em minha língua enquanto esmagava seu crânio.

Eu enterrei meus dentes. As correntes sacudiram, enquanto me contorcia na cadeira, e meu corpo convulsionou em espasmos, puxando-me da vontade de cair na escuridão. Eu precisava ver seu

rosto. Precisava saber que ela ainda estava lá, ainda dentro da casca machucada com cada golpe do chicote.

Levantando minhas pálpebras, baixei minha cabeça para pegar seus olhos. "Olhe para mim, Lucy."

Quando ela bloqueou seu olhar com o meu, eu quebrei. Nas semanas que passei com ela, nunca vi o medo em seus olhos. Nunca vi dor tão profunda como aquela que olhava para mim.

"Oh, Deus, faça-o parar! Jase, por favor!" O lamento em sua voz oscilou ao longo da linha fina entre me destruir e me mandar direto para a demência, e quando seu clamor deslizou pela minha espinha, uma parte de mim queria desaparecer.

Em vez disso, lutei para chegar à calma, afastando o pânico que ameaçava reprimir meus pulmões e me sufocar. "Olhe para mim", eu disse, forçando o meu nível de voz. "Não importa o quê, não tire os olhos de mim, Lucy. Estou bem aqui." Minha voz ameaçou quebrar.

Por minutos que pareciam passar como horas, ele virou seu chicote. Cada grito que rasgou de sua garganta, cada soluçar entre golpes, cada vez que ela entrou em colapso e o bastardo apoiou-a, raiva me incitava tão pura e crua, que comecei a me tornar primal. Animalesco. Como o cão mutilado que vi em Del Ray, aguardando a oportunidade de se libertar. Dedos se fecharam em punhos nas minhas costas, balancei a pressão no meu crânio.

O sangue tinha começado a se reunir na mesa debaixo dela, enquanto sua pele se rasgava a cada novo golpe.

"Foda-se, pare! Pare! Foda-se!" A saliva voou da minha boca quando gritei com os dentes cerrados.

Ele parou. Estabelecendo o chicote no alto, o filho da puta respirou pesado e virou-se para a prateleira atrás dele, pegando um charuto de uma caixa.

Depois de acender, Conall tragou o charuto e torceu-o ao redor, seus olhos se estreitaram na brasa. "Eu amo o cheiro de carne queimada. Tem um... sabor pungente, de carne." Sua risada sobre os sons de sofrimento de Lucy amarraram meus nervos. "Você tem uma ferida muito desagradável aqui, querida. Pensei em cauteriza-la para você.”

"Não, não, não", disse ela em um soluço. "Por favor, não mais."

Dor agitava dentro do meu estômago, enquanto uma corda tremendo de tensão vibrou através do meu corpo, de modo tenso. "Conall. Deixe-me tomar o lugar dela. Você pode fazer o que diabos quiser de mim. Deixe ela ir. Por favor. Porra, deixe ela ir. "

"Tomar o seu lugar? Agora, por que eu faria isso, quando sei muito bem que isso dói mais do que qualquer dor que eu poderia provocar em você?" Ele levou a ponta quente para baixo em sua pele, e um estalo bateu o ar, seguido pelo grito de Lucy, o som que incitava loucura na minha espinha.

Eu era inútil para ela. Um bastardo podre, incapaz de ajudá-la e protegê-la. Se pudesse quebrar as correntes, Conall seria nada mais do que partes de corpo espalhadas pelo chão. "É a mim que você quer! Porra, me mate! Qualquer merda que você quiser! Deixe-a em paz. Porra, deixe-a ir!”

O bastardo psicopata não me poupou um olhar, mas manteve os olhos sobre o corpo de Lucy, agarrando firmemente seu cabelo enquanto ele empurrava a ponta do charuto na parte traseira de sua coxa.

Um grunhido roçou minha garganta com o clamor que ela deu.

Eu precisava ficar livre. Mesmo que tivesse que arrancar minhas próprias mãos porra, tinha que chegar até ela.

Com meus pulsos ainda amarrados, estiquei meus dedos sobre a parte de trás do assento e bati por baixo da cadeira.

Quando meus dedos dançaram sobre cilindros de metal frio e tubos, levantei o cotovelo apenas o suficiente para seguir uma série de fios que desapareciam em outra caixa, e com uma varredura de luz em toda a superfície, meus dedos encontraram mais montículos de borracha. Botões. Um celular.

Se tinha que ser acionado, os explosivos não poderiam ser um TATP. Na verdade, pensado nisso, fazia sentido que Conall não ficasse por aqui com uma bomba que pudesse explodir com um espirro forte.

Ainda assim, não queria arriscar. Se eu explodisse, Lucy iria morrer sozinha.

O estalo e chiado de sua pele, reverberava em agonia implacável contra o meu crânio.

"Lucy! Lucy olhe para mim!" Precisava mantê-la comigo. Era necessário para lançar alguma medida de conforto, para que ela soubesse que eu estava lá com ela. Que ela não estava sofrendo sozinha.

Ela não olhou para cima. Como os olhos vidrados, seu olhar tinha se fixado em algum lugar além de mim. Outro lugar, muito longe de ser alcançado.

"Lucy! Estou bem aqui. Você não está sozinha. Estou bem aqui."

Ainda apoiada, ela não levantou a cabeça. Seu corpo convulsionou com cada marcação do charuto, mas os gritos haviam morrido para lamúrias drenadas.

Conall virou-a, incitando outro grito de dor quando suas feridas entraram em contato com o concreto, e quando ele puxou um conjunto de alicates fora de um rack na parede, uma dormência fria rastejou sobre o meu corpo. Depois de colocá-los sobre seus dedos finos, Conall segurou o alicate e puxou seu braço, quando ele esmagou dois dos seus dedos, quebrando os ossos.

Estremeci com o crack, contorcendo-me em meus vínculos. Outro longo grito monótono rasgou de sua garganta, um grito que se tornou tão cansado e apático, como se ela nem sequer tivesse força para reagir a mais dor.

Porra. Porra!

"Mia Luce, olhe para mim. Por favor, olhe para mim."

As grandes pupilas redondas faziam seus olhos parecerem vazios, quando ela olhou para o teto. Perdida. Sugada em um mundo escuro que temia que ela nunca pudesse escapar.

"Vou tirar você daqui. Prometo que vou tirá-la."

Cego pela raiva, eu mal podia distinguir a forma de Lucy atrás do borrão de lágrimas. Seus lânguidos gritos me puxaram sob a superfície, e desapareci dentro do mundo silencioso de uma memória.

Estou deitado na grama em seu quintal com ela, olhando para o céu, como descobri que ela faz quando está sozinha.

"Se você pudesse ir a qualquer lugar no mundo, onde seria?", Ela pergunta a mim e sorrio ao lado. As covinhas perfeitas em suas bochechas me fazem olhar para ela mais do que devia.

"Você primeiro", digo, finalmente afastando o meu olhar para longe dela.

"Eu iria para Paris. A Torre Eiffel, e todos os cafés bonitos, onde eu sentaria e beberia café. A um milhão de quilômetros deste lugar. E você?"

Olho para ela e volto para o céu. "Qualquer lugar?"

"Em qualquer lugar", ela ecoa.

Nenhum outro lugar que já li sobre ele, ou fui, nunca me deu a sensação de calma. Sinto-me assim deitado ao lado dela agora. Ela é algo novo e diferente. O meu sangue está aquecido, como

quando eu fugia com o uísque de Robert e bebia no abrigo atrás da casa. "Eu ficaria aqui. Contigo."

As covinhas aparecem uma segunda vez. "Nós poderíamos fugir. Nós dois. Deixar este lugar e nunca mais voltar." Sua mão aperta a minha, e ela se vira para mim, seu hálito quente contra o meu pescoço. "Você iria comigo?"

Enfio os dedos nos dela e seguro firme. "Sempre."

Sons de choramingos dissolvem a memória. O plink de sangue escorrendo da beirada da mesa infiltrou em minha consciência, e me atentei a ele, um fluxo constante que espirrava em uma pequena piscina no chão na minha frente.

"Eu não posso... não posso mais fazer isso. Não posso. Não posso mais fazer isso." Lucy sussurrou várias vezes, como se estivesse em estado de choque enlouquecida. "OK. OK. Estou bem. Estou bem." Ela estava sobre a mesa, as algemas correndo contra o tubo com seu tremor. "Oh, Deus, por favor, eu não posso. Não aguento mais. Ele está voltando." As palavras dela demostravam que ela estava à beira do pânico, enquanto seu corpo assinalava com espasmos.

Dois de seus dedos ficaram um azul arroxeado, torcido de uma forma que me disse que eles estavam quebrados. O sabor metálico do sangue cobria a parte de trás da minha boca onde eu cerrei os dentes em minha língua, e o cheiro de mijo plissava o meu nariz.

Conall não estava à vista.

"Lucy", sussurrei. "Lucy, olhe para mim."

Seu lábio inferior tremeu, e ela balançou a cabeça.

"Escute-me, você pode sair dessas algemas?" Quando ela não respondeu, eu me inclinei para frente. "Lucy, por favor, baby. Você não tem tempo. Ouça. Você pode sair das algemas?" Ela tinha

feito isso antes. Muitas vezes, embora não tenha a porra da ideia de como.

Segundos passaram no que pareceu uma eternidade, enquanto esperava sua resposta.

Quando ela concordou, uma onda de alívio percorreu meu corpo.

"Quero que você tente. Ouça-me? Solte-se delas."

Enrolando os dedos não quebrados ao redor dos punhos, ela puxou para baixo no tubo e seu corpo deslizou para cima ao longo do concreto. Um grito aflito ecoou na sala, e imaginei suas feridas rasgando contra os grânulos irregulares de cimento. Com uma inclinação de sua cabeça, ela permitiu que seus dedos cavassem através da bagunça de seu cabelo, até que ela tirou uma fivela camuflada sob grossos fios. Suas mãos tremiam, dois de seus dedos estendidos e roxos, enquanto ela torceu o objeto entre seus dedos bons e como destreza natural, ela destravou a algema em dois segundos e enfiou o grampo nas trancas.

Um tilintar metálico sinalizou sua libertação, e quando ela torceu o pulso solto, uma onda de vitória nadou em minhas veias. Ela estalou o outro punho solto e sentou-se à mesa, embalando-a mão mutilada.

Urgência puxou no meu íntimo. "Você precisa dar o fora daqui antes que ele volte." Eu não tinha ideia do que ele foi fazer. Nenhuma ideia de quando ele estaria de volta.

Seu olhar veio para o meu, e sua boca curvou, antes que ela franzisse a testa. "Ele estará voltando em breve." O tremor em sua voz espelhava o tremor de seu corpo. "Ele não acabou comigo." A luta tinha sido drenada de sua voz, que estava murcha em aceitação, como se ela não se importasse se o bastardo iria acabar com ela.

"Onde ele foi?"

Seu fungando me disse que outro chiado de pânico viria a seguir. "Ferver um pouco de água. Para... para... esterilizar as minhas feridas."

Meu corpo inteiro congelou. Frio e dormente do choque de raiva. Quebrado em um milhão de pedaços, sem esperança de alguma vez ser inteiro novamente. Já fui torturado. Espancado. Fiquei à beira da morte.

Nada nunca tinha me ferido tanto como a derrota que atravessou meu corpo naquele momento.

Ela nunca lutaria com ele sozinha. Ele tinha a quebrado, também. Tentar me libertar levaria muito tempo entre o bloqueio e as algemas, embora.

"Lucy, ouça com muita atenção. Sob essa cadeira existe uma bomba. Tem um temporizador em um celular. Quero que você o ative, em seguida, se esconda do outro lado da mesa. Vou deslizar sobre o lado da porta. Deve ser o suficiente para explodir a porta. E você corre. Ouviu-me? Dê o fora daqui."

"Não." Ela balançou a cabeça. "Não." O corpo dela estremeceu quando rompeu em lágrimas. "Não vou te deixar." Deslizando para fora da mesa, ela caminhou pelo chão de concreto com seus pés descalços e deslizou-se cuidadosamente para o meu colo.

Descansei minha cabeça contra a dela, dor e raiva me rasgando de dentro para fora. "Lucy, você tem que ficar longe de mim. Esta merda é instável. Pode explodir nós dois."

"É como você disse antes. Nada mais importa. É só você e eu agora." Ela descansou a cabeça na dobra do meu pescoço. "Você está comigo?"

Eu não sabia que merda estava se passando dentro de sua mente, mas o que aconteceu com ela agora estava se incorporando em sua pele e tornando-se uma parte permanente da sua alma. Não poderia ser tirado. Talvez ela estivesse certa. Éramos apenas

nós dois. Nós não tínhamos mais ninguém no mundo, e mesmo que não conseguíssemos sair vivos, nós nunca iriamos sobreviver com o que aconteceu.

Eu não conseguiria olhar para ela de novo, sabendo que não fiz nada para ajudá-la, quando sussurrei, "Sempre."

As imagens do que Conall tinha lhe feito foram gravadas na minha mente para sempre, assim como assistir meu irmão ser assassinado na minha frente, fiquei enfurecido com a frustração de não ser capaz de protegê-la. Falhei com ela, assim como falhei com Reed e Maria.

Não. Se ela não iria correr, então eu lutaria. Por ela.

"Lucy", sussurrei. "Com muito cuidado, olhe sob a cadeira e, sem tocar em nada, me diga o que vê."

Ela levantou a cabeça e deu um aceno solene. Escorregando do meu colo, ela se ajoelhou no chão e olhou sob a cadeira. "Pequenos tubos. Fios estão saindo deles. E um celular."

"Há números que se deslocam no celular?"

"Não. Está preso em dois minutos."

A moagem de metais agarrou nossa atenção de volta para a porta.

Conall.

Com os olhos arregalados, ela virou a cabeça na direção do som. "Oh Deus. Ele está vindo."

"Lucy, quero que você solte meus punhos. Liberte-me. Vou matá-lo. Vou puni-lo pelo que fez com você."

Caindo em pânico, ela gemeu, afundando-se em si mesma quando balançou a cabeça. "Ele está voltando!"

"Escute-me! Podemos sair daqui. Nós dois. Pegue as algemas."

"Eu não posso! Meus dedos estão... ele está vindo."

"Você pode fazer isso, baby. Mia Luce, eu te amo. Sei que estou pedindo muito de você agora, mas pode fazer isso. Não se atreva a deixar esse pedaço de merda vencer. Lute. Você me ouviu? Lute."

Seu rosto torceu em pânico, mas com as mãos trêmulas, ela foi para trás da cadeira, seus dedos escovando os meus quando ela se atrapalhou com as algemas atrás de mim.

"É isso aí, baby. Vamos lá. Desbloqueei-as."

"Não vai clicar!" Ela deu um gemido cheio de frustração. "Estou tentando, mas não vai clicar!"

"Shhh, está tudo bem. Acalme-se e continue tentando."

A porta se abriu, e Conall mancou em direção a nós, com um fumegante, oxidado balde, de prata que espirrava água no chão.

Eu torci meu pulso solto a partir da primeira braçadeira no instante em que senti afrouxar, e no momento seguinte, ela estalou o segundo e se arrastou para o meu outro lado.

Com as mãos soltas, ataquei o balde nas mãos de Conall, derrubando-o nas pernas dele.

"Filho da puta!" O balde bateu ruidosamente pelo chão liso, e ele chutou para o outro lado da sala.

Girei o meu punho, apenas o sentindo, quando ele saltou para trás e contornou a cadeira fora do meu alcance. As correntes no meu peito e pernas me prendiam apertadas, pressionando meus pulmões quando empurrei contra elas para pegar o filho da puta quando ele tropeçou depois de Lucy.

Descobrindo Black Betty na prateleira junto de Lucy gritei "A faca!"

Em uma fração de segundos, ela agarrou-a e quando Conall caiu para frente, ela o atacou, pegando-o no ombro.

“Vagabunda!” Agarrando seu rosto com a mão carnuda, Conall puxou-a para trás das prateleiras, batendo nos chicotes, instrumentos e pás caíram, em um clamor de aço contra concreto. Ele jogou-a contra a mesa, batendo o rosto na superfície, e desabotoou a calça jeans, empurrando-a para o chão. “Jase, como acha que a sua menina gostará de ser fodida, pela minha arma ou pelo meu pau?”

O pânico atingiu meu traseiro e pernas ainda amarrados, e olhei sobre o piso para o calço improvisado até que o vi ao lado da cadeira. Inclinando para frente, cheguei perto o suficiente para agarrá-lo, e torci-o ao meio, abafando os gemidos de Lucy e contorcendo-me o suficiente para concentrar-me, enfiei-o na fechadura como uma chave de tensão.

Segurando-o com o meu dedo indicador, cheguei para frente contra a pressão no meu peito e prendi a segunda metade quebrada da mesa salpicada pelo sangue. Inserindo-o no buraco da fechadura ao lado do outro, deslizei o bloqueio para trás até que se abriram, e empurrei contra as correntes para as retirar do meu peito e pernas.

Com a arma na mão, Conall amarrou Lucy à mesa, driblando os pontapés destinados a ele. "Continue lutando, cadela. Vai tornar tudo muito mais doce para mim.”

Correndo, perfurei os rins de Conall com meu punho, derrubando-o. Quando sua arma ressoou no chão, montei nele antes que ele pudesse se recuperar e martelei meu punho em seu rosto. Como um velho amigo, raiva surgiu acima da escuridão, e, perdido pela loucura, agarrei a garganta do bastardo, espremendo até que seu rosto ficasse vermelho.

Dor atacou meu ombro, deixando-me sem equilíbrio e soltei meus dedos, e quando soltei sua garganta, ele rolou, tentando recuperar o fôlego.

Black Betty estava presa no meu braço quando olhei para baixo. Rangendo os dentes, deslizei-a para fora, permitindo que a borda lisa cortasse a minha pele, enquanto a retirava, e apunhalei a lâmina sangrenta sob suas bolas.

Quando ele lutou para recuperar o fôlego, cortei suas bolas.

Seu grito foi estridente, e esperei que ele morresse, apoiei a faca contra sua garganta.

O clique da sua arma me deixou cara a cara com o cano que ele tinha apontado na minha testa.

"Foda-se... você", ele murmurou.

Capítulo 59

Lucy

Sem uma batida de hesitação, peguei uma chave de fenda manchada de sangue de uma série de dispositivos de tortura que estavam na prateleira atrás de mim, e com a mão quebrada enrolada contra o meu corpo, girei e enfiei a lâmina no peito de Conall com a minha mão boa.

O crepitar de Conall abaixo, ecoou dentro do quarto, quando torci a ferramenta. As feridas nas minhas costas queimavam com o esforço quando pressionei o meu peso nele antes de me afastar dele.

Seus olhos se arregalaram, antes do seu olhar cair do meu, e, largando a arma, ele dobrou os dedos ensanguentados ao redor do cabo da ferramenta.

Afastando-se, Jase levantou do chão. Uma mancha de sangue se destacou no seu braço direito, a partir de uma facada que não tinha notado, e na minha corrida em direção a ele, um aperto pegou meu tornozelo, e bati no chão.

Virei-me de costas, a mordida do concreto em meus cortes, quando Conall subiu com dificuldade por cima de mim e apontou a arma para a minha testa. Nunca vi olhos tão enlouquecidos e assassinos antes, tão destituídos da humanidade — em forma de esferas, com uma faísca da morte atrás da sua íris quase preta.

"Morra, porra", ele murmurou.

"Não, não!" Apertei meus olhos, preparando-me para a bala.

A arma disparou, assustando meus músculos, mas a bala pingou em um ricochete, e avistei a derrapagem do metal no chão além da minha cabeça.

Acima de mim, Jase mantinha Conall preso pelo pescoço, e seu peso deslizou por cima de mim quando Jase arrastou-o para a cadeira. Rolando para o meu estômago, eu mexi na arma com a minha mão boa. Assim que meus dedos dobraram em torno dela, fiquei de pé e girei o seu alvo para onde Conall chutava e balançava como um animal se contorcendo nas garras do seu predador.

Jase jogou-o na cadeira e passou a corrente em torno dele, antes que travasse a fechadura no lugar.

Sangue escorria da virilha de Conall e uma palidez branca agarrava-se a seu rosto. "Vejo você no inferno, fodido." Conall cuspiu e lambeu os lábios, antes do seu olhar cair sobre mim. "Como foi sentir aquele chicote, querida?"

Eu tremia, segurando a arma para ele, rangendo os dentes, quando aquelas imagens passaram pela minha mente, uma labareda de dor nas minhas costas me lembrando de que eram reais. Levantei a arma mais alta, em direção a sua cabeça, e enrolei o meu dedo em volta do gatilho.

"Lucy, não!" Jase perfurou um soco no rosto do bastardo, empurrando a cabeça de Conall para o lado, e foi até embaixo da cadeira, de onde um bip alertou que ele tinha definido o cronômetro da bomba. "Dois minutos. Vamos dar o fora daqui!" Seu puxão no meu braço me afastou da fantasia de explodir a cabeça do Conall. "Temos que ir! Agora!"

Girei sobre os calcanhares e saí mancando após Jase, saindo do cofre. Ele girou a roda da porta atrás de nós, bloqueando-a, e subimos as escadas.

Dei um passo no piso de madeira do hall de entrada, e a terra tremeu sob meus pés, a força me derrubou no chão.

O zumbido nos meus ouvidos me impediu de ouvir Jase, mas olhei para cima, observando em sua boca e rosto as palavras. *Vamos!*

Ele tirou sua camisa, jogando-a em cima de mim para cobrir minha nudez, e deslizou seus braços debaixo de mim, levantando-me do chão, quando outra explosão sacudiu a casa e fez tremer os alicerces.

Cambaleando através do foyer, ele quase tropeçou, mas nossos corpos se chocaram contra a parede, firmando o equilíbrio, e ele chutou abrindo a porta da frente, onde ele me pôs na calçada. De mãos dadas, nós caminhamos através do pátio para o Camaro e subimos dentro.

Os assentos de couro frio atingiram minha pele, acalmando a queimadura das minhas feridas, quando ele ligou o carro. Fechei os olhos, quando um flashback rasgou minha cabeça, e o calor do chicote de Conall arrastou um arrepio de dor na minha espinha. Balançando no meu lugar, cobri os olhos, e um gemido de pânico borbulhou na minha garganta.

"Ele está morto, Lucy. Ele não pode feri-la agora."

A voz de Jase dificilmente abafaria a memória do riso sádico de Conall batendo através do meu crânio. Eu ainda podia sentir o cheiro do meu sangue nele, e saborear suas mãos dentro da minha boca, enquanto ele tentava silenciar as minhas súplicas.

Com os olhos apertados fechados, segurei minhas têmporas, balançando para frente e para trás. *Não, não, não.*

"Lucy", Jase disse em uma névoa distante do meu lado, mas não foi até que seus dedos descruzaram meus braços que me afastei do pesadelo, e vacilei para longe dele.

Ainda não tínhamos saído. Além dele, círculos de fumaça subiam através das janelas da mansão para o céu. Tremendo no banco, estudei a casa do outro lado do pátio através do para-brisa.

Conall irrompeu pela porta da frente, com o rosto ensanguentado, a arma que eu tinha deixado e apontada para o carro.

"Jase!" Chutei contra o chão, apoiando-me no assento. "Ele está vindo! Oh Deus! Ele está ali!"

Jase virou, inclinando-se para frente, e a imagem de Conall se desvaneceu, mas quando Jase se virou o rosto que vi era de Conall.

Eu gritei, meu peito apertado com o pânico frio, quando alcancei a maçaneta do veículo para sair do carro. Bati a mão dele quando tentou me impedir. "Deixe-me em paz! Deixe-me em paz!"

"Sou eu, Mia Luce. É Jase."

Suas palavras chegaram aos meus ouvidos e ecoou dentro da minha cabeça, sufocando o pesadelo que me segurava cativa. Parei de lutar contra a porta e escondi o rosto atrás das minhas mãos. Meu coração batia rapidamente no peito, e fui levada de volta para os momentos em que Conall me agredia. O som da minha própria respiração no meu ouvido. O cheiro de carne queimando enchendo a sala.

"Lucy, olhe para mim."

Balancei a cabeça. Não conseguia olhar para ele. A vergonha de saber que ele viu tudo isso enrolada como um punho apertado no meu estômago, dizendo-me que fui arruinada por dentro. Suja. Inútil. O ódio de Conall tinha escoado para dentro de mim, toda a minha pele, uma imundice feia que eu queria lavar. As cenas de antes se enrolavam na minha mente como uma erva daninha grossa que estrangulava qualquer outro pensamento.

"Preciso levá-la a um médico. Os cortes em suas costas. E os dedos."

"Não!" Oh, Deus, e se eles me encontrassem lá? E se Kelley viesse até mim? Amarrariam-me e me torturariam outra vez. Eu

não podia arriscar. Não podia arriscar passar por isso tudo de novo. "Não, não, não. Sem médicos. Nenhum hospital."

"Você precisa-"

"Não me diga o que preciso!" Pânico explodiu dentro de mim e curvei minha cabeça em meus joelhos. Por que ele não podia compreender o perigo? "Não vou para o hospital!"

"Ok, baby, vou te levar para casa."

Casa? Eu não sabia nem o que era casa, não mais. O que outrora considerei casa tornou-se nada mais do que uma memória desvanecendo, deixando-me fria e sozinha.

A sensação de movimento me disse que nos afastamos da casa, mas mantive meu rosto enterrado. Depois do que pareceram apenas alguns segundos, nós paramos, e olhei para cima para ver que estávamos de volta ao apartamento. Lágrimas brotaram nos meus olhos com o alívio de estar lá.

A porta do meu lado abriu, e Jase deslizou as mãos sob as minhas coxas, passando por um dos meus cortes. Eu recuei e gritei, golpeando-o no reflexo. Ele esfregou seu rosto no meu cabelo, sussurrando palavras que eu não podia ouvir por trás do barulho dentro da minha cabeça. Respirei fundo, inalando o seu cheiro, quente e picante. Familiar. Reconfortante.

Ele me levou para fora do carro, carregando-me pelas escadas. Membros trêmulos, fria e fraca, uma onda de náuseas borbulhava no meu estômago.

"Está tudo bem, Luce. Eu te peguei. Você está segura."

Quente. Em seus braços.

Ele abriu a porta, chutou-a aberta, e atravessou o apartamento em direção ao banheiro, onde me colocou no chão gentilmente, os azulejos frios enviando arrepios até as minhas pernas tremendo. Tão frio. Atrás de mim, ele ligou a torneira da banheira, o calor me penetrou, e respirei o vapor espesso,

deixando-a esterilizar a sujeira dentro de mim. Embaixo da minha cabeça pendurada, minhas pernas tremiam, minha pele estava quase azul dos picos de frio atirando através do meu corpo.

Ele retirou suas roupas e levantou minha camisa manchada de sangue sobre a minha cabeça, jogando-a para trás. A sala se abriu, em seguida, encolheu diante dos meus olhos, a escuridão ameaçando fechar-se sobre mim. As cócegas no meu peito e a leveza no meu estômago me fez estender a mão para alguma coisa, e meus músculos se soltaram, a sensação de queda trouxe uma parada abrupta quando seus braços me envolveram, segurando-me firme.

No abraço de Jase, eu continuava a tremer, mesmo quando ele subiu na banheira, me puxando com ele.

Quando fiquei deitada sobre o seu peito nu, seu calor me envolveu, arrepios de calor correram subindo e descendo na minha pele e engoliu o frio quando a água me envolveu e chiou contra as feridas nas minhas costas. Arqueei, até que a sensação de formigamento desapareceu e veio a dormência, e sua pele quente deslizou contra a minha enquanto fiquei deitada balançando em seu peito.

"Jesus, você está tão fria." Ele aumentou seu aperto em torno de mim, seu cheiro ancorando-me para o presente, enquanto minha mente lutava para me puxar para flashbacks. Ele me embalou, e me segurou como vidro, quebrável e frágil, como se eu tivesse demolido diante de seus olhos. Apenas um sussurro do seu toque na minha pele. "Ninguém vai machucar você, baby. Eu prometo."

A água morna, junto com seus toques suaves, lutavam contra as imagens ainda dançando pela minha cabeça. Os olhos pretos e sem vida de Conall. Meu sangue em suas mãos. O cheiro de carne queimada.

Jase assistindo tudo isso.

Uma dor latejava em meus dedos que eu não podia mover, e os segurei na minha frente para examinar as deformações grotescas.

"Você precisa de gelo." Ele se moveu abaixo de mim como se para sair, mas apertei meus braços em torno dele.

"Não, ainda não. Por favor, não me deixe ainda." Não podia confiar em ficar sozinha com essas imagens me provocando, enganando-me a ver coisas que não eram reais.

Seus músculos se suavizaram enquanto ele se estabeleceu novamente e me segurou contra ele mais uma vez.

Colocando minha cabeça para trás vi que seus olhos estavam frios, mandíbula tensa. Uma veia pulsava em seu pescoço enquanto ele me segurava perto, braços apertados em torno de mim.

"Ninguém nunca vai te machucar assim de novo."

Meus lábios tremiam enquanto eu observava linhas duras se formarem no seu rosto, suas narinas dilatadas, quando aquelas cenas horríveis devem ter brincando por trás dos seus olhos, também. Sangue havia manchado seu pescoço, e a imagem dele cortando o escroto de Conall, a escuridão nos olhos de Jase, selvagens e ferozes quando ele me agarrou, me fez enrolar ainda mais apertado nele. Ele tinha matado antes, eu o vi empunhar a faca, mas uma espessa camada de loucura mascarava seus olhos, e eu me perguntei se ele tinha mutilado Conall não tanto por necessidade, mas para o seu próprio prazer. Ele tinha sido arruinado, também? Será que ele mergulhou muito fundo naquela escuridão ao meu lado? Como se nós dois tivéssemos sido arrancados debaixo da água, com nossos tornozelos algemados ao concreto, buscando pelo ar que nunca mais iríamos respirar.

Uma sensação de caricia me chamou a atenção para onde seu polegar esfregou as costas da minha mão, para trás e para frente, para trás e para frente. "Lembro-me de deitar na grama. A forma como a luz solar batia no seu cabelo. Eu queria tocá-lo, mas

tinha medo que minhas mãos fossem muito sujas. Você cheirava a flores, e seus olhos eram da cor das nuvens antes de chover. Você segurou minha mão e me lembro de nunca querer soltar." Seus dedos enrolaram em torno dos meus ombros, me segurando apertado.

Naqueles breves segundos, minha mente se aquietou no quadro que ele pintou para mim. Como se soubesse que eu precisava de algo para substituir aquelas fodidas imagens invadindo minha mente.

Abaixo de mim, a água estava num tom fraco de vermelho, e eu me levantei, lembrando que ele também tinha sido ferido. "Você... você foi esfaqueado." O tremor do meu lábio travou meu queixo e acrescentou um tremor forte para minhas palavras.

"Estou bem." Ele me puxou de volta para ele. "Ele não me cortou profundamente."

Ele tinha, no entanto. Eu vi a faca espreitando sob a ferida.

"Deixe-me ver."

"Pelo amor de Deus, Lucy. Não se preocupe comigo."

"Sinto muito. Eu sinto muito." Minha voz falhou, dançando à beira de um soluço.

"Não se desculpe." Ele acariciou meus cabelos e beijou o topo da minha cabeça.

"Se você tivesse morrido..." as lágrimas encheram meus olhos e deslizaram em sua pele quente e minha bochecha. "Eu teria..."

"Shhh." Ele continuou a acariciar meu cabelo e me segurou mais apertado. "Tudo vai ficar bem."

Mesmo que não acreditasse nele, mesmo que tivesse certeza que eu nunca seria a mesma novamente, precisava dar-lhe alguma paz da dor que podia ver em seus olhos. Então, eu me permiti a

desanexar. Forcei-me a desconectar-me das ruínas ocas que Conall tinha deixado em mim.

Capítulo 60

Jase

Da cadeira onde estava sentado ao lado da cama, assisti a lenta ascensão e queda do peito de Lucy, grato que ela finalmente adormeceu, pois eu tinha que fazer uma varredura inteira no apartamento antes que ela acordasse.

Apenas as luzes da rua brilhando pela janela me permitiam ver seu rosto, os cortes que o bastardo fez em sua bochecha, um lembrete que vai atormentar todos os cantos da minha mente. Os pensamentos assassinos girando na minha cabeça tornou impossível pegar no sono. Todo o meu corpo estava preparado para aniquilar qualquer coisa que tentasse machucá-la novamente.

Depois de muito tentar convencê-la, ela concordou que um médico viesse visitá-la, então contatei Frank Bojanski, que conhecia um cara que fazia chamadas de casa para aqueles que tentam manter a discrição. Doutor Harper, um cara mais velho que carregava uma maleta preta, era muito familiarizado com esses acontecimentos e não fez nenhuma pergunta. Ele examinou e cuidou das feridas de Lucy, cuidou dos seus dedos, e até mesmo costurou o meu braço. Ele também deixou com algumas pílulas calmantes depois que contei a ele sobre os pesadelos.

Os pesadelos eram o pior de tudo.

Eu odiava o jeito que ela se encolhia toda vez que eu a tocava. Eu odiava que, enquanto ela dormia, sua mente podia me ver como o pedaço podre de merda que a tinha machucado.

As visões terríveis de Conall flagelando ela, e a sensação assassina de ser amarrado a uma cadeira, queimava dentro do meu peito toda vez que o pensamento passava pela minha cabeça.

Você não a protegeu. Você deveria ter protegido ela.

As palavras eram jogadas e repetidas entre as sombras do quarto. Repetidamente eu as abatia mentalmente, do jeito que queria ter o matado com a minha faca e observado seus olhos em branco enquanto o sangue escorria para o chão, mas isso não escondia a verdade que serpenteava em meus pensamentos. Que eu deveria ter mantido ela a salvo.

Um brilho bateu a escuridão circundante. Meus músculos ficaram tensos quando Lucy se moveu na cama, e quando a luz se apagou, meus olhos voaram para o meu celular na mesa de cabeceira. Estendi a mão para ele, vendo o flash de um texto de Dax.

Notícias sobre Kelley. Ligue-me.

Descobri que já haviam outros quatro textos que não vi quando chegaram, cada um deles pedindo para ligar imediatamente. Ansioso para saber o que ele descobriu, empurrei meu corpo para fora da cadeira e atravessei o quarto.

Não querendo arriscar acordar Lucy, saí para o corredor escuro do edifício, examinando os arredores por qualquer movimento, antes de discar o número dele.

Ele respondeu no terceiro toque. "Jase. Estou tentando falar com você durante todo o dia, homem."

Eu não podia ter atendido mais cedo. Passei a maior parte da noite, e boa parte do dia, acalmando os pesadelos de Lucy.

"Viktor me deu a localização do leilão," ele continuou. "Kelley estará lá. Eles têm uma menina. Filha de algum chefe do crime."

"Onde?", Perguntei.

"Na construção de uma comunidade antiga. Vou te encontrar lá às dez."

Olhei para o meu relógio. Já passavam das nove. "Estarei lá."

Primeiro, tinha que encontrar alguém para ficar com Lucy. Pensei em ligar para o seu pai, mas eu não confiava no bastardo. Ele estava entre um punhado de homens mal caráter da cidade e com certeza não precisava expô-la a mais do que já havia passado.

Esgueirando-me de volta para o apartamento, entrei sorrateiramente na sala, pegando o celular de Lucy da mesa de café. Rolei através dos contatos até que encontrei o número do seu amigo, Craig, e disquei o número dele.

"Olá?" Sua voz soava suave e calma, o oposto completo da minha.

"Craig. Você não me conhece, mas sou um amigo de Lucy."

"Quem está falando?" Suspeita pairava em seu tom de voz.

Eu não podia culpá-lo. Se tivesse recebido a mesma chamada, meus alarmes teriam soado quando ele dissesse 'você não me conhece' e explodiriam com 'um amigo de Lucy'. "Meu nome é Jase Hawkins."

"Está tudo bem?"

"Por enquanto, sim." Olhei de volta para o quarto. "Mas tenho que resolver umas coisas, e preciso que você fique com Lucy."

"Ficar com Lucy? É... isso é uma piada? Como posso acreditar que você não é um psicopata?"

Mais uma vez, eu não poderia culpá-lo, mas o relógio passou a trabalhar contra mim, e impaciência sangrava em minha voz quando falei, "Se você não acredita em mim, pergunte-me algo pessoal sobre ela. Algo que ela não iria dizer a outra pessoa."

"Tudo bem... qual é o nome do seu crânio na mesa de cabeceira?"

"Ela fala com um crânio?" Eu limpei minha garganta. "Isso é estranho."

"Tudo certo. Dê-me o seu endereço?"

"Não respondi a sua pergunta."

"Só um psicopata não consideraria estranho que ela falasse com um crânio, então onde vou?"

Ignorei o sorriso em sua voz, todos os traços de humor tinham sido drenados para fora de mim muitas horas antes. "Boulevard Washington. Apartamentos que ficam acima do antigo edifício de escritórios na esquina."

"Entendi. Estarei aí em cerca de vinte minutos."

"Obrigado." Desliguei o telefone, enfiando-o no bolso enquanto atravessava todo o apartamento para o quarto.

Lucy tinha despertado novamente quando entrei, e estava olhando para a janela.

Sentei-me na beira da cama ao lado dela. "Precisa de alguma coisa, baby?"

Ela balançou a cabeça.

"Lucy, eu preciso sair..."

O corpo dela virou-se, e sua mão disparou, agarrando firmemente o meu braço. "Por favor! Por favor, não deixe!"

Deslizei meus dedos por baixo dos dela e levantei sua mão para os meus lábios, dando um beijo na parte de trás da sua palma. "Não vou te deixar sozinha, eu prometo. Craig está vindo para ficar com você."

"Por favor, Jase. Eu não quero Craig. Quero você."

Eu não podia nem fingir, essas palavras eram música para os meus ouvidos, depois que ela me evitou a noite inteira, encolhendo-se afastada em meu toque. Por um momento, pensei que talvez o que tinha acontecido iria nos afastar. Ela despertou do pesadelo a cada hora, batendo em mim e rosnando, até que, finalmente, ela se acalmava e conseguia dormir.

Eu mesmo não conseguiria dormir se tentasse. Toda vez que tentava fechar minhas pálpebras as imagens se reproduziam na minha mente, e todas as vezes que Lucy acordava eu já me encontrava bem acordado. Juntos, nós éramos uma bagunça do caralho. Duas almas que tinham sobrevivido ao inferno, apenas para sofrer os replays malditos mais e mais.

"Lucy, escute-me. Kelley ainda está lá fora. Preciso acabar com isso."

Sua testa franziu e ela apertou meu braço com mais força. "Não. Por favor. Se você for... se algo acontecer... Eu vou... por favor, não. Não faça isso." O tremor em seu corpo me disse que ela tentou exercer sua força para se agarrar a mim, a força que parecia estar falhando com ela a cada hora que passava. "Por favor, não desista de mim. Ele... ele não me arruinou, Jase. Prometo que vou voltar. Vou ficar boa novamente. Mas por favor, não desista de mim. Não vá." O desespero na voz dela faziam as palavras que saíam de sua boca uma bagunça confusa.

Ajoelhei-me ao lado dela na cama e inclinei a cabeça, colocando nossas mãos contra o meu coração. "Eu não vou desistir de você. Nunca vou desistir de você. Mas nunca deixarei outro filho da puta te machucar novamente, ninguém. Cada um deles vai pagar. Não vou parar até me sentir seguro novamente."

"Eu vou com você. Sinto-me segura com você." Os olhos dela iam de um lado para o outro. "Você é a minha casa."

Inclinando-me para a frente, beijei o topo da sua cabeça, respirando seu cheiro doce. "Tudo vai ficar bem. Eu prometo."

"Você vai ficar comigo, então?"

Dirigi o meu olhar para longe dela pois não conseguiria mentir olhando em seu rosto. Eu não sabia o que aconteceria comigo, indo atrás de Kelley. Não podia imaginar que simplesmente entraria mataria Kelley e sairia depois. O pensamento dele andar livre, protegido pela lei de corruptos e suas conexões, simplesmente não me deixavam apenas deixar isso para lá. Ele tirou muito de mim, muitas vezes. "Estou sempre com você, lembra?"

Senti um solavanco sombrio de dor no meu íntimo quando levantei o frasco de comprimidos da mesa de cabeceira e coloquei dois em minha palma. Colocando-os em sua boca, entreguei-lhe uma garrafa de água do chão ao lado da cama e acariciei seu cabelo enquanto ela engolia rapidamente.

Dentro de minutos, seu corpo gradualmente relaxou, e a batida na porta veio assim que seu corpo se virou.

Olhei pelo olho mágico. Fora da porta, estava um cara alto, mas magro, vestido como um hipster em seu gorro, óculos grossos preto, uma camisa de flanela e com as mãos enfiadas nos bolsos. Abrindo a porta alguns centímetros, olhei para fora, com uma mão no punho da Black Betty ao meu lado. "Craig?"

A um aceno seu, abri a porta, mas o olhei com cautela por um segundo antes de lhe acenar para me seguir para o quarto.

"O que aconteceu com ela?" Sua voz veio atrás de mim.

"Ela foi atrás de Jolana. Conall... do clube. Ele..." Minha mandíbula apertou, bem como meus punhos apertaram, eu olhava para ela, tão impotente e desmaiada, incapaz de lidar com o sono. "Ela tomou um comprimido para dormir. Apenas... preciso que esteja lá para ela quando acordar. Não a assuste, ou qualquer coisa. Basta não deixar que ela se machuque." Do meu coldre, retirei minha Glock e coloquei a arma em suas mãos. "Qualquer um que entrar por aquela porta, atire."

"Jase... eu não sei..."

"É eles, ou ela." Apontei o dedo para ele e nivelei o meu olhar. "Prometa-me que não hesitará em mantê-la segura."

"Eu prometo."

"Estou confiando em você. Se eu não voltar esta noite, quero que a leve com você. Não deixe que ela fique aqui sozinha."

Ele deu um aceno de cabeça, e me aproximei da cama, ajoelhando-me ao lado dela. Craig deve ter tomado a sugestão, porque ele saiu do quarto.

Acariciei com um dedo seu rosto, onde as linhas de preocupação dos dois últimos dias tinham suavizado em sua pele lisa. "Aconteça o que acontecer, mia Luce, per te Farei di tutto." *Eu faria qualquer coisa por você.*

Beijei seus lábios e me afastei pronto para explodir cada um dos seus pesadelos para fora de sua cabeça.

Se pudesse matar até o último deles, eliminaria qualquer chance que teriam de vir atrás dela novamente, então, talvez, ela pudesse rastejar para fora da escuridão que a reivindicou e encontrar o espírito briguento e lutador pelo qual me apaixonei. Porque, apesar de seus ferimentos físicos poderem curar com o tempo, eu me preocupava com sua mente. Já passei por isso com o meu irmão, cuja alma estava morta muito antes que ele tivesse sido morto.

Eu não poderia ver o mesmo acontecer com Lucy.

Capítulo 61

Jase

Cheguei a uma igreja abandonada, que ficava em um monte, onde as ervas daninhas cresceram excessivamente e escondiam a mobília de jardim oxidada. Reed já havia vindo em um retiro aqui há uns bons oito anos atrás, com algumas das crianças da escola, mas o edifício desde então tinha ido à merda. Latas enegrecidas e garrafas de cerveja quebradas se espalhavam pelo chão, as janelas haviam sido fechadas com tábuas e os muros pichados com grafites.

A prova de que até mesmo Deus não era imune ao abandono.

Depois de estacionar o Camaro numa rua próxima, realizei uma rápida verificação. Na abordagem de Dax, eu saí do veículo e puxei o casaco com capuz por cima da minha cabeça e abri o caminho, quando fui para o edifício.

"O filho da puta não mudou", disse Dax atrás de mim. "Não mudou nada."

"Reed sempre odiou vir aqui." Fazia sentido o porquê. A merda que ele foi forçado a fazer provavelmente teria me feito vomitar, e eu me odiava por não prestar mais atenção. Se soubesse, teria matado David Kelley. Talvez o final de Reed tivesse sido diferente.

Lançando olhares sobre meu ombro, para me certificar de que ninguém havia nos seguido, eu me mantive nas sombras. Um pé após o outro, deslizei ao longo da beira do edifício para a parte traseira, onde as janelas quebradas no primeiro andar tornaram-se o meio perfeito para entrar.

Apontei minha lanterna para a escuridão. Uma parede foi demolida, as pilhas de madeira lascadas e o drywall quebrado deixado pelo chão, enquanto portas estavam penduradas precariamente nas dobradiças. A pintura descascada se agarrava às paredes. Tudo tranquilo. Intocado.

"Viktor disse que você precisa de uma tatuagem para entrar." Dax falou baixo atrás de mim. "O leilão é no salão principal. As meninas são mantidas no porão."

"Vou entrar no leilão. Veja se você pode descobrir como chegar ao porão" Eu movi minha cabeça em direção ao prédio de tijolos adjacentes, um local que ficava atrás da igreja. "Vamos nos encontrar no porão."

Dax deu um aceno. "Não seja morto", disse ele, e decolou em direção ao prédio de tijolos.

Joguei minha arma para dentro e entrei pela janela. Deslizando o rifle para trás sobre minha cabeça, caminhei pelo corredor, passando por cima de lixo e das ruínas de tijolos, enquanto eu varria a arma da esquerda para a direita, olhando para salas vazias.

"Que porra você está fazendo aqui?" A voz me fez balançar ao redor, e levantei a arma para um homem corpulento, calvo em um casaco de couro preto e jeans escuros. Com uma AK amarrada por cima do ombro, ele espelhou minha pose. Seu olhar caiu para o meu braço, como se estivesse procurando a tatuagem.

"Pasak enviou-me para o porão." Levantei minha manga para expor o sete circulado.

Usando o cano da arma, ele me apontou para uma porta aberta no final do corredor. "Eu tenho este local coberto. Volte para o salão principal."

Uma voz feminina eletrônica encheu o corredor de outra forma tranquila, e segui o som até chegar ao salão principal. Dois grandes caras, cobertos até o pescoço em tatuagens, guardavam a

entrada, e caminhei até eles muito mais confiante, pois a merda estava funcionando. Em um vislumbre da minha tatuagem, eles casualmente se afastaram não me poupando um segundo olhar. Não fazia sentido. Eu tinha uma arma presa às minhas costas. Poderia ter aberto fogo contra todos os bastardos, mas a tatuagem parecia se comunicar com tudo o que eles precisavam saber.

Uma espiada dentro da sala mostrou fileiras de cadeiras cheias de homens. Alguns em ternos. Alguns bandidos vestidos em camisas longas e bonés. Outros pareciam assassinos vestindo calças de couro e botas.

Entrei e caminhei ao longo do perímetro, como se estivesse mantendo guarda. Na parte da frente da sala, uma morena, com não mais de dezesseis anos, estava em um sutiã e calcinha, com os braços cruzados na frente do seu corpo. Acima dela, uma tela de parede de grandes dimensões mostrava imagens dela ao lado de uma quantia de cinquenta mil.

Meu estômago virou quando vi dois homens mais velhos, grisalhos, lutarem para ter direito a ela. A voz eletrônica manteve o controle da quantidade de dólares, que, em poucos segundos, já havia atingido mais dez mil. Meus músculos permaneceram tensos, quando imaginei Lucy no palco, e a chama de raiva tomou conta de mim no meio da multidão, digitalizei cada uma das faces em busca de Kelley.

Ele não parecia estar em qualquer lugar à vista.

Saindo do quarto voltei através do muro de segurança, fora da porta, e quando um dos homens agarrou meu braço, os alarmes soaram na minha cabeça para o ataque.

"Tem um cigarro aí?", ele perguntou, soltando meu braço.

Com um rápido olhar por cima do meu ombro, balancei a cabeça e continuei. Eu precisava o encontrar... precisava explodir toda a porra dessa operação até o chão.

No final do corredor, o sinal de saída foi pintado com spray preto sobre uma boca aberta que tinha sido pintada em volta do quadro da porta, era como ser engolido na escuridão. Puxando minha lanterna, eu quase não fiz um som, minhas botas silenciosas contra o concreto, quando cheguei na escada para o porão.

Um boom de risos alertou meus músculos, antes que a voz eletrônica com um sotaque eslovaco espesso ecoasse na escada, seguida pelo grito abafado de uma mulher.

Sem fazer um som, apenas o da minha respiração, cheguei até a porta e olhei para dentro do porão do prédio.

No chão cheio de lixo, uma plataforma foi criada no centro do quarto. Um holofote solitário pendia do teto, e um feixe se estendia desde uma extremidade do quarto para o outro. Pendurada em uma corrente, uma loira magra oscilava na ponta dos pés, com as mãos amarradas nas costas, uma mordaça em sua boca, e seus olhos vendados. Exceto por uma pequena calcinha cor de rosa, ela não usava nada.

De pé diante dela, Kelley estava com os braços cruzados, como um homem que avaliava seu carro premiado, enquanto um homem mais velho acariciava seus seios, ao lado dele.

Tesarik. Eu só tinha o visto uma vez nas minas, mas eu nunca iria esquecer o rosto dele. O bastardo tinha as mãos em tudo, ao que parecia, incluindo tráfico de meninas.

Quatro outros homens com armas estavam perto mais ao lado, um deles esfregando o queixo e sorrindo, seus olhos fixos sobre a menina.

Ela gemia e se contorcia em suas amarras, enquanto o homem mais velho agarrava sua garganta, deslizando sua mão para baixo na curva da sua bunda, puxando a calcinha para baixo, e examinando-a por trás.

Em um toque no meu ombro, balancei minha arma, apontando-a para Dax. Ele segurou um dedo em sua boca, e meus músculos cederam com uma respiração tranquila. Quando ele se agachou atrás de mim, voltei minha mira para o quarto.

"Você vai para a menina", sussurrei por cima do meu ombro. "Tire-a daqui. Kelley é meu. Entendido?"

"Sim." Ele deu um aceno de cabeça, seu olhar ancorado no palco. "Entendi."

"Nós vamos tirar os atiradores primeiro." Olhei para o espaço procurando no nível superior do porão, que parecia uma espécie de sótão.

"Ela tem dezessete anos. Bonita. Ainda é virgem." Kelley deu um passo para o homem mais velho. "Como um Mustang. Seu pai pagou o Ministério Público para mantê-la livre de ser julgada como um adulto. Ela esteve dentro e fora do reformatório durante anos. Acho que você vai ficar feliz com esse presente, Tesarik." Ele deu um tapinha nas costas dele, e suas risadas trovejaram no quarto. "Cinco milhões por ela."

"Isso é mais do que nós negociamos", disse Tesarik.

"Terei um dos criminosos mais perigosos na minha bunda, uma vez que disser a ele que sua filha fugiu. Ele vai perder a sua mente fodida."

"Não achei que você fosse a entregar, Kelley. Devo dizer que estou impressionado." O homem mais velho permaneceu olhando para ela, com as mãos ainda deslizando no corpo da mulher como se não pudesse parar de tocá-la. "Minha linda Nicoleta, você ainda será meu ato mais cruel de vingança." Seu espesso sotaque eslovaco atravessou o quarto quando ele falou perto de sua orelha. "Seu pai vai cair de joelhos e implorar nosso perdão quando eu terminar com você, seu bem mais precioso." Seu corpo recuou, quando ele se inclinou para frente e sugou seu seio, seu gemido exagerado enrolando meus dedos em punhos.

Atrás de mim, Dax soltou um rosnado baixo, e olhei para baixo para ver suas cicatrizes nas mãos fechadas em punhos ao seu lado também.

"Eu tenho um outro presente, para você, Tesarik." Kelley sinalizou para dois dos homens que estavam ociosos, e ambos seguiram atrás quando ele se aproximou de uma série de portas para a direita.

Ele jogou para trás a porta larga, os dois homens entraram, e depois de um momento, arrastaram um corpo para fora da sala escura e deixaram cair no chão.

O homem se contorcia como um verme no chão. Tiras vermelhas em todo seu corpo mostravam onde eles o cortaram, sua pele revestida de sujeira e sangue.

"Este é o detetive Matt Burke do departamento de polícia de Detroit. O meu confidente, detetive Anderson, me disse que ele parece ter perdido algumas imagens de vídeo da última garota que você solicitou, bem como imagens de nossas reuniões juntos. Pelo que entendi, foram enviadas a ele através dos correios."

Detetive Matt Burke. Eu reconheci o nome. Tinha visto isso em algum lugar, mas minha mente não lembrava agora.

"Por quem?", Perguntou Tesarik.

"Um endereço postal que pertencia a Jolana."

O envelope que lhe enviei no início da semana. Era onde eu tinha visto o seu nome.

Kelley cruzou os braços sobre o peito. "Agora, o que você gostaria de fazer com o detetive Burke?"

"Juro por Deus..." o homem no chão protegeu o rosto atrás de sua mão. "Não sei onde estão! Eu juro para você!"

De pé sobre ele com as mãos atrás das costas, Tesarik pisou nos dedos do homem com a bota, e ele se contorcia contra o chão, gemendo quando rolou de costas.

"Mate-o," Tesarik ordenou, e um dos homens deu um passo adiante, apontando a arma para o crânio do Burke.

Jogando um sinal rápido para Dax, eu levantei meu AR, olhei através do escopo, e atirei na testa dele antes que pudesse atirar.

Todos os cinco se viraram em direção a nós, e antes que o outro pudesse sacar sua arma, atirei sobre seu ombro e abri um buraco em seu pescoço.

Enquanto um dos seus homens disparava de volta, Tesarik, decolou na direção oposta para a extremidade norte do edifício com um dos guardas, um homem careca, que levou a menina sobre o ombro.

Encostei minhas costas contra a parede e coloquei um novo pente de balas.

Dax girou para longe. "Estou indo pegá-los na outra extremidade do prédio." Ele correu na direção das escadas atrás de Tesarik e o guarda.

Balas pingavam ao redor da moldura da porta onde me escondi. Agachei-me no chão, pegando o último atirador na canela, e quando ele caiu, acertei seu crânio.

Corri para fora do meu esconderijo, no espaço aberto, e disparei uma bala extra nos corpos caídos, para ter certeza de que estavam mortos.

Kelley deixou a escada para o nível superior do porão, desaparecendo atrás de uma parede. Olhando para cima, disparei para o andar superior e corri atrás dele até a escada.

Chegando o topo da escada, corri até parar com o clique de uma arma nas minhas costas. O baque de sapatos avançando em direção a mim fez meus músculos se contraírem com a vontade de

girar ao redor com a minha arma engatilhada, até que o barril bateu no meu rosto.

"É uma pena, Jase. Uma vergonha sem sentido que você tenha que ter vindo aqui." O cano da arma pressionou mais profundo em meu rosto, forçando-me de joelhos. "Largue a arma", ele ordenou, e quando eu deslizei a AR do meu ombro, ele chutou para fora. "Se o seu irmão não tivesse sido deixado sozinho, não estaríamos aqui. Você não estaria fazendo a sua última oração, e seu irmão não teria morrido."

"Ele estava morto muito antes deles o matarem."

"Você está sugerindo que ele não gostava dos nossos pequenos retiros?" Kelley riu. "Seu irmão era mais fodido do que você sabia." O som molhado dele lambendo os lábios em minha orelha chamou a minha mão para a lâmina no lado oposto de onde ele estava. "E Lucy... não posso esperar para ter ela pendurada novamente. Conall quebrou-a, mas vou quebrá-la completamente." Enquanto suas palavras passavam pelo meu crânio, deslizei minha mão para alcançar a faca esperando o momento certo. "Veja, eu tenho o detetive Kyle para trazê-la até mim. E quando contaminá-la pela última vez, vou ter a certeza de dar seus cumprimentos."

Eu joguei meu braço para trás, batendo a arma de suas mãos, fazendo-o cair no chão. Em um movimento fluido, cortei-o em seu estômago e, quando ele se inclinou para frente, bati em seu rosto com o punho da lâmina. Outro soco o fez cair para trás, enviando sua espinha contra o concreto, avancei por cima dele e apoiei a lâmina debaixo de sua garganta. "Onde está o arquivo?"

Um lampejo de confusão dançou atrás de seus olhos por um momento, antes de sua boca deslizar em um sorriso. "Não tenho a menor ideia do que está falando."

Suas palavras de antes já tinham me enlouquecido de raiva e, ao dar a volta, eu o esfaqueei na coxa através do tecido de sua calça e deslizei o gancho para cima, divertindo-me com os sons de seu uivo. "Onde. Está. O arquivo, porra?"

Ele segurou a palma da mão sangrando para proteger o rosto. "Por favor... é a verdade. Eu não sei."

Raiva queimou no meu sangue, e pressionei a lâmina com mais força contra o pescoço para acabar com ele. "Onde diabos está!"

"Mãos ao alto!" A voz veio de trás, e eu congelei.

Circulando em volta de mim, o homem que quase foi morto pelos homens de Tesarik emergiu das sombras, sua arma apontada para mim, e a careta em seu rosto me disse que não era amigável.

"Para trás, porra", ele ordenou, um ar de nojo tingindo sua voz.

Eu me virei lentamente, olhando para o crachá preso ao cinto do homem.

Quando ele engatilhou sua arma, meu pulso martelou em minhas veias, a descarga de adrenalina pedindo-me para lutar ou correr.

Consegui pegar Kelley e tinha que terminar o serviço. Eu provavelmente seria morto no processo, já que duvidava que um policial iria ficar parado enquanto eu cortava o pescoço do bastardo, mas mesmo que eu morresse, valeria a pena. Pasák estaria morto. O homem que tinha torturado Lucy estaria morto. O homem que ordenou o assassinato da minha família seria morto.

Nesses poucos segundos, a minha vida passou diante dos meus olhos como um filme, dos risos no topo da torre Broderick com Reed, chegando a minha avó quando ela caiu no chão, vendo a cabeça de Reed finalmente ficar mole com o soco final em seu rosto, beijando Lucy pela primeira vez, olhando para fora da parte superior do Metrô quando eu a reclamei como minha, segurando seu rosto e mostrando a ela que a amava.

Lucy Mia.

Fechei os olhos.

O tiro ecoou dentro da minha cabeça.

Quando os abri novamente, Burke caiu no chão.

Girando ao redor, eu bati na arma apontada para mim, e a bala destinada à minha cabeça ricocheteou no metal atrás de mim. Inclinei-me para frente e agarrei o braço de Kelley e virei o cano em direção ao seu rosto. Nossos corpos balançaram em uma batalha de vontades, até que eu tinha o cano de frente para ele.

"Foda-se," ele murmurou.

Peguei a arma e, pressionei o dedo contra o gatilho e explodi seu cérebro através do topo de sua cabeça.

Em poucos segundos, a resistência se dissipou, e meus músculos relaxaram.

"Eu disse que ia explodir a porta da sua cabeça." Cuspi de volta no corpo de Kelley, eu me virei e me ajoelhei ao lado de Burke, olhando para a ferida em seu ombro direito. "Você está bem?", Perguntei.

Com uma respiração profunda, ele assentiu. "Estou bem."

Os sons de sirenes chamaram a minha atenção de volta para o extremo sul do edifício.

As sobrancelhas de Burke subiram quando ele olhou para mim. "Dá o fora daqui, garoto." Ele deu um aceno de cabeça, através de respirações profundas, arfando. "Eu não preciso desta merda de trabalho, de qualquer maneira."

"Ele disse que havia fotos. Provas."

"Sim." Burke soltou uma risada sem alegria e estremeceu. "Enviei tudo a um contato do FBI. Kelley estava acabado muito antes de você o matar. Agora vá."

"Por que você está me deixando ir? Eu matei aqueles homens."

Os sulcos de sua testa se aprofundaram com o cenho franzido, e seu olhar se afastou. "Eu tenho uma... filha, sabe? Se fosse ela pendurada lá ... ficaria feliz que você tivesse matado eles. Você estava defendendo um policial. Salvou a minha vida, a da garota. Agora dê o fora daqui."

Sem outra palavra, dei um aceno de cabeça e o deixei.

Capítulo 62

Dax

Ficando em seus calcanhares, Dax perseguiu Tesarik e o guarda carregando a mulher por cima do ombro. Ele deve ter batido nela para que desmaiasse porque ela não se moveu e seu corpo estava pendurado, mole, braços balançando em suas costas, enquanto os dois corriam para o Range Rover preto estacionado ao lado do prédio.

O dedo de Dax contraiu contra o gatilho de sua arma, mas ele não podia correr o risco do disparo acertar a menina. Ele sempre foi bom com uma arma, mas nem de longe tão habilidoso quanto Jase. Seus punhos, por outro lado, nunca lhe faltaram.

Balas perdidas passaram zunindo por sua cabeça, vindas dos dois que ele perseguia e Dax deslizou para o chão, abaixando-se atrás de um Cadillac prata.

Quando o guarda abriu a porta e Tesarik deu a volta no veículo para o banco do passageiro, Dax esperou que ele colocasse a menina e atirou nele, quando fechou a porta. Ele caiu no chão, rolando de costas e com uma descarga de adrenalina, Dax correu para frente, arma apontada, quando o bastardo gritou de dor. Com a mão trêmula, o guarda mal conseguia levantar a arma, mas ainda assim disparou outra bala que ricocheteou no Cadillac atrás de Dax.

Com apenas alguns centímetros de distância, Dax lhe deu um tiro na cabeça e gritou para Tesarik sair do veículo quando ele levantou a arma, apontando para a janela do veículo.

O velho deslizou do assento do passageiro, desaparecendo por trás do SUV. Um tiro passou por debaixo do carro. Uma varredura rápida entre os pneus terminou quando ele percebeu um movimento ao seu redor e balançou a arma procurando a sua volta.

Ambos os homens estavam com armas apontadas um para o outro.

"Você já roubou de mim uma vez", disse Tesarik, referindo-se à noite que Dax, Jase e Reed tinham roubado as armas. "Ninguém rouba de mim duas vezes."

"Ela não pertence a você."

Seu olho se contraiu, e a mente de Dax se esforçava para manter o controle de cada momento. Cada vacilo. Pronto para puxar o gatilho.

"Parem!" Os gritos vieram à direita deles.

Dax ousou um rápido olhar na direção de onde dois policiais avançavam, cerca de duas centenas de jardas de distância.

Os olhos de Tesarik se deslocaram, como se um milhão de cenários passassem por trás deles e tentou escolher um. "Espere-me", disse ele.

"Eu vou", Dax disse entre dentes.

Quando Tesarik girou se afastando, Dax mergulhou para frente e se contorceu contra a porta do SUV. Trancada. Com a coronha da arma, ele bateu na janela de trás do veículo, rebentando o vidro, e teve um vislumbre da menina. De onde ela estava deitada no chão na frente do banco de trás do SUV, os mais belos olhos de topázio que ele já tinha visto o encarou de volta, definidos sob sobrancelhas arqueadas para cima. Ele tinha acabado de desbloquear a porta, quando algo bateu em seu cotovelo e Dax foi puxado para fora quando Tesarik arrancou o carro.

Pneus cantaram quando Tesarik dirigiu para fora do parque de estacionamento com um dos oficiais disparando nas rodas. Os outros foram para o carro de patrulha.

Dax correu atrás do SUV, mentalmente anotando o número da placa, mas sabia melhor. O carro seria despejado até o final do dia.

A menina? Não muito tempo depois disso.

Ele não podia deixar isso acontecer.

Capítulo 63

Jase

Olhando para o meu reflexo na maçaneta de latão do apartamento, eu tive um sentimento ruim, ficou pior quando senti o cheiro de fumaça de charuto sangrando através da porta quebrada. Empurrando-a aberta, entrei no espaço escuro e caminhei para o quarto, uma pontada de pânico apertou meu peito.

À direita, escondido pela mesa de café no chão da sala de estar, um homem estava em uma poça de sangue. Agachei-me ao lado dele, olhando para o emblema em seu uniforme da polícia em que se lia Kyle Andrews.

"Lucy!" Acelerando meu ritmo parei em um impasse, quando cheguei ao quarto e encontrei a cama vazia.

No canto, sombras escondiam o rosto de Roman onde estava sentado fumando seu charuto. Apenas uma lasca de luar através da janela iluminava a cicatriz que reconheci em sua garganta.

"Onde ela está?" Soltei.

"Longe de você, e isso é tudo que importa."

Com as mãos fechadas em punhos, soquei a parede à direita de mim, quebrando o drywall e derrubando a lâmpada na mesa de cabeceira. "Diga-me onde ela está!"

"Você não conseguiu protegê-la, Sr. Hawkins. Você colocou sua vida em perigo. O que foi que você disse? Ah sim. Nada além de uma distração."

Eu puxei minha Glock e apontei no crânio do filho da puta. "Eu terminei o trabalho. Nunca houve qualquer arquivo para recuperar."

A cicatriz em seu rosto se esticou com um leve sorriso. "Não. Receio que nunca houve um arquivo."

"Pasák está morto."

"Pasák está vivo." Ele soprou seu charuto, e inclinou-se para a luz, os olhos brilhando enquanto ele estudava meu rosto como se avaliando minha reação. "Kelley está morto. Mas Tesarik não está." Quando ele se levantou, emendei os últimos pedaços do quebra-cabeça do caralho juntando as peças em minha cabeça. "Eu realmente pensei que ela estava a salvo com você, Jase. Muito mais segura do que estando sozinha. Mas agora, ela está mais segura sem nenhum de nós. Se você tivesse matado Tesarik, talvez eu não estivesse aqui. Mas com as fotos incriminadoras, ele sumiu sem deixar rastros. Nem mesmo eu sei onde ele está."

Compreensão fez minha respiração chegar rápida e forte e me atingiu como um martelo no crânio. "Isso é o que você queria o tempo todo, não é? Você queria que eu matasse Tesarik. Você nunca deu a mínima para o arquivo." Esfreguei minha cabeça num ritmo frenético para frente e para trás. "Você sabia sobre Pasák o tempo todo. Você sabia sobre esta reunião e que ambos estariam por lá. Por que você não me contou?"

"Porque um arquiteto não constrói de cima para baixo. Ele inicia da parte inferior. Se eu dissesse, você teria ido direto para Tesarik. Muitos padrões intrincados foram tecidos ao longo do curso de sua busca. Houve vários jogadores neste jogo, eu temo."

Balancei a cabeça, flashes do último mês escorregando pelos meus olhos e não fazendo absolutamente nenhum sentido. "Como?"

"Seu amigo Sean entregou um pacote muito importante para Daxton Wolfe, cuja irmã foi vítima do Seventh Circle. Daxton matou Sean. Você entregou um pacote a Matt Burke, que continha provas

incriminatórias contra o vereador David Kelley, bem como do oficial Anderson. O endereço postal pertencia a Jolana, que passou a ser um alvo lateral para o fodido oficial Kyle Anderson. Ela também era uma recrutadora, fazendo amizade com as meninas para subir na organização. Sua falta de lealdade, no entanto, fez com que Kelley a matasse. E, claro, Viktor Conall precisava ser eliminado, bem. No final, todas essas pessoas, exceto o oficial Burke, jogou uma mão na distribuição e exploração das vítimas." Com as mãos atrás das costas, Roman deu dois passos em direção a mim. "Meu cliente pediu que todos eles fossem executados."

Eu fui um joguete. Tudo o que fiz tinha sido construído sem o meu conhecimento. Pensei que tinha matado o homem por trás dos sequestros e assassinatos, mas não tinha. Parei de andar e olhei para ele, arma abaixada ao meu lado. “Viktor disse que Kelley era Pasák.”

"Kelley era nada além de uma camada de proteção. Dispensável." Os olhos se estreitaram, a testa franzida, e ele apertou seus lábios. "Há uma razão pela qual eu deixei a minha família quando fiz. Tesarik sempre teve suas perversões, mas nenhuma tão notavelmente deplorável como a violação de moças. Com tantos inimigos, ele raramente sai de sua protegida casa, mas para Nicoleta, ele fez uma exceção. Ela é a filha do seu maior inimigo. E ele sabe precisamente onde bater em um homem para fazê-lo sangrar. Eu temia por Lucy, assim como temo por ela agora."

Eu levantei meu olhar, olhando-o diretamente nos olhos. "Por que eu? Por que você me contratou para fazer isso?"

"Como disse antes, você foi escolhido a dedo."

"Por quê? Quem o contratou?"

Bufando uma respiração, Roman olhou para mim. "O vídeo de que falei, que o seu irmão baixou, era do Massacre de Theodore de alguns anos atrás. É familiar para você?"

Já ouvi falar dele quando a história tinha se tornado viral apenas alguns anos atrás. Os membros da Seven Mile tinham aparentemente torturado e estuprado uma mulher durante horas antes de matar o seu marido e filho. "Sim."

"Meu cliente, Senhor X, passou a ser muito próximo da família torturada no vídeo. Assim como era minha filha."

"Lucy conhecia eles?"

"Lena, ou Milenka, como Lucy chamava, era a filha de um grande amigo meu. Ela e Lucy cresceram juntas." Ele inclinou a cabeça. "Eu disse que isso era pessoal."

"Quem é o seu cliente? Quem é Senhor X?"

Sua mandíbula deslocou. "Seu nome é Alec Vaughn, embora você possa conhecê-lo como Achilleus X."

Já ouvi falar dele. Ele foi responsável por algumas das invasões hackers mais famosas da cidade, acusado de desempenhar algum papel no sequestro da esposa do prefeito, e Reed o idolatrava. Ele provavelmente tinha roubado oito ponto cinco milhões da Digilab.

"Seu irmão tentou chegar ao Achilleus X com o vídeo que ele baixou do Seventh Circle. Um vídeo que pertence a Achilleus. Em troca, Achilleus me contratou para que você fosse libertado, e para facilitar a vingança pelo assassinato de sua família."

"Por que mentir sobre o arquivo?"

As linhas duras do seu maxilar ficaram tensas com o aperto dos seus lábios. "No caso da vingança não ser o suficiente. Há um ditado que ouvi uma vez. Carregue o fardo de cada homem que o ofendeu, e logo a carga será muito pesada para suportar. Eu não poderia arriscar que você voltasse atrás e optasse por não terminar o trabalho. Muito estava em jogo."

Eu não podia negar. Houve momentos, nas últimas semanas, que pensei em fugir com Lucy para algum lugar. "Por que

arriscar? Por que você arriscaria, quando eu poderia ter fodido tudo?"

"Há apenas uma razão pela qual eu faria algo tão tolo, Sr. Hawkins. Caso você houvesse falhado o meu cliente prometeu proteger a minha filha, se algo acontecesse comigo." Com o charuto preso entre os dentes, Roman deslizou uma pistola Sig de dentro do seu casaco. "Agora, então, acredito que já respondi todas as suas perguntas, mas há um outro assunto para esclarecer." Sua mão firme levantou a arma até que apontou para a minha cabeça. "Nenhum dos homens que contratei para matar em meu nome já viu meu rosto e continuou vivendo."

Eu não me movi. Não me incomodei em levantar a minha arma. Naquele momento, percebi que não me importava se ele me matasse. Ele já tinha tomado a peça mais importante de mim. Apenas um vazio oco permaneceu. "Antes de fazer isso. Apenas me diga para onde você a levou. Só preciso saber que ela está segura."

Um músculo abaixo do seu olho se contraiu. "Ela está hospedada numa suíte do Book Cadillac Hotel. Ela será cuidada. Mimada e protegida vinte e quatro horas por dia, até Tesarik ser encontrado e morto".

"E se eu matar Tesarik?"

Ele inclinou a cabeça, olhando-me desconfiado. "Você está se oferecendo para aumentar a aposta?"

"Estou me oferecendo para fazer o que for preciso para trazê-la de volta."

Ele abaixou a arma e fumou o charuto mais uma vez. "Você nunca vai encontrá-la. No entanto, para minha própria diversão, talvez eu deixe você tentar." Ele deslizou a pistola de novo dentro do seu casaco e tirou as luvas. "Estou avisando, porém. Se você for procurar por ela, ou chegar perto dela, vou levá-la para um lugar onde você nunca vai vê-la novamente. Eu também vou tê-lo na minha mira." Ele me enviou um aceno de cabeça. "Tome cuidado, Sr. Hawkins."

Sem outra palavra, ele saiu do apartamento, e com o clique da porta, desabei de joelhos, com as mãos fechadas em punhos apertados em minhas têmporas.

Um rugido de dor foi arrancado do meu peito, ecoando nas paredes do espaço vazio. Loucura agarrou-se a margem da minha mente, ameaçando me engolir para a escuridão.

Já estive lá uma vez antes.

Não tenho chance de sobreviver a ela duas vezes.

Capítulo 64

Lucy

Nove semanas depois...

Enquanto eu olhava para o copo de água na mesa de cabeceira, no quarto de hotel Grand Suite Book Cadillac, dei um suspiro pesado. Engraçado, como algo tão vital para a sobrevivência tem a capacidade de afogar uma pessoa.

Não vi o Jase desde a noite do ataque, um pouco mais de dois meses atrás, e minha alma estava de luto.

Desde que meu pai me levou para longe, fui examinada por médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, chefs, e cheguei a conhecer uma das empregadas. Em essência, fui mantida prisioneira e apesar de estar sendo bem tratada, era proibida de deixar a grande suíte para outro lugar, senão uma ocasional viagem turística à sala de jantar, academia ou à piscina. Qualquer coisa que eu precisava era providenciado por um assistente do meu pai, que vinha uma vez por dia para me verificar. Todo mundo me tratava como uma princesa, e não tinha ideia do por que. Não tinha ideia do que meu pai tinha se tornado para ganhar tanto respeito de muitas pessoas, e parte de mim não se importava.

Percorri um longo caminho de escuridão depois do que Conall fez, mas um buraco gritante no meu peito me deixou oca por dentro. À noite, eu ainda sofria os pesadelos do ataque de Conall, mas durante o dia, um novo pesadelo me assombrava, um muito maior do que a dor das horas presa dentro do cofre. Minhas feridas e contusões há muito desapareceram, mas meu coração ainda sangrava por um homem por quem me apaixonei tão

profundamente. Eu odiava que meu corpo e mente tinham começado a se consertar, era como uma traição ao meu coração que permanecia esmagado e fragmentado, ansiando pela outra metade que eu tinha dado ao Jase.

Ele estava vivo? Ele teria se mudado?

Os pensamentos me deixavam louca, enquanto andava em minha gaiola todos os dias, sonhando com a minha fuga. A fuga seria inútil, no entanto. Meu pai tinha guardas e guardas para aqueles guardas, um ciclo interminável de olhos me seguindo por toda parte. Mesmo que estivessem fora da minha suíte, eles estavam presentes, observando.

Uma batida na porta interrompeu meus pensamentos, e eu enterrei meu rosto no travesseiro e fechei os olhos, silenciosamente desejando continuar sozinha.

Forçando-me a levantar, fui até a porta e abri, sem me preocupar em espiar primeiro. Meu pai tinha feito um ponto em limitar as pessoas que iam e vinham, por isso quando Dax apareceu na porta, inalei uma respiração afiada e dei um passo para trás.

"O que é ... como você ...?" Enfiei a cabeça do lado de fora do batente da porta, olhando para a esquerda e para a direita dele. Nada, só o mármore brilhante do corredor e o brilho dos elevadores de aço compunham o espaço atrás dele, e com tudo limpo, eu o puxei para dentro, e fechei a porta. "Como diabos você conseguiu passar pela recepção?"

"Sou um ladrão, Lucy. É tudo distrações e truques de mão." Seu olhar varreu a sala. "Incrível o que eles fizeram para restaurar este lugar. Entrei aqui cerca de dez anos atrás, e tudo estava destruído. Rasgado e quebrado. E agora, ele está... arrumado. Como se o que aconteceu antes nem sequer importasse." Ele deu um leve sorriso, seus olhos me analisando vestida com o roupão felpudo branco com o qual praticamente vivi por semanas depois

de chegar aqui. "Você parece bem, Lucy. Melhor do que bem. Como você está se sentindo?"

Eu tinha começado a odiar essa pergunta. "Melhor." Cruzei os braços sobre o peito. "Onde ele está, Dax? Como ele está?"

Soltando-se na cadeira atrás dele, apoiou os cotovelos sobre os joelhos e sacudiu a cabeça. "Eu não sei. Ele está apenas... desde que você... ele está apenas confuso na cabeça."

"Por que ele não veio com você?"

Seus lábios formaram uma linha dura e Dax desviou o olhar. "Ele parece pensar que é a única coisa que vai ajudar você, ficar longe. Pensa que vai mantê-la segura... ele se culpa pelo que aconteceu com você. Está destruindo-se com essa merda." Ele esfregou as mãos através do cabelo. "Ele atingiu um novo nível esta manhã, e... porra." Suas mãos deslizaram para cobrir os olhos. "Não sei se esta é a coisa certa a fazer... com o que você está passando, mas... acho que você é a única que pode ajudá-lo."

"Eu tenho que vê-lo. Preciso vê-lo, Dax. Estou enlouquecendo neste lugar." Andei para frente e me ajoelhei na frente dele, colocando as mãos sobre suas coxas. "Você vai me levar até ele?"

"Sim. Acho que precisamos fazer esta merda rápido, porque o novo garoto na recepção não estava comprando a ideia de que sou o fisioterapeuta, e disse que iria comunicar o seu pai."

"Você disse que era meu terapeuta?" Afastei-me dele, a diversão de tal coisa era apenas uma distração momentânea da preocupação que saltava ao redor da minha cabeça.

"Sim."

"Será um dia frio no inferno", eu disse, deslizando para o quarto adjacente e vestindo um jeans e um suéter. Pela primeira vez em semanas, meu coração florescia com a vida novamente.

Quando saí do banheiro apenas dois minutos depois, meus pulmões ficaram apertados, e congelei no lugar.

Meu pai estava ladeado por dois homens, ambos com armas apontadas para Dax.

"Não!" Atravessei o quarto até a frente de Dax, bloqueando-o.

Meu pai sinalizou para os dois homens abaixarem as armas e deu um passo em minha direção. "Saia da frente, zlatko."

"Não. E não me chame assim. Você perdeu o direito de me chamar assim há muito tempo."

"Não sou obrigado a ganhar direitos que foram concedidos no dia em que nasceu. Sou seu pai, e não importa o que aconteceu entre o nascimento e agora. Isso não muda os fatos."

"Você não é um pai para mim. Paul era meu pai. E quando ele morreu, o único homem que eu amava como um pai morreu." Levantei meu queixo. "Vou sair com o Dax."

"Tesarik emitiu uma ordem de caça ao homem. É apenas uma questão de tempo antes que eles o localizem, e você não vai ficar por perto quando isso acontecer."

"Vou arriscar."

"E onde você vai? O homem não tem nada. Ele não pode fazer nada por você." Seu olhar me perfurou, e estudei as cicatrizes do seu rosto, a realidade dura e fria do que a sua vida tinha se tornado ao longo dos anos. "Ele é a razão pela qual você foi ferida."

"E onde você estava? Hã? Onde diabos você estava, quando fizeram aquilo comigo?"

Ele não falou, apenas olhou para mim do outro lado da sala.

"Eu o amo. E não vou respirar sem ele, não importa o quanto eu faça a terapia que você jogou em mim."

Com o levantar de sua mão, os dois homens atrás dele saíram da sala, e ele pegou um charuto do bolso, acendendo-o. "Você me faz lembrar dela. Muito. Eu tinha esquecido o quanto eu sentia falta dela até agora."

Minha mãe? "Por anos, eu te defendi, enquanto ela o odiava." Meus olhos ardiam com a ameaça de lágrimas. "E percebo agora, ela só estava tentando me proteger."

Inclinando a cabeça, ele assentiu. "Até que você tenha uma criança, não vai entender as razões pelas quais eu saí. O fato é que matei um monte de gente na minha vida, zlatko, mas você é a única por quem iria morrer. E quando eu me for um dia, posso assegurar, deixar você foi o meu único verdadeiro arrependimento na vida."

As lágrimas nublaram meus olhos, deixando sua forma nebulosa. "Se alguma parte de você se importa realmente comigo, deixe-me ir com ele. Não me impeça."

"Não posso mantê-la protegida, se você não estiver comigo. E se meus inimigos descobrirem que você é minha filha, vão fazer o que aconteceu com você parecer brincadeira de criança."

"Houve um momento em que eu precisava de você na minha vida, mas sobrevivi treze anos sem você. Ele foi o único que sempre me manteve segura. E preciso dele, agora mais do que nunca." Olhei para Dax, e meus ombros caíram. "Estou grávida."

Com as mãos em punho, o charuto do meu pai parou no meio do caminho até a boca, o rosto impassível e ilegível, exatamente como eu me lembrava dele desde a infância. "Você tem certeza..."

"Você está grávida?" Eu instintivamente segurei minha barriga ainda plana. "Sim. Doutor Rutherford confirmou que estou com nove semanas. Con...." não poderia nem mesmo dizer seu nome em voz alta. "Eu nunca fui... ele fez um monte de coisas, mas não me estuprou."

"Eu entendo." Meu pai apagou o cigarro no cinzeiro na mesa de cabeceira ao lado dele. "Ele não tem ninguém para cuidar de você como eu tenho, Lucy. Ninguém para protegê-la. Ninguém que daria sua vida por vocês dois, como Imrich".

Imrich, ou Lurch como passei a chamá-lo, poderia ser mais bem descrito como uma espécie de muro de prisão. Era incrivelmente leal ao meu pai, ao que parecia, e completamente rigoroso comigo.

"Que porra é essa? Eu sou invisível aqui, ou..." A irritação na voz de Dax transbordava em suas palavras, e peguei um rápido vislumbre da sua expressão preocupada. "Levei um tiro por Jase. Duas vezes. E faria isso de novo." Ele apontou para além do meu pai para a porta. "Não vamos esquecer os seus capangas que quase bati há um momento atrás."

Voltei-me para o meu pai. "Não tenho nenhuma dúvida de que Imrich estaria na linha de frente e me defenderia com o seu último suspiro. Mas Jase iria travar uma guerra em meu nome."

"Não posso arriscar que ele trave uma guerra com a pessoa errada, Lucy." Ele balançou a cabeça, sua mandíbula definida como uma linha dura. "Ele não tem o poder para protegê-la."

"Seu poder não me protegeu, tampouco! Como diabos Dax conseguiu se esgueirar por seus homens? Se ele fosse uma ameaça, eu estaria morta."

"Posso assegurar-lhe, que ele teria sido morto, também."

Respirava com dificuldade pelo nariz para acalmar minha frustração. "Vou sair. E, se você tentar me parar, saiba que vou continuar tentando. Todos os dias, vou procurar uma maneira de escapar. Eu sou dele."

De pé em frente a mim, meu pai parecia contemplar por um momento, o conflito queimando atrás de seus olhos. "Se você voltar para ele, tenho uma condição."

Esperança floresceu dentro de mim novamente. "O que?"

"Que o dois saiam do país por um tempo. Vou transferir os fundos que vocês precisam. O pagamento por seus serviços."

Pagamento? Fiz uma careta. "Que serviços?"

"Não é importante."

"Pai." O tom da minha voz refletia a sua — inflexível e, pela primeira vez, senti-me como sua filha. "Que serviços?"

"Para mantê-la segura." A poderosa e intimidante postura que ele mantinha, de repente, suavizou e seus ombros caíram apenas ligeiramente. "Você está livre para ir."

Virando, peguei a mão de Dax e o levei para a porta. Parando ao lado do meu pai, liberei meu aperto de Dax, e olhando para a mão cheia de cicatrizes dele, fiquei impressionada com a memória de quando levamos ele ao hospital com a minha mãe. O medo que senti naquele dia, muito jovem para saber o que sua lesão significava, só via o sangue. Imaginei a sua dor e queria mais do que tudo que ele ficasse bem. No mesmo sentido, sabia que ele estava fazendo o mesmo. Temendo por mim, enquanto esperava que eu ficasse bem.

"Sei agora por que você me deixou, e te perdoo." Estendi a mão para a sua, dando-lhe um leve aperto. "Eu perdoo você."

Ele não olhou para mim, mas senti a onda de seus dedos ao redor da minha mão. Por um momento, ficamos assim.

Então, o deixei.

Olhando para trás, peguei um vislumbre do meu pai caindo de joelhos antes que a porta se fechasse atrás de Dax, e eu sabia.

Foi a segunda vez na minha vida que ele chorou.

Capítulo 65

Lucy

Meu pulso corria, meu corpo, ficando quente e frio de excitação e a agitação nervosa no meu estômago, enquanto subia a escada para o apartamento. Dax tinha me avisado sobre não esperar o mesmo homem que conheci antes, mas não importava o que Jase tenha se tornado no lado de fora. Eu sabia o que vivia por dentro.

Eu precisava ver por mim mesma, embora...

Dax também me disse que não tinha mencionado nada para Jase sobre ir atrás de mim, então quando ele assumiu a liderança, orientando-me pelo apartamento escuro em direção ao quarto, eu não protestei. Ele temia que me ver pudesse detonar as alucinações e um ataque não intencional.

Jesus. O que tinha acontecido com ele durante essas semanas separados?

Chegamos ao quarto, onde a TV estava ligada.

Um som agudo atingiu meus ouvidos com o choque de armaduras no filme, peguei um movimento com o canto do meu olho. Virei-me para ver um cão intimidante mancando em direção a mim, sua perna da frente faltando, e percebi que era o cão que levamos ao Richard. O cão que Jase salvou.

Ajoelhei-me e estendi a mão, deixando-o cheirar minha mão. Ele baixou a cabeça debaixo da minha palma, e eu cocei atrás das suas orelhas. "Onde está o seu mestre, huh?"

"Jase!" A voz profunda de Dax surgiu dentro do apartamento. "Onde você está, homem?"

Levantei-me e andei pelo quarto. Fotografias minhas em preto e branco estavam espalhadas em toda a colcha e através dos lençóis brancos. Algumas delas tiradas no nosso primeiro mês juntos, enquanto outras pareciam ter sido tiradas há algum tempo. As paredes do quarto, uma vez estéreis e vazias, tinham sido cobertas de mapas e imagens de um homem mais velho que eu vagamente reconhecia, embora não conseguisse identificar de onde. Seu longo casaco preto, e as linhas endurecidas em seu rosto, me diziam que ele poderia ser um criminoso. Uma dúzia de outras imagens tinham sido presas ao lado dele, dispostas em algum tipo de hierarquia, com dois homens alinhados na parte superior, um dos quais era o meu pai, três no meio e sete na parte inferior. Algumas imagens tinham sido torcidas para o lado, os alfinetes de pé em ângulos diferentes, e passei a mão sobre a tela da parede irregular.

Sentindo alguém atrás de mim, olhei por cima do ombro, para encontrar Dax. "O que aconteceu com ele? O que é isso?"

"Nós estamos procurando Tesarik por meses, Lucy. Ele é a pessoa por trás do Seventh Circle." Seus olhos digitalizaram até a parede, onde uma confusão de blocos de notas, post-its e imagens confessavam a realidade assustadora que eu não poderia suportar — o rosto que Jase se tornou obcecado. "Seu pai foi um conselheiro para Tesarik por anos."

"Meu pai estava por trás do assassinato dessas mulheres?" Reconheci desde cedo que o meu pai não era necessariamente um bom homem, mas não tinha ideia de que ele era absolutamente desprezível.

"Seu pai arranjou para que Tesarik morresse. Ele contratou Jase para fazer isso."

“Por que Jase?” Um outro olhar para trás na parede mostrou a imagem do meu pai no topo da hierarquia, ao lado de outro homem cujo rosto estava escondido por trás de um' X '.

"Ninguém mais teria aceitado esta merda. É guerra. Uma que Jase estava disposto a travar por sua família e agora por você." Ele fez uma careta e sacudiu a cabeça. "Desculpe-me, eu não queria que isso saísse assim.... ele é tão apaixonado por você, Lucy. Ele perdeu sua maldita mente. Não come. Não dorme. Acho que se ele pudesse somente ver você. Ver que você está bem. Ele pararia de se culpar sobre o que aconteceu."

Fiz uma careta, meu estômago virando com o pensamento. "Nós temos que encontrá-lo."

"Ele pode estar em qualquer lugar agora."

O olhar perdido trouxe uma conversa à mente, que eu tinha tido no topo da construção do Metropolitan alguns meses atrás.

"Qual é o seu prédio favorito?"

"Broderick. É onde vou quando a merda não faz sentido para mim."

Meu coração acelerou quando tive esse lampejo de memória. "Acho que sei onde encontrá-lo."

****

Eu nunca tinha explorado o Broderick Tower, então fiquei grata quando Dax liderou o caminho. Subimos a escada de incêndio para o telhado do edifício adjacente, onde uma viga de três metros foi colocada, a partir da plataforma da escada de incêndio para a janela lateral de uma cozinha do Broderick, cerca de três andares acima do beco.

Dax avançou através da ponte como se não fosse nada e pulou para a janela aproximadamente um metro e meio acima dele. Depois de rastejar dentro, ele torceu para trás, os braços

estendidos para mim. Bem desse jeito. Como se cair para a morte ainda não tinha sido um pensamento.

Tomando respirações profundas, mantive o meu olhar fixo em Dax, resistindo à vontade de hiperventilar enquanto tentava me equilibrar através da viga.

Não olhe para baixo. Não olhe para baixo.

A madeira deslizou contra a parte inferior do meu sapato, um grito rasgando o meu peito, e quando me inclinei para frente, só me segurando, a queda de três andares roubou meu foco. Minha respiração chegou em curtas exalações quando o pânico subiu por minhas veias, endurecendo os músculos. "Não posso fazer isso. Eu não posso fazer isso", murmurei para mim mesma.

"Venha aqui, baby. Vou pegar você. Cinco passos, Lucy. Isso é tudo, e vou puxá-la. Você pode fazer isso."

Balancei a cabeça, meus músculos e força de vontade me bloqueando quando imaginava cair no lixo abaixo, ficando amassada em uma pilha de ossos quebrados.

"Olhos em mim. Você consegue fazer isso."

Eu só tinha uma vaga consciência da voz de Dax sobre o farfalhar de sangue e o ar fresco de janeiro que esmagava meus pulmões, quando o meu corpo ficou travado, músculos paralisados, e orei a Deus para que a parte estreita de madeira não cedesse sob o meu peso.

Quando você quer muito alguma coisa, não deve ter medo de cair, Jase me disse isso uma vez.

Com as pernas trêmulas, quebrei o meu transe e pedi aos meus músculos das pernas para se endireitarem, abrindo meus braços para me equilibrar. Soltei uma respiração e bloqueei minha visão sobre a pequena saliência na minha frente, quando com passos rápidos, atravessei o abismo mortal abaixo. Um, dois, três, quatro. Pulei para agarrar a mão à espera de Dax, e enquanto ele

puxava meus braços, andei até o tijolo, deixando-me ser içada para dentro da janela.

Depois de atravessar, ele me puxou em seu corpo, me engolindo em um abraço. "Jesus, eu não tinha ideia que tinha medo de altura, baby. Porra. Porra! Você tem alguma ideia do que Jase teria feito comigo, se algo acontecesse com você?"

"Estou bem", disse, mas porra, todo o meu corpo tremia contra ele, um embaraço que se tornou ainda mais evidente quanto mais apertado ele me abraçava.

Finalmente quebrando o abraço, Dax assumiu a liderança mais uma vez, caminhando através da sala. O interior desintegrado do Broderick estava a nossa volta. Madeira quebrada, deteriorada, lençóis sujos de tinta e gesso em pó no chão, lixo e grafite. Nós finalmente chegamos a escada e começamos a nossa subida, fazendo o contorno de volta após volta, indo além da cobertura no trigésimo terceiro andar, evidenciado pelas balaustradas extravagantes e a luz que se filtrava pelas janelas.

Segui atrás de Dax, até que chegamos a uma escada estreita e sinuosa e uma porta que imaginei levar ao telhado.

Quando empurrei a porta, minha respiração engatou com a visão das costas de Jase, onde ele estava sentado no parapeito. Náuseas borbulhavam em meu estômago, pensando que ele pudesse estar tão perto da borda, mas essa observação ficou metafórica quando ele virou, e meu coração murchou com a visão dele.

Círculos pretos marcavam cada um de seus olhos, como se não tivesse dormido em semanas. Seu rosto parecia mais magro, tão pálido. Jesus, eu não achava que ele fosse capaz de parecer tão exausto. Seu corpo tinha perdido um pouco de sua massa, não magro, por qualquer meio, mas certamente não estava mais tão imponente como ele era há alguns meses.

Com o olhar saltando entre mim e Dax, ele deslizou para fora do parapeito, prendi minha respiração, até que suas botas bateram

com segurança no cascalho do telhado cerca de uma dúzia de metros de onde eu estava.

"Sinto muito, irmão." A voz sombria de Dax saiu suave, um tom reservado que não tinha ouvido nele antes, como um homem preso dentro de uma gaiola com um animal selvagem. "Sei que você disse para deixá-la ir. Mas... porra, Jase, você precisava vê-la. Ver que ela está bem. Parar de se martirizar..."

"Que diabos você pensa que está fazendo?" O rosto de Jase fez uma careta e suas mãos fecharam em punhos apertados em cada lado dele, quando deu uma guinada em direção a Dax. "Ela estava segura com ele. Eles vão encontrá-la!"

"Jase." Quando caminhei na direção dele, ele deu um passo para trás.

Para ficar longe de mim?

"Como... como você tem passado?", Perguntei.

A raiva grudada em seu rosto suavizou em tristeza, e seu olhar mergulhou no meu. "Lucy, você não deveria estar aqui." O tom gelado em sua voz de momentos antes descongelou. "Não é seguro para você estar comigo." Ele levantou seus olhos apenas o suficiente olhar Dax atrás de mim. "Ou ele."

"Eu disse a ele para me trazer aqui. Ele não poderia ter me mantido longe se tivesse tentado, Jase." Mais dois passos me levaram para mais perto, mas ele levantou a mão entre nós, parando meus passos.

"Por favor. Basta ir." A dor aguda em meu coração queimou até que o remorso dançou em seu rosto e ele desviou os olhos. "Não quero ser um bastardo sujo, mas não posso mantê-la segura. Não enquanto Tesarik ainda estiver vivo. Ele ainda está lá fora, procurando por você. Você tem que voltar para o seu pai. Não tenho a mão de obra, ou o dinheiro que ele tem, para mantê-la protegida."

"Não preciso disso. Eu não preciso de uma babá durante todo o maldito dia."

Um rápido olhar sobre Dax, seguido pelo meu aceno de cabeça, e ele pegou a deixa, saindo pela porta, deixando-nos sozinhos.

De pé a apenas alguns centímetros longe de Jase, parecia que um oceano nos separava, e tentei afastar a névoa das lágrimas borrando sua forma, tentei ser forte e agir como se as suas palavras não tivessem cortado meu coração. Limpei a garganta e engoli o nó me chamando para quebrar. "Eu não vou sair. Vou ficar aqui em cima a porra da noite toda com você, se tiver que fazer isso." Outro passo em direção a ele, e meus músculos se encolheram, com as mãos segurando a borda do parapeito, sem ter para onde ir. "Não vou te deixar."

"Ficar comigo vai te matar."

"E quanto a você?", Perguntei, limpando o irritante escudo aquoso que cobria meus olhos. "Ele vai matar você, também. Se você morrer, eu morro. Lembra?"

Mantive o olhar focado no dele.

"Você ainda me quer?", Perguntei.

"Isto não é sobre mim, Lucy. É sobre você. É sobre fazer tudo em meu poder para me certificar de que ninguém te machuque de novo." Ele balançou a cabeça. "Não posso lidar com os pesadelos do que vi.... eu vejo isso todos os dias. Todos os dias se repetindo." Ele rosnou, enquanto as lágrimas enchiam seus olhos, que transformaram seu olhar frio e fora de foco. "Eu fui fraco. Deveria ter protegido você." Sua expressão distante piscou para uma de tristeza. "Eu não sou nada, só mais um bastardo sem valor, Lucy. Nunca mereci você."

"Por que você acha que tem que ganhar tudo às suas próprias custas? O amor é incondicional, Jase. Todo mundo merece ser amado." Balancei a cabeça. "Não, especialmente

aqueles que eles acham que não merecem isso." Avançando cada vez mais, coloquei a mão em seu peito, e quando ele se encolheu longe, agarrei-lhe o pulso, passando os braços ao redor do seu corpo que enrijeceu enquanto ele tremia contra mim... ele não retornou o abraço, mas não me importei. Seus músculos endureceram a minha volta. Ainda duro como aço na superfície, mas debaixo de tudo isso existia a vulnerabilidade, a dor que espelhava a minha própria. "Você pode tentar me empurrar para longe, mas eu não vou deixar. Se você me ama ou não, eu te amo. Você nunca foi fraco."

Seu corpo estremeceu ao meu alcance, e segurei mais apertado, beijando sua mandíbula.

"Você matou Conall. Você matou o demônio que me assombrou. E não tenho medo de assumir o seu em troca, Jase."

Ele descansou sua testa contra o meu ombro, a linha apertada em seus músculos suavizando sob as minhas mãos, enquanto seu peito subia e descia com a respiração pesada. Ficamos assim por alguns minutos, apenas respirando. Quando seus braços, finalmente vieram ao meu redor, me puxando para ele, permiti que as lágrimas que segurei voltassem a cair.

Respirei o cheiro que senti falta, no calor do seu abraço. Mesmo tão frágil quanto parecia, seus braços ainda me envolveram com força, e pela primeira vez em meses, realmente me senti segura novamente.

Eu tinha guardas do lado de fora do meu quarto, olhos me observando cada hora do dia. Mas ali na cobertura, com vista para a cidade, com os ventos de janeiro chicoteando contra o meu rosto, não me senti mais sozinha.

****

Dax tinha saído no momento em que descemos através do edifício, para onde o camaro de Jase esperava por nós na rua atrás do Metropolitan.

Eu caí no banco do passageiro, enquanto ele segurava a porta aberta para mim. Além do abraço e ter me ajudado a descer o prédio, ele não tinha me tocado. Não tinha me beijado.

Meus pensamentos voltaram para cima do telhado de Broderick onde ele me disse que não era bom para mim. Deus, será que ele realmente acredita nisso?

Uma vez no carro, ele nos levou pela Woodward Avenue, sem dizer uma única palavra, nem trocar um olhar comigo.

"Jase... por favor, encoste." Eu precisava de um lugar que ele não pudesse sair, ou fosse para longe de mim. Precisava que ele soubesse o quanto eu precisava dele, e dane-se, ele iria ouvir.

Sua cabeça virou para mim e de volta para a estrada. "Está tudo bem? Você está bem?"

"Eu não sei. Por favor. Basta parar em algum lugar."

Ele virou o carro para uma rua lateral, parando no meio-fio, onde equipamentos de construção estavam espalhados em um pátio aberto ao lado de um edifício renovado.

"O que estamos fazendo?" Ele olhou em volta para o bairro quase vazio, exceto por alguns carros estacionados no lote a cerca de um campo de futebol de distância de onde nós paramos. Seu olhar caiu sobre mim de novo, com urgência, quando ele me olhou de cima a baixo. "Você está bem? Algo está errado?"

"Sim. Algo está errado." Agarrei sua mão, puxando contra a rigidez de seus músculos, e coloquei sua mão no meu rosto, tendo a aspereza de sua pele contra a minha bochecha. Olhos fechados, eu imaginava apenas alguns meses atrás, quando ele me tocou voluntariamente. "Você não me tocou."

Seu polegar roçou meus lábios, e abri meus olhos para seu olhar.

"Preciso sentir você novamente. Preciso do seu toque."

Seus olhos se contraíram, e seu olhar mergulhou no meu. "O que você está dizendo?"

"Estou dizendo que eu quero você. Agora mesmo."

Sua mão deslizou para longe do meu rosto. "Aqui? Lucy, eu..."

"Não se atreva a me dizer que você não me merece, ou que você não é bom, ou qualquer besteira que esteja passando por sua cabeça."

"Eu quero. Jesus, você não tem ideia do quanto eu quero te tocar agora. Estes meses sem você tem sido uma morte lenta e dolorosa, porra." Ele balançou a cabeça, os olhos tristes e cansados deslocando para longe de mim. "Se eu te machucar..."

"A única maneira que você poderia me machucar agora é se você não me tocar."

Seu corpo grande deixou o pouco espaço entre ele e o banco do motorista, mas eu desajeitadamente pulei o console até montar seu colo, enquanto ele deslizava seu banco para trás.

Com as mãos segurando meus braços, ele resistiu quando se inclinou para frente. "Espere. Lucy, podemos esperar. Eu posso esperar. Por você. Por mais que demore."

Torcendo os braços fora de seu aperto, eu pressionei contra ele, segurando cada lado do seu rosto e encostei meus lábios nos dele antes de fundir nossas bocas em um beijo. "Esperei muito tempo, Jase."

"Você está... ok, embora?", Perguntou.

Com o rosto preso em minhas mãos, eu balancei a cabeça. "Não. Eu não estou. Mas é por isso que preciso de você. Preciso lembrar de como me sentia ao ser tocada com amor. Preciso sentir você de novo."

Co a testa pressionada contra a minha, ele beijou o interior da palma da minha mão e sacudiu a cabeça. "É muito cedo para você. Depois do que ele..."

"Não se atreva a me tratar como se eu fosse tão frágil. Não você." Fiz uma careta, lágrimas brotando nos meus olhos. "Não se atreva a me tratar como se eu fosse uma boneca de porcelana frágil. Ele não me quebrou."

"Ele não quebrou, mia Luce. Você é muito forte."

Através de um borrão de lágrimas, eu olhava para ele. "Ainda estou aqui. E cada parte de mim ainda anseia por você. Eu venci. Ele não me quebrou."

Erguendo a cabeça, ele bateu seus lábios nos meus, esmagando nossas bocas com respirações frenéticas. Eu passei minhas mãos pelo seu peito, entre as nossas coxas, e quando agarrei o seu comprimento duro, um grunhido retumbou de sua boca, vibrando contra meus lábios.

"Eu senti sua falta", disse ele, guiando as suas mãos para a minha camisa, onde levantou o tecido e tirou o meu sutiã, oferecendo um momento para sugar meus mamilos sensíveis. Com as mãos segurando meus lados, enquanto sua língua sacudia contra os meus mamilos, alimentando a minha excitação.

Eu precisava dele. Precisava sentir suas cicatrizes contra as minhas, as feridas sangrentas entre nós que nunca tiveram chance de curar. Só seu toque poderia me resgatar do abismo no qual eu tinha caído, o inferno escuro que tocava sempre que eu fechava os olhos. Só ele poderia me salvar desses pesadelos.

"Senti tanto sua falta." Ele murmurou contra a minha pele enquanto suas mãos freneticamente seguravam meus seios.

Apertei minhas coxas em torno dele, com o estômago apertado com cada chupada, a antecipação queimando baixo na minha barriga quando seu gemido retumbou em toda a minha pele. Um gemido escapou de mim quando ele soltou a minha pele, esfregando as pontas dos seus polegares, onde ele esteve com a língua. "Preciso de você dentro de mim. Agora." Minha voz rouca falou com o desespero batendo através de mim, o desejo de senti-lo novamente.

Desabotoei o botão da calça jeans e me empurrei contra o teto do carro para lhe permitir empurrar a calça até os joelhos.

Seus olhos ligados aos meus, carregados com o mais carnal brilho sexual que já vi neles. Como um homem sedento de olho em um único gole de água.

Sua mandíbula apertou com luxúria, quando afundei sobre ele, espetando-me com seu grande comprimento. Ele inclinou a cabeça para trás em uma longa expiração. "Porra!"

Com movimentos circulando abaixo de mim, ele brincou no início, os olhos me estudando, planejando, aquecendo meu corpo com antecipação letal, antes que ele se erguesse, fazendo-me ofegar.

Na conversa, as palavras muitas vezes se perderam ou de alguma forma me escaparam. Tê-lo dentro de mim me dizia tudo o que nenhum de nós precisava dizer em voz alta.

Meus olhos reviraram. Minha coluna endureceu. Eu me toquei durante semanas, imaginando o som de sua voz no meu ouvido, e quando ele finalmente deixou escapar um gemido torturado, senti a primeira pontada de orgasmo apertar minha barriga. Essa tortura pulsou através de mim, então, o desespero de tê-lo dentro de mim e querer mais, nunca querendo que a sensação chegasse ao fim.

"Vou fazer amor com você mais tarde, Luce, mas agora, preciso estar bem profundamente dentro de você."

Com uma mão grudada na janela fria, eu balançava contra ele, enquanto seus quadris batiam nos meus, como dois objetos que colidem com força bruta. Nossas peles batiam em uma cadência de sexo rápido e furioso, nunca perdendo o ritmo ou intensidade, seus dedos machucavam minhas coxas. Éramos brutos e ambiciosos. Impacientes. Ele me encheu, e meu corpo o recebeu, faminto e desesperado no espaço confinado.

Suor revestia minha pele, e brilhava em seu rosto e pescoço. Como guerreiros, nós olhamos fixamente um para o outro, esperando que o outro se rendesse.

"Vamos lá, baby. Goze para mim."

"Você primeiro", soltei, mas meu corpo protestou, chegando perto do clímax com o som de sua voz.

Seu perfume invadiu minha mente, uma especiaria misturada com excitação. Como um doce veneno, ofuscando todas as outras corridas de pensamento em minha mente. Só ele.

O volante bateu nas minhas costas quando ele aumentou a velocidade e me puxou para ele, agarrando firmemente o meu cabelo, quando pressionei em seu peito. Sua respiração bateu contra o meu rosto no mesmo ritmo que o seu pau batia em mim.

Ainda assim, eu estendi, perambulando em um fio fino de controle que poderia quebrar a qualquer momento.

O aperto na parte de trás da minha cabeça aumentou. "Não é possível ter o suficiente de você."

Abri a boca para responder, mas tudo o que consegui dizer foi um gemido silencioso. Meu estômago enrolado em bobinas apertadas, enquanto meus músculos queimavam, os joelhos doíam. Eu gritei, e um longo gemido vibrou dentro do meu peito. Mais e mais eu subi, mentalmente disposta a aguentar, mas perdendo para os desejos do meu corpo.

"Perdi a porra da minha mente sem você, Lucy," ele disse entre dentes, sua voz rouca e com raiva.

Com os lábios entreabertos, sobrancelhas arqueadas, levei-o profundamente, senti sua dor, o sofrimento de ter perdido a si mesmo naqueles meses em que ficamos afastados. A solidão, a saudade e a frustração, ele bateu em mim com seus quadris com cada ponto de punição.

Em troca, dei-lhe a minha própria. Eu agarrei em seu couro cabeludo e mordi seu pescoço, em silêncio repreendendo-o.

Bastardo, por que você não veio para mim?

Ele contra-atacou, seus dedos espalhando minha bunda quando eles cavaram minhas bochechas com seu empurrão furioso, como se a responder: *Por que você ficou longe?* Linhas de raiva e tensão guerreavam em seu rosto, lutando contra o elevar ocasional de sua testa que confessava uma fração de segundo de êxtase.

Por um momento, não fomos Jase e Lucy, mas elementos de fogo e gelo, a luz e a escuridão, carregando as partículas de ar em torno de nós em um cataclismo de energia destrutiva.

Respirei, mas não consegui recuperar o fôlego. Eu senti, mas não conseguia sentir o suficiente. Quanto mais ele me tocava, mais eu precisava que ele me tocasse. Estava desesperada para gozar, mas não queria perder a sensação de tê-lo dentro de mim.

Seus grunhidos se apressaram e um puxão no meu cabelo inclinou minha cabeça para trás, a intensidade em seus olhos me segurando cativa. "Você é minha, não é Luce?"

Em uma estocada dura, concordei, sem fôlego com cada impulso. "Sua, Jase."

Nossos corpos escorregadios de suor batiam um contra o outro em uma busca incessante de clímax. Minha cabeça nadava em uma névoa de êxtase, enquanto o homem me destruía de dentro

para fora. Eu tinha sido preparada com a sua voz, seu cheiro, seu corpo, e com um toque, eu quebraria em seu comando.

Ele cheirava a pecado e ruína, e me fodia como uma bola de demolição, derrubando minhas paredes, até que desabei no rescaldo da nossa própria destruição. Rolando nos escombros, ainda lutando. Ainda ansiando um pelo outro.

Meu estômago apertava, cada célula do meu corpo preparado para um final explosivo.

"Eu te amo", ele sussurrou.

Isso era tudo que precisava.

Um flash de luz atingiu a parte de trás da minha cabeça e explodi em arrepios de êxtase que atravessaram os meus membros e passaram pela minha espinha. Eu joguei minha cabeça para trás e chamei o seu nome, meu ser moendo tudo com o meu orgasmo, enquanto seus dedos escavavam em meus quadris. "Oh, Deus, eu te amo!"

Quando ele gozou, fez um som profundo e delicioso na parte de trás de sua garganta, como um animal conquistando sua companheira, tão poderoso e sexy, ele me fez querer retroceder os últimos segundos apenas para ouvi-lo novamente.

Ele me puxou para o seu corpo, esmagando nossas bocas juntas, e seu beijo ganancioso, suavizou com uma respiração lenta.

Com as testas pressionadas juntas, respiramos, seus beijos ainda em minha franja, em meu rosto, meus lábios, meu queixo. Não havia nada macio ou suave sobre o que tínhamos feito. Era cru e doloroso, mas bonito na forma como lutamos um contra o outro, tendo o que tínhamos necessitado do outro. Alimentando um ao outro do que cada um desejava mais.

"Eu te amo, Jase." Disse entre respirações ofegantes.

Em um momento de silêncio entre nós, respirei fundo e engoli em seco, não percebendo que as próximas palavras seriam

tão difíceis de empurrar para fora. "Há algo que preciso te dizer." Eu queria sorrir, mas não o fiz. "Estou grávida."

O sulco na sua testa se aprofundou. Por um breve momento, não sabia se isso era bom ou ruim.

Seu olhar baixou para a minha barriga, e vi como os seus olhos ficaram vidrados com um brilho molhado, mesmo que seu corpo permanecesse duro como uma tábua, peito subindo e descendo rápido com as respirações.

"Por favor, me diga o que você está pensando."

"Um bebê", ele sussurrou, e os cantos dos seus lábios se curvaram, como se ele tentasse segurar um sorriso, como se algo dentro de sua cabeça lhe dissesse que ele não merecia isso. Não merecia ser feliz.

Meu coração doeu pelo que os últimos meses tinham feito a sua mente. Tentei tocá-lo, mas seu aperto em torno dos meus braços me segurou no lugar.

Uma batalha de guerra e paz aparecia em seu rosto. Com os olhos suaves e mandíbula apertada, eu não poderia dizer quais pensamentos estavam vencendo. Ele queria o bebê? Será que ele me queria? As incógnitas chocaram dentro da minha cabeça, até que, finalmente, ele levantou a cabeça e nivelou seu olhar no meu.

O aperto dos meus braços se intensificou quando suas sobrancelhas se uniram. "Eu quero que você saiba, não vou descansar até encontrar Tesarik, e não vou deixar ninguém te machucar. Nunca mais."

"Você não tem que provar nada para mim."

"Eu preciso. E vou. Não posso deixar você ir novamente. Vou colocá-la em um pedestal e adorá-la todos os dias, porra, se isso significa que você vai ficar comigo, Lucy."

"Não quero que você me coloque em um pedestal, Jase." Acariciando seu cabelo, sorri e me inclinei para beijá-lo. "Estou feliz só de estar ao seu lado."

"La mia Luce, giorno e notte sogno de solo di te. Il mio cuore è tuo a solo." Sua voz grave deu um tom sexy para as palavras que eu não conseguia entender.

"O que você disse?"

"Que você é minha. Sempre foi. Sempre será."

****

De volta ao apartamento, eu estava deitada na cama ao lado de Jase. Nós tínhamos feito amor, como ele havia prometido, lento e belo.

Traçando a tatuagem em seu peito, beijei a cicatriz ao lado do seu coração, pensando em quão forte ele era por ter sobrevivido a uma bala e, posteriormente, seu desespero de ter perdido tantas pessoas que ele amava.

Eu nunca deixaria seu coração sofrer novamente.

"Meu pai disse que nós temos de sair", disse-lhe em voz baixa. "Ficar o mais longe de Detroit que pudermos por um tempo."

Deslizando seu braço sob sua cabeça, ele me puxou para mais perto e olhou para mim. "Se você pudesse ir a qualquer lugar no mundo, onde você iria?"

Eu sorri com a lembrança de nós dois na infância, deitados na grama, sonhando coisas que pareciam tão longe de onde estávamos. "Aqui. Contigo. E você?"

"Paris." O canto de sua boca se elevou em um meio sorriso. "Você está comigo?"

Sorrindo, eu o beijei, antes que deitasse contra o seu peito, onde seu coração tamborilava no meu ouvido. "Sempre. Vamos para Paris."

O salto da cama nos faz levantar a cabeça na direção de onde Dagger vinha, o Pitbull que Jase tinha resgatado, aninhou-se entre as nossas pernas.

Eu sorri, passando os braços em volta do pescoço de Jase, e quando ele me puxou para um beijo, me ocorreu naquele momento, como inconstante o destino poderia ser.

Sempre acreditei que poderia dirigir o destino, e que tudo o que escolhesse viria como recompensas ou consequências, como resultado das minhas ações, minhas próprias decisões. Às vezes o destino nos deixava assumir o volante, e dirigir em seu colo como uma criança sentada sobre seu pai, pensando que estávamos no controle, sem saber da força muito maior que se recusava a nos deixar cair.

Eu tive uma vida de decisões, boas e más, mas independentemente da direção que pensei que estava indo, o destino me levou de volta ao começo, de volta para onde precisava estar.

Ele me levou de volta para Jase.

De volta ao amor.

Por mais que quisesse o controlar, o amor não foi uma escolha, apenas um destino, e o destino era o mapa que ele seguia.

Nosso amor não era bonito e polido. Às vezes era brutal e cru, rasgando-nos e costurando-nos de volta, juntamente com agulhas enferrujadas e pontos imperfeitos. Às vezes, o amor era mais difícil do que estar sozinho, quando o caminho do destino era pavimentado em sangue e sacrifício. O amor nem sempre cura nossas feridas, mas muitas vezes era a única coisa que poderíamos alcançar através da escuridão e nos proteger da luz crua da verdade. Quando a vida nos deixou em ruínas, o amor nos permitiu

ver a beleza através da destruição e a força por trás de nossas cicatrizes mais feias.

Mesmo nos momentos em que pensávamos que tínhamos remendado nossa dor e forjado um novo caminho, o amor nos levou de volta para aquele dia na floresta, quando um menino salvou uma menina.

Capítulo 66

Roman

Roman sentado em sua cadeira olhava para fora da grande janela que dava para o gramado da mansão. Uma propriedade muito grande, muito para um homem só.

A voracidade do que sua vida havia se tornado o enojava. Houve um tempo em que ele tinha imaginado sua filha Lucia brincando no gramado, rolando na grama verde brilhante. E risos. É verdade, o riso genuíno que traria um sorriso ao seu rosto cansado e aqueceria a alma.

Uma alma que sempre lamentou o que ele tinha deixado.

Durante décadas, ele ajudou a construir um império do nada. Durante décadas, ele tinha assassinado brutalmente e sem remorso.

Do gueto cigano de Lunik IX, onde Lucia havia nascido, ele e sua mãe, Valeria, tinham viajado para a América para uma vida melhor. Um lugar seguro, onde ele poderia criar sua bela zlatko sem a ameaça de doenças e pobreza.

A pequena comunidade eslovaca de Detroit o acolheu, incluindo Jozef Tesarik, com quem ele faria parceria na construção de uma das mais reverenciadas empresas criminosas no estado. O poder de Tesarik rivalizava com os dos mais notórios criminosos da cidade, e como seu braço direito, Roman nunca iria deixar sua família passar fome nem a pobreza, novamente.

Infelizmente, com o poder veio a ganância, e com a ganância veio a traição.

Em uma noite de bebedeira, com muita vodca e celebração em seu corpo, o irmão mais novo de Tesarik, Eugen, que não gostava de relação de negócios de seu irmão mais velho com Roman, havia ameaçado estuprar e assassinar, tanto Valeria quanto Lucia.

Lucia tinha apenas dez anos na época.

Roman o tinha alimentado com infindáveis drinques naquela noite, até Eugen mal poder ficar por conta própria, e enquanto Eugen ainda podia andar, Roman o tinha ajudado com seu carro. Ele tinha amarrado Eugen no banco do passageiro, e dirigido fora do centro, na direção de sua casa para evitar suspeitas, e estacionou o carro sobre os trilhos do trem. Ele deixou Eugen, que tinha se tornado fora de combate em seu estado de embriaguez, no banco do motorista. Com a coronha de sua arma, ele golpeou o homem deixando-o em uma confusão sangrenta, irreconhecível, em seguida, deixou-o lá, onde ele estava inconsciente.

Na manhã seguinte, as notícias descreveram uma cena macabra, em que Eugen tinha sido morto por um tiro em seu veículo e atropelado pelo trem, a cabeça quase separada do seu corpo. Porque ele tinha um histórico de bebida e direção, nunca houve qualquer suspeita de jogo sujo, e seu rosto tinha sido muito mutilado para a polícia para determinar o que havia ocorrido pouco antes da morte.

Mesmo que Tesarik nunca tinha suspeitado dele, Roman temia por sua família, e tinha deixado Valeria e Lucia na mesma noite.

Muitas vezes ao longo dos anos, ele tentou ajudar Valeria, enviando dinheiro e tudo o que ela precisava para Lucia, mas teimosa como ela era, sempre se recusou. Eventualmente, ela se casou novamente, e tanto quanto doía em Roman assistir o seu amor por outro, pois tinha conhecido seu marido, Paul, por algum tempo. Um bom homem. Talvez um homem ainda melhor do que ele já tinha sido tanto para Valeria quanto para Lucia.

Gritos distantes tiraram Roman de suas reflexões, com o som de seus guardas recusando a ceder em algum lugar abaixo, no primeiro andar da mansão.

Dormência tinha se estabelecido sobre o dorso de suas mãos, através do qual unhas haviam sido pressionadas para os braços da cadeira para segurá-los presos.

O cheiro de pele queimada se espalhava através do quarto, e a mordida fria de agonia descia até suas pernas, como se sua pele tivesse sido puxada para trás, onde os homens de Tesarik tinham prendido um maçarico em seus pés. Ele tinha sido perfurado com uma broca no cotovelo antes disso — uma dor que ele mal percebeu quando seu corpo começou a se desligar.

"Nepovie nám Nic." *Ele não nos diz nada.*

A voz de seu algoz jogava com seus nervos, assim como Roman lhe tinha treinado para fazer com as suas vítimas anos atrás. Ele tinha sido o protegido de Roman quando trabalhava como um assassino para Tesarik. O melhor.

Por horas, eles tentaram fazê-lo revelar quem tinha contratado ele para matar Tesarik, quem tinha roubado o dinheiro. Eles queriam Achilleus X, e Roman teria morrido antes de os entregar.

Com seu olhar periférico, uma forma sombria veio para uma posição ao seu lado. Roman não tremeu ou se ocultou. Ele esperava o dia em que Tesarik viria atrás dele, e com Lucy segura, ele também não lutou. Era melhor assim.

"Olá, velho amigo", disse Tesarik ao lado dele, e o clique de uma arma precedeu a pressão do aço frio contra a sua têmpora. "Quero que você saiba, eu tenho Nicoleta."

Anos antes, Roman havia lhe desaconselhado tomar a filha do seu inimigo, com o fundamento de que ele iria travar o tipo de guerra que iria destruir tudo o que tinha passado décadas construindo.

Uma ameaça que Roman não mais se preocupava.

"Dez, kto Kope druhému Jamu, sám do nej spadne", disse Tesarik. Aquele que abrir uma cova para os outros, cairá ele mesmo. "Você se lembra de que me prometeu que nunca me trairia?" O frio do aço contra a sua pele ecoava a raiva tingindo a pergunta de Tesarik.

Roman não respondeu. Não podia responder, uma vez que já tinham cortado sua língua. Mantendo seu olhar bloqueado no gramado da frente, ele quase podia ver Lucia ali como uma criança, olhando para o céu azul, como sempre fazia, sonhando com coisas que ele nunca iria imaginar para si mesmo.

Talvez tudo o que uma vez tinha sonhado se tornaria realidade. Ela conheceu o amor e a felicidade, e com o tempo, toda a sua dor poderia desaparecer. Se nada mais, talvez ele pudesse fechar os olhos e sonhar com ela.

Então ele fez.

Capítulo 67

Dax

Três meses depois...

Empoleirado no telhado da Book Tower, Dax balançava um quinto de Jack sobre o Grand River, cerca de quarenta andares abaixo dele, onde as luzes vermelhas e brancas de carros passavam como listras em uma névoa induzida pelo álcool. A cidade ficou banhada por um brilho suave contra o céu noturno, uma bela vista que não conseguia acalmar seus nervos.

Em algum lugar a menina gritava na escuridão. Sozinha. Assustada.

Enjaulada por aquele filho da puta que planejava usar e abusar dela.

Apenas dezessete anos.

Fazia três meses, e Dax ainda não podia tolerar o pensamento de Tesarik violar ela como tinha ameaçado. Os pensamentos que rodavam dentro de sua cabeça trouxeram memórias do seu passado, pedaços que ele tinha empurrado para baixo tão profundamente que pareciam como pesadelos de outra pessoa. Ele inclinou para trás o licor e passou as costas da mão na boca, deixando o zumbido do álcool ajudar a solidificar os planos que ele tinha tramado na maior parte da noite.

Ele se cansou dos mesmos horrores que o acordava noite após noite — de ver o desespero em seus olhos enquanto Tesarik conduzia o carro a levando. A loucura começou a consumi-lo. Ele

podia sentir isso rastejando por suas veias, ameaçando puxá-lo para baixo, assim como tinha feito com Livvie.

Dax encontraria Tesarik e o mataria. Mesmo que ela já estivesse morta — uma possibilidade que ele considerava — não importar.

Tesarik iria morrer.

Ele, pessoalmente, cuidaria disso, ou arriscaria ser baleado.

Epílogo

Jase

Dez meses depois...

Gritos me acordaram do sono, e saí da cama. Nunca conseguirei tirar a porra dessa maldita imagem da minha cabeça enquanto viver. Os pesadelos não acabam. Eles tinham me destruído aquela noite e se não fosse o que considerei um breve momento de loucura desenfreada, nenhum de nós estaria vivo.

"Estou indo, bebê," uma voz suave sussurrada, quebrou o ciclo implacável que ainda fodia com a minha cabeça. Meus olhos dispararam para Lucy, em seguida para o berço do outro lado da sala, e agarrei seu ombro. "Deixa comigo."

Depois de meses de amamentação, Lucy tinha finalmente conseguido chegar ao ponto onde eu podia alimentar o bebê com uma mamadeira no meio da noite. Às vezes, a minha filha era a única coisa que poderia me trazer de volta do inferno queimando dentro da minha mente.

"Obrigada." Ela sorriu e aconchegou-se sob as cobertas novamente.

Pestanejando, caminhei através do quarto, onde minha doce menina deixava o mundo saber quanta fome ela tem a uma da manhã. Sua cabecinha balançava para frente e para trás, a boca aberta, enquanto ela procurava os dedos e chupava dois ao mesmo tempo.

Caramba, ela era bonita. E ela era minha. Minha linda Soleluna.

Eu a levantei do berço, seus gritos mudando para algo mais desesperado, quase como uma risada enlouquecida, e a levei para a cozinha, parando ao longo do caminho para verificar o banheiro, o quarto extra, e a sala de estar. Meus momentos de vigília eram repletos de verificação, sempre olhando por cima do meu ombro. Fazia meses desde que eu tinha dormido durante a noite, mas com o novo bebê, os momentos tornaram-se mais fugazes. Não por causa de Soleluna, mas porque sempre estaria pronto para o dia em que Tesarik invadisse pela porta, como quando assassinaram o Roman.

Naquele dia, ele deixou um bilhete para trás contendo uma mensagem simples*: Espere-me*.

Eu o esperaria. Sim.

Dagger saiu da sua cama no canto atrás de nós e mancando se sentou em seus quadris, ao lado do balcão onde eu estava. Para um monstro, ele com certeza tinha um fraco por minha filha e nunca deixou de vê-la quando ela acordava no meio da noite. Atrás dele, sentou-se Ruger, o Kangal que tínhamos comprado, antes de Soleluna nascer. Ele foi treinado como cão de guarda, tinha cerca de 160 quilos de músculo e era a protetor de todos na casa, incluindo o Dagger.

Peguei na geladeira a mamadeira de leite materno e coloquei no balcão. Com uma mão, gentilmente soltei Soleluna enquanto pegava uma panela para aquecer a água no fogão.

Olhei para fora da janela da pequena casa que comprei na fronteira de Hamtramck. Nós poderíamos ter morado em qualquer lugar no mundo, com a fortuna que Roman deixou para Lucy e o pagamento que ele transmitiu para mim por ter matado Kelley e Conall, mas prometi a Roman que mataria Tesarik e protegeria Lucy. Isso significava ficar onde pudesse manter uma estreita vigilância sobre os homens de Tesarik, que poderiam me levar ao homem. Depois disso, poderia me livrar da ameaça que ainda pairava sobre a minha nova família.

Depois de vinte minutos de Soleluna entre chorar e parar, consegui aquecer o leite na mamadeira, antes de testá-lo na parte de trás da minha mão, como Lucy me mostrou.

Soleluna praticamente rosnou enquanto deslizei o bico da mamadeira em sua boca, e em poucos segundos ela fechou os olhos, pacificamente se alimentando. Embalando-a em meus braços, continuei a balança-la e caminhei de volta para o quarto, onde sentei ao lado de Lucy, que nem mesmo se mexeu.

Uma vez que Soleluna terminou a mamadeira, segurei-a por um momento, olhando para o seu corpinho minúsculo, enquanto ela se aninhava contra o meu tórax nu, dormindo como um anjo.

Surpreendia-me como a vida, às vezes, pode mudar tão rapidamente.

Lucy chama de destino. Ela me disse várias vezes que foi o destino que me trouxe de volta para sua vida, na noite que invadi seu apartamento e salvei a vida dela.

O engraçado é que nunca disse a ela que ela salvou minha vida primeiro.

Abri a porta de tela do trailer, encolhendo ao som da abertura, quando a porta atingiu o exterior. Minha mãe iria me perseguir por estragar assim a casa de Robert.

Uma renovada centelha de raiva acende meu sangue, enquanto corro pelo jardim em direção aos campos.

Foda-se ele. Espero que ele morra na porra de um incêndio dentro do trailer.

As lágrimas brotam aos meus olhos, quando a visão do meu velho amigo, Blade, pendurado sem vida nos fundos, na árvore de carvalho, me atormenta mais e mais. Meu padrasto cretino o estripou como um veado caçado, pendurado em um poste.

Foi meu castigo por ter roubado a arma para comer. O que doeu mais, foi que minha mãe defendeu o bastardo. Nem mesmo teve o menor remorso pelo que aquele filho da puta fez.

Eu aliso meu polegar sobre a superfície fria de aço, a arma dentro do meu bolso.

Já pensei nisso muitas vezes. É hora de fazer. É hora de acabar com a miséria que sofri desde o dia em que deixamos a casa da minha avó, forçados a viver com um completo estranho e uma mãe que nunca deu a mínima para nós.

Eu finalmente chego ao campo. Um caminho desgastado marca a rota que as crianças que vivem em trailers usam para chegar em casa todos os dias. Caindo no chão em uma queda, seguro minha cabeça enquanto um grito silencioso rasga meus pensamentos. Reed vai ficar sozinho. Com eles. Mesmo que ele é mais velho e pode cuidar de si mesmo, pode muito bem lutar, Robert ainda intimida a merda nele.

Minha mão treme enquanto puxo a arma do bolso e a mantenho no meu colo. Parece mais pesada do que o habitual.

Mais fria. Um pedaço inanimado de metal, capaz de destruir a vida.

Morrer não é tão ruim, né?

Mesmo que meu pai era um assassino de policiais e tinha a reputação de um homem ruim, as pessoas honraram sua morte. Incluindo minha mãe. Será que ela vai me honrar? Será que ela vai cair de joelhos ao lado do meu corpo e se desculpar por cada erro, cada promessa quebrada, cada batida, cada momento de medo que ela viu eu e meu irmão sofrer?

Ou ela vai ficar puta que deixei sangue na arma de Robert?

Sinto muito, Reed.

O riso ao longe me diz que o ensino médio já saiu. Eles serão os primeiros a me encontrar. Pelo menos alguém vai.

Já pratiquei isso tantas vezes antes. Sabendo onde posicionar a arma contra o céu da boca, para garantir que vou me matar e não acabar como a porra de um inválido com um crânio explodido para fora.

As vozes se aproximam, o riso fica muito mais alto. Eles estão caminhando através do estreito trecho de árvores entre a escola e o campo.

Faça isso. Agora.

Eu fecho os olhos, coloco a arma na boca e posiciono o cano para cima.

Perdoe-me, Reed. Eu te amo.

Três. Dois.

Um grito rompe minha concentração — alto e penetrante, clamando por ajuda. Urgência grita no meu estômago para puxar o gatilho, acabar com isso, mas no segundo grito, meus olhos saltam abertos.

Uma garota. Sua voz é afogada em gritos e risos. Eu a ouço, no entanto.

"Ajude-me! Ah, Deus, por favor! Minha mãe! Minha mãe me ajude!"

Não é da minha conta.

Mas ela chora. Isso vêm de algum lugar profundo dentro de suas entranhas, e toca algo dentro de mim. Eu sei o que é a dor. O desespero de saber que ninguém virá. Senti isso tantas noites quando Robert me batia até que não podia andar. Até que cada osso do meu corpo doía e cada respiração parecia como fogo em meus pulmões.

Enfiando a arma dentro do bolso, eu me levanto do chão e sigo através do campo em direção à floresta. Assim como numa caça,

agacho e mantenho a trilha, pisando na luz para evitar o crepitar dos galhos e folhas secas.

Em cem metros, três meninos que reconheço do círculo do ensino médio estão como lobos em torno do que presumo ser a menina que gritou. Sua calça foi puxada para baixo, e sua pele nua brilha deitada contra a floresta marrom enferrujada. Seus gritos abafados dificilmente atingem através da floresta, enquanto um menino a mantem para baixo o outro ri, com o rosto entre as coxas magras.

Algo escuro surge dentro de mim, misturando-se com a raiva de antes, e um desejo de afastá-los me faz mover em direção a eles. Eles devem me ver, fica evidente quando eu me aproximo, mas os seus olhos estão fixos na menina e sua nudez. Ela sacode e tenta combatê-los. Ela não pode. Ela é pequena.

Salto para Brennan Kosky e dou um soco em seu rosto. Antes que ele possa reagir, já destruí seus dentes da frente. Continuo golpeando-o no chão. Adrenalina atravessa minhas veias, e sorrio, vendo o sangue escorrer de suas narinas.

Sinto-me tão bem. Cada batida elimina a raiva presa dentro dos meus punhos, e imagino o rosto de Robert caindo para o lado, sangrando com cada soco.

Um empurrão em meu peito me bate para trás, e voo para Tyler Munley, capitão do time de futebol.

Enfrento-o no chão, lutando pelo domínio, os dois rolando pela floresta. Eu bato meu punho em sua mandíbula. Uma rachadura de dor explode na minha bochecha, quando os nós dos seus dedos esmagam meu rosto. Para cada batida que dou, ele devolve duas em troca.

Com os acertos me sinto bem. Eu me sinto vivo. Quero esmagar seu rosto, como fiz com Brennan, mas o ar explode dos meus pulmões, e caio para a frente, virando a tempo de ver Josh Galloway levantar o pé para outro golpe.

Um tiro ressoa, e os dois rapazes param seu ataque.

Através de uma névoa de êxtase e dor, olho na direção do som, quando a menina deixa cair a arma — minha arma — acima de sua cabeça e está apontando em direção a nós três.

Suas mãos estão tremendo. Seus olhos são escuros e frios, dominando a inocência de sua pele de pêssego e mel, e gostaria de saber se ela vai nos matar.

Ela já provou que pode puxar o gatilho.

Brennan, Tyler e Josh tropeçam em seus pés e, por uma contagem de dez, já estão no meio do campo.

Eu fico onde estou no chão, olhando fixamente em linha reta na extremidade do cano.

Por um momento, o rosto dela é sem emoção. Talvez ela nos confundiu. Talvez ela pense que sou um deles.

Seus olhos enchem de lágrimas, e isso é quando ela finalmente se desfaz. É como assistir a um novelo de lã se desfazer voando em uma única sequência, ela cai no chão e chora.

Através de respirações arfantes, deixo meu olhar, dando-lhe um momento para fazer seja lá o que as meninas fazem. Eu vi minha mãe desmoronar assim depois que Robert bateu a merda fora dela. Como emendas estourando, toda aquela emoção, constrangimento, todas as merdas que ela tenta segurar, simplesmente vão saindo dela.

A menina chora até fungar e finalmente levanto, fechando o espaço entre nós.

Sangue vermelho brilhante escorre de uma ferida de aparência desagradável no canto do seu olho, muito profundo, minha boca contorce, acabei de ver meu cachorro estripado. Ela precisa de pontos. Sem dúvida, um dia será uma cicatriz — uma que vai lembrá-la que quase foi estuprada. Que ela vai ter que ver toda vez que se olhar no espelho.

"Dê-me a arma?" Pergunto a ela, ignorando suas lágrimas.

Seus ombros encolhem, quando uma nova rodada de soluços escapa, e pânico sobe em mim, porque não sei o que fazer com isso. "Eles disseram que... se contasse para alguém, vão ferir a minha mãe."

Sim, já ouvi isso antes. E se não terminar de mata-los eu mesmo, haverá um inferno para pagarem na escola amanhã. Tyler e sua fodida panelinha de bichas provavelmente já estão tramando sua vingança contra mim neste momento. Eles provavelmente vão pular em mim andando para a escola. "Não vou contar a ninguém", digo.

Ela choraminga e limpa o nariz na sua manga, seu olhar fixo no meu braço. "Você tem cicatrizes."

"Não brinca. Dê-me a minha arma." Quando ela entrega para mim, sinto uma pontada de culpa por ser um idiota.

"Qual o seu nome?"

"Lucy."

Meus olhos estreitam sobre a ferida e o sangue misturado com suas lágrimas manchando suas bochechas de vermelho.

"Tire uma foto. Durará mais tempo."

"Pequena merdinha agressiva, não é?" Ri, segurando uma mão para ela. "Vamos lá. Você mora no parque?"

"Não. Do outro lado da rua."

Minha mãe sempre diz que as pessoas que vivem do outro lado da rua, no bairro pequeno, são boas demais para nós, mesmo que não tenham muito mais do que nós. Esnobes do gueto, ela os chama. "Vou te acompanhar. Acho que você precisa de um médico para esse corte."

"Não vou para nenhum médico. É só um corte." Ela se levanta e reúne seus livros. Para uma garota, ela é muito dura. "Então, eu te disse meu nome. Qual é o seu?"

"Jase." Dou uma fungada, colocando as mãos em meus bolsos. "Você não parece uma Lucy."

"Ah, sim? Bem, você não parece como um Jase também, cretino."

"Já chamaram pior." Sorrio para ela. Ela é uma esquentadinha, com certeza. "Lucy é muito antiquado para uma garota jovem."

"Bem, o que você me chamaria, então, se você é um expert em nomes."

Olho fixamente para a pele bonita cor de pêssego, sem defeito, quase brilha. "Vou chamar você Luce."

Sua testa franze. "Loochay? O que isso significa?"

"Isso significa luz. Minha avó é italiana. Meu avô era inglês, era assim que ela costumava chamá-lo na nossa linguagem secreta. Ela costumava dizer que quando o sol e a lua se uniram, era Soleluna. Que basicamente era um nome que ela inventou para um eclipse. E não se podia olhar para o céu porque era a mais bela luce, ou luz que você já viu, tão brilhante, que deixaria você cego só de olhar."

"Luce", ela ecoa, deixando cair seu olhar longe, mas posso vê-la sorrir. "Hmm." Ela olha para mim. "Qual é o seu sobrenome, Jase?"

"Hawkins."

"Hawkins." Ela abaixa a cabeça, batendo o dedo nos lábios. "Se você tiver uma menina, um dia, acho que você deve nomear de Soleluna. Soleluna Hawkins. É muito bonito."

"Nunca vou ter filhos."

"Porquê?"

Empurro minha cabeça em direção a espelunca ao redor que cresci. "Não quero que cresça aqui. Como eu fiz. Se tiver filhos, quero o melhor para eles."

"Você não precisa ficar aqui, sabe. Minha mãe diz que podemos mudar nosso destino." Lucy bufa, olhando para cima em direção a uma fileira de casas à frente de nós. "Ela vai ficar com raiva que não fui direto para casa com os outros." Ela toca o corte no seu olho e recua.

"Sim, bem. Merda acontece." Dou de ombros. "Então, como... Como posso mudar meu destino?"

Ela me encara por um momento e abaixa a cabeça dela. "Por que tinha uma arma, Jase? Era para mim? Ou outra coisa?"

"Era... outra coisa."

"E isso é o que estava fazendo, quando você me encontrou?"

"Sim."

"Viu?" Chegamos na casa dela, uma estrutura pequena, quadrada, nada extravagante. Ela gira em torno na varanda da frente para me enfrentar. "Você tinha planejado fazer uma coisa, mas escolheu algo diferente. Você está aqui, me trazendo em casa, em vez disso. Você mudou o seu destino. Apenas mudando de ideia." Ao lado dela, puxa dois lilases do arbusto e os entrega para mim. "Ninguém faz o que fez, Jase. Você é meio que um herói."

"Eu não sou nada." Rolo a haste lilás entre meus dedos, assistindo-o girar para trás e para frente.

"Você é para mim. Obrigada." Ela se inclina para frente e me beija na bochecha, e levanto a mão para tocar onde ainda sinto seus lábios na minha pele. É então que percebo seus olhos — olhos cinzentos lindos.

Nunca vi olhos cinzentos antes, apenas azuis. Os dela me lembram um céu de inverno que promete a neve.

"Então... Não sei como essas coisas funcionam. Sabe, quando uma garota se machuca." Minha mãe às vezes demora dias para se recuperar depois de tomar alguns golpes do Robert. E esse corte precisa de atenção. Eu não sou médico, mas posso pelo menos ajudá-la a limpar, se ela estiver sozinha em casa. Até a mãe dela poder levá-la para costurar. "Você quer que eu fique um pouco com você, ou algo assim?"

Ela sorri e olha para o lado. "Seria rude não ficar."

Pisquei através da memória, minha bela Luce deitada na cama ao meu lado. Entre nós, nossa filha, Soleluna Maria, dormia pacificamente, tão pequena e frágil. Eu me inclinei, levantando suavemente as pontas enroladas do cabelo de Lucy no meu nariz, aquele cheiro de lilás baunilha infundindo calma por todo meu corpo.

Essa calma me pertencia. Era o meu despertar todas as manhãs.

Ainda parecia surreal.

Eu mudei meu destino naquele dia — ela mudou o meu destino.

Por quase um mês depois do ataque, fui à casa dela todos os dias depois da escola, e nós deitávamos na grama, falando, olhando para o céu. Pela primeira vez na minha vida, tive um motivo para ficar ansioso em ir para casa após a última campainha no final da aula. Aqueles olhos cinzentos dela nunca pareciam dar atenção a minha roupa de brechós de merda, ou as cicatrizes que mais tarde eu cobri com tatuagens. Ela me via.

Até que uma noite, quando Robert tinha espancado o inferno fora de mim, tão ruim, que tive que faltar a escola. Quando voltei no dia seguinte, ela fez amizade com uma garota que mais tarde viria a conhecer como Milena. Daquele ponto em diante, eu

simplesmente a seguia, nunca tornando minha presença conhecida, e por tudo o que ela sabia, eu que tinha me afastado dela.

Sempre pensei que ela nunca seria minha, que ela também era muito boa para um pilantra como eu, mas ainda assim garantia que ninguém nem mesmo olhasse para ela de forma errada, ou eles saberiam a dor dos meus punhos.

Por uns bons dois meses, assisti ela, até a noite que cheguei em casa e encontrei Robert molestando o meu irmão Reed. Algo dentro de mim se quebrou naquele dia. Pulei nele e deixei-o em coma. Foi considerado legítima defesa, com base na evidência encontrada em Reed e anos de registros de hospital que mostravam ossos quebrados e visitas de acompanhamento por assistentes sociais. Merda, eles ainda não tinham visto o pior de tudo. Os cortes. As queimaduras. Para não falar toda a besteira psicológica que não podia ser provada, apenas lembrada.

Minha mãe perdeu a nossa guarda, e com Robert fora de ação, ela teve uma overdose pela última vez.

Uma parte minha sempre me odiava por não poder salvá-la. Ela nunca quis ser salva, no entanto. Ela tinha escolhido o seu destino e, no fim, pagou o preço final.

Poderia ter sido pior. Eu poderia ter me matado, ou sido espancado até a morte por todo o time de futebol ou ter minha bunda na prisão pela morte de Robert e minha mãe.

O destino foi cruel com a maneira que jogou Lucy no trajeto da bala naquele dia. Eu me encolhia toda vez que pensava sobre os segundos que podiam ter mudado tudo. Se tivesse deixado a casa dois segundos mais cedo, teria atirado em mim mesmo antes de ouvir o grito dela.

Talvez Reed ainda estivesse vivo, mas sua alma teria morrido no momento em que Robert o molestou.

E minha avó, Maria... perdi para sempre a Maria, mas eu sabia que, em algum lugar, ela estava olhando para mim, gritando comigo para parar de me preocupar com ela.

Um monte de coisas teriam sido diferentes na minha vida, se não tivesse conhecido minha Luce. Eu nunca teria experimentado o sentimento notável do amor incondicional.

Inclino-me e beijo o topo da cabeça da minha filha, então sua mãe, passando o polegar sobre a cicatriz na bochecha dela que era tão dolorosa para mim todos os dias, como era para ela.

Eu nunca saberia como dar amor incondicional.

Às vezes, porém, merda acontece por uma razão, e planos dão errado para algo melhor.

